



Universitat Autònoma de Barcelona

**ADVERTIMENT.** L'accés als continguts d'aquesta tesi queda condicionat a l'acceptació de les condicions d'ús establertes per la següent llicència Creative Commons:  [http://cat.creativecommons.org/?page\\_id=184](http://cat.creativecommons.org/?page_id=184)

**ADVERTENCIA.** El acceso a los contenidos de esta tesis queda condicionado a la aceptación de las condiciones de uso establecidas por la siguiente licencia Creative Commons:  <http://es.creativecommons.org/blog/licencias/>

**WARNING.** The access to the contents of this doctoral thesis it is limited to the acceptance of the use conditions set by the following Creative Commons license:  <https://creativecommons.org/licenses/?lang=en>



**Universitat Autònoma de Barcelona**

PROGRAMA DE DOCTORAT D'HISTÒRIA DE LA CIÈNCIA  
CENTRE D'HISTÒRIA DE LA CIÈNCIA (CEHIC)  
UNIVERSITAT AUTÒNOMA DE BARCELONA (UAB)

Julianna Morcelli Oliveros

***Americana* na rebotica: comércio, redes epistolares e  
comunicação científica no gabinete Salvador  
(Barcelona, 1669-1726)**

Tese de doutorado

Director: José Pardo Tomás (IMF-CSIC)

Tutor: Carlos Tabernero Holgado (CEHIC-UAB)

Pesquisa financiada pelo programa Doutorado Pleno no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Barcelona  
2019

PROGRAMA DE DOCTORAT D'HISTÒRIA DE LA CIÈNCIA  
CENTRE D'HISTÒRIA DE LA CIÈNCIA (CEHIC)  
UNIVERSITAT AUTÒNOMA DE BARCELONA (UAB)

***Americana* na rebotica: comércio, redes epistolares e  
comunicação científica no gabinete Salvador  
(Barcelona, 1669-1726)**

Tese de doutorado

Autora: Julianna Morcelli Oliveros

Director: José Pardo Tomás (IMF-CSIC)

Tutor: Carlos Taberner Holgado (CEHIC-UAB)

Barcelona  
2019

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>1</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
Estado de questão.....	3
Objetivos e hipótese.....	10
Arquivos, materiais e métodos de análise documental.....	11
Estrutura da tese.....	15
<b>Capítulo 1 – Personagens .....</b>	<b>17</b>
1.1. Uma família de boticários de Barcelona.....	17
1.2. Uma família de boticários, naturalistas e colecionadores de Barcelona.....	22
1.3. A formação de um naturalista: Joan Salvador i Riera e os antecedentes do projeto de internacionalização do gabinete.....	33
1.4. Articulando a rede <i>americana</i> : ilustres personagens, estratégias e conveniências.....	36
1.5. Ampliando redes e fortalecendo laços.....	67
1.6. A coletividade e seus propósitos individualistas: <i>americana</i> como artifício de manipulação.....	88
1.7. Parentesco e paisanagem como fundamento da rede.....	92
<b>Capítulo 2 – Objetos.....</b>	<b>105</b>
2.1. Enriquecendo jardins e prateleiras na Holanda e em Barcelona.....	106
2.2. Cirurgões providos de tatus, drogas e metais.....	127
2.3. Desafiando a ordem: <i>americana</i> para uma coleção ou para uma botica?.....	154
2.4. Os significados cambiantes da natureza americana: o caso da ipecacuanha.....	163
<b>Capítulo 3 – Espaços.....</b>	<b>175</b>
3.1. <i>Americana</i> nos livros: a biblioteca, lugar de conhecimento.....	175
3.2. Lisboa, final de viagem: o gabinete em trânsito.....	187
3.3. A América em um jardim: a flora americana em Sant Joan Despí.....	245
3.4. Os espaços do gabinete e o gabinete como espaço de <i>americana</i> : algumas considerações a modo de conclusão.....	261
<b>Conclusões.....</b>	<b>266</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>274</b>
Fontes impressas .....	274
Fontes manuscritas .....	279
Referências.....	280
<b>Anexos.....</b>	<b>289</b>
<b>Figuras .....</b>	<b>243</b>

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento integral desta pesquisa. Sem o apoio deste órgão de fomento, esta tese – e tantas outras – não deixaria nunca de ser apenas um projeto. Ser contemplada com a bolsa de estudos em um alarmante contexto, é tanto um privilégio, quanto uma responsabilidade, que renovam em mim o comprometimento em defender e lutar por um sistema no qual o acesso à pesquisa e ensino de qualidade não continue a ser um privilégio.

Durante os quatro anos em que estive em Barcelona, tive a sorte de estar cercada de pessoas incríveis que não mediram esforços para que esta experiência pudesse ser a mais feliz e satisfatória possível. A principal delas foi, sem dúvidas, o meu orientador José Pardo-Tomás – o Pepe. Seus ensinamentos extrapolam as páginas desta pesquisa e ficarão marcado em mim para o resto da minha vida. Sua mente brilhante, acompanhada de uma generosidade intelectual nunca vista e de uma abordagem sempre amável e assertiva eternizarão a imagem deste que foi o melhor orientador que eu poderia ter.

Faço um agradecimento especial ao Christian Fausto Moraes do Santos por ter intermediado este encontro e pela participação indiscutível na realização deste projeto.

Não poderia de manifestar igual gratidão ao grupo de História da Ciência (IMF-CSIC) que, assim como Pepe Pardo, me acolheram com tanta dedicação e carinho. Jon Arrizabalaga, Oliver Hochadel e Álvaro Girón: foi uma honra dividir o espaço de trabalho e os muitos cafezinhos com vocês nestes anos todos. Agradeço também a todos os funcionários e demais colegas da Milà y Fontanals, em especial a Ana Jiménez.

Manifesto também meus agradecimentos a todos do CEHIC, sobretudo ao coordenador do Programa de Doutorado em História da Ciência (UAB), Jorge Molero Mesa, e ao meu tutor Carlos Taberero Holgado, sempre disponíveis e gentis. Expresso minha gratidão, também, ao Alfons Zarzoso, pela amabilidade de sempre.

Ao pessoal do Instituto Botânico de Barcelona sou profundamente grata por terem transformado minhas incursões investigativas em momentos prazerosos e muito menos difíceis. Destaco a colaboração e gentileza de Karina Barros, Neus Ibáñez e Laura Gaviolli. Extendo meus mais sinceros agradecimentos a Josep Maria Camarasa por ser sempre solícito e extremamente generoso, sempre disposto a compartilhar a sua enorme experiência e materiais para desenvolvimento desta tese.

Ao longo destes quatro anos estive circunscrita em um ambiente cosmopolita e tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas que, cada qual a sua maneira, tiveram sua participação no meu processo de amadurecimento pessoal e intelectual. Mas, sou enormemente agradecida por meu caminho ter cruzado com algumas delas, em especial com Emma Sallent del Colombo: além de grande amiga, uma das responsáveis por enriquecer ainda mais esta pesquisa, aportando uma documentação crucial para o desenvolvimento da tese aqui apresentada.

Aos amigos de longa data – em especial Wellington Bernardelli Silva Filho – e aos novos companheiros de jornada – Amanda Fernandes, Andrea Fiori, Anderson Ramos, Waldemar Ramos e Victor Guerra – muito obrigada por terem sido sempre o lado bom. Agradeço também aos colegas de “Salvadoriana”, Aina Trias e Xavier Ulled pelas informações e conhecimentos trocados – sigamos com as nossas *curiosidades!*

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha família – Francisco, Silvana, Geovanna e Luanna – pela resiliência. Sem o apoio e incentivo de vocês eu não estaria escrevendo estas páginas.

Ao meu compaheiro de vida, Fabrício Beletini Bento, dedico esta tese em reconhecimento ao apoio imensurável e imprescindível: meu mais profundo e sincero muito obrigada.

## Introdução

O período que compreende a chamada primeira modernidade europeia foi marcado por mudanças que transformaram, entre tantas outras, a concepção e a forma de se relacionar com o mundo o natural. Boa parte destas transformações são resultado da expansão geográfica experimentada pela Europa no final do século XV e intensificada nos séculos seguintes. O surgimento do Novo Mundo trouxe consigo novas realidades e infinitas possibilidades, que foram, paulatinamente, assimiladas e aproveitadas. Ao mesmo tempo em que a natureza americana foi recebida envolta a sentimentos de fascinação e permeada de expectativas, a novidade, no entanto, se manifestaria como uma espécie de caos em meio a ordem.<sup>1</sup>

Centrada na segunda metade do século XVII e primeiras décadas do século XVIII, esta pesquisa tem como recorte temporal o período de atividades de dois membros de uma família de boticários de Barcelona que, coincidentemente, se desenvolveram tendo como cenário o período mais decisivo no longo processo de reconfiguração da história natural. Enraizado em uma tradição secular, o estudo da natureza estava, até então, preso a narrativas textuais e modelos enciclopédicos, onde cada elemento tinha o seu lugar definido dentro da ordem divina. Os desafios taxonômicos cada vez mais complexos não encontravam nas fontes literárias clássicas respostas satisfatórias às indagações concernentes aos novos elementos exóticos. Diante das limitações do método especulativo, os próprios objetos e materiais passaram a ser compreendidos como fontes de conhecimento, uma mudança epistemológica que, inevitavelmente, vivenciou uma reorientação das bibliotecas para as coleções.<sup>2</sup>

Aqueles espaços que, tradicionalmente, correspondiam em um importante recurso de aristocratas e cortesãos de legitimar seu poder, onde a natureza era exibida como objeto de contemplação e admiração, passaram representar oportunidades mais filosóficas para outro tipo de público, se convertendo em verdadeiros espaços de conhecimento, com propósitos claramente pautados em preceitos filosófico naturais e experimentais.<sup>3</sup> Um dos primeiros estudiosos a traçar esse paralelismo entre a evolução do colecionismo com o desenvolvimento intelectual da história natural foi, sem dúvidas, Giuseppe Olmi. Em seu *L'inventario del mondo*<sup>4</sup>, Olmi demonstra que as novidades aportadas do Novo Mundo somente passaram a ter um significado depois que o estudo da história natural passou a contar com um método de

---

<sup>1</sup> Três leituras já clássicas que abriram perspectivas novas neste sentido, ainda transitadas na atualidade: Mason, 1990; Grafton, 1992; Padgen, 1993.

<sup>2</sup> Para situar práticas, textos e objetos neste período de transformações, ver: Findlen, 1994; Smith & Schmidt, 2007; Bleichmar & Mancall (eds.), 2011.

<sup>3</sup> Impey & MacGregor (eds.), 1985; Lugli, 1983; Schnapper, 1988 são referências clássicas para situar as reconfigurações do colecionismo artístico e científico na Europa. Para leituras mais recentes, consultar obras citadas acima.

<sup>4</sup> Olmi, 1992.

investigação empírico, visto que, uma vez criada a demanda pelos materiais, os *museus* se ampliariam e passariam a incluir espaços estabelecidos para coleções de *americana*, por exemplo.

As considerações de Olmi abriram espaço para novos trabalhos que, ainda hoje, encontram nesta relação intrínseca entre colecionismo científico e história natural o alicerce de sustentação para a discussão de novos objetos e abordagens relativos àquele contexto.<sup>5</sup> Ao passo que as inúmeras pesquisas consecutivas endossaram – e seguem validando – as convicções vanguardistas do historiador italiano, as discussões foram enriquecidas ao trazer à tona novas conjunturas, com seus atores, seus espaços e suas particularidades que, em muitas vezes, como é caso da presente pesquisa, um singelo estudo de caso de uma micro-história, alcança a dimensão de um fato histórico de escala global. Muitas delas, obviamente, contribuíram para a construção desta pesquisa, mas, algumas levantaram questões especialmente pertinentes para ajudar a situar a participação da família Salvador neste contexto de constantes transformações.

Um dos conceitos mais presentes ao longo das páginas apresentadas a seguir é, muito provavelmente, o de coletividade. A ideia de que as mudanças de paradigmas, associadas à circulação de informações e materiais, deve ser entendida como resultado de esforços conjuntos fundamenta esta tese. Diversos estudiosos se guiaram por esta via, mas, entre muitos caminhos percorridos, todos – ou muitos deles – acabam por se resvalar no trabalho de Harold Cook.<sup>6</sup> Em seu ponto de vista, a nova dinâmica da história natural – material e experimental – teria se desenvolvido como fato correlato ao comércio, afinal, o fornecimento dos instrumentos de investigação esteve assentado em atividades comerciais, as quais permitiram que amostras de *naturalia* e *artificialia* alcançassem coleções mantidas nas quatro partes do mundo.<sup>7</sup>

Neste aspecto, Cook sustentou a hipótese de que estes objetos assumiram o caráter de mercadoria, onde, antes de qualquer qualidade advinda de sua condição de curiosidade, se sobrepuja o seu valor monetário. Embora coincidimos com a ideia de que o comércio foi uma atividade inerente à prosperidade do colecionismo científico e de todas as aspirações que o acompanhava, preferimos nos distanciar de qualquer categorização fixa do conteúdo material das coleções. Nossa interpretação, talvez, se aproxime mais da concepção de Anne

---

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, o volume coletivo editado por Jardine; Secord & Spary, 1996.

<sup>6</sup> Cook, 2007.

<sup>7</sup> Ver também Smith & Findlen (eds.), 20002.



Goldgar<sup>8</sup> que, de maneira quase isocrônica, defendeu que os valores monetários dos objetos estavam indissociavelmente atrelados a valores estéticos e científicos. Esta visão que considera os múltiplos significados dos materiais como elementos coexistentes nos parece mais adequada porque acreditamos, e tentamos insistentemente demonstrar, que a natureza americana esteve suscetível a inúmeras variantes classificatórias, podendo até mesmo perder a sua materialidade em função do contexto em que era articulada.

Em boa parte, esta linha interpretativa advém da diversidade de interesses e aspirações de seus articuladores que, no caso dos nossos personagens principais, eram tanto colecionadores, como naturalistas, boticários e proprietários de um estabelecimento comercial. As muitas atividades desempenhadas por um único indivíduo projetavam nos objetos – ao menos em um primeiro momento – expectativas mais amplas, que pudessem corresponder às suas diferentes ambições.

O conceito de diversidade, por sua vez, se manifesta nesta tese em distintas facetas, mas, e fundamentalmente, como efeito de uma coletividade compreendida a partir de seu sentido mais amplo e inclusivo. Durante muito tempo a historiografia priorizou narrativas que se centravam em determinadas categorias de atores e espaços, produzindo uma história marcada por antagonismos, na qual os papéis dos protagonistas e dos coadjuvantes estavam previamente estabelecidos. Dada a insustentabilidade da manutenção deste tipo de abordagem, a historiografia atual tem vivenciado um importante movimento comprometido em reconsiderar as redes de comunicação e comércio da República das Letras, seus personagens e suas práticas.<sup>9</sup>

A urgência de se produzir uma história da ciência moderna que supere as fronteiras geográficas de uma Europa subdividida em áreas de maior e menor influência, que consiga se libertar dos limites restritivos de alguns poucos espaços institucionalizados e que considere a participação de atores heterogêneos e de encontros interculturais na construção do conhecimento da natureza é cada vez mais latente. A publicação de importantes obras conjuntas, densas e plurais em seus conteúdos, como as obras editadas, primeiramente, por Arthur MacGregor<sup>10</sup>, seguida pelos volumes coletivos organizados por Helen Anne Curry, Nick Jardine, James Sécord e Emma Spary<sup>11</sup> e, ainda mais recentemente, o volume editado

---

<sup>8</sup> Goldgar, 2007.

<sup>9</sup> Sobre o conceito, definições e práticas da República das Letras, ver: Fumaroli, 1988; Daston, 1991; Bots & Waquet, 1997; 2005; Pardo-Tomás, 2010.

<sup>10</sup> MacGregor (ed.), 2018.

<sup>11</sup> Curry, Jardine; Secord & Spary, 2018.

por Paula Findlen<sup>12</sup>, é um retrato desta necessidade de se aumentar as escalas e alcançar uma abordagem que as situem dentro de uma globalidade.

Como uma modesta contribuição, a tese aqui apresentada acompanha esta tendência ao situar o fenômeno da natureza exótica das Américas no colecionismo científico europeu, dialogando com personagens de perfis profissionais e culturais variados, através da intercomunicação entre múltiplos espaços – sociedades e academias científicas, jardins universitários e/ou privados, coleções de diferentes dimensões, hospitais, grêmios, boticas e estabelecimentos comerciais, etc. – na tentativa de eliminar as barreiras que, uma vez, os classificaram como secundários ou irrelevantes. Contrariando esta percepção antiquada, uma família de boticários estabelecida em uma cidade ausente no mapa tradicional do conhecimento científico dessa época conseguiu se manter ativa nas redes internacionais e locais de comércio, mantendo suas coleções de *americana* e as prateleiras da botica particular atualizadas com as novidades que circulavam pelo continente. Tradicionalmente situados à margem da historiografia, a atuação de profissionais como os Salvador naquele contexto foi, comumente, discutida de maneira fragmentada, limitada a níveis individuais e em conjunturas locais ou regionais. Apesar da atualidade do revisionismo em voga, há mais de uma década Florike Egmond já atentava para a urgência de se reconsiderar a participação de boticários nas redes que viabilizaram o estudo da história natural durante a primeira modernidade europeia, reivindicando o reconhecimento de suas efetivas contribuições para este campo do saber.<sup>13</sup>

Esta posição marginal relegada aos boticários pode, em boa parte, ser entendida como reflexo da mecanicidade característica de seu ofício – aspecto que, conceitualmente, os orientavam em uma direção oposta a preocupações filosóficas. Neste sentido, então, os novos desafios epistemológicos envolvendo o domínio e compreensão da natureza extrapolavam o alcance das habilidades do trabalho artesanal, cuja responsabilidade correspondia à administração da chamada *materia medica*. Ao contrário destas concepções que, por muito tempo, sustentaram a justificativa de atribuir à categoria papéis secundários, as considerações postuladas, a princípio por Egmond, identifica, exatamente, nestes fatores outrora excludentes, a manifestação de uma atuação que merece ser analisada desde o protagonismo que lhe fora postergado.

---

<sup>12</sup> Findlen (ed.), 2019.

<sup>13</sup> Egmond, 2008.

Além da manipulação e aplicação meticulosa da *naturalia*, do exercício contante em se manterem bem informados através da leitura dos clássicos e atualizados com as novidades do mercado editorial em farmacopéias e tratados de *materia medica*, da perícia técnica que os permitiam reconhecer cada parte de uma planta e deliberar sobre os métodos de conservação mais adequados para cada uma das versões desses elementos naturais – *in natura*, xaropes, unguentos, pós, etc –, os boticários tinham a capacidade de reconhecer em determinada espécie um medicinal potencial – uma competência especialmente vantajosa em um momento onde o mundo natural esteve no epicentro das atividades comerciais associadas, sobretudo, aos empreendimentos ultramarinos.

Atualmente esta abordagem revisada e atualizada das contribuições dos boticários para o desenvolvimento da história natural, tem sido apresentada e sustentada por Valentina Pugliano<sup>14</sup>. Segundo a autora, a categoria dos boticários foi, na realidade, uma das mais influentes naquele quadro de renascimento do estudo da história natural, pois interferiu diretamente nos caminhos por onde este campo do saber se conduziu. Para Pugliano, o acesso inigualável dos boticários aos materiais primários, bem como as insuperáveis habilidades práticas em tratá-los e, ainda, os espaços e meios por onde se articularam, os colocaram em uma posição distinta e privilegiada em relação aos demais naturalistas e profissionais dedicados a este campo do saber.

Ao contrário de estudiosos vinculados a locais de aprendizagem onde a rigidez hierárquica impunha, não poucas vezes, barreiras para o desenvolvimento de suas investigações, os boticários estavam conectados a espaços e modalidades de atuação muito mais flexíveis e independentes. Ao mesmo tempo em que estes profissionais podiam transitar por instituições acadêmicas ou científicas, suas performances não estavam a elas subordinadas. Os boticários, em sua maioria, ocupavam a posição máxima dentro de seu espaço empregatício, a botica, o que lhes conferiam maior autonomia para decidir sobre os passos que gostariam de seguir. Eram os financiadores de seus próprios projetos e estavam livres das formalidades e dos impasses que financiamentos oficiais previam. Pelo interesse e conveniência em estar atualizado sobre o mundo natural e seus medicinais, Valentina Pugliano identifica na botica um espaço de informação e sociabilidade. Aqueles estabelecimentos comerciais estavam diretamente conectados com as novidades do período, sendo um ponto de referência tanto para a população local quanto para forasteiros.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Pugliano, 2011; 2012; 2017; 2018.

<sup>15</sup> Sobre as farmácias como espaços de informação e sociabilidade, ver: De Vivo, 2007; 2013; Welch, 2008.

Neste aspecto podemos, então, situar as boticas no cerne do cosmopolitismo urbano através de suas raízes cimentadas em bases científicas. Este movimento, no entanto, não foi exclusivo dos grandes centros. Há tempos Albert Garcia Espuche têm se esforçado em construir a imagem de uma Barcelona moderna cosmopolita, bem conectada com as vanguardas intelectuais e tanto receptiva quanto participativa em relação às novidades que circulavam de lado ao outro.<sup>16</sup> Neste cenário, Espuche destaca o papel central de algumas boticas da capital catalã, reforçando as contribuições de seus proprietários em difundir na sociedade local ideais progressistas e colaborar com a prosperidade econômica da cidade. Além dos incansáveis trabalhos de Espuche, esta pesquisa se guiou através referências consideradas clássicas para o estudo da farmácia catalã, como as obras de Ramón Jordi González<sup>17</sup>, que fornece dados inesgotáveis sobre este ofício. Mais especificamente sobre as relações de Barcelona com o colecionismo científico e a participação de boticários nesta conjuntura, os trabalhos de Josep Maria Camarasa são referenciais que acompanham cada página desta tese, justamente porque construimos uma história que compartilha, de certo modo, o mesmo objeto de pesquisa: o gabinete de curiosidades dos boticários da família Salvador e as redes de contatos por eles construídas.<sup>18</sup>

Embora esta tese tenha como estudo de caso uma família de boticários catalães, o caráter horizontal de nossa análise não se limita apenas em recuperar o protagonismo ofuscado desta categoria, pelo contrário, ele se manifesta de maneira mais generalizada. Isso significa que, apesar de, aparentemente, Joan Salvador (1683-1726) e seu pai Jaume Salvador (1649-1740), serem os personagens principais desta história, na realidade, coincidimos, novamente, com um panorama que torna impossível definir e distribuir estes papéis. As reivindicações antes postuladas se estende a todos aqueles que estiveram envolvidos na dinâmica das redes científicas, seja de longa distância ou de alcance local. Assim como boticários foram por muito tempo considerados intermediários no universo da história natural, a participação de todos os demais personagens deve ser interpretada como atuação completa – inclusive daqueles que não tinham interesses declarados com o desenvolvimento da ciência.

Não existe uma resistência da comunidade acadêmica e científica em reconhecer que as transformações experimentadas nos primeiros séculos da idade moderna são resultados diretos da participação indispensável dos chamados *go-betweens*, agentes responsáveis por modificar e transgredir os conteúdos e caminhos do conhecimento, superando as fronteiras

---

<sup>16</sup> Garcia-Espuche, 2001 a 2009.

<sup>17</sup> Jordi-González, 1997; 2003.

<sup>18</sup> Camarasa, de 1989 a 2019.

impostas pelas barreiras da tradição.<sup>19</sup> No entanto, a categoria de intermediário ainda permanece determinada como única possibilidade para muitos destes personagens. Divergindo desta classificação, procuramos demonstrar que a intermediação era, talvez, apenas uma das atribuições que todos os indivíduos envolvidos em um negócio deveriam executar – uma dinâmica cíclica que não isentava nem mesmo os colecionadores e naturalistas de renome e permitia, por outro lado, que comerciantes fossem beneficiados de muitas formas que não somente com o lucro das transações comerciais.

A rede articulada pelos Salvador é um exemplo tanto da diversidade oriunda da coletividade previamente apresentada, como também uma prova de que, nem sempre, materiais exóticos foram circulados a partir de intercâmbios – através da prática do *gift-exchange*<sup>20</sup> – como de negociações comerciais, baseadas em processos de compra e venda. Neste aspecto, as teorias defendidas por Cook em assentar no comércio as bases primordiais do desenvolvimento da história natural, não são suficientes em nossa análise. Nossa contribuição para esta discussão é justamente a de reconhecer que o dinheiro nem sempre foi decisivo, afinal, o lucro não era mensurado exclusivamente de maneira monetária, mas sim através de benefícios mais complexos.

A otimização dos negócios e a tentativa de aproveitar ao máximo as possibilidades e oportunidades representadas por um determinado contato, reforçam a ideia de individualidade postulada por Daniel Margócsy.<sup>21</sup> Partindo das concepções de Harold Cook sobre as correlações entre coletividade e comércio, Margócsy entende que este cenário acabou por promover a desunião entre os membros da República das Letras, especialmente motivadas por questões de concorrência, ganhos financeiros, fama, autoridade científica, entre outros. O ponto de vista de Margócsy é profundamente pertinente para esta investigação, pois contempla um aspecto primordial da tese aqui construída: a promoção pessoal em suas muitas formas de ser expressada.

Na tentativa de reconstruir os caminhos que a natureza americana percorreu até chegar às mãos da família Salvador, identificamos muitas vias que fizeram deste projeto uma realidade. Mas, seguramente, aquelas que aproximaram os Salvador e seus colaboradores a partir de princípios amparados pelo parentesco e pela paisanagem tiveram uma contribuição mais contundente. Esta hipótese contrasta com a definição da lógica do comércio como dinâmica dominante das redes, pois identifica valores que iam muito mais além do ganho

---

<sup>19</sup> Schaffer et al, 2009; Raj 2016<sup>a</sup>, 2016<sup>b</sup>.

<sup>20</sup> Egmond, 2011.

<sup>21</sup> Margócsy, 2010, 2013 e 2014.

financeiro, como favores pessoais que, não poucas vezes, foram o elemento decisivo para estabelecer e seguir com uma relação comercial. Sendo assim, intermediários que antes eram classificados como simples comerciantes, tiveram em suas mãos o poder de decidir com quem colaborar, assumindo uma posição igualmente importante quanto o colecionador que adquiriu o produto facilitado e, através dessa dinâmica, fizeram das redes um espaço mais democrático, permitindo que boticários de cidades *periféricas* não apenas tivessem *americana* em seu poder, como também fizesse de suas coleções um ponto de produção e difusão de conhecimentos e materiais de origem americana.

### **Objetivos e hipótese.**

Antes mesmo de conhecer a fundo a documentação selecionada para a sustentação histórica da tese, esta pesquisa sempre teve um propósito muito claro: identificar a presença das Américas nas coleções da família Salvador sem cair em uma análise meramente conteudista, com aspecto e estrutura de inventário. Mais do que localizar cada item de origem americana dentro das coleções remanescentes ou de tentar nos aproximar de tantos outros que um dia puderam ter formado parte daquelas coleções, nos interessava compreender os interesses daqueles boticários e naturalistas catalães em manter uma coleção de *americana* em seu gabinete de curiosidades. Em outras palavras, nosso objetivo principal é identificar o lugar que a natureza americana ocupou em suas coleções e entender como estes materiais dialogaram com as atividades intelectuais e profissionais de seus proprietários.

Desde os primeiros contatos com a memória científica dos nossos personagens principais, não restaram dúvidas de que, ademais das fronteiras locais, suas performances estavam legitimadas desde contextos mais amplos. Neste sentido, então, buscamos situar a Joan Salvador e seu pai Jaume nas redes de comunicação e comércio características de sua época a partir de suas participações como receptores, intermediários e facilitadores de materiais e conhecimentos sobre a natureza americana.

É importante reforçar que, quando falamos do gabinete de curiosidades dos Salvador, nos referimos a um conjunto de coleções interligadas, reunidas em sua maioria no mesmo espaço físico, mas também anexadas a espaços externos. Quero dizer, além da biblioteca e das coleções de *naturalia* e *artificialia* organizadas nas estantes, prateleiras e baús, dispostos no ambiente fechado da parte traseira da botica da rua Ample, a própria botica também foi considerada, em nossa análise, como parte das coleções familiares, assim como o jardim experimental que a família mantinha em Sant Joan Despí, na região metropolitana de Barcelona.

Esta delimitação ampla das coleções acompanha as diversas áreas de atuação de seus proprietários e, conseqüentemente, se transformam em espaço único capaz de atender a todas as suas aspirações. Neste aspecto, então, temos como objetivo identificar como a *americana* foi classificada, buscando compreender os fatores que fundamentava a decisão de um determinado elemento ser ordenado em um lugar específico e não em outro. Nos interessa entender o processo de significação e ressignificação ao qual a natureza americana esteve condicionada naquele contexto, ou seja, encontrar os motivos que levavam a concluir – ainda que temporalmente – se um determinado item era uma curiosidade, ou um elemento decorativo ou ornamental, ou mesmo um medicinal especial ou um simples medicinal com valor de mercado.

Uma vez controlada a dinâmica das redes articuladas pelos Salvador, na qual estes materiais foram negociados, ressaltando suas particularidades e condições em que foram adquiridas – como presente, como retribuição, como reforço positivo, como artifício de manipulação ou como mercadoria paga – nosso seguinte objetivo é prosseguir com uma narrativa que contemple a participação de atores e espaços considerados secundários como protagonistas das mudanças que transformaram o estudo da história natural, demonstrando que desde cidades fora da área de abrangência dos chamados centros científicos e através da atuação de personagens marginais, a natureza americana circulou tanto em sua forma material como intelectual e prática – contribuições que não apenas foram efeito das transformações, mas sim parte delas.

### **Arquivos, materiais e método de análise documental.**

Um dos grandes desafios daqueles que se dedicam a trabalhar com gabinetes de curiosidades, tendo como aparato documental o próprio conteúdo das coleções que um dia formaram parte daquele conjunto, reside no fato de que, habitualmente, seus remanescentes encontram-se fragmentados, dispersos e depositados em diferentes espaços geográficos e físicos. Este, no entanto, é o caso privilegiado de coleções que pertenceram, principalmente, a estudiosos cujas atividades colecionadoras se desenvolveram no âmbito de espaços institucionalizados ou, também, daqueles personagens ilustres cujo renome e/ou poder atraíram para si a atenção e interesses de gerações seguintes que garantiram, ao menos, condições materiais para sua preservação. Entre os mais de dois séculos que separam esta pesquisa do auge do colecionismo científico, muitos outros gabinetes de curiosidades formados, sobretudo, por colecionadores independentes, não tiveram a mesma sorte e, ou se

perderam integralmente no tempo ou, quem sabe, alguns de seus objetos não seguem expostos em antiquários ou em mercados de pulgas mundo a fora.

Ao contrário do destino de boa parte das coleções coetâneas, o gabinete de curiosidades formado pela família Salvador conseguiu manter a sua unidade. Isso quer dizer que, apesar das perdas inevitáveis decorrentes da perecibilidade de seus materiais – orgânicos, a maioria deles –, ou dadas as condições inadequadas de conservação em que estiveram submetidas durante quase um século enquanto repousaram no sótão de um dos casarões que pertenceram à família, mobiliário, coleções de *naturalia* e *artificialia*, instrumentos de trabalho, livros e documentos manuscritos permaneceram juntos, tal como sempre estiveram no passado.<sup>22</sup>

As coleções que representaram o projeto de vida das primeiras gerações da família Salvador, passaram por diferentes processos de reinterpretação especialmente a partir dos herdeiros os quais já não mantinham a tradição de seguir o ofício familiar, em determinado momento não se encaixavam mais ao estilo de vida e interesses da sociedade catalã da primeira metade do século XIX.<sup>23</sup> A partir do encerramento da farmácia, na segunda metade do século, sem saber exatamente o quê fazer com a herança, os descendentes, apesar de que provavelmente estivessem cientes do histórico glorioso daquele patrimônio, optaram por depositá-lo e mantê-lo entulhado em uma das propriedades familiares localizada em uma área rural da Catalunha, na região do Penedés. Ali permaneceria em total esquecimento até ser redescoberto e, posteriormente, requisitado pela *Generalitat de Catalunya* (1938) e, mais tarde, adquirido pelo *Ajuntament de Barcelona* (1945). Entre diversas negociações, uma guerra, e diferentes espaços, o gabinete de curiosidades dos Salvador, finalmente, voltou à luz como tal em 1941, salvaguardado pelo *Institut Botànic de Barcelona* – instituição que segue responsável por sua gestão e manutenção. Em 2013, novos materiais foram localizados com familiares herdeiros da linhagem e incorporados aos remanescentes anteriores.<sup>24</sup>

A importância e riqueza do acervo que corresponde ao *Fons Salvador* justifica a razão do levantamento das fontes documentais quase exclusivamente restringido a este arquivo.

---

<sup>22</sup> Pardo-Tomás, 2014; Ibáñez, Camarasa, Garcia-Franquesa eds., 2019.

<sup>23</sup> Sobre as gerações dos Salvador posteriores às estudadas na presente pesquisa, e suas relações com o trabalho e coleções de seus antepassados, remetemos à tese doutoral de Xavier Ulled, *De gabinet a museu: la col·lecció Salvador i els seus públics a la primera meitat del segle XIX* que será apresentada em outubro de 2019, na Universitat Autònoma de Barcelona, onde analisa este processo de resignificação do gabinete Salvador em museu, trazendo à luz o seu público e a transformação das ciências naturais, em ciências aplicadas.

<sup>24</sup> Para mais detalhes sobre os percalços envolvendo os destinos da coleção, bem como para conhecer o relato daqueles que reconheceram, pela primeira vez, os materiais que foram incorporados em 2013, ver o catálogo preparado para a exposição “Salvadoriana” (Pardo-Tomás, 2014), dedicada a este riquíssimo patrimônio científico da cidade de Barcelona, assim como o livro recentemente publicado pelo Museu de Ciències Naturals de Barcelona: Ibáñez, Camarasa & Garcia-Franquesa, eds. 2019.



Desde o princípio esta pesquisa não enxergava na análise quantitativa o melhor caminho para situar a natureza americana naquela coleção, afinal, este tipo de abordagem nos entregaria números e não respostas. Além disso, um inventário da coleção de *americana* do gabinete excluiria o conteúdo de uma das coleções mais ricas daquele gabinete preservado, a documentação manuscrita, composta, fundamentalmente, por centenas de cartas fruto da correspondência epistolar mantida por seus proprietários ao longo dos respectivos períodos em que estiveram à frente dos negócios familiares.

Dado ao papel crucial que a correspondência epistolar assumiu no contexto em que nossos personagens principais – Jaume Salvador i Pedrol e Joan Salvador i Riera – atuaram, diretamente relacionado não apenas com a comunicação científica do período, mas também com a comércio de *naturalia*, este conjunto de documentos constitui, então, as fontes primárias desta tese. A partir da seleção de todas as cartas conservadas dentro do período que abrange nosso recorte temporal – 1669 a 1716 –, prosseguiu-se com a leitura de cada uma delas e sistematização das informações obtidas, tendo sempre como linha de orientação a natureza das Américas.

Neste processo, a leitura da documentação ocorreu de diferentes maneiras. Primeiramente, através da leitura da bibliografia especializada, foi possível encontrar algumas destas cartas de interesse já transcritas e publicadas em diferentes artigos de autoria de Josep Maria Camarasa e de Neus Ibáñez<sup>25</sup>. No caso de materiais inéditos, entretanto, a leitura foi realizada tanto na biblioteca do IBB, a partir do manuseio dos exemplares originais em papel, assim como através de versões digitais dos originais. A transcrição dos materiais que resultaram relevantes para nosso objeto de pesquisa foram, em boa parte, por mim realizadas, recorrendo ao olhar atento e experiência de José Pardo-Tomás e Emma Sallent ou, ainda, muitas delas foram gentilmente cedidas por Camarasa.

Uma vez com as fontes primárias devidamente organizadas, chegamos a um primeiro resultado: a prosopografia dos correspondentes da família Salvador, que fizeram parte das redes por eles articuladas através das quais circularam tanto conhecimento quanto materiais de origem americana. Com esses dados em mãos, pudemos reconstruir a rede de *americana* dos Salvador, conectando a ela grande parte dos personagens que, de alguma maneira, tiveram participação na aproximação dos boticários catalães com a natureza das Américas, ao mesmo tempo que identificamos os caminhos percorridos por estas ferramentas de trabalho –

---

<sup>25</sup> Camarasa, 1993; 1997; *no prelo*; Camarasa & Ibáñez, 2007, 2012.

informações e materiais – até chegarem em Barcelona – ou vice-versa –, relacionado-os com os mais diferentes espaços, seja de origem, de atuação ou de recepção.

Nesta análise, evidentemente, os objetos também tiveram um protagonismo e, diante de um acervo que permite consultar partes do conteúdo real que compunha o gabinete de curiosidades familiar, recorreremos à própria coleção para contrastar informações levantadas com a documentação manuscrita. Assim, com a identificação de objetos de origem americana – livros, amostras de plantas, simples medicinais, sementes, animais, minerais e tantos outros – os materiais remanescentes foram consultados a fim de aportar novas informações e enriquecer ainda mais a nossa interpretação. Por exemplo, quando determinada planta estava entre os itens discutidos e negociados em uma correspondência, procuramos localizar este item em todos os âmbitos possíveis da coleção: na biblioteca através de obras especializadas sobre o tema, no herbário para saber se aquela planta foi, em algum momento, manuseada ou transplantada pelos Salvador e, por fim, mas não menos importante, na coleção de simples medicinais conservada.

A presença física destes itens, assim como as etiquetas, anotações e dedicatórias neles contidas, nos permitiram conhecer se uma planta passou, em algum momento, pelo exercício analítico dos Salvador, podendo, em muitos casos, determinar através de quem aquele material teria sido alcançado, vislumbrando, também, qual o grau de envolvimento e de interesses destes naturalistas catalães para com ele, nos aproximando, assim, de maneira mais segura dos possíveis significados que aquele material representava para seus proprietários e, em alguns casos, identificar quais os propósitos e finalidades de estarem ali, uma linha interpretativa que nos acerca muito mais dos nossos objetivos. A partir destes dados, prosseguimos com a discussão e análise demandadas para responder as perguntas que fomos postulando conforme a leitura e sistematização das fontes ia avançando.

Embora a maior parte dos documentos e materiais utilizados na construção desta tese são provenientes, como já assinalamos, do acervo referente à família Salvador salvaguardado pelo IBB, em Barcelona, outros documentos consultados pertencem a acervos externos, mais especificamente de Londres e de Paris.

Na capital inglesa, foi realizada uma pesquisa no *Sloane manuscripts*, tutelado pela *British Library*, com a finalidade de consultar algumas cartas da correspondência privada de James Petiver. Desta correspondência, devemos ressaltar também, que a maioria da documentação utilizada por Camarasa e Ibáñez em seus artigos dedicados à correspondência mantida entre o boticário inglês e Joan Salvador i Riera, também está ali depositada.

Da mesma forma, utilizamos algumas cartas fruto da correspondência de Antoine de Jussieu, reunidas no *Fonds Jussieu*, no *Muséum National d'Histoire Naturelle*, em Paris, que foram gentilmente compartilhadas por Emma Sallent.

### **Estrutura da tese**

Além da introdução e das conclusões, a discussão desta tese está dividida em três capítulos, cuja lógica de organização atendeu aos três principais elementos que a sustentam: os personagens, os objetos e os espaços. Ademais dos apartados analíticos, dedicamos uma parte exclusiva aos anexos, onde organizamos e apresentamos os documentos consultados e utilizados ao longo da pesquisa, sendo, muitos deles, inéditos.

No primeiro capítulo, dedicado aos personagens, reconstruímos parte das redes de contato articuladas pelos Salvador com o intuito de enriquecerem suas coleções. Compostas por personagens ilustres, renomados e vinculados a instituições de ensino universitário ou a sociedades científicas, identificamos a *americana* nestas relações como parte de um projeto amplo, onde a natureza americana dividia o espaço e atenção com outros interesses, não sendo, necessariamente o objetivo da colaboração entre os Salvador e aqueles personagens. Nos centramos, primordialmente, na análise da retórica, dos protocolos, conveniências e normas de conduta que conduziram os intercâmbios nelas movimentados, buscando identificar os papéis que a natureza das Américas desempenhou naquelas ocasiões, e os significados que assumiram conforme se alteravam as situações. Por outro lado, identificamos a *americana* também como o objetivo de um projeto específico, cujo propósito não era flexível como no caso anterior. Para tanto, os Salvador articulariam uma rede de colaboradores especial, completamente distinta, tanto nas características de seus membros quanto na dinâmica de sua movimentação. Neste caso, discutimos sobre o fator determinante das relações de paisanagem e também de parentesco no acesso dos Salvador a boa parte de seus materiais de origem americana.

O segundo capítulo traz à tona outros personagens – bem conhecidos ou completamente anônimos até então – que, de alguma forma, foram responsáveis por enriquecer as coleções de *americana* do gabinete de curiosidades dos Salvador. Diferentemente do capítulo anterior, neste momento apresentamos estes colaboradores a partir da perspectiva dos objetos colocados em circulação. Analisamos encomendas, remessas, e discutimos sobre os possíveis significados e finalidades de alguns materiais mencionados, contrastando as informações extraídas da correspondência epistolar com os próprios objetos e espécimens atualmente conservados. Boa parte da análise deste capítulo é conduzida pela

problematização que levantamos sobre a classificação de *naturalia* exótica, suas fronteiras tênues entre medicinais, curiosidades ou elementos ornamentais e a influência direta das distintas aspirações de seus proprietários neste processo. Na ocasião, fazemos, também, uma análise comparativa entre as dinâmicas dos comércios estabelecidos com os diferentes grupos de contatos mantidos pelos Salvador. Neste aspecto, discutimos a participação dos chamados intermediários, revisando e reconsiderando todas as concepções e contribuições atribuídas tradicionalmente a esta categoria.

Encerrando a nossa discussão, no terceiro capítulo tratamos de identificar o lugar que a natureza americana ocupou dentro do gabinete de curiosidades dos Salvador – em seu conceito mais amplo. Destacamos os espaços físicos e geográficos por onde a *americana* das coleções familiares passou até chegarem em Barcelona, ou, visto de outro modo, quais teriam sido os caminhos percorridos pelos Salvador para trazer a natureza das Américas para dentro de seu domínio. Assim, com o controle prático e teórico destes materiais, demonstramos como o próprio gabinete dos Salvador se transformou em um espaço de *americana* e, conseqüentemente, em um ponto de difusão destas novidades, procurando reposicionar cidade de Barcelona e esta família de boticários com sua rede especial de completos anônimos em um lugar mais adequado na história da história natural.

## Capítulo 1 – Personagens

Esta é uma pesquisa que tenta conectar atores, objetos, espaços e práticas. Como todas as histórias, a que aqui será contada possui distintos personagens. Alguns em posições de maior protagonismo em relação a outros, porém, e mais importante, todos com sua importância e iguais de relevantes para o nosso propósito. Nosso interesse recai sobre a peculiar coletividade movida por individualismos que resultaram na confluência de diferentes núcleos, que estabeleceram e mantiveram ativa a rede de comunicação e de comércio que alcançou cada esquina da Europa ao longo da primeira modernidade. Graças ao intenso e contínuo intercâmbio de materiais e ideias, naturalistas de toda e qualquer localidade puderam ter acesso às novidades que fervilhavam numa Europa extasiada por tudo que os territórios recém-descobertos pelos europeus representavam naquele momento, sobretudo em termos de história natural, de matéria médica e de comércio de medicinais e alimentos. Muitos fizeram deste novo contexto o grande projeto de suas vidas. Alguns se dedicaram a escrever sobre a natureza, outros se dedicaram a aclimatar e cultivar espécies exóticas, outros se dedicaram a colecionar, observar e discutir o mundo natural exótico. Outros trataram de atualizar seus conhecimentos e colocaram-no em prática, atualizando as fórmulas dos medicamentos vendidos em suas boticas. Outros colecionaram os itens mais curiosos e exibiram orgulhosos suas coleções. Outros fizeram do interesse de todos estes boticários, naturalistas, comerciantes e colecionadores um negócio, se dedicando ao fornecimento e facilitação de plantas, objetos, espécimens, livros e toda sorte de materiais desejados.

Situar a cidade de Barcelona neste contexto passa, invariavelmente pela atividade científica e profissional de uma família em concreto: a família Salvador.

### 1.1. Uma família de boticários em Barcelona.

A família Salvador é o exemplo mais destacado – ao menos que conhecemos – destas práticas, no caso de Barcelona e da Catalunha, durante um período de quase dois séculos e meio.<sup>26</sup> O iniciador desta linhagem de boticários foi Joan Salvador i Boscà (1598-1681) que, vindo de Calella – cidade localizada a 60km de Barcelona –, se estabeleceu na capital catalã no início do século XVII para se formar boticário. Pouco se sabe sobre a vida da família fora

---

<sup>26</sup> Todos os dados puramente biográficos da família Salvador aqui citados foram consultados em obras já consideradas clássicas para historiografia do tema, tais como: Pourret, 1844; Bolós, 1959 e Caballer, 1989. Para informações que tratam de analisar sua memória profissional e científica, recorreremos, entre outros, aos trabalhos de Camarasa, 1989 a 2019; Folch, 1972; Pardo-Tomás, 2008, 2010, 2014, 2016; Ibáñez 2006, Ibáñez et al, 2006; Abad, 1997; Estrada-Rius, 2008; Meléndez-Galán, 2012; Montserrat & Pardo-Tomás, 2008 e Montserrat & Ibáñez, 2008.

de Barcelona, mas, o que realmente nos interessa, é que a mudança de Joan resultaria na configuração de um novo significado para o sobrenome Salvador.

Naquela ocasião, Joan não havia deixado sua cidade natal sozinho, tendo sido acompanhado na nova empreitada por um de seus irmãos, Jeroni, com quem compartilhou o mesmo propósito de se profissionalizar naquele ofício.<sup>27</sup> As informações que se tem sobre o processo formativo profissional dos irmãos são bastante escassas. Sabemos que sua admissão pelo Colégio de Boticário aconteceu em 1622, ano em que, além de obter a licença para exercer a profissão, iniciaria uma viagem pelos reinos hispânicos.<sup>28</sup> Durante sua ausência, seu irmão Jeroni teria se associado a Gabriel Pedrol, um dos boticários mais influentes de Barcelona. Pouco tempo depois de estabelecido o negócio, Pedrol morreria, deixando como herdeira apenas uma filha, Victoria Pedrol.<sup>29</sup>

Para assegurar a continuidade do estabelecimento, uma botica localizada na esquina da rua Ample com a rua Fusteria – um ponto estratégico e privilegiado na época – Victoria deveria se casar com algum boticário, e Joan foi, então, o escolhido. Assim, em 1623, ao voltar de sua viagem, Joan assumiria a botica do falecido futuro sogro e, em 1626, se casaria com a herdeira, assegurando então toda a fortuna e a continuidade da botica que, a partir daquele momento e por mais de dois séculos seguintes, ficaria conhecida como a “botica Salvador de Barcelona”.

Além do patrimônio físico e comercial, a herança deixada por Gabriel Pedrol incluía, também, uma biblioteca que, futuramente, seria considerada uma das mais ricas e completas da Catalunha na época, em mãos laicas. Ao longo de sua vida, Joan Salvador i Boscà desenvolveu especial interesse pela Botânica, fato que influenciaria diretamente na aquisição de novos volumes e enriquecimento da biblioteca iniciada por seu falecido sogro.<sup>30</sup>

Claramente o destino foi gentil com Joan que teve, naquela ocasião, a oportunidade de sua vida. Oportunidade no sentido de usufruir da influência de seu sogro, tanto social como economicamente. Contudo, arrisco dizer, que o reconhecimento de Joan teria sido conquistado, muito provavelmente, através de seu interesse e dedicação aos temas filosóficos que envolviam a sua profissão. Foi, fundamentalmente, por este motivo que o sobrenome Salvador deixaria de ser relacionado a “uma família de boticários”, se configurando como uma complexa referência a uma “família de boticários, naturalistas e colecionadores” de Barcelona.

---

<sup>27</sup> Caballer, 1989.

<sup>28</sup> Camarasa, 2011.

<sup>29</sup> Pourret, 1844.

<sup>30</sup> Camarasa, 2011, p. 120-121.

A distendida vida de Joan Salvador i Boscà, sobretudo o período em que esteve ativo profissionalmente, foi acompanhada das constantes agitações políticas e culturais que fomentaram importantes transformações nos mais diferentes campos do saber, especialmente da história natural e da medicina. A inclinação de Joan pela história natural, especialmente pela botânica, não se reduziu ao seu estudo através dos livros. Além de investir consideravelmente na biblioteca herdada, adquirindo obras de autores clássicos, como Plínio<sup>31</sup> e Dioscórides<sup>32</sup>, ou ainda na aquisição de farmacopeias e outros tratados relacionados ao ofício da farmácia, Joan iniciou àquilo que seria o embrião das coleções que dariam notoriedade à família durante muito tempo.

Como um bom representante das vanguardas intelectuais que começavam a se constituir naquela época, Joan não se confinou entre os limites físicos da botica, se arriscando em práticas que se mostrariam essenciais para a inserção do núcleo barcelonês na rede de comunicação e de comércio característica da época.

Não cabe aqui nos aprofundar na memória científica e profissional deste personagem, mas é importante destacar que Joan Salvador i Boscà havia viajado pela península durante sua juventude, coletando e herborizando amostras de plantas, animais, minerais e toda sorte de espécimes “curiosos”, resultando nas primeiras coleções do que futuramente seria o gabinete de curiosidades organizado e mantido pela família nos fundos de seu estabelecimento comercial. As habilidades do boticário catalão com suas novas incursões lhe proporcionaram alguma projeção, fato que se demonstra com a visita que receberia, em 1628, do botânico holandês radicado em Lisboa, Wilhelm Boel (*fl.* 1600-1730), e as herborizações que fariam juntos pelos arredores de Barcelona.<sup>33</sup>

Seguindo os costumes da “República das Letras”<sup>34</sup>, Joan iniciaria, também, uma das práticas mais importantes deste período em questão: o contato epistolar. Embora não tenha resistido até nossos dias nenhum registro de sua correspondência particular, através de outros

---

<sup>31</sup> Plinii Secvndi *natvrae historiarvm* libri XXXVII e castigationibus Hermolai Barbari quam emendatissime editi additus est index Ioannis Camertis notis arithmetiis nunc dilucidior multo quam antea quo Plynius ipse totus breui mora te[m]poris edisci potest Parisiis ex offic[i]na Petri Gaudoul 1524. Na biblioteca Salvador como registro 13/VI/2.

<sup>32</sup> Pedanii Dioscoridis *De medica materia* libri sex Ioanne Rvellio interprete his accessit praeter pharmacorum simplicium catalogum copiosus omniu[m] fermè medelarum siue curationum index Lvgdvni [Lió] apud Ioannem Frellonium 1547, 14/III/24.

<sup>33</sup> O único testemunho manuscrito deste encontro corresponde a uma anotação de Joan Salvador i Boscà na folha de rosto de uma obra de Arnau Vilanova presente na biblioteca Salvador, onde descreve brevemente a ocasião (Bolós, 1959, p. 13-15; Camarasa, 2011, p.121).

<sup>34</sup> Sobre a correspondência epistolar como prática vital da República das Letras, ver: Bethencourt & Egmond, 2007; Del Lungo, 2014.

documentos temos conhecimento de que esteve em contato com prestigiosos naturalistas contemporâneos, como o botânico francês Jacques Barrelier (1606-1673).<sup>35</sup>

O círculo de amizades e contatos foi, em boa parte, facilitada pela sólida posição profissional e civil que ocupava. Profissionalmente, além de ser o proprietário e o boticário à frente de uma das boticas mais bem-sucedidas da Espanha, Joan Salvador i Boscà foi, durante os anos de 1638 a 1640, cônsul do Colégio de Boticários de Barcelona, atuando ao lado do protomédico nas visitas de fiscalização às boticas em atividade.<sup>36</sup> Nesta mesma iniciaria, também, a sua participação no *Consell de Cent*,<sup>37</sup> atuando como jurado, posto que assumiria por mais de 40 anos em períodos aleatórios (1638-1640; 1644-1648; 1648-1650; 1659-1664), sendo eleito *conseller cinquè* (conselheiro quinto) por duas vezes.<sup>38</sup>

Fazer uma análise profunda e mais detalhada sobre as condições do ofício da farmácia em Barcelona nos desviaria da proposta desta tese, afinal, a profissão conta com colégio próprio deste o século XIII.<sup>39</sup> Diante disso, gostaria de reforçar que, como apresentado através da trajetória de Joan Salvador i Boscà, denota-se que a profissão de boticário gozava de um status construído e perpetuado historicamente, fazendo com que seus rendimentos figurassem entre as maiores fortunas da cidade de Barcelona desde a Idade Média. Ser boticário tinha, então, uma conotação bastante positiva, por outorgar à categoria uma sólida estabilidade econômica e social.

As aspirações intelectuais e científicas de Joan Salvador i Boscà, respaldadas em sua condição sócio-econômica, lhe permitiram proporcionar ao seu filho, Jaume Salvador i Pedrol (1649-1740), uma formação intelectual muito mais vigorosa, situada no cerne das correntes científicas coetâneas, muito além daquela que ele mesmo pôde ter. Caçula de seis irmãos, Jaume foi o único filho homem do matrimônio. A lei, que beneficiava o gênero masculino e lhes confiava plenos poderes na administração da herança familiar, não permitia que uma botica estivesse nas mãos de mulheres, como vimos através da experiência de sua mãe,

---

<sup>35</sup> Pourret, 1844, p.5; Camarasa, 2011, p.121-122.

<sup>36</sup> Camarasa, 2011, p.121-122. Reservamos uma discussão mais aprofundada para o terceiro capítulo desta tese, dedicado aos espaços científicos que envolveram a participação da família Salvador na produção e circulação de conhecimento sobre a natureza americana.

<sup>37</sup> Criado no século XIII, o Conselho de Cento era a instituição de autogoverno da cidade de Barcelona. Formado por uma assembleia de cem cidadãos, responsáveis por assessorar e supervisionar os magistrados e conselheiros municipais, contava, desde o século XVII, com a participação de representantes dos ofícios artísticos e mecânicos, eleitos pelos seus respectivos grêmios, a fim de defender os interesses da classe. Ver: Amelang, 1986.

<sup>38</sup> Resumidamente, uma das principais atribuições do conselheiro, além das funções propriamente executivas, incluía visitar esporadicamente os conventos e as prisões da cidade. Numa ordem hierárquica, a primeira posição era ocupada sempre por um cavalheiro, os dois postos seguintes por cidadãos honrados da nobreza, o quarto por um *mercader* (artistas) e o quinto por um artista ou por um *menestral* (artes mecânicas).

<sup>39</sup> Ver em: Jordi-González, 1997.



Victoria Pedrol. Assim, a Jaume lhe foi destinado seguir o ofício do pai. Pelas razões que já foram discutidas anteriormente, esta, provavelmente, não foi uma decisão desagradável ao jovem Jaume. Tradicionalmente, em Barcelona, a farmácia era uma profissão que se passava de pai para filho, motivo pelo qual a classe contava com numerosas e diferentes linhagens de boticários, sendo o ofício de longas gerações de muitas famílias como, além da família Salvador, também o da família Sala, para citar um outro exemplo.<sup>40</sup>

O processo de ensino-aprendizagem da arte da farmácia não dependia necessariamente da instituição universitária. Para se ter a permissão de exercer o ofício, o Colégio exigia do aspirante a boticário um estágio de, no mínimo, 2 anos na botica de algum mestre boticário, que se tornaria uma espécie de padrinho daquele jovem aprendiz. Uma vez considerado preparado, o aspirante deveria apresentar ao Colégio uma série de documentos acreditativos, principalmente no que diz respeito à sua vida pessoal, como sua linhagem e seus costumes. Analisada e aceita a documentação, ambos – padrinho e aspirante – se reuniam com todo o Colégio reunido em assembleia onde, após uma introdução do candidato por parte de seu padrinho, lhe era designado os dias para seu exame. De acordo com Jordi Ramón González, o exame consistia em duas partes: a prática e a teórica.<sup>41</sup> A última delas era bastante complexa e poderia durar quanto tempo o tribunal julgasse necessário. A principal razão desta complexidade está relacionada ao interesse de se evitar saturação, já que uma abundância de boticários atuantes poderia comprometer os privilégios da categoria.

Embora pudesse sofrer variações, o tribunal era, via de regra, formado pelos dois cônsules do Colégio e por mais quatro voluntários – os examinadores eleitos. Desafortunadamente, sobre o período ao qual nos dedicamos, se desconhece a existência de documentos que informem sobre a inquirição teórica e exames práticos a que estes aspirantes eram submetidos. Sobre o processo de admissão de Jaume Salvador i Pedrol, após ter praticado ao lado de seu pai na botica familiar, o próprio anotaria em seu caderno que foi examinado no dia 28 de setembro de 1669, sendo aprovado como *nemine discrepante*.<sup>42</sup>

Ainda que Jaume estivesse circunscrito em um contexto que conspirava totalmente a seu favor, sua desenvoltura não deixou de ser notável, sobretudo considerando que ele tinha, na época, apenas vinte anos de idade. Assim, o recém titulado mestre boticário dava claros sinais de uma carreira promissora, qualidade esta que seria estimulada por seu pai, sendo Joan

---

<sup>40</sup> Sobre a ordem cronológica e sucessória dos boticários da família Sala, ver: Jordi-González, 1987.

<sup>41</sup> 1997, p.57-63.

<sup>42</sup> Documento original em catalão transcrito por Josep Maria Camarasa (2011, p.122): “Siam Deu amb totes coses &, com als 28 del mes de setembre – jo Jaume Salvador – de l’any 1669, m’examinen de *Theorica* en casa de Mn. Joachim Fontana a la Riera de St. Joan y fui votat *nemine discrepante*”.

Salvador i Boschà um grande incentivador da qualificação profissional e intelectual de seu filho.<sup>43</sup>

Como a formação do ofício não os obrigavam a estudar um programa universitário completo, alguns daqueles jovens tinham a liberdade de ampliarem seus conhecimentos sobre as ciências de sua arte – especialmente botânica e química – com o professor que mais os agradassem, passando de uma universidade a outra, sem a obrigação de assistir aulas e cursos que não lhes pareciam convenientes.<sup>44</sup> Tais condições permitiram aos boticários catalães – ou ao menos aos mais curiosos e abastados economicamente – extrapolar a mecanicidade do ofício, se aprofundando no campo científico da profissão. Uma soma de fatores convergia para esta inclinação mais filosófica, que os caracterizaria não apenas como boticários, mas também como naturalistas. O, de certa forma, seletivo ramo – onde a análise de linhagem era um pré-requisito – e seus consideráveis ganhos favoreciam os jovens boticários a irem estudar no exterior, já que, comumente, não tinham muita função na botica familiar, pois as competências e atividades relativas ao cargo de mestre boticário costumavam ser responsabilidade do familiar mais velho, e assim seria até que este não tivesse mais condições de executá-las.

Esta foi a realidade de Jaume Salvador i Pedrol que, após obter o grau de mestre boticário, foi enviado por seu pai a aprimorar seus conhecimentos na prestigiada universidade de Montpellier. Assim, o ano de 1669 marca o início não apenas de um novo ciclo na vida de Jaume [Imagem 1]. Ela marca o início da fama internacional que a família imprimiria nos círculos ilustrados de toda a Europa e, por esta razão, nos situa dentro do recorte temporal a que esta tese propõe a analisar.

## **1.2. Uma família de boticários, naturalistas e colecionadores de Barcelona.**

A multiplicidade de interesses de Jaume Salvador i Pedrol o caracteriza perfeitamente como um homem da República das Letras, um perfil assumido por tantos boticários europeus que extrapolaram as tarefas básicas de seu ofício. Suas inquietudes intelectuais começaram a se manifestar precocemente, já que, como demonstra uma biografia manuscrita de autoria anônima conservada no Instituto Botânico de Barcelona, aos quinze anos de idade já comparecia ao palácio de Vincenzo Gonzaga (1602-1694) – vice-rei da Catalunha entre 1664 e 1667 – para ter aulas de química. Além das ciências próprias do que seria então sua profissão,

---

<sup>43</sup> Pourret, 1844, p. 7.

<sup>44</sup> Para conferir estas informações e outros dados sobre a formação intelectual de Jaume Salvador i Pedrol, ver: Camarasa, *no prelo*.

Jaume também estudou gramática, filosofia, matemáticas, grego e hebreu no *Estudi General de Barcelona*.<sup>45</sup>

Não conhecemos documentos que informem o período exato em que Jaume esteve em Montpellier, para onde havia ido complementar seus conhecimentos em Botânica e Anatomia. Durante sua estância na cidade, Jaume teria assistido aos cursos ministrados por Michel Chicoyneau (1626-1701) oferecidos pela cátedra de anatomia daquela universidade. Na oportunidade, Jaume teria, também, frequentado os cursos de Pierre Magnol (1638-1715), que lecionava a arte da Botânica privadamente, por uma questão religiosa. Mesmo sendo um curso independente, a qualidade de ensino de Magnol era, possivelmente, muito melhor que aquelas oferecidas no espaço acadêmico, tanto da cidade francesa como as da própria Barcelona.<sup>46</sup>

A obra magna de Magnol, o *Botanicum Monspeliense*,<sup>47</sup> inicialmente utilizada por seus alunos como um guia nas atividades práticas de seu curso por reunia informações sobre ocorrência, descrição e propriedades medicinais das plantas encontradas naquele entorno, passou a ser leitura quase obrigatória de todos os botânicos e naturalistas de toda a Europa interessados na flora mediterrânea, que utilizavam a nomenclatura empregada pelo autor como referência para citar ou descrever alguma das espécies nela compilada.<sup>48</sup>

Por sua capacidade intelectual e influência que representava, Magnol se mostraria uma figura importantíssima para conectar o “nosso” núcleo barcelonês com a rede internacional de comunicação e intercâmbio a qual nos dedicamos. A relação entre ele e Jaume extrapolaria a amistosidade padrão do vínculo professor-estudante. A admirável desenvoltura do boticário catalão como naturalista conquistaria ao seu mestre, com o qual estabeleceu uma sólida e longa amizade que se estenderia até mesmo à seguinte geração da família Salvador, especialmente com o primogênito de Jaume.

---

<sup>45</sup> Camarasa, p. 1-2.

<sup>46</sup> Camarasa, p.1-2.

<sup>47</sup> Magnol, P. *Botanicvm monspeliense sive plantarvm circa Monspelium nascentium [prôtognômôn] in quo plantarum nomina meliora selignuntur loca in quibus plantae sponte adolefcunt tum à prioribus botanicis tum ab authore observata indicantur & precipuae facvltaes edocentur adduntur variarum plantarum nondum descriptarum descriptiones & icones tum & figurae quarundam quas solúm descriptit Casp Bavhinvs in Prodomo authore Petro Magnol Lygdvni [Lió] ex officina Francisci Carteron impensis Francisci Bovrly 1676 p [16] 287 [1]+ il [4] f de lám 8° (18 cm). Na biblioteca Salvador como 14/IV/11.*

<sup>48</sup> É importante dizer que a segunda edição, de 1686, desta obra, na qual se anexaria um novo apêndice, Magnol referencia algumas plantas facilitadas por seus correspondentes e colaboradores, figurando entre elas uma enviada por Jaume Salvador. Um exemplar desta edição consta na biblioteca Salvador (14/IV/9). Sobre os detalhes botânicos deste envio, bem como da relação de Jaume Salvador com Pierre Magnol, ver: Camarasa, J.M. *Salvadoriana III*. Una descripció prelinneana de *Silene niceensis All.*, deguda a Jaume Salvador i Pedrol, a l'edició de 1686 del *Botanicum Monspeliense* de Pèire Magnol. *Collect. Bot.*, 25, 2000, p. 245-253.

O único registro conservado entre a documentação particular de Jaume Salvador referente ao período em que esteve em Montpellier, é uma carta que escreveu a Silvio Boccone (1633-1704), em 1693. Esta carta, a qual se encontra transcrita na íntegra nos anexos<sup>49</sup>, é um exemplar ideal para aclarar como uma amizade, muitas vezes, se mostrava imprescindível para viabilizar o acesso a uma parte ainda não contactada, mas almejada. Além disso, o documento está redigido seguindo uma estilística bastante característica do período e não poderia ser melhor para exemplificar algumas das conveniências de retórica comumente empregadas na produção de uma carta cujo objetivo era iniciar uma correspondência entre as duas partes.

Densa em seu conteúdo, a diversidade de informações está, em boa parte, relacionada com as normas de conduta<sup>50</sup> antes mencionadas. Como o próprio remetente afirma, aquela era a tentativa de proporcionar um primeiro contato com Paolo Boccone. Se analisarmos por partes, detectamos facilmente os recursos aplicados por Jaume. Primeiramente, é curioso notar que mesmo não se conhecendo, Jaume dispensa uma apresentação mais pessoal, se limitando a dizer a qual círculo estava relacionado, citando, além do amigo comum entre eles, Giuseppe Auria (*fl.* 1673-1700) – elo de intersecção não somente entre ambos –, mas também seus mestres e companheiros de herborizações, Pierre Magnol e Michel Chicoyneau.

Reforçar a amizade com personagens ilustres e prestigiosos, tanto o colocava numa condição de equidade intelectual àqueles nomes, como também poderia ajudar a despertar o interesse da outra parte, por este novo contato se configurar como um possível intermediador de intercâmbios futuros com estas figuras renomadas com quem mantinha boas e estreitas relações. Após delimitar o seu espaço de atuação, o boticário catalão recorre a outros dois efetivos artificios: a exaltação dos feitos do indivíduo contactado – Boccone – e, mais profusamente, de suas próprias habilidades e interesses. Neste aspecto, Jaume não se intimidava ao sugerir que acreditava ser, na Espanha, “o único aficionado em conhecer os simples”, ressaltado suas contribuições ao “*Appendice*”, do célebre *Botanicum Monspeliense*, de Magnol.

A autopromoção apresentada por Salvador a Boccone se nota nas entrelinhas quando menciona a biblioteca familiar. A biblioteca, iniciada por seu avô materno e enriquecida por seu pai, seria, durante os anos em que Jaume esteve ativo, ampliada consideravelmente.

---

<sup>49</sup> Barcelona, Instituto Botánico de Barcelona [a partir de agora IBB], Fons Salvador, R.(00/01-04)a. Cópia de carta de Jaume Salvador i Pedrol a Paolo Boccone (20/10/1693). A transcrição do documento foi realizada por Josep Maria Camarasa e em breve será publicada (ver Camarasa, *no prelo*). Para consultá-la na íntegra, ver Anexo 1.

<sup>50</sup> Daston, 1991; 1955; 1998; Bethencourt & Egmond, 2007; Findlen, 1999.

Exibir uma coleção de livros que estava composta pelos títulos contemporâneos mais destacados, como por exemplo o citado *Horti Academici Lugduno-Batavi catalogus* (1686)<sup>51</sup>, de Paul Hermann (1646-1695), demonstra um indiscutível grau de envolvimento e de atualização com as questões mais recentes no campo da história natural. Aproveitando o ensejo, Jaume não descuidava de demonstrar que também estava inteirado das novidades que os naturalistas italianos publicavam. Neste sentido, não perde a oportunidade para pedir uma das obras impressas postumamente de autoria de Ulisse Aldrovandi (1522-1605), produzida, como ele bem afirma, em 1668.<sup>52</sup>

Como era prudente, as cartas destinadas com objetivo de estabelecer um contato eram, usualmente, comedidas nos pedidos naquela primeira investida. Além de tentar cativar o alvo com uma breve memória científica capaz de o situar em um entorno específico, o momento demandava muito mais demonstração de generosidade do que de interesses – um dos artificios mais recorrentes entre naturalistas e demais envolvidos no comércio de *naturalia* e *artificialia* baseados em trocas.<sup>53</sup> Quase uma garantia de êxito, presentear o destinatário era, talvez, o detalhe mais importante – para não se dizer necessário – destes protocolos de interlocução.

Não é descabido pensar que estes presentes eram uma seleção cuidadosa e muito bem selecionada de plantas, sementes, minerais e qualquer outra amostra de espécimes ou objetos, afinal, o objetivo era impressionar a parte contactada. Curiosamente, a retórica empregada não corresponde a esta imaginada atenta curadoria. Muito pelo contrário, a falsa modestia era um dos pilares que sustentavam a construção de uma carta com estes objetivos.<sup>54</sup> Ao dizer “o dito d<sup>n</sup> Joseph me pediu algumas plantas secas e sinto não poder encontrar-me com muitas e requintadas”, Jaume executa a manobra mais característica do comércio epistolar, pois sabia – ou ao menos espera – que seu presente iria agradar e que seu correspondente se interessaria por manter um contato com ele. E assim, para completar, humildemente se prontifica em satisfazer seus desejos e curiosidades caso suas intenções fossem correspondidas.

---

<sup>51</sup> Hermann, P. *Horti academici LugdunoBatavi catalogus exhibens plantarum omnium nomina quibus ab anno MDCLXXXI ad annum MDCLXXXVI hortus fuit instructus ut & plurimarum in eodem cultarum & a nemine hucusque editarum descriptiones & icones auctore Paulo Hermanno Lugduni Batavorum* [Leiden] apud Cornelium Boutesteyn 1687. Na biblioteca Salvador como 13/IV/1.

<sup>52</sup> Aldrovandi, U. *Vlissis Aldrovandi Dendrologiae natvralis scilicet arborvm historiae libri dvo sylva glandaria acinosvm[ue] pomarivm vbi ervditiones omnivm genervm vna cvm botanicis doctrinis ingenia qvaeqvqve non parvm ivvant et oblectant Ovidivs Montalbanvs opus svmmo labore collegit digessit concinnavit Bononiae [Bolonya] typis Io Baptistae Ferronii 1668. Na biblioteca Salvador como 12/VI/6.*

<sup>53</sup>

<sup>54</sup> Pardo-Tomás, 2010, p.43.

Esta carta é apenas um dos muitos exemplos que temos para corroborar com estas afirmações, que aparecerão em outros momentos ao longo destas páginas. Além dos motivos já expostos, ela traz à tona algumas características profissionais, intelectuais e políticas de Jaume Salvador i Pedrol que merecem ser destacadas. Primeiramente, a interessante conclusão, onde afirmar falar e entender diversas línguas – de fato comprovadas em outras cartas por ele redigidas em distintos idiomas e salvaguardadas no *Fons Salvador* – são resultados da já mencionada erudição de nosso personagem.

Se nos atentarmos para o ano em que foi escrita, 1693, muita coisa havia acontecido naqueles vinte e quatro anos que a distanciam do marco inicial das atividades de Jaume como mestre boticário e naturalista, e que são de suma importância para a construção e consolidação da sua rede de contatos.

Já mencionamos que logo após ser examinado pelos seus pares, em 1669, Jaume passou uma estância formativa em diferentes cidades francesas, como Montpellier e Marselha, ampliando e estreitando laços com novas amizades. De volta à Barcelona, sem ter muitas tarefas designadas na botica Salvador, Jaume disfrutava de tempo suficiente para se dedicar aos temas que envolviam o aprimoramento de seus próprios conhecimentos e ao enriquecimento das coleções e biblioteca familiar.<sup>55</sup>

Ao mesmo tempo em que ampliava seus círculos, se consolidando como um expert em botânica com reconhecimento internacional, Jaume também ia, aos poucos, conquistando prestígio social na própria Barcelona. De seu pai, herdou não somente o interesse pelo estudo das ciências naturais, mas também o envolvimento com a política local. Representando a máxima autoridade dentro do Grêmio de Boticários, Jaume foi designado cônsul da associação, em 1678,<sup>56</sup> antes mesmo de assumir o negócio familiar no lugar de seu pai.

O início da atividade comercial, frente à botica da rua Ample, aconteceria em 1681, com a morte de Joan Salvador i Boscà. E, três anos depois, em 1684, marcaria a sua entrada também para o Conselho de Cento, assumindo, pela primeira vez, um cargo dentro do governo municipal, no qual era responsável pelo controle da entrada de mercadorias na cidade e da cobrança dos direitos correspondentes. Na corporação permaneceria até a mesma ser abolida, em 1714, onde, ao longo destes anos, teria ocupado outros importantes cargos, como os de Jurado Artista (1688-1690; 1693-1695; 1698-1700 e 1701-1703), e o de Quinto

---

<sup>55</sup> Pourret, 1844; Bolós, 1959; Camarasa, 2011.

<sup>56</sup> Jordi-González, 2003.

Conselheiro (1697-1698), sendo indicado para este cargo outras duas vezes, em 1686 e 1689, respectivamente.<sup>57</sup>

Este envolvimento com o Colégio de Boticários e com o governo da Catalunha foi tanto a causa como o resultado da solidificação da figura de Jaume como personalidade ilustre da sociedade barcelonesa. Suas múltiplas ocupações o permitiram transitar por diferentes espaços – os quais teremos a oportunidade de discutir mais a fundo nos próximos capítulos –, dialogando com profissionais de diferentes áreas, de diferentes classes sociais e, também, de diferentes nacionalidades.

Vale lembrar que o período em que esteve comprometido com as atribuições do Conselho de Cento correspondem a momentos bastante conturbados da história da Catalunha. Muito do cosmopolitismo evidenciado na cidade está intimamente relacionado com o contexto bélico experimentado pela região. Durante toda sua vida, Jaume vivenciaria numerosas guerras, sobretudo com a França, como ele mesmo informou em sua carta a Paolo Boccone: “desde que há guerra não nos atrevemos receber nem enviar cartas a França”<sup>58</sup>, justificando a impossibilidade de se comunicar com correspondentes naquele país.

Da agitação característica destas situações faz constar a circulação de indivíduos pertencentes ao âmbito militar, tanto de forças aliadas como inimigas. Embora o período mais intenso tenha ocorrido durante a Guerra de Sucessão espanhola (1701-1715), com a instalação da corte de Carlos III (1685-1740) na cidade (1705-1711), muitos outros personagens haviam circulado por Barcelona e estado em contato com Jaume Salvador por diferentes razões. As suas inúmeras habilidades e funções o tornaram requisitado tanto para tratar de questões políticas, sendo mediador nas negociações entre as duas partes interessadas por seu já comentado nível de domínio de francês, como por aqueles que se interessavam por temas relacionados à história natural ou, ainda, por quem necessitasse adquirir os medicinais comercializados em sua botica.

Este foi o caso do mediador entre a comunicação de Jaume e Paolo Boccone, Giuseppe Auria. Cirurgião sênior das esquadras de galeras da Sicília, Auria teve a oportunidade de navegar toda a costa do Mediterrâneo ocidental entre, pelo menos, 1693 e 1700.<sup>59</sup> Interessado em botânica, estava bem relacionado com o círculo de prestigiosos naturalistas italianos, como Boconne, Francesco Cupani (1657-1710) e Giuseppe del Bosco

---

<sup>57</sup> Camarasa, *no prelo*, p. 4.

<sup>58</sup> Anexo 1.

<sup>59</sup> Camarasa, 2011, p. 122-128; Camarasa, *no prelo*, p.6-7.

(c.1640-1721) – o Príncipe della Cattolica –, todos nomes imprescindíveis para o desenvolvimento do estudo de plantas na Itália.<sup>60</sup>

Não sabemos exatamente quando teria se iniciado a relação entre o núcleo siciliano e o núcleo barcelonês, mais especificamente com Jaume Salvador. O primeiro documento que pudemos consultar que conecta as duas regiões mediterrâneas é, justamente, a carta supracitada do boticário catalão, escrita em 1693. A possibilidade de ter Jaume Salvador como mediador entre os dois botânicos de Montpellier, bem como sua retórica e o presente ofertado na ocasião, iriam triunfar, visto que, desde o envio daquela carta, não tardaria muito para que Jaume recebesse uma resposta de Boccone, satisfeito com o presente e contente por iniciar um contato epistolar e intercâmbios com o botânico de Barcelona.<sup>61</sup>

Da amistosa relação com os dois naturalistas italianos, Jaume também estabeleceria um vínculo com outros conterrâneos e amigos de seus novos correspondentes, como Giuseppe de Longo, Carlo Ventimiglia, além dos já citados Cupani e Del Bosco. Destes, apenas de Ventimiglia se conservou uma carta, o que não nos permite afirmar que os demais foram também correspondentes epistolares de Jaume. Mas, é certo que, ao menos indiretamente estiveram conectados, dada algumas menções contidas nas cartas dos demais colegas ou de testemunhos referentes a *ex – libris*, como é caso dos livros de Cupani presentes na biblioteca Salvador.<sup>62</sup>

Embora a Itália tenha tido um papel bastante importante tanto na aclimação quanto na divulgação de plantas americanas, disseminando as sementes de exemplares cultivados em seus jardins em intercâmbios com botânicos ao redor de toda a Europa<sup>63</sup>, não pudemos detectar nenhuma referência direta à natureza das Américas nos documentos que temos em mãos referentes a este núcleo de correspondentes.

Sabemos que tanto Cupani quanto Giuseppe del Bosco mantiveram – o primeiro com trabalho e o segundo economicamente – um jardim botânico na cidade de Milsimere, a poucos quilômetros de Palermo, conhecido como *Hortus Catholicus*, o qual viu florescer algumas espécies exóticas, inclusive americanas.<sup>64</sup> Em seu livro homônimo, Cupani lista as espécies cultivadas no seu jardim, seguidas de uma breve descrição de cada uma delas. Entre estas plantas referenciadas, podemos notar algumas americanas, como diferentes espécies do

---

<sup>60</sup> Sobre a botânica italiana, ver: Zalum-Cardon, 2008; Proietto, 2013.

<sup>61</sup> IBB, Fons Salvador, R.(00/01-03)a. Carta de Paolo Boccone a Jaume Salvador i Pedrol (03/12/1693), cf. Camarasa, *no prelo*. Para consultá-la na íntegra, ver Anexo 2.

<sup>62</sup> Na biblioteca Salvador constam duas obras de Francesco Cupani. Sendo elas: *Hortus catholicus* (1696) e *Supplementum alterum ad Hortum catholicum* (1697). Ambas possuem o mesmo registro: 14/IV/22.

<sup>63</sup> Montserrat; Ibáñez, 2008.

<sup>64</sup> Sobre o jardim botânico de Milsimere e o herbário de Cupani, ver: Pulvirenti *et al.*, 2015, p. 67-99.



gênero *Nicotiniana*,<sup>65</sup> que também constam no herbário preservado na Universidade da Catânia, atribuído ao botânico italiano.<sup>66</sup>

Um exemplar da primeira edição do *Hortus Catholicus* chegaria até as mãos de Jaume Salvador, quem, como indicado em seu *ex – libris*, o teria recebido diretamente do autor. Mesmo sem evidências explícitas sobre o intercâmbio de sementes ou plantas secas americanas entre os dois naturalistas, ao menos Jaume esteve em contato com o conteúdo americano das páginas escritas pelo siciliano.

A boa relação entre Jaume Salvador e Cupani pode ser sinalizada também no fato de este último ter atribuído ao naturalista e amigo catalão algumas descrições de plantas mediterrâneas em seu *Supplementum*, muito provavelmente, resultado dos espécimes facilitados desde Barcelona. Além do reconhecimento dos esforços empreendidos pelo colega, Cupani o descreve como “boticário barcelonês, homem generoso com todos que se aproximam a ele, assim como botânico de muito mérito”.<sup>67</sup>

A performance de Jaume lhe garantiria a admiração e respeito, também, dos demais colegas italianos. Em sua primeira carta a Jaume, Giuseppe Auria já sinalizava este encanto por parte de seus companheiros, dizendo que “muitos botânicos expertos ficaram admirados tanto de sua curiosidade e conhecimento, como das plantas que você enviou pelo senhor de Longo”.<sup>68</sup> Entre estes expertos citados por Auria estava Boccone que, extasiado pela qualidade da remessa citada, teria concluído que Jaume era um botânico “como não há dois no mundo”.<sup>69</sup> Este, igual que Cupani, ainda teria reforçado seu apreço pelo colaborador catalão ao ter o cuidado de mencioná-lo em seu livro como o responsável pela localização e facilitação de alguns espécimes mediterrâneos, se referindo a ele como “boticário virtuoso da cidade de Barcelona”.<sup>70</sup>

É interessante analisar a maneira como estas relações se estabeleciam e se solidificavam através da retórica e dos protocolos característicos da comunicação epistolar. Certamente, Jaume já tinha plenas condições de se impor como um botânico exemplar, por méritos próprios. Ainda que tivesse uma capacidade intelectual no mesmo nível que de seus

---

<sup>65</sup> Cupani, 1697, p.152.

<sup>66</sup> Folha de herbário número 103. Consultado em: Pulvirenti *et al*, 2015, p.91.

<sup>67</sup> Cupani, F., 1697, p. 23.

<sup>68</sup> IBB, *Fons Salvador*, R.(00/01-01)a. Carta de Giuseppe Ausia a Jaume Salvador i Pedrol (12/05/1694), *cf.* Camarasa, *no prelo*. Para consultá-la na íntegra, ver Anexo 3.

<sup>69</sup> Anexo 3.

<sup>70</sup> Boccone (1697, p. 138). *Museo di piante rare della Sicilia, Malta, Corsica, Italia, Piemonte e Germania...; con l'appendice ad libros de plantis Andreae Cesalpini e varie osservazione curiose con sue figure in rame*. Este exemplar consta atualmente na biblioteca Salvador sob registro 13/V/20.

colegas, estes pertenciam a um círculo com bastante tradição e renome na rede científica da Europa moderna.

Diferentemente do que acontecia na Itália, Barcelona não era uma cidade com tradição universitária no estudo da história natural. Isto a colocava em uma posição que se julgava desfavorável em relação a outras cidades que foram *centro* das correntes intelectuais de vanguarda. O exemplo de Jaume é extremamente relevante para afirmar que mesmo em meio a adversidades geográficas, cidades que não costumam aparecer no mapa das ciências da natureza moderna também foram cenário de uma extraordinária atividade científica, graças a dedicação e comprometimento de personagens como os boticários da família Salvador.

Por estas razões, inicialmente, ao se apresentar, julgava conveniente recorrer à fama e influência que alguns de seus contatos e amigos disfrutavam na rede internacional. Se voltarmos para a primeira carta de 1693, Jaume ressalta, além da sua estreita relação com os mestres de Montpellier, um vínculo muito próximo com Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), de quem afirmava ser um grande amigo. O presente enviado por Jaume, possivelmente, teria agradado por si só a Boccone, mas destacar o nome de Tournefort na sua carta de apresentação reforçava ainda mais a credibilidade de seu trabalho, pois o conectava com nomes indiscutivelmente importantes para o estudo e desenvolvimento da botânica daquele período e, conseqüentemente, Jaume se legitimaria como alguém que merecia uma atenção especial.

De fato, a menção a Tournefort não foi ignorada, visto que o próprio Boccone diria a Jaume em sua resposta que “eu tive um grande prazer de conhecer V.S. por via de carta e vejo que V.S teve uma boa escola principalmente por ter praticado com senhor Tournefort, que é um literato e um botânico de grande saber”.<sup>71</sup> Este exemplo é bastante didático para demonstrar como funcionava a dinâmica das redes, e entender como alguns personagens podiam, facilmente, se converterem em contatos interessantes simplesmente pelo fato de revelarem com quem estavam relacionados – uma estratégia dupla que tanto validava quanto criava possibilidades.

É interessante notar que o mediador entre Jaume e Boccone foi Giuseppe Auria que, como já apontado, pertencia ao círculo de botânicos e naturalistas comandado pelo próprio Boccone e por Francesco Cupani, mas, ainda assim, Jaume faz questão de citar uma pessoa que julgava ser uma autoridade reconhecida internacionalmente. Mesmo na carta de Boccone, em nenhum momento, Auria foi citado, diferentemente do que aconteceu com Tournefort.

---

<sup>71</sup> Anexo 2.

Estes detalhes são bastante importantes para o desenvolvimento desta tese, uma vez que pretendemos reconstruir uma parte da rede de contatos da família Salvador, ou seja, aquela que os conecta com o conteúdo americano de suas coleções.

Como explicado, os documentos remanescentes da correspondência de Jaume Salvador com o núcleo italiano não sinalizam a facilitação de *americana*, mas futuramente, assim como Tournefort foi peça relevante na conexão entre os dois núcleos, o próprio núcleo italiano se configuraria em referência importante para que estes materiais chegassem à rebotica da rua Ample, através de outros contatos estabelecidos, de alguma maneira, por esta relação. Esta era a dinâmica da rede. Ninguém exercia um único papel. Uma vez nela inserido, o personagem seria tanto uma referência, quanto um mediador, um solicitante, um facilitador. Seus membros estiveram em constante atividade, conectando seus gabinetes e suas coleções com outros ao redor da Europa, lançando mão destes protocolos, destas múltiplas conveniências.

Assim como os italianos, Joseph Pitton de Tournefort continuaria a ser uma figura de suma importância também para o primogênito de Jaume, o responsável por reunir substancialmente o conteúdo americano das coleções familiares, como veremos mais adiante. Já tivemos a oportunidade de ver que Jaume e Tournefort foram discípulos de Magnol quando estiveram em Montpellier. Tudo indica que suas estâncias na cidade não coincidiram, já que, em 1680 Tournefort realizaria uma viagem com destino a Valência, levando consigo cartas de recomendações de seus mestres, visando ser acolhido na casa da família Salvador, em Barcelona. Nesta época, Joan Salvador i Boscà ainda estava vivo, o que permitiu que Jaume pudesse acompanhar o jovem prodígio estudante de medicina em seu percurso pela Espanha, oportunidade que promoveria o florescer de uma grande amizade entre ambos.<sup>72</sup>

Esta não foi a única vez em que Tournefort esteve em terras catalãs, muito menos hospedado na residência dos Salvador. Oito anos depois, já como demonstrador de botânica do *Jardin du Roi*, em Paris, lhe foi encomendada uma viagem oficial pela Península Ibérica, a qual lhe permitiu visitar novamente o seu amigo em Barcelona. Nesta ocasião, algumas coisas haviam mudado no âmbito familiar, já que Jaume havia constituído família, fruto do matrimônio com Eulália Riera i Martí, filha de um cidadão honrado na cidade. Naquela época Jaume também já estava no comando dos negócios familiares, pois seu pai havia morrido no mesmo ano em que Tournefort passaria pela primeira vez por Barcelona.

---

<sup>72</sup> Remeto a Camarasa, 2011; 2016.

Mesmo com atribuições profissionais e familiares mais contundentes, Jaume não deixou de acompanhar seu amigo nas herborizações pela Catalunha e pelo reino de Valência.<sup>73</sup> Esta segunda visita de Tournefort foi muito mais larga que a anterior, permanecendo, entre idas e vindas para cidades ao redor, um total de dois meses – entre setembro e novembro de 1688. Esta seria a última vez que Jaume e Tournefort estariam juntos pessoalmente, mas as relações amistosas e científicas entre o botânico e os Salvador se estenderia ao primogênito de Jaume, que, futuramente, passaria uma temporada em Paris hospedado na casa de Tournefort, fortalecendo ainda mais esta amizade.

Ao longo de suas vidas, os três naturalistas atuaram em um intenso intercâmbio de materiais que enriqueceram não apenas as suas coleções, mas também os seus conhecimentos pessoais. A constante conexão entre as duas cidades, Barcelona e Paris, pode ser comprovada através das *exsiccatas* conservadas no herbário Salvador provenientes tanto do *Jardin du Roi*, quanto enviadas pelas mãos de Tournefort.<sup>74</sup>

Por outro lado, pai e filho teriam facilitado centenas de amostras de plantas e sementes mediterrâneas para o célebre botânico francês, como consta nas suas coleções pessoais salvaguardadas pela *Académie de Science de Paris*.<sup>75</sup> Tournefort também não foi omisso a essa cumplicidade e devoção de seu velho amigo, exaltando-o como “*gentis sua phoenix*”<sup>76</sup>, naquela que seria uma das maiores referências para classificação nominal das plantas do período pré-linneano.

Embora a documentação manuscrita entre ambos tenha sobrevivido aos infortúnios do tempo, seu conteúdo ainda está por ser revelado, já que as cartas se encontram em processo de restauração. Porém, estas não deixam se ser, sem dúvidas, mais uma prova desta íntima e duradoura amizade, que permaneceria inabalável até a morte de Tournefort, em 1708.

Pelas razões já discutidas anteriormente, ter Tournefort tão próximo foi mais um dos motivos que permitiram aos nossos personagens ampliarem sua rede de contatos científicos. Como já sinalizado, Jaume teve oportunidades que o proporcionaram se transformar em um ilustre personagem de distintas e reconhecidas habilidades em diferentes espaços, tanto local como internacionalmente. No final do século XVII, o sobrenome Salvador estaria impresso então não apenas nas *Instituições* de Tournefort, mas também entre os círculos intelectuais de

---

<sup>73</sup> Camarasa, *no prelo*.

<sup>74</sup> Em sua tese doutoral, Neus Ibáñez (2003) fornece, em apêndice, uma lista de todas as plantas – organizadas em ordem alfabética a partir de sua classificação binominal – que formam parte do herbário da família Salvador, com a transcrição das etiquetas correspondentes. Em algumas delas podemos encontrar a inscrição “*ex dono Tournefort*”, indicando a procedência daquele material, como, por exemplo, as exicatas de “*Cedrus folio Cupressi, media majoribus (Juniperus Lycia L.)*”, descrito na posição 3650, na página 258.

<sup>75</sup> Camarasa, 2011.

<sup>76</sup> Tournefort (1700, p.65). *Institutiones Rei herbariae*.

todo o continente. Os contatos iniciados e mantidos por Jaume ao longo destes anos abririam muitas portas para seu filho mais velho, Joan Salvador i Riera (1683-1726), que se revelaria o personagem mais ativo e de maior atividade científica da família, superando até mesmo o seu pai.

### **1.3. A formação de um naturalista: Joan Salvador i Riera e os antecedentes do projeto de internacionalização do gabinete.**

Nascido em de 1683, Joan Salvador i Riera [Imagem 2] foi o primeiro filho de Jaume Salvador e Maria Eulália Riera. Mais velho entre 5 irmãos, Joan disfrutou desde muito cedo de todas as vantagens que um primogênito homem tinha na sociedade catalã do período. Herdeiro por direito, Joan estava destinado a ser o sucessor de seu pai nas competências profissionais e familiares, tal como havia acontecido com seu pai e seu avô.

Não é difícil vislumbrar o privilegiado ambiente em que Joan cresceria, rodeado de todo o universo intelectual no qual seu pai estava inserido. Desde muito cedo esteve em contato com os temas da história natural, acompanhando de perto as novidades em livros, plantas e toda sorte de materiais que chegavam ao seu endereço e enriqueciam as coleções familiares. Não parece absurdo pensar que estes espécimes e objetos que carregavam consigo uma essência intrinsecamente curiosa cativassem a um jovem em fase de descoberta e que, mesmo com um futuro “pré-destinado” profissionalmente, funcionassem como verdadeiros estimuladores do que se revelaria uma paixão à qual se dedicaria com total diligência e entusiasmo durante toda sua vida.

Os privilégios de Joan não se limitaram à aura culta e erudita que envolvia o âmbito familiar do qual procedia. Igual à experiência vivida por seu pai na juventude, estava privado de assumir responsabilidades relacionadas à administração da botica tão cedo, o que lhe dava total liberdade para se dedicar exclusivamente aos seus estudos e também para viajar – práticas que se converteriam em tradição entre os Salvador.

A posição alcançada por Jaume entre importantes naturalistas da época, o permitiram proporcionar ao seu primogênito – e também a Josep, seu segundo filho – uma formação ainda melhor da que ele mesmo havia tido décadas antes. Assim, já com um curso em Filosofia, e ainda aos 17 anos, Joan se graduaria em Artes pela Universidade de Barcelona, em 1700. A partir deste mesmo ano passaria a se dedicar exclusivamente aos temas relacionados à história natural e à farmácia, praticando ao lado de seu pai, que seria o seu padrinho dentro do Colégio de Boticários. Passados os dois anos de práticas, Joan seria

examinado e admitido pela instituição, obtendo o grau de mestre boticário e a licença para exercer o ofício.<sup>77</sup>

Seguindo os passos do pai, e pelas mesmas razões que já conhecemos, daria início a uma viagem que duraria pouco mais de dois anos. Como esperado, o destino inicial do recém boticário seria Montpellier, onde ainda exercia o grande amigo e mestre de seu pai, Pierre Magnol. Diferentemente do passado, nesta ocasião, Magnol estava vinculado à universidade, depois de ter se convertido ao catolicismo, onde prosseguia com seus cursos de botânica. Além de assistir ao curso impartido por Magnol, Joan teve a oportunidade de praticar ao lado de destacados botânicos e naturalistas, como por exemplo Pierre Joseph Garidel (1658-1737) e Guillaume Nissole (1647-1734), com quem, além do próprio Magnol, estabeleceria fortes vínculos.

Desta estância em Montpellier devemos destacar a amizade que Joan iniciaria com Antoine de Jussieu, um jovem botânico procedente de Lyon que se revelaria um notável naturalista e, também, um grande amigo com quem Joan dividiria, quase uma década depois, distintas e interessantes experiências, das quais nos ocuparemos mais adiante.<sup>78</sup>

Seguindo com sua peregrinação científica, Joan marcharia em direção à capital francesa, onde era aguardado por Tournefort – que o acolheria em sua casa, retribuindo à gentileza feita por seu pai e também por seu avô muitos anos atrás. Uma vez em Paris, além de aprender de maneira tão próxima com os conhecimentos de Tournefort, Joan teria visitado os espaços mais ativos e proeminentes que a cidade ofertava, permitindo-o ampliar ainda mais o leque de contatos de possíveis correspondentes.

Desafortunadamente, a passagem por Paris teve de ser interrompida ao ser anunciado o conflito entre a França e a Espanha, dando início à Guerra de Sucessão, que se estenderia pelos próximos anos. A situação de Joan poderia se complicar já que, repentinamente, havia se convertido em um inimigo em solo francês. Assim, a modo de evitar qualquer problema, Jaume Salvador pediria que o filho retornasse à casa. Para desviar da insegura fronteira entre os dois países, que se transformava em um verdadeiro campo de batalha, a solução foi ir até a Itália e, então, voltar para Barcelona pelo mar.

Não é possível concluir se a rota foi de fato alterada ou se visitar a Itália já estava nos planos de Joan e apenas teve de ser adiantada. Seja como foi, muito provavelmente, a boa relação que Jaume mantinha com alguns naturalistas italianos deve ter assegurado o

---

<sup>77</sup> As referências consultadas para informações biográficas dos membros da família Salvador seguem sendo as mesmas mencionadas no início deste capítulo (Pourret, 1844; Bolós, 1959; Camarasa, 2011, etc.).

<sup>78</sup> Sobre Antonie de Jussieu e as contribuições de sua família para a botânica e história natural francesa, ver: Audelin, 1987.

acolhimento de seu filho naquele país. Não se sabe muito sobre esta passagem de Joan pela Itália. As poucas informações conhecidas até o momento são extraídas de referências dispersas contidas nas cartas que ele enviaria a seus correspondentes em diferentes momentos de sua vida.

Não podemos perder de vista que as viagens formativas tinham propósitos bastante definidos. A busca por atualização era uma constante na vida destes estudiosos.<sup>79</sup> Estar em contato com as novidades, tanto da natureza em si como de toda teoria que envolvia o seu estudo, consistia no objetivo mais primordial daqueles que se dedicavam ao estudo da história natural. Este intercâmbio de experiências passava, invariavelmente, pela prática, pelos métodos e ações que auxiliavam a observação e permitiam a construção de um pensamento.<sup>80</sup> Com um mundo natural que demonstrava não haver limites à cada amostra de espécies que alcançava a Europa proveniente dos territórios coloniais, algumas alternativas tiveram de ser desenvolvidas por estes naturalistas que se dedicavam ao inesgotável trabalho de organizar a natureza. O crescente intercâmbio de sementes e mudas de plantas colocadas em circulação por diferentes agentes da rede permitiram que jardins de toda a Europa vissem florescer espécies exóticas e raras, fazendo destes espaços verdadeiros laboratórios de pesquisa.

Com uma longa tradição em jardins, a Itália se destacava entre os países europeus pelo seu interesse e trabalho com as espécies exóticas, inclusive com a flora da América. Da experiência resultante desta tradição, muitos botânicos e naturalistas italianos se transformaram em referências no cultivo de plantas americanas, em boa parte pelas exitosas técnicas empregadas no processo de aclimação.<sup>81</sup>

Neste contexto, Joan pôde aprender de perto sobre as teorias e os métodos de jardins, visto que visitou o Jardim Botânico da Sapienza, em Roma, onde esteve ao lado de Giovanni Battista Trionfetti (1658-1708), aclamado botânico e diretor daquele jardim. Além da capital italiana, Joan também esteve no Jardim Botânico da Universidade de Pisa, na companhia de Michelangelo Tilli (1655-1740), diretor do jardim e responsável pela cátedra de botânica da universidade.<sup>82</sup> Embora não se pode afirmar que com ambos tenha mantido algum tipo de contato após sua partida, se encontram diversas referências de plantas facilitadas por estes botânicos no herbário Salvador, inclusive de flora exótica, mais especificamente da África e da Ásia.<sup>83</sup> O período ao lado destes personagens deve ter estimulado ainda mais Joan a aplicar

---

<sup>79</sup> Sobre as viagens realizadas com este propósito, ver: Simões; Carneiro & Diogo (eds.), 2013.

<sup>80</sup> Sobre os métodos de observação e descrição da natureza, ver: Ogilvie, 2016.

<sup>81</sup> Zalum-Cardon, 2008.

<sup>82</sup> Camarasa, 2011; Ibáñez, Montserrat, 2008.

<sup>83</sup> Ibáñez, 2003.

todo o conhecimento adquirido no jardim particular que a família mantinha, onde, futuramente, também floresceriam plantas exóticas, inclusive americanas.

Depois destes anos de experiência no exterior Joan finalmente embarcaria de volta a sua cidade natal, levando consigo uma bagagem vigorosa tanto em aprendizado quanto em materiais e deixando para trás a admiração e o respeito daqueles com quem esteve em contato, reforçando ainda mais a posição – e a indissociável relação – de Barcelona e de seu sobrenome na rede científica europeia, graças a sua prodigiosa atividade científica.

#### **1.4. Articulando a rede *americana*: ilustres personagens, estratégias e conveniências.**

De volta à Barcelona, Joan encontraria um cenário bastante diferente daquele que havia vivido antes de sua viagem. Com a eclosão da guerra, Barcelona foi escolhida como cidade-sede da corte de Carlos III, que nela se estabeleceria acompanhado por um extenso cortejo composto pelos representantes das forças aliadas. Os apoiadores do candidato austríaco foram a Inglaterra, os Países Baixos e Portugal, que viam na figura de Felipe V, o candidato francês ao trono, uma ameaça latente aos seus interesses comerciais, já que a França poderia, como mínimo, interferir em seus respectivos domínios coloniais.

Assim, até metade da segunda década do século XVIII, enquanto o conflito não se resolvia, Barcelona foi destino de diferentes personagens que exerceriam diferentes papéis nesta conjuntura. Cirurgiões, boticários, médicos, oficiais, embaixadores em serviços militares ou diplomáticos movimentaram a cidade, proporcionando um cosmopolitismo nunca antes vivenciado na cidade.<sup>84</sup>

A família Salvador não ficaria alheia à esta agitação. É válido relembrar que Jaume Salvador i Pedrol tinha uma participação ativa na política local, fato que por si só seria suficiente para inserí-lo no centro das agitações.<sup>85</sup> Porém, como já bem discutiremos sobre suas aspirações intelectuais e inclinações profissionais, Jaume faria deste quadro, uma oportunidade.

Não é novidade que o estudo da história natural durante a primeira modernidade foi um tema de interesse não apenas daqueles que tinham nas plantas a base de seu ofício. Compreender e lidar com a natureza estava nos objetivos de todos aqueles que pudessem, de alguma maneira, tirar algum proveito deste empreendimento. Em realidade, o mundo natural representava um universo muito amplo e diverso, que permitia infinitas possibilidades.

---

<sup>84</sup> Garcia Espuche, 2010; 2014.

<sup>85</sup> Camarasa, 2011; 2016.



Associar o interesse de boticários por plantas única e exclusivamente ao fato de que sua atividade pressupõe a manipulação de simples, por exemplo, pode ser uma leitura reducionista da multiplicidade de papéis que um único personagem podia exercer ao longo de sua vida.<sup>86</sup> Quero dizer, o envolvimento de um boticário com a natureza poderia estar, além do trabalho com as drogas, nas coleções de espécimes coletados e intercambiados com outros colegas interessados, na compra e leitura de livros especializados, no compartilhar de informações, no papel de mediador, ou seja, de colocar em circulação conhecimentos que não necessariamente o envolviam na discussão, mas que invariavelmente passava por suas mãos.

O mesmo se pode dizer de militares e oficiais que trataram de coletar informações e materiais dos diferentes espaços por onde passavam, facilitando-os tanto para estes colecionadores, quanto para seus superiores, seja por ordens maiores ou por interesses particulares, cujos objetivos também variavam exponencialmente.

Diante da magnitude e da complexidade de envolturas e interesses no estudo da história natural, não é difícil pensar que boa parte destes estrangeiros estabelecidos ou de passagem por Barcelona tomassem conhecimento da figura de Jaume Salvador e de suas atividades como naturalista e colecionador. Através do estudo biográfico realizado por Pourret, bem como por meio da documentação conservada, pudemos conhecer a identidade de alguns destes personagens que visitaram o gabinete de curiosidades que os Salvador mantinham no espaço traseiro de sua botica. Entre eles, destacamos os médicos oficiais do arquiduque Carlos, como os italianos Piu Nicola Garelli (1675-1739) e Gabriele Longobardo (1660-1747), assim como os médicos responsáveis pelo hospital de campanha na Catalunha, o inglês John Freind (1675-1728)<sup>87</sup> e o holandês Jean Polus Lecaan (*fl.* 1684-1721), sendo este último especialmente interessante para nossa discussão e de quem voltaremos a falar muito em breve.

A convivência com estes personagens, significou estar também atualizado e bem informado com novas correntes intelectuais, além da ampliação das redes de contato, visto que, basicamente, as relações científicas de Jaume, e também de seu filho Joan, eram, até o momento, mantidas com correspondentes italianos e franceses, sendo que com estes últimos a comunicação foi praticamente suspensa durante os anos da guerra.

Assim, quando Joan chegaria à sua cidade natal, encontraria a rebotica da rua Ample transformada em um espaço de encontro entre estes diferentes personagens que tanto visitavam as coleções quanto participavam ativamente das tertúlias científicas promovidas por

---

<sup>86</sup> Egmond, 2008; Pugliano, 2018.

<sup>87</sup> Pourret, 1844, p.12.

seu pai.<sup>88</sup> Automaticamente, Joan se viu inserido em um cenário propício para solidificar tanto sua posição enquanto destacado naturalista entre os visitantes, como para projetar-se na rede que agora conectava o seu gabinete com outras partes da Europa.

Impossibilitado de manter contato epistolar com seus colegas na França, Joan aproveitaria a aproximação com os novos companheiros de tertúlias para estabelecer alguns contatos que se mostrariam especialmente frutíferos para o enriquecimento de seu gabinete de curiosidades. Pode-se dizer que seu pai, embora tivesse uma participação ativa na aquisição de novos materiais para a ampliação das coleções familiares, dedicava-se mais consistentemente à atualização da biblioteca e também no caráter, digamos, diplomático da coleção. Em outras palavras, Jaume representava o alicerce que sustentava a coleção, exercendo tanto o papel de provedor financeiro quanto diplomático da família, sendo uma base sólida para que Joan pudesse se arriscar e desenvolver suas múltiplas habilidades, melhorando a influência do sobrenome Salvador e aumentando significativamente as coleções da família.

Enriquecer o gabinete de curiosidades particular foi um dos grandes projetos de Joan, fato que se comprova em diversas cartas escritas por ele, das quais algumas serão aqui analisadas. Conhecer a natureza de perto, manipular os espécimes e ordená-los de acordo com a Criação foram uns dos objetivos epistemológicos de naturalistas como Joan e seus familiares. O caráter intrínseco de curiosidade que toda novidade apresenta, a ambiguidade do desconhecido permearam os estudos científicos da época.<sup>89</sup>

Ao longo dos séculos XVI e XVIII, as relações comerciais e científicas se estreitaram consideravelmente ao redor do mundo natural. Elementos de toda a natureza das novas possessões territoriais europeias foram exploradas pelos boticários, médicos, militares e outros agentes do poder colonial, que foram enviados aos trópicos com o fim de informar sobre as novas espécies tanto em seus usos nas medicinas locais como de suas possibilidades comerciais em escala global. As embarcações que cruzavam os oceanos facilitaram a circulação destes novos conhecimentos exercendo uma considerável influência sobre o fluxo das informações sobre a matéria médica e a história natural, assim como sobre as mesmas espécies e produtos exóticos. Assim, podemos dizer que estas redes comerciais acabaram moldando a maneira como a ciência era feita até então.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup> Pardo-Tomás, 2014.

<sup>89</sup> Pomian, 1983; Daston & Park, 1998; Daston, 1995.

<sup>90</sup> Delbourgo; Dew (eds.), 2008; Cook & Walker, 2013.

Vale ressaltar que a noção de “exótico” não se aplicava apenas aos elementos da natureza colonial. Alguns lugares da própria Europa eram considerados exóticos e despertavam o interesse de muitos naturalistas que os desconheciam.<sup>91</sup> Este pode ter sido o caso da Catalunha, especialmente da região dos Pirineus e ainda das Ilhas Baleares. A convergência destes distintos universos curiosos, esbarra, inevitavelmente, na figura de Joan Salvador. Numa via de mão dupla, Joan era capaz de oferecer amostras daquilo que tinha em mãos, a natureza mediterrânea, em troca de amostras exóticas de lugares remotos, dentre os quais nos ocuparemos especificamente de seu interesse pela natureza americana.

O primeiro contato epistolar iniciado por Joan Salvador que o conecta diretamente com o desafio de enriquecer a coleção de *americana* do seu gabinete do qual temos provas documentais, foi com o boticário e naturalista londrino, James Petiver (c. 1663-1718). Proprietário de uma das principais e mais movimentadas boticas da capital inglesa da época, Petiver é um dos exemplos mais destacados pela historiografia destes boticários que encenaram diversos papéis e transitaram por diferentes espaços com a finalidade de enriquecer suas coleções e seu conhecimento em história natural.<sup>92</sup> Assim como para muitos naturalistas contemporâneos a ele, a natureza ainda inexplorada e, portanto, curiosa das Américas permeava o seu imaginário, tornando-se conseqüentemente objeto de seu interesse.

Através dos agentes envolvidos no comércio colonial inglês, Petiver movimentou um empreendimento paralelo, cooptando diferentes personagens com interesses distintos com este negócio. Boa parte dos correspondentes e fornecedores coloniais de Petiver eram homens cujos interesses em história natural eram secundários àqueles que justificavam sua presença nas colônias.<sup>93</sup> Paralelamente à execução de seus trabalhos oficiais, capitães de embarcações, boticários, cirurgiões e militares também recebiam e escreviam cartas informando sobre os descobrimentos e peculiaridades em relação à natureza daqueles lugares, alimentando as expectativas e as coleções daqueles que permaneciam no velho continente.<sup>94</sup>

Por sua participação ativa nesta rede internacional de comércio de *naturalia* e também pelo seu envolvimento com os nomes mais ilustres da ciência, especialmente da botânica, Petiver se mostrava como uma figura fundamental para os objetivos de Joan Salvador. Considerando que Joan havia acabado de voltar de uma viagem na qual pôde se inteirar dos mais recentes assuntos no campo da história natural e que compartilhava experiências constantemente com os tertulhões ingleses, muito provavelmente estivesse atualizado sobre a

---

<sup>91</sup> Hafstein, 2003.

<sup>92</sup> Sobre James Petiver ver: Stearns, 1952; James, 2004; Kinukawa, 2004; Kroupa, 2015.

<sup>93</sup> Stearns, 1952, p. 291.

<sup>94</sup> Delbourgo, 2012, p.738.

atividade científica de Petiver. O contato foi uma iniciativa de Joan, que escreveu uma carta na véspera do natal de 1706, consistindo não apenas na primeira carta que marcaria o início de uma duradoura relação entre ambos, mas também o primeiro documento que comprova a atividade de Joan relacionada com o comércio de espécimes americanos.

A carta de Joan Salvador é interessante, também, por sintetizar boa parte dos artifícios de retórica, bem como das normas de condutas já percorridas e que antecipam algumas estratégias empregadas ao longo da correspondência não somente entre Salvador e Petiver, mas com muitos outros personagens. A autopromoção, recurso também já empregado por seu pai, foi uma das táticas levadas em consideração pelo jovem boticário catalão, ao contactar Petiver, dizendo: “faz dois meses que regressei da França e da Itália, onde permaneci dois anos com o único objetivo de estudar as plantas. Em Montpellier tive a honra de falar com o senhor Nissolle sobre vossa ciência botânica, assim como com o senhor Tournefort, em Paris”<sup>95</sup>, reforçando “de ambos sou muito amigo e mantemos comércio de plantas, assim como também com o senhor Triumfetti e o senhor Tilli”<sup>96</sup>. Além de demarcar o seu círculo de atuação, este tipo de apresentação também contribuía para atestar a credibilidade de sua performance e interferir a seu favor ao propor uma parceria com aquele novo contato, como faria na sequência: “desejaria, senhor, manter com você o mesmo comércio, oferecendo-lhe tudo aquilo que de mim dependa”. Para certificar a qualidade de seu trabalho e se posicionar como um contato promissor, Joan Salvador enviaria amostras de alguns dos materiais que poderia facilitar a Petiver “compartilharei com você as nossas belas plantas da Catalunha, das quais lhes envio as que pude recolher desde meu regresso, mas no ano que vem procurarei recolher muitas mais”<sup>97</sup>. Como discorremos ainda há poucos, se tratando de um primeiro contato com intenções bastante definidas, não seria descabido considerar que as amostras facilitadas – embora anunciadas como uma coleção reunida muito de improviso – tenham sido selecionadas com atenção e cuidado, afinal, elas tinham a função de demonstrar o quão vantajoso o comércio proposto poderia ser para Petiver. Por outro lado, Joan Salvador também sinalizaria o que gostaria de receber em troca “peço-lhe, senhor, que tenha a bondade

---

<sup>95</sup> Londres, British Library [a partir de agora BL, MS-Sloane 4064, f.124. Carta de de Joan Salvador a James Petiver (24/12/1706). A correspondência epistolar mantida entre Joan Salvador e James Petiver, assim como outros personagens pertencentes ao núcleo inglês, como Hans Sloane e Jean Lecaan foi transcrita, traduzida, analisada e publicada por Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez em diferentes artigos. Esta carta, em específico, encontra-se em Camarasa; Ibáñez, 2007, p.166. A tradução para o português é minha. Para consultar o documento original transcrito na íntegra, ver Anexo 4.

<sup>96</sup> Anexo 4.

<sup>97</sup> Anexo 4.

de compartilhar também comigo as plantas e outras curiosidades que recebem das Índias, como conchas, mariposas e outras, já que sou um grande apaixonado de seu estudo”<sup>98</sup>

Assim, lançando mão das conveniências de escrita, bem como das normas de condutas já discorridas, sobre reforçar a sua posição entre botânicos destacados e presentear o destinatário com amostras do que pode oferecer, esta carta de Joan é bastante clara no seu objetivo: propor um comércio recíproco, onde, em troca de “qualquer coisa compreendida em História Natural”<sup>99</sup> que pudesse ser encontrada na Catalunha, receber as “plantas e outras curiosidades” que chegavam das Índias para Petiver.

Provavelmente, as informações e materiais aportados por Joan devem ter sido suficientes para despertar em Petiver o interesse em se corresponder com o naturalista de Barcelona. A partir deste primeiro contato, seguiram-se um intercâmbio substancial de cartas e materiais que seria praticamente ininterrupto – ainda que sofrendo com as consequências do contexto beligerante, como veremos – até a morte de Petiver, em 1718.

A carta teria alcançado o destinatário três meses depois e foi respondida por Petiver naquele mesmo ano,<sup>100</sup> embora não esteja conservada entre os documentos manuscritos do Fondo Salvador. A primeira carta de Petiver que temos conservada data de 1708, na qual ele próprio adverte “embora eu não tenha tido uma resposta para a minha última”<sup>101</sup>, permitindo as suposições interpretativas de que a referida carta nunca tenha chegado às mãos de Joan Salvador ou, ainda, que o boticário catalão não tivesse respondido e o documento teria se perdido ao longo dos anos. Esta última opção não parece muito lógica, visto que foi Joan quem contactou Petiver e, provavelmente, esperava por sua resposta. Vale lembrar que estas cartas foram escritas em meio à guerra de sucessão espanhola, e não seria nada absurdo se tivesse se desviado da rota e ficado pelo meio do caminho.

Dos diferentes temas abordados por Petiver, destaca-se uma remessa de espécimes que ele informava ter enviado a Salvador, que consistia em “uma coleção de cerca de 100 plantas secas, com 20 samambaias e 30 musgos ingleses, 40 gramíneas das Índias orientais, *cyperus* e juncos e o resto de romeiras e *officinalis* americanos etc. com 25 borboletas inglesas e algumas americanas”.<sup>102</sup> Além destas amostras, o envio estava composto, também, por “10 centúrias do meu *Museum* e um catálogo do primeiro volume do meu *Gazophylacium Naturae et Artis* com 4 ou 5 tabelas de tais plantas, crustáceos, conchas e etc. que devem ser

---

<sup>98</sup> Anexo 4.

<sup>99</sup> Anexo 4.

<sup>100</sup> Camarasa; Ibáñez, 2007, p.143.

<sup>101</sup> IBB, *Fons Salvador*. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (21/04/1708), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p. 143. Para consultar o documento na íntegra, ver Anexo 5.

<sup>102</sup> Anexo 5.

encontrados em suas partes e que eu ficaria feliz em vê-los”.<sup>103</sup> Esta passagem mostra que, ao mesmo tempo em que se fornecia os materiais desejados pelo correspondente do outro lado – dos quais sublinhamos os medicinais e as borboletas americanas – se relacionava todos aqueles também de seu próprio interesse, como ele dizia indicar nos catálogos enviados.

Quase sempre essa estratégia era tríplice, sendo finalizada pela promessa de estar reunindo outros itens de interesse, incentivando assim, o seu correspondente atender ao seu pedido: “e eu retornarei assim que recebê-las uma coleção curiosa de conchas indianas que estou preparando para você assim como um livro ou dois de plantas secas da África e de ambas as Índias, com várias outras coisas”<sup>104</sup>, promessa que nem sempre se cumpria, como veremos mais adiante, mas exercia o papel de “memória conveniente”, nas palavras de Valentina Pugliano.<sup>105</sup>

Muito provavelmente, o interesse de Petiver em manter um contato com Joan não era apenas pelos materiais que este poderia lhe facilitar. Na sua carta de apresentação, Joan destaca a amizade com personagens bastante conhecidos, como Joseph Pitton de Tournefort e Guillaume Nissolle. A reputação e a posição que ambos ocupavam, interessava a Petiver pelas inúmeras possibilidades que uma comunicação com os dois naturalistas podia representar.<sup>106</sup> Possibilidades estas que ele conhecia bem, visto que Petiver já havia estado em contato com os dois naturalistas franceses alguns anos atrás.<sup>107</sup>

Esta tentativa de uma possível reaproximação é bastante evidente nesta mesma carta de Petiver, onde diz “deixe-me saber sobre a saúde do Dr. Nissolle e se você mantém uma correspondência com ele eu desejaria que você desse a ele meus respeitos e envie-lhe uma lista das plantas que você não pode me ajudar, fora do catálogo de Magnol”.<sup>108</sup> E, para completar, recorre ao apelo tático da promessa, pedindo a Joan “deixe-o saber que eu irei pela próxima oportunidade enviá-lo uma coleção de algumas coisas que se esforçam para merecer qualquer coisa que ele me enviar através de suas mãos”.<sup>109</sup>

---

<sup>103</sup> Anexo 5.

<sup>104</sup> Anexo 5.

<sup>105</sup> 2012, p. 716 -726.

<sup>106</sup> Pardo-Tomás, 2010, p.42-43.

<sup>107</sup> Entre os manuscritos salvaguardados pela British Library, conservam-se três cartas de Tournefort a Petiver, escritas entre 1699 e 1704 (MS 4082, f.307; MS 4063, f.11; MS 4064, f.42). E, de Nissolle, também são conservadas três cartas, com datas entre 1700 e 1701 (MS 4063, ff.19; MS 4063, ff.46; MS 4063, ff.70). Além das correspondências, Tournefort também é listado como um fornecedor de Petiver, em seu *Musei Petiverani*, de 1699. Todas estas informações comprovam uma relação entre o boticário inglês e os naturalistas franceses antes do contato de Joan. Por outro lado, as datas destes documentos sugerem que a comunicação entre eles estava, há tempos, supensa.

<sup>108</sup> Anexo 5.

<sup>109</sup> Anexo 5.

A atitude é repetida ao manifestar seu desejo em restabelecer um comércio com Tournefort, afirmando estar “na expectativa de receber algo dele através das mãos do nosso curioso amigo Dr. Lavater um suíço que esteve com ele ultimamente”.<sup>110</sup> Ao mesmo tempo que Petiver transforma seu correspondente, no caso Joan, em um mediador, sem receios e com muita naturalidade, ele também conecta e determina tarefas para terceiros.

Uma vez inserido na densa rede de intercâmbio, garantir os meios pelos quais seus desejos pudessem ser atendidos, era tão importante quanto o próprio contato em si. O comércio de longa distância, tanto transoceânico quanto continental, dependia da participação de agentes intermediários, que atuassem entre remetentes e destinatários.<sup>111</sup> Cooptar pessoas que pudessem atuar na circulação de mercadorias representava uma atividade vital na dinâmica do colecionismo científico.

Por esta razão, não era incomum que elementos da flora, da fauna, livros e toda a infinidade de elementos envolvidos no comércio de *naturalia* e *artificialia* fossem listadas ao lado de pessoas. Em outras palavras, para que o desafio epistemológico daqueles que se propunham a identificar, descrever e determinar o lugar que cada um destes elementos deveria ocupar na ordem da natureza pudesse ser alcançado, era indispensável ter o domínio daqueles que ocupavam o lugar mais alto da criação divina: os seres humanos.

Paralelamente ao acúmulo de plantas, animais e minerais que ampliavam e enriqueciam os gabinetes de curiosidades de toda a Europa, colecionadores tiveram que desenvolver a complexa habilidade de “coleccionar pessoas”. Ao mesmo tempo em que se dedicavam a analisar as estruturas morfológicas e as utilidades de uma planta, por exemplo, conviviam com o desafio de “taxonomizar” seus semelhantes: identificar e classificar os indivíduos de acordo com as particularidades de sua atividade social e profissional. Em outras palavras, colecionadores com aspirações ambiciosas como as de Petiver tinham que ter sua rede de contatos muito bem controlada, se manter atualizado das atividades de cada um deles, de suas movimentações por entre grupos e espaços físicos e geográficos.

É neste sentido que Joan pode ter surgido para Petiver tanto como um potencial facilitador de amostras da natureza mediterrânea, como também uma ponte, que não só o conectava com outros personagens, mas também poderia ajudar a pressioná-los a atender aos seus múltiplos e diferentes interesses com cada um deles. Dessa maneira, Petiver definia o lugar de Joan em sua rede de contato, pré-estabelecendo as funções que este deveria executar. O maior obstáculo em classificar esta categoria – a *humana* – reside no fato do elemento

---

<sup>110</sup> Anexo 5.

<sup>111</sup> Remeto novamente a Schaffer et al, 2009; Raj, 2016a; 2016b.

classificado ser, também, um indivíduo classificador. Dito de outro modo, colecionadores se relacionavam por terem um interesse mútuo entre si, porém estes interesses muitas vezes não convergiam. Pelo contrário, o triunfo de seus interesses às vezes dependia de direções completamente opostas da que seu correspondente havia planejado. Ou seja, em seus projetos particulares cada um destes indivíduos assumiam posições distintas, resultando em um desequilíbrio de reciprocidade nestas relações.

Entre dois correspondentes sempre haviam muitos outros personagens conectados exercendo diferentes papéis, que se alteravam conforme mudavam as cenas. Como já salientamos, os próprios colecionadores e naturalistas como James Petiver e Joan Salvador tiveram de atuar em diferentes posições para se manterem nas redes científicas internacionais. Fato é que, independentemente da posição exercida, eles precisavam da ajuda destes agentes intermediários. Vale lembrar que os intercâmbios estavam, não raras vezes, envoltos a repetidas estratégias de manipulação, e os contatos “secundários” acabavam interferindo diretamente no processo de negociação entre dois colecionadores, sendo imprescindíveis para reforçar e pressionar o alvo. Assim, mais do que inexperientes coletores e facilitadores de espécimes, estes agentes mudaram os caminhos e os conteúdos do conhecimento, pois também tinham interesses neste comércio e atuavam de acordo com o que era mais conveniente para si. Por estas razões, pode-se dizer que a dinâmica das redes de comunicação e intercâmbios científicos estava arraigada em uma espécie de coletividade individualista.<sup>112</sup>

Embora breves, porém concisos, os excertos acima são bons exemplos para nos introduzir no complexo universo do colecionismo científico que envolveu o comércio de *americana* entre James Petiver e Joan Salvador, onde a manipulação de informações e de atitudes prevaleceram desde os primeiros contatos de uma relação que representava possibilidades distintas para cada um deles.

Tais táticas de manipulação e pluridade de interesses podem facilmente ser identificadas naquilo que Petiver tentou fazer com Joan em relação à Tournefort e Nissole, ou seja, aproveitar da boa amizade entre eles – tal como foi enunciada pelo próprio correspondente – e utilizá-lo como uma ponte de ligação. Por sua vez, embora Joan de fato tivesse uma amizade com ambos naturalistas, eles estavam praticamente impossibilitados de se comunicar, como já discorremos anteriormente. Claramente, Joan sabia dos interesses de

---

<sup>112</sup> Margócsy, 2014.



Petiver e usou seus colegas como um atrativo, mesmo sabendo que as chances de funcionar eram grandes e que não poderia atuar como intermediário, tal como Petiver desejava.<sup>113</sup>

É importante reforçar que esta carta de Petiver é, na verdade, uma segunda tentativa de se associar a Joan, visto que sua primeira carta não foi respondida. Esta atitude de Petiver ajuda a corroborar com a ideia de que colecionadores deveriam, acima de tudo, ter sua rede de contatos muito bem controlada e saber aproveitar as oportunidades surgidas pela movimentação de seus colaboradores. Mesmo sem a resposta, como vimos, Petiver ressalta que não podia deixar de escrever para Joan “através deste curioso cavalheiro e meu estimado amigo Dr. John Lecaan um dos médicos de sua majestade da Grã-Bretanha, quem eu recomendo para seu conhecimento e amizade”.<sup>114</sup> Como bem explica Petiver, ele aproveita a presença de um amigo com destino a Barcelona para confiar-lhe a importante tarefa de transportar e fazer chegar até as mãos de Joan tanto a sua carta quanto os presentes que a acompanhavam, fazendo de Lecaan um mediador entre os dois núcleos.

O propósito desta atitude permite distintas interpretações e, evidentemente, uma não exclui a outra, sendo a primeira delas e a mais óbvia, a de tentar criar um núcleo de comunicação entre Joan, Tournefort e Nissole. Do mesmo modo, ter um intermediário que pudesse atuar diretamente, como um representante dos seus interesses particulares dava mais garantias de que os seus desejos não seriam ignorados e facilitava a logística do transporte, como ele deixa bem claro no final da carta ao dizer a Joan que “o Dr. Lecaan lhe dará instruções de como mandar sua carta para mim , ou ele mesmo cuidará delas”.<sup>115</sup> Igualmente, o contato pessoal entre o mediador e Joan Salvador e a indicação de amizade feita por Petiver, servia como um “passe” para que este novo personagem fosse não apenas aceito por Joan e, automaticamente por todo o círculo científico de Barcelona, mas também como um convite para visitar as coleções da família e ter acesso às discussões científicas a elas circunscritas.<sup>116</sup> Estratégia que, de fato, se concretizou.

---

<sup>113</sup> No IBB conservam-se algumas cartas de Nissole a Joan Salvador i Riera, porém elas mostram que mantiveram um contato epistolar em um período bastante posterior a este, visto que foram escritas entre 1722 e 1724. Obviamente que não podemos desconsiderar as perdas inevitáveis que este tipo de coleção está suscetível, mas, ainda assim, se Salvador e Nissole mantiveram alguma correspondência anterior a 1722, com certeza, não teria sido antes de 1715, com o fim dos conflitos bélicos. O nome de Nissole aparece, também, em algumas correspondências de Antoine de Jussieu a Joan, mas, da mesma maneira são tardias, sendo a primeira menção em uma carta de 1720, dois anos depois da morte de Petiver. Em relação a Tournefort, é praticamente improvável que desde o retorno de Joan a Barcelona que ambos tiveram algum contato, visto que Tournefort morreria neste mesmo ano em que Petiver escreve a Joan e Joan apenas saberia da notícia muito tempo depois por meio de um cirurgião inglês de passagem em Barcelona, como bem informará a Petiver em uma carta de 12 de fevereiro de 1711.

<sup>114</sup> Anexo 5.

<sup>115</sup> Anexo 5.

<sup>116</sup> Pardo-Tomás, 2010, p. 42-43.

Membro dos serviços sanitários da infantaria do exército anglo-holandês<sup>117</sup>, John Polus Lecaan era um daqueles oficiais que se interessavam por história natural. Como médico militar das forças aliadas de Carlos III, Lecaan permaneceu na Espanha entre, pelo menos, 1705 e 1711, se estabelecendo em diferentes cidades como Valência, Barcelona e Tarragona.<sup>118</sup> Sobre os anos iniciais de sua estância na Espanha, mais especificamente o período que abrangeu a marcha do exército de Portugal à Valência, Lecaan deixou a experiência registrada em seu livro – uma obra sobre o território estrangeiro durante a ocupação militar.<sup>119</sup> Declaradamente inspirado por obras como *Historia Naturalis Brasiliae*,<sup>120</sup> de Piso e Marcgrave, o estudo de Lecaan se configura dentro do gênero da botânica militar, fato que por si só já indica o seu interesse pelo estudo natureza.<sup>121</sup>

Como sabemos, a compreensão e domínio do mundo natural escondia uma infinidade de propósitos que se manifestavam em diferentes níveis de envolvimento. Embora tenha se dedicado a observar a natureza que o rodeava, a finalidade do trabalho de Lecaan era bastante diferente do objetivo de naturalistas como Petiver, por exemplo. Neste sentido, podemos arriscar a dizer que o interesse de Lecaan pela história natural talvez estivesse arraigado na satisfação profissional e, por outro lado, numa autopromoção relacionada com retornos financeiros e poder. Esta última faceta de Lecaan é justamente a que o conecta com os personagens da nossa história e o insere na rede internacional de comércio e comunicação científica.

Enquanto esteve a serviço do exército, Lecaan teve a oportunidade de visitar a cidade de Londres e estar em contato com James Petiver.<sup>122</sup> Foi, possivelmente, em uma dessas ocasiões que Petiver lhe confiaria a missão de contactar pessoalmente a Joan Salvador. A carta, acompanhada do próprio Lecaan e da coleção de *naturalia* e dos livros enviados, foram entregues à Joan Salvador em agosto daquele mesmo ano, conforme o próprio escreve em sua

---

<sup>117</sup> Desde 1898 conhecido como *Royal Army Medical Corps* (RAMC).

<sup>118</sup> Martí Escayol, 2001, p. 5.

<sup>119</sup> Lecaan, J.P. (1708). *Advice to the gentlemen in the army of the her Majesty's forces in Spain and Portugal: with a short method how preserve their health and some observations upon several distempers incident to those countries: to which are added the medicinal virtues of many peculiar plants growing naturally in those parts and not wild in England*. Londres: P. Varenne.

<sup>120</sup> Piso, W.; Marcgrave, G. (1648). *Historia naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Amsterdam: Elsevier.

<sup>121</sup> Em seu artigo sobre a atividade científica de Lecaan nos anos em que esteve à frente da armada inglesa durante a Guerra de Sucessão Espanhola, Maria Antonia Martí Escayol (2001) observa que este gênero literário sustentava um importante elemento político. Conhecer a natureza de um território estrangeiro, ter informações sobre as doenças mais comuns naquele ambiente, bem como dos medicamentos utilizados no seu tratamento consistia em uma estratégia de dominação, visto que o domínio do mundo natural de um povo influencia diretamente na apropriação da sua cultura, os tornando mais domináveis. Sobre este tema ver também: Norton, 2008.

<sup>122</sup> Stearns, 1952, p.124-125.

resposta a Petiver “no final de agosto eu recebi do Sr. Lecaan, o renomado médico da sua nação, as plantas e as borboletas, embora um pouco danificadas devido a umidade”.<sup>123</sup> Além da constatação do contato pessoal entre Joan e Lecaan, assim como do elo estabelecido entre eles e Petiver, este trecho – e a carta como um todo – revelam um Joan muito mais confiante<sup>124</sup>, que o permite criticar a qualidade das amostras de Petiver. Esta mudança de postura é nitidamente sentida na retórica de seu texto, que não expressa a modéstia e muito menos evidencia a vontade de servir a Petiver acima de qualquer coisa, tal como havia demonstrado em sua primeira carta ao naturalista inglês.

A razão para esta alteração comportamental pode ser entendida como uma medida de proteger os seus interesses e de se impor como uma autoridade em equidade com Petiver, estabelecendo assim um comércio baseado em uma relação equilibrada. Estes limites eram imprescindíveis para que um lado não ficasse em desvantagem, subordinado aos desejos e ordens do outro lado. Obviamente, que cada lado utilizaria de diferentes artifícios para que o outro lado exercesse mais o papel de provedor do que de controlador dos ditames dessa ramificação da rede comercial.

Neste sentido, a natureza americana teve um papel primordial na maneira como os intercâmbios entre Petiver e Joan Salvador seriam conduzidos. Como vimos, desde o primeiro momento Joan havia manifestado o seu desejo em receber amostras de espécimes provenientes da América, uma das razões que justificam seu contato. Petiver, por outro lado, interessado nas inúmeras possibilidades que esta amizade representava, fará do desejo de seu correspondente o principal elemento de manipulação, aplicado na tentativa de se impor como o principal beneficiado entre eles.

É neste contexto de manipulações e pressões que John Lecaan aparece como personagem fundamental, visto que suas atitudes irão interferir sensivelmente na conduta de ambos colecionadores, alterando a dinâmica dos intercâmbios entre eles. Mesmo adotando uma conduta diferenciada, a resposta de Joan a Petiver continua sendo bastante objetiva sobre seus desejos, embora esta especificidade não seja tão explícita quanto à procedência dos espécimes que desejava receber. Diz ele a Petiver: “se você receber alguma droga rara, por favor, me envie alguma, pois eu gostaria de aumentar grandemente a minha coleção de drogas”.<sup>125</sup> Se levarmos em consideração que, em parágrafos anteriores de sua mensagem, ele já havia se referido sobre os espécimes europeus que gostaria de receber, as *drogas raras* as

---

<sup>123</sup> BL, MS-Sloane 4064, f.176. Carta de Joan Salvador a James Petiver (22/09/1708), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p. 166. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 6].

<sup>124</sup> Dessa maneira também entenderam Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez (2007, p.144).

<sup>125</sup> Anexo 6.

quais ele se refere nessa frase permite, ao menos, sugerir que pudesse se tratar das espécies das “Índias” citadas na sua primeira carta.

Vale lembrar que as coleções que incluem os espécimes americanos que Petiver afirma ter enviado a Joan, de fato, chegaram às suas mãos, como ele mesmo confirma. Ainda que tenham alcançado o destino final danificadas, elas cumpriram com o papel que lhes cabia: satisfazer a vontade de Joan e reforçar o quão abastado de novidades e curiosidades Petiver estava; servindo, então, como amostras do que ele era capaz de fornecer. Vendo por este lado, a hipótese de que Joan estivesse pedindo por mais materiais procedentes das colônias de além-mar não parece descabida.

Neste momento, Lecaan estava em Barcelona sem previsão de ir a Londres, fato que o impossibilitava de se encarregar das cartas e encomendas entre os dois boticários, tal como esperava Petiver. Como alternativa, Joan as teria enviado através de Pelham Johnston, cirurgião inglês e, para facilitar o comércio e comunicação com Petiver, também apresentaria soluções para a ausência física de Lecaan, dizendo que na falta de qualquer outro meio confiável, ele poderia enviar suas encomendas “pelo Sr. George Crowe, consul de sua nação em Barcelona, ou pela esposa do Sr. Lecaan, que encontrará espaço entre os pacotes a serem enviados para o seu marido nesta cidade”,<sup>126</sup> direções estas que seriam futuramente seguidas por Petiver, incorporando nestes intercâmbios, principalmente, Sophie Lecaan, a esposa de seu amigo, que residia na capital inglesa – um importante testemunho da inegável, porém irrelevada, participação das mulheres nas atividades referentes ao colecionismo científico.

Alguns meses depois de ter escrito esta carta, Joan, por preocupação, ou apenas para reforçar seu pedido, volta a escrever a Petiver resumindo o que havia dito na carta anterior, onde, novamente, ao dizer das plantas que desejava, pedia “por favor inclua as mais raras que você tiver”.<sup>127</sup> A preocupação de Joan é um sinal de seu interesse em receber os materiais facilitados por Petiver, fato que se comprova também ao dizer “peço-lhe para continuar com nossas trocas”.<sup>128</sup>

O espaço de tempo entre a carta de Petiver e as duas últimas de Joan é bastante largo. Sintetizando, Petiver escreveu sua carta no dia 21 de abril de 1708, que chegaria ao destinatário somente em agosto. Em setembro, Joan redigiria sua resposta e a enviaria, acompanhada das coleções feitas para Petiver, através de Jhonston – que por sua vez, também

---

<sup>126</sup> Anexo 6.

<sup>127</sup> BL, MS-Sloane 4064, f.184. Carta de Joan Salvador a James Petiver (08/11/1708), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.167. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 7].

<sup>128</sup> Anexo 7.

levaria uma carta de Lecaan para Petiver.<sup>129</sup> Por alguma razão, resolveria escrever outra carta reforçando o que havia dito na anterior. Estas cartas, teriam chegado até as mãos de Petiver somente em fevereiro de 1709, ou seja, quase um ano após Petiver ter escrito a Joan.

Neste meio tempo, Petiver escreve uma carta a John Lecaan em outubro de 1708 que, dado os obstáculos do contexto bélico do período, também levaria bastante tempo para chegar ao destino. Sem saber que tanto a carta de Joan, como a de Lecaan, estavam a caminho, Petiver reclamaria com seu correspondente que seguia há muito tempo sem uma resposta de ambos. Cansado de esperar – lembremos que ele já havia esperado por uma carta que nunca foi respondida por Joan – Petiver demonstra certa impaciência e irritação pelo fato de ter sido ignorado por Joan. Categórico ao dizer “eu sei que ele recebeu as coisas que enviei por você”,<sup>130</sup> Petiver cobrava mais empenho daquele que ele havia estimado a amizade com a intenção de ser beneficiado com os envios de Joan “peço que assim que esta chegar a suas mãos para pressioná-lo muito sinceramente a isto, e deixe-o saber que eu tenho outras curiosidades prontas para ele, as quais eu irei enviá-las assim que receber qualquer coisa dele”.<sup>131</sup> Claramente, Petiver esperava retornos mais rápidos, visto que Lecaan, em seu pensamento, deveria atuar de maneira mais contundente a seu favor.

A postura imperativa e exigente de Petiver se estende: “eu espero também que você tenha feito uma coleção em Gilbratar porque eu preparo um catálogo para imprimir uma ata de plantas, conchas, insetos, etc, encontradas naquela cidade e no Monte Calpe”<sup>132</sup>, revelando traços de uma personalidade arrogante ou, no mínimo, maçante, ao delegar funções para que todos contribuíssem com seus projetos pessoais “por isso, rogo para que tanto você quanto o Dr. Salvador obriguem todas as pessoas que vocês conhecem a fazer coleções para mim”<sup>133</sup>. Estas frases proferidas por Petiver confirmam que, uma vez estabelecido o contato, muitas das conveniências iniciais davam espaço para estratégias de defesa de interesses pessoais, para evitar o risco de ser passado para trás e prejudicar o desenvolvimento de seus projetos, como por exemplo o livro que dizia estar produzindo.

A todo momento Petiver lembra Lecaan de sua condição de “servo”, condição esta que, muito provavelmente, não era compatível com a imagem que o próprio Lecaan tinha de si mesmo. Ou seja, aqui temos um nítido exemplo da problemática envolvendo o homem

---

<sup>129</sup> BL, MS-Sloane 4064, f.189. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (sem data), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.145. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 8].

<sup>130</sup> BL, MS-Sloane 3337, f.10. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (03/10/1708), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.145-146. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 9].

<sup>131</sup> Anexo 9.

<sup>132</sup> Anexo 9.

<sup>133</sup> Anexo 9.

classificador e o homem classificado. E, novamente, o caminho para a dominação era repleto de táticas de manipulação que passavam, invariavelmente, por questões de poder.

Todas estas nuances podem ser conferidas nas seguintes frases extraídas da mesma carta de Petiver “eu espero que você não esteja desatento de sua promessa em coletar para mim quaisquer plantas, conchas ou insetos que você encontrar na Espanha e que você irá me enviar o que você já tem pelo primeiro navio que vir a Inglaterra”<sup>134</sup> – aqui se observa tanto o lembrete de sua condição de fornecedor, quanto a pressão para concluir este retorno – e continua “para que eu possa, o quanto antes, deixar que você e o mundo vejam o que essas partes oferecem e a quem eles são obrigados a agradecer por elas”.<sup>135</sup>

Lançando mão de uma retórica persuasiva, bastante característica e recorrente em suas cartas, Petiver tenta convencer seu correspondente de que obedecer suas ordens poderia ser recompensador, já que seu nome seria relacionado junto aos espécimes por ele fornecidos, lhe dando visibilidade e atraindo a atenção e interesse de outros personagens. E, concluindo sua carta diz “peço que aceite meu sincero respeito com o mesmo para o Dr. Salvador e assegure a ele que vocês estão na lista dos nossos amigos ausentes cujas saúdes são brindadas a cada noite de sábado”<sup>136</sup>, uma declaração que pode ser interpretada como uma prova de amizade, onde mesmo ausentes fisicamente não deixavam de ser lembrados pelos amigos, mas, considerando a artilosidade de Petiver, o adjetivo *ausente* pode ter sido empregado habilidosamente para pressioná-los.

A resposta de Lecaan, uma carta escrita em 10 de fevereiro de 1709, é bem sucinta e trata essencialmente de justificar a falta de dedicação exclusiva para com os interesses de Petiver. Ao dizer “embora o nosso negócio contínuo não nos permita ter qualquer oportunidade ou tempo para recolher neste país tanto como você espera”<sup>137</sup>, Lecaan deixa claro que o comércio de história natural ocupava uma posição em sua vida que não correspondia a que Petiver estava tentando impor, mas que, ainda assim, na medida do possível, ele estava colecionando os materiais solicitados “de tal sorte que você nunca tenha visto”<sup>138</sup>, empregando o recurso da curiosidade e promessa para tentar manter a relação entre eles.

Levando em consideração que Lecaan estava a serviço do exército em um período de guerra, é possível imaginar que ele realmente não tivesse tanto tempo disponível para coletar

---

<sup>134</sup> Anexo 9.

<sup>135</sup> Anexo 9.

<sup>136</sup> Anexo 9.

<sup>137</sup> BL, MS-Sloane 4064, f.191. Carta de Jean Lecaan a James Petiver (10/02/1709), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 10].

<sup>138</sup> Anexo 10.

as amostras para Petiver. Além dos compromissos militares que a situação demandava, a dificuldade em coletar também estava na instabilidade e insegurança da região, impedindo saídas de campo tão constantes. Neste sentido, Lecaan tenta, novamente, defender Joan das cobranças excessivas de Petiver, dizendo: “o Sr. Salvador é também muito diligente em enviar-lhe o que ele pode conseguir neste país, o qual eu espero que melhor lhe satisfaça do que o que posso encontrar”<sup>139</sup>, insistindo nos esforços de Joan em colaborar com ele ao mesmo tempo em que repassa parcela da responsabilidade em satisfazê-lo para Joan.

Todas estas cartas e as coleções enviadas desde Barcelona chegaram até Petiver em fevereiro que, poucos dias depois, escreveu para Lecaan confirmando o recebimento e informando sobre seus novos desejos e também das coleções que estava preparando para Joan, incluindo as drogas e os livros por ele solicitado. Desconsiderando as justificativas de Lecaan, Petiver volta a ordenar: “uma ou duas vezes, pelo menos, empregue todo mês um homem propositadamente para preencher livros com as plantas com quais eles se encontrarão, sem distinção de ser rara ou comum, já que ambas dessas partes serão aceitáveis por mim”<sup>140</sup>, insistindo na condição de subordinado que Lecaan aparentemente tinha para ele. A atitude impertinente e impaciente de Petiver também se estende à Joan “eu espero que nem o Dr. Salvador, nem você, omitam qualquer oportunidade nesta primavera, e verão que se seguirá, para pegar qualquer uma das plantas com as quais vocês se encontrarem”<sup>141</sup>, lembrando-os do dever que tinham – ou que julgava ter – para com ele.

Alguns dos recursos empregados por Petiver para incentivar seus contatos a continuar colaborando com ele estão relacionados com os benefícios intrínsecos do próprio comércio. Ele tenta mostrar para o seu colaborador o quanto este negócio poderia ser rentável, o encorajando a não desistir da atividade, como podemos constatar neste conselho que dá a Lecaan sobre as medalhas que ele havia encontrado nas escavações de Porto Mahon<sup>142</sup>: “quanto às medalhas, se você puder comprá-las por pouco mais do que seu valor intrínseco, você não precisa duvidar, mas você pode fazer o dobro do dinheiro delas aqui, além de obrigar vários homens curiosos a serem seus amigos”.<sup>143</sup>

Além do retorno financeiro que a venda destas medalhas poderia resultar, elas seriam um atrativo suficiente para que muitos outros colecionadores se aproximassem de Lecaan. Nesta mesma direção, ao pedir pelas plantas espanholas que tanto desejava, ele recorda

---

<sup>139</sup> Anexo 10.

<sup>140</sup> BL, MS-Sloane 3337, ff.91v-92r. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (17/02/1709), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 11].

<sup>141</sup> Anexo 11.

<sup>142</sup> Informações contidas em carta transcrita no anexo 10.

<sup>143</sup> Anexo 11.

Lecaan de que se suas ordens de preparar coleções particulares fossem atendidas, os espécimes coletados também poderiam “servir de materiais para ampliar a próxima edição do seu tão aceitável Tratado”<sup>144</sup>, mostrando as possibilidades de conciliar o comércio com a elaboração de projetos pessoais, sendo, ao mesmo tempo, um indicador das razões pelas quais homens como Lecaan se envolviam com o mundo do colecionismo científico e do comércio de *naturalia* e *artificialia*.

Embora a comunicação estivesse bastante complicada no período, é curioso notar que James Petiver passou a fazer suas cobranças, manifestando suas insatisfações e seus desejos, em cartas endereçadas exclusivamente à Lecaan. Quer dizer, ainda que as cartas e as mercadorias levassem meses para chegarem ao seu destino, dificultando, conseqüentemente, a dinâmica da correspondência, não foi um motivo determinante para que Petiver deixasse de escrever a Lecaan – diferentemente da sua postura para com Salvador. Vale lembrar que o último contato direto entre Joan e Petiver havia sido em janeiro de 1709, onde Joan lhe dava as informações sobre a remessa que havia enviado através do cirurgião inglês e cobrava Petiver sobre as drogas raras e os livros que há tanto tempo solicitava.

Analisando por este lado, pode ser que Petiver estivesse agindo dessa maneira propositalmente, visto que, de acordo com as diretrizes para o bom funcionamento da rede de intercâmbios, ele havia sido o último a ser beneficiado com uma coleção enviada por Joan, estando, convenientemente, em dívida com seu colaborador. Esta interpretação nos conduz, mais uma vez, em uma direção que nos permite constatar a individualidade dessa atividade coletiva. A parcimônia – talvez – deliberada de Petiver pode estar relacionada com a ideia de que as diversas partes envolvidas no negócio tentavam defender seus interesses pessoais procurando estar sempre em uma posição mais vantajosa em relação aos demais.

Escrever para Lecaan era uma maneira de manter o vínculo com Joan Salvador, sem ter que se comunicar diretamente com ele, se esquivando assim, da obrigação de lhe dar uma satisfação sobre seus atrasos. Concomitantemente, ao passo que Petiver informava sobre o recebimento e os conteúdos das cartas recebidas de Joan, ele aproveitava a posição estratégica de Lecaan para pressionar Joan a continuar enviando os materiais solicitados, com a garantia de que estava a preparar excelentes e exclusivas coleções como retribuição. Através das declarações de descontentamento com o ritmo das remessas que chegavam para ele e da certificação de possuir materiais que certamente interessavam ao seu correspondente, Petiver

---

<sup>144</sup> Anexo 11.



induzia Joan a continuar lhe beneficiando, num ritmo que, claramente, era mais vantajoso para ele.

Por alguma razão, as táticas de Petiver não estavam funcionando exatamente como ele esperava, visto que, depois de ter suas últimas cartas respondidas indiretamente nas correspondências de Lecaan, Joan também se absteve de manter a comunicação epistolar com ele. As razões para isto podem ser várias, incluindo o desapontamento em não ter um retorno para os materiais solicitados, até mesmo a arrogância de Petiver evidenciada em suas últimas em ignorar seus compromissos tratando seus correspondentes como meros subordinados obrigados a satisfazê-lo, como também outras razões que podem estar relacionadas com o contexto bélico da cidade – embora esta última não seja assim tão determinante, pois Joan se correspondia com outros personagens neste mesmo período, como veremos mais adiante. Seja como foi, tudo leva a crer que as promessas de Petiver não estavam sendo suficientemente boas para despertar o interesse de Joan Salvador.

Com as relações um pouco mornas, Petiver não teve uma resposta para sua última carta a Lecaan, fato que o levou a lhe escrever, sete meses depois, uma nova carta. O conteúdo desta não variava muito das suas anteriores, estando repleta de promessas, garantias e ordens. Mesmo informando que a caixa com as coleções que havia preparado com os pedidos de Joan – as tão solicitadas drogas, livros e conchas – ainda não havia sido enviada, fato que não o deixava “nem um pouco preocupado”,<sup>145</sup> pois acreditava que, repentinamente, chegariam a ele, continuava com suas exigências habituais. Porém, uma nova informação seria determinante para que a relação fosse retomada com mais entusiasmo.

Ainda que suas palavras continuassem expressando o autoritarismo acentuado de suas últimas, Petiver apela para uma informação bastante sedutora ao insistir, novamente, que seus colaboradores se dedicassem a coletar amostras da flora catalã para ele, como podemos ver “por favor não esqueça de obrigar um de seus servos ou algum outro [indivíduo] uma vez por semana, pelo menos, a levar um livro de papel pardo com você para os campos o qual os deixem preencher com 2 ou 3 raminhos de todo tipo de árvore, arbusto ou erva que você encontrar”<sup>146</sup>, cujos materiais serviriam não apenas para enriquecer suas coleções particulares, mas para ajudá-lo a divulgar em papel impresso as espécies de plantas que eram encontradas

---

<sup>145</sup> BL, MS-Sloane 3337, f. 60r. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (29/09/1709), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.147. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 12].

<sup>146</sup> Anexo 12.

na Catalunha “as quais irei publicar e enviar a vocês cópias deles”<sup>147</sup>, assegurando que seus nomes seriam relacionados aos materiais facilitados.

As informações fornecidas por Petiver foram repassadas para Joan Salvador que, aparentemente interessado nelas, resolveu restabelecer a comunicação direta com o boticário inglês, escrevendo uma carta em 16 de janeiro de 1710, ou seja, mais de um ano após confirmar o envio de uma remessa e pedir pelos materiais que, até então, seguia esperando, dizendo “eu soube com a carta que você escreveu para o doutor Lecaan que você fez uma boa coleção de plantas e outras coisas para mim”<sup>148</sup>, se referindo às novas coleções que Petiver dizia ter preparado para ele, e completando “sou muito grato a você e peço que os envie na primeira oportunidade com parte das drogas do catálogo e também os livros que pedi ano passado”<sup>149</sup>, deixando claro que não havia se esquecido da dívida que Petiver mantinha pendente. Como atrativo para se beneficiar dos privilégios anunciados por Petiver, Joan recorre à conveniente prática de presentear a outra parte, sobre a qual dizia: “uma frota partirá para Londres daqui a alguns dias, na qual enviarei uma caixa com as plantas listadas no catálogo e um bom congelamento do sal-gema de Cardona. Eu não tenho muitas sementes, mas vou enviar-lhe o que tenho”<sup>150</sup>, atendendo assim, aos repetidos e insistentes pedidos de Petiver.

Poucos dias depois, o envio da remessa foi confirmado por Joan Salvador que escreveu outra carta a Petiver, onde, além de dar as informações referentes ao conteúdo e transporte da encomenda, reforçava “se você receber alguma coisa rara, sejam conchas, animais, plantas ou outras coisas naturais, por favor, me envie uma parte, pois espero que você aumente muito o meu museu”<sup>151</sup>, insistindo naquilo que há tempos lhe interessava.

Ao que tudo indica, estas cartas e coleções não teriam chegado até James Petiver tão rapidamente visto que, em fevereiro daquele mesmo ano, ele teria escrito a John Lecaan dizendo ter sido informado por sua esposa, Sophie Lecaan, sobre as coleções enviadas por Joan Salvador, sobre as quais comenta: “eu desejaria saber com qual navio, porque tem vindo vários seguros aqui para Londres ultimamente, entre os quais espero que estejam minhas coleções, mas por falta de conselhos eu não sei onde perguntar”<sup>152</sup>, o que nos leva a

---

<sup>147</sup> Anexo 12.

<sup>148</sup> Anexo 12.

<sup>149</sup> BL, MS-Sloane 4064, f.218. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (16/01/1710), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 13].

<sup>150</sup> Anexo 13.

<sup>151</sup> BL, MS-Sloane 4064, f.224. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (26/02/1710), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.167. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 14].

<sup>152</sup> BL, MS-Sloane 3337, ff.79r-80r. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (10/02/1710), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 15].

interpretar que, possivelmente, tanto as cartas quanto a remessa ainda não tinham chegado ao destinatário ou, como sugeria Petiver, poderiam estar retidas no porto inglês.

É interessante notar que, mesmo sabendo do retorno feito por Joan Salvador, James Petiver continuou optando por escrever à Lecaan, talvez por se sentir mais à vontade para reclamar de suas insatisfações e tentar que seu intermediário atuasse pressionando-o em seu favor. Neste sentido, Petiver garantia que, assim que os materiais enviados estivessem em suas mãos, ele retribuiria a generosidade de Joan enviando outras coleções e folhetos de sua autoria que serviriam para “obrigá-lo a me fazer retornos mais rápidos”<sup>153</sup> e não por entender ser o seu “dever” em colaborar com o outro colecionador, novamente nos situando no individualismo destas relações.

Como vimos anteriormente, Petiver estava em “falta” com seu correspondente catalão. Embora afirmava ter as coleções com as drogas e os livros – solicitados e insistentemente cobrados por Joan – presas no porto onde aguardavam a primeira oportunidade de serem enviadas à Barcelona, Petiver se queixava “eu devo confessar que eu não posso esperá-lo até que ele tenha recebido as duas últimas coleções com a maior parte dos livros que ele pediu”<sup>154</sup>, adotando uma postura que claramente o autodefinia como diferente de seu correspondente, já que afirmava não poder esperar para ter um retorno somente quando suas coleções tivessem chegado a ele, enquanto, por outro lado, agia exatamente da mesma maneira ao dizer “assim que elas [as coleções] chegarem em minhas mãos eu irei pelo mesmo navio enviá-lo outra coleção considerável com alguns folhetos de História Natural”.<sup>155</sup>

Nesta, ainda, Petiver cobrava o engajamento tanto de Joan Salvador quanto de Lecaan na coleta de plantas que o ajudariam a concretizar seu projeto, insistindo, mais uma vez, no vantajoso retorno com o qual seriam privilegiados caso fornecessem os espécimes que tanto desejava, os quais ele dizia que iria distinguir “quando eu for imprimir uma Ata deles como eu espero fazer nesta primavera se as de vocês não chegarem muito tarde”<sup>156</sup>, reforçando a promessa da publicação sobre a qual já discurremos.

Aparentemente, a carta de Petiver não foi respondida, porém, três meses depois, em abril, ele receberia uma carta de Lecaan com a confirmação do recebimento da remessa, que por tanto tempo esteve presa no porto da capital inglesa, com as coleções tão esperadas por

---

<sup>153</sup> Anexo 15..

<sup>154</sup> Anexo 15.

<sup>155</sup> Anexo 15.

<sup>156</sup> Anexo 15.

Joan Salvador.<sup>157</sup> Ou melhor, com boa parte dela, como veremos mais adiante. A tentativa de Joan de se comunicar diretamente de James Petiver não teve sinais de melhoria tão cedo. A resposta para suas cartas de janeiro e fevereiro chegaria somente em agosto, quando Petiver finalmente retoma a correspondência epistolar para confirmar o recebimento das coleções enviadas para ele.

Na oportunidade, Petiver manifesta um especial interesse na natureza das ilhas Baleares, especialmente de Minorca, sobre a qual dizia “espero que você tenha uma correspondência botânica em Porto Maó para obter as plantas que crescem nesta ilha e nas ilhas vizinhas como Córsega, Sardenha, etc, mas, particularmente, e acima de tudo, eu ficaria feliz em vê-las”.<sup>158</sup> E continua: “o cirurgião geral em Porto Maó, Archibald Stewart, é uma pessoa muito curiosa e botânico experiente, e ele prometeu me enviar essas plantas, etc, que ele encontraria nessas partes, mas ele não tem sido tão bom quanto a sua promessa”<sup>159</sup>, com esta frase, Petiver mostra estar inteirado das atividades na ilha, tendo contato com personagens envolvidos no comércio de *naturalia*, porém, como ele mesmo informa, os resultados não estavam sendo muito vantajosos. Para completar adverte “como você tem oportunidades frequentes de enviar para lá, eu ficaria feliz em ter uma correspondência com ele e escrever para ele que você terá o cuidado de transmitir-me a carga que ele lhe confiar e, em retribuição, eu irei devolvê-lo o que ele desejar”.<sup>160</sup>

Intencionalmente ou não, as informações concedidas serviriam como prenúncios de que Petiver tinha outros contatos que poderiam lhe facilitar amostras da flora insular, o que ameaçava as intenções de Joan Salvador tinha em relação ao projeto de Petiver e também de não ser atendido em seus desejos. Esta preocupação fica clara em sua resposta, escrita em fevereiro de 1711, na qual dizia “no próximo mês de abril eu acredito que posso ir à Minorca e Maiorca para botanizar bem o campo e fazer uma boa coleção de conchas e plantas e então poderei enviar-lhe uma parte de algumas coisas muito boas e também estou esperando uma boa coleção de um amigo boticário que vive em Maó, de acordo com o que ele disse em suas últimas cartas”<sup>161</sup>, garantindo que ele mesmo iria se ocupar de coletar as amostras que Petiver

---

<sup>157</sup>. Carta de Jean Lecaan a James Petiver (20/04/1710), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.149. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 16].

<sup>158</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (29/08/1710), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.149-150. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 17].

<sup>159</sup> Anexo 17.

<sup>160</sup> Anexo 17.

<sup>161</sup> BL, MS-Sloane 4064, ff.254-255. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (12/02/1711), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.167-168. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 18].

desejava, interceptando o pedido de mediação entre ele e o citado contato que se encontrava na ilha.<sup>162</sup>

Por outro lado, Joan não perde a oportunidade de lembrar seu correspondente de que as coleções tão esperadas por ele, solicitadas em 1708, “ainda não chegaram”<sup>163</sup>, evidenciando a falta de informações sobre tal remessa e também fornecendo alternativa confiáveis para enviar as mercadorias desde Londres a Barcelona: “dirija aos senhores Shallet e Crowe, cônsules ingleses em Barcelona, para que possam mandá-las para mim; dessa forma elas chegarão com mais segurança”<sup>164</sup>, provavelmente para não correr o risco de ficar na espera por tanto tempo como se encontrava.

Sem um retorno de Petiver, Joan lhe escreve uma outra carta em julho daquele mesmo ano enviada desde Minorca, informando sobre sua viagem às Ilhas Baleares, tal como havia prometido na sua anterior. Nela, além de discorrer sobre determinadas plantas e garantir o fornecimento de amostras, insiste no envio dos livros e das “drogas pedidas e, em resumo, todas as novidades que recebe sobre plantas, animais e drogas”<sup>165</sup>, indicando que não havia desistido daquele conteúdo.

Desafortunadamente, nosso naturalista não teve um retorno para suas cartas e pedidos. Ao que parece, Lecaan foi o responsável por entregar as últimas cartas de Joan Salvador à Petiver, por estar naquele período na capital inglesa. Sem notícias diretas de Petiver, Joan manteve a correspondência com Lecaan, aproveitando de sua presença em Londres para pressioná-lo a seu favor, exatamente como este havia feito em relação à Joan quando o intermediário entre eles estava em Barcelona.

Desta correspondência, não se conservaram as cartas integralmente, chegando até os dias atuais apenas alguns fragmentos das mesmas anotados no *copybook* de James Petiver, conservados na British Library. Na primeira delas, datada de 20 de novembro de 1711, Joan Salvador escreveria “eu espero que o Sr. Pet[iver] tenha retornado da Hol[anda] e tenha trazido algumas raridades com ele. Peça [ileg.] a ele desejando que ele irá me enviar uma [parte]”<sup>166</sup>, revelando estar informado sobre as atividades de Petiver<sup>167</sup>, mesmo sem estar em

---

<sup>162</sup> Sobre as plantas das Ilhas Baleares facilitadas por Joan Salvador a James Petiver, ver: Ibáñez *et al.* Plant material exchanged between James Petiver and Joan Salvador. I. The Balearic plants conserved in the BC-Salvador and BM- Sloane Herbaria. *Notes and records of the Royal Society*, n. 60, 2006, p.241-248.

<sup>163</sup> Anexo 18.

<sup>164</sup> Anexo 18.

<sup>165</sup> BL, MS-Sloane 4065, f.1. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (30/07/1711), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.168. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 19].

<sup>166</sup> De acordo com Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez (2007, p.162), estas anotações aparecem no mesmo documento (BL, MS-Sloane 3338, f.31), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.152. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 20].

contato com ele, possivelmente através de Lecaan, reforçando que em retribuição iria “enviá-lo diversas plantas raras encontradas [em] Maiorca e Minorca”<sup>168</sup>.

Embora com algumas lacunas, este breve fragmento é bastante conciso para ilustrar como os personagens conectados na rede de comunicação e intercâmbios científicos assumiam diferentes papéis em determinados momentos. Mesmo sem se comunicar com Petiver, Joan não havia desistido dele e de tudo aquilo que ele representava tanto para o seu gabinete de curiosidades quanto para a divulgação de seu nome enquanto naturalista, contando com a participação de mediadores como Lecaan.

De acordo com Neus Ibáñez e Josep Maria Camarasa, o fragmento a seguir contém uma anotação de Petiver, que dizia ser uma parte da carta de Salvador à Lecaan na qual ele se referia ao boticário inglês. O conteúdo da mesma não o agradaria que, como veremos, iria externar futuramente seu descontentamento para com algumas atitudes de Joan Salvador – e, possivelmente, de John Lecaan por sua interferência nas mesmas. Com data de novembro de 1711, o conteúdo do fragmento se refere inicialmente à confirmação do recebimento da remessa, que por tanto tempo esteve presa no porto da capital inglesa, com as coleções tão desejadas por Joan Salvador. Ou melhor, com boa parte dela, como veremos mais adiante. Mas, o que mais nos chama atenção, são as referências que Joan faz a novos contatos que teria estabelecido, ou ao menos mantinha, através de Lecaan.

O primeiro a ser mencionado foi George Hay, um boticário inglês com que Joan teria se comunicado e mantido algum comércio, como podemos conferir “verifique com o sr. Hay se ele me enviou algum livro e, em caso afirmativo, se o *Museu de Willoughby* está entre eles”<sup>169</sup>, coordenando: “se ele não me enviou, por favor, preste meu mais profundo respeito ao Sr. Hay e diga a ele que tenho uma caixa grande pronta para ele, mas que ainda estamos esperando o [navio] passageiro levando o rei da Itália, que deve partir para a Inglaterra”.<sup>170</sup>

Ainda em Londres e especialmente interessante para nosso caso de estudo – já que consistiria em um dos responsáveis pelo dissabor de Petiver – Joan teria estabelecido contato e intercâmbio de materiais com Isaac Rand (? – 1743), botânico inglês à frente do *Chelsea Physic Garden*, com quem Petiver compartilhava não apenas o espaço laboral, mas também

---

<sup>167</sup> Na companhia de Hans Sloane, James Petiver passou cerca de um mês na Holanda, tendo a oportunidade de estar junto de muitos de seus correspondentes daquele país, bem como de estabelecer contato com alguns outros (Stearns, 1952, p.282-286).

<sup>168</sup> Anexo 20.

<sup>169</sup> BL, MS-Sloane 3338, f.27. Carta de Joan Salvador i Riera a Lecaan (20/11/1711), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.169. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 21].

<sup>170</sup> Anexo 21.

declaradas desavenças.<sup>171</sup> Ao passar as coordenadas para John Lecaan sobre o envio de algumas coleções para Londres, Joan Salvador informa que, além de materiais para o próprio Lecaan, e para o Sr. Hay, ele estava enviando também “muitas outras coisas para o Sr. Rand”<sup>172</sup>.

Este breve e revelador fragmento, por fim, nos aporta uma informação muito interessante sobre a ampliação das redes de comunicação e comércio de Joan Salvador, para além da Inglaterra, tendo participação ativa de John Lecaan como intermediário.

Natural dos Países Baixos, Lecaan em alguma de suas passagens por sua terra de origem, tratou de conectar o gabinete barcelonês com um dos mais destacados personagens não apenas naquela região, mas na Europa como um todo. Sobre esta mediação, Joan Salvador escreve “sou grato pela correspondência que obtive do senhor Boerhaave, professor de Leiden, que já respondi e já plantei vários [ileg.] para ele e o enviei com o primeiro [ileg.] em vasos e preparei um bom [ileg.] para ele e lhe pedi algumas outras plantas que espero que ele me envie”<sup>173</sup>. Infelizmente, o primeiro documento conservado IBB da correspondência epistolar entre Hermann Boerhaave (1638-1738) e Joan Salvador é de alguns anos posteriores, mais especificamente, de 1716.

Independentemente de não termos o conteúdo inteiro desta carta, o que temos em mãos é suficiente para ilustrar o quanto personagens “secundários” foram responsáveis em expandir as redes, atenuando as fronteiras que distanciavam naturalistas e colecionadores de diferentes localidades.

Ao que tudo indica Joan teria enviado uma outra carta a Petiver em dezembro de 1711, porém, assim como as anteriores, só temos conhecimento de um pequeno fragmento, cheio de lacunas que comprometem a compreensão de seu conteúdo. Mesmo sem resposta para suas últimas, Joan Salvador tornaria a escrevê-lo em janeiro do ano seguinte, desta vez informando-o diretamente sobre as coleções que tinha preparada para ele “há algum tempo que eu tenho esperado por uma boa ocasião para enviar-lhe uma grande caixa cheia de coisas”<sup>174</sup> que, provavelmente, incluíam as plantas coletadas nas Ilhas Baleares, sobre as quais havia comentado com John Lecaan anteriormente.

---

<sup>171</sup> Sobre a experiência de Isaac Rand junto ao Chelsea Physic Garden, bem como de suas atividades científicas, ver: Hunting, P. Isaac Rand and the Apothecaries’ Physic Garden at Chelsea. *Garden History*, vol. 30, n. 1, 2002, p. 1-23.

<sup>172</sup> Anexo 21.

<sup>173</sup> Anexo 21.

<sup>174</sup> BL, MS-Sloane 4065, ff.13-14. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (10/01/1712), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.169. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 22].

Não seria descabido pensar que Joan ainda não havia enviado esta remessa por estar esperando por um retorno de Petiver, especialmente àquele que repetidamente o cobrava em suas cartas, o qual não seria esquecido também nesta ocasião. Ao agradecer e confirmar, desta vez “pessoalmente”, o recebimento da coleção enviada por Petiver, reforça “espero tudo na frota da próxima primavera, incluindo as drogas, as pedras, conchas, minerais, terras, etc, que eu também tive a honra de pedir em cartas anteriores”.<sup>175</sup> A situação de Joan Salvador era complicada, pois, ao mesmo tempo que havia retomado a correspondência com James Petiver por interesses particulares e sabia que seria necessário enviar as amostras que Petiver tanto desejava, convivia com um aparante descaso de Petiver em não corresponder, até o momento, com nada do que desejava.

Em menos de um mês Joan escreveria duas cartas à Petiver informando sobre o envio das coleções reunidas em Minorca<sup>176</sup>, das quais já havia discorrido em outras oportunidades. Mesmo sem ter recebido de seu correspondente o que tanto desejava e apesar de toda a dificuldade de movimentação interna por conta da guerra – muito bem detalhada nestas cartas – Joan transmite certo otimismo na relação entre eles, prometendo aproveitar cada oportunidade para continuar coletando amostras a Petiver, sem deixar de lembrá-lo da encomenda pendente.

A resposta para todas estas cartas seria escrita em julho de 1712, porém, como bem ressaltaram Neus Ibáñez e Josep Maria Camarasa, não sabemos se esta carta de fato chegou às mãos de Joan, visto que não se encontra entre a correspondência conservada na coleção Salvador no IBB<sup>177</sup>.

Independente do caminho que tenha percorrido, é extremamente conveniente que ela seja aqui discutida, pois seu conteúdo é, basicamente, uma síntese de todas estas estratégias e conveniências que temos reiteradamente evidenciado. Para começar, Petiver diz ter recebido de Joan Salvador as coleções de plantas coletadas em Porto Maó, em Minorca, mas, apesar de ter sido lembrado, não deixa de manifestar – com boa dose de ironia – sua insatisfação, ao dizer que os materiais recebidos “teriam sido muito mais aceitáveis se não tivessem sido os restos daquelas que você enviou ao sr. Rand, quem não publicou nada por ele mesmo nem agradeu com qualquer coisa que eu faço”<sup>178</sup>. Esta frase confirma a insatisfação de Petiver ao ter ciência do bom relacionamento e comércio entre Joan e outros naturalistas de

---

<sup>175</sup> Anexo 22.

<sup>176</sup> Ambas as cartas podem ser consultadas em anexo [Anexo 23; Anexo 24].

<sup>177</sup> Ibáñez & Camarasa, 2007, p. 156.

<sup>178</sup> BL, MS-Sloane 3338, ff.87v-88r. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/07/1712), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.170. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 25].



Londres ou, ao menos, com o senhor Rand, como havíamos dito anteriormente. Na realidade, Petiver deveria não estar em acordo com a atitude de Joan Salvador em facilitar ao seu concorrente direto as plantas menorquinas que exaustivamente havia tentado persuadí-lo em lhe favorecer.

Ao mesmo tempo em que critica a conduta de Joan, Petiver desmerece a atividade científica de seu oponente, vangloriando os seus próprios feitos. Desgostoso com a situação, provavelmente porque as plantas fornecidas não eram – ou ele, tomado por ciúmes, dizia não serem – os exemplares mais raros e curiosos, aborta o seu plano de publicá-las, talvez por saber que este projeto era um dos motivos pelos quais Joan havia retomado o comércio entre eles, justificando “a princípio, tive algumas ideias de publicar em nossa *Acta Philosophica* as coisas que você me enviou e as figuras que ainda não foram feitas, mas para evitar a censura do Sr. Rand deixe isto para ele mesmo, que tem mais tempo livre”.<sup>179</sup>

Ainda assim, Petiver não desiste de Joan Salvador, confirmando que, mesmo apesar deste infeliz episódio, não deixaria de enviar uma remessa em agradecimento ao que havia recebido, fazendo questão de reforçar a superioridade de sua atividade científica, ressaltando que estas coleções estavam compostas por “coisas que nem o Sr. Rand ou qualquer outro além de mim são capazes de lhe retribuir”<sup>180</sup>, deixando transparecer novamente o seu inconformismo e tentando se autoafirmar como um naturalista singular, interessado em convencer Joan de que ter a sua amizade era um privilégio e representava possibilidades únicas.

Na sequência, Petiver tenta se import, determinando como o comércio deveria se desenvolver, se colocando, mais uma vez, em uma posição privilegiada: “e para o futuro sempre respeitaremos as coisas que você manda somente para mim e para amigos, ao invés de outros que não farão um retorno de acordo com elas”<sup>181</sup>, reforçando que Joan Salvador se beneficiaria muito mais se seguisse seus conselhos sobre exclusividade.

Esta é a primeira vez que James Petiver fala de Hans Sloane (1660-1753), um dos naturalistas e colecionadores mais influentes daquela época, com quem Petiver mantinha boas e estreitas relações.<sup>182</sup> Como veremos em outra oportunidade, entre as coleções de plantas e livros que Joan Salvador ansiosamente aguardava receber estava o livro de Sloane, *Catalogus*

---

<sup>179</sup> Anexo 25.

<sup>180</sup> Anexo 25.

<sup>181</sup> Anexo 25.

<sup>182</sup> Para mais informações sobre Hans Sloane, ver: Delbourgo, J. *Collecting the world. The life and curiosity of Hans Sloane*, 2017. Y el libro colectivo editado por Hunter y otros que se titula *From Books to Bezoars. Sir Hans Sloane and his Collections*, de 2012.

*plantarum quae in insula Jamaica*,<sup>183</sup> uma das primeiras obras a fornecer um relato detalhado das Índias Ocidentais, sobre o qual Petiver tinha feito propaganda de sua publicação na primeira carta enviada a Joan Salvador através de John Lecaan<sup>184</sup>. Ademais de toda sua influência no meio científico, de seus contatos nas colônias americanas e de sua imponente coleção, Sloane era também o secretário da *Royal Society* de Londres, uma das mais destacadas sociedades científicas da época, da qual, Petiver também era membro.

Como veremos nas próximas páginas, Petiver irá propor a candidatura de Joan Salvador como um membro daquela instituição e, em boa medida, fará desta o principal meio para conseguir de seu correspondente as plantas e materiais que desejava, fator este que mudará completamente a relação entre ambos, e que evidenciará ainda mais interesses que vão além do enriquecimento de seus respectivos gabinetes de curiosidades.

A manobra empregada por Petiver ao citar uma possível conversa com Hans Sloane a favor de Joan Salvador, abre margem para muitas interpretações, as quais iremos, aos poucos, introduzindo-as na nossa discussão. Sobre este tema, Petiver afirmava que, pelo notável interesse de Joan pela história natural – e especialmente pelo seu livro – Sloane estava pensando em admiti-lo “como membro de nossa Royal Society, que seu interesse e inclinação, assim como os meus, são capazes de fazer, sendo nós ambos do Conselho este ano”<sup>185</sup>. Nela, Petiver não se diminui ao frisar a posição destacada de Sloane, defendendo a influência de ambos em nível de igualdade e, assegurando assim, que as chances de admissão de Joan Salvador eram quase certas de êxito pelo apoio que iria dele receber.

Como apontado, esta carta não chegaria até Joan, o que justifica o fato dele ignorar todas as críticas e a sedutora oferta nas próximas cartas enviadas a James Petiver. Enquanto a remessa que Petiver menciona nesta última carta estava a caminho, Joan escreveu uma outra carta a Petiver informando estar seguro de que ele já havia recebido as plantas menorquinas e dizia estar indo à Montserrat, prometendo enviar-lhe boas coleções.<sup>186</sup> Mesmo sem resposta e, aproveitando a passagem de Lecaan por Londres, Joan escreveria duas cartas. Uma delas era para Petiver, na qual, basicamente, além de comunicar o recebimento das coleções por ele enviadas, justificava “nem sempre posso estar no campo ou andar pelo país e isso é outra coisa que me impede de encontrar mais coisas, sobretudo porque o país é parcialmente

---

<sup>183</sup> Sloane, H. *Catalogus plantarum quae in insula Jamaica sponte proveniunt vel vulgo coluntur cum earundem synonymis & locis natalibus adjectis aliis quibusdam quae in insulis Madaeae Barbados Nieves & Sancti Christophori nascuntur seu Prodrumi historiae naturalis Jamaicae pars prima* autore Hans Sloane Londini impensis D Brown 1696. Na biblioteca Salvador como *14/III/8*.

<sup>184</sup> Corresponde ao anexo 4.

<sup>185</sup> Anexo 25.

<sup>186</sup> BL, MS-Sloane 4065, f.34. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (15/04/1712), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 26].

ocupado pelo inimigo, e garanto-lhe que lamento muito não poder enviar-lhe tudo o que você gostaria”,<sup>187</sup> pedindo a colaboração de Petiver em entender as dificuldades que envolviam a coleta de amostras e comprometiam a dinâmica e a assiduidade dos envios.

Estas declarações de Joan são especialmente interessantes quando comparadas com o conteúdo da outra carta enviada a Londres, desta vez destinada à Hans Sloane. Incentivado por Lecaan, que não apenas o encorajou como atuou de mediador entre ambos, Joan tomou a iniciativa de escrever diretamente ao naturalista e colecionador britânico, propondo um comércio entre eles. Diferentemente do que disse à Petiver sobre a facilitação de *coisas naturais*, Joan diria à Sloane “eu prometo fazer tudo o que puder para satisfazê-lo a este respeito, em particular no que diz respeito às coisas do meu país, e porque eu não tive tempo para coletar mais, estou apenas enviando algumas coisas que o Dr. Lecaan lhe entregará”<sup>188</sup>, e ainda “tenha certeza que estarei sempre preparado para lhe enviar o que você desejar daqui”<sup>189</sup>. A postura de Joan em relação aos dois correspondentes é completamente distinta, embora para ambos ele lamente o escasso volume das coleções enviadas naquela oportunidade. No caso de Petiver, tudo indica que a remessa limitada se justifique no fato de que Joan estivesse comedido por esperar por retornos mais constantes ou até mesmo pelas encomendas feitas há anos a Petiver. Por outro lado, por se tratar de um primeiro contato, esta atitude de Joan para com Sloane pode ser entendida como falsa modéstia, uma conveniência amplamente empregada neste tipo de relações, da qual já abordamos anteriormente.

Como apontamos, a última carta analisada de Petiver não chegou ao seu destinatário e, por esta razão, Joan Salvador ainda não sabia dos planos do boticário inglês tinha em propor sua candidatura como membro da *Royal Society*.<sup>190</sup> Assim, excluímos a possibilidade de Joan ter escrito à Sloane influenciado pelas declarações de Petiver. Por outro lado, não é possível afirmar que Joan não teria um interesse em tal nomeação, mesmo sem saber do conteúdo da outra carta. Obviamente que manter uma amizade com Hans Sloane poderia ser vantajosa em inúmeras questões, mas, como o próprio Joan relevou, a iniciativa em propor o comércio entre eles era porque ele estava “na esperança de que você [Hans Sloane] também me envie uma

---

<sup>187</sup>BL, MS-Sloane 4065, f.52. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (22/08/1712), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 27].

<sup>188</sup>BL, MS-Sloane 4065, f.83. Carta de Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (22/08/1712), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 28].

<sup>189</sup> Anexo 28.

<sup>190</sup> Este tema está sendo trabalhado por mim e Emma Sallent e temos previsto publicar seus resultados o quanto antes. Sobre as contribuições espanholas à academia inglesa, ver: Grice-Hutchinson, 1988.

parte de suas boas coleções de coisas das Índias, que eu imagino que você tenha em abundância”.<sup>191</sup>

O desejo de Joan em obter amostras da natureza das Índias para seu gabinete era uma constante em seus contatos comerciais, como as muitas cartas enviadas a James Petiver nos mostrou, tal como a de Sloane também nos confirma. Considerando que Petiver tinha uma personalidade bastante controladora e estava sempre muito bem informado sobre as atividades de seus correspondentes, não surpreenderia que ele tivesse se antecipado em apresentar Hans Sloane à Joan Salvador, bem como tomar à frente de sua candidatura na *Royal Society*, para ter o controle das relações entre Joan e Hans Sloane que, claramente, poderiam ser uma ameaça aos seus interesses.

Esta suposição fica ainda mais consistente quando analisamos o conteúdo da próxima carta de Petiver a Joan Salvador, com data de outubro de 1712, ou seja, pouco tempo depois de Joan escrever sua carta a Hans Sloane. Nela, Petiver diz estar enviando uma remessa em retorno às plantas que havia recebido de Joan Salvador, como prometido. Curiosamente, esta coleção estava composta de “cerca de quarenta plantas americanas, a maioria delas da Virgínia, o restante da Jamaica”<sup>192</sup>, dando a entender que estava informado sobre os materiais que Joan havia pedido a Sloane, lhe fornecendo, então, não apenas amostras de plantas americanas desejadas, mas especificamente plantas da Jamaica, das quais Sloane era um especialista.<sup>193</sup>

Ainda nesta direção e reforçando nossa interpretação, destacamos esta declaração de Petiver: “quanto ao conteúdo desta consignação, você pode imaginar os maravilhosos espécimes da Ásia, da África e da América que ninguém mais, além de mim, pode enviar-lhe, e que você receberá nas próximas remessas”.<sup>194</sup> Petiver faz questão de deixar claro à Joan que ele tinha acesso a materiais exclusivos, numa, talvez, tentativa de desencorajar o seu comércio com outros naturalistas e colecionadores ingleses com os quais poderia ter uma certa rivalidade. Em troca esperava receber de Joan “coleções de animais, vegetais e fósseis destas partes das duas Índias com as quais os espanhóis comercializam, especialmente Perú e México, este último lugar que Hernández e outros ilustraram”<sup>195</sup>, o que nos permite entender

---

<sup>191</sup> Anexo 28.

<sup>192</sup> BL, MS-Sloane 3340, f.223r-225r. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (14/10/1712), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 29].

<sup>193</sup> Sobre a coleção de plantas jamaicanas de Hans Sloane, ver: Rose, E. Natural history collections and the book. Hans Sloane's *A voyage to Jamaica (1707-1725) and his Jamaican plants*. *Journal of the History of Collections*, vol. 30, n. 1, 2018, p.15-33.

<sup>194</sup> Anexo 29.

<sup>195</sup> Anexo 29.

que Petiver, ao contrário do que defendia, tinha acesso limitado aos materiais provenientes da América, especialmente das colônias espanholas e portuguesas.

O único exemplar remanescente deste documento é também uma cópia da carta original que, tudo indica não ter alcançado Joan Salvador ou, se chegou, foi ignorada por ele e perdida ao longo do tempo. Quase um ano depois de ter enviado a referida carta, Petiver escreveria novamente à Salvador confirmando o envio das plantas americanas, bem como de outras coleções citadas na oportunidade anterior. Agora, novamente, dizia estar enviando mais “uma coleção de 40 gramíneas da Jamaica, a maioria das quais espero que seja totalmente novas para você”.<sup>196</sup> Além das amostras da flora jamaicana, Petiver discorre sobre uma série de privilégios que estava disposto a oferecer à Joan, numa atitude bastante distinta da que sempre manteve ao longo daqueles anos de correspondência, mostrando um interesse com muito mais entusiasmo nas plantas que Joan informou ter recolhido na região dos Pirineus.

A relação aparentemente enfraquecida entre James Petiver e Joan Salvador, somada aos problemas de comunicação durante o período da guerra, pode ser observada em uma carta que Joan escreveria a Lecaan, na qual dizia ter sido notificado desde Minorca sobre o recebimento de uma coleção vinda Londres para ele. Sobre tal carga, diz “espero que sejam os livros e outras curiosidades do Sr. Rand, que há algum tempo escreveram dizendo que iriam enviá-las na primeira oportunidade”<sup>197</sup> e ainda pede a Lecaan “*por favor, dê meus cumprimentos ao sr. Hay e me envie notícias dele*”<sup>198</sup>, desconsiderando as possibilidades de esta remessa ser de autoria de Petiver, sobre quem Joan também demonstrava não estar preocupado em ter notícias.

Ao ter conhecimento de que se tratavam de coleções enviadas por Petiver, Joan o escreveria em agradecimento à remessa recebida, prometendo retribuí-lo com as plantas de Montserrat e dos Pirineus, assim como com algumas curiosidades de seu gabinete e, por fim, se colocando a disposição para coletar tudo que ele quisesse.<sup>199</sup> Esta carta de Joan marcaria o início de uma nova fase para o comércio e amizade com James Petiver, que se tornaria muito mais próxima e harmoniosa nos próximos anos. A correspondência epistolar e o comércio entre eles durante o pós-guerra continuam sendo de suma importância para nossa discussão

---

<sup>196</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (10/08/1713). *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.157-158. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 30].

<sup>197</sup> BL, MS-Sloane 4067, f.134. Carta de Joan Salvador i Riera a Jean Lecaan (sem data), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.172-173. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 31].

<sup>198</sup> Anexo 31.

<sup>199</sup> BL, MS-Sloane 4067, f.186. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (06/12/1714), *cf.* Camarasa; Ibáñez, 2007, p.173. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 32].

sobre o lugar ocupado pela natureza americana nesta relação, ressaltando os diferentes papéis que exerceram, seja como materiais desejados ou como objetos de manipulação.

O que vimos até agora foi o declarado interesse de Joan Salvador em enriquecer o seu gabinete com amostras da natureza das Américas manifestado desde sua primeira carta à Petiver, que, por sua vez, lançando mão de inúmeras conveniências fez do interesse de seu correspondente um caminho para manipulá-lo a fornecer os materiais que ele próprio desejava. Mesmo não correspondendo da maneira como esperava, Petiver ainda era um contato importante para ser desvinculado de sua rede. E o próprio Petiver sabia disso, assim, através de abundantes exemplos, tentamos mostrar como a questão do poder movimentou o intercâmbio entre o gabinete da rua Ample, em Barcelona, e o da Aldergate Street, em Londres, sendo manifestado em suas mais distintas faces. Aproveitando da fama associada ao seu nome e de todos os benefícios decorrentes dela, Petiver conseguiria reconquistar os favorecimentos de Joan em momentos em que o comércio entre eles estava praticamente inativo.

Neste sentido, reforçamos que o negócio amistoso com Petiver seria muito mais conveniente em razão da visibilidade e poder que ele poderia lhe conferir do que em termos de acesso e aquisição de *americana*, quantitativamente falando. Recordemos que, em quase oito anos, Petiver fez apenas duas remessas com coleções de amostras provenientes da América, justamente porque, aparentemente, o que lhe motivava não era a satisfação de seu colega em receber aquilo que lhe havia encomendado, mas sim, uma medida de sobrevivência, de garantir o recebimento dos seus materiais, já que a conexão de Joan com outros personagens tão ou mais poderosos que ele claramente ameaçava os seus interesses e comprometia seus projetos pessoais.

As cartas seguintes desta correspondência revelarão um maior entendimento entre os dois naturalistas, com evidentes sinais de amizade. Porém, ainda assim, veremos que tanto Petiver quanto Joan Salvador – bem como os novos personagens que serão conectados nesta rede – não deixaram de priorizar o lucro destas relações comerciais. Os interesses pessoais continuarão conduzindo a dinâmica das redes, não importando se para alcançar os seus objetivos, tivessem de desconsiderar os projetos e súplicas de seus amigos mais íntimos.

### 1.5. Ampliando redes e fortalecendo laços.

O fim da Guerra de Sucessão significou a redução dos obstáculos referentes à comunicação, transporte e circulação dentro e fora do território espanhol, conferindo à Joan Salvador mais liberdade para exercer suas atividades científicas e colecionadoras. Neste período de mais de uma década em que Barcelona esteve no epicentro do conflito, abrigando os mais diferentes aliados e apoiadores de Carlos III, Joan e seu pai se viram privados de continuar se comunicando diretamente com seus amigos e correspondentes franceses, com os quais mantinham relações estreitas desde as viagens formativas iniciadas por Jaume Salvador.

Se por um lado a guerra interrompeu o contato com a França, por outro lado permitiu, como vimos, que novos contatos e amizades de diferentes localidades fossem estabelecidos, contribuindo para que Joan Salvador – naquela época já à frente das coleções familiares – se consolidasse como um experiente e respeitado naturalista. Além de suas próprias habilidades e capacidade intelectual, Joan teve o privilégio de participar das tertúlias organizadas por seu pai na rebotica do estabelecimento comercial familiar, onde esteve, durante todos aqueles anos, discutindo os mais variados temas relacionados com a história natural, com os mais diferentes personagens nela também interessados e que, conseqüentemente, resultaram bastante proveitosos não apenas para seu amadurecimento profissional, mas também para a consolidação de seu nome e projeção de seu gabinete entre os círculos ilustrados da Europa.

A liberdade experimentada após tantos anos de coibição estimulou Joan Salvador a realizar saídas de campo pela região da Catalunha e até mesmo empreender viagens maiores e, assim, coletar mais materiais tanto para sua aquisição e conhecimento pessoal quanto para oferecer e intercambiar materiais com seus correspondentes e colaboradores. Como bem ressaltaram Neus Ibáñez e Josep Maria Camarasa em seu artigo sobre a correspondência científica entre Joan Salvador e James Petiver neste período posterior ao fim do conflito<sup>200</sup>, o interesse de Joan neste momento era bastante diferente daquele manifestado no passado. Lembremos que no momento em que a guerra eclodia, Joan era um jovem boticário no início de sua vida profissional buscando aprimorar seus conhecimentos. Ao retornar de sua viagem formativa pela França e Itália, se viu obrigado a tentar estabelecer contatos com personagens com quem nunca havia se comunicado, para garantir a permanência de sua família e de seu gabinete na rede científica de comunicação e comércio, visto que se viram proibidos de se relacionar com muitos de seus habituais colaboradores.

---

<sup>200</sup> Camarasa; J.M; Ibáñez; N. Joan Salvador and James Petiver: the last years (1715-1718) of their scientific correspondence. *Archives of Natural History*, 39, 2, 2012. p. 191-216.

Assim, conseqüentemente, os códigos de condutas destas correspondências epistolares diferiam exponencialmente da correspondência científica retomada e, em muitos casos, iniciadas, após 1714. Se o período que compreendeu a Guerra de Sucessão foi relativo às tentativas de inserção e projeção nas redes internacionais, a fase posterior a ela corresponderia ao ápice da vida profissional de Joan Salvador que, naquele momento, já havia se consolidado como um naturalista do mesmo nível de seus pares, conferindo ao sobrenome Salvador certa suficiência.

Se por um lado o fim da guerra significou a eliminação de fronteiras, dando liberdade para que Joan Salvador pudesse se comunicar com toda a Europa, internamente, dentro da própria Espanha, a realidade não era bem assim. A resistência das instituições de governo da Catalunha frente às ofensivas de Felipe V durante o conflito se manifestou com grande desconfiança por parte das novas autoridades espanholas, complicando ainda mais as relações entre eles. É válido ressaltar que Jaume Salvador teve participação ativa no governo local catalão, como representante da classe dos boticários – além de se reunir com os cortesões do lado austríaco. Com os decretos da Nova Planta por parte da coroa espanhola, as instituições catalãs de governo – vinculadas ao Conselho de Cento – seriam abolidas, alterando o modo de governar a cidade, eliminando, entre outras, a representação dos grêmios.

Somados a estes problemas decorrentes de resistência e posterior dominação, a longa distância geográfica que separava Barcelona de Madrid não era determinante, mas comprometia a intensidade das relações que Joan e seu pai poderiam ter com a corte espanhola – muito aquém daquelas que puderam ter com os cortesãos de Carlos III, por exemplo. No entanto, como veremos mais adiante, os boticários da família Salvador se adaptariam com admirável rapidez ao novo governo, em um movimento estratégico para seguir disfrutando de seus benefícios enquanto cidadãos influentes em Barcelona.

Este diagnóstico das relações do núcleo barcelonês – ao menos durante a vida do nosso personagem principal – com o núcleo madrilenho, será importante para justificar algumas questões envolvendo a aquisição de *americana* para o gabinete Salvador. Do mesmo modo, a capital do reino esteve no centro da correspondência mantida com James Petiver nesta nova fase de abertura, fato que se mostrará como mais um sinal de que a relação com Petiver foi mais rentável no sentido das oportunidades e renome.

Desde a primeira carta que Petiver escreveria nesta nova fase – uma resposta à carta de Salvador com a qual encerramos nosso apartado anterior –, ele deixaria manifestado seu interesse em saber como estava sua relação com Madrid: “gostaria de saber quais as conveniências que você tem para enviar para Madrid, porque com as suas coleções terei uma



oportunidade para enviar algumas coisas para o Sr. Riqueur, o boticário do rei, e ao Dr. Burlett, seu médico-chefe e outros, de quem eu recebi algumas sementes pelo meu Lord Lexington, nosso último embaixador”<sup>201</sup>, revelando já haver estado em contato e iniciado um comércio de *naturalia* com alguns científicos recém-chegados à corte madrilenha de Felipe V, como médicos ou boticários reais, tais como Claude Burlet (1664-1731) e Louis Riqueur (ca.1655-1737) respectivamente.<sup>202</sup>

Nesta ocasião, Petiver atualiza Joan de seus trabalhos recentes, tanto já publicados, quanto dos novos empreendimentos. Sobre o primeiro comenta sobre o seu *Pterigraphia Americana*, o qual informava conter “figuras completas de cerca de 200 samambaias americanas raras, tiradas principalmente do *Hist[oire]. des Fouquieres* de Plumier”<sup>203</sup> e sobre o último dizia estar “agora gravando 50 plantas medicinais do Peru e do Chile copiadas dos projetos de Feuillé”<sup>204</sup>. Como podemos ver, Petiver estava envolvido com o estudo e divulgação da natureza americana, especialmente provenientes das colônias espanholas. Recordemos que Petiver havia pedido em oportunidades passadas para que Joan lhe facilitasse espécimes das colônias ibéricas, provavelmente porque já estivesse trabalhando nestes projetos. Talvez isto justificasse o seu interesse em conectar com os naturalistas de Madrid, empregando Joan Salvador como intermediário, para tanto facilitar o intercâmbio entre eles, quanto para interferir a seu favor.

No entanto, em sua resposta enviada a Petiver, Joan Salvador apenas se limita a tentar resolver uma dívida que tinha com ele sobre a compra de alguns livros, prometendo enviar tanto o dinheiro quanto novos materiais na próxima oportunidade.<sup>205</sup> Pouco tempo depois, envia uma confirmação tanto para Petiver quanto para Hans Sloane, informando sobre o envio de uma caixa com coleções de conchas, plantas e pedras, que seriam endereçadas a John Leccan que, naquele momento estava residindo em Londres.<sup>206</sup> Nesta carta, Joan novamente não responde à pergunta de Petiver sobre suas capacidades de se comunicar com Madrid.

Sabemos pelas anotações de Petiver na própria carta de Joan que esta teria chegado juntamente com o dinheiro devido, porém desacompanhada das coleções que seriam enviadas para Lecaan e, posteriormente, entregues a ele. Aproveitando o ensejo desta futura remessa, Petiver faz, novamente, uma observação bastante interessante sobre como o comércio entre

---

<sup>201</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (25/04/1715), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.192-194. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 33].

<sup>202</sup> Sobre Riqueur e os boticários de Felipe V, ver: García Yébenes, 2002; Basante Pol, 1980.

<sup>203</sup> Anexo 33.

<sup>204</sup> Anexo 33.

<sup>205</sup> O documento pode ser consultado em anexo [anexo 34]

<sup>206</sup> Assim como a anterior, esta carta também pode ser consultada em anexo [anexo 35].

eles deveria funcionar a partir daquele momento: “o sr. Crowe ou o sr. Shallet podem aconselhar-me em cujas mãos aqui em Londres eu posso colocá-los para você e para eles você também pode consignar o que você tem para mim, que será o mais fácil, rápido e seguro”<sup>207</sup>, diretrizes as quais estavam diretamente relacionadas com o seu desconforto em ter Lecaan como mediador neste comércio, como ele mesmo justifica “você me fala de algumas sementes, plantas, pedras, etc que você planeja direcionar para o dr. Lecaan que vive agora no país, mas onde eu não posso saber, então eu temo que eles não cheguem às minhas mãos e caiam nas do sr. Rand, ele vai mantê-los e ele já tem uma coleção minha da Holanda”<sup>208</sup>.

A associação de Lecaan com sr. Rand era um motivo suficientemente convincente para não confiar no cirurgião holandês que, para Petiver, tinha claramente traído sua amizade ao conectar Joan Salvador tanto ao seu inimigo quanto a pessoas poderosas, como Hans Sloane. O rompimento entre Petiver e Lecaan se torna nítido quando Petiver informa não saber nem seu endereço. Por estas razões e, sobretudo, por estar preocupado em ser desfavorecido como em situações passadas, ele ordena “então, eu desejo que você dirija para minhas próprias mãos o que você preparou para mim”<sup>209</sup>, tentando de desvincular da intermediação suspeita de Lecaan.

Ainda nesta mesma carta, em decorrência da omissão de Joan Salvador em não responder suas interrogativas sobre Madrid, insiste “desejei, na minha passada, saber quais conveniências e com que frequência você tem a oportunidade de enviar para Madrid que, por favor, me avise no primeiro correio, porque tenho alguns livros, etc, para enviar ao sr. Burlet, físico-mor do rei e ao Sr. Riqueur, o último boticário da rainha”<sup>210</sup>. Utilizando-se de uma retórica muito mais cordial em comparação ao passado, Petiver deixa claro o interesse que tinha em estabelecer um elo entre Londres, Barcelona e Madrid. Cuidadoso em suas palavras, mas sem perder a sua essência articuladora, Petiver tenta incentivar Joan Salvador a se comunicar com Louis Riqueur (ca. 1655 – 1737), cuja amizade poderia “ser de nenhum desserviço para você nesta Corte”.<sup>211</sup> Conhecendo bem o perfil de Petiver, tudo leva a crer que as vantagens de uma amizade entre Joan e alguém influente do *Protomedicato* em

---

<sup>207</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/11/1715), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.196. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 36].

<sup>208</sup> Anexo 36.

<sup>209</sup> Anexo 36.

<sup>210</sup> Anexo36.

<sup>211</sup> Anexo 36.

Madrid, como Ricqueur, seriam aproveitadas não apenas por eles dois, mas também e, fundamentalmente, por ele próprio<sup>212</sup>.

O interesse de Joan Salvador em adquirir amostras da natureza americana também era bem conhecido por Petiver e, obviamente, ele não deixaria de incitá-lo nesta tentativa de conectar os dois núcleos espanhóis. Se mostrando inteirado sobre as atividades comerciais coloniais, sobre as quais recebia informações de colaboradores de diferentes localidades, Petiver revela “o Dr. Langlade me deu algumas esperanças de que eu poderia receber algo do Peru, México, etc”<sup>213</sup>, atraindo assim a atenção de Joan para as vantagens desta aliança.

Ao mesmo tempo em que incentiva Joan a se comunicar com Madrid, Petiver também o encoraja a tentar se corresponder com pessoas que residissem nas próprias colônias: “uma correspondência desta parte seria muito aceitável, a qual eu espero que você também se esforce para promover”<sup>214</sup>, cobrando atitude e empenho de Joan neste desafio.

Ao estimular Joan a tentar encontrar um colaborador direto na América, Petiver, no entanto, não perderia a oportunidade de incluir a Ásia, especialmente as Filipinas. E por um motivo bastante claro: “como também para as ilhas Filipinas onde eu perdi agora o curioso padre Camelle com quem e até a sua morte eu tive uma correspondência anual, como você pode ver pelo apêndice do terceiro volume de plantas do sr. Ray, cujos desenhos eu ainda não gravei por falta de incentivo e assinaturas, os quais dei conhecimento à Corte de Madrid na esperança da ajuda do rei, sendo muito pesado para meu bolso privado”<sup>215</sup>.

Com a morte de Kamel (1661 – 1706), Petiver, provavelmente, se encontrava sem fornecedores fiéis que lhe facilitassem os espécimes daquela região, problema que seria resolvido caso Joan Salvador encontrasse um substituto para seu falecido correspondente e colaborador.<sup>216</sup> Como argumento convincente, Petiver cita os resultados que obteve através desta amizade, que culminaram na publicação da obra de Ray, revelando que havia recorrido aos seus colegas cortesãos em Madrid para tentar um financiamento para a publicações dos desenhos das plantas citadas em tal Apêndice.

À medida que Petiver expunha seus pensamentos e planos nesta carta, mais evidente ficam suas intenções. Na sequência ele iria propor algo bastante audacioso: “eu ficaria muito feliz se você fizesse um catálogo de todas as plantas que você observou na Catalunha e nas

---

<sup>212</sup> Sobre a medicina espanhola moderna e os *novatores*, ver: Pardo-Tomás, 2004; Martínez-Vidal & Pardo-Tomás, 1995.

<sup>213</sup> Anexo 36.

<sup>214</sup> Anexo 36.

<sup>215</sup> Anexo 36.

<sup>216</sup> Sobre a correspondência científica entre Kamel e Petiver, ver: Kroupa, 2015.

montanhas dos Pirineus”<sup>217</sup>, sugerindo ainda “e se a eles você adicionar as feras, pássaros, peixes, insetos, conchas e fósseis, você iria altamente obrigar o mundo todo, eu não duvido, mas muito particularmente a Corte de Madrid”<sup>218</sup>, concluindo que este projeto certamente seria “um exemplo para outras províncias da Espanha imitar e para encorajar você a fazer isto eu estarei no [ileg.] para figurar o que você irá publicar e dedicar as tabelas a tais patronos assim como você me dirigir ou nomear”<sup>219</sup>.

A execução deste projeto seria, como ele bem ressalta, uma garantia de Joan Salvador obter a atenção do mundo todo e, o mais importante, da corte de Madrid. Provavelmente Petiver sabia dos problemas comprometedores entre a capital do reino e a capital catalã, vendo neste empreendimento um meio para superá-las e tornar a comunicação entre os dois núcleos mais efetiva. Como incentivo, ele oferece apoio com a impressão dos desenhos e dedicatórias, transmitindo assim a segurança de que o projeto tinha condições de ser executado e a garantia de acreditar no seu potencial.

Para deixar a proposta ainda mais irrecusável, Petiver recorre a sua influência para recompensar Joan Salvador “eu desejo que você leve isso em consideração e deixe-me saber o que você pensa no geral, que eu vou comunicar para a nossa *Royal Society* e, se você desejar, propor-lhe a membro, que eu acredito que eles não recusarão sob minha recomendação, especialmente se eu puder ter suas promessas de obrigá-los com o que agora eu proponho”<sup>220</sup>. Dessa forma, o catálogo sobre a natureza catalã serviria tanto para promover Joan Salvador entre os cortesãos madrilenhos e beneficiar James Petiver em seus interesses para com estas relações e, por outro lado, para fundamentar e assegurar a aprovação de Salvador como um membro da *Royal Society*.

Como vimos anteriormente, Petiver já havia comentado sobre uma possível indicação de Joan Salvador à *Royal Society*, mas a carta não teria chegado às suas mãos. Na ocasião demonstramos que uma das possibilidades desta nomeação poderia estar relacionada com as ameaças que os novos contatos de Joan Salvador, entre eles Hans Sloane – secretário de dita sociedade – poderiam oferecer aos interesses de Petiver. Curiosamente, Petiver retoma a este tema justamente em um momento em que estes personagens voltam a figurar na correspondência entre eles, já que Joan Salvador havia comunicado à Petiver que suas coleções estavam indo junto com as de Sloane e de George Rand. Novamente, Petiver poderia

---

<sup>217</sup> Anexo 36.

<sup>218</sup> Anexo 36.

<sup>219</sup> Anexo 36.

<sup>220</sup> Anexo 36.

estar tentando atrair a atenção de Joan somente para ele, a fim de evitar os contratempos do passado que tanto havia o descontentado.

Seja como foi, as estratégias do boticário inglês parecem ter funcionado, visto que, ao receber a carta, Joan Salvador escreveria uma resposta quase que imediata ao seu recebimento. Nela, confirmava o recebimento tanto desta última quanto da primeira carta, da qual Petiver cobrava uma resposta para o seu questionamento relativo à Madrid, sobre o qual disse “se você também puder me enviar os livros para o Sr. Burlet e o sr. Riqueur, eu cuidarei para que eles sejam enviados a eles, já que temos a sorte de ter alguns amigos que para lá vão”<sup>221</sup>, se limitando apenas a confirmar positivamente ter condições de ser um mediador entre o comércio entre Londres e Madrid.

Neste momento, todo o discurso de Petiver sobre o comércio de *americana* foi desconsiderado por Joan, talvez porque a proposta da *Royal Society* havia lhe parecido mais atraente. Sobre tal, se manifestaria: “se você me fizer a honra de me propor a sua ilustre e celebrada Sociedade, eu continuarei a comunicar todas as minhas descobertas para você e, assim que eu puder enviar-lhe o meu *Botanomasticon Catalonicum*”<sup>222</sup>. Como podemos ver, Joan não apenas aceitou prontamente a proposta de Petiver, como afirmava já estar trabalhando na produção de um catálogo especializado na flora catalã. Além de corresponder exatamente da maneira como esperava Petiver, Joan também mostraria empenho neste projeto e, em agradecimento e para reforçar seu interesse, faria a diligência de prometer enviar ao seu correspondente uma nova remessa de materiais exclusivos, sobre os quais disse “devo fazer um tour por diferentes lugares da Catalunha que não pude visitar por causa da guerra; e mais tarde também lhe enviarei catálogos de animais e minerais, etc. Não tenho dúvidas de que com os seus meios significa que você será bem-sucedido”<sup>223</sup>.

Esta carta de Salvador é interessante não apenas para mostrar o quanto a proposta de Petiver foi arrebatadora para ele, mas também para compreender como ela foi capaz de modificar toda a dinâmica da correspondência científica e do comércio entre eles. Desejando fortemente ser aceito na sociedade científica inglesa, Joan passaria a ocupar uma posição diferente da que ocupava nesta relação até então: a de facilitador. Quero dizer, obviamente que não deixaria de ser beneficiado com as coleções preparadas por Petiver, mas o fluxo de materiais enviados ao seu correspondente seria muito maior do que o recebido. Tal

---

<sup>221</sup> BL, MS-Sloane 4065, f.236-237. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (04/01/1716), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.213-214. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 37].

<sup>222</sup> Anexo 37.

<sup>223</sup> Anexo 37.

característica pode ser justificada pelo fato que de Joan precisava defender sua candidatura, dando provas de sua desenvoltura enquanto naturalista.

Este ritmo se mostraria confortável para Petiver que, finalmente, parecia ter sido atendido em suas ambições de ser mais beneficiado que facilitador. Este favorecimento influenciaria, inclusive, na sua relação com os demais correspondentes e colaboradores de Joan Salvador, como veremos na sequência. Levando em consideração as recomendações e pedido de Petiver sobre remeter as coleções diretamente à ele, Joan diz “eu acabei de [ileg.] um caixote para o seu endereço no navio chamado The Henry, e o capitão Henry Land, que vai diretamente para Londres [...] nele há uma caixa para você, juntamente com uma parcela de plantas e sementes; outra para o doutor Sloane, a quem peço para levá-la; e outra para o sr. Rand, que contém mais ou menos o mesmo, e confio que você também pode conseguir isso para ele”<sup>224</sup>, ou seja, ao aceitar o pedido de Petiver em não confiar a Lecaan as mercadorias a serem enviadas, Joan transfere à ele próprio a tarefa de fazer a consignação dos outros destinatários chegarem a cada um deles.

A mudança de postura de Petiver pode ser identificada na sua resposta enviada a Joan Salvador, na qual diz “no dia em que recebi sua caixa enviei para o sr. Hans Sloane e o sr. Rand o que você tinha enviado para eles, que presumo que eles tenham te dado um retorno”<sup>225</sup>, revelando ter cumprido com as ordens que lhe foram confiadas. Para Petiver era muito mais interessante manter esta personalidade mais gentil e colaborar para manter a proximidade e a lealdade de Joan Salvador, do que se rebelar e afugentar seu correspondente como em experiências passadas e comprometer o desenvolvimento de seus planos.

Sobre ao retorno entusiasmado de Joan em relação à *Royal Society*, Petiver o comunicaria “eu mostrei à nossa *Royal Society* o que você me enviou e, ao mesmo tempo, os familiarizei com seus desejos e como você se qualifica bem para ser um de nossos membros. Eu não tenho este ano a honra de ser de seu conselho, mas talvez antes do próximo Natal eu possa, nunca deixei de defender o seu interesse até agora, pois espero em pouco tempo informá-lo quando você será admitido, no ínterim estão em expectativa de sua *Botonomasticon Barcionense* [sic] ou pelo menos você enviará uma parte da qual eu vou comunicar a eles [...]”<sup>226</sup>, deixando claro que o catálogo que Joan estava produzindo era muito aguardado pelos seus companheiros de sociedade, bem como alimentava suas expectativas com a garantia da admissão.

---

<sup>224</sup> Anexo 37.

<sup>225</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (29/05/1716), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.200. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 38].

<sup>226</sup> Anexo 38.

A expectativa de Joan em ter um retorno de Petiver somada ao acordo que haviam estabelecido sobre a frequência da correspondência o fizeram escrever, novamente, uma carta cobrando por uma resposta, visto que esta a última carta de Petiver, a qual acabamos de comentar, chegaria em Barcelona somente em agosto daquele mesmo ano, três meses após ser escrita.<sup>227</sup> Nela, além de pedir por notícias, Joan informa Petiver que havia retornado de uma viagem pelos Pirineus e aproveita para pedir *qualquer coisa* para o seu gabinete.

Coincidentemente, logo na sequência, a carta de Petiver chega até suas mãos o obrigando a redigir uma nova carta ao seu correspondente. Nesta ocasião, além de repetir o conteúdo anteriormente mencionado, Joan também relembra Petiver de atuar a seu favor no processo de admissão na Royal Society, dizendo “agradeço antecipadamente por lembrar de mim se você tiver a oportunidade de estar presente na *Royal Society*”<sup>228</sup>, reforçando ainda mais o seu grande interesse em ser aceito em dita sociedade.

Estas duas cartas escritas por Joan Salvador são interessantes para mostrar como naturalistas articulavam as oportunidades ao seu redor para formar e enriquecer suas coleções, conhecimentos e divulgar suas habilidades e se destacar internacionalmente na comunidade científica. Em ambas, ele informa sobre suas saídas para coletar novos espécimes que serviriam tanto para seus interesses particulares quanto para materializar o intercâmbio com outros naturalistas e colecionadores, como Petiver, neste caso.

Já vimos que o estudo da História Natural envolvia diversas práticas, sobre as quais, fundamentalmente, estamos exaustivamente insistindo, neste momento, na correspondência epistolar e nas viagens. Sabemos que as viagens foram de importância vital para conectar personagens e estabelecer vínculos e comércio entre eles.

Até o momento abordamos, preferencialmente, as viagens com objetivos relacionados ao estudo, de formação profissional e científica, especialmente no início das atividades daqueles personagens. Do mesmo modo abordamos – ainda que de maneira indireta – as viagens realizadas dentro de uma limitada área geográfica, como a Catalunha e as Ilhas Baleares, no caso de Joan Salvador. Além das já citadas viagens por Maiorca e Menorca, nestas duas últimas cartas analisadas, Joan informaria sobre sua mais recente jornada executada, com destino aos Pirineus, sobre a qual dizia a Petiver, na primeira “cheguei véspera de ontem dos Pirineus com muitas plantas bonitas. Enviarei todos os tipos a você”<sup>229</sup> e reforçando na segunda “vou enviar-lhe uma boa coleção e um catálogo de plantas dos

---

<sup>227</sup> A transcrição integral desta carta pode ser consultada em anexo [anexo 39].

<sup>228</sup> BL, MS-Sloane 4065, f.257. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (09/08/1716), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.214-215. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 40].

<sup>229</sup> Anexo 40.

Pirineus, tendo acabado de voltar de lá há alguns dias sobrecarregado com plantas que colecionei, e compartilharei tudo o que encontrei com você”<sup>230</sup>. Estes materiais, seguramente foram coletados considerando as orientações de Petiver sobre como proceder para impulsionar sua candidatura como membro da *Royal Society*, fornecendo provas de seu trabalho e desenvoltura como naturalista, uma garantia do que poderia proporcionar à organização sendo um membro de tal.

Não raras vezes, naturalistas empreendiam viagens maiores, para além do território nacional, a fim de elaborar projetos mais audaciosos. Neste sentido, esta última carta de Joan traz consigo a informação de uma viagem especialmente interessante para nossa discussão, sobre a qual informava “no começo de setembro, eu acredito que viajarei pela Espanha e Portugal e compartilharei tudo o que eu coletar com você ”<sup>231</sup>. Esta viagem prestes a se iniciar não seria realizada sozinha, mas sim na companhia de um grande e velho amigo cujas relações foram indeliberadamente suspensas com o advento da Guerra de Sucessão.

Como assinalamos anteriormente, o fim da guerra presumiu alterações na comunicação e circulação de mercadorias. Para alguns, como foi o caso de Petiver e dos demais personagens ingleses, o ponto final do conflito significou melhorias em uma correspondência que, mesmo com dificuldades, não deixou de existir durante o período bélico. Desafortunadamente, muitos outros correspondentes do nosso naturalista catalão não tiveram a mesma sorte e foram forçados a conviver com a interrupção de suas relações. Ainda que ambas as partes pudessem ter notícias de seus colegas através de outros colegas em comum, o contato direto, assim como qualquer tipo de negócio, esteve impossibilitado de se realizar durante todos aqueles anos.

Não é novidade que no momento da eclosão da guerra Joan Salvador se encontrava na França, mais especificamente em Paris. Durante toda sua estadia no país, se aproximou e fortaleceu laços tanto com naturalistas de renome quanto com estudantes os quais, ainda que no início de suas carreiras, davam sinais de um futuro promissor. Em sua passagem por Montpellier, além de Guillaume Nissole – de quem já falamos mais aprofundadamente –, Joan se faria muito próximo de Antoine de Jussieu (1686-1758), um jovem estudante de medicina e botânica, discípulo de Magnol. Ambos, Jussieu e Salvador, dividiam tanto interesses estritamente relacionados com a sua profissão, como também a admiração por Tournefort, que seria um dos elos responsáveis por unir os dois naturalistas.

---

<sup>230</sup> Anexo 40.

<sup>231</sup> Anexo 40.



A proximidade da família Salvador com Tournefort, expressada, naquele momento, pelo acolhimento de Joan em sua casa, atuaria – como já mencionamos – a favor dessa conexão entre os jovens naturalistas, criando-se, então, um triângulo de comunicação bastante produtiva entre eles. Desafortunadamente, estes intercâmbios tiveram seus dias contados, devido aos motivos que anteciparam o retorno de Joan Salvador a Barcelona.

Imediatamente após estarem livres para voltar a se comunicar com seus amigos e correspondentes franceses, Joan Salvador retomaria a correspondência com Antoine de Jussieu.<sup>232</sup> Não se conservam as cartas trocadas entre eles neste primeiro momento, sendo o documento remanescente mais antigo com data de 1717, ou seja, de um período posterior à viagem que realizaram juntos sobre a qual informava Joan à Petiver em sua última.

Naquela ocasião, Antoine de Jussieu já havia se consagrado como renomado naturalista, em boa parte, graças ao trabalho desenvolvido como demonstrador de plantas do Jardim do Rei, em Paris – cargo que, anteriormente, fora ocupado por Joseph Pitton de Tournefort até o momento de sua morte, em 1708. Na mesma época da reaproximação com seu amigo catalão, em 1715, seria admitido como membro da *Académie Royale des Sciences* – a equivalente francesa à inglesa *Royal Society* – e, na sequência, conseguiria promover Salvador como correspondente da mesma. No ano seguinte, em 1716, Antoine de Jussieu seria encarregado de realizar um projeto financiado pela corte francesa, a pedido da *Académie des Sciences*, cuja finalidade era reproduzir e complementar o trajeto percorrido por Tournefort em suas viagens pela Península Ibérica décadas antes, aquelas nas quais teve a oportunidade de estar em Barcelona na companhia de Jaume Salvador e de seu pai – e avô de Joan – Joan Salvador i Boscà.

O empreendimento, como dito, consistia na herborização da Espanha e incluía, também, algumas regiões de Portugal. Além da companhia de seu irmão, Bernard de Jussieu (1699-1777), e do ilustrador da academia, Phillipe Simoneau (1685 – ca 1753), Antoine de Jussieu indicou Joan Salvador como acompanhante – uma escolha que, certamente, não estava baseada exclusivamente a aspectos amistosos.

Os únicos documentos que pudemos consultar que nos nos aportaram informações sobre esta viagem correspondem uma série de cartas escritas por Antoine de Jussieu ao seu irmão Laurent de Jussieu e seu supervisor, o abade Jean Paul Bignon (1662-1743) – bibliotecário de Luis XIV–, algumas cartas da correspondência particular de Joan Salvador,

---

<sup>232</sup> Sobre a relação de Joan Salvador i Riera com Antoine de Jussieu, ver: Camarasa, J. M. *Salvadorianae* II. Les Jussieu et les Salvador: deux familles de naturalistes au début du XVIIIe siècle. *Les naturalistes français en Amérique du Sud, 118e Congr. nat. Soc. hist. scient.*, 1995, p. 69-102.

como com James Petiver, por exemplo, o relatório oficial de Jussieu apresentado ao rei e o manuscrito do diário de Joan Salvador, produzido durante o percurso. De acordo com as anotações de Joan, sabemos que a viagem teve Barcelona como ponto de partida e de final, e que a mesma teria começado no dia 7 de outubro de 1716 e terminado no dia 30 de maio de 1717.<sup>233</sup>

Esta breve introdução será importante para nos situar no contexto em que as próximas cartas intercambiadas com James Petiver foram escritas e recebidas, nos aportando informações bastante pertinentes para nossa discussão sobre como interesses individuais conduziam as relações pessoais e comerciais através da rede e como as conveniências empregadas se alteravam conforme se modificavam as situações.

Como vimos, em sua última carta à Petiver, Joan o informava, ainda que sem muitos detalhes, sobre a viagem que estava prevista para começar dentro de um mês. Como em outras ocasiões, houve um desencontro de correspondências, devido a atrasos referentes aos meios que as transportavam, sendo que as duas últimas cartas de Joan não chegariam à Petiver antes que ele escrevesse uma outra carta, em cobrança à sua de maio daquele mesmo ano. Por estas razões, neste documento, algumas informações são ignoradas por Petiver, como a viagem, por exemplo.

Por outro lado, Petiver confirma o envio de sua *Petiveriana I*, na qual havia publicado com algumas das plantas facilitadas por Joan em oportunidades passadas. Tal publicação, segundo ele, atuaria a favor de Joan em relação à sua candidatura para a *Royal Society*, acreditando ser “um grande incentivo para acelerar sua eleição”<sup>234</sup>. Apesar de tudo, Petiver faz questão de ressaltar que estas amostras do trabalho de Salvador eram apenas um estímulo, lembrando-o da importância que o seu catálogo sobre a natureza catalã teria no processo de avaliação, sobre o qual disse “eles esperam pela próxima parte do seu *Botanomasticon Barcinonense* que eu espero que você não irá falhar”<sup>235</sup>, pressionando com otimismo seu amigo.

Como de praxe, ao cobrar seu correspondente sobre considerar seus conselhos, Petiver, ao mesmo tempo em que aponta para os resultados positivos da colaboração mútua – como, por exemplo, as publicações que organizava a partir dos materiais recebidos, que iriam ter um impacto positivo naquilo que a Joan lhe interessava, a *Royal Society* – não descuida de

---

<sup>233</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28, cf. Folch, R. *Joan Salvador. Viatge d'Espanya i Portugal (1716-1717)*, 1972.

<sup>234</sup> BL, MS-Sloane 3340, ff. 25v-257v. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (11/08/1716), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.202. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 41].

<sup>235</sup> Anexo 41.

presentear a outra parte, como espécie de um incentivo que, neste caso, consistiam em um coleção composta de “espécimes secos de aproximadamente 50 árvores americanas”<sup>236</sup>.

Não levaria muito tempo para que Petiver recebesse as duas cartas enviadas por Joan Salvador, levando-o a escrever-lhe novamente. Este documento, juntamente com o anterior, são bons exemplos para ilustrar como a relação entre ambos havia atingido um ritmo muito mais intenso. Se na primeira Petiver informava sobre a publicação de seu antigo projeto com os conteúdos facilitados por Joan, na segunda ele garantia que o outro exemplar também contemplava os espécimes fornecidos por seu amigo “na minha *Collectanea 2* nomeei todas as plantas que você me enviou reunidas no Monte Serrato”<sup>237</sup>, ressaltando o nível de produtividade e rendimento que os intercâmbios entre ambos estavam alcançando. Diante disso, não perderia, também, a oportunidade de dizer “impacientemente espero que você possa me ceder de sua carga pirenaica”<sup>238</sup>, deixando claro seus interesses e intenções com as coleções de plantas coletadas por Joan Salvador na sua viagem pelos Pirineus e anunciada em sua última correspondência.

Repetindo seus artifícios de retórica, após cobrar as coleções pirenaicas, Petiver relembra a sua gentileza em ter enviado as árvores americanas, junto com as quais dizia ter incluído “a semente e o fruto de mais de 30 das mesmas árvores, como também perto de 100 gramíneas”<sup>239</sup> e ainda “cerca de 20 corais, esponjas e plantas aquáticas americanos”. Além destas amostras, dizia ter acrescentado “uma grande variedade de conchas americanas e algumas de Lisboa”<sup>240</sup>, as quais informava estarem duplicadas, pedindo para que Joan as repassassem para Nissole e Riqueur, confirmando a sua atuação como mediador entre os naturalistas de Montpellier e de Madrid.

Finalizando sua carta, Petiver retoma ao tema das plantas espanholas, agora de maneira mais detalhada sobre seus desejos, talvez motivado pelo conhecimento da viagem de Joan Salvador e Antoine de Jussieu: “para mostrar-lhe quais plantas espanholas serão bem-vindas para mim eu extraí uma lista de tais que eu ficaria feliz por ter amostras da história de Clusius”<sup>241</sup>. Dentre as plantas listadas, haviam algumas espécies americanas, observadas pela primeira vez na Europa por Clusius<sup>242</sup> – das quais destacamos o abacate, a *Persea*

---

<sup>236</sup> Anexo 41.

<sup>237</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (sem data), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.203-204. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 42]

<sup>238</sup> Anexo 42.

<sup>239</sup> Anexo 42.

<sup>240</sup> Anexo 42.

<sup>241</sup> Anexo 42.

<sup>242</sup> Caroli Clvsii Rariorum aliquot stirpium per Hispanias obseruatarum historia libris dvobvs expressa Antverpiae [Anvers] ex officina Christophori Plantini 1576, 13/III/15.

*americana*, sobre o qual reservamos uma discussão mais aprofundada para o último capítulo desta tese.

Assim como revelou em relação às remessas anteriores, Petiver demonstrava ter planos para as coleções coletadas e organizadas por Joan Salvador em suas viagens pela Espanha – tanto para aquela que havia realizado sozinho anteriormente aos Pirineus, quanto a que realizava, naquele momento, em companhia dos irmãos de Jussieu e de Simonneau. Sobre suas intenções, “espero com impaciência para ouvir a respeito do que você conseguiu ultimamente e sobre aquilo que eu posso esperar de você, que eu irei incluir na minha próxima *Collectanea* depois que eu as receber”<sup>243</sup>, reforçando, mais uma vez, os benefícios de uma colaboração mútua entre eles.

Quando esta carta chegou à Barcelona, Joan Salvador já havia começado sua longa jornada, assim não soube de seu conteúdo até retornar. No entanto, o longo silêncio de Joan fez com que Petiver lhe escrevesse uma nova carta. Vale lembrar que na última carta em que Joan lhe havia escrito, apenas informava de seus planos em viajar proximamente, mas não dava uma certeza e nem outras informações esclarecedoras. Assim, provavelmente, Petiver não teria entendido exatamente o porquê desta omissão, ainda mais considerando a boa fase em que a comunicação e o comércio entre eles se encontravam. Nesta nova oportunidade, Petiver repetiria o que havia dito na sua anterior e acrescentaria algumas novidades, enfatizando a sua agilidade em cumprir com o combinado, dizendo “já imprimir em meu terceiro as plantas baleares que você me enviou de Minorca”<sup>244</sup>.

Entre o último contato de Joan e esta nova carta, Petiver havia publicado três catálogos com as plantas facilitadas pelo boticário e naturalista catalão, fato que, claramente, demonstra a sua dedicação e empenho em cumprir com a parceria firmada entre eles. Este desempenho de Petiver, por sua vez, lhe dava a liberdade e o direito de cobrar de Joan retornos mais rápidos. Algo que ele fazia, lembrando-o de que, além da visibilidade decorrentes das publicações, estas eram fundamentais pois lhe permitiriam, como articulador de sua candidatura, a oportunidade de “dar conhecimento a *Royal Society* de suas performances para a conclusão de seu *Botanicum Catalonicum* e mais um incentivo para que você seja o quanto antes escolhido como um membro nosso”<sup>245</sup>. A pressa, no entanto, não seria à toa, afinal, Petiver anunciava que havia sido escolhido para integrar o conselho daquele ano, o que

---

<sup>243</sup> Anexo 42.

<sup>244</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/03/1717), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.204-205. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 43]

<sup>245</sup> Anexo 43.

umentava ainda mais as chances de Joan, já que poderia “torná-los sensíveis às suas habilidades”<sup>246</sup>.

Assim como havia passado com a anterior, Joan não teria conhecimento desta carta por já estar em viagem quando a mesma chegou em Barcelona. Contudo, mesmo levando um longo tempo sem se comunicar com Petiver, não deixaria de cumprir com a sua palavra, e comunicar todas as descobertas naturais feitas durante o trajeto. Assim, quando se encontrava em Lisboa, escreveria uma breve carta ao seu correspondente inglês, na qual dizia “tendo já reunido ervas em boa parte da Espanha, começamos a fazê-lo em Portugal, onde encontramos muitas plantas e continuaremos pela Galícia, Castela e depois para Barcelona. Então, quando chegarmos em Barcelona, se todos os carregamentos chegarem, compartilharei com você todas as plantas da Espanha e Portugal, pedras, sementes e outras coisas”<sup>247</sup>. Certamente, a necessidade em manter Petiver a par de todas as novidades estivesse relacionada com o seu interesse particular de ser aceito na *Royal Society*. Este tema, como veremos mais adiante, geraria certa tensão entre Joan Salvador e seu amigo e companheiro de viagem, Antoine de Jussieu.

Uma vez recebida esta carta escrita em Lisboa, Petiver retornaria ao seu colega, na qual comunicava interessantes novidades, mas também compartilharia notícias não tão boas assim. Possivelmente entusiasmado com o fato de Joan Salvador estar na capital portuguesa e, conseqüentemente, no centro do comércio atlântico, Petiver insiste na utilidade de se estabelecer contatos confiáveis naquela cidade, a fim de garantir um comércio que proporcionasse em primeira mão as novidades que chegavam das Américas. O naturalista e boticário inglês fundamentava esta estratégia a partir de sua própria experiência, ressaltando os problemas mais comuns envolvendo o comércio de *americana*, começando com seus fornecedores “os cirurgiões são na maioria deles preguiçosos e ignorantes no conhecimento das plantas [...] e com demasiada frequência recebo coleções de ambas as Índias quase totalmente podres”<sup>248</sup>, advertindo sobre as condições que muitos materiais chegavam até Londres e os prejuízos que uma coleção deteriorada poderiam custar – inconvenientes que poderiam ser resolvidos apenas com um colaborador cuidadoso.

Ao mesmo tempo em que aconselha Joan Salvador a aproveitar a oportunidade de estar na capital portuguesa para articular uma rede onde pudesse conhecer de perto seus

---

<sup>246</sup> Anexo 43.

<sup>247</sup> BL, MS-Sloane 4065, f.277. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (23/02/1717), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.215. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 44].

<sup>248</sup> BL, MS-Sloane 3340, ff. 329v-330v. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (20/06/1717), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.205-206. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 45].

futuros correspondentes e avaliar sobre a qualidade de seus trabalhos, Petiver reforça a sua performance e esforços para fornecer amostras decentes, justificando também o volume comedido das coleções que costuma enviar, já que se via obrigado a “consertar um grande números de espécimes que não me causam poucos problemas”<sup>249</sup>.

Mesmo diante de tantas dificuldades, Petiver reiterava que estas não eram suficientemente determinantes para que deixasse de fornecer tudo o que chegava até suas mãos e, assim, pressionava Joan Salvador a corresponder da mesma maneira, descartando a possibilidade de qualquer justificativa para não cumprí-la. Esta tática predizia os declarados desejos de Petiver em receber amostras da América que, como acabamos de ver, não aceitava escusas para não recebê-las “desajaria que, em troca, eu tivesse o mesmo de você coletado no Peru, Chile, México ou qualquer parte de seus próprios assentamentos estrangeiros”<sup>250</sup>. Segundo Petiver, estas amostras poderiam ser facilmente obtidas através dos “*muitos missionários ou padres que residem nessas partes*”<sup>251</sup>, indicando, ainda, o tipo de espécimes lá encontrados, sinalizando seus interesses “particularmente raminhos do Peru [ileg.], Paraguai e várias outras árvores medicinais e ervas”<sup>252</sup>.

Tais afirmações demonstram que James Petiver tentava a todo custo persuadir Joan Salvador a manter contatos relacionados com o comércio colonial. Além dos naturalistas e estudiosos estabelecidos em Lisboa, Petiver orientava Joan a se comunicar diretamente com correspondentes que estivessem na América, reforçando “você faria algo muito digno para si mesmo e teria a aceitação do mundo por estabelecer uma correspondência entre físicos e padres no México e nas províncias adjacentes para lhe enviar tais plantas que estas partes fornecem”<sup>253</sup>. Para ele, a vantagem deste comércio residia na possibilidade de empreender um projeto que julgava ser, no mínimo, promissor: uma nova versão ilustrada da obra original de Hernández “cujas descrições são curtas e as figuras medianas, no entanto, muitas delas podem ser revividas”<sup>254</sup>.

Embora tentasse de todas as maneiras provar para Joan Salvador que seus conselhos pudessem lhe render excelentes frutos, Petiver não deixava de se incluir nestes projetos. Não é novidade que o inglês flertava com a ideia de uma possível publicação ilustrada da obra de Hernández, como bem relatou à Joan em suas primeiras cartas após a guerra, o quê nos leva a acreditar que, ainda que Joan pudesse de alguma maneira se beneficiar destes planos, o

---

<sup>249</sup> Anexo 45.

<sup>250</sup> Anexo 45.

<sup>251</sup> Anexo 45.

<sup>252</sup> Anexo 45.

<sup>253</sup> Anexo 45.

<sup>254</sup> Anexo 45.

verdadeiro interessado nesta correspondência era o próprio Petiver.

Como já observamos, naquele momento, a possibilidade de ser aceito na *Royal Society* era o razão que movimentava os intercâmbios entre ambos naturalistas. Enquanto Joan fornecia materiais de suas viagens e herborizações ao correspondente inglês, este, por sua vez, aproveitava de sua posição de mediador neste processo para induzÍ-lo a atender aos seus interesses particulares, quase sempre envolvendo publicações.

Esta estratégia foi empregada repetidas vezes por Petiver e resultaram nas suas *Petiverianas* e que, de alguma maneira foram vantajosas a Joan Salvador. A diferença destes resultados talvez resida no fato que estas publicações significaram a realização de um projeto que não era de Joan Salvador, mas sim de James Petiver. Como veremos, Joan Salvador não havia perdido, nem de longe, o interesse em obter amostras de *americana* para suas coleções, mas, diferentemente do que demonstrava à Petiver, este não era mais o seu objetivo nesta relação. Quero dizer, a correspondência e comércio com James Petiver viabilizaram novas possibilidades igualmente interessantes, mas que ninguém mais além do núcleo inglês poderia ofertar: se tornar membro da Royal Society. Por outro lado, como veremos mais adiante, Joan Salvador não demonstrava entusiasmo com os temas da América por ter contatos em uma posição muito mais vantajosa para o desenvolvimento deste empreendimento e, associar Petiver a este projeto poderia, como mínimo, comprometer os resultados que esperava conquistar com o negócio.

Nesta ocasião, Petiver também informava de sua então debilitada saúde, dando uma satisfação prévia para as futuras remessas, que, segundo ele, provavelmente deixariam de ser tão frequentes, como de costume. Neste sentido, apesar de sua atual condição física, pede para que Joan não se esqueça dele, assim como esperava de seus outros correspondentes: “eu ficaria contente em ficar em casa na esperança de que meus amáveis amigos me favoreçam do exterior, e você, particularmente, com suas aquisições dos últimos anos e o que recentemente você tem acrescentado a elas”<sup>255</sup>, para garantir ser atendido em seus desejos, trata de antecipar o envio de uma coleção “que eu espero que lhe agrade e mereça tudo o que você gentilmente puder me favorecer, já que eu estou agora deixando de lado os cuidados do mundo”<sup>256</sup>.

Escrita em junho de 1717 – quase um mês após Joan Salvador retornar de sua viagem –, esta carta de James Petiver nunca foi respondida. A falta de oportunidades de enviar para Londres talvez não seja uma justificativa, pois, como veremos a seguir, Joan mantinha

---

<sup>255</sup> Anexo 45.

<sup>256</sup> Anexo 45.

comunicação e comércio ativo com outros correspondentes ingleses naquele mesmo período. Embora não seja possível afirmar, não seria nada inconveniente sugerir que as novidades sobre a enfermidade de James Petiver tivessem levado Salvador a se aproximar de outras pessoas que lhe dessem uma segurança maior em atuar a seu favor no processo de candidatura à *Royal Society*. A debilitada saúde de Petiver significava, naquele momento, uma ameaça aos interesses de Joan Salvador, visto que, se ele lhe confiasse suas novas descobertas e Petiver morresse, não só Petiver seria sepultado, mas com ele iriam também todas as suas chances.

Independentemente dos motivos que levaram Joan Salvador a não corresponder com os pedidos de seu amigo, curiosamente, Joan se mostraria comprometido em fornecer as informações e novidades de sua viagem justamente para Hans Sloane, o atual secretário da *Royal Society*.

As duas últimas cartas enviadas por Joan Salvador para seus correspondentes ingleses e conservadas pela *British Library*, são destinadas a Hans Sloane. Escritas em novembro e dezembro de 1717, respectivamente, seus conteúdos não variam de uma para outra, sendo a primeira um breve texto informativo sobre a facilitação de materiais encontrados durante a viagem recém realizada: “estou aproveitando a oportunidade de um navio inglês que vai diretamente a Londres para compartilhar com você algumas plantas que nós trouxemos de volta de nossa viagem pela Espanha e Portugal. Eu acredito que você encontrará algumas que são do seu gosto. Eu farei o meu melhor para adicionar algo mais quando tiver tudo em ordem”<sup>257</sup> e, a segunda, basicamente uma nota de confirmação e coordenadas do envio das coleções anunciadas na primeira.<sup>258</sup>

Embora James Petiver não seja mencionado em nenhuma destas ocasiões, veremos que a remessa enviada por Joan Salvador incluía, também, alguns materiais – poucos, na avaliação do próprio Petiver – para ele. Antes que estas encomendas chegassem aos seus destinatários, Petiver escreveria duas cartas ao seu amigo e correspondente catalão.

A primeira delas é bastante interessante, pois se trata do único documento remanescente que prova que Joan Salvador havia lhe escrito uma carta depois daquela enviada de Portugal, sobre a qual diz “a sua de agosto último eu não recebi até 4 ou 5 dias, mas estou feliz que você não tenha me esquecido”<sup>259</sup>. Corroborando com a nossa suspeita de que Joan não estivesse interessado nos projetos que Petiver propunha a ele – inclusive de ser

---

<sup>257</sup> BL, MS-Sloane 4045, f.53. Carta de a Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (14/10/1717), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.215-216. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 46]

<sup>258</sup> Conteúdo transcrito em anexo [Anexo 47].

<sup>259</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (25/11/1717), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.205-207. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 48].



seu representante na *Royal Society* – Petiver tenta investigar o motivo daquela omissão, dizendo “cerca de 6 semanas da data da sua eu escrevi uma longa carta que eu temo que você não tenha recebido, embora tenha sido enviada e acompanhada de uma de nosso estimado amigo Sr. George Hay, porque você não faz menção a nenhuma delas”<sup>260</sup>. Por suas palavras, fica evidente que, de fato, Joan havia ignorado todos os conselhos referentes à correspondência com a América, bem como de lhe facilitar, com exclusividade, suas descobertas recentes em história natural.

Nesta oportunidade, Petiver não perderia a chance de reforçar seus desejos, dizendo “eu queria que você me enviasse um diário ou um resumo do que você observou em suas viagens pela Espanha e Portugal”<sup>261</sup>, justificando seus interesses para com eles “para que eu possa colocá-los diante da *Royal Society*, e eu gostaria que você tivesse feito isso em sua última carta, que seria muito oportuno, sendo no dia 30 deste mês o nosso aniversário para eleger o conselho e os membros do presidente”<sup>262</sup>. Mesmo sendo ignorado por Salvador em sua última carta, Petiver insiste “no entanto, espero que você não deixe de fazê-lo em sua próxima [...] pois eu sei que as observações do ano são muito curiosas e não serão menos aceitáveis para nossa *Royal Society* do que para mim mesmo”<sup>263</sup>. Como de costume, Petiver tenta conciliar os seus próprios interesses com os de seu correspondente, não desistindo tão fácil de seus planos.

Neste mesmo sentido, na sua segunda carta, escrita em dezembro, Petiver retoma o tema do comércio com a América, mostrando que, mesmo doente, não tinha perdido a ambição: “ficarei feliz em saber se, no Escorial ou em qualquer outra parte da Espanha, você viu ou ouvir falar das pinturas de Hernandez, sua *História Natural do México*, que custou muito dinheiro ao rei da Espanha”<sup>264</sup>, ao mesmo tempo que averigua se Salvador estava lhe fazendo caso “espero que esta jornada tenha lhe dado uma oportunidade por Madrid ou qualquer outro lugar de resolver uma correspondência (como eu sugeri a você na minha última) com algumas pessoas curiosas como padres, missionários, etc, no México, Peru, Chile, Filipinas, etc, pelo qual você pode fazer descobertas consideráveis na natureza”<sup>265</sup>.

Como já apontamos, Petiver nunca teria uma resposta de Joan Salvadora este respeito, sendo este um tema totalmente ignorado pelo boticário catalão. E isto não significa que Joan

---

<sup>260</sup> Anexo 48.

<sup>261</sup> Anexo 48.

<sup>262</sup> Anexo 48.

<sup>263</sup> Anexo 48.

<sup>264</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (05/12/1717), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.207. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 49].

<sup>265</sup> Anexo 49.

tivesse perdido o interesse na natureza americana. Pelo contrário, como veremos mais adiante, paralelamente aos intercâmbios com o núcleo inglês, Joan Salvador estava articulando uma importante relação com núcleos estabelecidos especialmente em Lisboa e em alguns pontos estratégicos da Espanha, como Cádiz, por exemplo, cuja a força motriz destes contatos era exatamente a facilitação de espécimes das Américas portuguesa e espanhola. Esta constatação é mais uma parte que se soma à construção da teoria de que as redes de comunicação e comércio da primeira modernidade europeia estava baseada em preceitos de individualidade e, ainda, que, à medida que a posição de um membro ascendia, mais o interesse em se manter contactado a ele estava relacionado com poder. Por mais que as redes foram espaços “democráticos”, permitindo a participação de uma infinidade de atores, existia uma hierarquia que se manifestava, essencialmente, na classificação dos correspondentes em relação ao tipo de qualidade dos benefícios que cada um era capaz de proporcionar.

Em nenhum momento Salvador compartilhou com Petiver detalhes de seu projeto de enriquecer as coleções de *americana* de seu gabinete, mesmo estando ciente dos interesses de seu correspondente e de certo de que qualquer novidade neste aspecto poderiam ser altamente favoráveis para sua admissão na sociedade científica inglesa. Esta consciência, por outro lado, pode ter sido exatamente o motivo para que Joan mantivesse seus contatos e projetos em privacidade, numa tentativa de preservá-los de uma possível interferência de Petiver.

Após redigir e enviar estas duas últimas cartas que analisamos, Petiver receberia as coleções enviadas por Joan Salvador através de Hans Sloane e, assim, voltaria a escrever ao seu colega. Em uma carta que marcaria o fim destes longos anos de correspondência entre ambos naturalistas, Petiver agradece seu correspondente e amigo pelas amostras enviadas, ao mesmo tempo em que o atualizava de seu estado de saúde, em tom de despedida. Nela, Petiver se mostra mais gentil, revelando uma amistosidade até mesmo com Isaac Rand, aquele que um dia havia sido motivo de suas tantas insatisfações e desconfianças. Ao que tudo indica, além de ter finalmente reinado a paz entre os colegas de trabalho do *Chelsea Physic Garden*, Petiver também estava colaborando com ele “eu disse a ele que não recebi de você mais de 4 ou 5 tipos de sementes que lhe dei uma parte da qual ele ficou muito satisfeito”<sup>266</sup>, demonstrando que havia compartilhado com Rand as amostras que acabara de receber de Barcelona.

Ainda que consciente da debilidade de sua saúde, Petiver não deixa de manifestar o entusiasmo característico ao falar de seus projetos. Como em situações passadas, não perde a

---

<sup>266</sup> IBB, Fons Salvador . Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (10/01/1718), cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.207. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 50].

oportunidade de cobrar Joan de suas promessas, tais como o catálogo de plantas pirenaicas que lhe havia assegurado enviar há tempos, insistindo nos seus planos de publicar as novidades descobertas “se eu não for impedido por você pelo seu não envio de um catálogo como você me prometeu”<sup>267</sup>. Este otimismo, por sua vez, não acompanhava o diagnóstico que comunicava sobre sua saúde “meu querido amigo, eu sinto muito em lhe dizer que o mal estado da minha saúde me impede que eu lhe envie tão frequentemente quanto eu deveria, mas apesar disso, quando minha força me dará oportunidade, você ouvirá de mim”<sup>268</sup>, e completa, praticamente se despedindo “devo dedicar o resto dos meus dias à contemplação de Deus através das múltiplas obras de sua estupenda Criação. Meu sincero amigo, eu peço a Deus para lhe dar saúde e muitos anos para que você possa prosseguir com vigor esses estudos tão louváveis”.<sup>269</sup> E, em agradecimento ao material recebido naquela ocasião, Petiver informava ter preparado uma coleção de “cerca de 40 tipos de frutas, sementes, etc, que foram crescendo no verão passado na Jamaica”<sup>270</sup>, se despedindo assim, com amostras da natureza americana, que marcaria tanto o início quanto o fim desta relação de mais de uma década.

É importante ressaltar que, nas duas últimas cartas de Petiver, o tema da *Royal Society* não foi mais abordado. Não podemos saber se, de fato, Petiver estava atuando a favor de Joan Salvador no processo de sua candidatura ou se esta se tratava de mais uma de suas inúmeras e incansáveis estratégias. Efetivamente, Joan nunca conseguiria se tornar um membro de dita Sociedade. Com a morte de Petiver, em abril de 1718 – pouco menos de três meses após sua última carta – os laços de Joan Salvador com o núcleo inglês perderiam o vigor, até mesmo com Hans Sloane ou John Lecaan, de quem não se conservam mais nenhuma carta do intercâmbio mantido entre eles.

## **1.6. A coletividade e seus propósitos individualistas: *americana* como artifício de manipulação**

Através desta extensa correspondência entre Joan Salvador e James Petiver, buscamos compreender a complexidade que envolvia o acesso daqueles materiais expostos em um gabinete de curiosidades, especialmente os provenientes de lugares distantes, como a América. Na realidade, tentamos mostrar como um desejo – neste caso amostras de *americana* – poderia consistir em poderosos artifícios de manipulação e ser usado em

---

<sup>267</sup> Anexo 50.

<sup>268</sup> Anexo 50.

<sup>269</sup> Anexo 50.

<sup>270</sup> Anexo 50.

diferentes circunstâncias.

Naqueles quase treze anos de comércio entre os dois boticários, os espécimes americanos foram tratados como objetos de trabalho propriamente ditos – quando solicitados insistentemente por Joan Salvador nos primeiros anos –, foram utilizados como objetos de manipulação por parte de Petiver que, lançando mão de inúmeras estratégias, fazia dos desejos de Joan um meio para defender seus próprios interesses. Interesses estes que, mais tarde, se inverteriam e, de tal maneira, como uma vez fora o centro dos interesses de Joan Salvador, a América colonial passaria a representar um dos principais interesses de Petiver em colaborar com Salvador. E, mais uma vez, como pudemos observar, este tema esteve envolto à repetidas técnicas de persuasão e manipulação, não resultando no que, essencialmente, ambos, em diferentes momentos desejavam: descobrir e divulgar a natureza americana.

De fato, Petiver teria facilitado alguns exemplares americanos a Joan Salvador, mas, como mostramos, estes envios não foram despreziosos – como uma simples negociação comercial costuma ser. Astuto, o boticário inglês atendia aos pedidos de seu correspondente quando precisava agradá-lo ou quando seus projetos pessoais se viam ameaçados pela associação de Salvador com outros personagens tão ou mais influentes que ele – também capazes de atender aos pedidos do boticário e naturalista catalão.

Em boa parte, o que movimentou a colaboração mútua entre eles foi a vontade de realizar seus projetos que, quase sempre estavam relacionados com a divulgação e afirmação de seus nomes enquanto naturalistas de renome. No caso de Petiver, os espécimes facilitados por Joan Salvador lhe renderam diversas publicações, garantindo o respeito e admiração de todos aqueles envolvidos com o estudo da história natural. Por outro lado, Joan Salvador viu em Petiver uma oportunidade de se promover entre os círculos científicos e ilustrados da Europa. As publicações de seus materiais asseguravam a qualidade de seu trabalho, bem como a sua desenvoltura profissional, o situando no mesmo patamar dos bem conhecidos naturalistas da época.

Durante os anos em que estiveram em contato, a ambição de Joan teve seu ápice no período em que se dedicava a ser aceito como membro da *Royal Society* de Londres. Seus esforços para impressionar o seu representante – Petiver – neste processo, bem como os supostos membros do Conselho da organização desconsideraram os projetos de outros amigos, sem mostrar preocupação para as possíveis consequências para terceiros decorrentes de suas ações.

Mais especificamente, estamos falando da tensão que a facilitação de *naturalia* coletadas durante a viagem pela Espanha e Portugal geraria entre Joan Salvador e seu

companheiro Antoine de Jussieu. Como dissemos, Jussieu foi o responsável por garantir tanto a aceitação de Salvador como correspondente da *Academie de Science de Paris*, bem como de assegurar que este o acompanharia na missão que lhe fora confiada. Com financiamento real, o dever de Jussieu era aportar novos dados para o trabalho realizado no passado por Tournefort, a fim de complementarem as informações sobre a natureza daquelas regiões ibéricas.<sup>271</sup>

Desde o primeiro momento em que aceitou fazer parte deste projeto, Joan sabia das responsabilidades atribuídas a seu amigo advindas das cobranças de seus superiores. Como vimos, a possibilidade de se tornar um membro da *Royal Society* surgiu quase simultaneamente à notícia da viagem e, obviamente, Joan viu neste empreendimento a oportunidade ideal para defender sua candidatura. Sem receios, Joan enviaria todos os materiais que conseguia a seus correspondentes ingleses, tal como observamos nas cartas enviadas a Petiver e Hans Sloane – e, como veremos no capítulo seguinte, faria o mesmo com Herman Boerhaave, enviando para a Leiden os materiais coletados na expedição.

É válido ressaltar que Antoine de Jussieu ocupava um importante cargo no Jardim do Rei, onde desenvolvia admirável trabalho e disfrutava de certo prestígio entre a sociedade ilustrada francesa. Durante a viagem o seu posto foi ocupado por Sébastien Vaillant (1669-1722), quem, no retorno de Jussieu a Paris protagonizaria seu pior pesadelo. Há quase um ano como suplente de Jussieu, Vaillant não estava disposto a devolver o posto, travando uma verdadeira guerra com seu oponente. O principal argumento de Vaillant era a improdutividade e desatualização de Antoine de Jussieu, evidenciadas nos irrisórios resultados da viagem, um empreendimento que havia custado muito aos cofres da Coroa e até então não havia correspondido de maneira satisfatória a este investimento.<sup>272</sup>

De fato, Antoine de Jussieu não havia retornado com muitos materiais concluídos, visto que pretendia, aos poucos, redigir o relatório oficial sobre o trabalho de campo realizado e divulgar as novas descobertas. Frente a estes obstáculos que atingiam diretamente tanto a sua vida profissional e financeira, quanto sua reputação, a necessidade de publicar as novidades era ainda mais urgente, visto que ter seu nome associado a estas descobertas lhe renderia o reconhecimento de autoridade científica – e a satisfação do monarca que havia lhe financiado.

Neste sentido, sabendo que seu companheiro de viagem, Joan Salvador, estava repassando os materiais coletados na jornada, entende que seu plano estava ameaçado, já que

---

<sup>271</sup> Camarasa, 1997.

<sup>272</sup> Camarasa, 1997, p.10-12.

alguém poderia se adiantar e publicá-las antes que ele – o que Petiver poderia muito bem ter feito, se sua saúde tivesse permitido. Assim, no calor de seu desespero, escreve a Joan Salvador: “não espalhe na Inglaterra nem outra parte suas plantas secas até que nosso trabalho seja impresso. Eu não faço nenhuma questão de explicar a você o motivo que tenho de tornar o meu relatório público, poucas pessoas sabem disso aqui e nós não iremos divulgar até que esteja no prelo”<sup>273</sup>.

Esta carta foi escrita em maio de 1718, ou seja, apenas um mês após a morte de James Petiver. Como dissemos, não se conserva nenhuma carta entre Joan Salvador e seus habituais correspondentes ingleses, relacionados com aquele núcleo que envolvia Petiver – posteriores à última carta enviada pelo naturalista inglês – assim, não podemos saber se realmente Salvador havia considerado a súplica de seu amigo.

De toda forma, não podemos desconsiderar o fato de que a publicação deste relatório era prevista desde o início do projeto, afinal, através dele se divulgariam os resultados tão esperados pelos seus solicitantes e financiadores. Assim, as atitudes de Joan foram, mais uma vez, individualistas. Por outro lado, devemos ressaltar que o plano de Antoine de Jussieu também pode ser entendido desta maneira, pois sua intenção era defender a sua carreira, se colocando como o responsável por encontrar novidades botânicas que, na verdade, foram descobertas por uma equipe de investigação, incluindo o próprio Joan Salvador.

Através de todas estas histórias cruzadas tentamos mostrar que, de uma mesma situação cada personagem nela envolvido buscava sempre usá-las a seu favor, extrapolando os objetivos oficiais que motivaram sua realização. No caso da viagem, esta despertaria interesses distintos e particulares em seus participantes, que estavam relacionados única e exclusivamente com seus projetos pessoais, os quais não necessariamente consideravam os possíveis prejuízos para seus demais companheiros.

É neste sentido então que reforçamos a problemática de se controlar um correspondente e colaborador. Embora conectados por motivos declarados, estas relações ocultavam interesses que iam além do que era explícito, fazendo com que cada parte criasse estratégias de articulação e manipulação para alcançar seus objetivos. A dificuldade reside no fato de que haviam duas partes jogando um jogo distinto e, nem sempre, o passo dado por algum dos lados correspondia exatamente ao que o outro lado esperava.

Em meio a este contexto de incessantes jogos de ambições, identificamos nosso objeto

---

<sup>273</sup> IBB, Fons Salvador, R.(02/01/-01). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (19/05/1718), transcrita e publicada em Camarasa, 1997, p.86-88. A transcrição do documento poder ser consultado em anexo [anexo 51].

– a *americana* – como mais uma destas conveniências empregadas em momentos deliberadamente oportunos. Ela foi usada de acordo com as intenções daqueles que as tinham em seu poder. Vimos este episódio se repetir consecutivamente através de Petiver, mas também sinalizamos o mesmo comportamento em algumas ações de Salvador, que ignorou todos os pedidos de seu correspondente relacionados à América. É válido dizer que o itinerário da viagem incluía a capital espanhola, localidade que estava completamente atrelada aos interesses que Petiver tinha com a comunicação e comércio com as colônias ibéricas.

Controlador por essência, Petiver não perderia a oportunidade de perguntar “peço se você viu em Madrid Mons. Riquere [sic] e deixe-me saber se você tem oportunidades frequentes de enviar para ele”<sup>274</sup>. Embora Joan não mencione com quem esteve durante sua estadia tanto em Madrid quanto no “El Escorial” naquela ocasião, muito provavelmente, em algum momento deve ter estado em contato com Riqueur, pois este, além de ser o médico de câmara do rei, era também o responsável pelo Jardim de Migas Calientes<sup>275</sup>. Por outro lado, não podemos perder de vista que Joan estava acompanhado de Antoine de Jussieu, compatriota de Riqueur. Em carta escrita em Lisboa, Jussieu informava a seu irmão Laurent “nós pegamos a estrada para Madrid por Salamanca. Todos estes lugares são tão distantes que só posso saber sobre as notícias da família quando em Madrid. Você pode endereçar suas cartas ao Dr. Riqueur, boticário do rei”<sup>276</sup>, deixando bem claro que Riqueur seria o receptor das correspondências para Antoine de Jussieu e, evidentemente, demonstra que a caravana franco-catalã, certamente, esteve em companhia do boticário do monarca da Espanha, uma vez na capital.

O fato de Joan não ter comunicado a Petiver sobre sua passagem por Madrid, bem como dos contatos estabelecidos naquela cidade, corrobora com a nossa hipótese de que a *americana* foi essencialmente um meio que permitiu manobras que controlassem os interesses de uma parte, com a intenção de proteger os seus próprios.

Deste modo, sugerimos que a associação de Joan Salvador com personagens de renome científico e fama internacional esteve muito mais atrelado a publicações, divulgação e oportunidades que poderiam lhe proporcionar algo que dificilmente outras amizades resultariam tão frutíferas. Assim, como veremos, os responsáveis por facilitar exemplares de

---

<sup>274</sup> Anexo 49.

<sup>275</sup> Sobre o jardim botânico de Migas Calientes, ver: Feli, 1984, p.91-116.

<sup>276</sup> Paris, Muséum National d'Histoire Naturelle [a partir de agora MNHN], Fonds Jussieu. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu [Lisboa, 23/02/1717]. Texto original em francês: “Nous prendons la route de Madrid par Salamanque. Tous ces endroit sont si écartés que, je ne pourray apprendre des Nouvelles de la famille qu'à Madrid. Vous pourrez adresser vos lettres à Mr. Riqueur apothicaire du Roy”.

*naturalia* e *artificialia* provenientes da América e enriquecer o gabinete da família Salvador com este tipo de materiais foram personagens com uma atividade científica muito mais modesta, situados em regiões desprivilegiadas pelo mapa da República das Letras e invisíveis para a cartografia do conhecimento científico, mas que consistiram nos segredos mais bem guardados de Joan Salvador.

### **1.7. Parentesco e paisagem como fundamento da rede**

Acabamos de conhecer que a natureza do Novo Mundo sempre esteve, de alguma maneira, presente nas relações sociais, profissionais e científicas de Joan Salvador. Desde os primeiros contatos com James Petiver, o boticário e colecionador catalão não omitiria de seu correspondente seus interesses pela aquisição de amostras de *americana*, propósito este que, por sua vez, se articulava no marco de um projeto mais amplo e ambicioso, cuja finalidade era o enriquecimento das coleções familiares em uma concepção menos restrita. O objetivo do empreendimento, então, era duplo: melhorar o acervo do gabinete de curiosidades particular, projetando não apenas a coleção propriamente dita, mas também, e sobretudo, o nome de sua família na rede internacional de comunicação e comércio coetânea.

O projeto pode ser entendido, também, como a busca por independência intelectual do jovem Joan que, sendo filho de Jaume Salvador, inevitavelmente estava condicionado à figura do pai – o quê, não necessariamente, significava uma associação inoportuna. Pelo contrário, os importantes contatos estabelecidos pelas gerações anteriores de seus familiares diretos, lhe proporcionaram condições privilegiadas para se inserir naquela rede e colocar em prática a principal de suas ambições naquele momento, ou seja, levar a cabo o desafio de expandir os negócios de sua família.

A importância de formar uma coleção de *americana* estava associada ao fato de que para que um gabinete de curiosidades fosse reconhecido por sua qualidade, ele, necessariamente, deveria contemplar um acervo de *naturalia* e *artificialia* exóticas. Em boa parte, a razão para esta conveniência pode ser explicada a partir do caráter indissociável entre curiosidade e raridade, onde fatores relacionados com a inacessibilidade de uma determinada amostra se converteram em um critério determinante na classificação de uma coleção por aqueles envolvidos no mundo do colecionismo científico.

Este tipo de coleção, por outro lado, reforçava o poder de seus proprietários, característica esta que se traduzia, fundamentalmente, em hegemonia. Possuir objetos e espécimens raros era, de fato, tanto um indicativo da influência daquele indivíduo como a



legitimação de sua performance, afinal, o processo de aquisição estava envolto em diferentes níveis de complexidade, cuja superação estava, de muitas maneiras, condicionada à mobilização de uma rede particular de contatos, cuja articulação exigia uma garantia por parte do interessado, na qual os desejos deveriam estar em equilíbrio com a oferta. Ou seja, aqueles personagens precisavam eles mesmos se converterem em contatos interessantes, capazes de retribuir como ninguém mais, assegurando que colaborar com seus projetos poderia ser vantajoso demais para ser ignorado.

As amostras da natureza americana significaram, então, tanto um meio quanto uma finalidade nesta luta por formar uma boa coleção, um desafio que, como demonstramos nas páginas deste capítulo, foi orquestrado conforme os interesses de cada parte envolvida em uma negociação, mas sempre orientada por um aspecto a ela inerente, a busca pelo poder, manifestado em suas mais distintas expressões.

Efetivamente, os diferentes significados que a *americana* assumiu ao longo da correspondência e comércio entre Joan Salvador e o núcleo estabelecido em Londres, se deu em função das oportunidades que surgiam em decorrência das transformações dos interesses em jogo, que variavam conforme evoluíam as situações. Neste sentido, a natureza da América foi tanto protagonista quanto coadjuvante naquelas relações, um elemento presente e desejado, mas disposto a ceder espaço para outros propósitos mais atraentes. No entanto, ainda que Joan Salvador tenha, muitas vezes, abdicado de seus objetivos anunciados inicialmente, esta atitude de forma alguma representou a desistência do projeto de aumentar as coleções de seu gabinete de curiosidades. Pelo contrário, possivelmente, seu comportamento tenha sido este, pois, diferentemente do que demonstrava, especialmente a James Petiver, ele não dependia exclusivamente da diligência de seu colaborador inglês para conquistar os itens de *americana* tão almejados.

Simultaneamente às atividades em marcha com os correspondentes ingleses, Joan Salvador seguiu obstinado com o propósito de expandir a rede de contatos familiar, tratando de articular outros personagens, estabelecendo vínculos dos quais suscitaram novas possibilidades, especialmente no que diz respeito ao comércio colonial. E, ao contrário do James Petiver desejava, Joan entendeu que estes contatos que o conectava com a América não eram convenientes de serem compartilhados, mesmo consciente dos interesses de seu colaborador e tendo de lidar com a pressão de suas insistentes cobranças sobre o tema. Esta atitude, no entanto, pode ser identificada no comportamento estratégico também de Petiver. Como acompanhamos, Petiver seguramente tinha uma rede de contatos que lhe forneciam amostras de “ambas as Índias”, como ele mesmo declarou. Considerando que a viagem de

Joan passava por Lisboa, Cádiz e Sevilha – os centros do comércio colonial das chamadas “Índias ocidentais” – Petiver também não revelou a identidade de seus colaboradores naquelas regiões, por, talvez, ver em Joan Salvador, aquilo que o próprio Joan viu nele. E, como veremos a seguir, ambos naturalistas, coincidentemente, compartilhavam, em segredo, um importante contato em comum.

Em boa parte, agindo dessa maneira, Joan Salvador – assim como Petiver – protegia os seus próprios interesses, afinal, ambos estavam interessados na mesma coisa e, profissionalmente, eram concorrentes um do outro. Além de colecionadores, dedicados ao estudo rigoroso do mundo natural, ambos eram boticários, proprietários de um estabelecimento comercial. Assim, por mais que, aparentemente, a aplicação das amostras de *americana* pudessem ser diferentes para ambos, na realidade, não tinha como ser tão distante. Divulgar a identidade de fornecedores e intermediários significava, literalmente, dividir a atenção e os materiais que deles poderiam resultar, o quê, claramente, não era uma boa ideia, pois, como já discutimos, um dos aspectos fundamentais para assegurar a permanência de um indivíduo na rede era, justamente, o diferencial, a capacidade em fornecer algo que ninguém mais, ou muitos poucos, tinham para ofertar.

A opção de Joan por manter em sigilo os meios que tinha para se aproximar do Novo Mundo – relegando os respectivos temas a um segundo plano –, deriva, justamente, destas múltiplas atividades desenvolvidas tanto por Petiver quanto por ele próprio. Quero dizer, a figura de Petiver representava para Joan Salvador inúmeras possibilidades, muito além daquelas concernentes ao comércio de *naturalia* americana. Por esta razão, este negócio era prescindível, visto que existiam outros assuntos muito mais – ou igualmente – profícuos. Contudo, a segurança de Joan Salvador em não corresponder exatamente conforme Petiver queria, se respaldava na plena consciência de que era ele também um contato formidável, em condições de aportar muito mais, um personagem cujas vantagens em seguir em contato não dependia exclusivamente de um único negócio.

Haviam diferentes possibilidades igualmente interessantes para ambos os lados. E, como analisaremos mais detalhadamente nos próximos capítulos, estas estratégias não eram pertinentes em toda e qualquer relação comercial em andamento. À diferença do que as múltiplas e semelhantes atuações de James Petiver e de Joan Salvador poderiam proporcionar – recorrendo sempre que necessário ao amplo repertório de recursos para manter um correspondente em fidelidade –, os contatos secretos de Joan Salvador não estavam aptos a corresponder satisfatoriamente além de executar as atribuições que lhes seriam confiadas. Da mesma forma, o que teria motivado estes agentes a assumirem o

compromisso proposto foram, também, os privilégios que poderiam ser concedidos em retribuição aos favores prestados. Porém, à semelhança destes seus colaboradores, os atrativos de Joan também voltavam limitados nestas circunstâncias, visto que as aspirações destes homens eram mais modestas, por serem, basicamente, profissionais dedicados ao comércio, cujas ocupações variavam, mas permaneciam circunscrita à esfera mercantil.

Por esta razão, as vantagens encontradas por estes homens em se vincular aos projetos de Joan Salvador estavam, basicamente, relacionadas com o ofício de formação do naturalista catalão e não tanto com sua performance, digamos, científica. Apesar da distância profissional e, até mesmo social, que refletia na divergência de interesses entre as partes, todos – e incluído o próprio Joan Salvador – estavam unidos por um elo determinante nestas aproximações: a Catalunha. Além da atividade profissional, então, estes homens compartilhavam também a nacionalidade e o espaço de atuação, deixando a pátria-mãe para se estabelecerem profissionalmente na capital portuguesa. Eram eles: Pau Martí, Joan Sala, Pasqual Bellosoy e Bonaventura Capdevilla. E, se estes conterrâneos de Joan Salvador estiveram dispostos a atuar em seu favor, sem dúvidas a paisagem teria sido um dos fatores decisivos.

É importante ressaltar que, muitos foram os que ajudaram Joan nesta missão de enriquecer suas coleções de *americana*, os quais, mesmo sendo quase todos espanhóis, não obrigatoriamente eram catalães. A identidade e participação de alguns deles aparecerão no próximo capítulo, onde analisaremos suas contribuições para o gabinete de curiosidades dos Salvador. No entanto, o que aqui pretendemos demonstrar é que, ao contrário do que possa parecer, nem todos aqueles que aportaram novos materiais faziam parte da rede articulada por Joan destinada, exclusivamente, ao comércio colonial americano. Neste caso, sim, se não de Barcelona, todos os participantes desta rede “especial” eram catalães.

É difícil mesurar o grau de intimidade de suas relações com os Salvador, mas, certamente, como mínimo, tinham conhecimento de sua trajetória profissional, especialmente em função da tradicional botica que a família comandava e mantinha no mesmo endereço desde muitas gerações. Além disso, e igualmente relevante, a participação e comprometimento dos Salvador com a política local também pode ter sido um meio relevante para a aproximação com alguns deles, como é o caso de Bonaventura Capdevila que, enquanto vivia em Barcelona, chegou a ser eleito como um dos representantes do seu ofício em comissão do Conselho de Cento. Por esta razão, muito provavelmente Capdevila era conhecido de Jaume Salvador e, talvez, do próprio Joan, visto que estes, em diferentes momentos de suas vidas, também ocuparam cargos importantes dentro da instituição. Ao que

tudo indica, Capdevila, assim como Pasqual Bellsoley e Pau Martí, se transladaram à Lisboa para atuarem como comerciantes relacionados com a *Companya Nova de Gibraltar*, empresa dedicada à comercialização de vinho e aguardente através do Atlântico.<sup>277</sup>

Embora a participação de Capdevila, juntamente com a de Pau Martí, nestas atividades sejam hipotéticas<sup>278</sup>, a de Pasqual Bellsoley é mais concreta<sup>279</sup>. Uma das hipóteses que relacionam Pau Martí com o comércio Atlântico e um possível envolvimento com a pirataria de aguardente, deve-se ao seu enriquecimento naqueles anos em que esteve em Lisboa, permitindo que, posteriormente, quando de volta a Barcelona – retorno que parece ter ocorrido entre os anos de 1730 e 1734 – Martí faria importante doação para obras de caridade, destinada, mais especificamente para a construção e fundação do Monastério de Mataró.<sup>280</sup> As incógnitas ao redor das atividades profissionais destes catalães podem estar relacionadas com o motivo que teria os impelido a Lisboa. Mesmo sem conhecer quando o exatamente cada um destes correspondentes de Joan Salvador tenham se estabelecido em Lisboa, muito provavelmente a emigração tenha acontecido no contexto da Guerra de Sucessão. Como é sabido, em suma, os comerciantes catalães tendiam a apoiar o pretendente austríaco à coroa espanhola, constituindo importante resistência ao pretendente borbônico. Não é possível afirmar que fora o caso destes catalães, mas, o conhecimento de algumas informações nos levam, ao menos, a não desconsiderar tal possibilidade.

Neste sentido, Pau Martí e companhia – com exceção de Joan Sala, de quem comentaremos em breve –, poderiam fazer parte de uma parcela de comerciantes que deixaram a terra natal para procurar exílio político no exterior. Esta teoria está relacionada com o fato de todos os três terem sido inspecionados pela polícia borbônica, em 1716. Neste ano, pouco tempo depois do fim do conflito bélico e derrota de Carlos III, o governo felipista exigiu de alguns – e mais destacados – comerciantes de Barcelona uma espécie de prestação

---

<sup>277</sup>Fundada em Barcelona, em plena Guerra de Sucessão (1709), a *Companya Nova de Gibraltar* tinha como objetivo fundamental romper com a hegemonia que Cádiz tinha sobre o comércio no Atlântico. Através da companhia eram comercializados vinhos e aguardentes catalães, produzidas especialmente na região do Maresme, sendo as cidades de Lisboa e Amsterdam pontos estratégicos da rota. As atividades da Companhia se estendiam à América, de onde, entre outros, importavam açúcar do Brasil.

<sup>278</sup> Em seu artigo dedicado a apresentar alguns detalhes sobre a vida do mecenas do Monastério de Mataró, Alexis Serrano-Mendez (2004) postula que o enriquecimento de Pau Martí pode ter sido fruto do comércio de aguardente que ele e seus familiares desenvolveriam na capital portuguesa – detalhes que, pelo objeto comercializado e a cidade em que se estabeleceram, nos faz considerar que seu negócio poderia estar relacionado com a *Companya catalã*. Em relação à Bonaventura Capdevila, a proximidade com Martí e Bellsoley manifestada na correspondência particular, especialmente de Martí, poderia indicar que, além da procedência, eles compartilhassem também o espaço de atuação.

<sup>279</sup> Em sua obra “*El Manual de la Companya Nova de Gibraltar: 1709-1723*”, Pierre Vilar menciona que Pasqual Bellsoley havia participado de um envio de aguardente em um navio que havia saído da Catalunha em direção à Lisboa (p. 179).

<sup>280</sup> Ver Serrano Méndez, 2004.

de contas, na qual deveriam apresentar uma declaração exaustiva de seus contatos comerciais no exterior.<sup>281</sup> A medida, motivada por suspeitas, tinha por objetivo controlar e repreender possíveis conspiradores contra o governo de Felipe V. Na ocasião, entre as exigências impostas, os comerciantes convocados se viram obrigados a mostrar e justificar cada uma das correspondências epistolares que mantiveram com comerciantes catalães estabelecidos em diferentes lugares da Europa. Entre estes correspondentes “potencialmente suspeitos” estavam Pasqual Bellsoley, Bonaventura Capdevilla e Pau Martí – assim como seu pai e seu irmão, Joan e Francesc Martí, respectivamente.

Embora o tema mereça mais atenção, uma análise pormenorizada desta conjuntura nos desviaria do propósito planteado para o desenvolvimento desta tese. De todas maneiras, esta hipótese, mesmo que dissertada muito superficialmente, é mais um elemento que nos situam em uma direção que nos faz considerar o fator “paisanagem” como um elemento crucial para os frutíferos negócios levados a cabo, tanto para Joan Salvador quanto para seus conterrâneos em Lisboa. Por um lado, sopesava a linhagem familiar da qual pertencia Joan Salvador, cidadãos respeitados e com considerável influência não apenas, mas especialmente, em Barcelona. Diante da vigilância a qual, aparentemente, estavam submetidos, era conveniente manter um intermediário com boas relações com as autoridades borbônicas, capaz de prestar pequenos favores, como a tramessa de mercadorias e cartas a seus familiares e amigos na Catalunha, sem levantar suspeitas. De fato, como veremos no terceiro capítulo, Joan Salvador se responsabilizaria, entre outros favores, por repassar materiais de Joan Sala a Jaume e Josep Duran dois dos comerciantes barceloneses convocados a apresentar a mencionada documentação referente à correspondência epistolar particular.

No que se refere a Joan Sala, ao contrário de seus demais companheiros, não conseguimos encontrar nenhum dado que o situasse no âmbito de uma possível incompatibilidade política com o novo governo espanhol. A procedência deste personagem não é tão fácil de ser situada devido a popularidade de seu sobrenome, existindo diferentes e não correlacionados núcleos familiares com este mesmo sobrenome na Catalunha. De todo modo, pelo que nos aportam as cartas conservadas de sua correspondência com Joan Salvador, sabemos, com segurança, que alguns familiares de Joan Sala residiam em Barcelona, onde, inclusive, alguns deles também eram boticários e mantinham alguma relação com os Salvador – ainda que seja difícil pontuar em que grau de proximidade.

---

<sup>281</sup> O episódio é analisado por Josep Torras, em seu artigo *El corresponsals del comerç català amb Europa al començament del segle XVIII*, no qual, além de contextualizar o decreto oficial, Josep Torras Ribé (1990) fornece uma lista com a identidade de todos os correspondentes forâneos que foram mencionados por alguns dos comerciantes intimados.

Um detalhe interessante disso tudo é que, por mais estranho que possa parecer, Jaume Salvador e, conseqüentemente, seus filhos, não apenas estavam livres de desafetos com as autoridades felipistas como foram, em algum momento, por elas beneficiados.<sup>282</sup> A concessão recebida teria sido justificada em um, se não falso, curioso, argumento de que a família teria sempre apoiado o monarca da Casa de Bourbon. Nas primeiras páginas deste capítulo vimos, ainda que brevemente, que a residência dos Salvador teria sido local de reunião entre os austracistas, um ambiente que teria favorecido fortemente a expansão das redes comerciais da família que, durante a guerra – e também posteriormente –, passou a se corresponder quase que exclusivamente com personagens procedentes de territórios aliados, como os ingleses e holandeses, por exemplo. Como bem postulou Josep Maria Camarasa, a atitude suspeita de Jaume Salvador pode ser interpretada como um indicativo da facilidade com que a pequena burguesia catalã se reposicionava politicamente, se adaptando conforme se alteravam as conjecturas, de maneira descomplicada.<sup>283</sup>

No entanto, o comportamento do patriarca é ainda mais inusitado quando consideramos o enlace matrimonial de seu filho, Joan Salvador. O primogênito de Jaume se casaria com Maria Benages, herdeira de Francesc Benages, um próspero e honrado comerciante de Girona.<sup>284</sup> A outra irmã de Maria, por sua vez, se casaria com Bonaventura Milàns, filho e herdeiro de Segismon Milàns, também comerciante e dono de uma das maiores fortunas da Catalunha. Os Benages e Milàns, juntamente com Esteban Andreu, eram sócios em um empreendimento comercial, a *Cía Benages, Andreu i Milàns* (1692-1769).<sup>285</sup> Ao contrário dos demais companheiros da sociedade, Segismon Milàns se mudaria para Barcelona, onde expandiria os negócios familiares. Quando, em 1716, a polícia nacional teria intimado os comerciantes da capital catalã a prestarem conta de seus contatos, Segismon estava entre os convocados. Em sua lista, informava manter correspondência com toda a família Martí, em Lisboa.<sup>286</sup>

Como afirmado anteriormente, não existem provas incontestáveis que classifiquem Pau Martí, o pai e o irmão como exilados políticos – apesar de que, no caso deste último, pesava também uma importante denúncia de conspiração –, devido sua passagem e

---

<sup>282</sup> Em 1721, Jaume Salvador pediria a licença de portar espada, para ele e para seus filhos, sob alegação de que havia apoiado o monarca dos Bourbons – pedido que seria aceito pelas autoridades da época (Jordi González, 2003, p.846; Camarasa, 2011, p.136).

<sup>283</sup> Camarasa, 2011, p.139.

<sup>284</sup> Zarzoso, 2003, p. 33.

<sup>285</sup> Bencomo Mora, 1983.

<sup>286</sup> Torras Ribé, 1990, p.134.

envolvimento com exilados em Roma.<sup>287</sup> Possivelmente, Milàns foi a única parte da sociedade a ser invocado por ser ele o único a residir em Barcelona. No entanto, é interessante sinalizar que Milàns foi um grande apoiador de Felipe V, responsável por fornecer provisões e fazer doações ao seu exército durante a guerra.<sup>288</sup> Papel este que, por sua vez, teria sido repetido por Jaume Salvador, mas para o lado oposto, visto que sua botica foi uma das principais provedoras de medicamentos para o bando austracista. Assim, parece impossível de acreditar que Jaume não apenas tenha conseguido concessões das autoridades felipistas, como conseguiu casar seu filho Joan com a filha de um dos sócios de Milàns – apesar de que o próprio Milàns também se correspondia com Francesc Martí, que cultivava importantes desafetos com seus aliados.

Independentemente dos interesses envolvidos e ocultados nestas artimanhas de Jaume Salvador, seu comportamento poderia representar uma habilidade bastante conveniente diante da instabilidade que marcou o pós-guerra. Na postura flexível e diplomática de Jaume podia estar assentada a base para a viabilização dos planos esboçados por ele em conjunto com seu filho, representando a segurança que Joan precisava para se arriscar a se corresponder e colaborar com aqueles comerciantes que, mesmo sob vigilância da polícia, estavam no cerne do comércio colonial; personagens estes que, ainda há pouco, discorreremos sobre as vantagens em colaborar com estes insistentes conterrâneos.

Todas estas aproximações colocam em evidência um segundo elemento imprescindível para esta discussão, a força do parentesco para a realização dos projetos com a dimensão daqueles que arquitetava Joan Salvador. Com exceção de Capdevila, a quem nos parece lógico considerar alguma amizade prévia, ao menos com Jaume - e também de Joan Sala, pela questão gremial que conectava seus familiares com a família Salvador –, não seria de todo impertinente considerar que o contato – não o primeiro, mas sim o fortalecimento das relações –, com Pau Martí pode ter se beneficiado das atividades do mesmo com esta parte da família. Embora as experiências passadas destes catalães com a família Salvador variava no espaço e no tempo, a junção de cada um deles na rede engendrada para um desígnio específico teria, sem dúvidas, acontecido em mesmo contexto, expressamente na passagem do naturalista catalão por Lisboa, em 1717, no âmbito da expedição realizada ao lado de seus companheiros franceses.

Durante a viagem – que também incluía diversas localidades espanholas e outras tantas de Portugal – a capital portuguesa consistiria no local onde a caravana franco-catalã

---

<sup>287</sup> Serrano Mendez, 2004, p. 181-183.

<sup>288</sup> Torras, 1990.

permaneceria por mais tempo. A razão para esta decisão estava, em boa parte, relacionada com as promissoras oportunidades que ali encontrariam em relação ao comércio colonial americano. Não cabe aqui, neste momento, levarmos a cabo uma análise mais detalhada do empreendimento realizado por Joan Salvador e os irmãos de Jussieu, afinal, reservaremos um capítulo dedicado, quase que exclusivamente, a ele. O importante, no presente, é demonstrar como as circunstâncias evoluíram a ponto de transformar aquilo que fora um desejo relevante, mas, talvez, não exatamente uma necessidade, em um objeto inegociável, tal como as amostras de *americana* passariam a significar para Joan Salvador a partir de sua estada em Lisboa.

Se a capital do império português se revelou um ambiente favorável para os projetos de Joan, talvez as causas não estivessem, necessariamente, pautadas no indiscutível dinamismo derivado das atividades relacionadas com o comércio ultramarino das Índias que faziam daquela cidade um espaço privilegiado para conhecer as novidades que aportavam constantemente de além-mar. Mais do que estas características inerentes das condições estruturais de Lisboa, os atores nelas envolvidos exerceriam um papel fundamental para o empreendimento do colecionador e boticário catalão, pois seriam tanto os responsáveis por fomentá-lo, como por permitir a sua viabilização.

A vantagem de Joan, neste caso, não estava unicamente atrelada aos seus conterrâneos, mas também na amizade e comércio que mantinha há alguns anos com um personagem-chave nesta história, Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos (1688-1756). Mais especificamente, o contato de Joan Salvador com Almeida teria se estabelecido através das relações iniciadas por seus respectivos pais durante a Guerra de Sucessão espanhola.<sup>289</sup> Na qual, seguindo a tradição familiar de serviço à Coroa portuguesa, Dom João de Almeida (1663- 1733), 2º Conde de Assumar, exerceu a função de embaixador extraordinário de Portugal junto ao imperador Carlos III, em Barcelona<sup>290</sup>. Assim, a família Almeida além de ser uma importante referência para Joan Salvador quando em Lisboa, cuja relação facilitaria seu acesso aos círculos eruditos e científicos da cidade, esta conveniente amizade seria ainda mais afortunada por uma feliz coincidência.

Naquele mesmo momento, em dezembro de 1716, Pedro de Almeida seria nomeado governador das Minas de São Paulo e Minas Gerais, no Brasil, para onde partiria e permaneceria nos próximos quatro anos. Logo, sua promoção se converteria na oportunidade ideal – e impreterível – para Joan Salvador colocar em ação seu grande projeto de enriquecer

---

<sup>289</sup> Marcos, 2015; Marcos; Monteiro, 2017.

<sup>290</sup> Pereira, 2009, p.42.



as coleções familiares com amostras da natureza da América e, neste caso, especificamente, brasileira. Este cenário altamente promissor atendia a todas as expectativas que James Petiver mantinha em relação à viagem de Joan Salvador e os potenciais contatos que poderiam ser estabelecidos na ocasião, mas, pelas questões já discutidas, não foi comunicado.

Apesar da discrição, Pedro de Almeida também era um correspondente de James Petiver, quem, seguramente, sabia das novidades envolvendo militar e naturalista português. A relação entre Petiver e Almeida é, inclusive, anterior à promoção deste último. Desta correspondência, pudemos localizar uma carta de Almeida ao boticário inglês, escrita em 1715, na qual constatamos que, mesmo antes de assumir seu posto no Brasil, Almeida já atuava como facilitador de materiais daquele país a Petiver.<sup>291</sup> Nesta época, Joan Salvador também já se correspondia com o colega, desde que este havia deixado Barcelona e voltado à Lisboa, indicando em a correspondência entre os três naturalistas ocorreu de maneira paralela e independente. Por outro lado, o fato de Petiver não ter orientado Joan Salvador a buscar por Almeida quando estivesse em Lisboa, é mais um sinal de que as vantagens reforçadas constantemente por ele, visavam os seus próprios projetos e não os de Joan, como justificava.

Independentemente do que tenha acontecido, Almeida não representava as únicas oportunidades que se apresentaria aos Salvador em relação ao Brasil. Um parente de Joan, Bruno Verdera, conseguia embarcar em direção ao país para atuar como cirurgião nas Minas, não sendo descartada a hipótese da participação direta de seus familiares neste projeto, vislumbrando a rentabilidade que a presença de um parente naquelas terras poderia resultar para suas coleções e negócios comerciais.

Esta talvez seja a principal característica que o difere das demais tentativas em adquirir itens de *americana*, visto que, estes materiais passariam a ser o único objetivo de negócio, insubstituível. Em outras palavras, a *americana* procedente do Brasil era o projeto em si e não parte de um projeto mais amplo, tal como fora com os correspondentes ingleses— e seguiria sendo nos negócios independentes ativos com outros correspondentes.

Com a sorte jogando a seu favor, Joan Salvador não poderia correr o risco de se distanciar de Almeida e perder a vantagem de ter o contato direto com um promissor provedor de materiais para seu gabinete. Um fornecedor que, além de gosto e interesse pela história natural, tinha, literalmente, o poder em suas mãos, fato que gerava ainda mais expectativas acerca da qualidade dos materiais que poderiam ser alcançados. No entanto, Joan sabia que os resultados positivos dependiam não apenas da boa vontade e amizade com as autoridades

---

<sup>291</sup> BL, MS-Sloane 3322, f.86. Carta de Pedro de Almeida a James Petiver (16/07/1715). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 52].

locais e de além-mar, mas de ter pessoas dispostas a colaborar com ele, que pudessem atuar a seu favor. Para garantir que o ilustre colega não se esquecesse de seus desejos, e para assegurar que seu nome fosse lembrado a cada novidade que chegasse nos portos de Lisboa, Joan aproveitaria permanência na cidade para articular a sua rede de colaboradores, os quais não apenas atuariam como intermediários entre os dois continentes, mas também defenderiam seus interesses, fornecendo informações, materiais e, acima de tudo, pressionando e cobrando retornos da outra parte.

Como esperado, estes agentes particulares seriam os já apresentados conterrâneos de Joan Salvador que, diante das circunstâncias, surgiriam como intermediários ideais para representar seus interesses após seu retorno, de modo que a sua ausência física não se convertesse em esquecimento. O fato de residirem em Lisboa, e de estarem familiarizados com a dinâmica do comércio ultramarino e bem relacionados, em diferentes proporções, tanto com os homens do mar - como capitães e agentes portuários, por exemplo - quanto com autoridades e pessoas influentes da cidade, era, inegavelmente, fatores essenciais para serem encarregados para tal missão. Mas, nenhuma destas qualidades seriam tão resolutivas quanto o fato de serem catalães. Compartilhar a procedência com estes homens significava, de certa forma, compartilhar memórias. Quero dizer, assim como os incontáveis objetos “desconhecidos” intercambiados e comercializados através das redes não circulavam por ela desprovidos de conhecimento, os próprios indivíduos também carregavam consigo uma identidade. Assim, quando Joan apresentou a proposta do negócio aos seus contatos, inevitavelmente, com ele viria também o seu histórico, que o conectava diretamente com Barcelona e todo o seu entorno, trazendo à tona as diferentes experiências individuais que cada um daqueles atores mantinham com os Salvador, o associando com os membros de sua família, com a tradicional botica da rua *Ample*, com os grêmios, com a política local e com os círculos de amizades em comum.

O vínculo com Barcelona representaria, então, dois dos aspectos fundamentais desta rede que se formava com propósitos tão valiosos, a segurança e o benefício. Respaldaado pela desenvoltura familiar na capital catalã, Joan Salvador munia-se dos artifícios que precisava para arriscar seu plano, depositando toda a sua confiança naquele pequeno grupo, pois, ao mesmo tempo que representava um importante elo com a cidade e seus moradores, suscitava, na mesma medida, as profícuas vantagens de associar-se a ele, como as comprometedoras consequências de não ser correspondido. Como anunciado anteriormente, os atrativos de Joan estavam indissociados da Catalunha e, conseqüentemente, de sua performance como boticário. Assim que, como veremos, a dinâmica das atividades levadas à cabo envolveria

recompensas baseadas quase que exclusivamente nos conhecimentos profissionais de Joan Salvador ou, em favores pessoais de ordem menor. Diante de um quadro limitado de possíveis favores solicitados, estes intermediários – nomeadamente Joan Sala e Pau Martí – fizeram desta relação uma via para promoverem seus negócios particulares, engendrando outras atividades comerciais com Joan Salvador, mas, de maneira paralela, sem interferir nos resultados do projeto *americana*.

Todas estas questões serão discutidas no capítulo relativo aos espaços, posto que a análise de toda a correspondência epistolar mantida entre os núcleos de Lisboa, do Brasil e de Barcelona resulta essencial para configurar os elos geográficos da rede estendida pelos Salvador. Por ser um projeto tão enraizado em aspectos geográficos e espaciais, optamos por fazê-la através desta perspectiva, situando cada personagem em seu lugar, em seus espaços de atuação.

A necessidade de antecipar estas considerações, como aqui fizemos, é justamente para demonstrar que o projeto dos Salvador de ampliar suas coleções de *naturalia* e *artificialia* provenientes da América se divide em duas frentes, completamente distintas, mas igualmente importantes: a primeira – específica e resolvida –, de *americana* do Brasil, e, a segunda, a de *americana*, em seu conceito mais genérico, permissiva, flexível, tal como teria sido com James Petiver e tantos outros personagens ainda por serem conectados nesta complexa rede.

Como veremos no próximo capítulo, onde analisaremos as coleções de *americana* do gabinete Salvador, muito provavelmente, Joan e seu pai mantiveram este tipo de comércio com outros personagens cujas evidências se perderam ao longo do tempo. A presença de alguns objetos não mencionados por nenhum destes correspondentes que tratamos de apresentar nestas páginas nos permitem sugerir que as cobiçadas amostras da América não foram exclusividade destas relações. Do mesmo modo em que encontramos objetos de origem americana “dispersos” nas coleções, temos conhecimento de outros tantos personagens com quem a família havia se relacionado, cujas memórias científicas os situam no estudo e manipulação da natureza americana, sendo possível ao menos sugerir que deles também tenham recebido algo.

Por esta razão, optamos por conectar todos estes correspondentes à rede dos Salvador através da perspectiva das coleções propriamente ditas. Pois, ainda que tenhamos omitido, em um primeiro momento, de nossa discussão a conexão com nomes expressivos, de personagens como Hermann Boerhaave, Guillaume Nissole, George Clifford e Caspar Commelin, o fizemos deliberadamente, pois sabemos que, por mais que tenham se envolvido com este comércio de *americana*, seja aportando livros, sementes, mudas de plantas, animais

conservados em líquido ou empalhados, minerais, pedras ou até mesmo recebendo de Joan Salvador estes materiais em troca de outros, exóticos ou não, a natureza americana não ocupava um lugar central nestas relações. A este grupo se somam também outros personagens não tão prestigiosos - cujas atividades profissionais se assemelhavam muito mais dos conterrâneos de Joan Salvador estabelecidos em Lisboa - que, seguindo este mesmo perfil também facilitaram espécimens para o gabinete Salvador.

Resulta significativo que este grupo ainda por ser conectado, foram responsáveis por movimentar o comércio de *naturalia* provenientes da porção espanhola das Américas. Esta constatação corrobora a hipótese que postularemos de que os Salvador não tinham mais interesse pelas terras das colônias portuguesas em relação às espanholas. Mas, pelas conveniências, já superficialmente discutidas neste capítulo, foram compelidos a privilegiar a América portuguesa, mais especificamente o Brasil. Assim, podemos afirmar que, se tratando de rede articulada com este objetivo declarado, Portugal esteve no centro deste projeto. Mesmo que outros correspondentes e colaboradores, tais como James Petiver, por exemplo, a América tenha assumido, em alguns momentos, uma posição central, se reconfigurando conforme os interesses particulares de cada parte envolvida, Joan Salvador não os considerava parte de sua rede de colaboradores de *americana*. Seguramente, este papel e responsabilidade eram atribuídas aos seus conterrâneos e amigos portugueses, contatos que, a diferença dos ilustres, não lhe interessava divulgar e compartilhar com demais naturalistas.

Com isso, concluímos que, no trajeto que conectava o gabinete Salvador, em Barcelona, com a América, muitas vias foram percorridas, mas, não necessariamente, a oficial tenha sido a responsável por enriquecer mais esta coleção. Mas, considerando o lugar que estes personagens ocupavam na classificação que Joan Salvador fazia de seus correspondentes e fornecedores, não podemos igualá-los aos demais. Assim, deixando o anonimato no qual repousavam até então, consideramos o núcleo de catalães estabelecidos em Lisboa – e no Brasil – a verdadeira rede americana da família Salvador.

## Capítulo 2 - Objetos

Se tivéssemos que definir as redes de comércio e comunicação articuladas por Jaume e Joan Salvador para enriquecer suas coleções de *americana* em apenas uma única palavra, possivelmente, “pluralidade” seria uma forte candidata ao título. A diversidade decorrente das inúmeras atividades, aspirações e ofícios de seus participantes era, ao mesmo tempo, tanto o resultado quanto a condição *sine qua non* daquele grupo que, mesmo motivado por interesses completamente distintos, foram capazes de encontrar nele um ambiente favorável para a realização de seus projetos particulares.

Neste caso, o mundo natural da América foi o ponto de convergência que permitiu que aquela rede se estabelecesse e se mantivesse ativa e rentável para todas as partes. Para alguns, a natureza americana era o meio que proporcionava os retornos desejados enquanto que, para outros, ela era o retorno desejado. Por esta razão, seria um erro de premissa considerar a materialidade destas redes a partir de uma única perspectiva, aquela que a classifica como um simples objeto curioso, cujo destino era o ambiente fechado e exclusivo do gabinete de curiosidades. Da mesma forma, as inúmeras faces que um único objeto podia adquirir estava relacionada não apenas com o coletivo, mas também a nível individual. As diferentes ocupações que um mesmo indivíduo podia se dedicar ao longo de sua vida, influenciavam diretamente nos seus interesses.

Considerando que os proprietários das coleções analisadas eram, além de colecionadores, naturalistas comprometidos com o estudo *científico* da natureza e boticários, donos de um estabelecimento comercial, é compreensível que a objetividade da natureza americana fosse diferente para cada uma de suas aspirações; se não na teoria, muito provavelmente na prática. Ou vice-versa. Assim, a proposta deste capítulo não é ilustrar o resultado das técnicas de manipulação, estratégias e favores, sinalizando quais objetos compunham a coleção de *americana* da família Salvador, mas sim de compreender as diferentes concepções de materialidade associadas às suas diferentes performances profissionais e intelectuais. Afinal, o objeto não *fala* apenas do conteúdo da coleção, mas também e, especialmente, da participação desta família de eruditos de Barcelona nas redes internacionais, nos permitindo aproximar do papel que estes espaços particulares e diferentes, mas íntimamente conectados, – gabinete e botica – tiveram na construção do conhecimento acerca da natureza americana.<sup>292</sup>

---

<sup>292</sup> Welch, 2018; Daston, 1995; Pugliano, 2018; Halikowski, 2008.

## 2.1. Enriquecendo jardins e prateleiras na Holanda e em Barcelona

Como mencionado no capítulo anterior, tudo indica que o contato entre Joan Salvador e Herman Boerhaave tenha acontecido através da intermediação de John Lecaan, já que, em carta de novembro de 1711 – também citada na oportunidade – Joan agradecia o seu correspondente e amigo por ter facilitado esta conexão, afirmando ter escrito a ele, assim como ter enviado algumas sementes e plantas a Leiden.<sup>293</sup> Embora o conteúdo da declaração de Joan Salvador não deixe dúvidas que aquele havia sido, de fato, o primeiro contato com Boerhaave, não podemos sinalizar quando exatamente a carta teria sido escrita.

Como apontado, Joan escreveria a Lecaan em novembro de 1711, ou seja, cerca de dois anos após Boerhaave ter assumido a cadeira de Botânica da Universidade de Leiden e também a direção do jardim anexo ao edifício acadêmico – sendo este último um dos principais elos que fortaleceria a comunicação entre ambos correspondentes. Neste período compreendido entre a posse de Boerhaave e a carta de Joan Salvador reside a incógnita que envolve o início daquela que se estabeleceria como uma longa relação epistolar. Vale ressaltar que, embora a carreira oficialmente acadêmica de Boerhaave tenha se iniciado em 1709, quando assume o posto de primeiro professor em Botânica e Medicina, seu nome já ressoava pela Europa associado não somente à qualidade das palestras que ministrava na Universidade desde 1701, como também pela publicação de seus primeiros trabalhos, os quais proporcionariam a intensificação e expansão de sua fama.<sup>294</sup>

Neste processo de institucionalização de suas atividades profissionais, Boerhaave desenvolveria especial interesse e estima pelo *hortus botanicus* que havia “herdado” junto com a cátedra de Botânica.<sup>295</sup> A dedicação ao jardim fez com que ele recebesse, inclusive, uma comissão em seu salário destinada, exclusivamente, ao comércio de sementes e mudas de plantas com correspondentes tanto locais quanto estrangeiros. Para facilitar a comunicação, Boerhaave teria sentido a necessidade de elaborar um catálogo das plantas que o jardim possuía naquele momento e, assim, em 1710, publicaria o seu primeiro *Index plantarum*, título presente na biblioteca da família Salvador.<sup>296</sup>

Desafortunadamente, não se conserva nenhuma carta referente aos primeiros anos de comunicação e comércio empreendido entre os naturalistas de Leiden e de Barcelona. No

---

<sup>293</sup> Anexo 21.

<sup>294</sup> Para mais informações sobre a memória científica e profissional de Boerhaave, ver a biografia de Knoeff (2002) e os trabalhos de Lindeboom (1979; 2007).

<sup>295</sup> Lindeboom, 1968, p.2298.

<sup>296</sup> Boerhaave, H. *Index plantarum quae in Horto academico Lugduno Batavo reperiuntur conscriptus ab Hermanno Boerhaave Lugduni Batavorum [Leiden] apud Cornelium Boutestein 1710, 14/IV/13.*

entanto, no herbário formado pela família ao longo das gerações constam algumas *exsicatae* facilitadas por Boerhaave a Jaume e Joan Salvador com datas a partir de 1713.<sup>297</sup> Já o primeiro documento preservado desta correspondência epistolar corresponde a uma carta escrita por Herman Boerhaave, em outubro de 1716.<sup>298</sup> Assim como assinalam os exemplares conservados no herbário familiar, nesta carta Boerhaave menciona outras duas cartas de Joan, escritas em abril e setembro daquele mesmo ano, indicando que o comércio entre eles estava ativo desde antes. Se nos atentarmos para a data destes documentos veremos que correspondem ao período da viagem de Joan Salvador pela Espanha e Portugal. E, justamente, pelo conteúdo da resposta de Boerhaave, nestas duas cartas mencionadas, certamente Joan Salvador acabava de comunicá-lo sobre sua jornada.

Como mencionado no final do capítulo anterior, julgamos mais oportuno nos dedicar a análise desta correspondência por um viés material, ou seja, através dos objetos e materiais que percorreram o trajeto que conectava ambos jardins e coleções. Como esperado, a notícia da viagem não seria irrelevante para Boerhaave, que se mostrava entusiasmado com as possíveis descobertas de seu correspondente, e ansioso em ser agraciado com estas novidades. É importante ressaltar que a flora ibérica não era uma novidade para o jardim botânico de Leiden, onde diversas espécies da Espanha e de Portugal cresciam desde muitos anos, fruto das relações estabelecidas por Clusius com correspondentes espanhóis, depois de sua viagem pela Península quase um século e meio antes.<sup>299</sup>

Talvez, por esta razão, Boerhaave não tenha se entusiasmado exatamente pela natureza destes países, mas sim pela natureza das colônias americanas, já que nenhum outro lugar seria tão privilegiado em poder proporcionar amostras daquelas regiões. Considerando a passagem da comitiva pelos epicentros do comércio ultramarino americano, como Cádiz e Sevilha, por exemplo, Boerhaave reforçava a Joan Salvador o quanto esta oportunidade poderia ser

---

<sup>297</sup> Entre as plantas enviadas desde Leiden a Barcelona em 1713, pudemos encontrar, por exemplo, um exemplar de *Convolvulus tricolor*, o qual possui uma etiqueta com as inscrições “Ex semine a D. D. Boerhaave [...] Barcinone 1713 Colebam.” Para conferir todas as plantas que formam parte do herbário familiar, consultar o catálogo elaborado por Neus Ibáñez em sua tese doutoral *Estudi sobre cinc herbaris històrics de l’Institut Botànic de Barcelona*, 2006.

<sup>298</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/15-1. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 15/10/1716]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 53]. A biblioteca particular dos Salvador também aponta para um comércio entre os naturalistas catalães e holandeses neste mesmo ano. Dois títulos presentes na biblioteca possuem a inscrição “Ex dono autoris 1716”, indicando que o próprio Boerhaave havia facilitado aqueles dois exemplares ao Salvador. São eles: *Institutiones medicae in usus annuae exercitationis domesticos digestae* (1713) e *Aphorismi de cognoscendis et curandis morbis in usum doctrinae domesticae digesti* (1715), registrados na biblioteca como *E/I/12* e *D/I/9*, respectivamente.

<sup>299</sup> Sobre a viagem de Clusius pela península ibérica em 1563-1564, ver: López-Terrada, 2011, p.43-67; Carvalho, 2013, p.39-55. Para a correspondência com os espanhóis, ver Barona & Gómez, 1998. Para uma visão global das atividades e as relações do naturalista belga ver: Egmond, Hoftijzer & Visser eds., 2007 e Egmond, 2010.

rentável para seu gabinete de curiosidades, dizendo “se você tiver algum correspondente nas Índias Ocidentais da Espanha, você será capaz de atrair animais de todos os tipos e os mais raros do mundo”<sup>300</sup>. Obviamente, o conselho de Boerhaave para Joan tentar estabelecer um comércio com fornecedores na América espanhola visava também o seu próprio beneficiamento, pois não hesitava em pedir “quando você tiver dois ou três do mesmo tipo, envie-me um”<sup>301</sup>. Como garantia, para incentivar ainda mais Joan a considerar seu conselho e pedido, declarava “depois, por permutação, encontrarei meios para enriquecer seu gabinete com as peças mais raras e requintadas”<sup>302</sup>, recorrendo a já amplamente conhecida estratégia da retribuição, ressaltando a sua capacidade pessoal de fornecer amostras peculiares e exclusivas, tornando sua proposta mais atraente e praticamente irrecusável.

Não é possível identificar se, ao longo daqueles anos em que seguiram com os intercâmbios e que consistem, atualmente, em um hiato documental, a natureza americana tenha configurado no comércio mantido por eles. A falta de informações sobre os primeiros anos desta correspondência não nos permite compreender com maior precisão o lugar ocupado pelas Américas nesta relação, se Joan Salvador teria contactado o naturalista neerlandês com o propósito de enriquecer sua coleção de *americana*, assim como se o próprio Boerhaave teria visto em Joan Salvador um potencial como facilitador deste tipo de amostras. Independentemente de como tenha acontecido, a recém citada proposta de Boerhaave sobre a fauna americana nos permite dizer que, ao menos a partir desta data de 1716, Joan Salvador passava a representar um importante contato para esta finalidade, se convertendo em um promissor provedor de *americana* para a coleção do médico em Leiden e para o jardim botânico universitário que estava a seu cargo.

Definitivamente, Herman Boerhaave não teria sido o único a apostar no potencial de Joan Salvador como facilitador de espécimes provenientes da América. Como vimos, James Petiver também teria investido – ou melhor, tentado investir – na capacidade de articulação do jovem boticário e naturalista catalão para enriquecer suas coleções com estes materiais, não sendo então, a primeira vez que as habilidades de Joan seriam classificadas neste escopo por seus correspondentes. Igualmente interessante é o momento em que ambos – Petiver e Boerhaave – assim classificam a Salvador. Apesar das ressalvas ainda há pouco discutidas sobre o lugar da natureza americana no início das relações de Salvador e Boerhaave, fato é que tanto para seu correspondente neerlandês quanto para seu correspondente inglês, a notícia

---

<sup>300</sup> Anexo 53.

<sup>301</sup> Anexo 53.

<sup>302</sup> Anexo 53.



da viagem ao lado dos irmãos de Jussieu, surgiria como uma oportunidade para propor um comércio deste caráter, visto que ambos teriam reagido da mesma forma logo após serem informados sobre a jornada. A diferença – e que em boa parte justifica o porquê de reservar esta discussão para este momento –, reside na riqueza de informações sobre o comércio mantido entre Joan Salvador e James Petiver, que nos permitiram uma série de interpretações, associadas a uma complexa articulação de interesses.

Assim, no caso da correspondência com Petiver, particularmente, a natureza americana assumiu diferentes papéis e foi manuseada das mais distintas maneiras que acabaram por extrapolar sua materialidade de item colecionável. Ainda que as lacunas na correspondência entre Joan Salvador e Herman Boerhaave não nos permitam o mesmo nível de análise, as provas que temos são suficientes para elaborar uma discussão que contemple a materialidade dos espécimes e objetos intercambiados entre eles.

Embora as cartas conservadas na coleção Salvador não sejam explícitas em relação ao conteúdo dos materiais intercambiados e, especialmente daqueles que partiram de Barcelona com destino a Leiden, ainda assim é possível sinalizar alguma movimentação de *americana* entre os dois núcleos. Seguindo com a cronologia das cartas escritas e recebidas de Boerhaave, o próximo exemplar que temos em mãos data de julho de 1717 e é uma resposta a duas cartas escritas por Salvador.<sup>303</sup> A primeira, segundo Boerhaave, teria sido escrita em abril daquele mesmo ano por Jaume Salvador, na qual informava sobre o envio de duas caixas com materiais recolhidos e organizados durante a viagem, postadas pelo próprio Jaume via Lisboa.

Esta declaração de Boerhaave é interessante, pois é mais um indício de que, conforme Joan Salvador e seus companheiros coletavam materiais nos lugares que visitavam e o itinerário avançava, cada vez mais se viam confrontados com problemas de logística. A impossibilidade de manter essas coleções consigo, os obrigavam a enviá-las, principalmente, a Barcelona, sob cuidados de Jaume Salvador. Não nos aprofundaremos nestas questões, que serão devidamente discutidas no capítulo seguinte, mas era pertinente fazer aqui uma breve introdução para contextualizar a colocação de Boerhaave e sugerir a razão de haver sido Jaume Salvador o remetente de tais coleções ao destinatário.

Ainda na mesma carta, Boerhaave confirma o recebimento de uma segunda carta, desta vez redigida por Joan Salvador, na qual informava sobre o seu retorno a Barcelona, depois de ter passado quase um ano viajando pela Península Ibérica. Contente com o sucesso

---

<sup>303</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/15-2. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 02/07/1717]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 54].

da realização de seu correspondente, Boerhaave escreve, em tom de satisfação, porém com certa cobrança sobre o empreendimento recém-concluído “eu estou muito agradecido por você declarar em meu favor, por me fazer partícipe de tudo isso. Apesar de neste tempo eu não ter recebido nada do que você diz ter enviado de Lisboa ao sr. Clifford para mim”<sup>304</sup>. De acordo com Boerhaave, a carta de Joan Salvador teria sido escrita nos primeiros dias de junho de 1717 e chegou até ele no dia 24 do mesmo mês. As encomendas que ele dizia ainda não ter recebido, são aquelas mesmas que Jaume Salvador teria comunicado o envio alguns meses antes, através de Lisboa.

Quando confrontamos esta carta com a documentação referente ao núcleo estabelecido em Portugal, foi possível encontrar quem, muito provavelmente, tenha sido o responsável por encaminhar as caixas com as coleções preparadas para Boerhaave. No sexto dia do mês de julho, Joan Sala escreveu a Joan Salvador: “os pacotes de sementes que Vmd. me entrega foram enviados na primeira ocasião que surgiu para a Holanda, que foi com o primeiro comboio que para lá partiu no começo [do mês], foram todos e um mais, dirigidos a Jorge Clifford le Jeune a Amsterdam”<sup>305</sup>.

Como já assinalamos no capítulo anterior, cabe destacar o papel de intermediário de Sala nas relações de Joan Salvador com seus correspondentes nos Países Baixos, assim como o fato de que estas caixas não tinham como destino final a capital Amsterdam, mas sim a vizinha Leiden, por acreditar que as encomendas citadas tanto por Boerhaave quanto por Sala sejam as mesmas.

Não é possível afirmar se Joan Salvador manteve com George Clifford uma correspondência epistolar cuja documentação tenha se esvanecido com os infortúnios do tempo, mas não restam dúvidas de que estiveram em contato e mantiveram algum tipo de comércio, mesmo que indiretamente, através da intermediação de outros correspondentes em comum. Por outro lado, a carta de Joan Sala nos oferece uma prova explícita de que sementes de plantas eram um dos objetos comumente enviados nestes intercâmbios à distância; em comparação com outros materiais, a semente superava melhor o problema da conservação durante a viagem, e ainda estimulava o desafio de seu cultivo posterior, sobretudo no caso das sementes de plantas procedentes de latitudes americanas tão diferentes das de Leiden ou Amsterdam.

Além disso, tanto a carta de Sala, quanto a do próprio Boerhaave, são importantes

---

<sup>304</sup> Anexo 54.

<sup>305</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-24. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 06/07/1717]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 55].

testemunhos de que a rede de contatos articulada por Joan e Jaume Salvador com este país do norte da Europa não se limitava ao médico e naturalista estabelecido em Leiden.

O núcleo neerlandês também estaria composto por, pelo menos, mais um personagem, também estabelecido em Amsterdam – Caspar Commelin (1667-1731), o diretor do jardim botânico daquela cidade. Da mesma maneira como tivemos conhecimento da conexão de Joan Salvador com George Clifford, a relação com Commelin é evidenciada através de um contato comum entre eles, o botânico de Montpellier Guillaume Nissolle (1647-1734) que, em cartas enviadas a Joan Salvador, acaba por expor o vínculo de ambos com este importante personagem.<sup>306</sup>

A importância associada à figura de Commelin, assim como a de Clifford também o é, se deve não apenas ao prestígio de suas atividades profissionais e científicas, mas também, e especialmente, pelo envolvimento de ambos com o comércio e estudo da natureza colonial. Ainda que a Holanda, associada às atividades comerciais da *WIC*<sup>307</sup>, estivessem em um processo de declínio gradativo na América desde o final dos seiscentos, o país continuava a exercer significativa influência nas suas colônias asiáticas e africanas no século XVIII.<sup>308</sup> Todos estes compatriotas possuíam em seus respectivos herbários e jardins, numerosas plantas oriundas destas regiões do globo.<sup>309</sup> Commelin, inclusive, foi responsável por elaborar uma obra inteiramente dedicada a flora de uma delas, a costa do Malabar, situada no sudoeste da Índia e cujo primeiro volume está presente na biblioteca dos Salvador.<sup>310</sup>

Estes dados se mostram pertinentes, pois, com exceção de Boerhaave, cuja correspondência com Joan Salvador possui remanescentes que nos permitem, ainda que sem muitos detalhes, evidenciar sua contribuição para com o gabinete e biblioteca de seus colaboradores catalães, através envio de espécimes e livros de origem americana, com os outros dois personagens, e mais especificamente, com Commelin – e algum momento também com Boerhaave – apenas encontramos referências à facilitação de *naturalia*

---

<sup>306</sup> Entre os documentos conservados, encontra-se cópia de uma carta de Joan Salvador escrita em julho de 1723, na qual informava a seu amigo Guillaume Nissolle que iria compartilhar com ele algumas sementes que havia recebido de Commelin e de Boerhaave. O conteúdo da carta é muito interessante, mas será discutido em momento mais oportuno, no próximo capítulo desta tese.

<sup>307</sup> Sigla abreviada de *West-Indische Compagnie*. Conhecida, em português, como “Companhia das Índias Ocidentais”.

<sup>308</sup> Ebert, Christopher. "Dutch Trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1587–1621. *Riches from Atlantic Commerce: Dutch Transatlantic Trade and Shipping* (2003): 1585-1817.

<sup>309</sup> Wijnands, 1983.

<sup>310</sup> Commelin, C. *Flora Malabarica sive horti Malabarici catalogvs exhibens omnium ejusdem plantarum nomina quae è variis tum veteribus tum recentioribus botanicis collegit & in ordinem alphabeticum digessit Casparus Commelin Lugduni Batavorum [Leiden] apud Fredericum Haaringh, 1696*. Na biblioteca Salvador, registro 12/IV/8. O trabalho de Commelin é um catálogo com a nomenclatura das espécies compiladas por Hendrik van Rheede, em seu *Hortus Malabaricus*, durante o seu mandato como governador de Malabar, entre os anos 1678-1693.

procedentes do Oriente.

Aparentemente, a divergência geográfica destas amostras com as que nos dedicamos nesta tese poderia facilmente ser compreendida como um elemento determinante, considerando-as insignificantes para nossa análise. Porém, sua relevância reside justamente no caráter exótico que carregavam consigo, na raridade de sua existência, na exclusividade de seu acesso. Algumas destas sementes facilitadas por Boerhaave e Commelin, mesmo não sendo essencialmente unidades de *americana*, foram utilizadas como elementos de troca em outras ocasiões, com outros correspondentes, contribuindo para a circulação de materiais e conhecimentos sobre a natureza das Américas.

Quando abordamos a relação científica e comercial mantida entre Joan e Jaume Salvador e Herman Boerhaave, nos referimos a uma pequena parcela das atividades envolvidas através destes contatos. A correspondência epistolar conservada no *Fondo Salvador* contempla oito documentos sendo seis cartas de Boerhaave, uma lista de livros elaborada por Jaume Salvador e uma carta, escrita em catalão, enviada de Amsterdam destinada a Joan Salvador, cuja autoria ainda não foi possível identificar.

Tais documentos procedem do breve período entre 1716 e 1720 – com exceção da lista que não está datada –, ainda que tudo aponte para uma relação mais extensa, ao menos desde 1713 – como vimos através das exsicatas que formam parte do herbário familiar – até 1724, data em que o comércio entre os dois núcleos é mencionado na correspondência de um terceiro personagem, Guillaume Nissole, em Montpellier. Por outra parte, a referida lista de livros elaboradas por Jaume Salvador é uma prova a mais neste aspecto, pois algumas das obras nela elencadas, foram publicadas em 1722, como o próprio Jaume assinala. Ainda que todas estas evidências sejam testemunhos documentados, a hipótese mais acertada seria considerar que este comércio tenha seguido ativo até a morte de Joan Salvador, em 1726.

Esta breve contextualização é importante para nos situar no conteúdo da correspondência a qual nos dedicamos a analisar. Como mencionado anteriormente, a primeira carta de Boerhaave, escrita em outubro de 1716, é bastante clara quanto ao desejo do naturalista em receber, através de Joan Salvador, animais das Índias ocidentais espanholas. Não fomos capazes de identificar se, de fato, este pedido foi atendido. Não obstante, a partir de sua carta seguinte, de julho de 1717, Boerhaave, aparentemente, deixa o tema dos animais em suspenso e passa a insistir em um novo objetivo: adquirir novas espécies de plantas para o jardim botânico de Leiden. O enriquecimento do jardim estava relacionado a um projeto particular, ao qual se dedicava paralelamente a suas atividades acadêmicas e que, em síntese, teria sido um dos grandes responsáveis por manter ativo o comércio com seus

correspondentes e colaboradores catalães. Na oportunidade, ao pedir por novas amostras, Boerhaave divagava sobre como estas lhe resultariam úteis, dizendo: “eu estou ocupado com a descrição do nosso jardim, no qual vou inserir uma descrição tanto de plantas marinhas pedregosas, esponjosas como de qualquer outras, que eu peguei nos meus [ileg.] Índias”<sup>311</sup>, e justificava seu pedido, esperando pelo retorno de Joan Salvador “assim, eu gostaria de ter tudo que pudesse reunir para enriquecê-la”<sup>312</sup>. O projeto de Boerhaave correspondia, então, a uma nova versão, atualizada, daquele catálogo sobre as plantas que formavam parte do *hortus botanicus* da universidade de Leiden, que ele havia publicado em 1710. O resultado de tal compilação seria publicado em 1720 em dois volumes que, em algum momento, foram enviados aos Salvador para sua biblioteca, com direito à dedicatória “Joan Salvador, estimado amigo, exímio botânico, pela amizade e honra enviado pelo autor”<sup>313</sup>.

Coincidentemente, 1720 é o ano da última carta do epistolário de Boerhaave com Joan Salvador conservado em Barcelona. Assim, podemos dizer que o interesse de Boerhaave em colaborar com as coleções da família Salvador se manteve durante mais de uma década e que esteve associado ao rendimento que esta colaboração mútua lhe proporcionava. O impacto de ter seu nome referenciado em uma publicação de alguém com a reputação de Boerhaave e cujo alcance, certamente, seria enorme, não é novidade para nossa discussão. Ao analisar a correspondência com James Petiver, tivemos a oportunidade de discutir as vantagens que este tipo de parceria proporcionava, especialmente no que diz respeito à legitimação, reconhecimento e divulgação das atividades científicas desenvolvidas por aquele naturalista mencionado.

Se por um lado dispensamos a necessidade de aferir os motivos que levariam Joan Salvador a contribuir com o projeto de seu parceiro, por outro julgamos pertinente analisar o lado oposto. Como bem Boerhaave enunciava em sua carta, o seu desejo residia na tentativa de recolher o máximo de espécies possíveis para incluir em seu catálogo. Obviamente que, naquela altura, o “seu” jardim contava com muitas plantas, incluindo as mais comuns até as mais raras e exóticas. A sua posição destacada e a influência que exercia, facilitavam os caminhos que lhe davam acesso as amostras mais exclusivas da natureza. Assim, encontrar uma espécie que fosse uma novidade para ele se convertia em uma tarefa não tão simples de

---

<sup>311</sup> Anexo 54.

<sup>312</sup> Anexo 54.

<sup>313</sup> “*Joanni Salvadore, amico caro, Botanico egregio, amicitiae et honore ergo misit auctore*”. Boerhaave, H. Index alter plantarum quae in horto academico LugdunoBatavo aluntur conscriptus ab Hermanno Boerhaave Lugduni Batavorum [Leiden] sumptibus Auctoris & prostant apud Petrum Vander Aa 1720. Na biblioteca Salvador como 13/V/11 (vol.1) e 13/V/12 (vol. 2).

ser realizada. Neste sentido, arriscamos a dizer que, Joan Salvador e seu pai Jaume, não apenas atenderam aos desejos de Boerhaave, o enviando sementes e mudas de plantas, mas, especialmente, o surpreenderam com a qualidade das amostras por eles providas.

A viabilização desta interpretação reside não apenas na atenção e na retórica amplamente elogiosa empregada em seus manuscritos para com seus colaboradores, mas, fundamentalmente, na curadoria dos materiais fornecidos em retribuição aos recebidos. Os espécimes enviados por Boerhaave ao gabinete de curiosidades dos Salvador, sobretudo os exemplares de fauna exótica, não pareciam ser apenas boas amostras. Mais do que isso, a exclusividade e rareza de algumas delas foram meticulosamente exaltadas pelo naturalista neerlandês que, do mesmo modo, não poupava palavras para agradecer seus colaboradores, bem como de reconhecer o mérito de seus conhecimentos científicos e o valor excepcional de suas coleções.

Nossa análise se deteve, até então, na carta de 1717, pelo que corresponde, agora, abordar a que leva data de 1719, já que, como explicamos ainda há pouco, não existem remanescentes de 1718. Sendo assim, em julho de 1719, Boerhaave informava a Joan Salvador “eu tomo a liberdade de mandar de volta sua caixa com alguns animais das Índias orientais. Tudo está bem preservado no espírito, que eu troquei duas vezes para conservação. Espero que você os considere dignos de ter um lugar em seu gabinete!”<sup>314</sup>.

De acordo com as palavras de Boerhaave, tudo indica que ele havia recebido previamente uma caixa de Joan Salvador, a qual a reutilizaria para enviar os animais conservados em líquido como retribuição aos materiais recebidos de seu correspondente.

Embora a procedência de tais espécimes seja explicitamente determinada por Boerhaave, a carta seguiu acompanhada de uma lista com os animais por ele selecionados para serem exibidos no gabinete de seu colega em Barcelona. No entanto, a nomenclatura de algumas destas espécies os classificam como *americana*. Dentre eles, Boerhaave dizia estar enviando uma espécie *Crocodili duo americani* e uma unidade de *Lacertae elegantes americanae*, *Leguanae dictae*,<sup>315</sup> que citamos respeitando a denominação latina dada pelo médico holandês.

As lacunas nesta correspondência não nos permitiram sinalizar se, de fato, a coleção preparada por Boerhaave teria chegado ao seu destino, mas, se a documentação manuscrita não nos aporta tais informações, a própria coleção se mostrou muito mais sugestiva neste

---

<sup>314</sup>IBB, Fons Salvador, COR/2/15-4. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden,20/07/1719]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 56].

<sup>315</sup> Anexo 56.

sentido. Ao analisar os objetos e espécimes remanescentes das coleções que formavam parte do gabinete de curiosidades da família Salvador, foi possível encontrar alguns exemplares que se aproximam daqueles enunciados por Boerhaave. Dada a falta de informações mais precisas nas etiquetas, que permitam um diagnóstico mais confiável da procedência de cada um deles, não podemos concluir se, de fato, são os mesmos.

Os resultados deste levantamento feito a partir do inventário da coleção atual permitiram, por exemplo, concluir que, répteis, como o lagarto do gênero *Lacertae*, figuravam entre os itens colecionados pela família. Em sua lista, Boerhaave comunicava o envio de duas espécies, dentre as quais apenas uma carregava a terminologia americana em seu nome. Em relação ao “crocodilo americano” – que, conforme consta na lista, seriam enviados duas amostras – existe um espécime taxidermizado deste animal entre a coleção remanescente.<sup>316</sup> Porém, o método de preservação aplicado em cada um deles – o preservado e o anunciado – são divergentes. Enquanto os de Boerhaave estavam preservados em líquido, pressupondo-se dimensões bastante reduzidas do exemplar conservado, o crocodilo dos Salvador está taxidermizado inteiro, a seco [Imagem 3]. Por uma questão de técnicas empregadas, consideramos não corresponder aos mesmos espécimes, mas, por outro lado, existem 8 espécimes de répteis, cujas espécies não foram identificadas, mas que se aproximariam muito mais dos espécimes em questão.<sup>317</sup>

Além destes animais cuja nomenclatura indica alguma relação com a América, também pudemos nos aproximar de outros animais cuja lista de Boerhaave contemplava e que a coleção Salvador também possui semelhantes, dos quais destacamos três deles. O primeiro, chamado pelo naturalista neerlandês de *Testudo marini*, corresponde a alguma espécie de tartaruga marinha. Entre os espécimes de *animalia* da coleção, conserva-se um exemplar de uma pequena tartaruga marinha, acondicionada em um pote de vidro que, originalmente, continha algum líquido para sua preservação, convergindo com a mesma técnica empregada por Boerhaave em suas amostras.<sup>318</sup>

Seguindo com os animais marinhos que compunham a caixa preparada em dezembro de 1719, destacamos o envio de espécimes de cavalos marinhos – o “*Equus marinis*” da lista. Atualmente, a coleção Salvador conta com impressionantes dezoito exemplares de cavalos

---

<sup>316</sup>No inventário, corresponde ao número de registro Salv-7486.

<sup>317</sup>No inventário, correspondem aos números de registro: Salv-8062, Salv-8065, Salv-8072, Salv-8184, Salv-8187. Além destes, o registro Salv-8186 refere-se a um único vidro que contém três unidades de espécimes de répteis.

<sup>318</sup>No inventário, corresponde ao número de registro Salv-8185.

marinhos,<sup>319</sup> número que poderia ter sido ainda maior durante os anos em que o gabinete vivia o ápice de suas atividades – teoria que se aplica, obviamente, a todos os espécimes aqui citados.

Por fim, o último destes animais que julgamos pertinente destacar, merece atenção especial por corroborar com a suposição formulada sobre a qualidade e exclusividade das amostras fornecidas por Boerhaave ao gabinete dos Salvador. Ocupando a última posição da lista, encontramos a genérica descrição de *Variae serpens*. Seguindo o exemplo dos demais animais mencionados, foi possível localizar oito espécimes de ofídios conservados na coleção, cujas técnicas de preservação variavam, mas também incluía a preservação em líquido.<sup>320</sup>

As informações de Boerhaave sobre o envio da caixa com os animais são bastante vagas e, em certas vezes, causam confusão que podem comprometer a interpretação dos fatos. Ainda nesta carta de julho de 1719, ao comunicar a Joan Salvador sobre esta coleção que lhe preparava, dizia “eu estou esperando para este ano por outros, dos quais eu lhe providenciarei alguns, se eu entender que estes forem do seu agrado”<sup>321</sup>.

A última frase resulta confusa, pois não sabemos se a lista com os já selecionados na ocasião era meramente informativa, com o intuito de dar conhecimento aos Salvador do que eles podiam esperar, ou se, de fato, era um guia que orientasse Joan Salvador, a fim tanto de sinalizar o conteúdo de cada um dos potes de vidros, como para contagem, como garantia de que nada havia se perdido pelo caminho. Talvez, a primeira opção possa parecer mais acertada, especialmente quando analisada as duas últimas cartas escritas por Boerhaave a Joan Salvador. Poucos meses depois de ter comunicado sobre a caixa com os animais, mais especificamente em dezembro de 1719, Boerhaave voltaria a escrever a Joan Salvador. Nela, ele dizia “eu reuni uma quantidade de animais das Índias que você terá na primeira ocasião, com o meu trabalho em quartas sobre as plantas do nosso jardim”<sup>322</sup>, não especificando se correspondia a coleção comunicada anteriormente e acrescida com novos espécimes ou se tratava de uma segunda coleção, ainda por ser enviada. A falta de entusiasmo com que escreve sobre esta remessa, nos permite entender que se tratava da mesma coleção, que ainda

---

<sup>319</sup> Salv-7190; Salv-7194; Salv-7195; Salv-7197; Salv-7206; Salv-7230; Salv-7234; Salv-7235; Salv-7236; Salv-7237; Salv-7241; Salv-7242; Salv-7243; Salv-7244; Salv-7245; Salv-7258; Salv-7249; Salv-7250 e Salv-7251.

<sup>320</sup> No inventário, correspondem aos números de registro Salv-7196; Salv-7232; Salv-8416; Salv-8581. Os espécimes registrados com números Salv-8181 e Salv-8414 possuem duas unidades inventariadas no mesmo registro.

<sup>321</sup> Anexo 56.

<sup>322</sup> Anexo 56.



não havia saído de Leiden – detalhe que se soma à entusiasmada retórica da carta seguinte, como veremos.

Ao que parece, Boerhaave teria escrito esta carta em resposta a uma recebida de Joan Salvador, na qual o boticário e naturalista catalão informava sobre o recebimento dos livros que havia encomendado, dos quais falaremos mais adiante. Nela, além de agradecer a diligência de seu colaborador, Joan Salvador teria aproveitado a oportunidade para perguntar sobre um outro personagem ilustre dos Países Baixos daquela época: o médico e anatomista Frederik Ruysch (1638-1731), possuidor de uma das coleções mais espetaculares da Europa nesses anos, que acabou sendo vendida ao czar da Rússia<sup>323</sup>, feito do qual o mesmo Boerhaave informa a Salvador.

Não sabemos exatamente qual seria o interesse de Salvador com o anatomista neerlandês, dada a sucinta resposta de Boerhaave “o sr Ruysch vendeu todo o seu gabinete para o Czar da Rússia. Então ele não escreve sobre esse assunto. Mas ele deu ao público dois tratados sobre as novas descobertas em anatomia, que eu lhe enviarei com as outras coisas”<sup>324</sup>. Embora breve, a declaração de Boerhaave não deixa de ser interessante, pois sugere que Joan Salvador estivesse interessado pelas famosas preparações anatômicas elaboradas por Frederik Ruysch, cuja fórmula do líquido utilizado para preservação era o segredo mais bem guardado do anatomista. Mas, como bem explica Boerhaave, não estavam à disposição, visto que Pedro, o Grande, havia comprado todas as coleções que faziam parte do gabinete de Ruysch – incluindo a secreta fórmula. Desafortunadamente, o acervo que constitui a coleção Salvador atualmente não conta com nenhuma amostra do gênero humano, tais como as preparadas por Ruysch. Embora não existam remanescentes desta tipologia, através de outros itens colecionados pela família ao longo dos anos, é possível encontrar indícios de que o gabinete de curiosidades familiar também tivesse coleções anatômicas.<sup>325</sup>

Pouco mais de um mês após escrever esta carta, Herman Boerhaave escreveria uma nova carta a Joan Salvador. A última das cartas conservadas desta correspondência é primordial para compreender o nível das relações entre os dois núcleos, assim como para esclarecer alguns detalhes ainda não solucionados, como o envio das coleções de *animalia*. Em janeiro de 1720, então, comunicava “aqui está uma caixa, onde você encontrará uma

---

<sup>323</sup> Imediatamente após sua venda, Ruysch iniciou uma nova coleção que, depois de sua morte foi leiloadada, em 1731. Para mais informações sobre o tema, ver: Margócsy, 2011, p. 185-215; Kooijmans, 2011; Knoeff, 2015.

<sup>324</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/15-5. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 04/12/1719]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 57].

<sup>325</sup> Para mais informações sobre as técnicas de preservação utilizadas pelos anatomistas neerlandeses ao longo dos séculos XVII e XVIII, bem como questões de autenticidade e autoria científica, ver Margócsy, 2014; Hansen, 1994.

coleção das mais belas cobras, que os *indianos* adoram, você também encontrará alguns outros insetos”<sup>326</sup>. Novamente, as palavras de Boerhaave não são tão claras quanto a mercadoria a qual se referia nesta ocasião.

Considerando que havia se passado quase um ano desde que informara sobre a organização da coleção de fauna exótica, se faz pertinente considerar que, de fato, a coleção mencionada neste momento, se tratava da mesma anunciada no passado. Primeiramente porquê neste período relativamente longo – mesmo se tratando de uma comunicação de longa distância – Joan Salvador não teria manifestado sua satisfação em ser beneficiado por especial diligência de seu correspondente. Ou melhor dizendo, possivelmente, Joan deve ter demonstrado interesse – tal como pedia Boerhaave em sua carta de julho de 1719 -, exaltando sua expectativa quanto ao recebimento das amostras. Porém, nas duas cartas que seguiram o anúncio, a retórica de Boerhaave não sugere satisfação decorrente do conhecimento de que seu correspondente tivesse recebido as coleções. Além disso, mais uma vez, o conteúdo desta última carta corrobora com esta interpretação, pois as as “belas cobras” ressaltadas agora, poderiam corresponder às *variae serpens* destacadas na lista de julho de 1719.

Deixando um pouco as suposições de lado, esta carta é também especialmente interessante por um outro motivo. Ao destacar a beleza das cobras reunidas especialmente para Joan Salvador, Boerhaave faz um pedido ao amigo “por favor, olhe o que eu coloquei na pequena: você o conhece? É para um aficionado o mais raro, e o mais surpreendente que alguém pode apresentar”<sup>327</sup>, lançando mão de uma estratégia que, enfatizando determinado espécime, ele não apenas o faz com a intenção de atrair a atenção do colega para a raridade da cobra, mas, sobretudo, espera conscientizá-lo do nível de atenção e gentileza despendidos a sua pessoa, ao mesmo tempo em que se auto situa em uma posição inalcançável por qualquer outro indivíduo participante daquela rede de comércio coetânea.

A atitude de Boerhaave permite uma interpretação que a identifique tanto como uma retribuição pelas amostras fornecidas por Joan e Jaume Salvador, reforçando ainda mais a aquela parceria, ao mesmo tempo em que transfere a eles a responsabilidade de retribuí-lo à altura, garantindo a qualidade e exclusividade das próximas amostras facilitadas. Neste sentido, ao identificar a espécie como “*priapus vegetabilis*, [sic] *le phallus antropomorphile*, a [sic] herba cantharifera”<sup>328</sup>, volta a exaltar a exclusividade do espécime, esclarecendo

---

<sup>326</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/15-7. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 31/01/1720], itálicos meus. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 58].

<sup>327</sup> Anexo 58.

<sup>328</sup> Anexo 57.

“trouxe-o das extremidades das Índias e dei-o ao Sr. Ruysch e a você”<sup>329</sup>. A declaração de Boerhaave servia também como um elogio à memória científica dos seus correspondentes catalães, equiparando-os a personagens como Frederik Ruysch que, como já chegamos a mencionar, não só era um dos grandes nomes das ciências dos Países Baixos, como também chegou a formar um dos maiores e mais respeitados gabinetes de curiosidades de toda a Europa.

O comportamento gentil e as palavras honrosas aos Salvador seguiam com suas recomendações sobre como proceder com o espécime “está bem conservado no licor, deixe-o assim em seu gabinete, onde para mim, ele merece ser colocado”<sup>330</sup>. O conselho de Boerhaave sobre o lugar que o espécime fornecido deveria ocupar dentro do gabinete Salvador é bastante significativo, pois é quase um pedido para que seus donos não o desmereçam, sugerindo que o colocassem em um lugar de destaque entre as demais coleções reunidas que compunham o gabinete de curiosidades familiar. Gabinete este que o próprio Boerhaave considerava digno e merecedor de possuir o especial item, sobre o qual insistia “eu o considero como a maior raridade que possuo em meus gabinetes, sabendo também, que não existe nem seis em toda a Europa”<sup>331</sup>. Ou seja, o espécime facilitado não era qualquer espécime, era algo único, que somente notáveis colecionadores tinham em seu poder, como ele próprio e seu conterrâneo, Frederik Ruysch.

A atitude de Boerhaave, além de situar o gabinete de curiosidades da família Salvador em uma posição destacada, é um importante indício da dimensão do que havia sido este gabinete, da magnitude de suas coleções, assim como do respeito e da reputação que o sobrenome Salvador imprimiu na rede de comunicação e comércio e entre os círculos científicos e ilustrados da época. Esta interpretação se orienta na mesma direção da hipótese formulada acerca da qualidade das amostras, especialmente de sementes, que Boerhaave pode ter recebido dos Salvador. Evidentemente, esta constatação não exclui a capacidade de Joan e de Jaume Salvador. Pelo contrário, ela reforça o caráter formidável de suas performances enquanto naturalistas e colecionadores. Quero dizer, se os conteúdos fornecidos ao naturalista neerlandês o impressionaram, compelindo-o a retribuir daquela maneira, o resultado nada mais é do que o fruto de seus próprios esforços, do bom desempenho de suas atividades científicas e de seu poder de articulação com outros colaboradores.

---

<sup>329</sup> Anexo 57.

<sup>330</sup> Anexo 57.

<sup>331</sup> Anexo 57.

É válido ressaltar que, em todas as cartas citadas, Herman Boerhaave não omitiu seu interesse por sementes novas, incentivando Joan Salvador a enviá-las, sempre que surgissem novidades. A princípio, como já foi dito, este comércio estava relacionado com a publicação de seu catálogo, para o qual ele pretendia reunir o máximo de plantas possíveis. Na carta de julho de 1719, que acompanhava a lista dos animais, Boerhaave insistia neste tema, repetindo as informações sobre seu então atual projeto, a modo de orientar Joan Salvador “eu peço que você envie as sementes que você puder coletar e que não estão no nosso jardim, de acordo com o que pedi. Estou ocupado fazendo a impressão do catálogo do nosso jardim”<sup>332</sup>. Como já tivemos a oportunidade de conhecer, o catálogo de Boerhaave, embora tenha sido oficialmente publicado em 1720, na mesma carta de dezembro de 1719 ele comunicava naquela ocasião o envio da obra finalizada. Porém, mesmo após a publicação da obra, as sementes continuaram a ser o principal desejo de Boerhaave para com seus colegas catalães, visto que ainda na ocasião ele reforçava “lembre-se, por favor, de nosso jardim em caso de sementes”<sup>333</sup>, demonstrando interesse em permanecer em contato com o núcleo de Barcelona.

Dada as dificuldades já discutidas, é um desafio confirmar o recebimento das coleções anunciadas por Boerhaave através dos espécimes listados e dos conservados na coleção remanescente. Por outro lado, o que ajuda a concluir que, provavelmente, estes itens tenham, de fato, chegado à mão dos Salvador, são os livros citados neste conjunto de cartas.

Todas estas cartas que estamos analisando – não apenas as de Boerhaave – são fontes riquíssimas para analisar a dinâmica do comércio de livros nestas redes. Optamos por não aprofundar nesta análise, justamente porque a discussão demanda – e merece – um trabalho mais acurado. De todo modo, esta modalidade será abordada brevemente ao longo destas páginas, quando analisamos a dinâmica comércio de *americana* movimentado por Joan Salvador, tal como acabamos de ver através da correspondência entre Joan Salvador e Herman Boerhaave, onde, alguns títulos foram mencionados, como, por exemplo, além do próprio catálogo de plantas do jardim botânico de Leiden, os tratados de anatomia de Frederik Ruysch.<sup>334</sup> Todos, catálogo e tratados, se encontram conservados na biblioteca familiar. Embora a biblioteca possua todos os *tesouros anatômicos* de Ruysch e a carta de Boerhaave seja um indício importante de que, ao menos, dois deles tenham sido enviados através de suas mãos, ainda não é suficientemente possível adotar tal afirmação.

---

<sup>332</sup> Anexo 56.

<sup>333</sup> Anexo 57.

<sup>334</sup> *Thesaurus anatomicus...*, [1701-1715]. Na biblioteca Salvador são os exemplares D/IV/6-1 a 5; 2/IV/10-1 a 5.

Felizmente, o mesmo não pode se dizer do catálogo. Logo nas primeiras páginas do livro, encontra-se uma extensa dedicatória de Boerhaave a Joan Salvador, feita a próprio punho, não restando dúvidas de que o exemplar em questão tenha sido enviado pelo autor. Tal constatação permite concluir que, se os livros anunciados nas cartas chegaram ao seu destino, mesmo sem saber em qual momento, quase certamente as coleções de animais também tenham se juntado às coleções do gabinete dos Salvador, o qual, possivelmente exibiu, em um lugar de destaque, o precioso *priapus vegetabilis*.

Nesta última carta, Boerhaave também menciona o envio de um livro de sua autoria, sobre o qual diz “também aproveito a oportunidade para lhe oferecer o livro que dei ao público, para uso de meus estudantes, peço-lhe para aceitá-lo e colocá-lo em sua biblioteca”<sup>335</sup>. Se considerada a hipótese de que as coleções mencionadas nas três cartas citadas são as mesmas, então, em uma primeira leitura, muito provavelmente, interpretaríamos que este livro poderia ser o já comunicado catálogo das plantas, enviado juntamente com as coleções. Porém, uma análise mais atenta, não permite descartar a possibilidade de, além do catálogo, Boerhaave ter incluído outro volume na remessa enviada. De fato, na biblioteca Salvador encontram-se outros títulos do autor, mas, avaliando pela data em que a carta foi redigida, nos aproximamos de uma obra publicada em 1719 que, assim como nos exemplares dos *Index Plantarum*, contém a interessante anotação *ex dono auctoris 1720*.<sup>336</sup>

Em uma carta repleta de gentilezas que favoreciam o gabinete de curiosidades dos Salvador, Boerhaave não perde a oportunidade para reforçar o desejo constantemente manifestado “se você puder reunir e enviar algumas sementes das plantas que você não encontrar no meu livro, você me colocaria em *obrigação*”<sup>337</sup>, recordando Joan Salvador do seu inalterável interesse por novas plantas. Nesta ocasião, no entanto, Boerhaave é mais específico em seus desejos, sinalizando o que gostaria de receber de seu correspondente “eu também desejo plantas marinhas, de todos os tipos, sobretudo Corallia, que se diz aqui que está crescendo pelos arredores da Sicília, Maiorca, etc”<sup>338</sup>. Talvez, esta declaração de Boerhaave sobre o quê ele esperava de Joan Salvador, somada com as amostras por ele facilitadas ao seu amigo, seja mais uma prova do quão elevado era o nível do comércio mantido entre eles. Demonstrando ter muito bem controlado as descobertas do mundo natural,

---

<sup>335</sup> Anexo 57.

<sup>336</sup> Hermannii Boerhaave libellus de materia medica et remediorum formulis quae serviunt aphorismis de cognoscendis et curandis morbis Lugduni Batavorum [Leiden] apud Isaacum Severinum 1719, D/I/6.

<sup>337</sup> Anexo 57, itálico meu.

<sup>338</sup> Anexo 57.

Boerhaave estava por dentro dos “boatos” sobre os corais que se formavam ao longo do Mediterrâneo, confiando a Joan Salvador a tarefa de lhe conseguir amostras destas novidades – e que em muito explica o porquê de Boerhaave privilegiar Joan Salvador tal como demonstrado nesta breve correspondência epistolar analisada.

Como já mencionado, embora a última carta que temos conservada desta correspondência seja de 1720, sabemos, através da correspondência que Joan Salvador manteve com outros personagens, que o comércio com o núcleo neerlandês permaneceu ativo, pelo menos, até 1724, data da última referência encontrada – embora a hipótese mais acertada seria considerar a data da morte de Joan Salvador, em 1726. A primeira delas surge em agosto de 1721, em meio à correspondência de Joan Sala, um dos conterrâneos de Joan Salvador estabelecidos em Lisboa, cujo papel de intermediário faz com que apareça várias vezes nestas páginas, por exemplo ao analisar sua participação na remessa enviada à George Clifford, em Amsterdam, que, por sua vez, faria a diligência de repassá-la a Hermann Boerhaave, em Leiden.

Como veremos mais cuidadosamente no terceiro capítulo, dedicado aos espaços de circulação dos objetos e do conhecimento naturalista que interconectaram os interesses dos Salvador na *naturalia americana*, Lisboa foi uma importante via para conectar aos núcleos neerlandês e de Barcelona, onde manteve Joan Sala como seu contato de confiança, o encarregando de despachar as encomendas organizadas para seus correspondentes no norte da Europa. Revelando o aspecto transcendental que caracterizava muitos destes intermediários<sup>339</sup>, cuja participação não se limitava a uma única função ou negócio, Joan Sala informava “fico eu também sabendo que a caixinha se carregou no barco do capitão Soler, para transbalsá-la em Cádiz, no pinco do Capitão Palau. E cuidarei de recolhê-la sempre que apareça, encaminhando-a a Amsterdam na forma como Vm deseja, da qual em seu tempo receberá puntual aviso”<sup>340</sup>.

Ao que parece, Joan Salvador havia postado uma caixa que, saindo de Barcelona, passaria por Cádiz onde seria transferida para uma outra embarcação que chegaria a Lisboa e, então, uma vez aportada na capital portuguesa, Joan Sala se responsabilizaria de recolhê-la e enviá-la por alguma embarcação que partisse em direção à Amsterdam. Este exerto extraído da carta de Joan Sala é interessante, em primeiro lugar, por revelar que Joan Salvador

---

<sup>339</sup> Sobre a transcendência do papel destes intermediários, remeto novamente a Findlen, 2019, Schaffer et al, 2009; Raj, 2016a; 2016b.

<sup>340</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-31. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 26/08/1721]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 59].

continuava a se comunicar com correspondentes naquele país, sinalizando o trajeto que uma encomenda percorria até chegar ao seu destino – e até justificar a demora que não raras vezes tardava entre a postagem e o recebimento. Em segundo lugar, Joan Sala nos fornece informações indiretas sobre as orientações que devia seguir para enviar estas encomendas, considerando as recomendações do remetente que, como teremos oportunidade de ver, extrapolavam as coordenadas meramente geográficas, incluindo também variantes como acomodação e disposição das amostras e objetos dentro das caixas a serem transportadas.

Pouco menos de dois meses após escrever esta carta, Joan Sala comunicaria a Joan Salvador, em carta de outubro de 1721, estar atento e disposto em seguir as orientações dadas pelo boticário catalão quanto à maneira como as encomendas deveriam ser enviadas, demonstrando com a informação sobre a chegada da embarcação do capitão Palau em Lisboa, onde viajava a caixa que iria a Amsterdam, sobre a qual dizia “recolhi o que para você ele me trouxe [...] se embarcará a caixa, ou caixetas em um dos navios que estão prontos para sair para Amsterdam, dirigido em boa forma, e como Vm previne, de que com a minha seguinte espero dar aviso de o haver executado”<sup>341</sup>.

Finalmente, em dezembro daquele mesmo ano, Sala retornaria a escrever a Joan Salvador “chegou a hora em que possa cumprir com a remessa a Amsterdam da caixa de ervas e conchas [...] enviando logo pelo correio a notícia com o recibo dela ao amigo Francesc Palau para executar as ordens de Vm”<sup>342</sup>, através da qual podemos ter conhecimento de que a encomenda em questão, correspondia a uma coleção de plantas e conchas – coincidindo, exatamente, com aquilo que pedia Boerhaave em sua última carta, podendo ser mais um sinal de que esta coleção era para ele. Na oportunidade Sala também dizia “ao mesmo [Palau] prevení imediatamente por via do mar com o maço de cartas que por ele virá, a forma como organizei o que dentro de dita caixa ia”, sugerindo que não havia seguido exatamente as ordens recebidas de Joan Salvador, se justificando “[assim o] fiz por quarentenas e guardas que havendo me enviado solto dois pacotes de sementes os coloquei dentro da caixinha e esta dentro da caixa maior”<sup>343</sup>.

Segundo Sala, a alteração na disposição do conteúdo dentro das caixas foi em decorrência da maneira inadequada com que o capitão Francesc Palau as teria transportado, considerando a umidade e todos os infortúnios causados pelas intempéries climáticas.

---

<sup>341</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-32. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 19/10/1721]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 60].

<sup>342</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-33. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 09/12/1721]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 61].

<sup>343</sup> Anexo 61.

Preocupado com a possibilidade de a embarcação permanecer em quarentena, Joan Sala se mostrava bastante cauteloso e cuidadoso com o manuseio das encomendas que chegaram às suas mãos, garantido que todas chegassem ao seu destino em boas condições, prezando por sua integridade – e por sua própria reputação. E, obviamente, que tamanha atenção e cuidado tinham um preço. Por este serviço, Sala informava sobre a dívida que Joan Salvador havia adquirido “o gasto feito são R.600 que pague de fretes ao capitão Palau, e 240 de porto e embarque, que dos dois partidos tenho adebitado a Vm e deles se serviria Vm me abonar para concordar”<sup>344</sup>.

As declarações de Joan Sala são bastante informativas para nossa discussão não somente por conter indícios da atividade comercial que Joan Salvador manteve com seus correspondentes nos Países Baixos num período posterior da documentação manuscrita conservada. Elas são igualmente interessantes para demonstrar o papel fundamental exercido pelos intermediários neste processo de circulação de materiais. Através das três cartas de Sala que foram mencionadas, é possível vislumbrar também a logística demandada neste comércio, que não exigia pouco dos encarregados em receber e repassar as mercadorias e as técnicas de conservação e transporte, elementos essenciais para entender a circulação dos objetos de coleção e estudo.

Além de assumirem a responsabilidade financeira das transações, arcando com os gastos decorrentes do envio ou de taxas portuárias – que neste caso custaram a Sala, no total, 840 réis – contando com a agilidade do remetente em ressarcí-los do montante invertido, precisavam ter um controle estreito das rotas das frotas que aportavam na cidade, a fim de encontrar meios para enviar as mercadorias que lhes eram confiadas. Oportunidade esta que poderia levar meses e, até que este dia não chegasse, a mercadoria permanecia em seu poder, sendo sua a responsabilidade armazená-la e garantir sua integridade até que, finalmente, pudesse ser embarcada e chegar em segurança ao seu destino.

Esta responsabilidade exigia ainda mais destes intermediários quando as mercadorias eram compostas de coleções de *naturalia*, visto que espécimes de animais, mudas de plantas, assim como todo tipo de amostras de matéria orgânica demandavam atenção especial e cuidados específicos. Para isso, intermediários, como Joan Sala, tinham que ter um mínimo de conhecimento em técnicas de preservação, não perdendo de vista detalhes importantes como exposição à luz solar e irrigação, no caso de plantas e controle de umidade, se tratando de amostras secas. Considerando que estes agentes comerciais eram constantemente solicitados e

---

<sup>344</sup> Anexo 61.



empregados em diversos negócios similares paralelos, suas casas se transformavam em verdadeiros depósitos, onde mercadorias de todas as partes do mundo permaneciam ali armazenadas, esperando a oportunidade ideal para serem enviadas, convertendo-as em autênticos gabinetes de curiosidades, cujas coleções, transitórias, se reconfiguravam de tempos em tempos.

Do mesmo modo, a transformação não se restringia apenas ao conteúdo destas coleções, que se atualizavam conforme a movimentação de chegada e saída dos materiais que temporariamente ali repousariam. Uma vez em poder destes intermediários – cujas aspirações profissionais não estavam literalmente relacionadas com o estudo da história natural –, cada um destes espécimes de *naturalia* e itens de *artificialia*, se distanciavam do empirismo intrínseco de sua essência, assumindo novos significados. Assim, aquilo que para alguns, como Joan Salvador e Herman Boerhaave, significava uma amostra da natureza, cujo valor estava associado à sua raridade, para outros, como Joan Sala, as mesmas amostras superavam todas as particularidades e critérios de classificação, se reduzindo a uma única categoria, a de mercadoria capitalizada. Não necessariamente o valor monetário destas mercadorias estava diretamente associado com a sua venda. Pelo contrário, Joan Sala, por exemplo, se beneficiava de distintas maneiras colaborando com o comércio entre os dois naturalistas e colecionadores, passando por muitos desdobramentos até obter o retorno financeiro que lhe interessava. Ao executar uma tarefa, ao cumprir com um favor, o favorecimento poderia acontecer de muitas maneiras, como já tivemos a oportunidade de discutir no capítulo anterior.

Neste sentido, podemos atribuir à Herman Boerhaave uma parcela de responsabilidade quando nos dedicamos a analisar o enriquecimento das coleções de *americana* do gabinete de curiosidades dos Salvador. Por mais que já discutimos que a precariedade das informações que os acompanhavam e uma nomenclatura ambígua à hora de nomear espécimens exóticos, uma ambigüidade inseparável do uso histórico de denominações derivadas do duplo significado das "Índias"<sup>345</sup> que igualmente pode sugerir uma origem americana, pensamos que existem motivos suficientes para manter a hipótese de que Boerhaave fora um provedor de *americana* para o gabinete Salvador.

Ao longo da discussão, pudemos conhecer o tipo de materiais que Boerhaave tinha acesso, não somente para agregar a suas próprias coleções, mas também para intercambiar com outros colecionadores e, assim, movimentar um comércio promissor, onde muitos

---

<sup>345</sup> Sobre este tema ver Padrón, 2012, 33-46.

gostariam de participar, mas nem todos conseguiam se inserir nesta rede de contato direto com o naturalista neerlandês. A fama e o poder, atrelados ao prestígio que seu nome emanava, o colocavam em uma posição diferenciada que, por sua vez, o tornava inacessível para boa parte daqueles que gostariam de se beneficiar de sua influência. Não é difícil imaginar como naturalistas do escalão de Boerhaave eram requisitados e, por questões práticas, também é compreensível que eles priorizassem amizades e negócios que fossem vantajosos, que lhes dessem um retorno efetivo – tal como, de acordo com nossa análise, o contato com os naturalistas da família Salvador o foi.

Não é novidade que a relação que poderíamos qualificar de amistosa com personagens cuja reputação era conhecida em toda a Europa, poderia ser utilizada como estratégia de persuasão, empregada para se auto-promover, projetando para si a reverência decorrente da fama do outro – exatamente como havia feito Joan Salvador ao se apresentar para James Petiver, destacando a relação estreita que mantinha com Tournefort. Ou mesmo seu pai, Jaume Salvador, que ressaltou a amizade íntima com Pierre Magnol quando escreveu pela primeira vez ao conde Marsilli. Esta faceta não estava restrita ao âmbito acadêmico e/ou científico, se estendendo, também, a outros níveis sociais, como o mercantil, tal e como aprendemos com os interesses que Pau Martí cultivava em colaborar com Joan Salvador. Estar associado a pessoas influentes, que gozavam de respeito no âmbito de sua atuação, então, servia como legitimação de sua própria atividade, uma espécie de credibilidade do seu desempenho naquela determinada área.

Assim, não é descabido pensar que o próprio Joan Salvador tenha se aproveitado da amizade que mantinha com Herman Boerhaave, exaltando-a em alguma ocasião pertinente, para se beneficiar de algo que lhe interessava. Esta suposição nos aproxima de um outro núcleo articulado pelo naturalista catalão que, indiretamente, envolve a Boerhaave no comércio de *americana* por ele iniciado com estes novos colaboradores. Não sabemos de que maneira a amizade com o naturalista neerlandês foi nele difundida, se pelo próprio Joan ou se esta relação era conhecida por colegas que, como de praxe no manual de conduta da rede, tentavam se aproveitar das boas relações de seus correspondentes para se beneficiarem.

Este foi o caso de Joseph Alapont, correspondente de Joan Salvador estabelecido em Cádiz que, interessado em alcançar materiais comercializados em Leiden, se converteu em um promissor provedor de espécimes provenientes da América para o gabinete Salvador, como veremos no apartado seguinte.

## 2.2. Cirurgiões providos de tatus, drogas e metais

No capítulo anterior tivemos a oportunidade de discorrer sobre a rede articulada por Joan Salvador visando o enriquecimento das coleções familiares com materiais procedentes da América. Em conformidade com a correspondência particular mantida com muitos de seus colaboradores, chegamos à conclusão de que Portugal e, especialmente, Lisboa, ocuparam um papel central neste propósito. Embora a análise da correspondência relacionada ao núcleo português será, efetivamente, realizada no próximo capítulo, alguns resultados foram previamente postulados. Em termos quantitativos, o resultado das atividades executadas pelos colaboradores na capital portuguesa, aparentemente, não foi tão proveitoso quanto previa seu principal articulador, Joan Salvador. Ou melhor, o aproveitamento deste empreendimento não teria se destacado em comparação com os resultados das demais relações comerciais mantidas por Joan Salvador com outros correspondentes estabelecidos em distintas localidades do continente europeu.

Embora Lisboa fosse, de fato, um dos centros do comércio colonial com o continente americano, entendemos que o favoritismo pela cidade esteve condicionado a outros fatores que não necessariamente estavam relacionados com predileção pela natureza da porção sob domínio português. Foram eventos do passado, cujas casualidades ampliaram os círculos de amizade e, fundamentalmente, de paisanagem, promovendo encontros, conexões e oportunidades que acabaram motivando Joan Salvador a se orientar para além da fronteira nacional, relegando os espaços equivalentes existentes na própria Espanha.

Da mesma maneira como suspeitamos que Herman Boerhaave selecionava seus colaboradores, de maneira pragmática, a partir dos benefícios reais que uma amizade com determinado indivíduo poderia lhe favorecer, também ponderamos que a aproximação de Joan Salvador com seus colaboradores em Portugal teve como fator de eleição a capacidade particular que eles tinham em aportar materiais interessantes, que resultassem vantajosos para seu gabinete de curiosidades. Em seu diário, escrito enquanto viajava pela Espanha e por Portugal na companhia dos colegas franceses, apesar do comedimento característico de seu texto – como veremos no capítulo seguinte – é notável a falta de entusiasmo com que descreve as experiências vividas em cidades como Sevilha e Cádiz. A decepção atribuídas a estas cidades – da qual também compartilhou Antoine de Jussieu, como veremos nas cartas escritas ao seu irmão Laurent e ao abade Bignon – pode estar relacionada com a expectativa

alimentada por Joan de ter, em primeira mão, acesso as novidades que desembarcavam naqueles portos.

À diferença do que defendemos ter acontecido em Lisboa, o naturalista catalão não tinha nas cidades da Andaluzia quem pudesse atuar a seu favor, dificultando seu acesso a estes promissores materiais. Ou seja, entendemos que o projeto de Joan Salvador em conseguir amostras de *americana* não excluiu Cádiz e Sevilha por falta de interesse pelo conteúdo que poderiam proporcionar, mas sim, por falta de contatos promissores, capazes de fornecerem amostras raras e especiais, tais como, por exemplo, Pedro de Almeida – governador das Minas no Brasil, o aparentava ser.

No entanto, sabemos que as coleções deste gênero, reunidas pela família Salvador, foram beneficiadas pela participação de colaboradores conectados a uma rede muito mais ampla e diversa do que a articulada essencialmente com esta finalidade. E é, justamente, em uma destas vias independentes pela qual circularam amostras de *americana*, que podemos conectar a cidade de Cádiz com o gabinete de curiosidades localizado na rua Ample, em Barcelona.

Da capital gaditana, Joan Salvador teria recebido, em um breve espaço de tempo, mais materiais do que teriam facilitado seus correspondentes em Lisboa. Ou, ao menos, é isso que sugerem as oito cartas escritas por Joseph Alapont a Joan Salvador – exemplares remanescentes da correspondência mantidas por eles, por meio das quais podemos conhecer o comércio que mantiveram no decorrer de, no mínimo, um ano. Escritas entre dezembro de 1721 e janeiro de 1723 – datas da primeira e da última carta, respectivamente – as cartas conservadas revelam que esta relação era anterior, sendo mencionada uma outra carta, escrita por Joan Salvador em outubro de 1721, sugerindo que, possivelmente, a correspondência epistolar referente a este núcleo também tenha sofrido perdas.

Sobre o autor, Joseph Alapont, pouco sabemos além das informações fornecidas por ele próprio em suas cartas, a respeito de sua atividade profissional e do círculo social no qual estava inserido. Dada as restrições de informações encontradas nos exemplares conservados, somadas à hipótese que defendemos sobre a classificação concebida por Joan Salvador acerca da aplicação de seus colaboradores, Joseph Alapont e demais companheiros a eles relacionados, fazem parte daquele grupo que, mesmo ativo e rentável, não pertenciam à rede específica, da qual ainda há pouco relembramos.

Por estas razões – assim como pela quantidade de materiais interessantes intercambiados nesta curta relação documentada – julgamos ser mais pertinente introduzir estes personagens à nossa discussão, através da perspectiva das próprias amostras. Mas, antes,

e a nível de contextualização, analisaremos alguns dados importantes mencionados nesta correspondência, especialmente porquê, é somente através dela que temos referências a outros personagens que, em algum momento, mantiveram contato com Joan Salvador. Deste modo, logo na primeira carta conservada, Alapont informava “recebi a [sua carta] de 28 de outubro com muito gosto por saber da saúde de Vm e demais familiares, retirei também do correio a carta para o sr. dr. Casimiro, quem a estimou muito e sente ainda não ter podido cumprir com Vm enviando-lhe o prometido”<sup>346</sup>, indicando que, apesar desta correspondência incluir ao menos uma outra carta, escrita por Joan – como ainda há pouco informamos –, não é possível determinar quem teria sido o responsável por iniciar esta relação.

Do mesmo modo, a frase de Alapont é interessante por revelar que Joan Salvador teria escrito também a um segundo personagem, “Dr. Casimiro”, cuja carta remetida teria sido recolhida pelo próprio Alapont, sugerindo uma proximidade entre estes dois últimos personagens. De fato, esta relação aparentemente íntima entre Alapont e o referido doutor Casimiro, serão, como veremos, indícios importantes tanto para nos aproximarmos da identidade de ambos, como também para entender as relações que Joan mantinha com eles dois. Conforme mostra Alapont, Joan e seu companheiro, não apenas se comunicavam, mas também já teriam, naquela ocasião, algum comércio em andamento, o qual, ao que parece, não havia sido executado, estando Joan ainda esperando por suas encomendas. Sobre a pendência de seu colega, Alapont garantia que não era *por descuido*, mas sim por quê, entre outros motivos, o dr. Casimiro estava esperando receber por um importante item a ser enviado “logo que um outro amigo lhe entregue um bálsamo que lhe falta farei a diligência de buscar embarcação que discorro será do sr. Pablo Arnau”<sup>347</sup>, sugerindo, então, que mesmo este negócio prevendo outros materiais, incluía também amostras naturais, como o bálsamo citado.

A atitude de Alapont se revelará como uma estratégia recorrente nos negócios comerciais da época. Da mesma maneira que o cirurgião gaditano, Pau Martí manifestaria o mesmo comportamento quando Joan Salvador lhe pediria por novidades de Pedro de Almeida. Como apresentamos anteriormente, Martí havia sido um dos catalães contactado por Salvador para representá-lo em sua ausência e pressionar Almeida para cumprir com o fornecimento das amostras naturais do Brasil, conforme haviam acordado. Diante das pendências de Almeida, Martí se aproveitaria da insatisfação de Salvador e, estrategicamente, justificaria com complascência o comportamento do governador das Minas, tentando, de

---

<sup>346</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/3-1. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 08/12/1721]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 62].

<sup>347</sup> Anexo 62.

alguma maneira, se inserir na realização daquela ordem, com o intuito de conscientizar Joan Salvador de sua participação vital naquele empreendimento, bem como de alertar para sua capacidade em garantir retornos mais rápidos.

Apesar da semelhança, não podemos afirmar se, neste caso, Alapont teria sido contactado por Joan Salvador para atuar em seu favor, pressionando o dr. Casimiro a colaborar com seus projetos – que pareciam envolver a provisão de materiais para o gabinete ou para a botica familiar. Mas, ainda que falte dados que permitam esta conclusão, suas declarações são bastante sugestivas quando se refere ao colega em comum “Dr. Casimiro me disse duas ou três vezes [que] queria escrever a Vm, mas está tão pouco tempo em casa por suas muitas ocupações que não vem a não ser para dormir, e isso muito tarde”<sup>348</sup>, desencorajando, gentilmente, Joan a investir naquele comércio, talvez porquê quisesse que ele próprio se convertesse como facilitador dos materiais que Joan gostaria de receber – exatamente como teria feito Pau Martí alguns anos atrás.

Mesmo não sabendo exatamente quem era Joseph Alapont, ele nos fornece algumas pistas sobre, por exemplo, sua nacionalidade “ele [Dr. Casimiro] cumpre sua tentativa que é me introduzir na cidade para nela me estabelecer com toda conveniência”<sup>349</sup>. Embora não mencione de onde procedia, Alapont é bastante claro ao enfatizar a participação de Casimiro no seu estabelecendo em Cádiz, revelando ser um migrante, residente recém-chegado na cidade.

Apesar do seu sobrenome – que nos tenta a considerá-lo procedente do Reino de Valência – Alapont escreve em castelhano e não em valenciano ou catalão. Contudo, o mistério envolvendo sua procedência não se estende à sua ocupação profissional: “eu já poderia ter conseguido algum emprego, mas Dr. Casimiro quer que eu me mantenha em sua casa e me dedique às anatomias e a ajudar-lhe a visitar seus doentes o que para mim está muito bom”<sup>350</sup>, não restando dúvidas de que era da área da medicina e, mais especificamente, um cirurgião, como podemos compreender através das seguintes novidades que repassava a Joan Salvador “Dr. Joseph Patiño já saiu das ocupações da frota e deseja com grande afínco [que] se estabeleça esta cátedra de anatomia e um novo governo no hospital que está muito perdido”<sup>351</sup>, completando “para isso quer [se] comunicar alguns dias com Dr. Casimiro, e então anunciar à corte para que se aprove seus desígnios”.

---

<sup>348</sup> Anexo 62.

<sup>349</sup> Anexo 62.

<sup>350</sup> Anexo 62.

<sup>351</sup> Anexo 62.

Considerando a época em que escrevia, assim como os personagens citados, especialmente Joseph Patiño – ministro da Marinha, eleito por Felipe V– deduzimos que o Alapont se referia ao *Real Hospital de la Armada* e, por estas constatações, presumimos que o Dr. Casimiro, correspondente de Joan Salvador e pessoa a quem Alapont estava subordinado, se tratava de Casimiro García quem, depois de ter atuado como protomédico das galeras espanholas, havia sido o predecessor de Jean La Combe no cargo de *cirujano mayor*, no referido hospital.<sup>352</sup>

Situado, então, num contexto onde as autoridades se articulavam para institucionalizar as práticas anatômico-cirúrgicas, o próprio Alapont mantinha Joan Salvador atualizado de sua participação neste movimento, declarando “no interím, faço algumas dissecações que são do agrado destas gentes, pois nunca as haviam visto, ou se viram aberto algum cadáver aproveitaram muito pouco”<sup>353</sup>, eliminando, assim, qualquer possível suspeita sobre sua atuação profissional relacionada com a cirurgia.

A importância de abordar, mesmo que minimamente, esta conjuntura, reside não apenas na necessidade de situar o núcleo gaditano no espaço e no tempo, mas sim, e especialmente interessante para nossa discussão, de compreender o comércio que seria levado a cabo entre Joan Salvador e Joseph Alapont. Neste sentido, ainda na analisada carta de 1721, ele escreveria “se Vm escrever a Mr. Boerhaave, estimaremos que lhe pergunte se em Leiden se encontra um instrumento a propósito para cortar as vértebras sem gastar a medula da espinha, e se tem algum estojo de anatomia para fazer algumas preparações curiosas, e que custo pode ter”<sup>354</sup>.

O interesse de Alapont em adquirir os instrumentos anatômicos não deve ser interpretado somente como um desejo particular em melhorar o seu desempenho profissional, tendo em mãos ferramentas mais precisas, garantindo melhores resultados em seu trabalho. Dada às objeções que resultavam na inacessibilidade de Boerhaave, Joan Salvador surgia como um importante mediador entre aqueles que se interessavam em alcançar as novidades relacionadas ao naturalista neerlandês, mas que, pelos motivos já discutidos, se encontravam muito mais distantes de conseguí-los por esforços próprios, desamparados.

Deste modo, a promissoras oportunidades que a estável relação mantida entre Joan Salvador e Herman Boerhaave exprimiam, podem ser entendidas como razões fundamentais que levariam Joseph Alapont a interferir no comércio estabelecido entre o naturalista catalão e

---

<sup>352</sup> ver: Orozco Acuaviva, 1976; Astrain, 1996.

<sup>353</sup> Anexo 62.

<sup>354</sup> Anexo 62.

Casimiro García. Um comércio cujo teor sabemos, graças as declarações de Alapont, estava baseado em elementos naturais, como o bálsamo prometido na ocasião. Mesmo sem mencionar se aquelas encomendas de Joan Salvador visavam as suas coleções de *americana*, o comércio agora proposto, em troca dos materiais a serem facilitados por Boerhaave, estaria baseado no fornecimento de materiais vindos da América. E, ao que tudo indica, Joan Salvador estaria interessado nas frotas das Índias, pelas quais supostamente teria perguntado a Alapont, visto que este, em nota, informaria “os navios de Buenos Aires sairão mês que vem e a frota de azogues na primavera com o novo vice-rei”<sup>355</sup>, sugerindo que o tema não era uma novidade. Ou melhor, que, talvez, o motivo de Joan ter contactado Casimiro García tenha sido, justamente, a aquisição de *americana*, tendo Alapont se aproveitado deste interesse manifestado por seu correspondente e se colocado à disposição em ajudá-lo a cumprir com seus propósitos. A colaboração com Joan Salvador pode ser entendida, então, como uma estratégia de Alapont para se relacionar, mesmo que indiretamente, com Boerhaave e se beneficiar das novidades produzidas no campo da cirurgia e, em concreto, no do instrumental; de novo, os materiais portadores de conhecimento e cuja circulação associava ambas coisas, inovação tecnológica e conhecimento. Se levado em consideração os projetos que estavam sendo colocados em prática na cidade de Cádiz, como bem mencionara Alapont, não seria impertinente estar em contato com Boerhaave e garantir um suprimento tanto de instrumentos exclusivos, quanto das novas ideias em discussão, o que aumentava ainda mais suas chances de se destacar naqueles espaços e instituições prestes a se consolidarem na cidade.

Quando ressaltamos que Herman Boerhaave teria, mesmo que indiretamente, aportado materiais para as coleções de *americana* do gabinete de curiosidades de seus colaboradores catalães, nos referimos justamente a esta capacidade que sua reputação tinha em promover o comércio entre atores conectados diretamente a ele, no caso Joan Salvador, com indivíduos apartados de sua rede de contatos pessoal, como Joseph Alapont. Assim, desejando se beneficiar da amizade entre Joan Salvador e o naturalista de Leiden, desde Cádiz, o cirurgião espanhol se converteria em peça fundamental para um comércio que seria engendrado, no qual a natureza americana serviria como moeda de troca, sendo, de acordo com a perspectiva de cada um dos personagens, tanto uma finalidade quanto uma oportunidade.

Diante da disposição e dos interesses manifestados por Alapont em interceder no comércio estabelecido previamente com Casimiro García, Joan Salvador não tardaria em aceitar a proposta através de uma carta escrita em janeiro do ano seguinte, 1722. Se a primeira

---

<sup>355</sup> Anexo 62.



carta de Alapont não era muito explícita quanto aos desejos declarados de Joan Salvador com aquele núcleo, onde o tema das Américas aparece apenas em nota de rodapé com informações sobre a frota, as intenções do correspondente catalão ficam mais evidentes na carta que escreveria em resposta a recebida, em fevereiro de 1722. Na oportunidade, após longo relato sobre os projetos previstos para o Hospital do Rei e a participação de seus colegas naquele processo, Alapont, mais uma vez, destaca o envolvimento de Casimiro García neste projeto, justificando veladamente a sua incapacidade de se dedicar e retribuir satisfatoriamente aos interesses de Joan Salvador.

Em um contexto hipotético, Alapont teria aproveitado a situação para garantir que a ausência de Casimiro García, tanto pelas ocupações de seu trabalho como pela previsão de nova expedição, não significaria a suspensão das encomendas de Joan Salvador. Em caso de expedição, inclusive, declarava seu desejo de se juntar à tripulação, dizendo “neste caso procuraria conseguir eu o mesmo para ver um pouco a Itália e de caminho a Barcelona levando-lhe algo das Índias o que até agora não foi possível realizar por ter ficado mais de dois meses em Jeréz o comerciante que deveria ter dado os demais”<sup>356</sup>, revelando que, se conseguisse embarcar, ele mesmo seria o responsável por transportar suas encomendas que, como bem podemos constatar, incluíam materiais provenientes da América. Através desta declaração de Alapont, podemos evidenciar também que, nas ocasiões passadas, as encomendas de Joan Salvador, possivelmente, contemplavam estas amostras americanas, as quais, como bem explica, ainda não haviam sido enviadas devido a contratemplos com o comerciante quem julgamos que seria o fornecedor das mesmas.

Curiosamente, o plano de Alapont desconsiderava a presença de Casimiro García, que poderia muito bem ser o responsável por transportar as amostras americanas que Joan Salvador havia lhe encomendado em outras oportunidades. Afinal, referia-se à mesma expedição, onde, provavelmente, compartilhariam a embarcação. Não é possível sinalizar se, em sua carta de janeiro de 1722, Joan Salvador havia feito encomendas específicas a Alapont ou se apenas mencionava os materiais que estava aguardando receber, incentivando-o a interferir neste negócio. De todo modo, Alapont tenta assumir o protagonismo deste comércio, dando provas de sua dedicação e participação ativa na realização da tarefa. Neste sentido, além de chamar a atenção para sua dedicação para com o negócio, trata de criar expectativas em Joan Salvador, vinculando, mais uma vez, sua figura a eventos prestes a acontecer, convertendo-se, assim, em um promissor contato para o naturalista catalão “se o

---

<sup>356</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/3-2. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 23/02/1722]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 63].

estabelecimento do hospital se realiza, teremos de tudo que existe nas Índias, pois os cirurgiões o trarão sob persuasão minha”<sup>357</sup>.

A fala de Alapont é interessante não apenas por sugerir uma tentativa importante em se auto-promover, mas também por permitir uma interpretação que nos orienta ao diagnóstico feito por Antoine de Jussieu anos atrás, quando, em companhia da caravana franco-catalã, estiveram em Cádiz. Naquela ocasião, Jussieu atribuiu à inexpressividade da cidade em aportar as novidades vindas, especialmente, da América, ao desinteresse dos espanhóis que, segundo ele, não sabiam aproveitar as oportunidades e as vantagens que tinham em relação à todas as outras nações que não possuíam o domínio daquelas regiões.<sup>358</sup> Mesmo não sendo possível mensurar até que ponto esta continuava a ser a realidade de Cádiz, a informação de Alapont é bastante sugestiva neste sentido, pois demonstra com entusiasmo que, se as reformas prognosticadas para o hospital fossem executadas, certamente a situação se tornaria bastante favorável para o comércio de *americana*, não apenas pelo acesso – que sempre existiu –, mas pelo interesse dos novos profissionais, e no caso ele próprio, em dedicar-se a desenvolver esta questão ainda débil.

Apesar dos problemas que dificultavam o comércio de *americana*, Alapont não deixa de mencionar a facilidade de se encontrar alguns materiais naquela cidade, dizendo a Joan Salvador “a pepita de cavalonga e as tombagas são muito comuns neste lugar, se nós formos a Barcelona seremos os portadores com algo mais que poderia vir nos Galeones pelo mês de Maio”<sup>359</sup>, considerando a possibilidade de sair com a expedição e de ser ele mesmo o portador de todos estes materiais e de todos os outros que pudesse adquirir com o retorno da frota prevista para maio, tal como havia comentado anteriormente. No entanto, mesmo empolgado com as possibilidades futuras, não deixa de adverti-lo “sinto muito que este negócio não esteja em minhas mãos para servir a Vm com brevidade e bem”<sup>360</sup>, se desculpando pelos pedidos anteriores ainda não terem sido atendidos e, ao mesmo tempo, antecipando as justificativas em caso das novas previsões não saírem como planejado e anunciado.

Embora Alapont demonstre que as pepitas de cavalonga sejam recorrentes em Cádiz, não podemos definir se as amostras mencionadas eram, de fato, provenientes da América. Amplamente usadas como purgante por numerosos povos indígenas do continente,

---

<sup>357</sup> Anexo 63.

<sup>358</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon [Sevilha, 28/12/1716]. Texto original em francês: “Mais les Espagnols ne savent pas mettre profit les avantages qu’ils ont, et la sont plutost des nations Etrangeres queux memes qui ont apporté dans le part ces curiosités uq el’on ne voit pas dans les autres Royaumes de l’Europe”.

<sup>359</sup> Anexo 63.

<sup>360</sup> Anexo 63.

especialmente da área amazônica, estas sementes são comumente relacionadas com a fava de Santo Inácio, um medicinal de origem asiática com qualidades equivalentes. Diante da semelhança entre ambas, é fácil presumir que, não poucas vezes, os medicinais foram tratados por seu oposto, assim a cavalonga de Alapont poderia ser tanto o asiático quanto o americano<sup>361</sup>, algo que, tudo indica, não se estendia as amostras do metal tumbaga – do qual reservaremos uma discussão para mais adiante.

Da mesma forma que não sabemos se a referência à incidência das pepitas de cavalonga e do metal de tumbaga foi uma satisfação à alguma pergunta de Joan Salvador ou se foi um exemplo empregado para reforçar sua atenção quanto aos interesses de seu correspondente, também não acabamos de compreender se Joan Salvador teria dado algum retorno a Alapont, pois, apenas um mês depois de ter comunicado sobre os projetos em execução na cidade e se sua previsão para o futuro, Alapont escreveria uma nova carta, onde não menciona o recebimento de nenhuma carta, muito menos manifesta algum entusiasmo por uma possível resposta de seu correspondente de Barcelona sobre as novidades relatadas.

No entanto, nesta ocasião, Alapont seria mais direto, insistindo no seu desejo de estabelecer um comércio com Joan Salvador, procurando assegurar de maneira mais contundente a sua dedicação em buscar por materiais que pudessem agradar o seu correspondente. Primeiramente, após atualizá-lo sobre a frota das Índias, carregada de mercúrio, prestes a partir para a América, daria notícias sobre um outro personagem, amigo em comum entre eles “estes dias veio de Sevilha sr. Nicolas Garzon a quem dei muitas memórias de parte de Vm e me disse estar muito sentido de não ter lhe enviado umas drogas de botica que Vm lhe havia encomendado, mas foi omissão do capitão que não compareceu onde lhe havia dito”<sup>362</sup>. Nicolas Garzon era um boticário de esquadras e, ainda que não saibamos nada mais sobre ele, as informações fornecidas por Alapont são suficientes para revelar que a rede articulada por Joan Salvador era mais extensa do que, aparentemente, a coleção de cartas conservadas atualmente pode demonstrar.

Embora não tenha sido preservado nenhum exemplar referente a esta possível correspondência entre os dois boticários, tudo indica que as encomendas feitas por Joan Salvador e que Nicolas Garzon, como defende Alapont, não conseguiu executar, poderiam contemplar materiais vindos da América, suposição que se torna muito mais plausível quando vemos que Alapont afirma que Garzón “está para fazer uma viagem a Índias e me disse que

---

<sup>361</sup> Este tipo de classificação pode, por exemplo, ser identificada na obra do jesuíta Juan de Velasco, que classifica a cavalonga do Perú como sendo a fava de Santo Inácio (1789, p.115).

<sup>362</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/2-3. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 23/03/1722]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 64].

Vm terá sempre a sua obediência”<sup>363</sup>. Relacionar Joan Salvador com a viagem que seria realizada, abre margem para interpretar que o interesse de Joan por aquele continente não era novidade, que ele já sabia de seu desejo em receber amostras daquelas bandas. Se por um lado o comércio articulado anteriormente com Garzon permitem apenas suposições a seu respeito, por outro, a declaração de Alapont corrobora com a hipótese postulada anteriormente, sobre suas estratégias para se conectar nesta rede comercial movimentada por seus colegas. Ao reforçar a obediência de Garzon em servi-lo, garantido ter em consideração seus desejos quando estivesse na América, Alapont não perde a oportunidade para relacionar sua participação neste empreendimento, dizendo “eu roguei a ele de buscar algo do que Vm me pede ou outra qualquer coisa do gosto, e ele se ofereceu em executá-lo para mim”<sup>364</sup>, ou seja, dando provas da diligência prometida nas ocasiões passadas, garantindo assim, a confiança de Joan Salvador com sua disposição em colaborar, quanto o seu reconhecimento caso esta tentativa resultasse bem-sucedida.

Na ocasião, entretanto, Joseph Alapont se mostrava realmente empenhado em realizar satisfatoriamente aquilo que havia se comprometido com Joan Salvador, superando as expectativas projetadas ao retorno de Nicolas Garzon. Como provas de sua dedicação, informava “na semana passada descobri na casa de um comerciante um animal das Índias que vem a ser como uma tartaruga e se põe redondo como o ouriço, [que] prometeu me dar, o qual enviarei a Vm quando forem os demais”<sup>365</sup>. Mesmo sem saber muito sobre aquele animal, Alapont trata de negociá-lo para enviar ao seu correspondente, fazendo de sua descrição um interessante relato de como profissionais sem conhecimentos específicos na área, desempenharam um papel fundamental na circulação e na construção do conhecimento sobre o mundo natural. Motivados por interesses distintos, mesmo sem ter bagagem suficiente para nomeá-lo, não deixa de se preocupar em fornecer informações confiáveis, assim, mesmo sem identificá-lo pelo nome – habilidade que exigia um domínio que ele não tinha – Alapont o descreve de acordo com aquilo que era visível, aportando uma importante prova de que, mesmo descontextualizado, aquele – e todos os outros – material recebeu novos significados, adquirindo novas interpretações a cada espaço pelo qual circulou, inclusive de pessoas não especialistas. Por outro lado, não deixa de ser um exemplo de como, ocasionalmente, a falta de precisão na descrição ou na identificação aguçava, paradoxalmente, o efeito de estar ante

---

<sup>363</sup> Anexo 64.

<sup>364</sup> Anexo 64.

<sup>365</sup> Anexo 64.

uma "raridade" despertando o desejo do colecionador "curioso"; códigos que Alapont parece dominar bem.

Apesar dos esforços expostos em sua carta, Joan Salvador não teria se manifestado acerca das novidades envolvendo a viagem de Nicolas Garzon e a descoberta do animal americano descrito e prometido por Alapont. Em carta de junho de 1722, Alapont revelaria sua preocupação por não ter recebido nenhuma resposta de seu correspondente, mas ele mesmo trabalhava com uma justificativa plausível para este desfavorecimento, deduzindo que, provavelmente, não se tratava de omissão de Joan Salvador, mas sim por sua própria ausência, em virtude de sua estância fora da cidade, concluindo que a hipotética carta tenha se perdido neste meio tempo. Alapont, inclusive, ainda não havia retornado à Cádiz, e se encontrava em San Fernando acompanhando um paciente convalescente, mas, mesmo ocupado com as obrigações de seu trabalho, não deixa de lhe escrever, pedindo “Vm não deixe de me escrever e me dar ordens, pois sabe [que] desejo lhe servir e desculpe não ter podido lhe enviar o que há tanto tempo ofereci, mas não é esquecimento nem omissão minha”<sup>366</sup>, deixando claro que não tinha enviado nada do que tinha prometido, incluído o animal mencionado na carta anterior.

Esta situação assim permaneceria por alguns meses, visto que em setembro daquele mesmo ano de 1722, Alapont voltaria a escrever a Joan Salvador, onde, mais uma vez, justificava o alargamento da dívida, tentando se livrar de qualquer culpa “corrido estou de não ter lhe enviado ainda o que há tanto tempo ofereci, embora não seja descuido meu, mas sim minhas muitas ocupações e o tempo tão caloroso que temos passado foram motivos para não cumprí-lo”<sup>367</sup>, atribuindo à suas obrigações profissionais e às temperaturas elevadas feitas na cidade naquele início de primavera – o que é bastante compreensível, se tratando da Andaluzia. Apesar da pendência, Alapont tenta manter o interesse de Joan Salvador discorrendo sobre os itens que já havia coletado e que integrariam a coleção a ser enviada a Barcelona. Dentre eles, volta a citar o animal, desta vez, devidamente identificado “há muitos dias que o tatu se encontra em meu poder, de quem não falarei por supor que Vm sabe muito bem a sua história”<sup>368</sup>. Desta afirmação, dois detalhes são especialmente interessantes.

O primeiro refere-se à identificação do animal, cujo nome Alapont não sabia no passado. Não é possível determinar se foi Joan Salvador quem, através das informações

---

<sup>366</sup>IBB, Fons Salvador, COR/2/3-4. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 20/06/1722]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 65].

<sup>367</sup>IBB, Fons Salvador, COR/2/3-5. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 24/09/1722]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 66].

<sup>368</sup> Anexo 66.

fornecidas sobre o comportamento e características anatômicas do animal, tenha determinado se tratar de um tatu ou se, neste tempo em que o animal esteve em suas mãos, Alapont tenha obtido informações sobre aquele espécime em seu poder. Esta última suposição nos conecta novamente com a discussão levantada anteriormente sobre a necessidade que intermediários ou provedores – cujas atividades profissionais não faziam deles verdadeiros especialistas do mundo natural – tinham de conhecer, mesmo que minimamente, sobre os espécimes sob sua responsabilidade. Assim, mesmo que tenha sido Joan Salvador o responsável por identificar o animal como sendo um tatu, Alapont teve que se informar sobre como mantê-lo em segurança, visando seu bom armazenamento – isso se o animal não estivesse vivo, sendo necessário saber detalhes sobre sua alimentação e seus hábitos no geral, não sendo descartada esta hipótese para o tatu de Alapont, visto que sua descrição se baseava no principal mecanismo de defesa do animal.

Por outro lado, estas informações levantadas por colaboradores, além de fundamentais para garantir um bom desempenho naquilo que se propunham a fazer, também auxiliavam na comunicação com seus correspondentes, que poderiam ter um maior controle sobre as coleções que lhe seriam facilitadas. E, não poucas vezes, estas informações correspondiam ao primeiro contato do receptor com uma determinada espécie ou objeto. Ou seja, colaboradores não versados em história natural podiam apresentar elementos da natureza ainda desconhecidos por especialistas, que se dedicavam a estudá-la e compreendê-la, reforçando ainda mais o que há pouco defendemos sobre a contribuição destes personagens inexperientes no assunto.

Considerando que o comércio estabelecido entre Joan Salvador e Josep Alapont visava, entre outras, a aquisição de *americana*, onde as amostras exclusivas e raras eram mais valorizadas, não seria estranho se o cirurgião conseguisse algo que Salvador desconhecesse ou ainda não tivesse um domínio sobre aquele item. Se por um lado Alapont não manifestava preocupação em fornecer informações complementares sobre o tatu por deduzir que o animal não era uma novidade, seu comportamento é diferente quando se refere a uma planta americana, cuja resina por ela produzida era utilizada como bálsamo – do qual ele dizia ter uma amostra preparada para ser enviada. Sobre a novidade adquirida, comunicava, então, a Joan Salvador “antes de ontem me deram o bálsamo de Cativo mangle de quem me contaram ser efficacíssimo para lepra, herpes e feridas e como me disse o sujeito, um [sic] cura tudo para doenças externas”<sup>369</sup>. A respeito de dito bálsamo e planta, Alapont faz uma detalhada

---

<sup>369</sup> Anexo 66.

descrição, discorrendo desde seu descobrimento até a sua utilização na medicina considerando a eficácia para enfermidades específicas, mas, dada à extensão do caso, optamos por não transcrevê-lo na íntegra, podendo ser consultado em anexo.<sup>370</sup>

A dedicação de Alapont em descrever com mais cuidado o bálsamo utilizado na cura de determinadas doenças pode estar também relacionado com a sua experiência profissional, já que, sendo um perito na área, as novidades em medicamentos acabavam sendo interessantes para ele próprio, que poderia se beneficiar destes descobrimentos, incorporando-os no tratamento de seus pacientes. De fato, o seu relato sobre o bálsamo de cativo mangle denota certo empirismo, já que ele advertia a Joan Salvador que para usá-lo “é necessário esquentar para retirá-lo do vidro onde irá”<sup>371</sup>, demonstrando que, por experiência própria, esta seria a melhor maneira para retirar o conteúdo do frasco, facilitando o trabalho de Joan Salvador que, ao manuseá-lo, já saberia que o bálsamo saíria facilmente se derretido, como também, estaria seguro de que, se submetido ao calor do fogo, não perderia suas propriedades medicinais.

Do mesmo modo, Alapont menciona as qualidades de um segundo medicinal, que também seriam enviados para Barcelona “agora estou esperando a terra de Cartagena, eficaz remédio para os herpes das Índias, que são muito mais difíceis de curar do que as outras”<sup>372</sup>, assegurando a sua eficácia no tratamento de um tipo de herpes que, novamente, por sua experiência, eram mais resistentes que as demais. A utilidade destas informações tinha uma aplicação prática, que superavam a teoria relacionada com a identificação de uma amostra nova capaz de alimentar a curiosidade de um naturalista e colecionador como Joan Salvador. Mais do que um item colecionável que se somava à coleção de simples do gabinete de curiosidades particular, o bálsamo carregava consigo um potencial econômico, por sua eficácia comprovada previamente, que poderia ser aproveitada nas fórmulas e receitas preparadas e comercializadas na botica familiar.

Desta vez, as novidades comunicadas a Joan Salvador comprovadamente teriam agradado, visto que em carta seguinte, escrita em janeiro de 1723, Joseph Alapont lhe escreveria “estes dias recebi uma [carta] de Vm pelas mãos do capitão Baustista Ferrer quem me disse que se deteria algum tempo e que voltaria pela caixinha que tenho prevenida”<sup>373</sup>, se referindo, provavelmente, à sua carta anterior onde informava sobre a aquisição do tatu e

---

<sup>370</sup> Anexo 66

<sup>371</sup> Anexo 66.

<sup>372</sup> Anexo 66.

<sup>373</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/3-6. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 04/01/1723]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 67].

demais medicinais das Índias – materiais que, como bem declara, ainda estavam em seu poder. Apesar de ainda não ter efetuado o envio daqueles materiais que há tempos havia anunciado, Alapont demonstrava seguir com disposição no propósito de aumentar ainda mais estas coleções que preparava ao seu correspondente, dizendo "esta manhã me deram um pedacinho do metal que vem das Índias para fazer as tombagas, e me asseguraram ser do verdadeiro, pois nesta cidade o falsificam facilmente"<sup>374</sup>, e, além do metal, as novidades incluíam outras aquisições "a mesma pessoa me deu a semente que remeto da planta chamada trinitária e me disse que se Vm precisar [de] algumas sementes de flores estrangeiras, as faria vir de Málaga"<sup>375</sup>.

A relevância das notícias de Alapont sobre as amostras por ele coletadas para Joan Salvador não reside somente no fato delas serem, exclusivamente, provenientes da América. É interessante notar a retórica empregada nesta comunicação, onde a identidade do fornecedor é omitida, sendo referenciado pelo termo genérico de "pessoa", talvez numa tentativa de preservar, através do anonimato, a sua própria permanência na rede estabelecida, evitando uma aproximação de seu correspondente com seu fornecedor, e fazer de sua participação irrelevante – o que comprometeria o retorno que esperava por tantas diligências prestadas.

Ao mesmo tempo em que Alapont informava sobre as novidades, se referia de maneira mais familiar a uma planta, aparentemente, solicitada por Joan Salvador "farei a diligência sobre a dama da noite e, se posso, alguma coisinha mais"<sup>376</sup>, não demonstrando nenhuma dificuldade para adquiri-la, talvez por ser mais frequente em Cádiz. De fato, esta não é a primeira relação de Joan Salvador com a dama da noite, visto que a planta havia sido mencionada por Antoine de Jussieu em uma de suas cartas escritas ao abade Jean Paul Bignon, no momento da viagem pela Espanha. Curiosamente, o local onde dizia terem encontrado-na foi justamente em Cádiz, sendo este um sinal de que não era difícil de ser encontrada na cidade esta planta, originária das Antilhas e Tierra Firme americana, apreciada como "purificadora" do ar, pela forte fragrância de suas flores, apesar da alta toxicidade da maior parte de suas partes.

Diante de tantas provas de sua diligência, bem como de garantir que a coleção organizada ao longo daquele tempo todo seriam enviadas proximamente através de um capitão da confiança de Joan Salvador, Joseph Alapont considera que, desta maneira, se encontrava em uma posição que lhe permitia cobrar Joan Salvador sobre as suas encomendas

---

<sup>374</sup> Anexo 67.

<sup>375</sup> Anexo 67.

<sup>376</sup> Anexo 67.



as quais, por não ter conseguido cumprir com o envio das mercadorias de seu correspondente, permanecia em dívida, não lhe dando o direito de solicitar nenhum favor. Assim, ao concluir que o transporte estava garantido – e sua tarefa praticamente concretizada - não perderia tempo em perguntar “estimarei saber se Vm teve resposta de Leiden sobre o instrumento anatômico que lhe encomendei”<sup>377</sup>, se referindo à ferramenta solicitada em sua primeira carta analisada. Através deste pedido, Alapont demonstra que, durante todo este tempo, ainda não havia recebido o material desejado.

A resposta de Joan Salvador chegaria através de uma carta datada de abril de 1723, a qual Alapont trataria de dar satisfação muito rapidamente, em maio seguinte. E, ao que tudo indica, Salvador não teria atendido ao pedido de seu correspondente sobre novidades acerca do instrumento anatômico encomendado. Por um lado, Alapont se abstém de agradecer a diligência ou em esboçar qualquer tipo de reação que pudesse estar relacionado com a notícia, como previa o protocolo. Por outro lado, contrariando as suas expectativas, Alapont não se encontrava mais em uma posição onde se sentiria confortável para reclamar ou exigir um retorno de Joan Salvador, tal como se sentia na ocasião passada.

A causa, mais uma vez, estava relacionada com o envio das mercadorias, que não havia saído de acordo com o planejado, como bem explica “o capitão Ferrer veio [há] dias à minha casa e me disse [que] ia a São Luís e que na volta tomaria a caixinha, mas soube agora que vai à Catalunha sem tocar em Cádiz”<sup>378</sup>, sendo a culpa, mais uma vez, atribuída ao capitão da embarcação. No entanto, Alapont não descuidaria de tranquilizar seu correspondente, garantindo que todos os materiais anunciados seriam a ele entregue, prometendo “farei a diligência esta semana para buscar barco catalão ou o entregarei a algum cirurgião dos quatro navios que estejam [partindo] o quanto antes ao Levante, e se acredita não deixarão de chegar a Barcelona ainda que irão primeiro a Livorno”<sup>379</sup>. Esta declaração de Alapont nos faz refletir, novamente, sobre a importância destes intermediários em garantir, mesmo que minimamente, conhecimentos técnicos sobre preservação de espécimes.

No caso do tatu, por exemplo, havia mais de ano que se encontrava resguardado em sua casa, assim como as demais amostras botânicas, que também estavam há muito tempo armazenadas, aguardando oportunidade para serem enviadas. O envio, contudo, também não era garantia de que as coleções chegariam rapidamente ao seu destino. Como bem relatou

---

<sup>377</sup> Anexo 67.

<sup>378</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/3-7. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 03/05/1723]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 68].

<sup>379</sup> Anexo 68.

Alapont, o trajeto feito por elas poderia ser uma verdadeira saga, não sendo incomum que a permanência no mar correspondesse a um período igual ou mesmo superior ao que passaram em terra, esperando pela embarcação. No caso, Alapont ressaltava a possibilidade da sua coleção partir para Barcelona com a frota que, saindo de Cádiz em direção ao Levante, passaria primeiramente à Itália para somente depois aportar na capital catalã.

Conhecer as técnicas de preservação e armazenamento de espécimes, portanto, acabava por se extender a estes cirurgiões, boticários, capitães e demais tripulantes navais que aceitavam o desafio de transportar estas mercadorias, assumindo a responsabilidade em garantir a integridade das mesmas até serem entregues aos seus destinatários.

Como prometido, Alapont não demoraria mais que uma semana para comunicar, finalmente, o envio da tão aguardada coleção. Ainda naquele mesmo mês de maio, voltaria a escrever a Joan Salvador com a feliz notícia, demonstrando por outro lado que nada daquilo que havia comunicado em suas cartas tinha ficado para trás: “Dr. Nicolas Garzon boticário da esquadra do Marquês de Mari levou a dama da noite e uma caixinha com o tatu, a nova contra-erva, um pedacinho de tombaga, uma pepita de cavalonga, um pouco de terra de Santa Marta e canchalagua, umas sementes de Flandes que me deu por muito estranhas um capuchinho e um frasquinho do bálsamo de cativo mangle”<sup>380</sup>.

Além do tatu, do bálsamo de cativo mangle e do metal de tombaga, Alapont havia tanto incluído novas amostras, como, possivelmente, alterado o nome de algumas delas. Como é caso da chamada *terra de Cartagena* – a qual fora exaltada no passado por sua eficácia contra a herpes comum nas Índias – e pudesse, talvez, corresponder ao que nesta ocasião foi descrita como *terra de Santa Marta*.

Mesmo que hipoteticamente, o motivo destas alterações poderia estar relacionado, justamente, com a preservação das mesmas sementes. Isso porque, diante da necessidade de mantê-las íntegras até o surgimento da oportunidade para remetê-las, era conveniente que Alapont tivesse de buscar por mais informações sobre as características daquela planta e suas necessidades específicas, podendo, neste processo, ter descoberto a verdadeira identidade destes espécimes. Esta pode ser, inclusive, uma das razões que o teriam levado a justificar a falta de informações mais detalhadas sobre estes materiais “quanto à virtude de algumas coisas das Índias não faço palavra porque suponho que Vm o sabe melhor que eu, e além

---

<sup>380</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/3-8. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 10/05/1723]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 69].

disso Sr. Nicolas Garzon dirá a Vm o que se diz por aqui sobre elas”<sup>381</sup>, dando provas de que seu conhecimento sobre algumas destas amostras era limitado.

Em relação as *pepitas de cavalonga* e a *nova contra-erva*, esta mencionada pela primeira vez nesta ocasião, poderiam tanto ser fruto de diligência independente de Alapont, como também a realização de um pedido de Joan Salvador. Ao mesmo tempo, e juntamente com as *sementes de Flandes* – que haviam sido facilitadas por um religioso capuchinho – não está descartada a possibilidade de estarem vinculadas à informação que Alapont repassou à Joan Salvador sobre as chances de conseguir amostras de plantas estrangeiras trazidas de Málaga por um contato seu, cuja identidade permanecia no anonimato - e poderia, muito bem, ser o tal capuchinho.

Com a notificação do envio da coleção reunida ao longo de quase dois anos, finalizamos também a análise das relações mantidas entre Joseph Alapont e Joan Salvador. Uma relação que, possivelmente, teria perdurado por mais tempo, mas que, infelizmente, não temos documentado nenhum indício, a não ser uma declaração feita pelo próprio Alapont ainda nesta mesma carta escrita em maio – a última conservada no Fondo Salvador. Nela, o cirurgião informava “buscarei o capitão Mallot para lhe entregar o que Vm me pede na carta que me trouxe, pois quando a recebi já havia embarcado o dito sr. Nicolas”<sup>382</sup>, sugerindo que o comércio mantido entre eles viveria novos capítulos. Como dissemos, não sabemos se, de fato, Alapont teria atendido aos pedidos de Joan Salvador, do mesmo modo que não foi possível conhecer se Salvador teria retribuído pelos favores concedidos, contactando Herman Boerhaave a fim de adquirir os instrumentos cirúrgicos desejados.

Se por um lado não podemos indicar as reais vantagens obtidas por Alapont em colaborar com Joan Salvador, o mesmo não pode ser dito opostamente. Ainda que a documentação manuscrita – ou a falta dela – não certifique que Nicolas Garzon tenha cumprido com a sua missão e entregue a Joan Salvador as mercadorias que lhe foram confiadas, o acervo remanescente pode, mais uma vez, colaborar neste desafio e, se não confirmar, ao menos sugerir que os materiais fornecidos por Alapont podem ter ocupado seus devidos espaços no gabinete de curiosidades de seu correspondente.

Novamente, apesar das dificuldades em determinar a procedência dos materiais conservados atualmente na coleção, acreditamos ser necessário apontar algumas possíveis identificações. Certamente como já assinalamos no caso da existência de animais similares ou

---

<sup>381</sup> Anexo 69.

<sup>382</sup> Anexo 69.

identificáveis com os enviados por Boerhaave, o estado de conservação, a falta de informações nas etiquetas e até mesmo a ausência das mesmas são fatores que impedem a identificação de boa parte dos espécimes existentes. A fragilidade de pequenos insetos, répteis e peixes colaboram com o processo de decomposição ou deterioramento das amostras, consistindo uma desvantagem em relação a outros animais de maiores dimensões, como répteis de porte grande, aves e mamíferos, que têm mais chances de preservarem suas características, resultando ser muito mais fácil identificar um crocodilo do que uma lagartixa, por exemplo. Ainda assim, alguns animais possuem uma característica bastante vantajosa em relação a outros, relacionada com suas características únicas, que os permitem serem identificados – ao menos genericamente, sem determinar exatamente a espécie equivalente – através de um rápido passar de olhos, como é o caso do tatu.

O animal de formas curiosas que havia causado estranheza em Joseph Alapont no passado, também teve seu lugar na coleção de *americana* organizada pela família Salvador. Embora não se conserve nenhum espécime do animal em sua totalidade, ainda hoje se preserva um espécime de seu casco<sup>383</sup> **[Imagem 4]** . Se não restam dúvidas quanto à sua identificação, o mesmo não pode ser dito sobre a trajetória percorrida até chegar em Barcelona e ocupar o seu espaço no gabinete familiar, não sendo possível determinar se o espécime conservado corresponda ao espécime facilitado por Alapont. Na realidade, tampouco podemos afirmar quando o animal foi adquirido e quem teria sido o responsável pela aquisição, se fora o próprio Joan Salvador, ou seu pai Jaume e até mesmo seu irmão Josep, em momentos posteriores.

De fato, a correspondência epistolar consultada nos revela que outros personagens além de Alapont estiveram associados ao tatu, mesmo que o animal tenha sido apenas mencionado naquelas ocasiões. Em 1717, por exemplo, Joan Salvador redigiu uma lista aleatória destinada a Antoine Jussieu onde elencava vários itens, desde livros, plantas, receitas e animais, os quais desejava solicitar ao seu amigo e correspondente francês. Nela, ao lado de outros itens exóticos, Salvador pedia por um tatu, sem especificar seu pedido. Por ser o primeiro documento da correspondência mantida entre os dois naturalistas após o término da viagem e retorno de cada um deles a suas respectivas cidades, o conteúdo desta lista pode estar associado aos materiais coletados durante a jornada, pois, não é novidade que estes materiais foram enviados tanto a Paris como a Barcelona para depois, no regresso, serem repartidos entre ambas as partes. Assim, o tatu pode ter sido adquirido durante a viagem e

---

<sup>383</sup> Salv-7490

enviado a Paris, cabendo a Jussieu a incumbência de enviá-lo a Barcelona para Joan Salvador. Porém, ainda que a correspondência entre os dois naturalista demonstre repetidamente a dinâmica destes intercâmbios, em nenhuma das cartas conservadas o tatu é mencionado, o que permite diversas conclusões.

Por outro lado, a popularidade do tatu nos gabinetes de curiosidades entre os séculos XVI e XVIII,<sup>384</sup> não permite que a hipótese de que o gabinete dos Salvador possa ter contado com mais de um espécime seja descartada. Somando-se a essa consideração temos uma interessante carta escrita em junho de 1749 por Gregório Condomina a Josep Salvador i Riera – responsável por assumir os negócios familiares após a precoce morte de seu irmão Joan, em 1726. Nela, Condomina – médico e cirurgião valenciano estabelecido em Cádiz, colaborador de Jean Lacombe no anfiteatro anatômico anexo ao Hospital Real, cujo projeto anos atrás era amplamente aclamado por Alapont em suas cartas a Joan Salvador – vai dizer “em Cádiz deixei à um amigo meu um caimã [jacaré] ou crocodilo, uma iguana, [ileg.] para que pela primeira oportunidade lhe mandem à Vm para seu museu, reservando-se um tatu, que os acompanhava, pois Vm já o tinha quando eu passei à essa cidade para a cura do Marquês de Land, oficial nas Reais Guardas Espanholas”<sup>385</sup>, aportando, então, detalhes bastante pertinentes para nossa discussão. Como bem demonstra Condomina em sua carta, o gabinete de curiosidades da família já possuía, ao menos, um tatu – que poderia muito bem ser o fornecido por Alapont ou o supostamente coletado durante a viagem de Joan Salvador e Antoine de Jussieu pela Espanha e Portugal, assim como poderia ser ambos ou nenhum deles. Segundo o cirurgião valenciano, este seria o motivo por ainda não ter enviado junto com a coleção de *animalia* anunciada, entendendo que Josep não teria interesse em adquirir um animal repetido.

Não sabemos se, de fato, Josep teria recusado o tatu “reservado” por Condomina, ou se, contrariando as suposições de seu correspondente, teria pedido por ele também, aumentando assim a coleção de *americana* do gabinete.<sup>386</sup> Neste sentido, a mencionada carta se torna igualmente relevante por mostrar que os dois núcleos, Barcelona e Cádiz,

---

<sup>384</sup> Sobre a popularidade do tatu nos gabinetes de curiosidades da Europa moderna, ver: Egmond, F.; Mason, P. (1994) Armadillos in unlike places. Some unpublished sixteenth-century sources for New World “Rezeptionsgeschichte” in Northern Europe. *Ibero-amerikanisches Archiv*, Neue Folge, vol.20, n.1/2, p.3-52.

<sup>385</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/22-7. Carta de Gregorio Condomina a Josep Salvador i Riera [Cádiz, 16/07/1749]. Texto original em espanhol: “Amigo em Cadiz dexè à un amigo mio un cayman ó Crocodillo, una iguana, [ileg.], para que por la primera oportunidad le mandoneu à Vm para su museu, reservandose un armadillo, que les acompañaba pues Vm le tenia ya cuando yo pasé à esa ciudad para la cura del Marques de Land oficial en las Reales guardias españolas”.

<sup>386</sup> A correspondência entre Josep Salvador e Condomina não se limita a esta carta mencionada, mas, por uma questão de recorte temporal, a a cronologia da correspondência extrapola os limites estipulados para o desenvolvimento desta tese.

permaneceram em contato, tendo Josep Salvador continuado o comércio de *naturalia* americana iniciado por seu irmão e fazendo, ao que parece, importantes aquisições para o gabinete familiar. Além do tatu, é importante ressaltar que entre os espécimens remanescentes encontram-se tanto um exemplar de iguana,<sup>387</sup> quanto um de crocodilo – sendo este último mencionado na análise feita dos animais facilitados por Boerhaave, onde consideramos improvável que o espécime conservado corresponda ao enviado pelo naturalista neerlandês, levando em conta sua dimensão e técnica de preservação utilizada, aspectos estes que poderiam aproximá-lo mais ao espécime facilitado por Condomina.

Dentre os materiais que compunham a coleção de *americana* organizada por Alapont, o tatu não é único a ser encontrado entre os remanescentes. A diferença, no entanto, reside nas limitações sobre cada um dos demais espécimes. Embora a dificuldade de identificação, sobretudo em termos de procedência, seja unânime, neste caso, o tatu apresenta outra vantagem em comparação aos demais por sua presença na correspondência de outros colaboradores dos Salvador, aportando, assim, dados que contribuem para melhor situá-lo naquele gabinete de curiosidades.

Por outro lado, existe um deles que não aparece em nenhuma outra correspondência epistolar, além das cartas do próprio Joseph Alapont. Nos referimos à “terra de Santa Marta”<sup>388</sup> – que julgamos equivaler ao que inicialmente Alapont descreveu como *tierra de Cartagena*. O espécime está armazenado em recipiente de vidro, com tampa de papel e, desafortunadamente, não possui etiquetas informativas, mas a forma em que se conserva faz pensar que formava parte da coleção de simples medicinais do gabinete, disposta nas prateleiras interiores do espetacular móvel central construído por Josep Salvador **[Imagem 5]**. Seja como for, as únicas relações que, até o momento, podem ser feitas sobre a procedência deste espécime o conecta, essencialmente, com Joseph Alapont. Sobre a terra de Santa Marta, não foi possível encontrar nenhuma referência na literatura especializada, mas supõe-se que correspondia a um tipo de mineral encontrado na região de Santa Marta, na Colômbia, à qual eram atribuídas propriedades medicinais, tal como relatou Alapont em sua carta.

Igualmente ao item anterior, chamada “nova-contraerva”<sup>389</sup> encontra-se na coleção, seguindo as mesmas características de armazenamento **[Imagem 6]**. Por outro lado, a espécie é facilmente encontrada nos tratados de matéria médica da época. Porém, a identificação da “nova-contraerva” apresenta uma enorme complexidade decorrente, em boa parte, da sua

---

<sup>387</sup> Salv-7515.

<sup>388</sup> Salv-8333

<sup>389</sup> Salv-8497

terminologia. O termo “contra-erva” era amplamente utilizado para designar plantas utilizadas especialmente, como antídotos contra a o veneno de animais peçonhentos, desde os primórdios da colonização do Novo Mundo. Encontrada tanto na porção portuguesa da América – onde foi descrita por cronistas e viajantes, passando a integrar as mais diferentes farmacopeas produzidas em Portugal –, como na espanhola – onde foi descrita prontamente por Nicolás Monardes (1493-1588) e Francisco Hernández (ca. 1514-1587) – a contra-erva se popularizou na Europa, sendo mencionada por diversos autores e utilizadas inúmeras farmacopeias.<sup>390</sup>

A complexidade reside no fato de que, logicamente, dada a transcendência dos antídotos na farmacopeia tradicional galênica, o termo contra-erva não correspondia exatamente a uma única planta, mas, como dizemos, a quase todas as plantas que tivessem qualidade de antídoto. Ocorria assim, sem dúvida, em muitas regiões, como no Brasil, por exemplo. Por esta razão, não podemos deduzir se a chamada nova contra-erva correspondia a uma espécie nova e específica ou, como tendemos a acreditar, se a mais uma espécie recém-descoberta pelos europeus nas Índias.

O que nos leva a considerar que a contra-erva seja uma planta diferente, é, mais uma vez, em razão de um comentário feito por Antoine de Jussieu em seu relatório ao regente da França onde apontava suas impressões e conselhos sobre as potencialidades das plantas herborizadas durante a expedição. Assim, declarava “apesar da moda que Cádiz adquiriu recentemente sobre todas as outras espécies de uma raiz esbranquiçada que eles chamam de “contrayerba”, não obstante, nossa contraerva, que é muito diferente em forma, cor e cheiro, deve ser preferida em febres malignas”<sup>391</sup>, demonstrando que, já naquela ocasião, havia se popularizado em Cádiz uma planta cujo nome também era contraerva, mas, segundo Jussieu, era não apenas diferente da recorrente na França, como inferior em qualidade para o tratamento das febres. Pela coincidência, pode ser que o espécime facilitado por Alapont e o conservado na coleção correspondam à mesma planta, mas, pelo fato da novidade ter sido “descoberta” durante a viagem, em 1716, pode ser que o item da coleção seja uma amostra coletada por Joan Salvador naquela oportunidade.

Os demais itens mencionados por Alapont não constam ou podem não estar identificados literalmente como tais na coleção remanescente. Quero dizer, diferentemente da

---

<sup>390</sup> Como por exemplo, na *Palestra farmacéutica, químico-galênica*, de Félix Palácios (1792, p.671).

<sup>391</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (4). Informe final de Antoine de Jussieu apresentado ao regente da França em julho de 1717. Texto original em francês: “que malgré la vogue qu’a depuis peu acquis a Cadis pardessus tous les autres alexitaires un espèce de racine blanchâtre qu’ils appellent “contrayerba”, néanmoins notre contrayerba qui est très différent par sa forme, sa couleur et son odeur doit être préféré dans les fièvres malignes”. Publicado em Laissus, J.; Laissus, Y., 1970, p.32.

nova-contrava, do tatu e da terra de Santa Marta, os outros itens que compunham a coleção de *americana* enviada pelo cirurgião de Cádiz não figuram entre os espécimes atualmente conservados. As razões para isto podem ser várias, sendo a primeira e, talvez, mais coerente, que seja o resultado da perda inevitável que a coleção sofreu ao longo dos anos. Por outro lado, certas etiquetas permitem uma aproximação a alguns destes espécimes, permitindo considerar que alguns deles podem ter sido armazenados e classificados sem a identificação fornecida por Alapont. No caso em específico do metal de “tombaga”, esta problemática é bastante expressiva.

Como apontado, não existe nenhum espécime conservado que possua uma etiqueta de identificação exatamente com este nome, mas, no entanto, existem duas etiquetas que descrevem o conteúdo dos seus respectivos recipientes que se aproximam bastante da descrição fornecida por Alapont. A primeira delas é em boa parte ilegível pela ação da umidade, ainda que sejam perfeitamente legíveis as palavras *cobre nativo / Metall que aportan e India*<sup>392</sup> **[Imagem 8]**. A segunda etiqueta, apesar de também apresentar lacunas na legenda, é bastante clara e resulta ter uma relação explícita com a anterior, pelo qual podemos imaginar o que resultava ilegível nela; esta diz *Metall/ aportat / novament / del Peru / Indias de / Espanya*<sup>393</sup> **[Imagem 7]**.

Se observarmos atentamente a retórica de Alapont nas diferentes vezes em que cita o metal em questão, ele se refere de forma distinta em cada uma delas. Vale ressaltar que o termo *tombaga* ou *tumbaga* não determina um metal em específico, mas sim a mescla de dois metais, sendo um, obrigatoriamente, o cobre, variando o elemento complementar, que mais comumente variava entre o ouro ou a prata.<sup>394</sup> Assim, na primeira vez que o metal é mencionado, Alapont o apresenta como *tombaga*, ou seja, o metal resultante da mescla de dois outros metais. Na sequência, quando comunica a Joan Salvador sobre a aquisição de uma amostra, ele diz “metal de fazer *tombagas*”, deixando claro que havia recebido não exatamente a *tombaga*, mas sim, um dos metais de sua composição. No entanto, quando notifica o envio das coleções, volta a declarar que, acompanhando os outros espécimes, seguia também um “pedacinho de *tombaga*”. As incertezas provenientes da inexatidão das informações fornecidas por Alapont acabam se estendendo aos espécimes que encontramos preservados que, apesar das semelhanças, não sabemos se o que foi enviado era de fato a *tombaga* ou um dos metais puros, como as amostras de cobre presentes na coleção.

---

<sup>392</sup> Salv-8878

<sup>393</sup> Salv-8881

<sup>394</sup> Para contextualização do mineral, ver: Falcheti, 1999.



De modo semelhante, nos aproximamos do bálsamo de *cativo mangle* anunciado por Alapont em sua carta de setembro de 1722. Entre os frascos de simples medicinais atualmente conservados encontra-se apenas um único exemplar classificado como “bálsamo”. No rótulo que leva posto, se pode ler apenas as inscrições “Ba[...]/ Er[...][Balsamo/ del [...]]”<sup>395</sup>, o que compromete a designação de sua procedência. Através do longo e detalhado relato feito por Alapont sobre o medicinal, sabemos que o referido bálsamo era obtido a partir da resina produzida por árvore conhecido como *cativo mangle*. Assim, sendo o bálsamo de *cativo mangle* uma resina, podemos considerar que Joan Salvador possa ter armazenado e classificado a amostra recebida dentro desta categoria. Existem algumas resinas conservadas no acervo atual, onde a maioria delas está identificada de acordo com sua origem botânica, mas, ainda assim podemos encontrar alguns exemplares cujas descrições são tão genéricas que poderiam - ou não - estar relacionados com o bálsamo de *cativo mangle*.<sup>396</sup>

Apesar das imprecisões, é necessário ressaltar que a importância destas aproximações não está exclusivamente relacionada com a tentativa de contextualizar cada um dos espécimes que formam parte do acervo remanescente ou por permitir vislumbrar como era a coleção de *americana* do gabinete da família antes sofrer as perdas inevitáveis de itens que, por suas qualidades perecíveis, sucumbiram aos infortúnios do tempo sem deixar rastros materiais de sua presença - como é o caso das amostras botânicas de dama da noite, das pepitas de cavalonga e das sementes de canchalagua - naquele microcosmo particular.

Antes de concluir este apartado, devemos prestar atenção nesta pluralidade da que comentávamos ao princípio do mesmo, já que os materiais facilitados por Josep Alapont nos oferecem um excelente exemplo para considerar a pluralidade desde a materialidade mesma dos *naturalia americana* colocada em circulação neste intercâmbio, que – como veremos – iam além das além das coleções.

De fato, conhecer os materiais solicitados e facilitados em cada uma das relações mantidas por Joan Salvador, permite compreender seus respectivos significados e, de certa forma, nos acercar do tratamento a eles deferidos. Em outras palavras, desde as primeiras páginas desta tese buscamos evidenciar a pluralidade dos personagens que colaboravam na rede articulada por Joan e Jaume Salvador, a fim demonstrar a multiplicidade de interesses que nela coexistiam. Através desta diversidade, tanto de profissionais como de objetivos, constatamos que as amostras de *americana* deixaram de ser somente um fim para se converterem igualmente em meios que viabilizavam outros propósitos. No entanto, a

---

<sup>395</sup> Salv-8173

<sup>396</sup> Salv-8436; Salv-8546; Salv-8549; Salv-8256; Salv-8305.

heterogeneidade axiomática destas relações comerciais não era uma característica exclusiva do coletivo, fazendo-se presente, também, a nível individual. As muitas e variadas ambições manifestadas por um único indivíduo são efeitos inevitáveis das tantas atividades que ele podia desenvolver, inclusive simultaneamente, ao longo de sua vida. No caso particular de Joan Salvador, por exemplo, seus diferentes interesses decorriam de sua atuação como naturalista, colecionador e boticário. Estas três competências, indissociáveis uma das outras, o induziam a tentar transformar uma determinada oportunidade em uma via completamente rentável, capaz de satisfazer todos os âmbitos de suas aspirações.

Consequentemente, as relações estabelecidas para alcançar coisas da América passavam, invariavelmente, por este dinamismo onde, nem sempre, uma única amostra de *americana* era capaz de atender as pretensões decorrentes de cada segmento daquela tríplice performance. Em boa parte, esta inaptidão estava relacionada com a concepção acerca do item solicitado e/ou recebido. Quero dizer, a procedência não era um aspecto determinante, capaz de suprimir outros detalhes, pré-estabelecendo que toda a categoria, por sua natureza exótica, merecia ocupar um lugar na coleção. Pelo contrário, nem a própria natureza americana estava isenta de uma classificação pormenorizada, da qual se nota um certo antagonismo entre novidade e utilidade, que acabava por influenciar no destino de cada item adquirido.

Neste sentido, o conceito de curiosidade estava mais atrelado ao desconhecido ou raro, preciosas amostras de um mundo natural ainda a ser descoberto, compreendido, classificado e, convenientemente, exibido.<sup>397</sup> Assim, as curiosidades inspiravam as inquietações intelectuais e científicas de Joan Salvador e, concomitantemente, enriqueciam suas coleções. Por outro lado, a correspondência epistolar tratou de revelar que da América não saíram e circularam apenas curiosidades colecionáveis. Algumas cartas são bastante sugestivas, fazendo-se plausível a interpretação de que o comércio de *naturalia* americana movimentado por Joan Salvador também abasteceu as prateleiras da botica familiar, consistindo, então, em um negócio rentável para cada uma das atividades às quais ele se dedicava. À diferença das curiosidades, estes medicinais não eram inacessíveis, sendo encontrados com alguma regularidade em pontos estratégicos da Europa, onde delineavam os primeiros arranjos da consolidação de um mercado interno.

Como dissemos, a correspondência com Joseph Alapont é um exemplo interessante para ilustrar estas interpretações, pois nos fornece detalhes, ainda que sutis, que corroboram com estas reflexões e, em boa medida, podem, igualmente, suscitar uma nova hipótese que

---

<sup>397</sup> Sobre este aspecto, além dos estudos mencionados na introdução desta tese, ver: De Vos, 1996; Kenny, 1998; Bleichmar, 2011.

justifique o porquê de alguns materiais facilitados não constarem na coleção remanescente, que não seja somente o resultado das perdas materiais. Já comentamos que as pepitas de cavalonga, a dama da noite e a planta canchalagua não estão presentes no acervo atual do gabinete. Com excessão da última, sobre a qual não foi possível encontrar nenhuma informação além das fornecidas pelo próprio Alapont em suas cartas, tanto a pepita de cavalonga quanto a dama da noite permitem uma aproximação mais cuidadosa.

Se observarmos atentamente, constataremos que a primeira vez em que Alapont menciona as pepitas de cavalonga, ele o faz destacando a frequência com que eram encontradas em Cádiz, afirmando serem “muito comuns neste lugar”. Em relação à dama da noite, Alapont não faz nenhuma referência neste sentido, mas, através de informações cruzadas com outras correspondências, podemos deduzir que a planta também não era incomum naquela cidade. Em carta escrita a Bignon, Antoine de Jussieu relatava os descobrimentos botânicos feitos nos entornos da capital gaditana, quando ali esteve na companhia de Joan Salvador, em dezembro de 1716. Entre as espécies herborizadas, uma teria se destacado e chamado a atenção do naturalista francês: “nós ainda encontramos [ileg.] um arbusto que é sempre verde e que carrega flores muito semelhantes ao jasmim [...] o cheiro é muito forte somente durante a noite, de onde vem o nome dado a Dama de Noche, dama da noite”<sup>398</sup>. Pela descrição fornecida, fica evidente que a planta havia chamado a atenção dos naturalistas que, segundo Antoine de Jussieu, não teriam perdido a oportunidade de adquirir alguns exemplares para um estudo mais detalhado futuramente, como bem diz “pedimos aos nossos amigos para fazerem mudas para nos enviar alguns jovens pés a Barcelona”<sup>399</sup>, revelando a intenção de aclimatar a espécie em seus respectivos jardins, no *Jardin du Roi* de Paris e em o jardim particular dos Salvador, em Sant Joan Despí, junto a Barcelona. E, mais de trinta anos depois desta experiência, com Joan Salvador e seu pai Jaume já mortos, Josep Salvador receberia uma encomenda inusitada desde Perpignan, onde Pierre Barrère lhe pediria “gostaria de ter [sementes] do *arbor tristis* ou dama de noite que se cultivava em Cádiz”<sup>400</sup>,

---

<sup>398</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon [Sevilha, 28/12/1716]. Texto original em francês : “nous avons encore trouvé chez quelques particuliers un arbrisseau qui est toujours vert et qui porte des fleurs verdâtres semblables au Jasmin suivant ce qu’on nous dit [ileg.] odeur est tres forte pendant la nuit seulement, d’ou vient le nom qu’on luy donne de Dama de noche dame de nuit”.

<sup>399</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54. Texto original em francês : “Nous avons recommandé a de nos amis d’en faire coucher des branches pour nous en envoyer quelques jeunes pieds a Barcelone. Cet arbre me paroist nouveau, et pourra fort bien s’élever dans des quaisses”.

<sup>400</sup> IBB, Fons Salvador. Carta de Pierre Barrère a Josep Salvador i Rieira [Perpignan, 12/03/1752]. Texto original em: “Je souhaiterois avoir la graine D’arbor tristis [sic] ou dama de noche qu’on cultive à Cadis”. Barcelona, Fons Salvador. Publicada em Camarasa; Amigó,1993, p.91.

insinuando que, aparentemente, a planta não teria florescido no jardim de Sant Joan Despí, mas a família continuava a ter acesso à espécie através de Cádiz.

Embora a declaração de Jussieu e o pedido de Barrère sejam bastante interessantes, nos aprofundaremos nestas questões referentes aos espaços, como os jardins experimentais de ambos, no capítulo seguinte. Neste momento apenas nos interessa salientar que já em 1716, cerca de seis anos antes de Alapont escrever a Joan Salvador – em fevereiro de 1722 –, era possível encontrar a dama da noite em Cádiz. Apesar de Alapont não mencionar, não é descabido pensar que ao longo daqueles anos o interesse pela planta tenha se disseminado, fazendo dela um item recorrente no comércio naquela cidade. Pode ser por isso, também, que Alapont tenha apenas aceitado a encomenda de Joan Salvador, simplesmente dizendo “farei a diligência da dama da noite”<sup>401</sup>, sugerindo uma certa facilidade em adquiri-la para seu amigo. Por outro lado, o fato de Joan Salvador encomendar a planta, indica que, possivelmente, a tentativa de aclimatá-la não foi bem-sucedida, pressupondo-se todo um trabalho investigativo anterior cujo resultado deveria ter sido positivo o suficiente para que Joan continuasse a insistir naquela planta.

Assim, fica subentendido que, tanto a dama da noite quanto a cavalonga não eram exatamente novidades e, ao que tudo indica, não teriam sido solicitadas com vistas à coleção de *americana*, mas sim o estabelecimento comercial familiar, ou seja, a botica da rua Ample. Por esta razão, se ambas foram adquiridas como reposição de mercadoria, onde, posteriormente seriam vendidas a clientes ou repartidas com outros boticários, é compreensível que nenhuma delas estejam entre os espécimes conservados, afinal, mesmo vindas da América, elas não configuravam como curiosidades, mas sim como mercadorias.

É importante esclarecer que, ao falar da popularidade da cavalonga, Joseph Alapont também estava se referindo à tombaga. E, diferentemente do que postulamos sobre a planta, consideramos a possibilidade desta amostra mineral ser um dos espécimes de metais nativos americanos conservados na coleção. Esta constatação poderia fazer da nossa análise algo contraditória, se não fosse a presença de um detalhe mínimo, mas que a preserva deste diagnóstico. Quando a aquisição do pedacinho do metal é comunicada, Alapont frisa a genuidade do mesmo, reforçando a facilidade com que eram falsificadas. Ou seja, as tombagas comuns e comercializadas em Cadiz costumavam ser falsas e, pelo simples fato do espécime facilitado por Alapont ser *da verdadeira*, o valor agregado pela genuidade foi capaz

---

<sup>401</sup> Anexo 67.

de transformá-lo em algo mais raro, uma verdadeira curiosidade e, portanto, um item interessante de estar na coleção.

Diante destas considerações, podemos concluir que os contatos estabelecidos e mantidos por Joan Salvador que o conecta, de alguma maneira, com a América não foram articulados com uma única finalidade. A diversidade inerente de um grupo tão plural, composto por cirurgiões como o próprio Alapont, agentes comerciais como Pau Martí e Joan Sala, naturalistas – acadêmicos ou não – como Boerhaave e James Petiver, assim como por tantos outros, estava, em boa parte, relacionada com suas vivências pessoais e singulares. Os círculos sociais e profissionais, as amizades e interesses particulares de cada um de seus colaboradores se traduziam em infinitas possibilidades que estimulavam as mais distintas ambições de Joan Salvador – do mesmo modo que ele próprio representava igualmente inúmeras possibilidades para cada um destes colaboradores.

Dada a logística do comércio de curiosidades exóticas, que dependia da convergência de copiosas variantes para se concretizar, a otimização dos negócios era tanto uma conveniência como uma necessidade. Manter aquele contato ativo enquanto se aguardava por curiosidades do Novo Mundo, era uma importante estratégia para proteger seus interesses, assegurando que não seria esquecido quando alguma novidade estivesse disponível. Movimentar comércios paralelos cumpria com este papel ao mesmo tempo em que fazia a colaboração interessante para todos os envolvidos, afinal, a dinâmica de um comércio de materiais ordinários era infinitamente mais simples, capaz de proporcionar retornos mais rápidos. Diferentemente do primeiro, os materiais circulados nestes negócios paralelos eram tratados como produtos – especiais, é certo –, como mercadorias monetizadas. Ou seja, elas tinham um valor que se media através do dinheiro, o qual se diferenciava das curiosidades cuja valiosidade variava de acordo com o grau de raridade ou singularidade.

Estas mercadorias tinham um preço que não era quitado com outras curiosidades, mas sim através de comissões bancárias. Ao colaborador cabia apenas a função de buscar pelo item solicitado – que costumava estar ao seu alcance, sem a necessidade da intermediação de terceiros e, portanto, muito mais descomplicado –, algumas vezes adiantar o pagamento e enviá-lo para a parte interessada, sem implicar favores ou retribuições gratuitas em agradecimento pela diligência prestada. Embora a correspondência em discussão não mostre explicitamente estes detalhes, a distinção entre mercadoria e curiosidade está nela implícita, sentida em suas suscintas observações sobre a frequência de alguns materiais em relação a outros. Declarações como as de Alapont podem ser compreendidas, então, como pequenos testemunhos de um quadro que se renovava constantemente, onde as novidades daquele

momento passariam pela perícia atenta de naturalistas como Joan Salvador e, à medida que seu lugar na natureza era determinado, definia-se também a sua utilidade. Assim, a essência especulativa e contemplativa própria da materialidade das curiosidades cedia espaço para uma materialidade aplicada, característica da mercadoria comercial, engendrando um processo no qual aquele objeto estava suficientemente controlado para passar das estantes dos gabinetes de curiosidades para as prateleiras das boticas e, assim, alcançarem, paulatinamente, seu espaço entre as mezinhas dos cidadãos comuns.

Se nas últimas cartas analisadas estas questões são bem sutis, em outras situações estão mais nítidas, sendo detectadas sem grandes esforços. Quando nos propusemos a entender o lugar que a América ocupou nas coleções da família Salvador, não podemos desconsiderar os efeitos práticos dos materiais que aqueles indivíduos tiveram a oportunidade de manejar. Dessa maneira, nas próximas páginas nos aproximaremos das atividades profissionais de nossos personagens principais, analisando como estes materiais recebidos paralelamente ao comércio de curiosidades se inseriam no cotidiano de Joan Salvador como boticário, nos acercando cada vez mais do nosso propósito de compreender a participação da família Salvador na circulação, na produção e na popularização do conhecimento sobre a natureza americana.

### **2.3. Desafiando a ordem: *americana* para uma coleção ou para uma botica?**

Estamos acompanhando progressivamente cada passo do empreendimento idealizado por Joan Salvador, visando o enriquecimento de suas coleções de *americana*. A longa e estreita amizade que mantinha com personagens que estavam, cada um a sua maneira, envolvidos com o comércio colonial, fizeram daquelas ocasiões, oportunidades ideais – umas mais que outras, como já sabemos – para a realização de seu projeto.

Acompanhamos algumas das muitas estratégias por ele empregadas para controlar a situação, sendo a medida mais urgente a articulação de uma rede de colaboradores que estivessem dispostos a atuarem em seu favor, especialmente aqueles que, de alguma forma, se conectavam com a figura de Pedro de Almeida e o Brasil. Basicamente, o sucesso do projeto dependia da ação daqueles personagens. Além da questão geográfica, que situava Lisboa no epicentro das rotas comerciais coloniais, a própria dinâmica do comércio ultramarino de curiosidades exigia a intermediação incisiva de colaboradores que, necessariamente, deveriam ser bem relacionados localmente. A razão disso, em boa parte, se justificava no fato de que estes intermediários assumiam a responsabilidade de representar Joan Salvador em sua ausência. E, defender seus interesses incluía inúmeros protocolos que passavam desde o

repassa de cartas e possíveis materiais para ambos os lados, ter controlada a agenda e o carregamento das frotas, de especular, negociar e, ao mesmo tempo, de escrever tanto para seu correspondente interessado mantendo-o informado de tudo que acontecia, como também e, especialmente, de pressionar a outra parte a ceder e atender aos seus pedidos.

Quase unanimemente, o que motivava estes colaboradores a assumirem tamanha responsabilidade não era exatamente a satisfação de Joan Salvador, mas sim o que um Joan Salvador satisfeito poderia lhe proporcionar. Dado às adversidades que este tipo de comércio estava suscetível, o reconhecimento pelo trabalho realizado era sempre um prognóstico, um objetivo que, para aqueles catalães em Lisboa, se mostrava cada vez mais distante e inatingível. Mas, fato era que, se o plano de Joan Salvador não saísse como o esperado, ninguém se beneficiava. Diante de um quadro onde o descontentamento era bilateral, a movimentação de atividades simultâneas e paralelas, foram cruciais para os dois lados: para Joan, por garantir que seus colaboradores não perdessem o interesse e abandonassem aquele negócio, assim como para intermediários, como Joan Sala, que atuavam como agentes comerciais, e tinham no comércio a sua principal fonte de renda. Diferentemente de Pau Martí, cuja participação no projeto ocultava também intenções pessoais e sociais, os interesses de Joan Sala pareciam ser mais de ordem econômica, visto que, durante toda a correspondência intercambiada com Joan Salvador, a sua tentativa de estabelecer um outro comércio, independente das amostras naturais da América, é evidente. Enquanto as desejadas curiosidades do Brasil não eram alcançadas, este comércio paralelo foi rentável tanto para Sala, que tirava sua participação pela venda das mercadorias, quanto para Joan Salvador que adquiria novos itens para suas coleções e, fundamentalmente, para o abastecimento da botica da família.

Considerando que a dinâmica dos negócios já está suficientemente demonstrada nesta tese – e levando em consideração que novos aspectos serão ainda discutidos no próximo capítulo –, nos interessa, neste momento, voltar a atenção para algumas transações comerciais específicas, cujos conteúdos estão diretamente associados ao ofício do boticário e, portanto, à atividade profissional dos nossos personagens. Como mencionado ainda há pouco, o que, em boa medida, transformava um objeto desconhecido e curioso em um produto, era a experiência. Quero dizer, uma vez que um medicinal exótico, por exemplo, superava a análise criteriosa daqueles que se propuseram a estudá-lo e compreendê-lo, ele estava apto para ser utilizado deliberadamente em situações que já previam os seus resultados.

Com seu lugar definido, o produto se tornaria muito mais acessível. A acessibilidade, no entanto, não estava somente relacionada com a facilidade de se encontrar aquele produto

no mercado, mas sim e talvez, principalmente, em termos de informação e conhecimento. Ou, quem sabe, na realidade, um fosse tanto a causa como o efeito do outro. Os resultados adquiridos nos processos investigativos, foram compartilhados através de publicações que comunicaram a existência de uma curiosidade já com sua finalidade estabelecida. Assim, estes trabalhos permitiram que um público muito mais amplo pudesse se beneficiar das novidades obtidas de uma natureza ainda por descobrir. Boticários e outros tantos profissionais cuja atuação estava basicamente relacionada com o aspecto prático de seus ofícios, desconsiderando abordagens, digamos, mais filosóficas, procuravam por aquele material a partir de sua indicação, interessados em sua eficácia atestada e divulgada.

Consequentemente, a procura acabava por influenciar na oferta do mesmo, onde o interesse manifestado de um lado se convertia em meio fértil e promissor para a atuação de muitos profissionais. Dessa maneira, haviam muitos interesses envolvidos que agiam simultaneamente, e em convergência, para que aquele negócio fosse concretizado e atendesse satisfatoriamente à demanda de cada parte interessada. É por esta razão que, muitas vezes, um produto era mais fácil de ser encontrado em relação a outros. E é por isso também que quanto mais estabelecido e assíduo no mercado, mais aquele produto se distanciava de seu caráter curioso de outrora, ainda que acrescentara sua consideração em outros aspectos. Por outro lado, dada à complexidade da dinâmica das redes de comércio internacionais que exigiam de seus participantes protocolos específicos, o acesso a estes materiais exóticos, por mais recorrentes que fossem em um determinado local, não estavam ao alcance de todos, fazendo com que muitos indivíduos neles interessados, dependessem, também, da intermediação de outros contatos.

Embora semelhantes a princípio, o comércio de *americana* realizado dentro do próprio continente europeu apresentava vantagens importantes em relação ao ao comércio de proporções intercontinentais, fundamentalmente porquê pulava a etapa mais essencial daquele negócio – talvez não para todos, mas sim para Joan Salvador - que era a persuasão de outros personagens diretamente relacionados com a América. Desse modo, quando o comércio de algum item possuía certa vigência internamente, o desafio teria recaído sobre aquele que na outra situação cumpria o papel de intermediário. Pensando desta forma, se muitas destas novidades foram colocadas em circulação através de cidades estratégicas para o comércio colonial, como Cádiz, Sevilha e Lisboa, os colaboradores nelas articulados alteravam sua condição, transformando-se em fornecedores de mercadorias e, logo, um importante contato. Dada as boas e estreitas relações que Joan Salvador mantinha com personagens estabelecidos nestas cidades estratégicas, o boticário catalão certamente se beneficiou com estas



comodidades. Enquanto Joan tinha acesso aos medicinais vendidos em Lisboa, por exemplo, muitos de seus colegas e correspondentes não tinham a mesma sorte, simplesmente por não terem uma rede de colaboradores que previam contatos na capital portuguesa. Neste sentido, a correspondência mantida, especialmente com Joan Sala, nos permite compreender a dinâmica destes comércios paralelos que, mesmo baseado em circulação de produtos de origem americana não pode ser equiparado ao comércio de curiosidades.

Através de dois medicinais específicos, a salsaparrilha e a parreira-brava, podemos nos confrontar com as possíveis divergências epistemológicas que refletiam no antagonismo entre curiosidade e mercadoria, ao mesmo tempo em que nos aproximamos da posição medular ocupada por Joan Salvador entre seus correspondentes que não tinham contato direto com agentes comerciais em Lisboa, tal como tinha com Joan Sala, em um quadro em que, possivelmente a partir daquele comerciante catalão e demais correspondentes, Joan Salvador teria abastecido não somente a sua botica, mas também a de muitos outros boticários de vários cantos da Europa, especialmente seus vizinhos franceses. Esta constatação foi feita a partir de uma carta escrita por Joan Sala em julho de 1721, na qual dizia “A [carta] que Vm. me escreveu em 31 de maio respondendo à informação solicitada chegou em oportuna ocasião, que logo comprei todos os livros encomendados e mais um novo do Mirandella com a meia quinta de salsaparrilha e em dois fardos embarquei, como a par do conhecimento incluso, no pinco do capitão Gabriel Gibert”<sup>402</sup>.

Interessante por muitos aspectos, esta declaração de Sala, contudo, chama a atenção para um fato em particular. Como claramente explícito em sua fala, Joan Salvador teria a ele recorrido para encomendar alguns livros, assim como a salsaparrilha, que é justamente o primeiro dos itens que nos merecem agora atenção especial. Não é novidade que Sala teria sido um importante fornecedor de medicinais exóticos para Salvador. Quando nos dedicamos a analisar o desenrolar da sua intermediação entre Joan Salvador e seus contatos no Brasil, chegamos a abordar o assunto. Porém, o que nos chama a atenção nesta encomenda, não corresponde exatamente ao produto em si - proveniente do Brasil, ainda que não fora em sua origem um produto exclusivamente americano, posto que também havia salsaparrilhas europeias, asiáticas e africanas -, mas sim a quantidade solicitada: Joan Sala teria enviado

---

<sup>402</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-29. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 01/07/1721]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 70].

cerca de trinta quilos de salsaparrilha a Barcelona, uma quantidade que, se não exorbitante, também nada modesta – ainda mais se o produto fosse comercializado seco.<sup>403</sup>

A quantidade é confirmada em uma carta seguinte, escrita ainda naquele mesmo mês de julho, onde Sala atualiza Joan sobre o envio das mercadorias, dizendo “em primeiros do corrente escrevi a Vm encaminhando a apólice dos dois fardos, que para seu conhecimento foram com o pinco catalão [...] encontrará Vm inclusa nota do gasto feito pelos livros todos com um novo aviso junto, que confio será do gosto e as duas arrobas de salsaparrilha que por ter me assegurado ser de boa qualidade resolvi pegá-las mais do habitual”<sup>404</sup>. Com esta última frase, Sala não apenas nos confirma que, de fato, quase trinta quilos de salsaparrilha foram enviados desde Lisboa até Barcelona, como indica que, também naquela ocasião, a comercialização do produto já tinha alguma regularidade nos negócios levados a cabo entre ele e Joan Salvador. Tal constatação é feita a partir de sua declaração - que é quase uma justificativa – sobre a razão por ter comprado os trinta quilos da salsaparrilha, quantidade que, ao que parece, era maior ao que lhe havia sido encomendado. A razão desta interferência estava, de acordo com Sala, na qualidade do produto que, por ser superior ao que costumava ser encontrado em Lisboa, julgava vantajoso adquiri-la em maior quantidade do que o *habitual*, sugerindo que já havia comprado e enviado a salsaparrilha para Joan Salvador em oportunidades passadas.

Através das informações fornecidas por Joan Sala, podemos deduzir, pois, que a salsaparrilha de origem brasileira era um produto consolidado no mercado português, com considerável capacidade para atender uma demanda internacional. A facilidade com que foi comprada e enviada a Barcelona é um sinal bastante convincente da regularidade do produto na cidade, diferentemente do que acontecia com outros produtos exóticos cuja disponibilidade dependia da sorte, um fator que tornava a aquisição bastante imprevisível, já que o abastecimento variava de acordo com o conteúdo aportado pelas embarcações que faziam a rota do comércio colonial.

Se por um lado não é difícil compreender a prontidão de Sala em enviar a mercadoria, por outro lado resta entender qual seria o interesse de Joan Salvador em adquirir, de uma só vez, trinta quilos de salsaparrilha. Evidentemente, está descartada a hipótese de a mesma estar associada à coleção, a qual, seguramente, se tratava de um provisionamento para a botica.

---

<sup>403</sup> Em Portugal do século XVIII, uma quinta ou quintal equivalia a quatro arrobas, que por sua vez era o equivalente a aproximadamente quinze quilos (Lopes, 2003, p.113-164).

<sup>404</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-30. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, julho de 1721]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 71].

Ainda que com uma finalidade claramente comercial, não é possível determinar com exatidão como a salsaparrilha adquirida teria sido aplicada por Joan Salvador. No entanto, podemos considerar algumas hipóteses, sendo a primeira, e mais óbvia, associada à sua utilização como ingrediente de receitas formuladas e vendidas na botica ou, se não em versão composta, igualmente comercializada como simples medicinal. Estas possibilidades também podem incluir uma terceira via de aproveitamento, que não necessariamente exclui as duas anteriores, na qual Joan Salvador atuaria como fornecedor do produto para aqueles boticários ou interessados que não tinham acesso direto a ele, revendendo, então, parte da salsaparrilha que chegava de Lisboa através de seus colaboradores.

A hipótese da revenda, neste caso, está associada a um quadro igualmente hipotético conjecturado a partir de uma carta escrita pelo naturalista francês Pierre Barrère (1690-1755) a Joan Salvador, em 1718.<sup>405</sup> Nela, Barrère não cita a salsaparrilha, mas pede por informações de outros medicinais americanos, em uma situação bastante interessante: “Sr. Razouls lhe dá seus respeitos e me instrui a confirmar com você a que preço é vendido o sal da Inglaterra, a parreira-brava, a madeira nefrítica e o pau-ferro”<sup>406</sup>. Como podemos ver, Barrère estava atuando como intermediário entre um possível comércio entre Joan Salvador e o referido Razouls, boticário em Perpignan. Deve-se dizer, também, que além destes, Barrère também solicitaria, em outra ocasião, “o *cortex Winteramus legitimus anglorum*”, o qual ele dizia ter interesse na comprar por um motivo bastante interessante: “é para guarnecer meu droguista que carece de tudo isso e eu não pude encontrar em Paris”<sup>407</sup>. O conteúdo destes comércios já são interessante por si só, pois basicamente se tratava de medicinais de origem americana e, ao que tudo indica, revendidos por Joan Salvador **[Imagem 9]**<sup>408</sup> Porém, um deles é especialmente curioso e corrobora com a possibilidade que postulamos sobre a atuação de Joan como redistribuidor de simples americanos entre outros boticários de um entorno mais ou menos vinculado com Barcelona e suas redes comerciais tradicionais.

De fato, Barrère e Razouls, estavam estabelecidos em Perpignan, cidade sob soberania do rei francês desde 1665, mas que não surpreende ver vinculada a essas redes comerciais

---

<sup>405</sup> Atualmente, conservam-se nove cartas escritas por Pierre Barrère a Joan Salvador, entre 1718 e 1720. Algumas delas estão bastante deterioradas pela umidade e a boa parte do conteúdo está comprometido e não pode ser lido. Por outro lado, a relação da família Salvador com o médico de Perpignan, especialmente a correspondência mantida com Josep Salvador i Riera, pode ser consultada em: Camarasa; Amigó, 1993.

<sup>406</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/15-14. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 20/05/1718]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 72].

<sup>407</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/15-18. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 27/05/1720]. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 73]. Salv-8507, Et 435.

<sup>408</sup> Entre eles, destacamos a chamada *madeira nefrítica*, a qual os Salvador possuíam uma amostra em sua coleção, a qual identificaram como “*palo de hijada*” (Salv-8300).

desde a mais próxima Barcelona. O mesmo cabe dizer sobre o fato de que recorreram a Joan Salvador para comprarem a parreira-brava, uma planta que a literatura especializada assinala como difundida na Europa através de determinados autores franceses desde meados do século XVII, quando James Amelot, embaixador de Luís XIV, a teria introduzido em Paris, ainda que o certo é que a rede comercial que a trazia a Lisboa desde Brasil datava de muito antes e, como prova esta vinculação com Barcelona e Perpignan, não necessariamente se limitava a se comercializar em uma rota de Lisboa a França e, daí, ao resto da Europa. Desde então, a parreira-brava esteve presente em inúmeros tratados de matéria médica franceses, como a obra de Adrien Helvetius<sup>409</sup> e o relatório inteiramente dedicado a planta redigido por Etienne-François Geoffroy, em 1710.<sup>410</sup>

O envolvimento de Joan Salvador no comércio da parreira-brava poderia, por sua vez, estar relacionado com Joan Sala ou algum de seus contatos em Lisboa, exatamente como conhecemos através da salsaparrilha [Imagem 10] [Imagem 11]. É importante ressaltar que na coleção remanescente conservam-se amostras tanto da parreira-brava quanto da salsaparrilha,<sup>411</sup> o quê, de acordo com a nossa linha interpretativa, nos faz considerar que ambas, em algum momento, foram tratadas como curiosidades, como novidades. Assim como os demais itens de *americana* citados nesta tese, não podemos afirmar quando teria ocorrido o contato de Joan com as amostras em questão, mas, arriscaria situá-lo, mais uma vez, no contexto da viagem realizada ao lado de seus colegas franceses, especialmente em sua etapa de Lisboa, ponto de chegada, como já apontado, da parreira-brava a Europa.

Essa aposta está apoiada nas informações repassadas por Antoine de Jussieu em seu informe oficial redigido ao regente da França – o mesmo que consultamos para problematizar a amostra de contraerva também preservada na coleção. Ao destacar as qualidades de algumas espécies botânicas que teve a oportunidade de examinar quando esteve em Lisboa, Jussieu fez a interessante observação “a raiz de parreira-brava usada no nefrítico é tão comum e tão barata em Portugal que muito poderia ser tirado dela para facilitar seu uso no Reino onde é estimada por causa da pequena quantidade que nos vem de Surat e Ponticheri”<sup>412</sup>. Nela, como

---

<sup>409</sup> Helvetius, A. (1707). *Traité des maladies les plus frequentes et des remedes specifiques pour les guerir avec la methode de s'en servir pour l'utilité du public & le soulagement des pauvres*. Na biblioteca Salvador encontram-se dois exemplares (E/II/11 e 2/II/23).

<sup>410</sup> Geoffroy. (1710). *Sur le pareira brava*, in *Histoire de l'Academie Royale des Sciences*, p.56-69.

<sup>411</sup> No inventário da coleção conservam-se duas amostras de parreira-brava, sendo uma de seu raiz e outra de sua casca (Salv-7529 e Salv-8493, respectivamente). A amostra de salsaparrilha conservada é composta pela raiz da planta (Salv-8498).

<sup>412</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (4). Texto original em francês: “que la racine de *Pareira brava* employée dans la néphrétique est si commune et à si vil prix en Portugal qu'on pourroit en tirer beaucoup de là pour en faciliter l'usage dans le royaume où elle [est] chère à cause de la petite quantité qui nous en vient de Surate et de Pontichéri”, cf. Laissus, J.;Laissus, 1970, p.32.

podemos ver, Antoine de Jussieu via na parreira-brava disponível em Portugal uma excelente substituta para a espécie que os franceses importavam, em pequenas quantidades, de suas colônias na Índia. A principal vantagem dessa substituição, segundo ele, estava justamente na abundância em que a planta era encontrada naquele país, o quê, conseqüentemente, a tornava infinitamente mais barata que a sua equivalente indiana.

A maneira como Antoine de Jussieu expõe suas observações, permite considerar que aquela planta era algo ainda a ser explorado. Considerando que Joan Salvador compartilhou as mesmas experiências investigativas com seu companheiro durante a viagem, pode ser que a parreira-brava também tenha chamado sua atenção e, por esta razão, teria levado consigo amostras da planta para melhor estudá-las quando estivesse de volta à Barcelona, em maio de 1717. Coincidentemente, a segunda referência que temos sobre a parreira-brava entre a documentação manuscrita consultada é justamente a carta de Barrère, escrita no ano seguinte, perguntando pelo preço do medicinal, sugerindo que Joan Salvador era, se não um revendedor, alguém que tivesse alguma participação na comercialização do produto.

Através do exemplo bastante sugestivo da parreira-brava, considerar o envolvimento de Joan Salvador na revenda da salsaparrilha, assim como de qualquer outro medicinal exótico, se torna perfeitamente plausível. Porém, mesmo que o montante de produto adquirido não estivesse designado para esta finalidade, ainda assim defendemos a sua aplicação em termos práticos, com propósitos comerciais. Se voltarmos nas duas cartas citadas de Joan Sala, veremos que, em ambas, ele comunica que, junto com a salsaparrilha **[Imagem 12]**, havia enviado também alguns livros, sobre os quais dizia ter descrito cada um deles em uma nota, onde constava o valor pago por cada item enviado naquela ocasião. Afortunadamente, a referida nota se conserva entre as correspondências, permitindo-nos conhecer exatamente quais foram os títulos solicitados por Joan Salvador e o quanto ele havia pagado por cada um dos volumes, assim como pela salsaparrilha **[Imagem 13]** **[Imagem 14]**.

Basicamente, os livros comprados por Joan Salvador através de Joan Sala eram todos tratados portugueses de matéria médica. Entre eles, destacamos especialmente a *Pharmacopea Lusitana Reformada*, publicada em 1711, escrita pelo religioso e boticário do Mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa, Dom Caetano de Santo Antônio. Além desta obra, a primeira farmacopeia – não oficial – de Portugal, estavam quatro títulos de autoria do médico João Curvo Semedo, das quais ressaltamos, especialmente, a sua *Polyanthea medicinal*, de 1716, assim como a *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte*, publicada em 1720. Entre os pedidos de Joan também estavam dois trabalhos de Francisco Fonseca Henriques, médico de D. João V, referenciado por Joan Sala como *Dr. Mirandela*, dos quais

destacamos o *Medicina Lusitana*, de 1710. Embora todos os títulos adquiridos, inclusive os que aqui não foram mencionados, sejam importantes testemunhos dos usos das plantas americanas na terapêutica não só portuguesa, como europeia no geral, as obras sinalizadas são especialmente interessantes, pois utilizam a salsaparrilha em algumas receitas apresentadas, ressaltando a sua eficácia no processo de cura de determinadas enfermidades, como por exemplo, a receita de “pós de salsaparrilha” que, segundo Caetano de Santo Antônio, se comportava muito bem no tratamento do *morbo gállico*, a sífilis.<sup>413</sup>

Assim, ao desembolsar 24,314 réis totais pela compra dos livros, mais a salsaparrilha – incluindo neste valor os gastos de postagem –, Joan Salvador estava adquirindo não apenas a matéria-prima, mas também o conhecimento sobre ela. Quero dizer, as informações contidas naquelas obras certamente serviram como referências para que Joan pudesse formular suas próprias receitas. O interesse em conhecer as indicações dos autores portugueses, indicam uma preocupação do boticário catalão em utilizar aquele medicinal da maneira mais adequada possível, podendo, assim, não apenas ter a satisfação de “dominar” aquilo que outrora fora uma curiosidade, mas de poder ofertar aos seus clientes um produto cuja a eficácia garantia tanto a recuperação do enfermo quanto sua própria reputação.

Através do exemplo da salsaparrilha – e reforçado pelas considerações sobre a parreira-brava – fica evidente que a natureza americana ocupou um lugar bastante diverso no cotidiano de Joan Salvador, fazendo-se presente em todos os âmbitos de sua vida profissional e intelectual, se estendendo, portanto, ao estabelecimento comercial familiar. O esforço em tentar manter a botica atualizada com as novidades que continuamente aportavam do Novo Mundo, se manifestava não somente por meio da aquisição do produto, mas pela preocupação em garantir que sua aplicação fosse adequada, exigindo de seu proprietário contínuo estudo sobre a utilização, a eficácia e a rentabilidade daqueles novos medicinais.

Contudo, não podemos ignorar o fato de que, nem sempre, o interesse por um determinado produto decorria, necessariamente, de sua manipulação prévia. Nesta tentativa de estabelecer relações entre os espécimes americanos anunciados e colocados em circulação através das redes articuladas por Joan Salvador com suas diferentes ocupações, um outro elemento é bastante expressivo, pois nos direciona, justamente, em uma direção oposta. Nos ocuparemos dele no seguinte apartado.

#### **2.4. Os significados cambiantes da natureza americana: o caso da ipecacuanha**

---

<sup>413</sup> *Pharmacopea Lusitana*, 1711, p. 315.

En efecto, o caso da ipecacuanha nos acerca de uma interpretação que considera a aproximação de Joan Salvador com esta espécie como resultado de seu interesse por uma enfermidade em específico, a peste de Marselha, cujo o êxito da cura esteve associado à ação da mesma. Assim, a raiz poderia ter se convertido em algo atraente para Joan Salvador a partir da constatação de seus resultados, quando o que se estava buscando era a compreensão da doença e não exatamente da própria planta, onde, provavelmente, o conhecimento experimentado e compartilhado por outros estudiosos teriam se anteposto ao material.

É importante esclarecer que esta constatação de maneira alguma pretende determinar que Joan Salvador teria conhecido a ipecacuanha através das informações fornecidas por seus correspondentes naquele contexto, visto que a planta, assim como a salsaparrilha e a parreira-brava, havia sido divulgada – não só, mas também – pelos mesmos autores que observaram as propriedades das anteriores em seus tratados médicos. O que nos faz situar a ipecacuanha em um lugar diferente da salsaparrilha, por exemplo, é, mais uma vez, a causa do interesse, ou seja, aquilo que teria levado Joan a se interessar pela planta, motivo este que, na nossa interpretação, se difere consideravelmente da salsaparrilha, tanto em causa como em efeito.

Quando analisamos a correspondência epistolar e o conteúdo das coleções particulares dos naturalistas e boticários da linhagem dos Salvador, nos movimentamos pelas entranhas mais ocultas das relações construídas e mantidas pela família, conectando a personagens, espaços, ideias e objetos cuja notabilidade nos anais da história são tão diversas quanto os dados que nos aportam. Compreender como a natureza americana esteve presente no cotidiano, sobretudo, de Joan e Jaume Salvador, não só permite como exige, então, conhecer detalhes muitas vezes preteridos em análises mais generalizadas. Embora as aspirações ambiciosas de Joan Salvador exigissem dele o controle de tudo e todos ao seu redor, como forma de garantir o sucesso de seus objetivos, não podemos desconsiderar que seus projetos estavam dentro de um contexto mais amplo, onde os fatos – completamente fora de seu domínio – acabavam por influenciar diretamente em seus interesses e decisões.

Pensando desta forma, se torna altamente relevante o fato de que Joan Salvador e mais ainda o seu pai Jaume, viveram em uma época marcada pelo ressurgimento de graves epidemias, sobretudo a peste. A doença, conhecida por sua temporalidade cíclica, fez-se presente em diferentes momentos entre os séculos XVII e XVIII em distintos locais da Europa, inclusive em Barcelona.<sup>414</sup> Um dos mais terríveis surtos que a capital catalã sofreu durante sua história moderna, entre 1650 e 1654, corresponde aos primeiros anos de vida de

---

<sup>414</sup> Sobre a peste em Barcelona, ver Betrán Moya, 1996, Amelang, 1991.

Jaume Salvador, que nasceu no ano anterior ao reaparecimento da doença na cidade. Apenas uma década depois, em sua juventude, Jaume assistiria a “grande praga de Londres” assolar a capital inglesa durante os anos de 1665 e 1666. No século seguinte, acompanharia, ao lado seu filho Joan, os avanços dos assombrosos episódios decorrentes da epidemia que ceifou boa parte da população de Marselha entre os anos de 1720 e 1721.

A peste esteve, então, presente no imaginário dos europeus modernos, especialmente daqueles que atuavam no campo médico. Sendo Joan Salvador a terceira geração de uma linhagem de boticários que, por diferentes ocasiões, vivenciaram o drama da doença, não é de se estranhar que a mesma tivesse estado, de alguma maneira, no cerne de suas preocupações. Contemporâneos a alguns casos, o medo de a epidemia superar os pontos de contágio e se alastrar por todo o território era por si só um motivo suficientemente convincente para que estes profissionais, cujo ofício estava diretamente relacionado ao tratamento e prevenção da doença, sentissem a necessidade de estarem atualizados sobre cada descoberta acerca de sua natureza. Conhecer sistematicamente os mecanismos da enfermidade e ter sob controle as medicinas que melhor respondiam em cada um dos seus estágios, garantiam a eficácia de suas fórmulas ao mesmo tempo em que os asseguravam de estarem preparados em caso de uma nova epidemia local. Neste sentido, a correspondência de Joan Salvador com seus colegas franceses é especialmente interessante para demonstrar como a ameaça latente de um surto de peste produziu novas teorias sobre a doença, ao mesmo tempo em que foi responsável por reconfigurar a utilidade de uma planta americana já conhecida e utilizada na terapêutica europeia, a ipecacuanha. E, ao passo que a utilidade da planta se alterava, se transformava também o interesse de Joan Salvador por ela, que se mostraria muito mais atraente para o boticário e naturalista catalão **[Imagem 15]**.

A segunda década dos setecentos correspondeu a um dos períodos mais produtivos da carreira de Joan Salvador. Os anos seguintes de sua viagem pela Espanha e Portugal foram marcados por um intenso intercâmbio de materiais e de informações, movimentados, em boa parte, pelos resultados daquele empreendimento. Os novos contatos, as descobertas e as tantas oportunidades que aquele cenário representava, estimularam-no a se dedicar à correspondência epistolar, mantendo ativa a sua rede de contatos para garantir, assim, o enriquecimento das coleções familiares e a aquisição de mercadorias úteis para sua botica. Como veremos no próximo capítulo, os materiais coletados durante a jornada foram divididos entre Joan e seus companheiros franceses, onde, em momentos posteriores seriam repassados de um lado ao outro, onde, parte daquilo que estava em seu poder deveria ser enviada a



Antoine de Jussieu e, da mesma forma, os materiais que se encontravam em Paris, deveriam ser enviados a Barcelona.

Por esta razão, a correspondência mantida entre ambos naquele momento, tratava, basicamente, de assuntos profissionais relativos à recuperação das coleções organizadas durante a viagem. No entanto, constaremos que o projeto não havia saído exatamente como o planejado, sobretudo para Joan Salvador. No capítulo seguinte, veremos que Antoine de Jussieu não cumpria com o combinado, deixando seu colega em constante espera pelos materiais solicitados em diferentes ocasiões. Com as relações estremecidas, Antoine Jussieu justificava a frequência – ou ausência – dos retornos, alegando dificuldades financeiras, fator que seria profundamente agravado nos anos seguintes. O motivo? O surto de peste que acometeu a cidade de Marselha, cujas consequências se estenderam por todo o território francês.

Da mesma forma em que Joan Salvador estava interessado nos materiais coletados durante a viagem, o reaparecimento da doença no país vizinho não apenas deveria ter lhe causado preocupação pelo bem-estar de seus colegas franceses, como também por sua própria segurança, alarmado com a possibilidade de a doença se converter em uma pandemia. Afinal, a Catalunha faz fronteira com o sul da França e, ambas as cidades – Marselha e Barcelona –, eram pontos comuns nas rotas comerciais de muitas embarcações que navegavam no Mediterrâneo.

Diante deste quadro, e pelas razões ainda há pouco discutidas, Joan Salvador se mostraria interessado em conhecer e manter-se atualizado sobre cada desdobramento da epidemia, especialmente sobre as observações médicas daqueles profissionais que atuaram diretamente nos pontos de contágio com a população pestilenta, numa tentativa clara de “dominar” a doença. Embora tivesse sido Bernard de Jussieu o primeiro a comunicar sobre a epidemia, em carta escrita desde Lyon em setembro de 1720, seria de Antoine, seu irmão, que Joan Salvador receberia as notícias que tanto lhe interessariam. Neste sentido, em carta escrita em dezembro de 1720, Antoine de Jussieu informaria a seu amigo “sr. Chicoyneau acabou de me enviar o breve relatório que ele fez, seu prognóstico e a maneira de tratá-la que é muito sábio e eu aprovo muito. Vamos enviar alguns desses relatórios impressos caso o sr. Nissolle não o possa fazer”<sup>415</sup>. Professor de anatomia e botânica na Universidade de Montpellier, François Chicoyneau (1672-1752) foi encarregado por ordem do regente da França, Felipe de Orléans, a atuar em Marselha, com o intuito de compreender a natureza da doença e fazer um

---

<sup>415</sup> IBB, Fons Salvador, R.(02/01-6). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador (Paris, 22/12/1720), *cf.* Camarasa, 1997, p.95. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 74].

diagnóstico completo daquela epidemia, constatações estas que foram compiladas e publicadas no relatório mencionado por Antoine de Jussieu.<sup>416</sup> Sobre as teorias de Chicoyneau acerca do tratamento da doença, Jussieu apenas se limitaria a dizer que “a ipecacuanha, o chá e licores [ileg.] foram remédios melhores sucedidos”<sup>417</sup>, destacando, assim, os bons resultados apresentados pela planta americana naquele difícil tratamento.

Relacionar a cura da peste à eficácia da ipecacuanha surgiria como uma novidade não apenas para Joan Salvador, mas igualmente para todo o círculo médico-científico europeu. A planta, cujas propriedades terapêuticas como purgante emético eram conhecidas desde o século XVI, figurou em inúmeras obras com menor ou maior nível de especialização até aquele momento.<sup>418</sup> Apesar de suas qualidades serem mencionadas desde os primórdios da colonização da América nos tratados, crônicas e relatos dos jesuítas que se dedicaram a descrever a flora do Novo Mundo, foi somente na segunda metade do século seguinte, com a publicação em 1648 da obra de Piso e Marcgrave, que a planta receberia mais atenção nos círculos acadêmicos e científicos europeus.<sup>419</sup> Aceitação que se reforçaria, através da publicação de *Remède contre le cours du ventre* escrito por Helvetius, em 1688, onde, entre outros, o médico holandês detalhava como havia sido bem-sucedido no tratamento de doença que acometia o delfim da França, atribuindo à raiz americana o êxito de seus esforços. Dada a visibilidade do enfermo, o trabalho de Helvetius teve grande circulação no continente e, mesmo não sendo Helvetius exatamente um médico renomado, acabou por criar uma demanda pela promissora planta, estimulando outros naturalistas, boticários e médicos com memórias científicas reconhecidas internacionalmente a relatarem suas próprias observações sobre o promissor medicinal. A partir de então, a ipecacuanha passou a figurar com mais frequência na literatura médica, onde seria objeto de estudo de importantes naturalistas como Pierre Pomet,<sup>420</sup> Joseph Pitton de Tournefort e Hans Sloane<sup>421</sup> que, ainda no século XVII, trataram de compartilhar suas experiências e considerações sobre a planta.

---

<sup>416</sup> Chicoyneau (1721). *Relation de la peste de Marseille contenant ses symptomes son prognostic sa curation & celle des bubons & des charbons donnée par messieurs Chicoyneau Verny & Soullier*. Na biblioteca Salvador como 2/II/32.

<sup>417</sup> Anexo 74.

<sup>418</sup> Sobre as representações da ipecacuanha na literatura médico-farmacêutica europeia e, especialmente portuguesa, ver a tese de Silva Filho, W. B. *Entre as mezinhas lusitanas e plantas brasileiras: iatroquímica, galenismo e flora medicinal da América portuguesa do século XVIII nas farmacopeias do frei João de Jesus Maria*, Lisboa, 2017, p.120-134. E ainda: Boumediene, 2016.

<sup>419</sup> MarcGrave; Piso. (1648). *Historia Naturalis Brasiliae*, p. 231-232.

<sup>420</sup> Pomet, P. (1694). *Histoire générale des drogues: traitant des plantes, des animaux, & des mineraux, ouvrage enrichy de plus de quatre cent figures en taille-douce tirés d'après nature*, p.46-47. O título conta na biblioteca da família Salvador, mas, por sua descoberta e incorporação posterior ao acervo remanescente, não possui registro catalográfico.

Embora divergentes em alguns aspectos, especialmente sobre a dosagem e eficácia da planta, todos autores eram unânimes em defender a ipecacuanha como purgativo, especialmente para tratar doenças intestinais. Neste aspecto, os trabalhos publicados até a segunda década do século XVIII estavam em concordância quanto aos efeitos e indicações da ipecacuanha, até a publicação do relatório de Chicoyneau. As teorias do médico francês não apenas foram inovadoras – e bastante contestadas por refutar a sua condição altamente contagiosa – para a compreensão da doença peste, como também, aportaram novas interpretações sobre a planta, redefinindo suas qualidades e sugerindo novas maneira de utilizá-la. Assim, ao associá-la com a cura da peste de Marselha - epidemia que ameaçava todos os europeus naquele momento – Chicoyneau acabava por colocar a ipecacuanha em evidência e, possivelmente, tratava de aumentar a demanda pela planta, conforme aquele processo que discutimos algumas páginas atrás.

Após comunicar as novidades à Joan Salvador, Antoine de Jussieu escreveria uma nova carta logo na sequência, em janeiro de 1721. Nela, podemos perceber que Joan Salvador teria respondido seu amigo muito prontamente, visto que a resposta de Jussieu revelam o interesse manifestado pelo boticário catalão, repetindo “sobre as memórias acerca do tratamento da doença de Marselha o quê era mais informativo foi dado pelo sr. Chicoyneau, e que em caso do sr. Nissole não puder lhe comunicar, eu reservarei um exemplar para você ao qual juntarei vários remédios que aqui propuseram para remediar este terrível mal”<sup>422</sup>. As palavras de Antoine de Jussieu são bastante interessantes, pois ademais de comprovar a vontade de Joan em estar informado sobre tudo que era referente à epidemia, sugere que, além do trabalho impresso de Chicoyneau, faria a diligência em enviar os remédios propostos no tratamento da doença, subentendendo-se que entre eles estariam, como mínimo, a ipecacuanha, o chá e os licores destacados em sua carta anterior.

De fato, ambos, livro e medicinal, fazem parte do acervo remanescente das coleções da família Salvador. Porém, ao contrário do que sugerem as cartas de Antoine de Jussieu, quase certamente não teria sido ele o facilitador destes materiais. No caso do relatório, em ambas ocasiões ele deixa explícito que o enviaria na condição de Nissole, amigo comum entre os dois, não puder fazê-lo. Coincidentemente, embora a correspondência mantida com Guillaume Nissole fosse muito mais antiga e extensa, as cartas conservadas atualmente

---

<sup>421</sup> Sloane, H. (1698). Of the use of the root ipecacuanha, for loosenesses, translated from a French Paper: with some notes on the same, by Hans Sloane, M. D. *Philosophical Transactions (1683-1775)*, Vol. 2, p.69-79.

<sup>422</sup> IBB, Fons Salvador, R.(02/01-7). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador (Paris, 22/01/1721), cf. Camarasa, 1997, p.95-96. Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 75].

correspondem justamente a este período próximo ao episódio da Peste de Marselha, o que faz considerar que o tema também teria sido discutido entre ele e Joan Salvador.

Em carta de setembro de 1723, Nissolle comunicava ao amigo catalão que, aproveitando a visita de um boticário de Girona em Montpellier, iria enviar “o discurso do sr. Chicoyneau em que ele apresenta a peste a partir do ponto contagioso”<sup>423</sup>. Assim, mesmo que suas cartas seguintes não indiquem nenhum sinal de que o livro tenha chegado a Barcelona, consideramos muito mais plausível que tenha sido Nissole o responsável por fornecer o livro de Chicoyneau a Joan Salvador. Em boa parte, porquê, além desta carta, Nissole mencionaria novamente o relatório em uma carta de janeiro de 1724, dizendo que, junto com um pacote de sementes, enviaria “o trabalho de Monsieur Chicoyneau, no qual ele pretende provar que a praga não é contagiosa, o qual foi impresso em francês e a ele se juntou a refutação de Mr. Astruc, que lhe será bastante divertido”<sup>424</sup>. Considerando que Jean Astruc teria postulado suas críticas ao trabalho de Chicoyneau naquele mesmo ano, em 1724, não sabemos se Nissole havia enviado duas edições da obra ou se naquela ocasião ainda não o teria enviado, conforme comunicava que enviaria através do boticário de Girona.

Independente de como tenha sido, fato é que na biblioteca Salvador consta apenas a primeira edição, publicada em 1721 e, por esta razão, acreditamos que se tratava de duas edições e apenas uma foi conservada. Diferentemente do que acontecia com Antoine de Jussieu, o comércio entre Nissole e Salvador era ativo, com constantes intercâmbios, sobretudo de sementes e plantas para seus respectivos jardins experimentais. Além disso, o próprio Nissole também reclamava da falta de comprometimento de Jussieu, que não retornava aos seus pedidos. Da mesma forma, as cartas seguintes de Antoine de Jussieu demonstram que a dinâmica do comércio entre ele e Joan Salvador havia permanecido como antes, sem que nenhum envio fosse efetivado.

Se por um lado podemos considerar que o relatório sobre a peste de Chicoyneau tenha chegado até Joan Salvador através de Nissole, a tentativa de identificar o trajeto percorrido pela ipecacuanha é muito mais complexa. Considerando que muitas das obras citadas anteriormente, cujos conteúdos incluíram o medicinal americano, figuram na biblioteca familiar, pode-se concluir que, ao menos, teoricamente a ipecacuanha não era uma novidade para os Salvador. Inclusive, alguns dos autores destas obras eram amigos pessoais ou

---

<sup>423</sup> IBB, Fons Salvador, R\_(02\_20)\_2\_c.0001. Carta de Guillaume Nissolle a Joan Salvador i Riera (Montpellier, 24/09/1723). Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 76].

<sup>424</sup> IBB, Fons Salvador, R\_(02\_20)\_1\_b. Carta de Guillaume Nissolle a Joan Salvador i Riera (Montpellier, 23/01/1724). Documento transcrito na íntegra em anexo [Anexo 77].

correspondentes da família. Tournefort, um dos personagens com maior participação na divulgação da ipecacuanha, herborizou a planta em suas viagens pela Espanha e por Portugal. Em distintas oportunidades, o naturalista francês esteve na companhia de Jaume ou de Joan Salvador, podendo muito bem ter sido o responsável por apresentar a novidade botânica a seus amigos catalães. Com certa projeção na Inglaterra, a ipecacuanha dos Salvador também poderia estar relacionada com seus colaboradores ingleses, especialmente com John Lecaan, James Petiver ou Hans Sloane.

Estes dois últimos eram membros da *Royal Society*, uma instituição que, por fomentar o desenvolvimento da história natural, era um espaço privilegiado de informação sobre as descobertas feitas naquele campo do saber. Ainda em 1698, Hans Sloane teria recorrido ao periódico científico editado pela instituição – e um dos mais influentes da época – para divulgar suas impressões particulares sobre a ipecacuanha, tendo como ponto de partida uma carta francesa de autoria desconhecida.<sup>425</sup> Neste mesmo período, também podemos constatar o interesse de James Petiver pela planta através de sua correspondência particular. Aproveitando a ocasião de uma expedição inglesa com destino à América, Petiver teria convencido estrategicamente o capitão da embarcação, Edmond Halley – e companheiro de *Royal Society* –, a levar consigo um de seus aprendizes, George Harris (Stearns, 1952, 279-281). O objetivo de Petiver era que seu subordinado atuasse a seu favor, tanto coletando materiais exóticos quanto estabelecendo novos contatos, a fim de ampliar sua rede de colaboradores em diferentes pontos da América. Para tanto, Petiver redigiria uma espécie de manual, com o intuito de orientar Harris em como proceder uma vez que cruzasse o oceano. Curiosamente, uma de suas maiores preocupações com este empreendimento estava relacionado com o Brasil, e por um motivo bastante claro: “faça o seu maior esforço para conseguir-me correspondentes entre os espanhóis e portugueses e mais particularmente no Brasil, onde você deve obter o que puder dos três tipos de ipecacuanha”<sup>426</sup>.

Estas não seriam as únicas provas do interesse dos colecionadores e naturalistas ingleses pela ipecacuanha. No início do século seguinte, tanto Sloane quanto James Petiver estiveram envolvidos em trabalho investigativo sobre a planta, que havia sido encontrada nas colônias britânicas na América e anunciadas por William Byrd II. Membro forâneo da *Royal Society* estabelecido na Virgínia, Byrd manteria curiosa correspondência com seus colegas na Inglaterra, através da qual comunicaria sobre suas descobertas naturais naquela

---

<sup>425</sup> Sobre as aproximações de Hans Sloane com o medicinal americano, ver: Delbourgo, 2017.

<sup>426</sup> Escrito em 18 de outubro de 1698, o manuscrito está conservado na biblioteca britânica entre os documentos de Hans Sloane (*Sloane 3333, fol. 235-236*). No entanto, consultamos a transcrição fornecida por Raymond Stearns em sua já citada obra (1952, p. 280-281).

região. Com interesses claramente comerciais, Byrd incentivaria Sloane, na época secretário da instituição, e James Petiver a analisarem os espécimes da ipecacuanha por ele facilitados que, em sua opinião, eram muito semelhantes à espécie nativa do Brasil (Stearns, 1970, 283-285). A proposta de Byrd era que seus companheiros aceitassem comercializar a ipecacuanha virginiana, em substituição à brasileira que chegavam em Londres através de Portugal e também da Espanha, destacando os benefícios em se ter um negócio direto entre a Inglaterra e suas colônias. Dessa forma, com o aval e apoio dos respeitados e influentes médico e boticário, Byrd investiria na produção de planta, fazendo deste cultivo uma atividade rentável para ele. Apesar de suas pretensões, após muitas considerações, o projeto de Byrd não foi levado a diante, por desconfiança de Hans Sloane.<sup>427</sup>

Embora estes fatos não permitam nenhuma afirmação sobre a procedência da ipecacuanha dos Salvador, eles servem para demonstrar que a planta também esteve presente no cotidiano de seus correspondentes, ocupando, em algum momento e de alguma maneira, um espaço em suas atividades profissionais. Por outro lado, estas aproximações, por mais superficiais que sejam, são importantes testemunhos de que a ipecacuanha era um item cobiçado, porém com pouca circulação devido à quantidade insuficiente que os portugueses e espanhóis traziam-na da América, fazendo dela um produto inacessível, tanto pela disponibilidade quanto pelo preço a que era vendida. Talvez, a mercadoria aportada não fosse capaz de atender nem mesmo a demanda interna de Portugal e Espanha. Um terceiro correspondente e amigo de Joan e Jaume Salvador pertencente a este núcleo inglês também poderia ter tido alguma participação na aproximação dos boticários catalães com o medicinal americano.

Vimos no capítulo anterior que John Lecaan teve um papel fundamental na intermediação do núcleo barcelonês com importantes personagens, como Sloane, Petiver e Boerhaave. Como médico da armada inglesa, Lecaan relatou sua experiência enquanto esteve à serviço, especialmente na Espanha, em um livro de sua autoria, no qual discorria sobre as doenças mais comuns no país, sugerindo formas eficazes de tratá-las, a fim de advertir e orientar o corpo militar em serviço.<sup>428</sup> Escrito em 1708, Lecaan defendia o uso da ipecacuanha no tratamento de muitas destas enfermidades, mas, via nisto um grande

---

<sup>427</sup> Estes temas são discutidos em diferentes cartas intercambiadas entre William Byrd, Hans Sloane e James Petiver. Os manuscritos estão conservados na Biblioteca Britânica (Sloane 3336, *fol.* 10v-11; 48v-49; Sloane 3337, *fol.* 64-64; 66-67 e Sloane 4042, *fol.* 143-143v). As transcrições podem ser consultadas em “Stearns, 1970, p.283-285”.

<sup>428</sup> LECAAN, Jean P. (1708). *Advice to the gentlemen in the army of the her Majesty's forces in Spain and Portugal: with a short method how preserve their health and some observations upon several distempers incident to those countries: to which are added the medicinal virtues of many peculiar plants growing naturally in those parts and not wild in England.* Na biblioteca Salvador como *13/IV/3*.

problema, pois, de acordo com suas palavras “em todo o reino da Espanha os boticários estão muito mal providos de drogas, e o que eles têm também é muito ruim; portanto todos os senhores do exército, que estão no país, são aconselhados a providenciar uma pequena caixa cheia com os seguintes específicos, [cujo] uso e as doses estão aqui descritos”<sup>429</sup>. Como já sugerido, a ipecacuanha era um destes específicos que ele recomendava aos militares de trazerem da Inglaterra, visto que na Espanha as boticas eram muito mal providas não só de ipecacuanha, mas de todos os medicamentos no geral.

A declaração de Lecaan é interessante, pois permite duas interpretações que, mesmo contrárias, são igualmente relevantes para nossa discussão. Primeiramente, se Lecaan relatava sua boa experiência com a ipecacuanha administrada em seus pacientes em território espanhol, certamente ele mantinha consigo um estoque do medicinal, que poderia ter sido compartilhado com seus colegas catalães em alguma de suas muitas visitas ao gabinete de curiosidades e botica da família. É válido ressaltar que Lecaan escreveu seu livro antes de conhecer Jaume e Joan Salvador e, pode ser também que, no momento do encontro, a ipecacuanha já fizesse parte do acervo familiar.<sup>430</sup> Assim, Lecaan não teria feito nenhuma menção aos seus amigos por uma questão de desencontro temporal e não por eles também não terem o medicinal disponível em sua botica. Obviamente que ter uma amostra do medicinal na coleção não atendia às necessidades previstas por Lecaan, já que a quantidade não se adequava à demanda do mercado. Mas, independente de como a ipecacuanha estava inserida nas atividades profissionais e científicas da família Salvador, apenas o fato de tê-la sob seu poder demonstra o nível de atualização e controle das novidades que tinham. Assim, mesmo em um contexto onde o acesso à planta era considerado difícil até mesmo para os mais influentes naturalistas, Joan e Jaume Salvador pertenciam a este círculo restrito, reforçando a hipótese de que, talvez, suas coleções e botica não eram apenas mais uma entre tantas, mas sim mais uma entre aquelas destacadas que contribuíram para colocar em circulação materiais e conhecimentos sobre a natureza americana.

Diante de tantas evidências que levam a identificar que a amostra da ipecacuanha já estivesse presente na coleção da família Salvador antes que o relatório de Chicoyneau chegasse à suas mãos, podemos, em um primeiro momento, considerar que o interesse de Joan pelas teorias do médico francês estivesse exclusivamente relacionado com a vontade e necessidade de melhor conhecer aquela epidemia. Em boa parte, esta conclusão está correta. De fato, quando Joan pedia por informações sobre a doença, ele ainda não sabia que a

---

<sup>429</sup> *Advise to the gentlemen...*, 1708, p.47-48.

<sup>430</sup> Na coleção Salvador conserva-se um frasco com a raiz da planta (Salv-8498).

ipecacuanha ou qualquer outra planta americana estivessem entre os medicamentos mais eficazes experimentados pelo autor. Quando Antoine de Jussieu menciona os bons resultados demonstrados pela ipecacuanha, o interesse de Joan também se estende para a planta.

Como vimos, a ipecacuanha era uma planta com qualidades medicinais reconhecidas e, mesmo exaltada há muito tempo no círculo médico-farmacêutico, não era necessariamente uma planta recorrente na Europa. Associar uma planta rara ao tratamento de uma doença praticamente incurável cujo terror que imanava estava arraigado no inconsciente europeu, a projetava para o centro das atenções, respaldada pela expectativa inerente daquilo que era desconhecido – ou pouco conhecido. Através da peste, a ipecacuanha teria se transformado em uma planta “extraordinária”, capaz de superar um problema que há tanto tempo se tentava sem sucesso. Neste sentido, aquilo que poderia ter sido uma curiosidade para os boticários da família Salvador no passado, poderia, naquele momento, ter se convertido em algo especialmente atraente, com uma finalidade, com uma utilização claramente definida. O fato de Joan ter recorrido à Nissolle para conseguir o relatório, já é uma prova de seu interesse pelas novidades comunicadas. Mas, este interesse se torna ainda mais inquestionável se considerarmos que entre a comunicação de Jussieu até a confirmação de envio por parte de Nissolle haviam se passado mais de três anos – tempo este que não foi suficiente para desanimar Salvador e fazê-lo perder o interesse na peste e, conseqüentemente, na ipecacuanha. Neste intervalo de tempo, a teoria de Chicoyneau havia ganhado espaço no meio científico e inspirado outros autores a refletirem sobre a peste. Entre eles, estava Jean Jacques Manget (1652-1742) que, corroborando com as colocações do médico e professor de Montpellier sobre a eficácia da ipecacuanha, publicaria aquele que seria um dos trabalhos mais importantes sobre a doença.<sup>431</sup> Embora não foi possível identificar quando o título tenha sido adquirido pelos Salvador, o exemplar consta na biblioteca familiar e, com isso, reforça ainda mais o interesse de Joan em conhecer melhor aquela doença e, especialmente, de entender o porquê de a ipecacuanha ter surtido bons efeitos.

Quando dissemos que o conhecimento sobre a ipecacuanha havia se anteposto ao próprio medicinal, nos referimos à finalidade daquela amostra presente na coleção. Mesmo que a planta tenha sido facilitada anteriormente por algum de seus correspondentes que já a utilizavam em suas atividades, como Lecaan, por exemplo, pode ser que a ipecacuanha não tenha emocionado os boticários Salvador, talvez por suas qualidades, até então, serem

---

<sup>431</sup> Manget. *Traité de la peste recueilli des meilleurs auteurs anciens & modernes et enrichi de remarques & observations theoriques & pratiques par le Sr Manget avec une table très ample des matieres première[seconde] partie Geneve [Ginebra] chez Philippe Planche [1721] [8] 320 [4] 321560 [28] p 12º (15 cm), 2/II/8.*



eficazes em doenças que respondiam bem a outros medicamentos mais comuns e mais baratos. A partir do momento em que sua eficácia é relacionada com o tratamento de uma doença epidêmica e praticamente incurável, a relevância da planta se difere, pois se torna “insubstituível”. Mesmo cara, pelo retorno que prometia, agora valeria a pena investir – tanto em tempo e dedicação, quanto economicamente - nela. E, coincidentemente, as únicas aproximações que pudemos fazer entre a ipecacuanha e a documentação conservada, demonstram que o interesse de Joan por aquele medicinal foi manifestado imediatamente após o mesmo ter sido relacionado com a doença. Esta constatação é importante também para reforçar como as experiências de estudiosos influenciavam, incentivavam e instruíam outros boticários e naturalistas.

Os livros, assim como os próprios objetos, tiveram um papel fundamental na divulgação e popularização do conhecimento sobre a natureza americana, sendo, muitas vezes, os meios pelos quais naturalistas, colecionadores e boticários estiveram em contato com o mundo natural das Américas pela primeira vez. Na realidade, muitos elementos e espécies daqueles biomas seriam conhecidos somente pelas páginas dos livros, dada a impossibilidade de se adquirir amostras de todos os minerais, animais e plantas descritos e compilados pela literatura especializada desde os primeiros trabalhos investigativos realizados pelos europeus no Novo Mundo.

Assim, os livros não podem ser entendidos como meros instrumentos de trabalho quando analisados no âmbito de um gabinete de curiosidades. Para além de sua função primária de informar sobre aspectos que os objetos por si só não eram suficientes, estes objetos tão estimados tinham a capacidade de diminuir a distância entre os dois mundos, levando para dentro do gabinete a natureza ainda inexplorada das Américas. Por um lado, esta especial seção de *artificialia* melhorava os meios de controlar a criação divina, pois, de certo modo, compensava a ausência material dos elementos ainda não manipulados, mas sabidamente existentes, a exemplo do caso do tatu ainda há pouco discutido: o animal, desconhecido pelo colaborador, foi descrito apenas por suas características físicas e comportamentais, detalhes suficientes para Joan Salvador reconhecê-lo como um tatu, sem – ao que tudo indica, ter tido um contato efetivo prévio com aquela espécie. Ao mesmo tempo, os livros atuaram como propulsores de práticas imprescindíveis para a formação e manutenção de uma coleção como a da família Salvador. Além de manter os leitores atualizados sobre as novidades descobertas, incentivando-os a buscar por elas, dava o suporte teórico que um negócio de longa distância exigia, permitindo que uma infinidade de sementes e mudas de plantas fossem colocadas em circulação para serem plantadas em jardins situados

em lugares igualmente diversos, que as prateleiras das boticas e herbolários fossem renovadas constantemente com novas fórmulas e medicinais e que os baús e gavetas das coleções, à medida que cada lugar ainda disponível era preenchido, fossem a representação mais autêntica da grandeza e perfeição da obra do Criador. Estas práticas, por sua vez, conectavam diferentes espaços, a partir das atividades desenvolvidas ao redor da biblioteca, um espaço que, limitado pelos muros e paredes do lugar físico, comportava o globo e suas infindas possibilidades, eliminando as barreiras impostas pela geografia – e pela falta de conhecimento.

### **Capítulo 3 – Espaços**

Assim como personagens e objetos, os espaços devem ser analisados através de uma perspectiva que os considere como elementos fundamentais na produção e circulação do conhecimento. Mais do que meros cenários que viabilizaram as mudanças e transformações acerca da concepção da natureza americana, entendemos os espaços como agentes ativos, capazes de condicionar o conhecimento. Isso porque as práticas científicas que movimentam a construção e comunicação do conhecimento são três coisas que, essencialmente, têm uma dimensão espacial. Consideramos, então, ciência como produto das condições materiais de um determinado espaço.<sup>432</sup>

---

<sup>432</sup> Livingstone, 2003.

Se a diversidade discutida no capítulo anterior foi, no nosso ponto de vista, a principal via que permitiu que coleções distanciadas dos centros tradicionais de difusão científica se mantivessem abastecidas e atualizadas, porque permitiu e contou com a participação de diferentes atores com interesses igualmente distintos e múltiplos, entendemos que os espaços pelos quais Joan Salvador e seu pai Jaume transitaram na tentativa de alcançar *americana* estiveram diretamente relacionados com a sua experiência com a natureza americana, conectando-os com as suas muitas aspirações de boticários, naturalistas, comerciantes e colecionadores. Espaços físicos e geográficos, estáticos e móveis, como a biblioteca e os cenários das viagens culminam no binômio essencial para o caso que nos ocupamos: o gabinete e o jardim, dois espaços travados inexoravelmente no estudo do mundo natural americano nesta tipologia de espaços e práticas científicas na Europa e na América dos séculos XVII e XVIII.

### **3.1. Americana nos livros: a biblioteca, lugar de conhecimento.**

Ainda que o conteúdo de um gabinete de curiosidades pudesse variar exponencialmente de um para outro, a sua estrutura era, via de regra, seguida por quase todos aqueles que assumiram o desafio de conceber uma unidade. Ou, ao menos, por aqueles empreendedores cujas aspirações se aproximavam com a de naturalistas como os Salvador. Neste caso, ademais do espaço que convencional e genericamente denominamos “gabinete de curiosidades”, onde se aglomeravam as coleções provenientes dos três reinos da natureza mais a de *artificialia*, o complexo estrutural do conjunto costumava incluir também uma biblioteca e um jardim.<sup>433</sup> Assim, de acordo com as tendências da época, o gabinete de curiosidades dos Salvador seguia este modelo comum na Europa entre meados dos seiscentos e início dos oitocentos, onde, além do jardim – anexo, mas situado em um espaço distinto – o conjunto de estantes reunidas nos fundos da botica da rua *Ample* acomodavam, então, não apenas uma variedade considerável de animais, plantas e minerais de formas curiosas ou raros, mas também um importante repositório de obras literárias [Imagem 16] [Imagem 17].

Como já apresentamos em algum momento do primeiro capítulo, a biblioteca familiar teria sido iniciada por Joan Salvador i Boscà, o avô de Joan Salvador i Riera, mas o projeto de constituir um acervo tão completo quanto as demais coleções do gabinete foi, seguramente,

---

<sup>433</sup> A estrutura dos gabinetes, sustentada nestes três pilares centrais, é, possivelmente, um resultado das aspirações que seus proprietários tinham com aquele tipo de coleção. Mais do que uma simples conveniência, ou modelo a ser seguido, estes três espaços viabilizavam as atividades que proporcionavam as experiências necessárias para alcançar as respostas que buscavam. Estas questões ficam evidentes quando constatadas a partir de coleções de indivíduos comprometidos com o estudo científico da natureza (Olmí, 1993).

obra de Jaume Salvador i Pedrol, o qual seria continuado por seus dois filhos, em maior e menor proporções. Da mesma forma como procedemos com o restante das coleções, não cabe aqui fazer uma análise exaustiva do conteúdo desta biblioteca, sinalizando cada título adquirido, solicitado e/ou remanescente que tenha como tema a natureza das Américas. Em boa medida porquê este trabalho já está praticamente feito, cujo resultado pode ser conferido nos dois volumes publicados que correspondem ao catálogo da atual biblioteca Salvador, conservada junto com o restante das coleções no Instituto Botânico de Barcelona.<sup>434</sup> E porquê, assim como faremos com o jardim – sobre o qual reservaremos, como já dissemos, um epígrafe específico deste capítulo – nos interessa situar a biblioteca como um espaço fundamental não apenas para a produção do saber acerca da natureza americana, mas também como um dos meios que viabilizaram a aquisição e intercâmbios das amostras que se transformaram na coleção de *americana* dos Salvador.

Como fruto da dedicação de três – quatro com Josep Salvador i Riera, mas que por razões já justificadas fica excluída desta análise – personagens, cujas atividades se estendem, juntas, por quase um século, os títulos adquiridos ao longo deste período refletem bem as considerações epistemológicas e metodológicas que os acompanharam, promovendo mudanças de pensamento, suscitando novas teorias que transformaram o estudo da natureza. Não é de se estranhar que a história natural, assim como os tratados de *materia medica* – base do ofício familiar – correspondiam ao maior acervo da biblioteca particular, mas, por outro lado, para além da literatura especializada, a coleção reunia obras de temas variados que, na concepção da época não cabe qualificar a não ser de *curiosas*, um adjetivo que diz muito sobre as inquietações intelectuais da época e expressa, também, as complexas aspirações de seus proprietários.

Contemporâneos em uma Europa onde o domínio da natureza se via ameaçado a cada nova planta, animal, mineral ou artefato divulgados, a necessidade de se criar mecanismos que permitissem o controle de cada novidade aportada e de delimitar seus respectivos lugares na ordem natural, obrigaram estes estudiosos a recorrer tanto aos textos clássicos, quanto aos trabalhos investigativos mais recentes. Por esta razão, é perfeitamente compreensível – e necessário – que uma biblioteca formada no contexto da República das Letras contasse com

---

<sup>434</sup> José Pardo Tomás (2008, p.49-74) nos fornece uma análise detalhada da composição de boa parte da biblioteca Salvador, em seu texto introdutório do catálogo mencionado. Esta análise não está totalmente completa, pois, depois de editado o catálogo, seria localizada uma parte do acervo da coleção que permanecia desaparecida. Entre os materiais incorporados na coleção salvaguardada pelo Instituto Botânico de Barcelona, estavam dezenas de livros que, por esta razão, não foram catalogados junto com os demais. Além disso, por alguma razão, alguns títulos provenientes da biblioteca particular da família Salvador se encontram depositados na Fundo Antigo da biblioteca da Universidade de Barcelona.

obras de Teofrasto (ca 372-288 a.C.)<sup>435</sup>, de Plínio (ca 61- ca 112)<sup>436</sup> e o já citado Dioscórides (fl.50-70)<sup>437</sup>, ao lado de Nicolás Monardes (1512-1588)<sup>438</sup> e Garcia da Orta (1501-1568)<sup>439</sup>, assim como estivesse sempre em atualização conforme novos trabalhos iam sendo publicados, como aqueles dedicados a sistemas classificatórios, como por exemplo as amplamente aceitas obras de Andrea Cesalpino (1519-1603)<sup>440</sup>, Gaspar Bauhin (1541-1613)<sup>441</sup>, John Ray (1627-1705)<sup>442</sup> e Joseph Pitton de Tournefort .

Junto a este grupo tão diverso – representado minimamente, apenas para exemplificar – somavam-se outras tantas obras de anatomia, química, religião, poesia, artes, culinária, jardinagem, direito, etc. Por um lado, este arsenal tão diversificado fazia parte do processo de amadurecimento intelectual e cultural de nossos personagens de maneira pontual, ao mesmo tempo em que complementavam suas investigações, aumentando as chances de serem bem-sucedidos em determinados experimentos e em seus negócios como um todo. Além disso, é importante reforçar que o acervo da biblioteca não era composto exclusivamente por livros, mas incluía, também, outras modalidades de publicações impressas, como catálogos, jornais e revistas científicas que, diante da demanda criada pelo intenso fluxo de novidades, assumiram a responsabilidade de popularizar as informações levantadas, colocando em circulação os

---

<sup>435</sup>Theophrasti *De historia plantarvm* libri IX cum decimi principio & de causis siue earum generatione libri VI Theodoro Gaza interprete quantum diligentia huic editioni Ioannes Iordanus adhibuerit in restituendis quae corrupta erans [sic] ex graeco docebit te sequens epistola ad lectorem Lvgdvni [Lió] apud Gulielmum Rouillium 1552, 14/IV/16.

<sup>436</sup>C Plinii *Secvndi natvrae historiarvm* libri XXXVII e castigationibus Hermolai Barbari quam emendatissime editi additus est index Ioannis Camertis notis arithmetis nunc dilucidior multo quam antea quo Plynius ipse totus breui mora te[m]poris edisci potest Parisiis ex offic[i]na Petri Gaudoul 1524 ([Parisiis] excudebat Petrus Vidoueus 1524 14 ca Febru) VI f VIIXXVIII CCCCXXXVI [ie 537] [1] [189] p 2º (34 cm), 13/VI/2.

<sup>437</sup>Pedanii Dioscoridis *De medica materia* libri sex Ioanne Rvellio interprete his accessit praeter pharmacorum simplicium catalogum copiosus omniu[m] fermè medelarum siue curationum index Lvgdvni [Lió] apud Ioannem Frellonium 1547, 14/III/24.

<sup>438</sup>Monardes. *Primera y segvnda y tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en medicina tratado de la piedra bezaar y de la yerua escuerçonera dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales tratado de la nieve y del beuer frio hechos por el Doctor Monardes* Van en esta impressiõn la Tercera parte y el Dialogo del hierro nueuamente hechos que no han sido impressos hasta agora do ay cosas grandes y dignas de saber En Sevilla en casa de Alonso Escriuano 1574, 13/IV/13.

<sup>439</sup>Garcia de Orta. *Aromatvm et simplicium aliqvot medicamentorum apvd indos nascentium historia ante biennium quidem lusitanica lingua per dialogos conscripta D Garcia ab Orto auctore nunc vero latina facta & in epitomen contracta a Carolo Clvsio Atrebat Antverpiae [Anvers] ex officina Christophori Plantini 1567, 14/IV/17.*

<sup>440</sup>Cesalpino. *De plantis libri XVI* Andreae Caesalpini Aretini Florentiae apud Georgium Marescottum 1583, 12/IV/8.

<sup>441</sup>Caspari Bavhini Theatri botanici sive Historiae plantarvm ex vetervm et recentiorvm placitis propria[ue] observatione concinnatae liber primus editus opera & cura Io Casp Bavhini Basileae apvd Ioannem König 1658, 14/VI/10.

<sup>442</sup>Ioannis Raji *Methodus plantarum emendata et aucta in quâ notae maxime characteristicae exhibentur quibus stirpium genera tum summa tum infima cognoscuntur & à se mutuo dignoscuntur non necessariis omissis accedit Methodus graminum juncorum et cyperorum specialis eodem auctore Londini impensis Samuelis Smith & Benjaminis Walford et veneunt Amstelaedami apud Janssonio Waasbergios 1703, 12/IV/22.*

resultados de pesquisas e trabalhos realizados de uma maneira mais rápida e acessível e fazendo da biblioteca do gabinete o espaço específico dessa circulação.

Dentre elas destacamos, especialmente, a edição francesa *Le journal des sçavans* e a inglesa *Philosophical transactions*, em circulação desde 1665. Além do ano de fundação, ambos periódicos compartilhavam a finalidade de seus propósitos, já que estavam vinculados a instituições equivalentes. A *Académie des Sciences* (1666), de Paris, e a *Royal Society* (1660), de Londres, eram as responsáveis, respectivamente, pelas publicações mencionadas, fazendo das mesmas um veículo de divulgação tanto dos trabalhos realizados pelos seus membros – e com isso, conseqüentemente, uma auto-promoção da entidade – como também de promoção do conhecimento *científico*, ou seja, o conhecimento produzido de acordo com as diretrizes da República das Letras.

Não é conveniente repetir aqui o quê já foi apresentado no primeiro capítulo, onde dedicamos algumas páginas para apresentar o contexto no qual estavam circunscritos os protocolos impostos a todos aqueles que arriscavam trilhar por aquelas veredas. No entanto, algumas destas práticas se desenvolviam nas adjacências da biblioteca, a partir da leitura dos registros escritos e organização das informações neles contidas. Pode-se dizer, então, que os livros e demais publicações impressas foram ferramentas essenciais para a compreensão e classificação dos materiais adquiridos para cada uma das coleções do gabinete. Através da contrastação de ideias e resultados postulados pelos autores contemporâneos – em estudos completos ou em notas nestes periódicos especializados – com o conhecimento secular aportado pelos clássicos e, quando possível, com suas próprias observações, naturalistas, colecionadores e boticários, como os Salvador, conseguiam delimitar seus interesses, criando as bases necessárias para colocar em prática seus planos – filosóficos, colecionadores, profissionais e comerciais.

No âmbito de uma coleção – em seu sentido mais amplo – como a que a família Salvador mantinha, os livros foram mais do que simples veículos de informações, no sentido de atualizar, de difundir ideias e de promover mudanças culturais. Os livros estiveram no centro da mobilização indissociável das práticas exigidas para controlar as novidades colocadas incessantemente em circulação, beneficiando seus leitores e, neste caso, colecionadores, naturalistas e boticários, de muitas maneiras, especialmente em relação àquilo que, de certa forma, estavam distantes de seu alcance, como a natureza americana, por exemplo.

Ao mesmo tempo em que as experiências dos autores serviam como embasamento teórico e prático para aqueles que ainda não haviam tido a oportunidade de manipular um

determinado material, apresentando por meio de descrições detalhadas que contemplavam desde os aspectos morfológicos e comportamentais, bem como as áreas de ocorrência, a sazonalidade, seus usos e efeitos, acompanhados, não poucas vezes, de ilustrações que permitiam uma visualização mais real do elemento em questão, estes registros escritos e visuais otimizaram o processo de negociação comercial.

Primeiro, obviamente, porque com uma relação extensa – não necessariamente obtida através da leitura de um único autor, mas possivelmente como resultado de uma compilação de informações extraídas de distintas obras e artigos científicos – sobre o mundo natural americano, era mais fácil selecionar aquilo que lhes pareciam mais atraentes, permitindo um planejamento mais direcionado, afinal, com a descrição das espécies, se divulgava também a identidade daqueles que tinham acesso a elas. Este exercício facilitava a articulação de uma rede potencialmente vantajosa, pois direcionava para contatos que, possivelmente, também tinham uma rede de colaboradores capazes de fornecer, como mínimo, os materiais analisados em seus textos.

Por outro lado, um naturalista quando publicava algum texto escrito, automaticamente se convertia em autor e, logo, em referência. Em síntese, os livros – ao lado da correspondência epistolar – foram os principais instrumentos da comunicação científica da época, uma prática sem a qual a existência e manutenção das redes da República das Letras não seriam possíveis e, portanto, as próprias coleções. Através de referências à ideias, dados e opiniões de determinados autores, os membros destas redes puderam se comunicar entre si, compartilhando experiências, reforçando conceitos e pareceres, bem como movimentando o comércio a longa distância, enriquecendo coleções espalhadas por toda a Europa. Neste sentido, também, dado o alcance de circulação das publicações impressas, muitos naturalistas, colecionadores e comerciantes fizeram desta ferramenta um meio ideal para promover seus negócios. Através de listas e catálogos, estes indivíduos divulgaram os materiais que tinha disponíveis para venda ou intercâmbio, obtendo um retorno duplo – ou triplo – neste empreendimento. Além de se desfazer dos itens que lhe eram convenientes, tratavam de conseguir outros mais interessantes em troca, enquanto estabelecia novos contatos com personagens de diferentes localidades, como foi o caso de James Petiver e suas conhecidas listas de plantas, insetos e minerais e livros.<sup>443</sup>

---

<sup>443</sup> As listas de Petiver, e de um modo geral, foram discutidas através de outra perspectiva no primeiro capítulo. Remeto à bibliografia consultada: Delbourgo, 2012; Pugliano, 2012.

Entre as conhecidas listas organizadas por James Petiver, depositadas na biblioteca Salvador, podemos citar: *Hortus peruvianus medicinalis* or *The Soutsea herbal containing the names figures use &c of divers medicinal*

A leitura dos conteúdos nas páginas de um livro ou de uma revista científica, corresponderam, não raras vezes, ao primeiro episódio da aproximação de um indivíduo com a natureza americana. Este contato, por sua vez, nem sempre evoluía, permanecendo neste mesmo nível de confinidade, conectados exclusivamente por palavras e suas interpretações, mas não pelo material em si. Em boa parte, esta realidade se justifica na impossibilidade de se acomodar todos os elementos descobertos da fauna e da flora de um continente dentro de um gabinete de curiosidades. As razões, no entanto, podem estar nos óbvios obstáculos decorrentes das limitações do espaço físico, incapaz de acomodar toda e qualquer amostra recebida – e isso, em partes, justifica também o fato de alguns itens passarem de curiosidade para utilidade e assim avançarem para outro espaço, mencionado no capítulo anterior – como também por questões de logística que interferiam diretamente na sua aquisição. Em suma, diante de um cenário com infinitas possibilidades interessantes, alguns critérios tinham de ser estipulados. Talvez, a qualidade simplesmente *curiosa* de uma amostra não era suficientemente determinante para movimentar negociações. Quero dizer, não existia espaço para um meio termo. Das duas uma, ou a amostra deveria ser “a mais curiosa” – rara e exclusiva – e aí era indiferente no que consistia, ou ela deveria ter uma finalidade, um uso determinado, potencialmente rentável, o que certamente demandava estudo e análises prévios.

Este último aspecto foi detalhadamente discutido no capítulo anterior quando nos centramos a compreender os mecanismos que transformavam uma amostra curiosa em um medicinal com potencial comercial, como pode ter sido o caso da ipecacuanha. Como se mostrou na análise, identificamos a participação decisiva da literatura especializada no resultado postulado, sinalizando como o significado de um material estava suscetível a ser reinterpretado conforme as experiências e teorias de outros estudiosos com reconhecimento científico eram divulgadas. Este, provavelmente, não deve ter sido um caso isolado no cotidiano da família Salvador, pois, além dos livros e relatórios que defendiam a eficácia da ipecacuanha no tratamento da doença peste, podemos encontrar outros estudos dedicados a plantas americanas específicas – ou produtos derivados de algumas delas, como o chocolate, por exemplo – que sugerem que o procedimento era comum da reflexão teórico-prática dentro do gabinete.

Com isso não queremos afirmar que a metodologia era empregada exclusivamente na tentativa de avaliar as potencialidades econômicas de um determinado item, embora alguns vestígios sejam sugestivos. Entre estes trabalhos, podemos citar as memórias do jesuíta

---

plants lately discovered by pere L Feuillèe to which are added the figures &c of divers american gumtrees dying woods drugs [by James Petiver ] [London sn 1715], 13/VI/10.



francês Joseph François Lafitau (1681-1746) sobre o ginseng do Canadá<sup>444</sup>. A raiz do ginseng não era exatamente uma novidade na Europa, devido ao seu equivalente asiático. No entanto, se desconhecida sua existência no Novo Mundo, descoberta feita por Lafitau quando em missão naquele país, cuja descrição foi muito bem aceita pela comunidade científica europeia naquele momento. A novidade teria sido comunicada a Joan Salvador por Antoine de Jussieu, em carta de 17 de março de 1720, na qual dizia estar esperando por oportunidade de “enviar Gin Seng do Canadá, que é o mesmo que o da China”<sup>445</sup>. Pela retórica de Jussieu, tudo indica que a raiz teria sido apresentada ao correspondente catalão por ele, mas não pudemos encontrar nenhuma informação que demonstre que a amostra tenha de fato chegado a suas mãos. De todo modo, o interesse de Joan pelo medicinal está comprovado pela posse do relatório de Lafitau.

Embora este exemplo seja um tanto vago para indicar o interesse comercial de Joan com os objetos de estudo nestes trabalhos, os próximos a serem analisados parecem mais contundentes. Conhecemos, também no capítulo anterior, uma possível participação dos Salvador na comercialização de alguns medicinais americanos, como a salsaparrilha e a parreira-brava. Na oportunidade, mostramos a preocupação de Joan em adquirir não apenas o produto, mas também o conhecimento sobre ele, tal como fez ao encomendar a salsaparrilha e algumas obras que apresentavam o medicinal em seu conteúdo. Embora a documentação manuscrita não apresente aproximações similares para a parreira-brava, a biblioteca particular se mostrou mais efetiva para demonstrar que a planta era, de fato, algo que lhes interessava. Prova disso é a presença do relatório do médico alemão Michael Friedrich Lochner (1662-1720) sobre a natureza, indicações de usos e eficácia da parreira-brava.<sup>446</sup>

Do mesmo modo, a obra inteiramente dedicada aos diferentes tipos de aloes americanos, de Abraham Munting (1626-1683) e que os Salvador tinham em sua biblioteca<sup>447</sup>, podem sinalizar a necessidade de se compreender as especificidades destas plantas, visto que algumas teriam sido plantadas pela família no jardim anexo ao gabinete, situado em Sant Joan Despí – do qual voltaremos a discutir mais adiante. Por fim, mas não menos importante nesta

---

<sup>444</sup> Lafitau. *Mémoire présenté à son altesse royale monseigneur le duc d'Orleans regent du royaume de France concernant la précieuse plante du Gin seng de Tartarie découverte en Canada par le P Joseph François Lafitau* A Paris chez Joseph Mongé 1718, 14/III/25.

<sup>445</sup> IBB, Fons Salvador, R.(02/01-4). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 17/03/1720, cf. Camarasa, 1997, p.92-93. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 78].

<sup>446</sup>Lochner. *Schediasma de Parreira brava novo Americano aliisque recentioribus calculi remediis a Michaele Friderico Lochnero Norimbergae [Nuremberg]* apud Petrum Conradum Monath 1719, 14/IV/8.

<sup>447</sup>Munting. *Aloidarium sive aloës mucronato folio americanae majoris aliarumque ejusdem speciei historia in qua floridi illius temporis loci naturae culturae necnon qualitatum ratio paucis enarratur* autore Abrahamo Muntingio [SI sn] 1688, 12/IV/13.

discussão, podemos citar a presença na biblioteca de três obras bastante sugestivas. Na realidade, duas, visto que de uma delas a família possuía duas edições distintas, publicadas em latim e em francês. Estamos falando do tratado de Phillippe Sylvestre Dufour (1622-1687)<sup>448</sup> dedicado a três produtos com uma aceitação enorme na Europa, daquelas que a historiografia costuma chamar de “bebidas coloniais”<sup>449</sup>, ou seja, o café, o chá e o chocolate.

Sobre este último produto, o chocolate, a biblioteca Salvador conta também com a o tratado de Quélus (sem data), dedicado ao cacau.<sup>450</sup> Ambos tratados se propõem a fornecer descrições botânicas da planta do cacau, bem como a maneira de preparar o chocolate, os benefícios de seu consumo e os malefícios de consumi-lo em excesso. Na coleção remanescente, ainda existem algumas amostras de cacau<sup>451</sup>, mas, possivelmente, a relação dos Salvador com o produto pode ser fruto do trabalho de Josep Salvador, o irmão de Joan. Se não com a planta, certamente com o produto.

A documentação manuscrita de Josep, mais especificamente a sua correspondência privada com Pierre Barrère, revela que o boticário catalão esteve relacionado com a comercialização de chocolate, sendo o responsável por abastecer não apenas seu correspondente francês, mas outros interessados no produto que residiam em Perpignan.<sup>452</sup> Nas cartas, Barrère costumava chamar a atenção de Josep para não esquecer de que o seu chocolate era “sem baunilha”,<sup>453</sup> indicando que, além do preparado a base de cacau, a botica familiar tinha disponível um outro produto americano, a baunilha.

Todas estas aproximações coincidem com a hipótese postulada de que a literatura sempre esteve ao lado das investigações que antecederam as atividades que viabilizaram a aquisição de *americana*, ou que transformaram a sua finalidade, a maneira como seria utilizada. Para além desta vertente econômica, indicamos que, talvez, um dos critérios estabelecidos para movimentar este comércio teria sido o valor e/ou a exclusividade da amostra. Mas, como avaliar se uma amostra natural ou objeto possuíam estas qualidades? Em primeiro lugar, não podemos perder de vista que haviam elementos cuja popularidade era

---

<sup>448</sup>Dufour. *Traitez nouveaux & curieux du café du thé et du chocolate ouvrage également nécessaire aux medecins & a tous ceux qui aiment leur santé* par Philippe Sylvestre Dufour Seconde edition A Lyon chez Jean Baptiste Deville 1688 [24] 444 [12] p il 12° (17 cm), A/I/3 / *Novi tractatus de potu caphé de chinensium thé et de chocolata à DM notis illustrati* Genevae apud Cramer & Perachon 1699, A/I/4.

<sup>449</sup>Lemps, 1998, p. 611-624.

<sup>450</sup>Quélus. *Histoire naturelle du cacao et du sucre divisée en deux traitez qui contiennent plusieurs faits nouveaux & beaucoup d'observations également curieuses & utiles* [par D de Quélus] Seconde edition revue & corrigée par l'auteur A Amsterdam chez Henri Strik 1720, 14/III/13.

<sup>451</sup>Et-720

<sup>452</sup>Sobre a correspondência e o comércio de chocolate entre Josep Salvador i Riera e Pierre Barrère, ver Camarasa; Amigó, 1993.

<sup>453</sup>Camarasa; Amigó, 1993, p. 84.

sobrelevada em relação aos demais, e a razão poderia estar nas suas características curiosas e inusuais, que despertavam o interesse dos naturalistas e, conseqüentemente, eram mais divulgados. Criava-se então uma tendência por aquele espécimen ou objeto, o quê, muitas vezes, pode justificar a sua presença comum em gabinetes de curiosidades. Evidentemente, aqueles que conseguiam acompanhar as novidades mais espetaculares de cada momento, demonstravam não apenas o valor das suas coleções, mas o poder de seus proprietários. Logo, era importante seguir o modelo dos gabinetes mais destacados e ter aquilo que “todo mundo” tinha.

Neste sentido, mais uma vez fica evidente o papel fundamental das publicações impressas na popularização da natureza americana, mas, apesar de divulgá-la, nem sempre estes textos davam conta exata do que os colecionadores possuíam em seus respectivos gabinetes de curiosidades. Esta lacuna seria superada com uma modalidade inovadora do mercado editorial que, em parceria com colecionadores, inventariaram suas coleções e as publicavam em forma de catálogo.<sup>454</sup> Estes inventários de coleções colocados em circulação acabaram por criar uma espécie de espaço virtual, no qual interessados de qualquer parte do mundo poderiam visitá-las, independentemente do local onde se encontravam. Os inventários costumavam seguir a mesma ordem de classificação e ordenação de cada um dos itens armazenados na coleção, metodologia que permitia consultar como alguns objetos estavam classificados – especialmente aqueles cuja delimitação não era evidente, como muitos *artificialia* – ao mesmo tempo que informavam sobre seus conteúdos. Desta maneira, era possível identificar e, de certo modo, controlar os acervos alheios, medida que certamente exercia alguma influência na ponderação sobre quais materiais poderiam resultar interessantes para suas próprias coleções, pela conveniência do comum ou pelas possibilidades do exclusivo.

Estas publicações tinham a incrível capacidade de conectar dois espaços geograficamente distantes, permitindo que lugares de difícil acesso pudessem ser visitados por um público muito mais amplo. Este feito, no entanto, não era uma peculiaridade dos inventários e catálogos de coleções. De certo modo, a maioria dos livros promovia a aproximação dos leitores a algum lugar, embora alguns fossem mais eficientes neste aspecto.

---

<sup>454</sup> Dentre os colecionadores europeus que seguiram esta tendência, podemos citar o dinamarquês Ole Worm (1588-1654), cujo catálogo consta na biblioteca Salvador: *Museum Wormianum seu Historia rerum rariorum tam naturalium quam artificialium tam domesticarum quam exoticarum quae Hafniae Danorum in aedibus authoris servantur adornata ab Olao Worm variis et accuratis iconibus illustrata Amstelodami [Amsterdam] apud Lvdovicvm & Danielelem Elzevirios 1655, 12/VI/5.*

Sobre Worm e seu gabinete Sobre Worm y su gabinete, ver: Grell, 2007, p. 214-232.

Além do espaço físico de uma coleção, os leitores tiveram a oportunidade de conhecer o ambiente fascinante e ameaçador de uma América ainda inexplorada pelos europeus. Os relatos de cronistas, viajantes e missionários sobre suas expedições e experiências ofereceram uma oportunidade a todos aqueles que não puderam cruzar o oceano e conhecer a natureza do Novo Mundo. Através de diferentes narrativas, naturalistas puderam vislumbrar a dimensão do continente americano, conhecendo distintos lugares e suas respectivas paisagens naturais, a riqueza da flora e da fauna local, podendo atestar a diversidade daquelas terras – e se conscientizar da complexidade que envolvia o estudo da história natural com as aspirações que tinham com esta atividade. A biblioteca dos Salvador está repleta de obras produzidas no âmbito destas jornadas com múltiplas finalidades à América, incluindo desde as viagens realizadas no início dos movimentos conquistadores, ainda no século XVI, como é caso do desmedido testemunho do frei André Thevet (1502-1592)<sup>455</sup> sobre sua viagem ao Rio de Janeiro.

Ao lado dos fantasiosos relatos pioneiros, estão obras que, mesmo escritas contemporaneamente a eles, se converteram em importantes referenciais pelos séculos seguintes, como é caso de Nicolás Monardes e sua história medicinal das plantas americanas, escrita totalmente em território europeu, mas capaz de incentivar outros naturalistas a explorarem o continente tropical guiados por suas aportações. Os resultados das investigações botânicas realizadas por Charles Plumier (1646-1704)<sup>456</sup> em suas viagens ao Caribe e à América Central, assim como as observações realizadas poucos anos depois por um de seus discípulos, Louis Feuillée (1660-1732)<sup>457</sup>, também nas Antilhas e em boa parte da América do Sul, especialmente na Argentina, no Chile e no Perú, juntamente com os demais trabalhos mencionados – e outros tantos omitidos – seguramente foram materiais essenciais para o processo de aprendizagem, assimilação e compreensão da natureza americana por parte dos Salvador. Mas também, e de acordo com nossa insistência neste sentido, todas estas experiências compartilhadas teriam incentivado e favorecido a execução de diversas práticas, dentro e fora do espaço da biblioteca e do gabinete.

Dentre estas práticas, destacamos, a princípio, as viagens de herborização, cujo planejamento se iniciava no âmbito da biblioteca, vinculando assim este espaço fechado com

---

<sup>455</sup> Thevet. *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommée Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps*, Anvers par Christophe Plantin, 1558 [sem registro].

<sup>456</sup> Plumier. *Nova plantarum americanarum genera auctore P. Carolo Plumier Parisiensi apud Joannem Boudot 1703*, 13/V/3.

<sup>457</sup> Feuillée. *Journal des observations physiques mathématiques et botaniques faites par l'ordre du roy sur les côtes orientales de l'Amérique meridionale & dans les Indes occidentales depuis l'année 1707 jusques en 1712 par le RP Louis Feuillée A Paris chez Pierre Giffart 1714*, 12/V/5 (V 1); 12/V/6 (V 2).

o espaço aberto, o campo, o lugar da herborização. A sistematização de informações interessantes encontradas nas páginas de todas estas publicações era parte fundamental dos preparativos para uma expedição, inclusive dentro do território europeu. Muitos naturalistas viajaram pela Europa com a tarefa de herborizar seus territórios, nas quais, em muitas ocasiões, tiveram a oportunidade de deparar com plantas americanas já aclimatadas, sobretudo em localidades estratégicas da Espanha e de Portugal, por suas ligações diretas com o comércio colonial. Diante da complexidade que era adquirir amostras de *americana*, obviamente que naturalistas prestes a iniciar um empreendimento similar, teriam muito bem controlados os detalhes fornecidos por seus antecessores. Já sabemos que todas as gerações da família Salvador iriam, em algum momento de suas vidas, empreender viagens formativas e saídas de campo. Mas, no entanto, nenhuma destas incursões teriam as proporções da viagem que Joan Salvador i Riera realizaria, entre 1716 e 1717, ao lado de seus companheiros franceses.

Embora o trajeto escolhido seria, em parte, o mesmo que teria percorrido Tournefort anos antes, os relatos de Clusius (1525-1609)<sup>458</sup> sobre a expedição realizada em parte do itinerário dos naturalistas franceses e catalão há mais de um século antes, resultaria bastante útil e, para seu contentamento, igualmente rentáveis. Entre as plantas americanas encontradas pelo naturalista flamengo em sua passagem pela Espanha, algumas se concentravam na região de Valência – área que seria visitada pela caravana franco-catalã. Com a viagem prestes a ser iniciada, Joan Salvador – em uma demonstração clara do controle de informações extraídas da literatura – trata de escrever a um de seus correspondentes estabelecidos na cidade de Valência, perguntando pela possibilidade de se encontrar algumas das plantas vistas por Clusius naquela ocasião, das quais destacamos o abacate e a batata.<sup>459</sup>

Em carta escrita em 22 de janeiro de 1716, Francisco Ignacio Estellés, responderia à averiguação de seu colega, dizendo “respeito à *Persea* [se] mantém todo o ano, as folhas, a flor é semelhante à do louro e também amarela e a dá em punhados”<sup>460</sup>, garantindo, para a felicidade do boticário catalão, que a planta não apenas seguia presente nos jardins da cidade, como as folhas se mantinham durante todo ano. De acordo com ele, “encontram-se umas dez árvores na cela provincial do Convento de San Francisco, dois no Convento de Jesus fora [de] Valência e três no Convento de las Monjas de Jerusalém também Franciscas, fora [do] Portal

---

<sup>458</sup> Caroli Clvsii Rariorum aliquot stirpium per Hispanias obseruatarum historia libris dvobvs expressa Antverpiae [Anvers] ex officina Christophori Plantini 1576, 13/III/15.

<sup>459</sup> Sobre as viagens de Clusius ver: Egmond, 2008, 2010; Carvalho, 2007.

<sup>460</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/21-6. Carta de Francisco Estellés a Joan Salvador i Riera (Valência, 22/01/1716). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 79].

de Sant Vicent”<sup>461</sup>. Apesar da quantidade considerável de abacateiros na cidade que, segundo Estellés, eram ali chamados de “albacats, frutos e árvores”,<sup>462</sup> nem sempre era possível encontrar os frutos, pois nasciam apenas duas vezes ao ano e “o tempo em que os produzem é no mês de outubro e no de abril”.<sup>463</sup> Por esta razão, justificava “não posso remeter a Vm sementes por não ser já tempo, que fico neste cuidado”<sup>464</sup>, reforçando tê-lo em memória no próximo ciclo.

Em relação às batatas, Estellés dizia “das batatas de Málaga como se passou o Natal se acabaram, e somente sobraram umas muito pequenas e rompidas, e pensando necessitá-las para plantar estando muito maltratadas não as remito sem aviso de Vm”<sup>465</sup>. As declarações de Estellés são interessantes, pois ao mesmo tempo em que confirmam todas as considerações que postulamos até agora sobre a importância da biblioteca na viabilização das atividades desenvolvidas em função do enriquecimento dos estabelecimentos mantidos pela família – gabinete, botica e jardim – ela também confirma a nossa hipótese discutida no capítulo anterior, de que a linha entre um produto e uma curiosidade era extremamente tênue. Afinal, um mesmo material permitia inúmeras possibilidades. O fato de Joan desejar sementes de abacate e batatas para plantar em seu jardim, indica a tentativa de dominar a planta e poder se beneficiar de seus frutos de muitas maneiras. Desafortunadamente, Estellés não estava em condições de enviar nenhuma das amostras solicitadas pelo colega catalão, mas, independentemente disso, acabava por facilitar o que em realidade mais interessava a Joan Salvador, a confirmação de as plantas descritas por Clusius seguiam ali.

Todas as informações, tanto de Clusius como de Estellés, seriam levadas em consideração por Joan que, como veremos em seguida ao ocuparmos da viagem como espaço de conhecimento, chegaria em Valência justamente no mês de outubro desse mesmo ano de 1716, sem dúvida não por uma simples coincidência. E este é mais um sinal de como a comunicação científica – seja em forma de textos impressos ou do intercâmbio de cartas – movimentou as redes de comércio, conectando personagens, espaços e enriqueceu coleções.

### **3.2. Lisboa, final de viagem: o gabinete em trânsito**

No caso das coleções de *americana* dos Salvador, já conhecemos que a viagem pela Espanha e por Portugal teve um papel central neste projeto. A expedição seria responsável por

---

<sup>461</sup> Anexo 79.

<sup>462</sup> Anexo 79.

<sup>463</sup> Anexo 79.

<sup>464</sup> Anexo 79.

<sup>465</sup> Anexo 79.

conectar o gabinete de curiosidades familiar com importantes espaços onde a natureza americana se fazia presente: cidades visitadas durante o percurso, como Valência, por exemplo, onde a natureza americana se apresentaria de forma naturalizada, como elemento integrante da paisagem e do cotidiano local; cidades onde funcionavam as instituições responsáveis por controlar o comércio colonial, como Cádiz e Sevilha, na Espanha, e Lisboa, em Portugal, onde a *americana*, além de surgir de maneira espontânea, disseminada entre a flora local – como nos espaços anteriores – se materializaria em forma de *curiosas* e *exclusivas* amostras que aportavam com a frota da América.

Apesar de todos estes espaços possuírem *americana*, Lisboa assumiria uma posição bastante privilegiada, que a faria se destacar entre as demais: ela seria a ponte que conectava, diretamente, o gabinete dos Salvador com a América e, mais especificamente, com o Brasil.

A viagem realizada por Joan Salvador em companhia dos irmãos Antoine e Bernard de Jussieu, que apresentamos já no primeiro capítulo, seria um empreendimento cujos interesses e resultados estariam, mais uma vez, além daqueles oficialmente declarados. Ao mesmo tempo que o projeto tinha por objetivo herborizar o entorno natural da Espanha e de Portugal, consistiria, também, em uma oportunidade ideal para estabelecer novos contatos, especialmente com atores – de alguma maneira – envolvidos com o comércio colonial.<sup>466</sup>

Se nos atentarmos para o período em que fora realizada, constataremos que os meses escolhidos correspondem ao período mais frio do ano, mais especificamente o outono, inverno e início da primavera no continente europeu, o que torna este planejamento não apenas curioso, mas também estranho por não ser o melhor período para empreender uma viagem com aquelas proporções e finalidade. A decisão, no entanto, havia sido previamente deliberada, influenciada por um motivo em concreto: eles queriam coincidir com a chegada da frota da América no porto de Lisboa. O plano teria sido informado por Antoine de Jussieu, em carta a seu irmão Laurent, escrita em dezembro de 1716. Nela, Jussieu dizia estar com “pressa de partir para Lisboa, onde esperamos ver uma parte do desembarque da flotilha do Brasil”<sup>467</sup> e, sobre as adversas condições climáticas, garantia “toda a nossa tropa concorda e não tem medo dos perigos e efeitos da estação, então experimentamos a severidade do tempo, às

---

<sup>466</sup> Além das finalidades “ocultas” do encargo da Academia, que incluíam, entre outras coisas, informes sobre as minas de mercúrio de Almadém ou a fabricação de soda em Alicante e outras localidades do mediterrâneo hispânico (Bautista, 2015, 30-31).

<sup>467</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms\_Jus 1/2/34. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “Si nous n’étions pas si pressés de partir pour Lisbonne où nous espérons voir une partite du débarquement de la flottille du Brésil”.

vezes”<sup>468</sup>, deixando claro que o rigor do inverno não poderia ser um obstáculo diante da oportunidade de presenciar a chegada dos navios vindos do Brasil.

A declaração de Jussieu não apenas confirma os múltiplos interesses que um único empreendimento podia sustentar, como também revela que, talvez, os interesses extra-oficiais fossem igualmente ou ainda mais importantes para os executores do que aqueles que fundamentaram o seu financiamento. Ora, ter controlado a movimentação dos navios coloniais e usá-los como referenciais, como fatores que ditassem o avanço do percurso, não parece ser mera casualidade. Diferentemente do que parecia, tudo indica que o itinerário foi deliberadamente planejado em função desta coincidência – eles queriam estar presentes quando os navios de além-mar aportassem. Caso contrário, se a viagem fosse organizada em função da herborização, como previa o projeto oficial, o mais lógico seria pensar em um cronograma de execução oposto, que contemplasse a temporada mais propícia para este tipo de atividade, como os meses que compreendem a primavera e o verão europeus.

Outro detalhe especialmente interessante desta viagem está relacionado com os locais visitados e a permanência despendida em cada um deles. Ainda que sem muitos detalhes, sabemos por meio do diário com as memórias de Joan Salvador que Lisboa foi o destino onde a estadia foi mais longa, onde ali se estabeleceram por quase dois meses e meio<sup>469</sup>. Dado este que se mostra bastante significativo quando comparado com o período que destinaram aos demais locais visitados, inclusive cidades espanholas, sobretudo Cádiz e Sevilha, naquele momento, os centros do comércio espanhol com o Novo Mundo<sup>470</sup>. Mesmo representando a porta de entrada das infinitas mercadorias que vinham das Índias – que muito lhes interessavam – a passagem por elas foi bastante breve se comparada com Lisboa, a equivalente portuguesa para estas atividades. Enquanto na capital portuguesa dedicaram quase três meses, a permanência nas cidades andaluzas não ultrapassou modestos quinze dias<sup>471</sup>.

---

<sup>468</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms\_Jus 1/2/34. Texto original em francês: “Les difficultés du voyage et les fatigues qui y sont indispensablement attachées, n’empêchent pas que je ne me porte bien. Toute notre troupe est bien d’accord, et ne s’effraye point des dangers et des effets de la saison donc nous éprouvons de tems en tems contents les rigneurs”.

<sup>469</sup> De acordo com as anotações de Joan Salvador em seu diário, eles teriam chegado em Lisboa no dia 20 de fevereiro de 1717, onde permaneceram até 31 de março daquele mesmo ano. Vale lembrar que em meio a isto, Joan e Antoine de Jussieu deixaram a capital portuguesa entre os dias 3 e 17 de fevereiro, com destino ao sul de Portugal. IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. cf. Folch, 1972, p.23-29.

<sup>470</sup> Por decreto oficial, desde 1680 os barcos que vinham da América estavam autorizados a desembarcarem tanto em Sevilha, como em Cádiz. A passagem dos nossos personagens por estas cidades ocorreu em dezembro de 1716 e, portanto, naquela ocasião a sede da Casa de Contratação das Índias ainda estava em Sevilha, sendo transferida oficialmente à Cádiz no ano seguinte.

<sup>471</sup> Joan Salvador i Riera escreve em seu diário que a chegada em Cádiz aconteceu no dia 15 de dezembro de 1716, onde permaneceram até véspera do Natal, dia 24. Após um percurso de dois dias, passando por alguns vilarejos, chegariam em Sevilha no próximo dia 27 e ali ficariam até o dia 30 daquele mesmo mês. IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28, cf. Folch, 1972, p.17-18.



Esta disparidade entre os núcleos espanhol e português não é explicitamente por eles justificada, mas tendo como referência a intenção que tinham em coincidir com as embarcações oriundas das Américas, podemos sugerir que Lisboa se perfilou como o espaço de experiência mais proveitosa como elo essencial no estabelecimento de uma via de abastecimento de *americana* para o gabinete barcelonês. O próprio Joan Salvador não deixa de manifestar certa indiferença – que permite até mesmo ser interpretada como decepção – em relação à principal instituição do comércio colonial espanhol na época. Ainda que sempre comedido em suas anotações particulares, a passagem pela Casa de Contratação e pela *Lonja* de Sevilha não entusiasmaram o naturalista catalão, que se limitou a descrevê-las como não sendo “grande coisa”.<sup>472</sup> A decepção com os centros do comércio colonial espanhol também foi relatada por Antoine de Jussieu que, em carta ao abade Bignon, se lamentava “nós realmente gostaríamos muito de descobrir Cádiz, seja pelas drogas ou pelo que vem de curioso das Índias ocidentais, mas em um par de dias vimos tudo o que nos interessava”<sup>473</sup>, informando que “não há gabinete de história natural, os farmacêuticos são menos providos que os em nossas menores cidades da França”<sup>474</sup>. Diante de um quadro tão escasso, a passagem pela cidade não havia sido tão produtiva e, segundo Jussieu, “a única droga que compramos foi um bálsamo líquido e verde, é chamado [sic] *Asseite de Maria*, ou óleo de Maria, e lhe atribuem virtudes admiráveis”<sup>475</sup>. Apesar da compra, a aquisição não teria impressionado, pois, não era exatamente uma novidade para ele “eu recebi da Ilha de Bourbon um bálsamo idêntico que foi dessecado e que me haviam intitulado espécie de goma tacamaca”<sup>476</sup> e, frustado com o resultado, o naturalista francês concluía que “a pequena

---

<sup>472</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28, cf. Folch, 1972, p.19.

<sup>473</sup> MNHN, Ms 902 (2), f. 54. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “nous esperions beaucoup decouvrir a Cadis soit pour la drogue soit pour ce qui vient de Curieux des indes occidentales; mais dans un couble de jours, nous avons vu tout ce qu’il y avait de remarquable”.

<sup>474</sup> MNHN, Ms 902 (2), f. 54. Texto original em francês: “On ne connoit dans cette ville que les piastres et les doublons, il n’y a aucun cabinet de Curiosité naturelle; les droguistes y sont mois fournis que dans nos moindres villes de France”.

<sup>475</sup> MNHN, Ms 902 (2), f. 54. Texto original em francês: “la seule drogue que nous y avons acheté, c’est un Beaume liquide et verdatre. On le nomme Asseite de Maria, ou huile de Marie, et on luy donne des vertues admirables”.

<sup>476</sup> MNHN, Ms 902 (2), f. 54. Texto original em francês: “j’ay reçu de l’isle de Bourbon de pareil beaume qui estoit desseché et que l’on m’avoit intitulé Espece de Gomma Tacamaca”. De fato, Antoine de Jussieu tinha motivos para estar indiferente em relação à droga adquirida, afinal, o seu parecer estava correto. O medicinal foi analisado por Jean Moreau em um artigo no *Journal des Sçavans*, em 1703, onde afirma que o óleo de maria e a goma tacamaca eram o mesmo produto, sendo originários tanto de Madagascar (Ilhas Bourbon) quanto da Nova Espanha. A *Farmacopea matritensis* (1739, p.90) também trata os bálsamos como equivalentes. Na coleção de medicinais do gabinete Salvador, conserva-se um frasco etiquetado com os dizeres “Goma Tacamacha” (Salv-8476).

curiosidade que os espanhóis têm para todas as coisas é causa”<sup>477</sup>. Para seu desgosto – e seguramente para o de Joan Salvador também – a situação não melhoraria na cidade seguinte, conforme relatou ao seu correspondente “encontramos ainda menos curiosidades e curiosos em Sevilha do que em Cádiz”<sup>478</sup>, motivo suficiente para desejarem partir para Lisboa o quanto antes.

As declarações de Antoine de Jussieu são bastante significativas, pois demonstram que se a experiência nos espaços espanhóis diretamente conectados com o comércio colonial americano não teria correspondido com as expectativas, o motivo pode estar relacionado, na verdade, mais com questões de articulação e não exatamente com a oferta e a qualidade dos materiais disponíveis. Em outras palavras, a natureza da América espanhola, provavelmente, não era menos interessante para Joan Salvador. A diferença pode estar no acesso, nas relações pré-estabelecidas naqueles espaços que atuariam a seu favor na facilitação dos materiais desejados. A rede de contatos estabelecida antes da viagem tanto por Joan Salvador, quanto por seu pai Jaume – e, inclusive, por seu avô Joan Salvador i Boscà –, não foi tão efetiva para este propósito nestas cidades, o que pode ter dificultado ou limitado a resolução de seus objetivos.

Diferentemente do que pode ter acontecido em Cádiz e Sevilha, Joan Salvador chegaria em Lisboa com uma, não exatamente ampla, mas importante rede de contatos previamente estabelecidos que o situava não apenas no cerne das atividades coloniais portuguesas, como também nos círculos científicos e eruditos daquele país, como foi o caso de Dom João de Almeida e seu filho, Pedro Miguel de Almeida. Uma amizade que, como dissemos no primeiro capítulo, teria se estabelecido em Barcelona, no contexto da Guerra de Sucessão.

A estadia da família Almeida na cidade de Barcelona seria bastante notável, não somente por atividades políticas e militares, mas também pela intensa vida social que, especialmente, D. João, levaria a cabo com a ocasião. Representante oficial dos Bragança de Portugal, o 2º Conde de Assumar gozava de todas – ou quase todas – as comodidades que o próprio rei português teria se estivesse em seu lugar, fato que pode ser evidenciado no local onde a família fixou residência durante sua permanência na cidade. O edifício escolhido como vivenda familiar foi o Palácio do Duque de Sessa, um palacete de estilo barroco situado no

---

<sup>477</sup> MNHN, Ms 902 (2), f. 55. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “le peu de Curiosité que les Espagnols ont pour toute choses en est la cause”.

<sup>478</sup> MNHN, Ms 902 (2), f. 56. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “Nous trouvons encore moins de curiosité et de Curieux a Seville qu’a Cadis”.

número 28 da rua *Ample*.<sup>479</sup>

O novo endereço dos Almeida Portugal chama atenção não apenas pelo requinte do espaço edificado e sua privilegiada localização, mas sim, por estar, coincidentemente, na mesma rua onde, a pouco mais de duzentos metros, estava situada a residência dos Salvador, bem como sua botica e seu gabinete de curiosidades. Assim, antes de qualquer relação mais íntima, Jaume e Joan Salvador foram, então, vizinhos de D. João e Pedro Miguel de Almeida. É bem conhecida a participação dos Almeida nas solenidades cortesãs da capital catalã, onde os próprios organizaram diversas festas enaltecidas pela pompa e suntuosidade, como por exemplo, os banquetes ofertados por D. João para celebrar o casamento de D. João V com Maria Ana da Áustria e o nascimento da primogênita do matrimônio, Maria Bárbara.<sup>480</sup> Dada a proximidade das residências e também o envolvimento da família Salvador com a política local, não seria inesperado se Jaume, e até mesmo Joan, estivessem presentes nas festividades, como convidados do Conde de Assumar.<sup>481</sup>

A amplamente documentada e divulgada dispendiosa rotina do 2º conde de Assumar durante seu mandato como embaixador extraordinário de Portugal na Catalunha, costuma ter como objeto de análise a sociabilidade destes personagens empregada como estratégia para construir tanto uma imagem de nobreza e como importantes recursos de propaganda dos serviços prestados a Coroa.<sup>482</sup> Contudo, os aspectos mais eruditos destes personagens pouco são explorados nesta conjuntura, assim como a sua participação nos círculos científicos da cidade de Barcelona. A biografia dos nobres portugueses costuma apresentar uma lacuna neste quesito, que omite as relações estabelecidas localmente e as atividades postas em práticas que os conectam com o desenvolvimento da ciência na Europa, especialmente com a

---

<sup>479</sup> Marcos; Monteiro, 2017, p. 270-271. Em nota, os autores citam dois documentos onde esta informação pode ser constatada. A primeira se trata do diário de Dom João de Almeida, onde o mesmo escreveria sobre a residência em Barcelona [ACRG, *Diário que comessa em 28 de junho [1705], f. 77v-78*] e, o segundo, uma carta de 1746 redigida pelo filho de Pedro de Almeida, também João de Almeida, onde comentava com o pai que durante sua passagem por Barcelona, havia visitado a casa que a família havia morado nos tempos em que viveram na cidade. Embora não citem a referência deste documento, indicam o trabalho de Nuno Gonçalo Monteiro (2000) como referência, no qual trata de transcrever e analisar a correspondência epistolar mantida entre Pedro de Almeida e seu filho João de Almeida onde, certamente, consta a referida carta.

<sup>480</sup> Este evento, assim como outros promovidos por Dom João de Almeida, foi descrito pelo italiano Giovanni Francesco Gemelli Careri, em seu *Viagem pela Europa* (1704-1711). Apesar da descrição, Careri não menciona a presença de algum membro da família Salvador na festividade, assim como em nenhuma passagem de sua obra, mesmo quando se dedica a falar de suas visitas farmácias e coleções naturalistas na cidade. Dois volumes de sua obra podem ser encontrados na biblioteca dos Salvador sob registros *I/III/2* e *I/III/3*.

<sup>481</sup> Embora tudo leva a acreditar que ambas famílias estiveram em contato, ainda não conseguimos encontrar nenhuma prova concreta deste vínculo. Em sua obra dedicada ao período mais crítico da Guerra de Sucessão, o cerco de 1713-1714, Albert Garcia Espuche ressalta estas lacunas, mas, ainda assim, considera certa o relacionamente entre eles (2014, p.82-84).

<sup>482</sup> Marcos, 2015; Pereira, 2017.

história natural.<sup>483</sup> Esta é, em boa parte, a razão pelas quais não podemos encontrar documentos que comprovem a presença dos Almeidas nos espaços dedicados à temática proporcionados pelos seus vizinhos, os Salvador.

A complexa formação intelectual dos Almeida é comumente ressaltada pela historiografia, e não é novidade o interesse que tinham pelas letras, artes e ciência. Devido esta inclinação pela erudição, era esperado que, durante estes anos em que residiram em Barcelona, tivessem se relacionado com personagens que compartilhavam dos mesmos interesses. E, como já mencionado anteriormente, ao situar a cidade de Barcelona através destes preceitos, invariavelmente, nos aproximamos das atividades fomentadas pela família Salvador. Assim, certamente, podemos afirmar que João de Almeida e seu filho Pedro Miguel – este, quando não se encontrava em campanha – estavam entre os assistentes nas tertúlias promovidas pelo vizinho Jaume Salvador, na sala traseira de sua botica, no espaço onde estava acondicionado seu gabinete de curiosidades e sua biblioteca.

Quando em Lisboa, Antoine de Jussieu escreveria ao seu irmão Laurent de Jussieu, comunicando sobre um possível comprador para a coleção de moedas que seu irmão havia colocado à venda, sobre o qual dizia “se este senhor não estivesse de partida para o Brasil, onde será o governador das Minas, o negócio deste gabinete seria feito ainda este ano”.<sup>484</sup> Como sabemos, a caravana franco-catalã teria chegado em Lisboa em 20 de janeiro de 1717, onde permaneceram até o último dia de março. Naquela ocasião, Pedro Miguel de Almeida havia recentemente recebido a nomeação régia para o cargo de governador colonial e se preparava para exercer seu mandato no Brasil, para onde partiu logo após os colegas viajantes deixarem a capital portuguesa, em 17 de abril daquele mesmo ano. Embora a identidade de Almeida não seja literalmente mencionada nesta ocasião, em uma segunda carta escrita, dessa vez ao seu supervisor, o abade Bignon, Jussieu lhe informaria “o conselho que demos a Pedro de Almeida que vai partir para as Minas do Brasil, onde foi nomeado governador, será ainda mais vantajoso para nós, uma vez que se ofereceu para colher todas as sortes de sementes em

---

<sup>483</sup> De fato, o interesse e participação de Pedro de Almeida no comércio de *naturalia* não é analisado nem mesmo por alguns autores que se dedicaram a estudar este personagem. Em tese apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Marcos Aurélio de Paula Pereira menciona esta característica das atividades de Almeida, com caráter de peculiaridade, como mais um costume da aristocracia erudita da época e, em suas palavras “talvez, por isso, D. Pedro trouxesse da Índia algumas cascas de tartaruga” (2009, p.169), irrelevando toda a complexidade do colecionismo científico do qual era adepto.

<sup>484</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms\_Jus 1/2/15-43. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu (Lisboa, 26/01/1717). Texto original em francês: “Dans toute notre route je n’ay u trouver qu’un seigneur Portugais qui soit en état d’acheter son Cabinet de Medailles. Le récit que j’en fait à ce seigneur et la lecture de l’état de ce cabinet ont donné envie a ce seigneur de posséder une collection aussi bien choisie que’elle seroit l’unique qu’on pu voir en Espagne et en Portugal. Si ce seigneur n’étoit pas sur son départ pour le Brésil ou il va en qualité de Gouverneur des mines, l’Emplette de ce cabinet se feroit cette année”.

seu governo”<sup>485</sup>, não restando dúvidas de que, de fato, Antoine de Jussieu se referia a Almeida.

Por outro lado, as informações extraídas da correspondência epistolar de Antoine de Jussieu, são importantes testemunhos que comprovam não apenas que todos eles estiveram juntos na capital portuguesa, como também tiveram a oportunidade de discutir sobre o mundo natural da América e fazerem planos para esta promissora via de facilitação de *naturalia* brasileira que se consolidava. Mas, se Jussieu teve a chance de conhecer Almeida e ainda estar em condições de fazer planos com ele, esperando ser beneficiado com sua diligência, seria graças à Joan e Jaume Salvador. A relação de Joan com Almeida foi destacada pelo naturalista francês quando este escreveu ao seu irmão “o senhor Salvador está há muito tempo em comércio com este senhor e o amor que ele tem pela história natural nos faz esperar por coisas bonitas do Brasil quando lá estiver”<sup>486</sup>, confirmando que os núcleos familiares dos Almeida e dos Salvador compartilharam momentos em Barcelona e, desde então, seguiram em contato.

Ao que tudo indica, Antoine de Jussieu também tinha algum contato na capital portuguesa. E, assim como Joan Salvador, não se tratava de qualquer contato. Em uma de suas cartas ao companheiro catalão, após cada um deles terem retornado para suas cidades, Jussieu faz referência a um episódio experimentado por eles na casa do Conde de Ericeira, em Lisboa. Personagem ilustre da sociedade portuguesa, com renome internacional, Francisco Xavier de Meneses, o 4º Conde da Ericeira, tem uma trajetória ampla entre os círculos ilustrados de Portugal, sendo figura garantida e de importância incontestável nas sociedades científicas e artísticas na Lisboa de finais dos seiscentos e primeira metade do século XVIII.<sup>487</sup> A menção de Antoine de Jussieu se mostra relevante para nossa discussão por comprovar que, durante a estadia na capital portuguesa, eles participaram das reuniões promovidas pelo Conde em sua residência. Muitas destas reuniões, realizadas no espaço onde repousava a sua esplêndida biblioteca, faziam parte das atividades da chamada *Academia dos Ilustrados*, fundada em 1716, cujos membros – como o próprio nome sugere – eram cidadãos ilustrados da sociedade portuguesa e, entre eles, o 2º Conde de Assumar, Dom João de

---

<sup>485</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902(2), f. 62. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Lisboa, 14/03/1717). Texto original em francês: “La cunnoissance que nous avons fait de Pedro de Almeida qui va partir pour les Mines du Bresil ou il est nommé Gouverneur nous sera d’autant plus avantageuse qu’il s’est offert de nous faire cuillir toutes sortes de semences dans son Gouvernement”.

<sup>486</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms\_Jus 1/2/15-43. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu (Lisboa, 26/01/1717). Texto original em francês: “Mr Salvador étoit depuis longtems en commerce avec ce seigneur et l’amour qu’il a pour l’histoire naturelle nous fait espérer de belles choses du Brésil lorsqu’il y sera. Si son départ n’étoit pas si pressé, nous aurions eu l’honneur de sa compagnie dans nos herborisations du Portugal”.

<sup>487</sup>Sobre o colecionismo científico em Portugal, ver: Brigola, 2003.

Almeida, pai de Pedro Miguel.<sup>488</sup>

A importância deste conjunto de informações reside na conjectura previamente postulada de que Lisboa teria se mostrado um local fortuíto para os projetos de Joan Salvador referentes ao enriquecimento das coleções de *americana* de seu gabinete, não por um interesse maior na porção portuguesa do novo continente, mas sim pelos contatos previamente estabelecidos que foram capazes de proporcionar uma experiência bastante vantajosa, confirmada pela correspondência epistolar mantida com este núcleo posteriormente ao seu retorno a Barcelona.

Se por um lado os célebres contatos de Joan Salvador em Lisboa foram importantes para conectá-los aos espaços e personagens bem articulados com o comércio colonial português, por outro não foram os responsáveis pelo enriquecimento das coleções do colega catalão. Ou melhor, não diretamente. Durante sua estada na cidade, eles fizeram Joan partícipe dos temas em voga, em concordância aos seus interesses e, como mostra as mencionadas cartas de Antoine de Jussieu, alimentaram altas expectativas no que concerne à facilitação de amostras da natureza americana. Já tivemos a oportunidade de discutir a estratégia utilizada por Joan Salvador para manter este negócio ativo, mesmo depois de seu retorno à Barcelona. A articulação de uma rede com seus compatriotas se mostraria fundamental para manter o elo com Almeida no Brasil, fazendo assim a triangulação entre Barcelona, Lisboa e América.

Como veremos, aos poucos, a promissora – e privilegiada – via de acesso, em cujo centro se destacavam personagens ilustres e poderosos, como os condes de Assumar, se caracterizaria pela ramificação de pequenos atalhos, construídos e mantidos por estes atores “anônimos” que, desempenhando um sem fim de atividades motivados por uma multiplicidade igual de interesses, se consolidariam como os responsáveis por abastecer as coleções de conteúdo americano dos Salvador. Ou, como veremos ao final deste capítulo, nos personagens escolhidos por Joan Salvador para ajudá-lo neste desafio e, não necessariamente, nos principais fornecedores de *americana* de seu gabinete.

Com sua rede particular estabelecida, a primeira atitude tomada por Joan, colocando seu plano em ação, foi escrever imediatamente para seus colaboradores, logo após deixar a cidade de Lisboa. Ao que tudo indica, Joan teria utilizado o endereço de Bonaventura Capdevila para enviar todas as cartas, delegando a ele a tarefa de repassá-las aos seus respectivos destinatários – que incluía também Miquel Gallart, outro catalão de quem

---

<sup>488</sup> Pereira, 2017.

voltaremos a falar mais adiante, mas que, desafortunadamente, não se conserva nenhuma resposta dele à Joan Salvador. Entre os documentos remanescentes, conservam-se três cartas, escritas por Capdevila, Pasqual Belloley e Joan Sala, e correspondem às suas respectivas respostas à Joan Salvador.

A primeira delas, escrita por Capdevila, em 6 de junho de 1717, o comerciante, além de garantir ter cumprido com a missão confiada, repassando as demais cartas aos seus companheiros, demonstra atenção quanto aos interesses de Joan em conseguir as amostras da natureza americana, assegurando-lhe “se aparecer alguma extravagância aos Padres da Companhia ou a outros cuidarei de colher e remeter a Vm”<sup>489</sup>. As respostas de Sala e de Belloley possuem a mesma data, 6 de julho de 1717, um mês após a de Capdevila. E, ambos, assim como o companheiro, também se mostraram atentos aos desejos do compatriota boticário em Barcelona. Em sua carta a Joan Salvador, Sala garantia “se alguma coisa chegar em minhas mãos digna da curiosidade de Vm não irei me descuidar, esteja seguro”<sup>490</sup>, enquanto Belloley dizia já estar enviando “bálsamo de copaíba à senhora”<sup>491</sup>, provavelmente se referindo à Maria Eulália Riera, mãe de Joan.

É interessante ressaltar que em duas das três cartas as quais nos referimos, seus correspondentes diziam estar contentes com a sua volta ao aconchego familiar, porém eles mencionam que a carta de Joan informando sobre sua chegada a Barcelona havia sido escrita no dia 12 de maio. De acordo com seu diário particular, escrito durante o percurso, nesta data a comitiva se encontrava na região de Madrid, onde, naquela ocasião haviam se dedicado a visitar o convento de São Lourenço do Escorial.<sup>492</sup> Disso concluímos que Joan nem mesmo esperou chegar em casa – em 30 de maio<sup>493</sup> – para contactar seus correspondentes e manter viva sua presença entre eles.

As informações que temos disponíveis, não permitem afirmar que Joan teria feito encomendas a estes correspondentes ainda em Lisboa, com excessão de Bonaventura Capdevila. De acordo com sua carta, ele teria ficado responsável por enviar desde Lisboa algumas plantas a Barcelona.<sup>494</sup> Provavelmente, plantas coletadas durante as herborizações realizadas por Joan Salvador e Antoine e Bernard de Jussieu nos arredores da cidade, que teriam ficado para trás por falta de espaço na carruagem e por medidas de conservação – cuja

---

<sup>489</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/21)b. Carta de Bonaventura Capdevila a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 06/06/1717). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 80].

<sup>490</sup> Anexo 55.

<sup>491</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/21)c. Carta de Pasqual Belloley a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 06/07/1717). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 81].

<sup>492</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28, cf. Folch, 1972, p.35.

<sup>493</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28, cf. Folch, 1972, p.37.

<sup>494</sup> Anexo 80.

dinâmica abordaremos no seguinte apartado. Este pode ser um dos motivos que tenham levado Joan a enviar-lhe todas as demais cartas, aproveitando a oportunidade. Ainda que somente Capdevila faça referência a alguma pendência já existente, os demais mencionam a realização das ordens recebidas por Joan. Ou seja, nestas cartas distribuídas por Capdevila, Joan teria designado tanto a Sala quanto a Bellsoley diferentes encargos. Enquanto a Bellsoley o pedido parece estar relacionado com a aquisição de livros, a incumbência de Sala era fazer a ponte entre Joan Salvador e George Clifford (1685-1760), enviando ao diretor da *Companhia das Índias Orientais*, em Amsterdam, um pacote de sementes que tinha como destinatário final Herman Boerhaave.

Apesar do ambiente favorável, sabemos que o plano de Joan não saíria exatamente como o esperado – e desejado. Desafortunadamente, estas cartas antecipam um hiato documental que compreende quase dois anos. Depois das cartas destes correspondentes catalães, de 1717, a carta seguinte que se conserva deste núcleo entre a documentação manuscrita da família Salvador é a cópia de uma carta de Joan a Pedro de Almeida, escrita em 1719. A propósito, esta carta corresponde a um dos dois documentos conservados da comunicação entre Salvador e Almeida. Além da carta de Joan, conserva-se também uma carta de Pedro de Almeida, escrita em Minas Gerais, em 1720.

Embora o conteúdo de ambas seja muito semelhante, a carta de Almeida não é uma réplica à de Salvador, pois, como veremos, se tratava de uma resposta a uma outra carta, também de autoria do boticário catalão. Se por um lado estas informações demonstram que o fluxo de cartas entre estes personagens em Barcelona e no Brasil foi mais intenso, o conteúdo dos documentos remanescentes nos mostram que, possivelmente, esta fluidez não englobava o comércio de amostras naturais americanas. Fato que pode ser constatado pelas declarações de Joan Salvador a Almeida “sei muito bem o quão difícil é remeter coisas naturais desse país ao nosso, particularmente habitando dentro [sic] as terras muito distantes do mar, mas espero sempre na generosidade de VE que pouco ou muito, poderei alcançar alguma delas”<sup>495</sup>. Possivelmente, na ocasião, Joan ainda não teria recebido nada daquilo que havia sido planejado e prometido durante sua estadia em Lisboa há mais de dois anos. E, ao que tudo indica – e detalharemos mais adiante – se encontrava em permanente espera.

Mesmo sendo consciente dos obstáculos que dificultavam o transporte transcontinental – fato que também seria destacado por Almeida como justificativa ou desculpa para sua omissão e/ou descumprimento da palavra – Joan insiste de maneira enfática

---

<sup>495</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/21)a. Carta de Joan Salvador i Riera a Pedro de Almeida (Barcelona, 07/09/1719). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 82]



na aquisição das amostras por, conforme suas próprias palavras, não duvidar “que no Rio de Janeiro não faltará ocasião de recolher muitas suplico a VE encarregue a algum amigo recolha de todo gênero delas tanto do reino mineral, animal, como vegetal”<sup>496</sup>.

Como informamos, a única carta que temos de Pedro de Almeida sobre este empreendimento iniciado ainda em Lisboa, antes mesmo de partir para o Brasil, foi escrita em maio de 1720. Infelizmente, não conseguimos averiguar em que momento este documento teria chegado nas mãos de Joan Salvador, nem mesmo quem teria sido empregado como intermediário entre eles. Em nenhuma das cartas intercambiadas com o núcleo catalão estabelecido em Lisboa se menciona o recebimento de alguma carta de Almeida – com exceção de uma única de Pau Martí, que já discutiremos. Muito pelo contrário, toda a correspondência entre Lisboa e Barcelona é permeada pela ausência do governador em terras luso-americanas. Apesar de “apartada”, a carta de Almeida resume toda a epígrafe das atividades circunscritas no grande projeto de Joan Salvador, movimentadas durante aqueles anos em que atendeu por governador das Minas no Brasil.

Consciente de sua negligência e das esperanças que mantinha seu colega espanhol, Almeida lhe pedia compreensão, confessando “quando saí de Lisboa, vinha com a intenção de lhe enviar logo algumas coisas naturais do país imaginando que não seria tão dificultosa a condução, nem tão distante do mar”<sup>497</sup>, reforçando aquilo que Joan Salvador já havia lhe comunicado estar ciente, embora não estivesse de acordo de que estes detalhes pudessem ser um obstáculo insuperável, como vimos ainda há pouco em sua carta. Ao que tudo indica, então, Almeida já havia se justificado desta maneira, porém, nesta ocasião, ele seria mais enfático no que isso poderia significar “quando aqui cheguei e vi o inacessível destas montanhas, confesso a Vm que me esfriei um pouco; porque mesmo o necessário não se pode subir aqui, a não ser nas costas de homens”<sup>498</sup>, assumindo o que os retornos não seriam como haviam combinado. Ainda assim, manteria a esperança de seu colega “contundo ainda se daqui não puder mandar tudo o que eu gostaria, farei de todo o possível para levar a maior parte e remetê-las a Vm”<sup>499</sup>. Como dissemos, não sabemos quando esta carta chegaria a seu destinatário, mas independentemente de quando tenha acontecido, durante todo este tempo Joan Salvador não desistiria de se beneficiar desta promissora rede.

Se por um lado não temos informações dos responsáveis por repassar as duas cartas

---

<sup>496</sup> Anexo 82.

<sup>497</sup> IBB, Fons Salvador, R.(02/23/03). Carta de Pedro de Almeida a Joan Salvador i Riera (Vila do Carmo – Minas Gerais, 07/05/1720). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 83].

<sup>498</sup> Anexo 83

<sup>499</sup> Anexo 83.

em questão, temos conhecimento de que teria sido Pau Martí o encarregado de Almeida responsável por encaminhar uma outra carta que teria escrito a Joan Salvador, missão que teria cumprido satisfatoriamente, visto que escreveria a Salvador “agora que para encaminhar a incluída a Vm que me enviou o Sr. Conde Don Pedro de Almeyda tenho motivo para lhe escrever”<sup>500</sup>, deixando claro que ele teria sido o escolhido por Pedro de Almeida para assegurar que sua carta chegaria até as mãos de Joan Salvador, se convertendo como um intermediário entre ambos.

A declaração de Martí também confirma aquilo que Antoine de Jussieu havia demonstrado no passado, de que a correspondência entre o nobre português e o boticário catalão era muito anterior, mas, desafortunadamente, ainda não pudemos localizar outras cartas além das já mencionadas.<sup>501</sup> Esta também é a primeira carta conservada de Pau Martí a Joan Salvador, o que faz com que não seja possível determinar se esta conexão entre eles era regular ou se consistia no primeiro contato de ambos relacionado ao governador das Minas.<sup>502</sup> Apesar das dúvidas, o imprescindível é que, a partir de então, e durante um longo período, Pau Martí se converteria, junto com Joan Sala, no principal elo entre o naturalista catalão e o governador das Minas, inclusive depois do fim de seu mandato e retorno à Portugal, em 1722.

Repetindo o que havia feito seus conterrâneos, Pau Martí também se prontifica a atuar a favor de Joan Salvador, se empenhando em conseguir amostras de *americana* para sua coleção. Mas, a diferença dos outros, diz já ter intervindo nesta operação, aparentemente sem ordem direta de Joan “eu encarreguei a Barthomeu Bis que está nas Minas do Sr. Conde, que procure todas as castas de pedras, madeiras, ervas, raízes e animais que se encontram naquela terra medicinais e me envie o que encontrar”<sup>503</sup>. Porém, a despeito de seu esforço, lamenta ainda não ter tido sucesso na investida, já que Barthomeu Bis – mais um catalão, que havia ido com a comitiva de Pedro de Almeida ao Brasil – não teria tocado no assunto nas cartas que recebidas dele. No entanto, Martí justifica a omissão de Bis, acreditando estar ele

---

<sup>500</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-1. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 31/10/1719). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 84].

<sup>501</sup>Embora estes sejam os únicos vestígios manuscritos da correspondência entre Joan Salvador e Pedro de Almeida, entre as coleções remanescentes do gabinete de curiosidades da família Salvador encontram-se uma amostra do fruto de uma espécie de acácia, descrita como *Nou exótica [Acaciae species] de dr. Pedro de Almeyda* [Salv-8459] e um frasco com a etiqueta *Siliquae ex Acacia/ quae Gummi de/ [Senegal] fert./ ex Insulis de Cabo Verde/ Almeyda RF/ Siliquae ex Acacia quae/ Gummi de Senega fert/ ex Insulis Cabo Verde* [Et-706], provas do comércio mantido entre eles.

<sup>502</sup> Se considerarmos as informações apresentadas no primeiro capítulo sobre as aproximações do núcleo familiar de Joan Salvador com cada um de seus correspondentes catalães em Lisboa, não parece plausível que Pau Martí tenha se conectado à Joan apenas neste momento. As palavras amigáveis de Martí e maneira como se refere aos acontecimentos e membros da família Salvador denotam uma certa intimidade, que nos faz acreditar que, assim como havia passado com Almeida, as relações entre estes os dois núcleos estavam movimentadas há muito mais tempo.

<sup>503</sup> Anexo 84.

procurando “o que lhe fará mais proveito”<sup>504</sup>.

Como de costume, após manifestar o desvelo concedido, Martí relata se sentir molesto devido a uma tosse, que diz perdurar há muito tempo. E, sem titubear, recorre aos conhecimentos de Joan, pedindo “se VM<sup>e</sup> para este tipo de tosse souber algum alívio lhe estimarei meu partícipio”.<sup>505</sup> Se observarmos, os favores solicitados pelos correspondentes catalão-lisboetas estão todos relacionados com pedidos de ordem pessoal, exigindo de Joan habilidades relacionadas quase sempre com a atuação de Joan Salvador enquanto cidadão e residente em Barcelona, cujo ofício é o de boticário. Esta característica é bastante diferente das conveniências evidenciadas nas relações com outros personagens, como James Petiver ou Antoine de Jussieu, por exemplo. Enquanto Petiver explorava os méritos de Joan enquanto naturalista e colecionador, reconhecendo a sua figura como um *homem da ciência*, Pau Martí e os demais correspondentes catalães, investiam na imagem de Joan enquanto boticário. Além de Martí, Bonaventura Capdevilla também aproveitaria o ensejo para, em sua carta de 1717, informar sobre seu estado de saúde “estes dias me volta a repetir a dor nos rins, mas me alívio com coisas frescas, e de qualquer maneira ao serviço de Vm”<sup>506</sup>. Embora Capdevilla não peça nenhum medicamento, este pode ter sido apenas um recurso de retórica, deixando subentendido que convivia com este mal-estar, ao mesmo tempo que reforça estar à disposição de Joan Salvador. Ou seja, como reconhecimento pela colaboração, Joan poderia muito bem ajudá-lo a aliviar suas dores, seja prescrevendo receitas ou mesmo enviando medicinas de Barcelona.

Tal como postulamos no final do primeiro capítulo, quando analisamos a diferença das maneiras de se relacionar e prosseguir com os negócios entre aqueles colaboradores envolvidos no projeto global de enriquecimento das coleções – no qual a *americana* era parte dos propósitos – e aqueles designados para executar o projeto “*americana* brasileira”, para este último grupo as vantagens de colaborar com Joan Salvador era bastante peculiar. Em boa parte, o fato de serem todos catalães, Barcelona se sobrepunha como um eixo entre eles, representando para aqueles que estavam em Lisboa o entorno que delimitava as possibilidades de se beneficiarem com favores retribuídos por Joan Salvador. Enquanto estes conterrâneos em Lisboa eram elo principal entre o gabinete de curiosidades de Barcelona e a América, Joan Salvador era o elo entre eles e Barcelona. Sendo assim, é compreensível que estes pedidos fossem relacionados com a profissão e/ou participação social e política dos Salvador, porquê,

---

<sup>504</sup> Anexo 84.

<sup>505</sup> Anexo 84.

<sup>506</sup> Anexo 80.

naquele espaço, estes eram seus respectivos campos de atuação e de influência.

Este aspecto continua evidente na carta seguinte de Pau Martí, em resposta a uma de Joan datada de 25 de novembro. Como esperado, o pedido pela receita de um remédio que pudesse curar a tosse de Martí não foi ignorado por Joan, em agradecimento e, certamente, pela expectativa de receber as notícias e materiais da América encomendados por Martí em seu favorecimento. Ao agradecer a receita, Martí faz uma observação “se faltar alguma coisa que estes idiotas [ileg.] não conheçam, não menosprezarei os favores que me promete”<sup>507</sup> onde, por meio da crítica aos boticários de Lisboa, que poderiam não estarem providos com os medicinais comuns em Barcelona, demonstra interesse na garantia de Joan em estar disposto a ofertá-los em troca dos favores recebidos. Por um lado, criticar os boticários da capital portuguesa não necessariamente significava que aqueles profissionais não tinham medicamentos eficazes para curar uma tosse, mas, pelo contrário, poderia ser uma astúcia de Martí que, através do elogio dissimulado à botica dos Salvador – mais abastecida que as de Portugal – induzia seu correspondente a enviá-los desde Barcelona como parte do favor e, assim, não precisar pagar por eles, otimizando a rentabilidade daquela oportunidade.

A superestimação era uma estratégia comum nestes negócios, sendo aplicada tanto por aqueles em posições sociais menos privilegiadas a fim de ter a atenção e garantir alguns privilégios daquele que representava algum poder, como o inverso, onde os elogios daqueles com mais poder aos seus correspondentes em posições hierárquicas mais baixas serviam como um incentivo para que se sentissem “especiais” e continuassem colaborando com eles.

Seguindo com a nossa interpretação de que os interesses de alguns destes correspondentes em colaborar com Joan estavam relacionados com os privilégios sociais que desta cooperação poderiam resultar, no caso de Pau Martí, seu objetivo fica cada vez mais claro, já que, ao saber que Joan e sua esposa, Maria Benages, esperavam um filho, não hesita em declarar “eu estimo da sua Sra. as boas lembranças, e a saúde com o filho que Vm lhe dá em profecia e, se nascer menina, será o que eu, e outros que estamos para casar, estamos precisando”<sup>508</sup>, pedido que, como veremos mais adiante, fora ignorado por Joan Salvador, apesar da insistência de seu correspondente, que tornará a expor suas intenções em outras oportunidades.

Possivelmente, a liberdade de Pau Martí em se colocar à disposição para um futuro matrimônio com a filha – ainda nem nascida – de Joan Salvador, se deve aos favores

---

<sup>507</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-2. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 09/01/1720). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 85].

<sup>508</sup> Anexo 85.

concedidos, como prova de sua confiança. Para isso, não se esquece de atualizá-lo sobre aquilo que lhe interessava: notícias daqueles que estavam nas Minas. Na sequência da sua proposta, diz “estou esperando a frota da Bahia, e com ela cartas de Bartholomeu Bis das Minas para ver o que responderá sobre os medicinais que lhe encomendei, e o que ele me dizer eu participarei a Vm”<sup>509</sup>, demonstrando-se esperançoso pela resposta de Bis, ainda que sem nenhum sinal de que a teria proximamente.

A segurança com que Martí escreve sobre estas notícias, pode ser interpretada como um reforço positivo para manter em Joan a esperança por ser atendido em seus pedidos, vinculando o sucesso desta realização com a sua intermediação. Responsável por enviar as cartas de Joan para a América, e sabendo que o retorno não estava sendo muito produtivo, Martí diz “a carta para o Conde D. Pedro que Vm enviou já foi com outra minha em um navio solto que saiu semana passada”<sup>510</sup>. Dizer que também havia enviado uma carta ao Conde escrita a próprio punho, era uma maneira de afirmar a sua disposição em atuar a favor de Joan, pressionando Pedro de Almeida. Já que, em ocasião de um retorno de Almeida, mesmo sendo este um contato estabelecido por Joan Salvador há anos, sem nenhuma conexão com Pau Martí, os méritos acabariam, de alguma maneira, sendo atribuídos aos seus esforços e participação na intervenção. Além de garantir que estava empenhado neste negócio, Martí também incentivava Joan a continuar pedindo por seus materiais, esclarecendo que “tem tempo para enviar-me mais [cartas], porque acredito não sair a frota do Rio antes do próximo 15 de março”<sup>511</sup>.

A seriedade manifestada por Martí ao executar as ordens de Joan Salvador, somadas à sua proatividade ao interferir neste negócio, seriam recompensadas com a confiança de Joan Salvador, que o designaria como seu correspondente e homem de confiança. A partir de então, Pau Martí viria suas atribuições – até o momento restringidas à intermediação com Dom Pedro de Almeida e Bartholomeu Bis – se ampliarem, lhe sendo designada a importante tarefa de ajudar Bruno Verdera, o sobrinho de Salvador, que se encontrava em Lisboa e precisava partir para o Brasil. Sendo a missão encontrar alguma embarcação que aceitasse transportar o rapaz, Pau Martí, aparentemente, não teria encontrado maiores dificuldades em sua realização, visto que, nesta mesma carta, informaria sobre o sucesso da negociação “notifico que a recomendação que faz de Bruno Verdera fará que vá com um navio que se

---

<sup>509</sup> Anexo 85.

<sup>510</sup> Anexo 85.

<sup>511</sup> Anexo 85.

está emparelhando [ileg.] a costa da Mina na África, como cirurgião”<sup>512</sup>. Satisfeito em poder colaborar com a realização das ordens de Joan Salvador, Pau Martí, talvez, estivesse entusiasmado com o estreitamento desta relação, a qual poderia render bons frutos. Afinal, como claramente exposto por ele, o jovem cirurgião havia conseguido embarcar graças à carta de recomendação apresentada, escrita por seu tio. Embora o mencionado navio em que Bruno embarcaria tinha como direção a África, veremos que ali chegaria e, posteriormente, finalmente alcançaria seu destino final, na região brasileira de Minas Gerais.

Porém, como veremos ao longo desta discussão, quanto mais colaborava positivamente neste empreendimento, mais aumentavam as expectativas sobre seu trabalho e mais as responsabilidades recaíam sobre sua pessoa, algo que se tornaria insustentável em determinado momento.

Se nos atentarmos para a data em que esta última carta de Pau Martí fora escrita, em janeiro de 1720, teremos em conta que a já mencionada carta de Pedro de Almeida ainda não tinha alcançado Joan Salvador que, ao que tudo indica, seguia há algum tempo sem notícias de seu colega. Este silêncio parecia incomodá-lo e, preocupado por talvez não ser merecedor dos favorecimentos de Almeida, enquanto outros poderiam estar sendo beneficiados neste sentido, Joan averigua com Antoine de Jussieu se ele havia recebido alguma notícia do governador das Minas. Esta curiosidade de Joan é uma dedução, em decorrência de uma carta de Jussieu neste meio tempo, onde seu companheiro de viagem lhe informa “o sr. d’Almeida não nos deu nenhuma notícia sobre ele, mas enviarei ao sr. Paul Martin algumas observações astronômicas feitas no Brasil por Marcgrave”<sup>513</sup>. Para desgosto – ou tranquilidade – de Joan, a omissão de Pedro de Almeida também se estendia ao seu colega francês. A declaração de Jussieu é bastante interessante, pois não apenas deixa claro sua relação com Pau Martí, mas, especialmente, porque também detalha as intenções ocultadas com gentilezas deferidas, no caso presentear o Conde com as *observações astronômicas*. De acordo com Jussieu, a razão deste presente era bastante objetiva: “talvez este livro vai lembrar o Sr. d’Almeida da curiosidade que temos para receber plantas do país onde ele é governador”<sup>514</sup>. A atitude de Jussieu contempla mais uma das inúmeras manobras de persuassão das quais já abordamos, onde as estratégias de manipulação eram recorrentes, especialmente, entre naturalistas e

---

<sup>512</sup> Anexo 85.

<sup>513</sup> Anexo 78.

<sup>514</sup> Anexo 78.

profissionais cujo peso de seus sobrenomes e atividades científicas dotavam de complexidade suas negociações.<sup>515</sup>

Nesta mesma carta, Jussieu atualizava Joan sobre as novidades relacionadas com aquele núcleo, informando “o filho do senhor Conde d'Ericeira, que esteve em Goa por três anos como vice-rei, me deu a honra de me escrever que ele me enviou duas grandes caixas de plantas e pedras figuradas, quando elas chegarem aqui, eu lhe darei os detalhes”<sup>516</sup>. Se por um lado Pedro de Almeida, aparentemente, não fazia diferença entre eles e mantinha ambos sem notícias suas, por outro não podemos dizer o mesmo de Luís Carlos Inácio Xavier de Meneses, filho do então Conde da Ericeira, anfitrião das tertúlias nas quais participaram durante a estada em Lisboa. Ainda que não conseguimos avaliar com evidência suficiente se o contato com o 4º Conde de Ericeira fora intermediado por Dom João de Almeida, ou se Antoine de Jussieu já mantinha correspondência com o erudito português, a conexão resulta significativa.

Embora Meneses estivesse relacionado com a porção oriental do domínio colonial português e, por isso, aparentemente não corresponde como um personagem integrante da rede articulada pelos Salvador que os conecta com as Américas – não podemos desconsiderar que, embora aqui a atenção esteja centrada na rede *americana*, evidentemente a natureza das Índias orientais também era objeto de interesse para Joan Salvador – fato comprovado em diversas cartas, fruto da correspondência, inclusive, com este mesmo núcleo luso-catalão ao qual estamos nos dedicando a analisar. Esta discussão se torna relevante, pois permite uma reflexão que nos situa, mais uma vez, no âmbito das individualidades, abordadas em momentos anteriores.

Cada vez mais fica evidente que estes interesses particulares e as diferenças que um único personagem poderia representar, segundo as intenções de cada uma das partes envolvidas naquela relação. Como vimos, a figura de Joan Salvador – assim como de cada um dos personagens aqui citados – poderia representar inúmeras possibilidades que variavam de acordo com o perfil de seus correspondentes e colaboradores. Para aqueles cujos interesses estavam mais relacionados com sua atividade científica, a aproximação com Joan Salvador visava usufruir de suas condições em facilitar materiais e contatos que pudessem contribuir para a realização de seus projetos profissionais. Nestes casos, a influência de Joan Salvador se explicava em termos intelectuais, muito mais relacionados

---

<sup>515</sup> Recordar discussão apresentada no primeiro capítulo, onde abordamos o conceito de “memória conveniente” (Pugliano, 2012).

<sup>516</sup> Anexo 78.

com seu desempenho enquanto naturalista, apreciado e reconhecido internacionalmente pela comunidade científica.

Por outro lado, o peso da tradição que o sobrenome de Joan carregava, também garantia que sua influência fosse captada por muitos outros personagens cujas atividades não se centravam no campo das ideias, especialmente por aqueles que acompanhavam a trajetória e a proeminência familiar no âmbito da cidade. Este é o caso de Pau Martí e demais conterrâneos que formavam parte desta rede articulada por Joan Salvador, os quais, ainda que com suas particularidades, também enxergavam nesta parceria uma via para promover seus negócios. A diferença destes para os demais colaboradores citados, é que os seus compatriotas não desvinculavam sua influência das atividades desenvolvidas na cidade de Barcelona, seja como insigne boticário e comerciante bem-sucedido ou ainda como poder político. Assim, a influência de Joan Salvador – e de todos seus familiares mais próximos – estava relacionada tanto com suas condições financeiras quanto pela destacada posição que gozava na sociedade catalã – e, em boa parte, justificava o renome e boas relações com pessoas influentes ao redor da Europa.

Estas nuances vão se acentuando à medida que as relações vão se desenvolvendo, mas, como já apontamos, podem ser detectadas desde as primeiras cartas intercambiadas. As divergências de interesses manifestadas por estes dois grupos se reforçam quando comparamos suas reações diante de um mesmo evento. Enquanto Martí via no matrimônio - e especialmente no aumento familiar - de Joan Salvador uma oportunidade para ascender – ou se reestabelecer na sociedade catalã, a mesma notícia foi recebida de maneira oposta por Antoine Jussieu, que manifestou “eu espero que seu casamento ou seus assuntos domésticos não o impeçam de enriquecer seu gabinete cada vez mais”<sup>517</sup>, deixando evidente sua preocupação na rentabilidade de seu companheiro, obviamente, pela ameaça de que qualquer mudança de comportamento de seu colaborador poderia comprometer seus projetos pessoais.

Aquilo que para Antoine de Jussieu, talvez, não fizesse muito sentido, para Pau Martí poderia surgir como a oportunidade ideal. Os aspectos familiares e de parentesco tinham um peso muito mais incisivo nos negócios em andamento entre Joan Salvador e seus intermediários em Lisboa, pois, não podemos perder de vista os motivos que poderiam terem levados a deixarem a pátria para se estabelecerem no exterior. Embora apenas podemos trabalhar com suposições, o exemplo de Martí parece ser bastante sugestivo. Ainda que bem relacionado com os comerciantes mais prósperos de Barcelona, como Milàns – e,

---

<sup>517</sup> Anexo 78.



possivelmente conhecido de seus demais sócios e, portanto, do sogro de Joan Salvador – sua família tinha sido alvo de suspeitas importantes contra o governo de Felipe V, o quê poderia implicar alguma dificuldade para retornar à Barcelona. O matrimônio com a filha de um cidadão descendente de uma família respeitada e bem relacionada localmente, poderia ser o ensejo ideal para se reestabelecer naquele círculo. Da mesma forma, assim como o próprio Joan, todos os seus relativos também compartilhavam o mesmo entorno com estes colaboradores e, conseqüentemente, toda a lógica das vantagens decorrentes desta aproximação segue sendo válida. Talvez por isso, Martí teria se empenhado tanto em ajudar Bruno Verdera. Primeiro, porquê fazia parte de seus planos relacionado à Joan e, segundo, porquê ao ajudar Verdera, Martí tinha mais um aliado para reforçar suas intenções com Barcelona.

Diante de um quadro onde o descontentamento imperava, Bruno Verdera poderia ser a última esperança, tanto de Martí quanto de Joan Salvador, como veremos a seguir. Em carta de abril de 1720, Pau Martí, informava que as notícias – ou a falta delas – vindas do Brasil não correspondiam ao esperado, já que com a frota “vinda da Bahia não tem carta de Barthomeu Bis, nem do sr Conde D. Pedro, nem ainda tenho resposta do dito Bis sobre os medicinais que lhe encomendei”<sup>518</sup>, para desgosto de ambas as partes. Porém, à maneira como havia procedido com Bis, Martí não perderia a oportunidade de se aproximar de Bruno Verdera – quem, obviamente, já havia sido muito bem instruído por seu tio a enviar as amostras desejadas. Assim, Martí, garantia que, caso Verdera conseguisse cumprir com o ordenado, seu nome também estivesse associado ao sucesso dos resultados, tal como já discutimos na oportunidade passada. Diz ele “à Bruno Verdera encarreguei também esta diligência que como mais entendido da faculdade, e menos ocupado se colocará com menos desculpas a procurar daquela terra as coisas medicinais que [ileg.]”<sup>519</sup>.

Além da estratégia mencionada, é interessante notar a retórica empregada por Martí. Ao dizer que Verdera entendia melhor o propósito das coleções naturalistas de seus familiares e, ao mesmo tempo, gozar de mais tempo livre, Martí se mostra habilidoso com as palavras e artiloso em seu propósito. Ao mesmo tempo em que critica a ineficiência de Barthomeu Bis e Pedro de Almeida, que “*colocavam desculpas*” para não cumprir com os pedidos dos amigos – porém redimidos por não terem tanto tempo disponível quanto supostamente Verdera o tinha –, Martí deposita suas fichas em Bruno Verdera, pois, possivelmente, acreditava que o

---

<sup>518</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-3. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/04/1720). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 86].

<sup>519</sup> Anexo 86.

parentesco entre ambos seria motivo suficiente para confiar que dele alguma coisa iria chegar para Joan Salvador e, assim, sendo o intermediário entre eles, imprimiria sua participação neste intercâmbio, conseguindo os agradecimentos de Joan que, certamente, seria compelido a retribuir.

Em sua carta Martí informa a Salvador que a tarefa que lhe foi confiada, de fazer embarcar Bruno Verdera, havia sido realizada com sucesso: “dia 14 de março saíram os dois navios que vão para a costa da Mina na África, no grande vai como cirurgião o seu recomendado e parente Bruno Verdera”<sup>520</sup> e, para enfatizar ainda mais a atenção e disposição despendida neste empreendimento, destaca que Bruno não apenas havia embarcado, mas levava consigo “a minha carta de recomendação para as Minas do Rio de Janeiro”<sup>521</sup>. Curioso notar que em oportunidade passada, Martí destacava a recomendação feita por Joan e, neste momento, quando a tarefa se realiza, transfere para si a competência, deixando claro que Verdera conseguiria passar da África ao Rio de Janeiro, porquê lhe havia escrito uma carta de recomendação.

Com a frota do Rio de Janeiro também havia ido as cartas que Joan teria escrito para o conde Pedro de Almeida. E, mesmo executando todas as ordens recebidas de Joan, repassando suas cartas aos correspondentes no Brasil, Pau Martí não perderia a oportunidade de desencorajá-lo a continuar acreditando neste negócio, não apenas porquê ele desconfiava que os resultados não seriam frutíferos, mas também e especialmente porquê, caso Almeida resolvesse atender aos pedidos de Joan, a sua participação não seria tão exaltada, visto que a amizade e os projetos deles eram anteriores à sua intermediação. Diferentemente do que seria com Bis – contato articulado, ao que parece, totalmente por iniciativa sua – e até mesmo com Bruno Verdera, porque toda a logística de sua viagem para os trópicos dependeu, em boa parte, de seus esforços. Novamente, sua argumentação se baseava nos obstáculos e displicência em transportar mercadorias do interior do Brasil ao litoral, adotando uma postura de complacência com Almeida “D. Pedro tem muita razão na dificuldade que passa do transporte das coisas das Minas ao Rio de Janeiro, porque uma carga de homens que seja de dois arrobas custa ao porto 40p”<sup>522</sup>, fazendo da realidade hipotética um meio para evitar o descontentamento de Joan Salvador. Por outro lado, mesmo defendendo os problemas de condução, mantém a esperança de Joan, reforçando, “mas não posso acreditar que Bis deixará

---

<sup>520</sup> Anexo 86.

<sup>521</sup> Anexo 86.

<sup>522</sup> Anexo 86.

de enviar de lá se alguma coisa do que lhe encomendei se encontra”<sup>523</sup>, colocando em evidência as ordens dadas a Barthomeu Bis, um projeto iniciado por ele mesmo.

Esta carta não alcançaria Joan Salvador antes de 13 de abril, data em que escreveria a Martí, pedindo por algumas informações que já haviam sido fornecidas por Martí em sua última carta, mas que, seguramente, ainda não havia chegado. Não temos o documento de Joan Salvador, mas sabemos de sua antecipação pela carta seguinte de Martí, de junho de 1720. Nela, podemos encontrar detalhes de um dos motivos que teriam feito Joan escrever para o seu correspondente em Lisboa: Luís Meneses, o vice-rei da Índia portuguesa. Sobre o assunto, Martí escreve “os navios de Goa partiram dia 10 de abril e o vice-rei tem agora uma ordem para voltar, e por sucessor o [ileg.] vizinho de Sosa, chamado Joseph Sampayo com o título de vice-rei: com que já não está Vm com tempo de escrever a essa excelência”<sup>524</sup>.

Ao que tudo indica, Joan teria tentado se comunicar com Meneses, mas, pelas razões expostas, não seria bem-sucedido em seu intento. Considerando que a carta de Joan foi escrita em abril, supomos que sua precipitação seja decorrente das informações recebidas de Antoine de Jussieu, mencionada carta de março, onde o naturalista francês declarava estar esperando por notícias e materiais que Meneses havia comunicado ter enviado. Apesar da promessa de Jussieu em manter seu amigo participe deste favorecimento, a notícia pode ter despertado em Joan a ambição de estabelecer uma via de comunicação e intercâmbio independente com o vice-rei, excluindo Jussieu desta rota, de modo que pudesse ocupar uma posição mais favorável, onde fosse ele o receptor. A atitude de Joan, novamente, é mais uma entre as diversas que aqui já foram abordadas sobre a fragilidade das relações, cujas partes vivem em uma disputa velada, fomentada pelo desejo de exclusividade.

O admirável poder de articulação de Joan é notado na estratégia utilizada para ter acesso aos favorecimentos do vice-rei da Índia. Embora não faça menção literal, acredita-se que junto com a carta de Martí, Joan teria também enviado uma à autoridade, em Goa, cuja impossibilidade de repasse fora justificada por Martí. Para reforçar o seu pedido, Joan conecta um outro personagem que exercia muita influência em Lisboa e que, coincidentemente, mantinha relações estreitas com a família Meneses, especialmente com o Conde de Ericeira, pai do referido vice-rei. Aproveitando a mediação de Martí, Joan o encarrega de repassar uma outra carta, sobre a qual Martí informa “a carta enviada para o padre Dom Manuel Caetano de

---

<sup>523</sup> Anexo 86.

<sup>524</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-4. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/06/1720). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 87]

Souza foi entregue logo, mas ele não deu resposta nem curiosidades para remeter”<sup>525</sup>. Considerando seus desejos em disputar a atenção e os favores de Luis Inácio Meneses com o amigo Antoine de Jussieu, Joan recorreu a um correspondente influente, que pudesse atuar em seu favor nesta missão. Pode parecer estranho o fato de Joan ter se dirigido a um terceiro personagem, quando poderia ter escrito diretamente ao Conde de Ericeira, que havia conhecido e participado das reuniões realizadas em sua residência. Porém, ao que tudo indica, a relação dos Meneses era mais próxima com Antoine de Jussieu e, por este simples motivo, provavelmente, Joan não conseguiria o que desejava.

Diferentemente da relação que tinha com a família do Conde de Ericeira, Joan – e quase certamente, mais ainda o seu pai – conhecia Dom Manuel Caetano de Souza de oportunidades passadas, sendo o vínculo entre o influente padre e a família Salvador estabelecido anteriormente. Dom Manuel esteve em Barcelona durante a Guerra de Sucessão, período em que foi hóspede do embaixador português, Dom João de Almeida. O interesse de Dom Manuel pelos temas discutidos nas tertúlias promovidas por Jaume Salvador, muito provavelmente o levaram a participar destas reuniões, ao lado da já conhecida presença do Conde de Assumar.

O fato de Dom Manuel ter visitado o gabinete de curiosidades dos Salvador, faz com que ele tenha uma ideia muito mais consistente não apenas da dimensão das coleções familiares, mas também da importância e credibilidade de suas contribuições científicas. Não encontramos outra referência desta relação do núcleo catalão com o religioso erudito português entre a correspondência privada dos Salvador, além da passagem na carta de Pau Martí – não sendo possível sinalizar se, posteriormente, mantiveram algum contato ou comércio direto, sem a intermediação de seu conterrâneo. Nesta ocasião, a sorte parecia não estar ao lado de Joan, pois para além de não conseguir se corresponder com o vice-rei de Goa e não obter nenhuma resposta ou *curiosidades* de Dom Manuel de Souza, Bartholomeu Bis e Pedro de Almeida permaneciam em completo silêncio sobre as encomendas de amostras naturais do Brasil.

A situação parecia incomodar também a Pau Martí, que desabafava “dilatado é aquele comércio, pois quando se tem resposta das primeiras cartas, já na resposta delas, os que vão por três anos já é necessário tocar em retirada”<sup>526</sup>, se referindo aos obstáculos enfrentados na comunicação entre um continente e outro, principalmente em relação à distância.

---

<sup>525</sup> Anexo 87.

<sup>526</sup> Anexo 87.

Considerando todos estes entraves, Martí se demonstrava preocupado com a possibilidade deste desencontro envolvendo Luis Meneses se repetisse com os contatos que estavam no Brasil e garantia “eu também queria executar de forma que Vm ficasse satisfeito com as suas curiosidades”<sup>527</sup>, pois a inviabilidade dos projetos de Joan Salvador impedia a realização dos seus próprios. E, aqui, podemos sinalizar uma importante diferença no que diz respeito as diretrizes do comércio mantido entre colaboradores como Martí e entre naturalistas como James Petiver, já que os primeiros se beneficiavam com a realização dos projetos de seu correspondente, enquanto os outros tentavam manipulá-lo de maneira que o seu próprio projeto fosse contemplado.

Embora o verdadeiro sentido da última declaração de Martí seja este que acabamos de justificar, sua intenção era que Joan o interpretasse como prova de sua confiança e dedicação em desejar o sucesso de todos os seus empreendimentos. Mais uma vez, como retribuição por todos os esforços despendidos, Martí se sente à vontade para pedir favores ao colega boticário, solicitando, agora, um remédio para curar a tosse de sua cunhada e de seu sobrinho, que “duvidam do sucesso da medicina desta terra”<sup>528</sup>, lançando mão da já referida estratégia do enaltecimento.

A notícia das coleções enviadas desde Goa a Antoine de Jussieu, estimularam Joan a recorrer aos seus contatos em Lisboa. Não sabemos para quem teria escrito primeiro, se para eles ou para o próprio Jussieu. Em carta de julho de 1717, Antoine de Jussieu teria escrito novamente a Joan em agradecimento à resposta pela sua de março, onde comunicava a tão invejada novidade. Nela, Jussieu se refere a duas cartas de Joan escritas neste meio tempo e, ao que parece, Joan não teria comunicado ao amigo a sua tentativa de contactar o vice-rei de Goa, reagindo ao assunto de maneira interessada, porém sem despertar desconfiança, já que Jussieu, repete “vou dar-lhe satisfação na minha primeira carta das raridades que encontrar nas duas caixas que o Conde da Ericeira, vice-rei de Goa, teve a gentileza de me enviar”<sup>529</sup>.

Pelo tom de Antoine de Jussieu, Joan deve ter apenas se manifestado com interesse, insistindo por informações sobre tais coleções. Em relação ao reforço que havia se prontificado em colaborar, para pressionar o governador das Minas, diz “estou esperando uma oportunidade para enviar ao sr. Martin seu compatriota as observações astronômicas de Marcgrave no Brasil para que ele faça ter Dom Pedro d’Almeida”<sup>530</sup>, revelando ainda não ter

---

<sup>527</sup> Anexo 87.

<sup>528</sup> Anexo 87.

<sup>529</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/02-5). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 19/07/1720), *cf.* Camarasa, 1997, p. 93-94. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 88].

<sup>530</sup> Anexo 88.

enviado o livro para Martí, como comunicava em sua carta de março, fato que também não teria se realizado nos próximos dois meses, pois em setembro Pau Martí escreveria a Joan Salvador e não menciona o recebimento desta encomenda.

Na ocasião, Martí faz um longo e detalhado relato de uma enfermidade que havia sofrido desde seu último contato, cuja causa desconhecia e buscava entender, recorrendo, mais uma vez, aos conhecimentos profissionais de Joan Salvador. E, além disso, para satisfação de ambos, finalmente comunicava o envio de algumas *madeiras raras*, sem especificar a origem das mesmas, assim como dois tomos da obra do padre Gouvea. Pelo conteúdo de sua carta, é possível sugerir que Joan, ao se inteirar das notícias do novo vice-rei, teria incentivado Martí a atuar como intermediário entre ambos, que se esquivou, justificando “com o vice-rei da Índia, ainda que seja meu vizinho, pouco falei e me falta confiança para pedir-lhe coisas”<sup>531</sup>, mas garantindo, em compensação, que “quando estiver chegado de lá o conde de Ericeira avisarei a Vm da sua boa chegada”<sup>532</sup>, se prontificando a contactá-lo em nome de Joan Salvador.

Por ter adoecido, Pau Martí também lamentava o fato de ter perdido a oportunidade de escrever para Bartholomeu Bis, pois tanto a frota da Bahia quanto um navio do Rio de Janeiro tinham partido quando se encontrava debilitado, mas não deixava de prometer “em primeira ocasião que tenha o previno de todo para que entenda e eu possa satisfazer a vontade de Vm”<sup>533</sup>. Naquele momento, já se completavam seis meses desde que Bruno Verdera, o sobrinho de Joan Salvador, tinha partido em sua empreitada rumo ao Brasil e, desde então, nenhuma notícia tinham recebido dele, o que fazia Pau Martí obrigado a tentar manter Joan esperançoso “eu espero, mediante Deus, que com a chegada da frota do Rio de Janeiro que esperamos para o começo de novembro próximo venha ter notícias do seu parente Bruno Verdera a que ofereço participar Vm”<sup>534</sup>, com o intuito de manter assim a boa relação entre eles, assegurando que não fosse substituído por outro representante.

Infelizmente, as expectativas de Martí não foram alcançadas e, mais uma vez, se veria obrigado a lidar com a falta de notícias vindas das Minas do Brasil, conforme escreve em sua carta seguinte “já faz 14 dias que entrou a frota que veio do Rio de Janeiro por onde as esperava [notícias] e com ela não recebi cartas de Bartholomeu Bis nem do sr. Conde de

---

<sup>531</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-5. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 17/09/1720). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 89].

<sup>532</sup> Anexo 89.

<sup>533</sup> Anexo 89.

<sup>534</sup> Anexo 89.

Assumar D. Pedro de Almeyda”<sup>535</sup>. Dessa vez, Pau Martí, reconhece e assegura Joan que, quase certamente, nenhuma curiosidade chegaria através destes dois personagens, dada as circunstâncias já conhecidas, e agora também pelo motivo que havia sinalizado em oportunidades passadas: a nomeação de um sucessor para o cargo de governador. Por esta razão, se mostra incrédulo e sem saber o que fazer naquele momento “já não tenho que esperá-las nem que por elas apelar, mas sim será para o ano que vem, Sendo Deus Servido, que é quando poderão vir Bis e o Sr. Governador Conde de Assumar porquê a este já lhe está nomeado sucessor o qual deve se juntar à frota quando esta partir”<sup>536</sup>, concluindo que “até que eles venham Vme tem assim como eu que esperar”. Diante de tamanha desatenção e e ineficiência dos colegas, Martí, claramente frustrado, declara a Joan, o incentivando a buscar por satisfações “bom seria que lhe diga a causa que os privaram de escrever”<sup>537</sup>.

A impossibilidade de atender aos pedidos de Joan Salvador e fazer com que as tão desejadas e esperadas amostras de *americana* chegassem até ele, somada ao desconforto causado por ser o responsável em justificar e repassar as notícias ruins vindas – ou melhor, não vindas – do Brasil, Martí também tinha de lidar com o ressentimento de não poder retribuir com os favores desprendidos a ele e, assim, ficar duplamente em falta com Joan Salvador. Sobre sua situação, escreve “já não sei como satisfazer a Vm o trabalho que teve com os remédios que anotou para mim em sua carta para me temperar dos humores melancólicos que sofro, e como me faltam as coisas que esperava das minas que podiam ser de estimação a Vm”<sup>538</sup>, prosseguindo “não sei como desempenhar-me nesta minha obrigação que lhe sou devedor, mas já não posso cumprí-la agora me prendo tempo até o ano que vem, que elas (se vierem) poderão estar assim, e eu satisfazer em parte a Vm o muito que confesso estar obrigado ao bom afeto que me tem”<sup>539</sup>.

De fato, Pau Martí se encontrava em uma situação em que não havia por onde recorrer, a não ser esperar pela volta de Bis e Almeida a Lisboa, supondo que, hipoteticamente, sua presença facilitaria a comunicação e viabilizaria o envio de mercadorias de Portugal a Barcelona. Ao declarar sua incapacidade em solucionar estes entraves, Pau Martí também mencionaria os problemas pelos quais Pedro de Almeida estava enfrentando no Brasil, se encontrando no centro de uma importante revolta popular, sendo esta instabilidade

---

<sup>535</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-6. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 12/11/1720). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 90]

<sup>536</sup> Anexo 90.

<sup>537</sup> Anexo 90.

<sup>538</sup> Anexo 90.

<sup>539</sup> Anexo 90.

um dos motivos pelos quais o correio “*não queria ir*” aconselhando Joan Salvador a desistir de enviar cartas para lá e esperar pelo retorno dos colegas.

Privado de qualquer pretexto, a Martí apenas lhe resta agradecer aos favores de Joan garantindo-lhe a sua disposição e reforçando os conhecimentos e desenvoltura do mesmo, sempre o comparando com os boticários e profissionais da medicina de Portugal, os quais julgava atrasados e desinformados em relação aos Salvador “embora estime a Vm o trabalho que teve para me aliviar do mal que sofria, me receitando bebidas das quais posso usar para meu alívio, me faz melancólico considerar que não sei quem desta cidade me pode ser útil”<sup>540</sup>, estratégia que não resultaria muito vantajosa, como veremos.

Ao que parece, Pau Martí não teria recebido nenhuma resposta de Joan para sua carta, visto que a seguinte carta da Martí é na verdade uma curta instrução com informações sobre o envio dos livros solicitados em ocasiões passadas, sem nem mencionar nada sobre os correspondentes no Brasil. A comunicação entre eles permaneceria suspensa até março de 1721, porém, neste intervalo, Joan Salvador retomaria a correspondência com um antigo contato, o seu conterrâneo Joan Sala. Ao que tudo indica, este contato teria sido uma iniciativa do próprio Sala, por um motivo bastante importante e muito aguardado: notícias do Brasil. Em realidade, não exatamente do Brasil, mas de Bruno Verdera, que no momento em que escrevia ainda se encontrava na África, esperando por oportunidades para seguir para as Minas.

Ao contrário do que Pau Martí esperava, estas notícias chegaram para Sala, que fora, então, o responsável em repassá-las a Salvador: “por um navio, que [...] veio da Bahia, me apareceu uma carta de Bruno Verdera cirurgião parente de Vm escrita no porto de Judá, costa da Mina com a África, noticiando-me de sua feliz chegada naquela terra”<sup>541</sup>.

A carta de Verdera não tinha como destinatário seu tio Joan Salvador, mas sim o próprio Joan Sala, quem garantia que Bruno “não cansa de demonstrar o quão contente estava, como em pedir para lhe dar essas notícias com muitas recordações de sua parte”<sup>542</sup>. De acordo com Sala, apesar de Bruno escrever em 27 de maio de 1720, esta teria chegado a Lisboa apenas em dezembro, sendo Joan Salvador comunicado no mês seguinte, em janeiro de 1721. A razão por não ter comunicado Joan Salvador imediatamente após o recebimento desta carta, se justificava no fato dos navios que a trouxeram terem retornado muito rapidamente, não dando tempo nem mesmo para respondê-lo. Porém, nesta ocasião, Sala demonstra ter

---

<sup>540</sup> Anexo 90.

<sup>541</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-25. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 14 /01/1721). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 91].

<sup>542</sup> Anexo 91.



esperado este tempo para averiguar onde se encontrava Bruno, tendo informações seguras de que este, finalmente, teria chegado ao Brasil em novembro e, portanto, Joan Salvador poderia contactá-lo: “se Vm quiser dar os parabéns ao referido seu Bruno de ter [ileg.] África e América, pode já escrever logo, que a frota do Rio está sendo preparada e não sabem quando partirá”<sup>543</sup>. Atitude esta que confrontava as atitudes de Pau Martí, fato que por si só colocava Sala em uma posição mais vantajosa neste negócio, por mostrar, ainda que sem intenção, a má vontade de Pau Martí em continuar neste empreendimento.

Poucos dias depois de escrever a Joan Salvador, Sala retorna a escrevê-lo, quando nem mesmo sua carta com as notícias de Bruno Verdera havia chegado a ele. O longo período de inatividade entre os dois correspondentes, que parecia ter sido rompido com a carta de Sala, em realidade, fora retomado com Salvador, já que, nesta ocasião, Sala ressalta ter recebido somente naquele mês de fevereiro uma carta de Joan solicitando alguns livros, escrita em setembro do ano anterior e, por isso se desculpa, agradecendo a oportunidade de poder colaborar com seus negócios e dizendo esperar por resposta a sua outra carta.<sup>544</sup> Resposta esta que não tardaria muito em chegar, conforme afirma Joan Sala em nova carta, de 11 de março. Se nos atentarmos, veremos que nas duas outras cartas de Sala, sua postura é única e exclusivamente de um colaborador, disposto a receber ordens e comprometido em executá-las. Seguindo com os protocolos e conveniências destas relações, Joan Sala foi prudente em esperar por uma resposta de Joan Salvador, pois, devido ao desencontro das cartas, ele teria sido, até então, o responsável por retomar esta correspondência.

Em sua primeira carta desta nova fase, Sala apenas repassa as notícias e se prontifica em intermediar a comunicação entre Joan Salvador e Bruno Verdera, assim como em realizar seus desejos, sem pedir nada em troca. Assim se mantém também em resposta à carta de Salvador recebida posteriormente à sua, mas escrita muito antes. Ele mesmo diz, nesta resposta, que não diria nada antes de saber algo de Joan sobre tudo que havia informado nela. E assim permaneceu até que a carta de Joan chegasse em suas mãos. A resposta de Joan era importante, pois significava a consolidação de uma relação, visto que recorrendo a Sala, Joan automaticamente aceitava a proposta de ser intermediado por ele e o transformava não apenas em um correspondente, mas em um colaborador – o que significava que, em algum momento, teria de retribuir pelos favores executados.

A resposta de Joan Salvador acompanhava algumas outras cartas, que deveriam ser distribuídas por Joan Sala. Não sabemos quem exatamente eram os destinatários, mas,

---

<sup>543</sup> Anexo 91.

<sup>544</sup> Documento pode ser consultado em anexo [Anexo 92].

certamente, Bruno Verdera estava entre eles, devido à declaração de Sala, que diz “as cartas que Vm me enviou serão encaminhadas com todo cuidado e irão em breve se as chuvas, que abundam desde o primeiro dia de quaresma e já parecem cessar, não dilatar mais a partida da frota”<sup>545</sup>. Além de se comprometer em repassar ditas cartas, Sala também afirmava ter atendido aos pedidos de Joan em relação aos livros encomendados. Essa era a permissão que Sala precisava para pedir algo em retribuição ao seu trabalho que, obviamente, não hesitou em fazê-lo. Assim como em oportunidade do passado, e tal como fazia constantemente Pau Martí, Sala recorre aos conhecimentos de Joan, aproveitando de sua experiência enquanto boticário para ajudá-lo com o mal-estar que sofria, sobre o qual faz detalhado relato – onde também ressalta seu descontentamento com a medicina de Portugal, especialmente pela indicação da sangria para esta e qualquer outra doença.

Devido ao seu ceticismo quanto à eficácia deste procedimento para o seu problema, bem como de seu alto custo, Sala declara que são motivos que “me fazem desejar outro remédio”<sup>546</sup>, pedindo “se Vm tivesse para me dar não tenho dúvidas que serei muito agradecido”<sup>547</sup>. Aproveitando também a oportunidade para pedir favores em nome de outros colegas, atribuindo a Joan a responsabilidade de repassar-lhes cartas com conteúdos pessoais “estimarei a Vm me dirija a inclusa a Bagá para que possa conseguir resposta um pobre catalão que [ileg.] anos diz solicitar notícias de sua gente”<sup>548</sup>. Além disso, solicitava que Joan atuasse como intermediário entre ele e Antoine de Jussieu, demonstrando interesse em comprar um livro editado na França, pedindo informações sobre o mesmo – não sendo possível mensurar se para sua própria aquisição ou se para algum negócio comercial paralelo.

Requisitar a Joan Salvador a intermediação com Antoine de Jussieu não seria um pedido apenas de Joan Sala, pois, como veremos, Pau Martí assim o faria em carta escrita no mesmo dia que a de Sala – o que sugere que eles tenham aproveitado o mesmo meio para enviá-las a Barcelona. Nela, Martí indica que teria sido Joan o responsável por contactá-lo e romper o hiato da comunicação depois das infelizes notícias dadas sobre Barthomeu Bis e Pedro de Almeida e o motivo continuava a ser os contatos no Brasil, mas agora centrado na figura de Bruno Verdera, de quem Sala havia informado ter finalmente chegado e se estabelecido naquele país.

---

<sup>545</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-27. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (11/03/1721). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 93].

<sup>546</sup> Anexo 93.

<sup>547</sup> Anexo 93

<sup>548</sup> Anexo 93.

De acordo com Martí, a carta de Joan acompanhava uma outra destinada a Verdera, a qual lhe garantia “querendo Deus, encaminharei agora com a frota do Rio de Janeiro que está para sair, e não espera mais que o bom tempo, que há mais de vinte de dias que o faz com chuvas em abundância”<sup>549</sup>. Reproduzindo o que Sala também havia comentado sobre o mau tempo que fazia em Lisboa e retinha a frota do Rio de Janeiro naquele porto, detectamos uma possível estratégia de Salvador que, para garantir que suas cartas chegassem a Bruno e, conseqüentemente, suas mercadorias tão desejadas. Ter dois intermediários reforçando seu pedido, poderia resultar vantajoso, visto que cada um tinha seus interesses nesta colaboração e fariam o possível para conseguir realizá-la. Logo, se cada um conseguisse algo, a Joan chegaria mais coisas para seu gabinete.

Na tentativa de criar qualquer falsa esperança como as vividas em situações passadas, Pau Martí ressalta ter também escrito a Verdera, mas, por experiência, adverte o amigo “escrevo agora com a frota pelas curiosidades que Vm deseja ter do Brasil, e pelas que dele eu também gostaria, mas não sei que imã tem a linha equinócea que quando as pessoas passam à outra parte cuidam tanto de si que se descuidam das obrigações que têm com os outros que estão desta parte”<sup>550</sup> e conclui “o que eu posso prometer é a minha diligência, e o fruto dela se a minha dedicação”<sup>551</sup>, se livrando, assim, da responsabilidade caso a expectativa não fosse superada, mais uma vez.

Seguindo exatamente a mesma lógica da conduta de Joan Sala, mencionada ainda a pouco, Martí aproveita o contato e pedido de Joan para favorecer-se da influência de seu correspondente. Na ocasião, informa ter recebido a carta de Antoine de Jussieu – aquela que sabemos de antemão a sua verdadeira finalidade: “o seu grande amigo médico em Paris, e companheiro que esteve com Vm nesta cidade Mons. Jussieu, cujo outro nome eu não sei, me escreveu e me envia um livro de observações [ileg.] para que eu o envie ao conde de Assumar D. Pedro de Almeyda”<sup>552</sup> e acrescenta “sendo ela entregue em 14 de setembro do ano passado, até quinta-feira não tinha chegado ao meu poder, nem a sua carta por respondê-lo antes”<sup>553</sup>. A declaração de Martí é muito interessante por diversas razões. Primeiro por afirmar ter recebido a carta de Antoine Jussieu, mas não o livro que serviria para pressionar o Conde, como o próprio Jussieu confessava a Joan Salvador. Segundo Martí, esta carta teria sido entregue em setembro, o que nos leva a concluir que Martí manteve a correspondência

---

<sup>549</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-8. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/03/1721). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 94]

<sup>550</sup> Anexo 94

<sup>551</sup> Anexo 94

<sup>552</sup> Anexo 94

<sup>553</sup> Anexo 94

com Jussieu em sigilo, visto que entre setembro e novembro – data de sua última carta dedicada a Joan no ano de 1720 – Martí escreveu duas vezes a Joan e em nenhuma delas o assunto é mencionado.

Por outro lado, a omissão também se estende a Jussieu, visto que em nenhum momento ele comunica a Joan sobre a efetivação do envio, muito menos da resposta de Martí que, como vimos, afirmava já ter respondido. Seu pedido, em retribuição ao intermédio com Bruno Verdera, era que, em decorrência da boa amizade com o naturalista francês, Joan pudesse ajudá-lo a obter uma satisfação de Jussieu, repassando-lhe uma carta, sobre a qual dizia “com a dita carta que vai aberta pode Vm ver que lhe peço os livros que me faltam da Academia Real desde o ano 1717 até 1720: se estão impressos – os que foram impressos até o ano 1716 eu já os tenho”<sup>554</sup>. Interessante notar que Pau Martí faz questão de frisar que a carta estava indo aberta, demonstrando certa cautela, a fim de evitar qualquer suspeita por parte de Joan Salvador. Além de convertê-lo em ponte entre Lisboa e Paris, Martí o designa tanto como receptor de suas encomendas, como o responsável por pagar por elas. E, como veremos, Joan repassaria as coordenadas a Jussieu, mas não sendo possível analisar em que nível de cobrança.

Esta carta de Martí se destaca também por expor de maneira bastante didática a dinâmica das redes de comunicação, detalhando como cada parte deveria agir em determinadas situações. Aqui, voltamos a reforçar a importância de cada um dos personagens envolvidos em um comércio desenvolverem diferentes tarefas, independentemente de sua posição hierárquica. Vimos que os negócios comerciais entre Joan Salvador e James Petiver envolveu muitas estratégias e manobras de manipulação, por ocuparem, ambos - ainda que cada qual com suas particularidades -, a mesma posição social e profissional e por compartilharem interesses semelhantes. Já as normas de condutas estabelecidas em relações entre dois estamentos distintos, como o grupo de catalães em Lisboa, por exemplo, parecem mais simples, talvez pelo fato de seus interesses serem menos complexos, mais fáceis de serem resolvidos por parte de Joan Salvador, por não simbolizarem uma concorrência que pudesse comprometer seus projetos pessoais. Ou melhor, as tarefas delegadas a parte mais “ilustre” – no caso Joan Salvador – não representavam uma ameaça quando nos referimos ao seu conteúdo, porém, a não realização de algo solicitado em retribuição a um favor desferido, poderia muito bem prejudicá-lo.

---

<sup>554</sup> Anexo 94.

Se voltarmos algumas páginas, recordaremos que Pau Martí havia relatado sobre a persistente tosse que acometia seu sobrinho e sua cunhada, fato que, supostamente, fora ignorado por Joan. Após desabafar sobre a sua incapacidade de conseguir alguma notícia ou curiosidades do Brasil, Martí enviaria uma última carta, apenas para informar sobre o envio de alguns livros encomendados por Joan. Esta seria então a última carta antes da pausa na correspondência entre eles, sendo retomada com o contato de Joan com a carta para Bruno Verdera, como já discurremos. Sabendo estar em falta com Martí, por não ter nem ao menos agradecido a diligência feita com o envio dos livros, Joan aproveita a oportunidade para se desculpar, ao que parece, enviando-lhe uma receita de medicamento dedicada aos familiares de Martí, cuja tosse havia sido por ele ignorada, já que Martí, nesta carta de março de 1721 diz “a minha cunhada e sobrinho agradecem os favores de Vm e retornam as suas boas memórias”<sup>555</sup>. Esta gentileza o ajudaria a reestabelecer o vínculo com Martí, e influenciá-lo a aceitar seu pedido para ser, novamente, o intermédio entre Salvador e o Brasil, nomeadamente, com Bruno Verdera.

Diante das informações fornecidas por Martí sobre o contato com Antoine de Jussieu, Joan Salvador não hesitaria em escrever ao seu amigo e companheiro de viagem, motivado, provavelmente, não pelo interesse em ajudar Martí a conseguir os livros solicitados, mas sim por se encontrar alarmado com esta relação que se estabelecia entre eles. Não temos o documento escrito por Salvador, mas sabemos de sua indagação por meio da resposta de Jussieu, que declarou “fiquei muito feliz com a carta de Paul Martin. Não responderei tão cedo, porque o dinheiro é tão raro que, na verdade, somos obrigados a cuidar do pouco que temos para nos dar o que precisamos”<sup>556</sup>, insistindo na instabilidade econômica que o acometia desde seu retorno à França.

A dificuldade financeira era um tema constantemente relatado por Jussieu na correspondência mantida com Salvador no período posterior à viagem empreendida pela Espanha e Portugal. Como já mencionado brevemente, de volta à Paris ele teve de enfrentar algumas importantes adversidades profissionais que, invariavelmente, afetaram diretamente suas finanças, dificultando assim a colaboração com seus fornecedores e colegas de intercâmbios. Sobre as cobranças de Joan, ele insistia “é pela mesma razão que não posso lhe enviar tão cedo, como eu gostaria e você deseja, os livros que você me pede”<sup>557</sup>, se referindo não apenas aos livros solicitados por Martí, como também aos incessantes e preteridos

---

<sup>555</sup> Anexo 94.

<sup>556</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/01-9). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 18/05/1721), *cf.* Camarasa, 1997, p.97-98. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 95].

<sup>557</sup> Anexo 95.

pedidos de Joan Salvador. É válido ressaltar que desde o fim da viagem, conforme a correspondência epistolar conservada nos demonstra, apenas Joan Salvador estava cumprindo com o combinado, enviando materiais a Jussieu. Obviamente que o resultado disso seria a insatisfação de Joan que, durante estes anos, se encontrava na posição desvantajosa de facilitador, enquanto Jussieu ocupava o confortável posto de receptor, o que nos faz interpretar que, mesmo sendo a falta de dinheiro verdadeira, talvez a mudança na dinâmica destes intercâmbios não lhe interessava por motivos óbvios, tal qual vimos com Petiver.

A falta de transparência de Jussieu, a omissão de Pau Martí somadas à prolongada espera e decepcionante expectativa em receber as amostras e materiais tão desejados, podem ter influenciado Joan Salvador a suspender, novamente, a correspondência com ambos, reelegendo Joan Sala como seu principal contato quando as suas atividades comerciais e interesses particulares envolviam Portugal, tal como havia procedido alguns meses atrás. Por esta razão, desde março até setembro, Joan Sala seria o único do grupo lisboeta até agora delineado a se corresponder com Salvador, desenvolvendo com ele um novo tipo de comércio, paralelo às atividades concernentes as curiosidades americanas.

Em carta de maio de 1721, Sala menciona o interesse do Joan por determinados materiais, sobre os quais diz “envio a Vm uma das notas que me deram dos livros e medicinais que solicita, com o preço em papel, como nela aparecem, mas o fixo deles somente se pode nesta [cidade] ser averiguado quando se compra”<sup>558</sup>. Desafortunadamente, a referida nota não se conserva no acervo dos Salvador, porém, como veremos a seguir, Sala teria recebido uma resposta de Joan Salvador sobre estes medicinais, sendo possível, então, sinalizar, se não todos, ao menos alguns destes medicinais solicitados por Salvador.

É interessante notar que todos os objetos que menciona Sala são produtos exóticos, provenientes das Índias orientais e, portanto, mais fáceis de serem encontrados em Portugal, por razões óbvias. Ou não tão compreensíveis assim, já que o pedido de Joan por ruibarbo surpreenderia até mesmo Sala, que sobre a encomenda disse “o ruibarbo não vai, porque além de me estranhar que Vm o queira daqui, estando mais próximo da fonte, me fez reparar encontrar tanta variedade de qualidade e preços, tendo em vista que esperarei maior individualização para acertar no gosto de Vm”.<sup>559</sup> Ou seja, além de não entender o pedido de Joan, Sala também prefere não comprar o ruibarbo até que tenha uma explicação e, assim, não

---

<sup>558</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-28. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 13/05/1721). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 96].

<sup>559</sup> Anexo 70.

correr o risco de fazer um negócio mal-sucedido, tendo de arcar com o prejuízo decorrente da reprovação de seu *cliente*, protegendo claramente os seus interesses enquanto comerciante.

Os medicinais citados por Sala, aparentemente, correspondem aos que não puderam ser adquiridos, tal como o ruibarbo. Além da raiz, Joan se vê incapacitado de fornecer um elemento de difícil acesso “de aljofar continua em falta há muito tempo, e antes de chegar a frota da Bahia, que se espera por instantes, e com ela algum navio da Índia, não poderei dar a Vm a notícia que deseja”<sup>560</sup>. A dificuldade em se encontrar aljofares talvez se deva à dificuldade intrínseca de sua localização, que dependia da variável sorte para *pescar* ostras contendo a referida pérola, fazendo dele um produto raro e nada recorrente no comércio colonial e local. Estes dois produtos – ruibarbo e aljôfar – não seriam os únicos desejados por Joan Salvador que não foram encontrados por Sala, que justifica “em outra direi o que mais falta”<sup>561</sup>.

É neste contexto que a salsaparrilha e os livros seriam negociados entre Sala e Salvador. Além destas mercadorias, a remessa constava também de “[...] 4+2 de chá que vão no [ileg.] aos senhores Joseph e Jaume Duran, e ao sr. Ramon, meu irmão, dois “pliegos”, que o mesmo encontrará um envelope para ele cobrando-o deste a parte que o tocará dos fretes [...] para aboná-lo Vm em minha conta [...]”<sup>562</sup>. Ou seja, com esta declaração de Sala podemos compreender que outros catalães recorriam a ele para conseguir produtos exóticos, como os citados irmãos Duran e sua encomenda de chá. Interessante destacar que, mesmo indiretamente, Joan Salvador participava deste comércio, uma vez empregado como o intermediário entre o facilitador, Sala, e os receptores, Duran, em retribuição aos favores a ele deferidos por Sala.

A participação de Joan Salvador nos negócios comerciais de seu conterrâneo não se limitava em recepção e intermédio de mercadorias, mas também contemplava a facilitação de produtos que seriam vendidas por Sala em outras transações, com outros correspondentes. Devido aos favores prestados, Sala pediria a Salvador “estimarei a Vm me envie pela próxima ocasião um par de libras da melhor sálvia silvestre com o aviso de seu custo para servir a um amigo”<sup>563</sup>, pedido que seria atendido sem delongas por Salvador.

Em carta seguinte, escrita poucos dias depois, Sala repete boa parte do conteúdo da anterior como medida de precaução, para confirmar que todas as mercadorias haviam sido enviadas e, principalmente, de assegurar que todos os encargos correspondentes aos custos de

---

<sup>560</sup> Anexo 70.

<sup>561</sup> Anexo 70.

<sup>562</sup> Anexo 70.

<sup>563</sup> Anexo 70.

compra e frete fossem repassados corretamente. Além disso, também informa a Salvador sobre alguns medicinais que poderiam ser encontrados proximamente, tal como havia prometido mais informações em sua carta passada, com a chegada de um navio vindo das Índias orientais. Sobre eles, diz “estimarei me diga se tem deles conhecimento, e se servirão para Vm como o quanto deseja de aljofar, se é que algum dele apareça”<sup>564</sup>. Conforme orientações, Sala os sinaliza em nota de rodapé “raiz de mirabolán, de galinga, de esquina e pedra hume também. As demais [ileg.] consistem em chá [ileg.] e verde [ileg.], com variedade, açúcar candí, e seda em rama, tudo abundantemente”<sup>565</sup>.

A resposta de Joan Salvador chegaria no mês seguinte, em 2 de agosto, conforme expõe Sala em carta de 26 do mesmo mês, onde manifestaria interesse por alguns daqueles medicinais. Porém, como o mesmo justifica, ainda naquele momento a frota carregada com as mercadorias ainda não tinha entrado no porto de Lisboa, seguindo sem previsões de sua chegada. Se por um lado Sala não poderia colaborar com as encomendas de medicinais orientais, especialmente com o desejado alfôjar, por outro comunicaria novidades vindas do Brasil “recebi carta de Bruno Verdera feita no Rio de Janeiro em 22 de [ileg.] com longa relação de sua viagem [...] diz que não havia gostado nada dos ganhos feitos, por encontrar casa franca no mesmo Rio, de onde partirá às Minas”<sup>566</sup>. Curiosamente, Bruno Verdera, mais uma vez, teria remetido sua carta a outro destinatário e não a seu tio que, insistentemente lhe cobrava um retorno direto, já que o contato costumava vir em memórias passageiras nestas cartas a terceiros, como Joan Sala. Nesta ocasião não seria diferente, porém destaca-se um detalhe interessante, conforme repassa Sala “quando escreva ao sr. dr. Joan Salvador me lhe dê muitas memórias e [...] peço a Deus para que lhe dê um pouco de expedição, que conseguindo as poderia aproveitar”<sup>567</sup>. Não podemos afirmar com exatidão qual a verdadeira intenção de Verdera com esta declaração, se estava se referindo ao desejo de poder cumprir com o difícil envio das mercadorias do Brasil a Europa ou se desejava que o próprio Joan Salvador empreendesse uma jornada na América, cujos resultados lhe seriam muito mais proveitosos do que esperar pela diligência de amigos e correspondentes.

Considerando que Verdera ainda não havia partido para as Minas, como bem cita Sala, e se encontrava no Rio de Janeiro e, portanto, próximo do porto, a justificativa envolvendo o transporte não é muito pertinente, o que nos faz aderir à última interpretação. Outro aspecto

---

<sup>564</sup> Anexo 71.

<sup>565</sup> Anexo 71.

<sup>566</sup> Anexo 59.

<sup>567</sup> Anexo 59



que nos orienta nesta direção se deve ao fato de Verdera ocupar, naquele momento, a posição de cirurgião, tendo de cumprir com as atividades de seu ofício, o que certamente ocupava boa parte de seu tempo. Em momentos de ócio seria muito mais provável que se dedicasse a atividades paralelas que lhe rendessem mais dinheiro, como as relacionadas com a mineração e não em coletar amostras naturais, como desejava seu tio. Por esta razão, o incentivaria que ele mesmo procurasse por elas. Ainda nesta mesma carta de agosto, Sala volta a mencionar a sua participação como mediador do comércio mantido entre Joan Salvador com algum de seus correspondentes na Holanda – que sabemos ser Herman Boerhaave.

Apesar da omissão de seus correspondentes que estavam – ou estiveram – no Brasil, Joan Salvador não desistia de tentar conseguir alguma coisa daquela porção da América. Enquanto nenhum material desejado chegava, ele aproveitava a boa relação com Joan Sala para adquirir outros materiais, como livros e medicinais – e assim movimentar todo um comércio, que beneficiava ambas as partes – enquanto o empregava na articulação de novos contatos que pudessem o ajudar a alcançar as amostras de *americana*. Assim, mais uma vez, tenta estabelecer um contato com Miquel Gallart, catalão com quem Bonaventura Capdevilla havia atuado fazendo a intermediação desejada por Salvador. Não sabemos se desde a primeira tentativa que temos referência – em 1717 – Joan Salvador conseguiu alguma resposta de Gallart ou até mesmo se teria escrito a ele em outras oportunidades. A figura de Gallart se torna importante neste contexto, graças a uma informação fornecida por Sala a Joan Salvador, que o interrogava sobre o conterrâneo “há três anos ou mais que não o vejo, e dele unicamente posso dizer que ficou herdeiro de seu filho Narcís Gallart, que estava no Rio casado, e morreu há cinco ou seis meses”<sup>568</sup>. Provavelmente, Joan teria se inteirado que o filho de Gallart vivia no Rio de Janeiro e, por esta razão, poderia coadjuvar em seus propósitos.

Não obstante a informação da morte do rapaz, Joan escreveria a Gallart, sendo Sala o responsável por repassar a carta, como constataremos em sua carta seguinte, escrita em outubro de 1721. Nela, Joan Sala garantia “cumprirei a comissão que Vm ordena quando encontre ou possa acreditar a D. Miquel Gallart, e será em breve, se o tempo der lugar, que a distância é grande, principalmente com a entrada do inverno, como Vm já experimentou”<sup>569</sup>, destacando as dificuldades relacionadas com a viagem até a cidade em que vivia Gallart, especialmente durante o inverno, lembrando a experiência de Joan Salvador quando havia passado por ela durante a mesma estação. As diligências de Sala também se estendem à

---

<sup>568</sup> Anexo 59.

<sup>569</sup> Anexo 60

confirmação da chegada do navio vindo das Índias orientais com os medicinais anunciados, sobre os quais garante a Joan Salvador que buscaria saber o preço tanto do aljôfar, quanto da esquina – revelando um possível especial interesse de Joan para com este produto. Além dos já mencionados, Sala igualmente se antecipa em comunicá-lo sobre o aparecimento de *pedras quadradas*, as quais ele garantia serem “das legítimas orientais, que assim dou acreditar, pois saíram do Colégio da Companhia, e as terá Vm na primeira ocasião”<sup>570</sup>. Tendo em vista a frequência com que tais pedras eram falsificadas e postas em circulação, a genuidade representava um excelente negócio, por se constituírem em curiosidades raras. A notícia de tais pedras faria com que, até mesmo Pau Martí, que há meses não se correspondia com Joan Salvador, se atentasse para a promissora oportunidade que seria comunicá-las ao naturalista catalão e, assim, dar provas de seu esforço e dedicação em tê-lo em memória, como veremos proximamente.

De acordo com Sala, a notícia da carta de Bruno Verdera contando de sua partida do Rio de Janeiro para as Minas, teria despertado o desejo de Joan Salvador em saber mais detalhes sobre sua viagem. Tentando acalmá-lo da angústia de seguir sem um retorno para suas incontáveis investidas, reforça “Vm fique tranquilo não perderá que falta de cuidado tanto nesta casa como em tudo, ou procurar alguma coisa digna de satisfazer a curiosidade, particularmente com a vinda do Conde de Assumar e sua comitiva”<sup>571</sup>, refletindo sobre o aguardado retorno de Pedro de Almeida a Lisboa. Em recompensa, Sala continuava a empregar Salvador em suas atividades comerciais e em assuntos familiares.

Tanto a notícia das *pedras quadradas* e da chegada próxima da comitiva do governador das Minas, Pedro de Almeida, motivariam Pau Martí a superar o hiato na correspondência com Joan Salvador, para quem escreveria uma carta em setembro de 1721, dizendo “não há prazo que não chegue, nem dívida que não se pague, diz o ditado, e assim é chegado agora o prazo de poder eu enviar a Vm nove pedras quadradas da Índia e duas favas das que dizem de Santo Inácio, aquelas que há muito tempo Vm me pedia”<sup>572</sup>, sendo seu entusiasmo baseado na autenticidade de tais pedras, exatamente como se manifestara Joan Sala, garantindo que ambos os produtos foram fornecidos pelos padres da Companhia, os quais “asseguram serem muito experimentadas nos remédios que vão declarados no papel

---

<sup>570</sup> Anexo 60

<sup>571</sup> Anexo 60.

<sup>572</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-9. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/09/1721). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 97].

impresso incluído, envio-nas a Vm por novidade, as ditas nove pedras, e as duas favas custaram dois pesos de oito”<sup>573</sup>.

A declaração de Martí é interessante, pois demonstra estar tão seguro da fidedignidade de suas mercadorias que trata de providenciar manuais teóricos sobre o uso das mesmas, enviando assim não apenas o produto, mas também o conhecimento sobre elas. Quanto ao preço, a explicação de Martí é igualmente interessante, pois informa “para que fossem mais barato estas que envio não tenho dependente [ileg.] e por isso das quadradas me restam 15, e das favas 4: se Vm precisar de algumas mais, me avise para que vão [ileg.] primeira ocasião que possa ser”<sup>574</sup>, mostrando não apenas sua desenvoltura enquanto comerciante, de garantir o melhor preço através da quantidade, como também sinaliza que não favorecia apenas Joan Salvador, visto que não compraria materiais excedentes se não tivesse certeza de sua venda.

Aproveitando o ensejo da notificação e envio das curiosidades, Martí relembra Joan Salvador do retorno de Pedro de Almeida, se reconectando ao empreendimento, do qual foi mantido alheio durante este tempo em que Joan resolveu ignorá-lo: “por todo o primeiro mês de Janeiro que vem se espera nesta cidade a frota que vem do Rio de Janeiro, e com ela a do senhor Conde de Assumar D. Pedro de Almeйда”<sup>575</sup>, o incentivando a escrever para o colega desertor e assim garantir que suas cartas fossem a ele entregues no momento de sua chegada “se a Vm lhe parecer bem lhe escrever e perguntar sobre as curiosidades que tenha trazido da América o poderá fazer, porque eu não sei se Bartholomeu vem com ele, nem se envia alguma coisa do que lhe pedí daquele país”<sup>576</sup>, mas, ao mesmo tempo, justificando e se desvinculando da negligência de Bartholomeu Bis.

A diligência das pedras quadradas e da fava de santo Inácio, bem como do lembrete da volta de comitiva de Pedro de Almeida a Lisboa, serviram a Pau Martí não somente como pretexto para retomar o contato com Joan Salvador, sendo este argumento tanto a causa como o efeito para os interesses de Martí. Ao mesmo tempo em que atesta a sua fidelidade e dedicação, em estar atento aos desejos de seu correspondente, Martí também se sente seguro e no direito de perguntar por favores *esquecidos* por Joan, que agora se convertia na parte em dívida da relação. Diante disso, não hesita em questioná-lo “em 11 de março deste ano escrevi a Vm, e lhe incluí uma carta para Mr de Jussieu de Paris em que lhe pedia os livros quem faltam em casa da Academia Real de Paris do ano 1717 até 1720 e como até agora não recebi nenhuma notícia, queria saber se ele recebeu a carta e se os tais livros se encontram

---

<sup>573</sup> Anexo 97.

<sup>574</sup> Anexo 97.

<sup>575</sup> Anexo 97.

<sup>576</sup> Anexo 97.

impressos”<sup>577</sup>. Sabemos que Joan Salvador havia questionado Antoine de Jussieu sobre a dívida com Pau Martí e que a resposta deste não lhe havia convencido, fato que se converteu na razão para Joan suspender tanto a correspondência com Jussieu, quanto com o próprio Martí.

Embora esta carta tenha sido escrita em setembro de 1721, ela não seria enviada até finais de janeiro do ano seguinte, visto que, segundo o próprio Martí em carta posterior, teria tido problemas com a embarcação na qual seguiria para Barcelona. Sendo assim, a maravilhosa e promissora notícia das curiosidades perderia o caráter de novidade, visto que, mesmo tendo Joan Sala comunicado-as em carta de outubro, esta teria alcançado Joan Salvador antes da de Martí. É importante ressaltar também que nesta mesma carta de outubro, Sala havia comunicado Joan Salvador do falecimento da cunhada de Pau Martí, Maria, casada com seu irmão Francesc Martí. Assim, diante das importantes notícias fornecidas por Sala sobre a volta dos colegas portugueses do Brasil, Joan usaria o pretexto do falecimento para contactar Martí – visto que também Joan estava em falta com o colega, por não dar satisfação sobre Antoine de Jussieu – e, assim, novamente empregar Martí neste empreendimento, reforçando a rede de colaboradores que defendiam seus interesses e pudessem estar dispostos a atuar em seu favor, garantindo que as tão desejadas amostras de *americana* fossem adquiridas. Como veremos, em seu momento, Joan também daria alguma satisfação sobre as notícias solicitadas por Martí de Antoine de Jussieu – afinal, o momento se voltava conveniente e beneficiaria seus projetos particulares.

A nova etapa da correspondência entre Martí e Salvador é marcada por desencontros de cartas. Como dissemos, a carta de Martí escrita em setembro de 1721 não teria sido enviada antes de janeiro de 1722, data em que escreveria uma segunda carta a Joan. Porém, neste meio tempo, Joan Salvador escreveria a Martí em dezembro de 1721, cuja carta também não chegaria ao seu destino antes de Martí escrever a mencionada carta de janeiro, justificando o atraso de envio da primeira. Assim, quando a carta de Joan chegou ao seu destino, Martí já tinha enviado também as suas duas cartas.

De todo modo, é interessante destacar o conteúdo, ainda que breve, desta segunda carta de Martí. Além de desculpar-se pelo atraso do envio das raras curiosidades, Martí tenta reverter a situação, afirmando que este atraso, no fim, havia sido positivo para ambos, visto que lhe havia dado tempo “de conseguir dos administradores do navio que chegou da China alguns miravolans e raízes da China, que com um papel a parte da carta tenho assim mesmo

---

<sup>577</sup> Anexo 97.

entregue ao dito capitão Palau para a seu salvo chegue a essa cidade e entregue à Vm”<sup>578</sup>. Numa tentativa clara de que convencer Joan de sua dedicação, e ser absolvido de suas más interpretações, Martí acrescenta que “estas raízes e miravolans vão por amostra, Vm me avisará se lhe convém envio de um ou outro gênero e até então fico como sempre às suas ordens”<sup>579</sup>, lançando mão da recorrente estratégia do obséquio.

Ainda naquele mesmo mês de janeiro, Pau Martí receberia a carta de Joan Salvador, o que o faria a respondê-la imediatamente. Nela, Martí agradecia as condolências prestadas e, mais uma vez, desculpava-se pelo atrasado que estava em dar alguma satisfação pela favorecida. Como Joan Salvador não mencionava nenhum dos assuntos comunicados por ele em suas duas últimas cartas – em decorrência de que, no momento em que escrevia, ainda não as tinha recebido – Pau Martí reforça o que havia dito sobre os personagens que estavam voltando do Brasil “havia escrito a Vm e lhe disse que estávamos esperando a frota do Rio de Janeiro e com ela o sr. Conde de Assumar D. Pedro de Almeyda e que se à Vm lhe parecesse bem escrever a ele e lhe perguntar das curiosidades que tenha trazido daquele país da América poderia o fazer”<sup>580</sup> e, novamente, se justifica “porque eu não sei se Bartholomeu vem com ele e nem se enviará alguma coisa das que lhe tenho encarregado de enviar daquele país”<sup>581</sup>, já anunciando uma possível – e quase certa – omissão de Bis e, assim, evitando mais uma decepção em não cumprir com o prometido, como em ocasiões passadas.

Ainda sobre o retorno da comitiva luso-americana a Lisboa, Martí faz referência a um aviso dado anteriormente, o que permite sugerir que ele teria escrito a Joan ao menos uma vez durante este último “intervalo” na correspondência entre eles. Diz Martí “Vm fez bem não dar crédito sobre o que lhe havia dito dos paisanos que nesta haviam chegado de Cádiz, sobre o tema do Conde de Assumar D. Pedro de Almeyda, porque nem o navio de Bis nunca chegou do Rio de Janeiro, como nem o do dito Conde sabemos outra coisa além de que vem com a frota de dito Rio, e que há dias a estamos esperando”<sup>582</sup>. Ao que parece, Martí teria sido informado por estes catalães que haviam chegado de Cádiz que Bartholomeu Bis e o governador das Minas estavam prestes a chegar, fato que fora ignorado por Joan – talvez por estar decepcionado com Martí pelo caso envolvendo Jussieu – e que, pelo visto, ele mesmo reconhecia como falsa a notícia. Embora esta carta não se tenha conservado, descartamos a possibilidade de não ter chegado a Joan Salvador, visto que pelo tom da declaração de Martí,

---

<sup>578</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-10. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 27/01/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 98].

<sup>579</sup> Anexo 98.

<sup>580</sup> Anexo 98.

<sup>581</sup> Anexo 98.

<sup>582</sup> Anexo 98.

Joan Salvador a teria mencionado em sua carta de dezembro.

Na ocasião, Martí apenas recorda Joan de tudo o que havia comentado nas suas anteriores, inclusive sobre o envio das pedras quadradas, favas de santo Inácio e seus respectivos preços, bem como da gentileza das amostras de miravolans e raiz da China. Porém, não volta a cobrar por notícias de Antoine de Jussieu.

De fato, depois da desculpa baseada em dificuldades financeiras, Antoine de Jussieu não havia mais tocado no assunto e assim se manteve até dezembro de 1721, quando escreve a Joan Salvador “se meu irmão, o médico em Montpellier, que está aqui há seis meses, puder ir a Portugal, teremos uma [facilidade] para enviar a você e aos nossos amigos os livros e outras coisas que eles desejam de nós. Eu faço tudo que posso para protegê-lo das quarentenas e outras desgraças da época, que são os únicos obstáculos para sua jornada”<sup>583</sup>. Ao que parece, um dos irmãos de Jussieu tinha planejado de ir a Portugal, porém as quarentenas decorrentes da peste estavam o impeditivo de realizar a viagem. Não sabemos se o plano era, de fato, verdadeiro, ou se tratava de mais uma desculpa para continuar a ser favorecido por Joan, visto que este havia deixado de enviar materiais ao amigo, que continuava a pedir por eles, como se as suas justificativas e lamentações fossem suficientemente convincentes para despertar em Joan o interesse em colaborar com ele.

Mesmo sem resposta para sua carta escrita em dezembro, Antoine de Jussieu voltaria a escrever a seu amigo no mês seguinte, em janeiro de 1722. Conforme consta em nota feita por Joan Salvador em um canto da carta, esta teria chegado a ele em fevereiro de 1722 e, imediatamente, teria retornado a seu amigo. O motivo desta agilidade não estava, necessariamente, relacionado com os temas envolvendo as colônias de além-mar e seus respectivos correspondentes na América e em Lisboa, mas acabaria por influenciá-lo, visto que o seu conteúdo faria até mesmo com que Joan mudasse seu comportamento em relação a esta situação.

Em um momento que a relação entre ambos parecia estar abalada, especialmente pela insatisfação de Joan Salvador quanto aos retornos de Jussieu, que há tempos não proporcionava nada para o enriquecimento de suas coleções, uma diligência por parte do mesmo seria bem-vinda. E, no caso, não era qualquer gentileza, mas sim a possibilidade de contribuir com uma obra que estava sendo preparada sobre o tema. Se tratava de um manual sobre pesca, organizado por um amigo de Antoine de Jussieu, Le Masson du Parc, comissário

---

<sup>583</sup> Anexo 95

da Marinha francesa.<sup>584</sup> O pedido de Jussieu era que Joan contribuísse com seus conhecimentos, escrevendo sobre os diferentes instrumentos e vestimentas utilizados pelos pescadores catalães, bem como sobre os peixes encontrados na costa mediterrânea na porção que compreendia a Catalunha. E, lançando mão de uma recorrente e bem conhecida estratégia, ressaltava que o referido autor “não deixará de honrá-lo, e você não se arrependerá de ver o uso que ele fará de suas memórias”<sup>585</sup>, garantindo que a autoridade científica de Joan Salvador seria preservada e devidamente mencionada na obra.

Já tivemos a oportunidade de discutir o poder transformador de uma publicação nas relações sociais e profissionais entre dois personagens. Repetindo aquilo que James Petiver havia feito alguns anos antes, quando o desequilíbrio dos intercâmbios ameaçava a comunicação e comércio com Joan Salvador, Antoine de Jussieu encontraria neste trabalho a oportunidade de reconquistar a atenção e os favores de seu amigo, com quem há tempos estava em dívida e não se via capaz de reverter a situação através de meios próprios. Além do atrativo incontestável de divulgar seu trabalho científico colaborando com o projeto, Antoine Jussieu faz com que esta proposta fosse irrecusável, quando diz “você também não perderá nada do lado da curiosidade, porque ele lhe fornecerá uma grande parte dos diferentes tipos de *“Fucus de la Manche”*”<sup>586</sup>, sinalizando a possibilidade de Joan receber amostras de seu interesse.

Como era esperado, a proposta de Jussieu seria imediatamente aceita por Joan Salvador, que responderia a sua carta, confirmando a colaboração com o manual. Se até aquele momento Joan se encontrava em uma posição desfavorável no comércio com seus amigos parisienses, ao aceitar a proposta de Jussieu, acabava por absolvê-lo de suas promessas não cumpridas. Ou, ao menos, de torná-las irrelevantes a partir de então. Diante de tão boas notícias, a ambição de Joan Salvador faria com ele mudasse seu discurso sobre as situações passadas, substituindo as recorrentes cobranças por compreensão e cordialidade. Na referida carta, Salvador afirmava: “não tenho dúvidas de que o infortúnio e o medo causados pela praga em sua casa farão com que vocês demorem com as comissões que pedi que me enviassem em distintas ocasiões, mas você me faz esperar que seu irmão médico pudesse passar por Portugal, e por esta via me fazer ter uma parte delas, e depois pela dos senhores

---

<sup>584</sup> O documento foi transcrito e publicado por Leonart & Camarasa, 1987. Atualmente, Aina Trias dedica sua tese doutoral ao tema, interessada em contextualizar o conteúdo marinho do gabinete de curiosidades dos Salvador.

<sup>585</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/01-11). Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 26/01/1722), cf. Camarasa, 1997, p.99. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 99].

<sup>586</sup> Anexo 99.

Martin, tê-las aqui em Barcelona, pelas quais estou infinitamente obrigado a vós”<sup>587</sup>.

É interessante notar que, assim como desejava Antoine de Jussieu, Joan Salvador se sentia na obrigação de agradecer pela prova de amizade manifestada, por tê-lo em memória e indicá-lo ao comissário da Marinha como o naturalista ideal para ajudá-lo em seu trabalho, o que lhe dava permissão para continuar solicitando mais materiais e favores de Salvador. De fato, a estratégia de Jussieu lhe renderia bons resultados, mas não seria suficiente para garantir esta estabilidade por muito tempo, visto que mesmo grato ao seu reconhecimento, Salvador não deixaria de pedir pelas antigas comissões.

Antes de receber estas cartas de Antoine de Jussieu, Joan Salvador tinha escrito a Joan Sala em duas oportunidades, para tratar de assuntos relacionados com o comércio paralelo movimentado por eles, como em agradecimento pelas amostras provenientes das Índias orientais que, embora Sala tivesse comunicado o envio, a embarcação que fazia o transporte não havia chegado em Barcelona e, conseqüentemente, nem as mercadorias em suas mãos. Estas constatações são permitidas devido a uma carta de Sala escrita em março de 1722, onde comenta o recebimento das duas de Salvador.

Nela, além de confirmar as comissões executadas por Joan pelas tarefas a ele designadas, fruto das atividades comerciais com outros personagens, como de confiar-lhe novas atribuições, Sala desculpa-se pela ineptidão em não poder colaborar com o pedido de Joan em contactar Miquel Gallart, sobre o qual dizia “a diligência que Vm recomenda para solicitar à Miquel Gallart suspendi, assegurado seria infrutuoso, e talvez estranho, pois soube há muito tempo não estar ele [sic] saindo com aquelas senhoras”<sup>588</sup>. Infelizmente, a falta de informações não nos permite sugerir quem eram estas senhoras a quem Sala se referia, muito menos se teriam alguma relação com o comércio colonial americano, nos restando apenas a certeza de que Sala teria tomado a decisão de não tentar contactá-lo, como desejava Salvador. No que diz respeito ao retorno de Pedro de Almeida, Sala apenas se limitaria em dizer “a frota não quer acabar de consolar aos muitos que a aguardam impaciente, e sempre com elas venham as notícias que Vm deseja, terei o cuidado em participá-las”<sup>589</sup>, reforçando a dedicação e prontidão em ajudá-lo.

Como demonstrado, as últimas cartas que conservamos de Sala revelam a participação ativa de Joan Salvador nas suas atividades profissionais e pessoais, que continuariam a serem

---

<sup>587</sup> IBB, Fons Salvador, R.(02/01-15). Carta de Joan Salvador i Riera a Antoine de Jussieu (Barcelona, Fevereiro/1722), cf. Camarasa, 1997, p. 99-100. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 100].

<sup>588</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-34. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 03/03/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 101].

<sup>589</sup> Anexo 101.



executadas no decorrer do tempo. Como forma de manter o contato ativo e disponível, Joan teria colaborado em diferentes funções, como recebimento e repasse de mercadorias e cartas, cobranças de pagamentos, depósitos e facilitação de medicinais. Porém, nesta ocasião, Sala confiava a Joan Salvador a tarefa de fazer embarcar um jovem catalão, que Sala empregaria como ajudante em suas atividades comerciais. Sobre dito rapaz, Sala explicava a Salvador “se a mãe lhe consentir se valerão de Vm para que lhe facilite o embarque na primeira ocasião se apresenta por estas partes. Eu agradecerei a Vm que vindo o caso, queira cooperar no que puder”<sup>590</sup> e o orientava “e não podendo conseguir embarcação para serviço da [ileg.] prometa até dez [ileg.] pela passagem comprar comida, real de oito mais ou menos, e que lhe sendo o mínimo necessário alguma bagagem de vestir-lhe o [ileg.] com seis peças de oito por minha conta”<sup>591</sup>. Segundo as declarações de Sala, em sua carta seguinte, escrita em junho de 1722, Joan Salvador teria atendido ao seu favor, ajudando o rapaz – Joseph Verges – a partir com uma embarcação em direção a Cádiz. Como acordado, Sala garantia “dei crédito a Vm das 5 [ileg.] de 8 [ileg.] que gastou para equipar dito menino em R. 4125 e se outra coisa foi oferecida pela passagem, com seu aviso farei a mesma diligência a Vm”<sup>592</sup> e se declarava profundamente grato pelo favor prestado, se colocando à disposição para retribuir tamanha gentileza.

De fato, Joan Sala nunca havia deixado de favorecer Joan Salvador enquanto os diversos entraves não o permitiam colaborar com o envio das tão aguardadas amostras da natureza da América portuguesa. Se por um lado a coleção de *americana* do gabinete de curiosidades dos Salvador seguia pendente de novas aquisições, por outro lado a biblioteca familiar se beneficiava neste processo. Enquanto aguardavam por notícias e materiais vindos do Brasil, este vínculo se configuraria também como vantajosa via para o comércio de livros, no qual ocupava Sala uma posição central no negócio. Ele se converteria em um importante articulador no processo de compra e envio dos muitos títulos solicitados por Joan Salvador ao longo daqueles anos, consistindo em uma atividade cuja realização era proveitosa para ambas as partes: Sala, o comerciante, teria sua parte pela participação na venda, e Salvador, o colecionador, a desejada ferramenta de trabalho. Embora nesta última carta Sala forneça detalhes envolvendo a negociação de novos livros para Joan Salvador, compreendemos que este comércio, por mais interessante que possa ser, nos distanciaria dos propósitos desta

---

<sup>590</sup> Anexo 101.

<sup>591</sup> Anexo 101.

<sup>592</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-1. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/06/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 102]

discussão. Por ora, nos parece mais pertinente abordar a participação de Joan Sala enquanto facilitador de curiosidades, inclusive as provenientes das Índias orientais. Afinal, estamos tratando de uma correspondência com finalidade comercial entre dois personagens cuja concepção sobre o mundo natural era completamente discrepante. Enquanto para Joan Salvador uma determinada amostra representava uma infinidade de possibilidades e funções, para Sala a mesma amostra era apenas um objeto, com um valor, cuja importância ele atribuía conforme o nível de interesse demonstrado por Salvador.

Deste modo, embora tivesse consciência que o objetivo era adquirir amostras da América, talvez, a insipiência nos propósitos podia, muitas vezes, fazer com que o caráter de *novidade* e *curiosidade* atribuídos não somente aos materiais de origem americana, mas também aos provenientes de outros territórios coloniais, como a África e a Ásia, por exemplo, contribuísse para a conclusão de que estes aspectos eram o que realmente importava, superando assim as questões geográficas. A notícia das *pedras quadradas* é um bom exemplo para ilustrar esta interpretação e, talvez, mais ainda com o caso de Pau Martí que, comunica o envio destes materiais enaltecendo a possibilidade de, finalmente, poder cumprir com a dívida pendente. Porém, em nenhum momento – ao menos não neste conjunto de cartas consultadas – temos conhecimento de Salvador empregá-lo na busca por materiais das Índias orientais.

Assim como sugerimos sobre a América espanhola, não acreditamos que Joan não se interessava pela natureza desta região. Pelo contrário, este seria não só um dos motivos que enfraqueceria a amizade entre ele e Antoine de Jussieu pela correspondência oculta com o vice-rei de Goa, como também recorreria ao próprio Pau Martí em sua tentativa frustrada de contactá-lo. Se da relação com Martí Joan esperava, basicamente, receber amostras de *americana*, o mesmo não podemos dizer de sua comunicação com Sala que, embora também tivesse o propósito anterior, teria se expandido para outros negócios, inclusive para o fornecimento de medicinais exóticos.

A questão, então, não era o produto em si, mas sim o que se esperava de cada um destes colaboradores. E de Sala, diferentemente de Martí, Joan esperava por estes materiais, como vimos através da lista enviada onde assinalava os medicinais das Índias que tinha interesse em receber, interesse este que se renovava a cada momento, sendo confiada a Sala a missão de encontrá-los. Nesta última carta, Sala dava provas de sua dedicação, dizendo “depois de ter corrido por muitas boticas e boticários em busca do pedaço de pau de cobra, sem encontrar nem notícia dele, soube que vem somente da Índia oriental esta mercadoria, e que hoje não se encontra nesta terra nenhum, e não é de se admirar, posto que há muito faltam

naus de Goa”<sup>593</sup>, mostrando o seu empenho em procurar pelo produto encomendado por Joan Salvador. A coerência deste comércio para nossa discussão reside justamente no fato de que, embora paralelamente, estas atividades coexistiam com os assuntos relacionado com o Brasil e eram essenciais para manter o contato ativo, garantindo que a rede articulada não se desfragmentasse e suas petições caíssem em esquecimento. E, além disso, as gentilezas decorrentes destes comércios também acabavam por aproximar ainda mais cada um dos personagens envolvidos, fazendo com o estreitamento dos laços os compeliem a retribuir devidamente.

No momento em que escrevia, o tão aguardado governador das Minas, Pedro de Almeida, finalmente se encontrava em solo português, mas não exatamente em Lisboa, sendo este um dos motivos pelos quais Sala prevenia que, possivelmente, a resposta para a carta que Joan teria escrito a ele, seguindo as recomendações de seus conterrâneos, iria atrasar “se consignou pontualmente ao senhor Conde D. Pedro de Almeida a que Vm envia para ele, em tempo que havia vindo de Santarém, e como logo voltou àquelas paragens, aonde se mantém ainda com a mulher, penso se dilatará a resposta”<sup>594</sup>, sendo este o mesmo argumento utilizado por Pau Martí, em carta escrita no mesmo dia que a de Joan Sala, como veremos.

Sobre os colegas que tinham permanecido no Brasil, especialmente Bruno Verdera, Sala diz, desacreditado “e do parente de Vm Bruno Verdera, o que dizer? Eu por via extraviada soube chegou às Minas, e lá coletava ouro em abundância, mas como ao mesmo tempo tive notícias se enviaram cartas dele a Vm, que supus chegariam às suas mãos, me pareceu desculpas [ileg.] não podendo entender a razão que dito Bruno teria para não me enviar as cartas”<sup>595</sup>, corroborando com a nossa interpretação – e de Pau Martí que não entendia a razão daqueles que ao pisar em solo americano se esqueciam de seus propósitos – de que Bruno teria de fato insinuado que Joan Salvador deveria, ele mesmo, procurar por suas curiosidades, pensando nas distrações muito mais rentáveis que o circundavam, que a coleta de amostras naturais. Sobre as cartas que Sala comenta, de fato Joan Salvador teria recebido uma de Bruno Verdera, com data de setembro de 1721, mas não sabemos se corresponde a alguma destas mencionadas ou até mesmo se a notícia era verdadeira. Por falta de informações sobre as mesmas, apresentaremos a carta citada mais adiante, quando o próprio Sala diz ter repassado uma carta de Verdera a Salvador, a qual julgamos mais acertado situá-la nesta ocasião.

---

<sup>593</sup> Anexo 102

<sup>594</sup> Anexo 102

<sup>595</sup> Anexo 102

Apesar da incompreensão em decorrência da desconfiança de poder ter sido desprezado por Bruno Verdera, Joan Sala se mostrava atento e disposto a continuar colaborando nesta mediação, atuando a favor de Joan Salvador. Ao informar “na semana passada saiu a frota para o Rio de Janeiro, e da pressa poderá Vm considerar a dificuldade de se haver podido prevenir o aviso para escrever com ela, como me insinuava, sendo preciso ter paciência”<sup>596</sup>, garantia “não obstante ao sucedido, escrevi nessa ocasião a Bruno Verdera, e lhe contei das notícias que tinha de Vm, como o motivo de não lhe enviar mais extensas, recomendando ao dito também que procurasse corresponder ao bom afeto de Vm”<sup>597</sup>. O prolongado silêncio de Bruno Verdera parecia estar começando a causar incômodo também em Joan Sala, talvez pelo mesmo motivo que assim teria se sentido Pau Martí em situações passadas. Como apontado ainda há pouco, a relação de Joan Sala e Joan Salvador não se limitava a este empreendimento envolvendo a rede de contatos estabelecida no Brasil, sendo constantemente movimentada por diversas atividades tanto comerciais quanto pessoais. Contudo, muitas destas atividades se realizavam em decorrência deste projeto maior, que se mantinha pendente e se atualizava conforme as notícias chegavam. Esta dinâmica começava a dar sinais de que não se sustentaria por muito mais tempo, exatamente porque do Brasil unicamente se chegavam notícias vagas, suposições ou promessas dispersas, longe de incluir as cobiçadas amostras. E, ciente de que este quadro adverso poderia, em algum momento, comprometer sua atuação, por seguir em dívida com Salvador, Joan Sala se anteciparia em advertí-lo: “amigo e sr Vm já bem experimentou que nem todos sabem, ou não querem fazer um serviço, mas fique certo que se eu não souber cumprir, não será porque eu quero e que para quando possa a minha responsabilidade encontrará a abediência sempre pronta”<sup>598</sup>, prevendo o resultado, mais uma vez, infrutuoso destas tentativas, ao mesmo tempo em que tentava se preservar de qualquer sentimento de culpa.

Posto que não tinha previsão de receber nenhuma amostra das encomendas solicitadas, a única alternativa que lhe restava para se esquivar de qualquer julgamento que o responsabilizasse pelo fracasso das investidas, seria continuar manifestando uma inalterável disposição, informando sobre as chegadas e saídas das frotas da América, por onde Joan poderia enviar suas cartas aos correspondentes que lá se encontravam, como bem fez “ao Porto estão carregando algum navio para Rio de Janeiro também, e como poderá ser viável dilatar-se a partir, se a Vm lhe parecer escrever, tomarei todo cuidado em aproveitar aquela

---

<sup>596</sup> Anexo 102

<sup>597</sup> Anexo 102

<sup>598</sup> Anexo 102

via, ou pela das ilhas terceiras, que às vezes se oferecem”<sup>599</sup>, recorrendo aos navios que partiam desde outros portos, como na cidade do Porto, em uma atitude quase desesperada.

O comportamento defensivo de Sala poderia estar relacionado com as cobranças de Joan, que pedia alguma satisfação sobre suas encomendas “me parece estar respondido tudo o que Vm deseja, menos sobre as curiosidades, que as diligências feitas para conseguir alguma coisa se aproveitam pouco, e reza seja pouco mais proveitosa as esperanças com a vinda do Conde de Assumar, nem ao retorno de Bartholomeu Bis, que ainda está nas Minas”<sup>600</sup>, ou seja, ainda que Joan recebesse outros materiais de Sala, eles não substituíam as encomendas de americana que, de acordo com Sala, as expectativas não eram muito mais favoráveis nem mesmo com o retorno de Pedro de Almeida.

Como vimos, as atenções se voltaram à comitiva do governador das Minas, que retornava de seu mandato após anúncio de seu sucessor, cuja chegada era aguardada ansiosamente por Joan Salvador e demais correspondentes, depositando nela suas esperanças. Tanto Joan Sala quanto Pau Martí haviam comunicado Joan Salvador deste evento prestes a acontecer, o incentivando a escrever a Pedro de Almeida, para que este se inteirasse que ele não tinha desistido de conseguir algo daquelas terras em que fora governador, conselho este que teria considerado, enviando suas cartas a ambos. Assim como Sala, Pau Martí teria recebido a que lhe fora confiada a repassar ao dito Pedro de Almeida, a quem garantia ter sido entregue, mas não exatamente em seguida de seu recebimento, pois “dito Conde veio de Santarém, onde está se divertindo com a sra. Condessa sua mulher, e não esteve mais que três dias nesta casa para escrever e mandar as cartas com a frota do Rio de Janeiro que saiu deste porto dia 29 do mês passado”<sup>601</sup>, repetindo a mesma informação dada por Sala. A permanência de Almeida em Santarém preocupava Martí que, para garantir que os pedidos de Joan fossem atendidos, o prevenia “dito Sr. Conde como ficará em Santarém e penso que por alguns meses, quando retornar já não recordará da carta de Vm, eu acredito que ele trouxe algumas coisas que podem ser boas para você e por isso me convém que Vm lhe torne a escrever”<sup>602</sup>. Ao que parece, Pau Martí, ao contrário de Sala, estava confiante com o retorno de Almeida, na expectativa de que este poderia, finalmente, aportar alguma coisa que pudesse compensar tantos anos de espera. Mas, por outro lado, suas perspectivas se tornavam opostas em relação à Bartholomeu Bis que, uma vez que teria ficado no Brasil sem dar nenhuma

---

<sup>599</sup> Anexo 102

<sup>600</sup> Anexo 102

<sup>601</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-11. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/06/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 103].

<sup>602</sup> Anexo 103

satisfação aos pedidos de Martí, assumia “a culpa de ficar [nas Minas] é de outro e o dano é meu”<sup>603</sup>, se mostrando consciente da incapacidade de cumprir com as promessas feitas a Joan Salvador, decorrentes da colaboração de Bis.

Na realidade, Pau Martí ainda não tinha conseguido atender aos pedidos de Joan Salvador. Enquanto Joan esperava por resultados mais consistentes a respeito de suas amostras vindas da América, possivelmente considerando Martí um colaborador em dívida, o próprio Martí fazia uma interpretação oposta de si mesmo. Embora se mostrasse consciente da dívida que tinha em relação a seu amigo Bartholomeu Bis, de quem havia se vangloriado e exaltado a certeza de sua colaboração, considerava o seu desempenho como facilitador de curiosidades plausível de admiração. Novamente voltamos à confusão decorrente das diferentes concepções acerca dos materiais solicitados e fornecidos. O entusiasmo de Martí ao anunciar o envio das curiosidades da Índias orientais demonstra muito bem sua auto-interpretção, cuja certeza de seu excelente desempenho se repete nesta carta, onde, ao dizer estar satisfeito de que as mercadorias enviadas tivessem chegado às mãos de Salvador, o questiona, em tom de admiração e perplexidade “[Vm] ainda não demonstrou encanto pelos mirabolans e raiz da China”<sup>604</sup>. O presente enviado como pedido de desculpas pelo atraso em consignar os medicinais comunicados talvez representasse para Martí uma prova de sua diligência e, por esta razão, não esperava de Joan Salvador nada menos que sua gratidão e admiração por ter lhe fornecido, de maneira gratuita, as curiosidades que tanto aguardava. Para seu espanto, a gentileza não teria surtido o efeito que esperava e, por esta razão, cobrava de Joan uma explicação sobre o tema. A questão é que Martí não tinha a consciência de que ao facilitá-lo mercadorias distintas das que havia encomendado, repetia o erro duas vezes. Afinal, eram curiosidades interessantes, mas não eram e nem substituíam as curiosidades da América. Talvez isso explicasse a reação de Joan ao recebê-las, que se limitaria em pedir que Martí lhe enviasse duas libras das mesmas, sem exaltar a diligência.

Seguro dos méritos de sua atuação, Martí não tinha dúvidas da obrigação de Joan em retribuir aos seus esforços, se sentindo em uma posição favorável para lhe questionar sobre um tema pendente na relação entre ambos “se Vm tiver alguma notícia sobre os livros solicitados a Mr. Jussieu, estimarei a participação dela”<sup>605</sup>. De fato, Joan ainda não tinha repassado nenhuma das informações fornecidas por Jussieu – até porque não estava totalmente seguro das mesmas e porque, como vimos, a reviravolta na amizade entre os dois

---

<sup>603</sup> Anexo 103.

<sup>604</sup> Anexo 103

<sup>605</sup> Anexo 103

naturalistas fazia conveniente que Joan não prejudicasse seu amigo francês, para não comprometer seus novos projetos relacionados com a publicação do manual de pesca. A convicção de Martí era tamanha, que se atreveria, novamente, a evidenciar os interesses que tinha com a filha de Joan Salvador. Ao salutar os familiares de Salvador, Martí destaca um especial apreço pela menina, ao dizer “e a sra. sua filha em particular, que como estou ainda para casar desejo que Deus a faça boa e forte”<sup>606</sup>, julgando ser um bom partido para se casar com Maria Eulália Salvador – proposta, obviamente, ignorada por seu pai.

Como mencionado anteriormente, as cartas de Sala e Martí possuem a mesma data, o que indica que, possivelmente, tenham sido enviadas a Joan Salvador na mesma oportunidade, através da mesma via de transporte. Logo em seguida deste envio, Joan Sala escreveria, ainda naquele mesmo mês de junho, duas cartas a Joan Salvador, tratando de assuntos relacionados com o comércio que empreendiam paralelamente, inclusive envolvendo medicinais exóticos. Em uma delas, consideramos especialmente interessante a descrição que Sala faz sobre as diferentes variedades de chá que tinha por novidade. Entusiasmado, relatava “outro dia no convento da Divina Providência me atualizaram de ter nesta cidade várias plantas de chá, ou chá chinês, e tomei as folhas que com esta incluí, [ileg.] de algumas se criam na horta daquele convento”<sup>607</sup>, prosseguindo “depois fui pedir algum broto da mesma com flor, por me dizerem estarem floridas no momento, mas eu fui tarde, e me retornaram respondendo que acabado de fazer a semente me dariam-na”. Apesar da novidade, que Sala julgava ser de interesse de Salvador, se preocupava com a qualidade da mesma, dizendo “alguns não querem acreditar que seja a planta legítima, pela diferença encontrada no cheiro da folha de chá, e persuadem ser possível os chineses darem uma coisa por outra”, assim, desconfiado de um possível “golpe” dos chineses, e por sua incapacidade de analisá-las por conta própria, pedia a Joan “Vm poderá dar melhor voto, servindo me dizer que encontrará na anatomia pode fazê-la, e gostando da semente me prometeram lhe farei parte”<sup>608</sup>. Com isso, é possível deduzir que o envio destas amostras de chá era uma tática de Joan Sala que, ao mesmo tempo que satisfazia Joan Salvador com as novidades, recorria a seus conhecimentos para se assegurar de que aqueles produtos eram verdadeiros e valiosos e, assim, investir na comercialização dos mesmos. Porém, para seu desgosto, o plano não sairia exatamente como esperava, como veremos mais adiante.

É válido ressaltar que no momento em que escrevia estas cartas, Sala, assim como Pau

---

<sup>606</sup> Anexo 103

<sup>607</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-3. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 30/06/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 104].

<sup>608</sup> Anexo 104

Martí, ainda não tinha recebido a resposta de Joan Salvador por suas respectivas cartas escritas no início de junho. Por problemas com o correio, as respostas chegariam aos seus destinatários com bastante atraso, sendo Joan Sala o primeiro a respondê-la. Em carta escrita em 4 de agosto, ele confirmava o recebimento da carta que Joan havia enviado para ser dirigida a Bruno Verdera, com a frota que se preparava para sair do Porto, conforme suas orientações. No caso, Joan havia enviado também uma carta escrita por um irmão de Bruno Verdera, solicitando que a mesma também fosse repassada por Sala, quem garantia que havia feito “a mesma diligência, desejoso de aproveitar a ocasião”<sup>609</sup>. Esta é a primeira e única referência que temos sobre a tentativa de contato de outros familiares, além do próprio Joan Salvador, para com Bruno Verdera. Não sabemos se a notícia de seu estabelecimento tenha incentivado seus familiares, no caso seu irmão, a escrevê-lo simplesmente por notícias ou se Joan e seu pai Jaume tinham alguma participação neste contato, tendo recorrido a seus familiares que haviam permanecido na Europa para pedi-los que intercedessem nesta correspondência, que não estava saindo como o esperado e, quase certamente, combinado.

Sobre este tema, Sala se limitava em informar “na semana passada felizmente entrou a frota de Pernambuco, navio da Paraíba e algum da Bahia, mas não obstante aguarda-se por essa ocasião cartas das Minas, já me desconfio lograr até o retorno da [frota] do Rio”<sup>610</sup>. Esta declaração de Joan Sala é interessante, pois, como o mesmo informa, haviam aportado em Lisboa embarcações vindas de pelo menos três localidades brasileiras, porém nenhuma delas trazia as cartas esperadas. Neste tempo todo em que Joan tinha contactado com seus colegas para intermediar a correspondência com o núcleo estabelecido no Brasil e manifestar seus desejos em enriquecer suas coleções com curiosidades da América, inúmeras embarcações fizeram o trajeto que conectava os dois continentes. É significativo que, mesmo cientes dos interesses declarados de Joan, seus colaboradores não tenham conseguido adquirir nenhuma – ou quase nenhuma – amostra do Brasil através destes incontáveis navios que faziam a rota da América. Não é possível mensurar o esforço que cada um deles dedicaram nesta empreitada, se tentaram negociar com a tripulação destas embarcações, ou se simplesmente buscavam pelas encomendas e cartas destinadas nomeadamente a Joan Salvador.

Como já sugerimos, a inciência destes homens pode ter influenciado na maneira como lidavam com este comércio, por não conseguirem compreender as diferenças de cada amostra, suas especificidades, sendo todas igualmente curiosas, independentemente de onde vinham.

---

<sup>609</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-4. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 04/08/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 105].

<sup>610</sup> Anexo 105



Assim, na visão deles, o mais importante não era a procedência e as características das amostras que conseguiam enviar a Joan Salvador, mas sim manter esse comércio de curiosidades ativo, não o deixando de mãos vazias, sem suas tão almeçadas curiosidades, sejam elas do Brasil, da Índia ou da China. Talvez este fundamento seja indissociável dos motivos que tinham para aceitarem a colaborar com as ordens de Joan Salvador, afinal não podemos perder de vista que eram comerciantes, cujos interesses, basicamente estavam relacionados com o sucesso de seus negócios, com a rentabilidade desta parceria. Se a outra parte, no caso Joan Salvador, seguia respondendo positivamente aos seus negócios, então, não tinham motivos para se preocuparem. Esta era a dinâmica do comércio. Talvez por esta razão, podemos detectar algumas sutis diferenças nas atitudes de Joan Sala e de Pau Martí, como veremos a seguir.

O inquerimento de Salvador sobre as curiosidades do Brasil também se entendia a Pau Martí quem, finalmente, poderia responder à altura de suas expectativas. Em resposta a Joan, Martí comunicava “um padre da Companhia de Jesus, alemão de nação, que tem mais de trinta anos de exercício em catequizar os índios da capitania de Pernambuco e agora vive entre eles, depois de ter estado 14 meses em requerimento a esta corte em favor dos índios, no ano passado se embarcou com a frota que foi a Pernambuco”<sup>611</sup> e prosseguia, entusiasmado com a boa notícia “e agora que a dita frota retornou, recebi de dito padre uma carta, na qual me disse que me enviava um frasquinho de óleo de muita estimação, que já o recebi”<sup>612</sup>. Como podemos ver, ao contrário do que Sala dizia, a já mencionada frota de Pernambuco trazia uma encomenda do Brasil para Pau Martí, que seria destinada a Joan Salvador. Este fato demonstra que, talvez, Martí estivesse mais empenhado em procurar coisas que pudessem ser do agrado de Salvador, articulando sua própria rede de colaboradores neste negócio. E a razão para isso pode estar justamente no interesse que cada um deles tinha em participar deste empreendimento, o que esperavam em troca. Não restam dúvidas de que ambos tinham seus próprios negócios, e Joan poderia favorecê-los em suas atividades, porém, Martí, repetidas vezes, tinha deixado claro que tinha um interesse além do comercial, o de ascensão social, de conseguir se casar com a filha de Joan Salvador e, talvez, este seja o propósito que o motivaria a ir além do convencional.

Seguindo com as informações sobre o novo contato estabelecido, dizia “ele se vai aos seus Tapuias, que são os índios, que ao encontrar-se alí, procurará algumas raízes e ervas para

---

<sup>611</sup> IBB, Fons Salvador, COR/02/05-12. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/08/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 106].

<sup>612</sup> Anexo 106

me enviar com a outra frota, ele na minha opinião é um santo baro, e estou na fé que me enviará o que me promete e eu prometo a Vm de repartir o que for enviado”<sup>613</sup>, demonstrando estar empenhado e disposto em continuar a colaborar com este empreendimento. Diante de tantas diligências, Martí, mais uma vez retoma a questão pendente sobre os livros encomendados com Antoine de Jussieu. Porém, desta vez, em satisfação às notícias repassadas por Joan Salvador em resposta à pergunta de Martí em carta anterior. Dizia ele “Vm disse que Mr. de Jussieu, conforme lhe tinha escrito, queria enviar o seu irmão aqui, eu não o vi, nem soube notícias de que tenha chegado. Me diga Vm se o sabe, a que fim quer enviá-lo, se a negócios, ou para ver terra, para que se aqui apareça, me sirva o aviso de Vm para saber como devo com ele me portar”<sup>614</sup>. Ao que parece, Joan teria se limitado em responder o que Jussieu havia lhe dito, sem citar os livros solicitados. E, como vemos, o plano dos irmãos Jussieu não teria seguido adiante, como já desconfiava Joan Salvador. Através desta declaração podemos concluir que, mesmo não convencido do plano de seu amigo, Joan repassaria a notícia da viagem não apenas para dar uma satisfação a Pau Martí e assim se livrar dessa dívida, transferindo-a a Jussieu, como também uma maneira de garantir que nenhum Jussieu tenha ido a Portugal sem seu conhecimento.

Ao longo de toda a correspondência mantida entre Joan Salvador e Pau Martí, esta, sem dúvidas, é a carta cujo conteúdo poderia mais interessar Salvador – dentre as que as que, obviamente, são conservadas e pudemos analisar -, não somente por acompanhar uma amostra, mas sim por revelar que, finalmente, Martí tinha conseguido um retorno para suas investidas, um contato que dava sinais de que seria uma fonte confiável e promissora na facilitação de curiosidades, depois das constantes fracassadas expectativas com Pedro de Almeida, Bruno Verdera e, especialmente, Barthomeu Bis. Apesar de implantar um sentimento de prosperidade nos negócios futuros, esta é a última carta de Pau Martí que temos conservada nas coleções da família, depositadas no Fundo Salvador, no Instituto Botânico de Barcelona.

A impossibilidade de conhecer a opinião de Joan Salvador sobre o *óleo* enviado por Martí, não se estende à avaliação feita acerca das últimas amostras enviadas por Sala. Em carta de setembro de 1722, Joan Sala escreveria a Joan Salvador “pela de Vm feita ao passado agosto fiquei totalmente desapontado pela relação que serviu me dar acerca do imaginário

---

<sup>613</sup> Anexo 106

<sup>614</sup> Anexo 106

chá”<sup>615</sup>, indicando que, ao contrário do que esperava, as amostras de chá não tinham agradado. Não podemos deduzir se os motivos da reprovação de Joan Salvador estavam relacionados com a autenticidade das variedades ofertadas ou pela insatisfação de não receber, mais uma vez, aquilo que há tanto tempo aguardava.

Neste sentido, merece uma atenção a tenacidade de Joan Salvador em não desistir de tentar obter um retorno de seus contatos, que se mostrava disposto, não deixando passar nenhuma oportunidade que aparecia. Além das cartas enviadas para Bruno Verdera, através das embarcações que partiram do Porto – das quais Joan Sala afirmava já estarem a meio caminho naquele momento em que escrevia -, Joan Salvador seguiria o conselho de Pau Martí e enviaria também a Sala uma nova carta a Pedro de Almeida, considerando a possibilidade deste não se lembrar de sua anterior quando retornasse das férias em Santarém. E, adotando uma postura distinta do habitual, nesta ocasião, Joan Sala demonstrava certo otimismo acerca deste negócio, sobre o qual dizia “se alcançarei resposta acompanhada de alguma coisa daquela terra áurea, como em dias passados insinuou dito senhor, não se perderá o cuidado na boa condução”<sup>616</sup>, sugerindo haver estado com Pedro de Almeida, de quem teria tido boas notícias.

De fato, as coisas pareciam estar melhorando. Embora continuassem sem notícias dos colegas envolvidos com o Brasil, Joan Sala seria o responsável por enviar, ou melhor, por repassar algumas mercadorias a Joan Salvador e, dentre elas, castanhas do Maranhão<sup>617</sup>, gentileza feita a cargo de Dr. Pau.<sup>618</sup> O envio de ditas castanhas, assim como de outros medicinais e amostras de tecidos de linho para a esposa de Joan Salvador foram notificados em duas cartas escritas na mesma data, cujo conteúdo se repetia quase que em sua totalidade, salvo que em uma delas Sala explicava que a duplicação se devia ao fato de que uma deveria ir aberta como cópia ao capitão responsável pelo traslado das mercadorias. Nesta mesma carta, possivelmente encaminhada fechada, por tratar de outros assuntos mais pessoais, Joan Sala atualizava Joan Salvador do imbróglio referente a Pedro de Almeida.<sup>619</sup>

O otimismo manifestado anteriormente voltava a ceder espaço para a descrença, visto que, como habitual, de Pedro de Almeida nada mais se tinha além de seu ininterrupto silêncio, tornando cada vez mais distantes as possibilidades de Joan Sala lograr nesta missão. Cético,

---

<sup>615</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-5. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 29/09/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 107].

<sup>616</sup> Anexo 107.

<sup>617</sup> Fruto de original da floresta atlântica do Rio de Janeiro, Pará, Maranhão e Pernambuco (Lorenzi et al, 2006, p.160)

<sup>618</sup> Ver Anexo 108.

<sup>619</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-8. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 24/12/1722). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 109].

ele dizia a Salvador “sempre encontro frustradas todas as esperanças que me dão para servir à Vm com coisa digna de se comunicar e cada dia mais as que tinha do senhor D. Pedro de Almeida”<sup>620</sup>, atribuindo suas frustrações às atitudes de Almeida, quem, segundo ele “depois de seu retorno das Minas, tem os amigos o mais esquecidos, ainda que manifeste o contrário quando lhe é falado ou feito memória”<sup>621</sup> não hesitando em dar seu veredicto “Vm acredite está dito cavalheiro muito diferente, se não mudado”<sup>622</sup>.

Nenhuma novidade seria aportada durante os próximos meses, mesmo em carta seguinte, sem data, onde Sala, tratando de assuntos comerciais, apenas dizia “ficaram em memória os cumprimentos [que] Vm recomenda pelo Conde de Assumar, e o cuidado caso apareça alguma coisa que já tarda”<sup>623</sup>, reiterando a Joan Salvador de sua permanente vigília, bem como da convicção de sua inalterada exiguidade. E, assim permaneceriam até finais de março, quando Sala torna a escrevê-lo, mas, desta vez, com boas notícias vindas do Brasil “o correio passado queria escrever a Vm me detive esperando algumas notícias da frota que acaba de chegar, da qual, havendo conseguido, encontrará Vm incluída a sua parte com as cartas de Bruno Verdera”<sup>624</sup>. Finalmente, Bruno Verdera havia correspondido às incansáveis tentativas de contato de seu tio, a quem, como veremos, tinha escrito muito anteriormente, mas, talvez por algum problema com a logística do transporte estas cartas teriam chegado somente naquele momento. Sobre as cartas, Joan Sala aconselhava Joan Salvador ter agilidade em providenciar as respostas, como bem argumentava “será bom prevenir em tempo as respostas que o seu retorno [da frota] será tão apressado como o antecedente”<sup>625</sup>. Não temos nenhuma anotação de Joan Salvador que indique a data em que esta carta teria chegado em suas mãos, mas, cerca de mês de ser enviada juntamente com as de Bruno Verdera, Joan Sala voltaria a escrever, atualizando-o sobre as previsões de saída da frota ao Brasil “pela minha antecedente, em resposta à última que de Vm recebi, espero tenha recolhido de Bruno Verdera, e por esta prever, que o retorno da frota para o Rio de Janeiro será mais tanto do que se presumia, posto que conforme as novas ordens poderá dilatar-se até agosto ou setembro próximo”<sup>626</sup>, pelo qual não haveria tanta pressa em repassá-lo as respostas para as mesmas.

---

<sup>620</sup> Anexo 109

<sup>621</sup> Anexo 109

<sup>622</sup> Anexo 109

<sup>623</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-9. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, sem data). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 110].

<sup>624</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-10. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 23/03/1723). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 111].

<sup>625</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/5-11. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 20/04/1723). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 112].

<sup>626</sup> Anexo 112

Ainda que Joan Sala se refira às cartas de Bruno Verdera assim, no plural, já tivemos a oportunidade de dizer que apenas se conserva uma única carta deste personagem entre a correspondência epistolar da família Salvador. Também ressaltamos que, devido a falta de mais informações, não podemos concluir com exatidão em que momento e através de quem esta carta teria chegado em Barcelona. Algumas páginas atrás mostramos que, em certo momento, o próprio Joan Sala levantava suspeitas de que Bruno Verdera havia delegado a outro intermediário a tarefa de repassar suas cartas a seu tio. Coisa que, se de fato suas desconfianças fossem pertinentes, Joan Salvador não teria assumido ter recebido estas cartas de outra pessoa. Além de não termos conhecimento de nenhuma correspondência mantida paralelamente com outros contatos em Lisboa que não os mencionados, também podemos evidenciar uma postura omissiva de Joan Salvador nas cartas seguintes recebidas de Joan Sala, nas quais o assunto não é mais mencionado – e supõe-se que se Salvador confirmasse a veracidade dos boatos, Sala teria dito algo a respeito.

Ainda que todas estas ressalvas acerca de seu recebimento sejam meramente especulativas, o que não resta dúvida é que esta carta corresponde à primeira que teria escrito privadamente a seu parente. Como já tivemos a oportunidade de conferir, as notícias que enviadas a Joan Salvador chegavam sempre através de memórias em cartas escritas aos seus colaboradores e intermediários em Lisboa, como Pau Martí e Joan Sala. Assim, somente quando já se encontrava estabelecido em Minas Gerais, mais especificamente em 2 de setembro de 1721, Bruno Verdera teria o trabalho de responder às inúmeras cartas de seu tio. Ou melhor, lhe dar alguma satisfação, visto que seu conteúdo parece insuficiente julgado à luz das repetidas solicitações e tanto tempo de espera. Hipoteticamente se poderia dizer que Verdera teria esperado se estabelecer em um local onde tivesse intenção de permanecer por mais tempo para então escrever a Joan Salvador. Porém, o próprio diz em sua carta “saberá que faz seis meses que estou em companhia do Sr. Bartholomeu Bis em umas lavras onde todos os dias oitenta negros estão trabalhando para tirar ouro”<sup>627</sup>, ou seja, somente depois de seis meses de ter fixado residência nas Minas é que iria retornar a seu tio. Este detalhe, somado às declarações que o seguem trazem à tona a hipótese já levantada sobre a perda de interesse em colaborar nos projetos de seus parentes, promovido por distrações mais atraentes. Em concordância com as nossas sugestões prévias, Bruno Verdera, antes de qualquer coisa, se dedica a falar da possibilidade de enriquecimento pessoal que aquelas promissoras terras lhe permitiriam, pois assim como Bartholomeu Bis, afirmava “eu também tenho um negro que

---

<sup>627</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/27. Carta de Bruno Verdera a Joan Salvador i Riera (Minas Gerais, 02/09/1721). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 113].

também me dá alguma ganância”<sup>628</sup>, e anunciava, entusiasmado, “faço contas que, se Deus Nosso Senhor e Maria Santíssima de Montserrat me dão saúde e vida, em dois ou três anos possa retirarme por Lisboa com trezentas ou quatrocentas *doblas*”<sup>629</sup>. As previsões de Bruno Verdera sobre os ganhos feitos no Brasil são uma prova a mais de que seu objetivo naquele lugar havia se transformado ao longo de sua jornada. Ele, cirurgião, não se referia a este rendimento financeiro como o resultado de seu trabalho como profissional da área, mas sim do seu novo empreendimento, relacionado com a mineração.

As diferentes atividades, provavelmente, mantinham Bruno Verdera bastante ocupado, sendo compreensível sua falta de disposição – e interesse – em coletar amostras da fauna e da flora brasileira, tal como esperava Joan Salvador. Pode ser por isso também que tenha demorado tanto para respondê-lo, simplesmente porquê a rentabilidade dessa colaboração não se mostrava tão atraente quando se dedicar à exploração do metal precioso. Logo, uma atividade se sobrepunha à outra. Apesar disso, na ocasião, Bruno Verdera não deixava de dizer ao seu tio àquilo que ele queria ler: “também saberá que não me esqueço de Vm, de recolher toda coisa curiosa”<sup>630</sup>, garantindo ter em sua posse algumas das famigeradas amostras naturais “eu já tenho uns cascavéis de cobra<sup>631</sup> e umas unhas de um pássaro voador e umas unhas de um animal terrestre e uns bicos de outros pássaros, os bicos coisa muito grande e outras coisas que vou recolhendo”<sup>632</sup>.

Sobre o envio destas coleções, Bruno contrariava todas as expectativas e se posicionava de maneira oposta a todas as tentativas de dele conseguir algo, dizendo “quando Deus Nosso Senhor seja servido [que eu] vá a Lisboa o mandarei a Vm e talvez seja eu o portador pois tenho feita promessa de ir a essa Santa casa de Montserrat”<sup>633</sup>. Ora, se já havia comentado de seu plano de voltar a Lisboa dentro de dois ou três anos e considerando que havia escrito esta carta em 1721, ou seja, quase dois anos antes de ter chegado a Barcelona, se as previsões estavam certas, Bruno e as amostras de americana estavam prestes a aportar em solos europeus. Esta pode ter sido também a razão para que os pedidos feitos ao longo desse período não tivessem tido um retorno e, de certo modo, até mesmo justifica sua insinuação ao dizer que o próprio Joan deveria procurar pelas curiosidades que desejava. Assim, parece fazer bastante sentido pensar que Bruno teria escrito a seu tio – mesmo que tardiamente – comunicando das coleções que organizava para ele, a qual levaria consigo no momento de seu

---

<sup>628</sup> Anexo 113

<sup>629</sup> Anexo 113

<sup>630</sup> Anexo 113

<sup>631</sup> Provavelmente se referia ao guizo da cobra cascavel.

<sup>632</sup> Anexo 113

<sup>633</sup> Anexo 113

retorno, mas não sabia que a carta não tinha chegado ao seu destino dentro do tempo estimado.

No entanto, Joan, sem saber desta carta, seguia insistindo por um retorno do sobrinho, incrédulo de seu descaso. As cartas de Joan teriam chegado a Verdera – ele mesmo menciona ter recebido algumas com notícias de sua família – que, após ter explicado como faria e ocupado com seus negócios, teria se cansado da insistência pelas curiosidades, o motivando a escrever daquela maneira a Joan Sala.

Diante da impossibilidade de afirmação, estas são apenas divagações que postulamos acerca deste problema, decorrente dos infortúnios envolvendo a comunicação entre Barcelona, Lisboa e Brasil. Seja como for, esta interpretação se torna ainda mais coerente através da seguinte – e última carta – que Joan Sala escreveria a Joan Salvador. Nela, ele diz ter recebido as cartas com a resposta para Bruno Verdera que seriam enviadas para o Brasil. O fato de ser mais de uma carta pode estar relacionado com a vontade expressa de Verdera em receber mais notícias de toda sua família, podendo ter Joan repassado as informações e recolhido cartas de seus irmãos, como ele sugeria em sua carta. Sobre as cartas, Sala informava “por seguríssimo postador espero em seu tempo encaminhá-las, como ao mesmo tempo dar uma recomendação acerca das curiosidades que Vm novamente solicita”<sup>634</sup>. A declaração de Sala é muito interessante, primeiramente por sinalizar a insistência de Joan Salvador pelas curiosidades que, muito provavelmente, manifestava satisfação e muito interesse nas coleções que Bruno dizia estar formando para ele. Por esta razão, não perderia a oportunidade de tentar garantir que fosse vinculado, de alguma maneira, neste beneficiamento, afirmando ter enviado uma recomendação a Bruno Verdera, reforçando o pedido de seu correspondente. Sua justificativa não seria menos interessante ao explicar o porquê de também escrever a Bruno, dizendo “posto que por aqui encontro sempre infrutuosas quantas obrigações tenho feito, não obstante que com a visita feita à casa de Mr. Vigier, me confirmou o desgosto de *traballar en valder*”.<sup>635</sup>

A posição de Joan Sala se torna emblemática, pois demonstra toda sua insatisfação por ter se dedicado tanto sem ter um retorno, especialmente por ter de lidar com suas expectativas, frustradas com as notícias de Verdera, que dizia que ele próprio seria o portador das curiosidades pelas quais Sala e demais companheiros haviam tanto se dedicado. Provavelmente, suplicava que Verdera tivesse consideração por todos aqueles anos de

---

<sup>634</sup> IBB, Fons Salvador, COR/2/19-34. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/05/1723). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 114].

<sup>635</sup> Anexo 114. A expressão, em catalão, é utilizada para referir-se a um esforço sem retorno; trabalhar em vão

dedicação. E, com este desabafo, Joan Sala encerra a correspondência mantida entre Joan Salvador e todos os personagens situados neste núcleo que abrange Portugal e o Brasil. Uma correspondência que, como tivemos a oportunidade de acompanhar no capítulo anterior, se manteria ativa, possivelmente, até a morte de Joan Salvador.

Se por um lado estes catalães-lisboetas não puderam aportar materiais brasileiros fruto da diligência dos colegas situados no Brasil, por outro eles se converteriam em importantes facilitadores de medicinais exóticos – e, especialmente, americanos – para o gabinete e a botica dos Salvador. Unidos por um sentimento familiar – peculiar aos demais contatos da rede de Joan com potencial para esta finalidade – estes colaboradores não deixaram de comercializar com Joan Salvador nem mesmo quando o projeto dava sinais claros de estar fadado ao fracasso. Pode ser que Bruno Verdera e Pedro de Almeida tenham voltado do Brasil com as curiosidades anunciadas e/ou prometidas, compensando todo este tempo de espera e, assim, provando que o projeto foi exitoso, na realidade. Mas, enquanto não podemos provar este resultado, nos restringimos a mostrar que, mesmo sem as curiosidades em jogo, o projeto foi essencial para estreitar os laços com o núcleo em Lisboa e se beneficiar com as inúmeras possibilidades que a cidade proporcionava como um espaço privilegiado para se encontrar *americana*. Como mostramos em diversas ocasiões, a dificuldade em se adquirir *americana* era menos uma questão de disponibilidade do que de acesso. Ter quem pudesse procurar e facilitar estes materiais era a base para que a *americana* circulasse de um espaço para o outro.

Neste aspecto, a viagem seria tanto um meio como um espaço que proporcionaria experiências rentáveis para os propósitos dos Salvador. Mas, embora Lisboa tivesse contado com uma coincidência que acabaria por convergir em uma série de conveniências vantajosas, ela não seria o único lugar que trataria com receptividade Joan Salvador e seu projeto de dominar a América.

### **3.3. A América em um jardim: a flora americana em Sant Joan Despí**

“É maravilhoso ver como certas plantas estrangeiras estão se mutiplicando em alguns países por acaso”<sup>636</sup>, é com esta fascinante frase que Antoine de Jussieu comunica ao seu supervisor, o abade Bignon, sobre sua chegada em Barcelona e, especialmente, sobre o início das atividades previstas no seu projeto de herborização da península ibérica. Admirado com a paisagem natural da Europa renovada constantemente com a aclimação de espécies

---

<sup>636</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms. 902 (3), f. 97v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Barcelona, 04/10/1716). Texto original em francês: “Il est merveilleux de voir combien certains plantes étrangères s’y multiplient dans quelques pays portées par hasard”.



botânicas aportadas de outros continentes, sua observação retrataria um cenário comum que o acompanharia pelos próximos meses. A surpresa – esperada, seguramente – era anunciada com prenúncios do que aquelas promissoras terras eram capazes de fornecer para seu empreendimento. Já nos primeiros dias em que esteve em Barcelona – local de onde sairia a caravana rumo à Portugal – a Espanha se afirmava como um local privilegiado pelas facilidades que tinha em relação à América, sobretudo no que diz respeito às suas curiosidades naturais.

Neste sentido, a capital catalã demonstrava não estar alheia a este potencial, pois, como o próprio Jussieu informou, aquele entorno se destacava, entre outros, pela presença unânime dos aloes que, segundo ele, eram “tão comuns nesta campanha que seria difícil acreditar que a espécie fosse estranha a ela, cresce como na América, de onde acredita-se que veio”.<sup>637</sup> Se por um lado as impressões de Jussieu envolviam a jornada iniciada em boas expectativas, por outro elas também apontariam para uma prática recorrente durante todo o percurso e que, em boa parte, explicam como algumas plantas americanas se espalharam com tanto vigor naquela região.

O otimismo de Antoine de Jussieu ao reportar as novidades, estava, em boa parte, relacionada com as possibilidades que a aclimação de espécies poderia representar; uma atividade que garantia ser praticável, pois havia sido ele mesmo testemunha da “experiência das espécies de *Xanthium* que Mr. Tournefort trouxe de Portugal”, se referindo ao trabalho realizado pelo seu antecessor. De fato, como já tivemos a oportunidade de mencionar, Joseph Pitton de Tournefort esteve em Barcelona em três ocasiões onde, na última delas, seria dentro do contexto daquela viagem que os irmãos de Jussieu e Joan Salvador estavam prestes a reproduzir. A espécie botânica observada por Antoine de Jussieu corresponde a uma planta de origem americana que teria sido coletada por Tournefort em sua passagem por Portugal<sup>638</sup>. A partir de então, Tournefort a compartilharia com seus correspondentes e colaboradores, e entre eles, Jaume Salvador quem “sete ou oito anos depois lançou algumas sementes em um lugar perto da cidade [e] desde então cresce tanto no exterior, é tão abundante e tão naturalizado que se diz que esteve lá o tempo todo”<sup>639</sup>. Por esta declaração, fica evidente a

---

<sup>637</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms. 902 (3), f. 97v. Texto original em francês: “les Aloe dont j’ay parlé, sont si communes dans cette champagne que l’on auroit peine a croire que l’Espèce en fut étrangère, si elle y fructifere comm’en Amérique d’où l’on croit qu’elle a été apporté”.

<sup>638</sup> Inst. Rei. Herb. 439. Pius Font i Quer – Plantas medicinales: el Dioscórides renovado (1962) refere que no século XVII esta planta era denominada *Xanthium lusitanicum spinosum*, numa clara alusão ao território português. Foi assim chamada por Plukenet (*Almagestum botanicum*, 1696) e Pierre Magnol (*Hortus regius Monspelienensis*, 1697)

<sup>639</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms. 902 (3), f. 97v. Texto original em francês: “J’en ay vu l’expérience dans l’espèce de Nanthium que Mr. Tournefort avoit apportée de Portugal et dont Mr. Salvador jetta il y a sept à huit années

participação dos Salvador no processo de aclimação da planta exótica em solo espanhol através das sementes fornecidas por Tournefort.

O local mencionado para sementeira certamente correspondia ao jardim que Jaume Salvador havia organizado em Sant Joan Despí, a poucos quilômetros de Barcelona.<sup>640</sup> Estes acontecimentos estão em concordância com as informações contidas no herbário preparado pela família, no qual consta uma *exsicata* de *Xanthium lusitanicum spinos*<sup>641</sup>, cuja etiqueta, possui a seguinte frase “*in hortis colitur, etiam domi colebamus*”, confirmando que aquela espécie teria sido plantada no horto particular.

As comprovadas habilidades de Jaume Salvador em semear plantas exóticas, bem como o espaço ideal que possuía para este tipo de experiência, não seriam irrelevantes nas estratégias estudadas para o bom desempenho da viagem que seu filho e seus companheiros franceses levaria a cabo. Embora Jaume tenha permanecido em Barcelona, sua participação neste projeto foi fundamental, não apenas pelo apoio econômico nele investido, mas pela função estratégica nele exercida. Diante de um itinerário longo, realizado durante um período onde as intempéries climáticas eram frequentes e as condições de transporte e acomodação eram precárias, o mais lógico era que, conforme os materiais eram coletados, que eles fossem reunidos e, na primeira oportunidade, despachados aos seus destinatários.

Como de se esperar, Jaume Salvador foi um dos responsáveis por receber estas coleções e, em caso de mudas, raízes e bulbos plantá-las em seu jardim experimental, resolvendo, assim, os problemas relativos ao transporte – ao mesmo tempo que diminuía consideravelmente os riscos de deterioração das mesmas. Em sua correspondência particular com seu irmão e seu supervisor, Antoine de Jussieu menciona repetidas vezes esta logística, justificando a razão de algumas coleções ainda não terem chegado em Paris: “no momento, envio tudo a Barcelona, onde serão plantadas as raízes que foram colocadas em [ileg.] abertos e cheios de terra. Aquelas que tiverem sucesso em Barcelona, vou levar comigo quando eu voltar”<sup>642</sup>, explicando claramente a dinâmica deste recurso.

Além de demonstrar atenção e cuidado com os materiais reunidos, Jussieu não é

---

quelques graines dans un endroit des environs de la ville; depuis ce tems elle en a tellement gagné les dehors, y est si abondante et si naturalisé que l'on disoit qu'elle y a creu de tous tems”.

<sup>640</sup> Sobre o jardim dos Salvador em Sant Joan Despí, ver: Montserrat & Ibáñez, 2008.

<sup>641</sup> Em sua tese doutoral, Neus Ibáñez (2003) fornece, em apêndice, uma lista de todas as plantas – organizadas em ordem alfabética a partir de sua classificação binominal – que formam parte do herbário da família Salvador, com a transcrição das etiquetas correspondentes. O *Xanthium* de Tournefort aparece na página 181 e corresponde ao número 2498 da lista.

<sup>642</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms\_Jus 1/2/15-43:20. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu (Málaga, 07/12/1716). Texto original em francês: A présent, j'envoy tout à Barcelone ou l'on plantera les racines que s'ay mises dans des grenisse ououvertes et pletries de terre”.

omisso em destacar a acertada escolha em ter Joan Salvador em sua companhia, pois, entre outros motivos, “os senhores seus familiares em Barcelona cuidam das plantas, das raízes que nós lhes enviamos”<sup>643</sup>, não restando dúvidas sobre a atuação de Jaume – e inclusive de seu filho Josep, irmão mais novo de Joan – neste trabalho.

Vale a pena recordar que este empreendimento tinha a vantagem de contar com a experiência de outros personagens que o haviam realizado em diferentes momentos do passado, fazendo de seus relatos um importante guia de planejamento, tanto para seguir aquilo que parecia vantajoso, como meio de superar possíveis obstáculos e tentar evitar repetir certos erros já cometidos anteriormente. Ou ainda, e não menos importante, de usar estes trabalhos como maneira de elogiar o seu próprio desempenho, fazendo comparações entre os resultados aportados em cada situação. No caso de Antoine de Jussieu, esta interpretação é bastante evidente, afinal, ele tinha a obrigação de prestar contas ao financiamento concedido, apresentando oficialmente os frutos da expedição. Não são poucas as vezes em que o naturalista francês se refere de maneira elogiosa ao seu desempenho, como nesta passagem de uma carta por ele escrita ao seu superior, em Lisboa “sem ferir a memória do meu antecessor, eu lhe proporciono o mérito de ter reunido em um mês de tempo dois terços das plantas que o ilustre falecido conseguiu em Portugal onde permaneceu mais de um ano”<sup>644</sup>, se referindo à Tournefort.

Com o peso da cobrança por resultados satisfatórios, Jussieu tinha a responsabilidade de aportar novidades do mesmo nível ou até superiores aos materiais e observações feitos por Tournefort algumas décadas antes - fato que, não sem motivos, acabava por criar uma rivalidade velada por sua parte. Assim, e não ocasionalmente, a qualidade das descrições de Clusius eram constantemente exaltadas não apenas por Jussieu, mas também por Joan Salvador. Ora, se o elogio seria feito, nada melhor do que se comparar com quem merecia admiração, um detalhe que não seria irrelevado por Jussieu. Ao enaltecer o trabalho do naturalista holandês, Jussieu reforçava: “Charles de l'Ecluse, *que tinha a mesma curiosidade que eu*, menciona uma espécie de murta [...] e como já vimos, não foi a primeira experiência

---

<sup>643</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 58r. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “Messieurs ses Parens a Barcelone ont soin des plantes, des racines que nous leur envoyons”.

<sup>644</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 60. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Lisboa, 14/03/1717). Texto original em francês: “Toutes les rigueurs de la saison ne nous ont pourtant empêché de poursuivre nos recherches; et si je ne craignois blesser la mémoire de mon prédécesseur, je me serois occuper de vous un mérite d’avoir cueilli en un mois de temps les deux tiers des plantes que l’Illustre défunt marque en Portugal ou il demeura plus d’une année”.

que fizemos da fidelidade das relações deste célebre autor”<sup>645</sup>, lançando mão de um perspicaz artifício de retórica, no qual através da semelhança, estende o elogio a ele mesmo.

As memórias de Clusius se fizeram presentes em todo o percurso pela Espanha, sendo constantemente lembradas quando alguma planta por ele observada era avistada. Embora todas as referências sejam muito interessantes, nos ocuparemos apenas das que tratam da flora americana que, não poucas vezes, cruzaram os seus caminhos.

A maneira como as plantas estrangeiras cresciam pelos campos e jardins espanhóis não deixavam de causar admiração em Antoine de Jussieu a cada vez que ele topava com alguma, como é caso da espécie descrita por Clusius como *Molle*<sup>646</sup>, sobre o qual disse “na entrada do Ermitério de St. Roch eu fui pego de surpresa ao ver dois Molle grandes dando-lhe sombra”<sup>647</sup>, apesar da planta ser, aparentemente, comum entre Castellón de la Plana e Valência – fato observado por Joan Salvador, que anotou em seu diário que naquela região “existem muitas árvores de *Molle Clusii*”<sup>648</sup>. A planta que chamou a atenção dos naturalistas era, segundo Jussieu “uma árvore estranha que Clusius descreveu *de acordo com a justiça*, e que, segundo toda a aparência pode ter vindo das sementes que os espanhóis, que conquistaram o Peru pela primeira vez, trouxeram para o Reino de Valência”<sup>649</sup>, dando um testemunho interessante para recordar que o processo de aclimação e naturalização da espécie em terras espanholas era bastante antigo.

A observação de Jussieu relatada ao abade Bignon, no entanto, também é interessante para nossa análise, “a mistura de folhas verdes desta árvore dispostas de um lado, com as pequenas e pálidas flores verdes, e as espécies de uvas, cujas mais novas são verdes e as mais maduras de um belo vermelho de coral é um objeto muito agradável de à vista”.<sup>650</sup> Estes

---

<sup>645</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 101v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Málaga, 07/12/1716). Texto original em francês: “Charles de l’Ecluse qui avoit eu la meme curiosité que moy, fait mention d’une espèce de Myrte a feuilles larges qu’il remarqua dans les jardins de ce palais; et comme nous l’y avons encore vue, ce n’a pas été la première expérience que nous avons faite de la fidélité des relations de ce célèbre auteur”.

<sup>646</sup> No *Exoticorum* (1605), os comentários feitos a partir da obra de Monardes e acompanhado de uma imagem, se encontram na página 312.

<sup>647</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 104v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “à l’entré du quel ores de l’hermitage de St. Roch j’ay été surpris de voir deux gros Molle qui luy donnent de l’ombrage”.

<sup>648</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “i en tots dos hi ha molts arbres de *Molle Clusii*”, cf. Folch, 1972, p.8, itálicos meus.

<sup>649</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 104v. Texto original em francês: “C’est un sorte d’arbre étranger que Clusius a décrit d’après le fee et qui suivant toute l’apparence a pu venir des graines que les Espagnols qui les premiers ont conquis le Pérou, en ont apporté dans le Royaume de Valence”.

<sup>650</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 115. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “Le Mélange des feuilles vertes de cet arbre rangées sur une coté, avec les fleurs petites et d’un vert pâle, et les Espèces de raisins dont le plus nouveaux sont verts et les plus murs d’un beau rouge de corail est un objet très agréable a la vue”.

frutos, segundo o naturalista francês, eram tão semelhantes à pimenta que “os valencianos tomaram ocasião para lhe dar o nome de Pimenteira, isto é *poivrer*”<sup>651</sup>, ou seja, embora Clusius tenha descrito o Molle há muito tempo, naquela ocasião, a planta já fazia parte do paisagem local onde, inclusive, possuía uma identidade nacional, um nome mais apropriado para aqueles que não se dedicavam ao estudo da história natural.

Ainda na região de Valência, o mesmo seria observado com o pimentão: “apesar do calor do clima, eles não deixam de colocar em seus ragus e especialmente em sua confeitaria muito açafão e pimenta, principalmente daquela que chamamos de Piment após a palavra espanhola Pimiento. Onde ainda é conhecido como pimenta da Índia ou da Guiné”<sup>652</sup>, demonstrando que até mesmo na França o nome daquele fruto era em consequência da nomenclatura espanhola. Segundo Jussieu, a popularidade do pimentão era tamanha que concluiu “nada é tão comum no mercado desta cidade como este tipo de mantimentos”<sup>653</sup>, se referindo ao condimento em pó feito a partir de uma pasta do fruto, apontando, assim, para um aproveitamento da espécie estrangeira em gênero alimentício. A oportunidade de experimentar como alguns frutos americanos já havia passado por um processo de beneficiamento, cujo produto final estava inserido no cotidiano dos – talvez não todos – cidadãos não se limitaria ao exemplo do pimentão. O consumo da bebida feita a partir do cacau, surpreenderia Antoine de Jussieu, que relatou a Bignon “a quantidade de chocolate que é tomada nesta cidade em todas as casas onde visitei é tão grande que não é de surpreender que os valencianos sejam considerados mais sóbrios do que qualquer outro povo na Espanha”<sup>654</sup>, e o seu diagnóstico para este comportamento era porque “não seria difícil para eles resistir quando, durante o dia, estivessem sastifeitos com uma bebida tão suculenta”<sup>655</sup>.

Embora possa parecer que Valência era um espaço privilegiado para a introdução e

---

<sup>651</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 115. Texto original em francês: “la semence et qui a un goust piquant comme le poivre d’ou les valenciens ont pris occasion de luy donner le nom de Pimenteira, c’est à dire Poivrer”.

<sup>652</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 120v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “Malgré la chaleur du climat, ils ne laissent pas de mettre dans leurs ragouts et surtout dans leur pâtisserie beaucoup de safran et de poivre, principalement de celui que nous appelons Piment d’après le mot espagnol Pimiento. On le connoit encore sous le nom de Poivre d’Inde ou de Guinée”.

<sup>653</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 120v. Texto original em francês: “L’Ecorce de ce fruit est la partie usuelle de la plante qui n’a aucun rapport avec le Poivrier ordinaire; ils le battent dans un mortier lorsqu’elle est meure et recente, et ils en font une pâte qui étant sechée au soleil durcit et se pile dans la suite pour en faire une poudre dont la couleur est d’un rouge tirant sur le jaune. Rien n’est si commun dans le Marché de cette ville que cette sorte d’Epicerie”.

<sup>654</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 121v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “La quantité de Chocolat qui se prend en cette ville dans toutes les maisons ou l’on prend visite, est si grande qu’il ne faut pas s’étonner si les valenciens passent pour plus sobres quaucun autre peuple d’Espagne”.

<sup>655</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 121v. Texto original em francês: “Il leurs seroit difficile de soupper lorsqu’ils pendant la journée ils se sont rassasiés d’une boisson aussi succulente”.

aclimação de flora americana – que de fato o era<sup>656</sup> –, a cidade não seria a única a proporcionar estas experiências tão próximas com a natureza da América. Na região de Granada, por exemplo, Jussieu relataria a presença imponente de uma espécie de cactus que nascia nas rochas suspensas das montanhas que circundavam a cidade “adicionando uma amenidade a essa perspectiva”. Apesar de alegrar a paisagem árida daquele entorno, Jussieu via naqueles cactus americano um problema, igualmente americano “a facilidade com que essa planta cresce por si mesma nesses lugares áridos parece censurar os espanhóis pela negligência de transportar do México para seu país a cochonilla que se alimenta apenas das folhas dessa planta”<sup>657</sup>, apontando para a proliferação da praga ressaltado que “com um pouco de precaução impediríamos os ovos deste inseto de Eclorus no transporte da Europa”<sup>658</sup>, indicando para a facilidade que o homem teria de dominar por completo aquela planta, se ele quisesse. Mesmo sem evidências mais contundentes neste sentido, as cochonillas observadas durante a passagem por Granada podem corresponder à amostra que está presente na coleção dos Salvador.<sup>659</sup>

Assim como em Granada e, principalmente em Valência, a região de Málaga também se mostraria especialmente favorável para herborização de espécies americanas. Uma vez na cidade, Joan Salvador anotaria em seu diário “durante a tarde também fomos ver os capuchinhos e entramos em alguns hortos e vimos que cultivavam muitas plantas da Índia, como a *Musa* ou plátano, *Corallodendron*, *Xylon arboreum*, “trepadeiras” e muitas outras”.<sup>660</sup> Ainda que a banana – musa ou plátano – fosse considerada uma planta americana, sabemos que a espécie não é originária da América, razão pela qual optamos por não entrar neste mérito e reservá-la de nossa discussão. No entanto, as outras três mencionadas por Salvador são americanas e, inclusive, o *Xylon arboreum* consta no herbário familiar com as seguintes inscrições “*in horto monspeliensi et in Malaca frequens in hortis*” e “*in horto colitur*”, sugerindo que o algodão plantado no jardim de Sant Joan Despí pode ter sido coletado em

---

<sup>656</sup> Sobre Valência como espaço ideal para aclimação de plantas exóticas, ver: López Piñero, 2004

<sup>657</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 143v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Granada, 27/11/1716). Texto original em francês: “La facilité avec laquelle cette plante croist d’elle même dans ces lieux arides, semble reprocher aux Espagnols la négligence de transporter du Mexique dans leur pays la cochenille qui ne se nourrit que des feuilles de cette plante aux quelle elle s’attache”.

<sup>658</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 143v. Texto original em francês: “Avec un peu de précaution on empêcheroit la graine de cet insecte d’Eclure dans le transport de l’Europe dans les pays qui sont au-delà de la ligne, la graine de vers la foye saine et sauve”.

<sup>659</sup> IBB, Salv-8319. O recipiente que contém os insetos possui uma etiqueta com o nome da cochilla em francês, “Kermes”.

<sup>660</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “A la tarda anàrem també a veure los capitxins, i entràrem en alguns horts i vérem que cultivaven moltes plantes d’Índia, com la *Musa* o plàtano, *Corallodendron*, *Xylon arboreum*, enredaderes i moltes altres”, cf. Folch, 1972, p. 15.

Málaga. Apesar de não encontrar outras informações no herbário sobre as demais plantas citadas por Salvador, Antoine de Jussieu nos fornece este sugestivo relato “nós encontramos ainda em alguns jardins de Málaga uma planta da América que chamamos de Anredera, ou seja, planta trepadeira”<sup>661</sup>, indicando que a planta chamada por Salvador de “enrededera” correspondia a esta trepadeira. Segundo Jussieu “nós não vimos a flor, as raízes que nos aportaram virá bem em Barcelona, onde eu recolherei em passagem”<sup>662</sup>, afirmando que algumas mudas teriam sido enviadas aos cuidados de Jaume Salvador.

Todos estes exemplos são importantes para situar a natureza americana observada ao longo da viagem para além daqueles espaços óbvios para este encontro, como Sevilha, Cádiz e Lisboa – cidades que estavam diretamente relacionadas com o comércio colonial e que recebiam, em primeira mão, as novidades vindas de além-mar. Apesar de toda a expectativa diante das possibilidades que previam encontrar nestes lugares diretamente conectados com a América, a experiência, como vimos ainda há pouco, não corresponderia exatamente ao esperado. Talvez, um dos motivos que tivesse influenciado na frustração com a realidade vivenciada e os resultados obtidos estivesse relacionado – além da rede de contatos estabelecidas previamente, como já discutimos – com o fato de que, nestas três cidades, as *curiosidades* naturais da América não estavam enraizadas, não eram fixas naquele círculo, dependendo tanto da sorte de encontrar algo interessante, quanto da atuação de colaboradores que pudessem direcioná-los para onde estas amostras poderiam ser adquiridas.

Até mesmo a capital portuguesa não seria, prontamente, tão rentável para o projeto de enriquecer as coleções de *americana* dos nossos viajantes, uma realidade observada também por Antoine de Jussieu, que disse “embora Lisboa seja a maior e mais bem situada cidade para o comércio indiano, não há quem tenha tido a curiosidade de fazer uma coleção das raridades do Brasil. O que nós coletamos foi rodando a cidade inteira e visitando várias pessoas”<sup>663</sup>. A declaração de Jussieu é interessante, pois, reforça, ao mesmo tempo, estes dois fatores determinantes para a rentabilidade das coleções de *americana* reunidas durante a viagem, os contatos e o *caráter* das amostras desejadas. Provavelmente, no entorno de Lisboa haviam plantas americanas, tal como havia em Málaga, Sevilha ou Granada, mas, naquelas

---

<sup>661</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “Nous trouvames encore dans quelques jardins de Malaga une plante d’Amerique on la nomme *Anredera* c’est-à-dire Plante rampante”.

<sup>662</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54. Texto original em francês: “Nous n’en avons pas vue la fleur les racines que nous avons portes, viendront bien a Barcelone, ou ja les reprendray en passant”.

<sup>663</sup> Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Lisboa, 14/03/1717). Texto original em francês: “Quoique Lisbonne soit une ville la plus grande et la mieux situé pour le commerce des Indes, il n’y a aucune personne qui ait eu la curiosité d’y faire un recueil des raretés du Brasil. Ce que nous avons ramassé, ça été en roulant toute la ville et en visitant plusieurs personnes” – MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 61v.

cidades, em específico, não interessava apenas herborizar elementos botânicos exóticos, mas sim, como declarou Jussieu, de coletar *raridades* da América – ou seja, aquelas amostras exclusivas, pouco frequentes.

O fato de terem conseguido algumas quando em Lisboa, “visitando várias pessoas” pode, igualmente, estar relacionado com a intermediação dos contatos naquela cidade. Ao contrário do que teria acontecido em Cádiz e Sevilha, por exemplo. Contudo, a experiência adversa nas capitais andaluzas do comércio colonial não teria sido suficiente para suprimir suas respectivas potencialidades. Quando em Sevilha, Antoine de Jussieu relataria as já conhecidas decepções dos últimos lugares visitados, garantindo que “nos asseguramos em todos os lugares onde paramos de estabelecer correspondências que nos serão úteis na continuação”<sup>664</sup>, deixando claro que, mesmo sem materiais adquiridos, a visita teria sido importante para corrigir a debilidade e, assim, garantir um resultado mais proveitoso no futuro. Se voltarmos no capítulo anterior, lembraremos que Joseph Alaponte foi um dos colaboradores mais ativos e rentáveis para as coleções de *americana* de Joan Salvador, movimentando um importante comércio de curiosidades via Cádiz.

Se a frota do Brasil esteve no centro do planejamento da viagem, estabelecendo que todo o roteiro previsto até Lisboa tivesse de ser percorrido em função deste evento, seguramente, outros aspectos igualmente importantes teriam sido levados em consideração no momento de decidir por onde e quando passar até alcançar a capital portuguesa. Pudemos conhecer, ainda que superficialmente, algumas das atividades que antecederam a viagem, como a leitura, a compreensão e a seleção de informações úteis que haviam sido comunicadas por estes estudiosos. Da mesma forma que as curiosidades americanas conduziram o calendário de uma maneira mais ampla, a flora exótica das Américas também exerceu sua influência em pequena escala. Não à toa Joan Salvador teria escrito para seus correspondentes estabelecidos em locais onde coisas interessantes haviam sido observadas, especialmente, por Clusius. A resposta de Estellés, apresentada no início deste capítulo, certamente teria sido levada em consideração, visto que as informações fornecidas sobre o período da floração das árvores de abacate, em Valência, e da temporada das batatas, em Málaga, se fazem presente quando analisamos as datas em que a caravana franco-catalã passaria por cada uma delas.

Na carta, Estellés justificaria a Joan Salvador que as batatas disponíveis não eram boas o suficiente para serem enviadas, pois já havia “passado o Natal”. A partir da justificativa de

---

<sup>664</sup> Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “Nous faisons ensorte dans tous les endroits ou nous nous arretons, d’y etablir des correspondances qui nous seront peut etre utiles dans la suite” – MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54v.



Estellés podemos interpretar que a temporada das batatas em Málaga se dava por volta do mês de dezembro. Coincidentemente, Joan Salvador anotaria em seu diário que, no primeiro dia do último mês do ano, a caravana chegaria na cidade, onde, não tardariam em ver “abundância de canas-de-açúcar, batatas e plátanos ou Musa”<sup>665</sup>. Ao que tudo indica, reservar a passagem por Málaga para o mês de dezembro não foi uma mera casualidade, mas sim mais um sintoma do controle de cada passo da jornada, planejado com antecedência. O interesse pelo tubérculo, também seria manifestado por Antoine de Jussieu “batatas, que não são muito comuns e fáceis de cultivar, servem como alimento para quase toda a população, e até dizem que são enviadas para Madrid e para toda a Espanha”<sup>666</sup>, novamente ressaltando as dificuldades ínfimas de dominar a planta e o benefício que esta atividade pode resultar para o seu país, que não estava muito familiarizado com o gênero. Ao descrever o comportamento biológico da planta, Jussieu atenta para o seu potencial, incentivando um possível cultivo na França, onde “teria sido alguma vantagem em criá-la em nossas províncias de Provence e Languedoc, onde trufas vermelhas não nascem”, sugerindo que o tubérculo americano poderia suprimir a falta de trufas no país<sup>667</sup>.

Além da semelhança entre ambos, a batata levava vantagem pela facilidade em multiplicá-la, o que poderia garantir a provisão do alimento em períodos difíceis, pois era possível “preservá-las durante o inverno em caves que eram feitas no país com relação às trufas e depois transplantadas na primavera”<sup>668</sup>. O raciocínio prático de Antoine de Jussieu e os benefícios que poderiam ser obtidos com o cultivo da batata na França, foram decisivas para que ele reunisse uma quantidade do produto “para fazer o teste”. Não sabemos se na ocasião Joan Salvador também teria enviado batatas diretamente para Barcelona ou, como teria acontecido em outras ocasiões, ter incluído as suas amostras com a de Jussieu e enviadas à França para ser repartidas ao final da viagem. O herbário familiar não nos aporta informações tão conclusivas neste caso, pois, ainda que possua uma exsicata de *Solanum*

---

<sup>665</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “Vérem abundància de canyes de sucre, batates i plàtanos o *Musa*”, cf. Folch, 1972, p. 15.

<sup>666</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54r. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). Texto original em francês: “Les Batates qui y sont fort communes et qu'on cultive aisement, servent d'aliment a presque toute la populace, on en confit meme que l'on envoie a Madrid et par toute l'Espagne”.

<sup>667</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54r. Texto original em francês: “Tute la cote maritime de Grenade, de Murcie et d'Andalusie cultive cette plante, et il y auroit puet etre quelque avantage de l'élever dans nos provinces de Provence et de Languedoc ou les truffes rouges ne sauront venir”.

<sup>668</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (2), f. 54r. Texto original em francês: “Ces racines dans le temps de defette soutiendroient et nourrisoient les peuples qui ont recours pour lors a des herbages et a des fruits qui leur sont nuisibles. Il seroit meme aisé de les multiplier et de leur garantir des Gelées en les conservant pendant l'hyver dans des Caves comm'on fait a la Campagne a l'égard des Truffes, on les transporterait ensuite au printems. J'en portera y quatre a cinq livres pesant [ileg.] a mon retour pour en faire l'épreuve”.

*tuberosa*, não está especificado se a espécie havia sido plantada no jardim de Sant Joan Despí.

Seja como tenha sido, fato é que, logo após cada um dos naturalistas retornarem aos seus lares e às suas atividades profissionais, Jussieu escreveria uma carta para Salvador onde, entre outros, dizia “escreva se tiver a oportunidade para o sr. [ileg.] para agradecer e tentar conseguir batatas”<sup>669</sup>. Não é possível conhecer os motivos que Joan teria para agradecer a este senhor, mas claramente ele se encontrava em uma situação favorável para lhe fornecer o tubérculo. No documento original, infelizmente, o sobrenome do indivíduo em questão é ilegível, mas, pode ser que sua identidade não seja totalmente desconhecida.

Entre a documentação da correspondência epistolar particular de Joan Salvador, conserva-se uma carta escrita por um francês, chamado Garnier, na qual se desculpa pela demora em responder uma carta que Salvador teria escrito em outubro de 1717, justificando a falta de oportunidades e, por esta razão, afirmava que “este ano eu não pude lhe enviar batatas”<sup>670</sup>. Deve-se dizer que a carta de Garnier foi enviada desde Málaga, o que nos faz considerar que ele poderia não apenas ser o contato a quem Jussieu recomendava a correspondência, mas também, assim como Alaponte, um daqueles indivíduos conectados em suas redes no contexto da viagem. Na mesma época em que Garnier responderia Salvador, Jussieu também escreveria uma outra carta, na qual informava “suas batatas estão podres e nenhuma pode ter sucesso”<sup>671</sup>, para desgosto de Joan que tanto as desejava, quanto para ele próprio que, ao final, constatou que a aclimação do tubérculo americano não era tão simples quanto imaginava e defendia.

Apesar dos contratempos envolvendo as batatas americanas, os Salvador seriam muito mais felizes em sua experiência com uma outra planta americana. Se Joan Salvador se manteve comedido nas anotações feitas em seu diário, uma exceção seria feita para descrever o seu encontro com a árvore que Clusius havia descrito como *Persea*, em Valência.

De acordo com suas notas, a caravana teria chegado na cidade no dia 24 de outubro – mês ideal para ver os frutos, segundo Estellés – e, naquele mesmo dia, foram em busca da estimada planta. A descrição dos caminhos percorridos e lugares vistos indicam claramente que havia tomado em consideração as informações de Estellés para guiá-los, até chegarem no

---

<sup>669</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/16). Cópia de uma lista feita por Joan Salvador i Riera a Antoine de Jussieu (Barcelona, 27/06/171), cf. Camarasa, 1997, p.84. A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 115].

<sup>670</sup> IBB, Fons Salvador, R(02/25). Carta de Garnier a Joan Salvador i Riera Malaga (Málaga, 10/05/1718). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 116].

<sup>671</sup> Anexo 51

convento de *Sant Francesc* “onde vimos no jardim provincial uma *Persea* muito grande”<sup>672</sup>. Na sequência, teriam ido “ao hospital, onde vimos uma outra pequena *Persea* que tinha Estellés”<sup>673</sup>, informando que não apenas havia seguido as orientações de seu correspondente, como também teria estado com ele em sua passagem por Valência – e, ao que parece, Estellés era algum profissional da área médica, um cirurgião, talvez. Por fim, depois de ter encontrado seu colega, eles finalmente chegariam ao local “onde haviam cortado a árvore *Persea* que Clusius viu, o qual chamaram *alvocat*”<sup>674</sup>.

É interessante notar a maneira como Antoine de Jussieu reportou este mesmo episódio ao seu superior, para quem contou “a lembrança que tive de ter ouvido em Clusius que os franciscanos de um certo monastério de Valência guardavam em seu jardim a famosa árvore que os antigos chamavam de *Persea*, me deixou curioso o bastante para ir ao acaso e me informar de alguns religiosos do convento que está na praça de São Francisco”<sup>675</sup>, revertendo para si próprio o mérito de haver tido acesso a esta planta, desconsiderando os esforços e os contatos pré-estabelecidos por seu companheiro de viagem.

No dia seguinte, 25 de outubro de 1716, Joan anotaria em seu diário que teriam voltado ao convento de *Sant Francesc* “para colher mudas de *Persea*, que nos deram livremente”<sup>676</sup>. Mais uma vez, a postura de Jussieu ao comunicar o evento é curiosa “o primeiro monge que nós abordamos nos indicou o lugar onde eles guardavam este precioso depósito; não é em vão que me qualifico”<sup>677</sup>, insistindo no fato de que ele havia descoberto onde estaria o abacateiro visto por Clusius e, por esta razão, ele poderia se gabar de seus feitos – mais um sinal dos artifícios de retórica empregados para reafirmar seu desempenho e impressionar seus superiores.

De acordo com Jussieu, o êxito daquela planta nasquele convento se explicava pela interferência divina, que teria a eles concedido diversos milagres, o que justificaria, primeiro

---

<sup>672</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “davant Sant Francesc, a on vérem dins lo hort del provincial una *Persea* molt gran”, cf. Folch, 1972, p. 3.

<sup>673</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “Anàrem a l’hospital, a on vérem una altra petita *Persea* que tenia Estellés.”, cf. Folch, 1972, p.3.

<sup>674</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “I, continuant per un arraval, anàrem a Jesús, a on havien fet tallar lo arbre *Persea* que Clusius véu, el qual anomenen *alvocat*”, cf. Folch, 1972, p. 15.

<sup>675</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 123r. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “Le souvenir que j’avois d’avoir lû dan Clusius que les Franciscains d’un certain monastere de Valence conservoient dans leur jardin le fameux arbre que les anciens appelloient *Persea*, m’ha fait naître la curiosité d’aller à tout hasard m’informer de quelques religieux du convent qui est sur la place de San Francisco, si depuis plus de six vingt ans que cet auteur avoit passé par là, cet arbre se trouveroit encore chez eux en État”.

<sup>676</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “i anàrem a Sant Francesc, entrant en la celda del provincial per a collir branques de *Persea*, les quals nos donaren lliberament”, cf. Folch, 1972, p.4.

<sup>677</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 123r. Texto original em francês: “Le premier moine que nous abordames, nous indiqua le lieu ou etoit gardé chez eux ce pretieux depost; ce n’est pas en vain que je le qualifie ainsi”.

“o fato de muitas outras casas religiosas e particulares terem inutilmente plantado, parecia que a Providência reservara esse privilégio para sua ordem”<sup>678</sup>, acrescentando “essa mesma Providência havia sido declarada por alguns anos em favor deles por uma virtude que ela operou por meio do fruto daquela árvore”<sup>679</sup>. O caso, então, é descrito por Jussieu: “um cidadão desta cidade, dirigido por algum de seus antigos padres, queixou-se a ele de uma habitual insuficiência que o tornava incapaz de ter certeza de ter filhos de sua esposa, aconselhado por este diretor a comer do fruto Persea, teria achado tão bem que ele passou expressar seus agradecimentos ao bom Pai”<sup>680</sup>. De maneira semelhante, Joan Salvador também teria ficado surpreso com o poder do fruto, nos fornecendo mais detalhes desta impressionante virtude do abacate “um religioso jovem nos disse que o fruto de dita Persea é muito quente, que se servem para os que são difíceis no ato venéreo, pois uma vez disse um em confissão havia tido atos com uma mulher em uma noite catorze vezes, por ter comido dos frutos tanto dactiliformes como piriformes, do “aguacate”, que ele chamava assim a *Persea*”<sup>681</sup>.<sup>682</sup>

A relevância destas observações reside justamente na apuração de novas informações que o contato físico com a planta havia proporcionado. Tanto Joan Salvador, quanto Antoine de Jussieu chegariam em Valência conhecendo o abacateiro e seus frutos através dos livros, dos ensinamentos dos autores que tiveram a oportunidade de analisá-los antes deles, como bem declarou Jussieu “independentemente dessa nova qualidade que eu ainda não conhecia sobre essa árvore, fiquei muito feliz em examinar com facilidade todas as partes para comparar o que vi com o que os antigos e os historiadores do Egito relataram”<sup>683</sup>. Mas, apesar da experiência positiva, o diagnóstico de Jussieu não seria o mais acertado, pois declarava de

---

<sup>678</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 123v. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “Que plusieurs d’autres maisons religieuses et divers particuliers avoient inutilement tanté de l’élever chez eux, Qu’il sembloit que la providence eust réservé ce privilège pour le jardin de leurs ordre”.

<sup>679</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 123v. Texto original em francês: “Il ajouta que cette même providence s’étoit depuis quelques années déclarée en leur faveur par une vertu qu’elle operoit pas le moyen du fruit de cet arbre”.

<sup>680</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 123v. Texto original em francês: “qu’un bourgeois de cette ville dirigé par un leurs vieux Pères s’étant plaint a luy d’une insuffissance habituelle que le mettoit hors d’état de pouvoir s’assurer d’avoir des Enfants de sa femme conseillé par ce directeur de manger du fruit du Persea, s’en seroit si bien trouvé qu’il vint en faire ses remerciements au bon Père”.

<sup>681</sup> IBB, Fons Salvador, EST\_1\_28. Texto original em catalão: “I un religiós jove nos digué que lo fruit de dita Persea és molt calent, que se’n serveixen per los que són difícils en el acte venéreo, puix una vegada digué un en confessió havia tingut actes ab una dona en una nit catorze vegades, i la causa per haver menjat dels fruits, tant dactiliformes com piriformes, de l’ “aguacate”, que ell anomenava així la *Persea*”, cf. Folch, 1972, p.4.

<sup>682</sup> Folch, 2014.

<sup>683</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 123v-124r. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Valencia, 27/10/1716). Texto original em francês: “Independemment de cette nouvelle qualité que je ne connoissois pas encore à cet arbre, j’ay été ravi d’en examiner a mon aise toutes les parties pour comparer ce que j’en voyois avec ce que les antiquaires et les historiens d’Egypte en ont rapporté”.

antemão que não tinhas dúvidas de que “esta espécie é aquela que lhe foi consagrada no Egito”<sup>684</sup> e não da América, de onde realmente era.

Diante das tantas situações em que Joan Salvador esteve, ao lado de seus companheiros franceses, tão próximo da flora da América, não restam dúvidas do quanto um empreendimento como a viagem por eles realizada era capaz de proporcionar. A paisagem familiar modificada com elementos exóticos, mas em perfeita harmonia com o entorno, permitia a contemplação da Criação em seu estado natural, reformulando a imagem idealizada da natureza americana construída, em boa parte, com a vivência do outro. Observar e analisar uma planta viva, com suas raízes fincadas na terra, manifestando todas as características próprias das diferentes fases de seu desenvolvimento, em interação com a fauna, conferem um nível de compreensão dos mecanismos biológicos que uma amostra botânica por si só não era suficiente. Conhecer a relação dos indivíduos com estas plantas, não apenas de profissionais que compartilhavam de seus ofícios, mas da população em geral, que encontrava meios de aproveitá-las na tentativa de reverter alguma condição adversa ou apenas de diversificar as possibilidades existentes, também ampliava as concepções sobre suas potencialidades. Neste aspecto, vimos um Antoine de Jussieu atento com estas questões, não sendo indiferente quando enxergava alguma planta como substituto para alguma já consumida em seu país, como a batata, por exemplo – ou a parreira-brava discutida no capítulo anterior. Certamente, todos estes conhecimentos adquiridos seriam aplicados em seus trabalhos futuros, quando as amostras enviadas para suas respectivas coleções e jardins fossem manipuladas.

Se por um lado a viagem proporcionou novas experiências com natureza americana, dando-lhe cores, rostos, vozes, endereço e ideias, ela também trouxe a América para dentro das coleções. Não somente no que diz respeito aos frutos que, pouco a pouco, iriam se materializando e ocupando os diferentes espaços disponíveis no gabinete, na botica ou no jardim. Este último, no entanto, seria um dos espaços mais privilegiados com os resultados obtidos, prontamente, ainda com a viagem em curso. Muitas das plantas enviadas para Barcelona teriam se adaptado ao solo catalão e crescido no horto familiar. Seria uma missão impossível mesurar quantas e quais teriam triunfado, mas, ainda assim, conseguimos identificar através de um significativo exemplo como estas plantas observadas e coletadas foram inseridas no cotidiano das atividades daqueles naturalistas e boticários.

Embora as batatas colhidas em Málaga e enviadas para Paris – e talvez até mesmo

---

<sup>684</sup> MNHN, Fonds Jussieu, Ms 902 (3), f. 124r. Texto original em francês: “Je n’ay point de peine a croire pas la ressemblance que je luy oit a ce ses fruits et ses feuilles exprimées sur la tête des figures anciennes d’Isis que cette espece soit celle qui luy etoit consecré en Egypte”.

para Barcelona – aparentemente não tiveram um futuro feliz, para a alegria de Joan Salvador, o tão estimado abacateiro – muda descendente da árvore vista por Clusius, segundo Antoine de Jussieu – experimentalista o oposto. Em uma interessante correspondência mantida entre Guillaume Nissole e Joan Salvador, ambos tratam de um intercâmbio de sementes para seus respectivos jardins, em Montpellier e em Sant Joan Despí.

Ainda que o comércio de *naturalia* beneficiava os dois hortos, a atividade acabou por movimentar outros dois espaços também dedicados ao estudo das plantas: o jardim botânico de Leiden, dirigido por Boerhaave, e o jardim botânico de Amsterdam, sob os cuidados de Caspar Commelin. As relações profissionais entre Salvador e Nissole estavam estabelecidas há muito tempo, desde a passagem do boticário catalão por Montpellier, onde ambos teriam estudado juntos – apesar destes espaços estarem conectados desde antes, através das atividades levadas a cabo por Jaume Salvador e Pierre Magnol.

Da colaboração entre os dois núcleos estabeleceu-se uma importante via por onde circulou uma infinidade de materiais que enriqueceram suas coleções, sobretudo a biblioteca, mas principalmente o jardim. Em resposta a uma carta de Nissole, Joan agradecerá as diligências prestadas pelo colega, prometendo retribuí-lo enviando-lhe algumas – mas não quaisquer – sementes: “eu não tenho nenhuma semente nova que eu acredito que você não tenha no jardim, mas os srs. Commelin e Boerhaave me enviaram um pacote de algumas [ileg.] que compartilharei com você”<sup>685</sup>, acrescentando que aquelas sementes eram “quase todas do Ceilão”<sup>686</sup>. Talvez, a atitude de Joan Salvador em compartilhar as sementes raras exóticas fornecidas pelos naturalistas holandeses não teriam somente a função de agradecer os materiais anunciados que seriam enviados por seu colega francês – que, no caso, correspondia ao tratado sobre a peste de Austrac, que mencionamos no capítulo anterior –, mas, possivelmente, seria uma maneira de causar impressão, e persuadir Nissole a colaborar, entre outros, com o pedido que seria feito naquela oportunidade.

Esta conclusão se respalda com a seguinte constatação de Salvador “você sabe bem que estes senhores não enviam em abundância”<sup>687</sup>. Esta, que parece uma crítica velada ao comportamento dos naturalistas holandeses, pode ter sido sabiamente proferida por Joan com outra finalidade. Primeiro, ao destacar que as sementes eram raras e exóticas, Joan valoriza a qualidade dos materiais facilitados. Ao mesmo tempo, ressaltar que Boerhaave e Commelin são comedidos nos materiais que fornecem, demonstra atenção e consideração para com seu

---

<sup>685</sup> IBB, Fons Salvador, R\_(02\_20)\_12.0001. Carta de carta de Joan Salvador a Guillaume Nissole (Barcelona, sem data). A transcrição do documento original pode ser consultada em anexo [Anexo 117].

<sup>686</sup> Anexo 117

<sup>687</sup> Anexo 117

colega, detalhes que fazem de Joan merecedor de um retorno à altura. Por outro lado, Joan também incentivava que Nissole plantasse as sementes em seu jardim, talvez como uma forma de garantir que a aclimação daquelas plantas – raras e exóticas, como ele mesmo afirmou – fosse bem-sucedida. Afinal, se a experiência no jardim de Sant Joan Despí não desse certo, haveria ainda a chance de ser exitoso através do jardim de Montpellier.

Além das sementes anunciadas, Joan também prometia conseguir alguns livros e outras sementes que ele possuía para, depois de tanta generosidade demonstrada, revelar o seu desejo “serão bem-vindas qualquer sementes e pés de qualquer planta e árvores para plantá-las em um jardim que eu construí em uma de nossas casas de campo a uma hora e meia de Barcelona [...] eu vou fazer um pequeno catálogo daquelas que eu desejo”<sup>688</sup>. O catálogo em questão correspondia a uma lista de duas folhas que acompanhava a sua carta, onde, como bem explicou, anotava aquelas espécies que mais lhe interessavam.<sup>689</sup> Para ajudá-lo neste projeto, Joan reforçaria o seu pedido oferecendo, ainda, uma muda muito especial “se você perder o *Lauro cerasus lusitanicum*, “azarero”, eu também posso te enviar dois pés, bem como um pé de *Persea*”. A carta de Joan não está datada, mas, considerando que consistia em uma resposta à carta de Nissole escrita em julho de 1723 –cuja réplica seria escrita em janeiro de 1724 – podemos considerar que, entre 1717 e 172, as mudas de *Persea* colhidas em Valência e aclimatadas em Barcelona haviam se adaptado e crescido no jardim da família<sup>690</sup> [Imagem 17]. A resposta de Nissole, também não é menos interessante: “eu tenho vários pés de *lauro cerasus lusit.* mas eu não sei muito sobre a *Persea*, que eu desejo muito”<sup>691</sup>. Em troca, ofereceria “um pacote de sementes no qual há algumas muito raras e você encontrará algumas do sr. Commelin e do sr. Boerhaave, de quem eu também recebi uma carta”<sup>692</sup>.

Estes curtos exertos da correspondência mantida entre Joan Salvador e Guillaume Nissole são suficientes para demonstrar como a dinâmica de um intercambio de *americana* entre distintas coleções implicava em ocasiões o **passo necessario dos ensaios de cultivo en vivo en los jardines**, bem como nos transmite um pouco a importância de se ter este tipo de material em seu poder. O fato de Joan oferecer a planta americana em troca das diversas sementes que desejava para completar o seu mais novo projeto, demonstra como o resultado

---

<sup>688</sup> Anexo 117

<sup>689</sup> Entre as plantas listadas por Joan Salvador, constavam algumas de origem americana, como a “granadilla” (*Passiflora caerulea* L.). Conforme consta no herbário familiar, esta espécie foi plantada no jardim particular, embora não se especifique a procedência da semente (Ibáñez, 2003, p.91).

<sup>690</sup> De fato, as mudas de *persea* foram plantadas em Sant Joan Despi, já que no herbário consta como “in hortis colitur” (Ibáñez, 2003, p.263).

<sup>691</sup> Anexo 77

<sup>692</sup> Anexo 77

de um projeto anterior era empregado a seu favor. Por outro lado, Nissole, consciente de que o que estava em jogo – no caso o pé de *Persea* – era muito bom, oferece, além das sementes solicitadas por Joan Salvador, algumas sementes raras facilitadas por Commelin e Boerhaave, recorrendo à mesma estratégia utilizada por Salvador anteriormente. Esta articulação mostra também que, manter uma comunicação e comércio com estes personagens, capazes de aportarem materiais exclusivos, era fundamental para promover a movimentação entre colecionadores e naturalistas e garantir o enriquecimento das coleções. Afinal, como vimos, as sementes exclusivas repassadas pelos holandeses serviram como moeda de troca em duas situações – a primeira, como artifício de gratidão, e a segunda, como artifício de merecimento. Nos dois casos, no entanto, as sementes foram meios que viabilizaram a realização de outro propósito, a negociação da muda de *Persea*.

O exemplo do abacateiro pode ser entendido como uma sinopse da complexidade envolvida no processo de formação de uma coleção de *americana* como a da família Salvador. Ele ilustra o mundo que existia por detrás um objeto exposto no gabinete, colhido no jardim ou vendido na botica: um conjunto de exercícios e práticas essenciais que aproximou espaços geográficos e físicos, conectou personagens, enriqueceu coleções e, fundamentalmente, produziu conhecimento. O fato de Joan Salvador ter facilitado a muda de *Persea* a Nissole que, assumidamente, declarava *não conhecer muito* nos faz considerar que o naturalista francês ainda não havia tido a experiência de manipular a planta.

Esta constatação é bastante significativa para nossa discussão, pois corrobora com a hipótese de que os conceitos de centro e periferia, talvez, não sejam tão adequados para compreender a participação de cada um dos envolvidos naquele comércio de *naturalia* e *artificialia* de origem americana. A planta chegaria ao jardim botânico da prestigiosa universidade de Montpellier, através de Joan Salvador, um naturalista estabelecido em uma cidade que não tinha instituições científicas como as existentes na França ou na Inglaterra. E, possivelmente, o Chelsea Physic Garden, de Petiver, também poderia ter conhecido a *Persea* através de Joan Salvador, se o boticário inglês não tivesse morrido antes da planta crescer no jardim. Pois, como tivermos a oportunidade de ver no primeiro capítulo, logo após Joan lhe comunicar sobre a viagem, Petiver enviaria uma lista com espécies que ele gostaria de receber, caso Joan as encontrasse pelo caminho. E, entre elas, estava ela, a *Persea* de Clusius<sup>693</sup>. Ao que tudo indica, a *Persea* de Joan e Jaume Salvador continuaria a dar frutos por muito tempo, sendo enviados desde Barcelona para muitos outros jardins e coleções

---

<sup>693</sup> IBB, Fons Salvador, *cf.* Camarasa; Ibáñez, *no prelo*, p. 13.



espalhadas pela Europa, como a de Pierre Barrère, em Perpignan. Em carta a Josep Salvador, em 1746, Barrère agradeceria o boticário catalão pelo envio de um fruto de *Persea* – mais de duas décadas depois de sua aclimatação.<sup>694</sup>

Embora Antoine de Jussieu, compatriota de Nissole, reforçasse a todo momento que os espanhóis – e em boa parte os portugueses – não sabiam aproveitar as oportunidades que tinham porque lhes faltavam interesse, em muitas situações se viu dependente das diligências de Joan Salvador, quando não beneficiado pelos contatos estabelecidos pelo seu companheiro e seus familiares, como a aproximação com Estellés e os religiosos cultivadores da *Persea* ou mesmo Pedro de Almeida, em Portugal. A rede de contatos dos Salvador, aliás, é um ótimo exemplo para mostrar que era possível manter um gabinete de curiosidades da qualidade do que a família possuía, sem estar à frente de sociedades científicas, universidades ou jardins botânicos. A partir de uma botica bem consolidada no espaço urbano de Barcelona, três gerações da família Salvador se manteve nas redes de comunicação e comércio coetâneas, como facilitadores, receptores e intermediários de *americana*, participando ativamente da construção do conhecimento sobre a natureza das Américas e imprimindo seu nome e o de seu gabinete nos círculos científicos da Europa.

#### **3.4. Os espaços do gabinete e o gabinete como espaço de *americana*: algumas considerações a modo de conclusão.**

Se as três gerações da família Salvador puderam se inserir nas redes da República das Letras, desenvolvendo as práticas necessárias para se consolidarem como naturalistas de renome bem como colecionadores, cultivadores de sementes exóticas em seu jardim privado e proprietários de um gabinete de curiosidades com reconhecimento internacional, foi graças a sua atuação profissional à frente do sólido estabelecimento comercial que mantinham em Barcelona. A botica Salvador, situada desde os primórdios de sua existência na rua Ample – uma via destacada pelo nível social de seus vizinhos e privilegiada para os negócios comerciais pela proximidade com o areal junto ao mar onde se descargavam os barcos ancorados frente a Barcelona – proporcionava estáveis rendimentos e permitia que o núcleo familiar pudesse se dedicar a outras atividades, aperfeiçoar suas habilidades e amadurecer seus conhecimentos.

As viagens formativas, o contato com as correntes intelectuais e a aproximação com novos personagens e materiais consistiram na base para que o projeto de formar e organizar

---

<sup>694</sup> Camarasa; Amigó, 1993, p. 83.

uma coleção naturalista e uma biblioteca na dimensão ambicionada se sustentasse. Mas, igualmente importante, seria a atuação da família dentro do espaço local, delimitado pelas fronteiras da Catalunha. A participação ativa, sobretudo de Jaume Salvador, no Colégio de Boticários e a responsabilidade de representar a classe no sistema de governo da cidade, criaram fortes vínculos entre a família e a oligarquia urbana.<sup>695</sup> Embora o sistema de governo tradicional fosse dissolvido após a Guerra de Sucessão com a declaração da Nova Planta (1716), as antigas conjecturas teriam sido suficientes para consolidar o sobrenome familiar entre os cidadãos respeitados e com alguma influência dentro do sociedade barcelonesa.

O apoio e incentivo do patriarca, Jaume Salvador, aos temas filosóficos de seu ofício, se concretizaram na promoção de tertúlias científicas realizadas no espaço onde estavam reunidas as coleções particulares. Estas reuniões, intensificadas durante o período bélico, com a presença de distintos profissionais e militares apoiadores do candidato austríaco à coroa espanhola, promoveram, ao mesmo tempo, a expansão das redes de contato da família como também as próprias coleções que ambientaram aqueles encontros. Dessa forma, o elo indissociável entre os Salvador e a cidade de Barcelona se fortaleceria tanto por aspectos políticos, sociais e comerciais, quanto por aspectos intelectuais e científicos. E, a configuração desta imagem da família de boticários, naturalistas e colecionadores catalães se materializaria através de dois espaços físicos, a sua botica e o seu gabinete de curiosidades.

Tivemos a oportunidade de acompanhar as práticas implicadas no processo de aquisição de materiais para enriquecer as prateleiras de cada um destes espaços. A sistematização de informações obtidas a partir dos recursos literários, a escrita de cartas e o controle das múltiplas correspondências e negócios simultaneamente movimentados, as saídas de campo e as viagens de herborização, o intercâmbio de materiais, a facilitação, a intermediação e a recepção de outros tantos objetos, espécimens e favores contribuíram todos elas para que estes dois espaços, botica e gabinete, estivessem abastecidos e em condições de seguir resultando atrativos para aqueles que a eles recorriam. Ainda que por meio de cada uma destas atividades materiais do mundo todo foram colocados em circulação e alcançaram as coleções, independentemente de sua localização geográfica, uma delas resultaria especialmente produtiva para as coleções dos Salvador. Ou melhor, para a coleção de *americana* dos Salvador.

A expedição realizada pela península Ibérica, se analisada pela perspectiva da natureza americana, foi, sem dúvidas mais do que uma dessas práticas convenientes aos

---

<sup>695</sup> Amelang, 2008.

estudiosos da natureza. A viagem seria, como já sugerimos, mais um daqueles espaços planejados para visitar, na tentativa de observar, coletar e reunir amostras de *americana*. Além das experiências vividas naquele contexto – e relatadas ainda há pouco –, a viagem proporcionaria uma oportunidade sabiamente aproveitada por Joan Salvador. A estratégia de estabelecer contatos com personagens situados em diversos lugares pela Espanha – e em condições de facilitar estes materiais– se mostraria bastante vantajosa posteriormente. Mas, ainda mais interessante, seria a articulação de uma rede especial para intermediar um negócio igualmente notável, e singular.

A feliz coincidência da nomeação de Pedro de Almeida como governador das Minas no Brasil enquanto Joan Salvador estava a caminho de Lisboa, fez daquilo que era um dos propósitos da expedição, um projeto de longo prazo cuidadosamente moderado. A articulação da rede composta exclusivamente por paisanos para intermediar e controlar este novo empreendimento seria, na verdade, um dos mais importantes feitos durante a viagem para o tema da *naturalia* exótica. Por um lado, aqueles catalães atuavam em Lisboa, uma cidade voltada para a América e, conseqüentemente, para suas infinitas possibilidades – o núcleo perfeito para atuar a favor dos interesses de Joan. Por outro, Joan Salvador e toda a sua família, representavam um importante vínculo com a pátria de todos eles – intermediários ideais para conectá-los com o entorno familiar em grande escala. Do sentimento de pertencimento pelo compartilhar de tradições, de memórias, bem como da proximidade pelas amizades em comum, se estabeleceria uma relação baseada em preceitos de paisanagem e parentesco onde, o compromisso da colaboração estaria fortemente atrelado a questões de responsabilidade, de credibilidade e de confiança – e, obviamente, pelas vantagens que esta parceria manifestava.

A singularidade desta rede seria, então, a abrangência e compreensão de qualidades que extrapolavam os recorrentes aspectos intelectuais, materiais e econômicos. Quero dizer, estes retornos obviamente eram esperados, mas diante de uma realidade complexa, que envolvia inúmeras variáveis, estes atores tiveram um estímulo a mais para insistirem na negociação. O envolvimento recíproco acabou por viabilizar o desenvolvimento de atividades paralelas igualmente, se não mais, rentáveis. O núcleo lisboeta-catalão se consolidaria como importantes intermediários entre Barcelona e Brasil, ao mesmo tempo que trazia a América para dentro das coleções de seus correspondentes a partir da facilitação de mercadorias exóticas colocadas em circulação desde Lisboa – um privilégio que quase ninguém – ou melhor, nenhum dos indivíduos conectados à rede de atuação dos Salvador – tinha.

Assim, ao passo que Joan Salvador se movimentava por diferentes espaços em busca

de *americana*, tecendo sua rede e conectando personagens e materiais ao seu gabinete de curiosidades, ele acabava por reunir em um único endereço tudo aquilo se encontrava disperso e/ou ou compilado nas intangíveis páginas das obras literárias. Neste sentido, observamos um processo de configuração do gabinete de curiosidades da família Salvador como mais um espaço de *americana*, transformando a realidade de muitos que antes não tinham acesso aos materiais que aqueles boticários e naturalistas catalães, agora, tinham em seu poder. Com o controle da natureza americana, seja cultivada em seu jardim ou recebida através de seus fornecedores em Lisboa e Cádiz, por exemplo, a botica e o gabinete dos Salvador se converteram em pontos de difusão de *americana* para outras partes da Europa que, mesmo respaldadas pela tradição dos espaços privilegiados para a promoção da ciência, não estavam isentos dos problemas impostos pela aquisição de materiais exóticos.

E talvez, seja por essa razão que Nissole não precisou ir até Valencia para ver a *Persea* florescer no jardim botânico de Montpellier, ou que Pierre Barrère não precisasse viajar para Lisboa para comprar o córtex winter ou a parreira-brava. Do mesmo modo que o médico de Perpignan não teve de ir à Cádiz para comprar a dama da noite cultivada na cidade. Ou que muitos outros boticários não se vissem privados de oferecer aos seus clientes fórmulas com os novos medicinais, como a salsaparrilha. Assim, seguramente, podemos afirmar que Jaume Salvador e seu filho Joan Salvador foram responsáveis por divulgar, circular e popularizar a natureza americana, tanto em conhecimento quanto em materiais, fazendo com a América, em Barcelona, tivesse identidade própria e endereço fixo: a rebotica da botica Salvador, localizada na rua Ample.

## **Conclusões**

Ao longo destas páginas pudemos compreender como elementos da natureza americana foram adquiridos, manipulados, exibidos e colocados em circulação no contexto europeu, tendo como fio condutor as atividades profissionais e científicas dos boticários e naturalistas da família Salvador. Estabelecidos em Barcelona, uma cidade que, apesar da instabilidade política da época, experimentava um quadro de progressiva prosperidade, mas, ainda assim, insuficiente para situá-la no marco das capitais tradicionalmente reconhecidas como centros detentores da ciência e do saber. Enraizada em uma perspectiva falaciosa que tende a indissociar a riqueza econômica de determinadas regiões da superioridade científica e

cultural em relação a outras regiões consideradas secundárias, esta constatação não pareceu adequada quando analisamos a participação dos Salvador enquanto membros da chamada República das Letras.

1

Mais do que condições materiais, a documentação manuscrita consultada apontou para uma série de fatores que foram muito mais efetivos e não necessariamente estavam condicionados a espaços de prestígio, reconhecidos e aspirados pela comunidade internacional. Através da correspondência epistolar e demais documentos conservados, como o herbário formado por diferentes gerações da família, o diário de viagem elaborado por Joan Salvador durante os meses em que esteve em expedição pela península ibérica, bem como as anotações feitas nos livros presentes na biblioteca ou mesmo por meio dos remanescentes de *naturalia*, *mineralia* e *artificialia* que fizeram parte das coleções abrigadas em seu gabinete de curiosidades, ficou demonstrado que, desde estabelecimentos privados localizados em uma cidade posicionada periféricamente aos centros dominantes era possível organizar e sustentar um gabinete de curiosidades equivalente aos encontrados na Itália, na França, na Inglaterra ou na Holanda, ou, ainda, manter uma botica atualizada com as novidades em medicinais exóticos, que, até então, se encontravam em vias de consolidação nos mercados da Europa.

Se por um lado a rede internacional de comunicação e comércio se afirmou como um meio capaz de viabilizar a participação de todo e qualquer personagem – que dominasse minimamente os critérios básicos da cooperação e os protocolos pertinentes, é verdade – atenuando, de certa forma, as disparidades intrínsecas de cada indivíduo e seu entorno nela inseridos, este espaço, “democrático”, ao passo que ampliava sua área de abrangência, aumentava também a sua complexidade.

Diante da infinidade de interesses, provenientes das múltiplas atividades e aspirações que seus membros possuíam, a primeira conclusão a que chegamos é de que a própria natureza americana assumiu diferentes significados e foi articulada de distintas maneiras naquele contexto, se reconfigurando, convenientemente, conforme se alteravam as situações.

2

O que fundamentava a participação e a negociação de intercâmbios, tanto de naturalistas, colecionadores e demais interessados no estudo e desenvolvimento da história natural e/ou da ciência de um modo geral, quanto a de atores com aspirações comerciais e/ou sem pretensões intelectuais, era, obviamente, a recompensa. O objetivo em adquirir

determinados materiais, em ser honrado com favores profissionais e pessoais, ou até mesmo de lucrar financeiramente com os negócios estabelecidos, por sua vez, esteve respaldado em diversos códigos de conduta, onde, a retribuição era quase uma obrigação para se manter naquela rede. Contudo, para retribuir satisfatoriamente, cada personagem teve de exercer funções que, nem sempre, eram agradáveis.

Para se permanecer ativo nas redes da república das letras, além de solicitar encomendas ou favores, seus membros deveriam, também, intermediar, facilitar materiais e colaborar com os desejos da outra parte – uma tríplice performance da qual ninguém podia escapar. Obviamente que a posição de receptor era muito mais confortável e vantajosa, afinal, não raras vezes haviam conflitos de interesses, onde atender a um pedido poderia comprometer o seu próprio projeto.

Pudemos concluir que esta problemática esteve muito mais presente entre comércios estabelecidos entre dois personagens com aspirações semelhantes, sobretudo com aqueles que tinham uma atividade científica mais vigorosa, circunscritos naqueles espaços – na maioria deles, institucionalizados – considerados privilegiados para o estudo e divulgação da história natural. E, neste sentido, a natureza americana se moldou aos interesses de quem articulava um intercâmbio, sempre na tentativa de extrair de seu colaborador e das oportunidades por ele representadas, a maior vantagem possível.

### 3

Através do conjunto de cartas analisadas, fruto da correspondência mantida por Joan Salvador com seus contatos, concluímos que, mesmo nas relações estabelecidas com o objetivo declarado de conseguir amostras de *americana*, este propósito não era insubstituível. Pelo contrário, conforme as oportunidades surgiam, novos interesses assumiam o posto de prioridade, adiando a urgência de outrora em se conseguir materiais provenientes da América. Da mesma forma, o desejo manifestado por *americana* a transformou em um importante artifício de manipulação, numa tentativa de persuadir a parte interessada a colaborar de acordo com o que a outra desejava, o que a fez perder, muitas vezes, a sua materialidade. No entanto, pudemos perceber que mesmo quando abdicada em função de outros projetos mais atraentes, o interesse e dedicação em conseguir amostras da natureza americana permaneceram intensos em outras relações.

Neste aspecto então, compreendemos que a *americana* ocupou dois lugares distintos dentro dos projetos dos boticários e naturalistas catalães. O primeiro, foi exatamente este, o da *americana* como parte de um projeto amplo de enriquecimento generalizado das coleções que

formavam parte do gabinete familiar, enquanto, o segundo, era a própria *americana* o projeto, elaborado exclusivamente para sua aquisição, no qual exerceu um papel imprescindível e impreterível.

A razão desta diferença esteve baseada tanto nos ensejos suscitados através da colaboração com determinados correspondentes, quanto na figura dos próprios correspondentes. Como acreditamos ter ficado claro, nesta rede articulada pelos Salvador, quanto maior o grau de especialização e conhecimento sobre a natureza exótica da América, mais complexo foi o processo de aquisição de *americana*. Esta constatação não quer apontar para um resultado muito mais rentável nos negócios levados a cabo no âmbito do outro projeto, porquê, como discutimos em diversos momentos desta tese, não o foi. Quer dizer, não em partes.

4

Dentro deste projeto específico, nossa análise permitiu traçar duas vias abertas em pontos estratégicos para o comércio com as colônias de além-mar. A primeira delas, em cidades dentro do território espanhol, especialmente em Cádiz, se apresentava a priori como a preferencial, dada a posição geopolítica de Barcelona. Pelo contrário, resultou de especial relevância e significado a segunda destas vias menos esperada a princípio, que situa a Lisboa como uma posição chave para o fornecimento de *americana* à botica e ao gabinete de Barcelona. Tanto nos espaços espanhóis quanto no português, os contatos articulados por Joan Salvador estavam encarregados de repassar as novidades que lá chegavam através das naus que cruzavam o oceano trazendo consigo objetos, plantas, animais e minerais curiosos do novo continente. Embora muito similares no propósito, estas *sub-redes* foram movimentadas a partir de dinâmicas distintas, sobretudo, por questões envolvendo a identidade de seus participantes.

5

Nossa análise colocou em relevo uma extensa gama de intermediários, mediadores, correspondentes, que mantiveram nutrida a rede de circulação e intercâmbio, com uma atitude que em muitas ocasiões se manifesta epistemologicamente ativa e não meramente instrumental.

Enquanto no círculo espanhol, os responsáveis por circular amostras da natureza americana até os Salvador, eram espanhóis, fundamentalmente, praticantes dos ofícios médico-cirúrgicos – e, portanto, com algum conhecimento em *materia medica* –, os



colaboradores situados em Lisboa eram comerciantes que, apesar do desconhecimento acerca dos motivos e dos significados daqueles materiais comercializados, contavam com a vantagem de serem catalães – uma particularidade que resultou especialmente positiva para ambos os lados.

Ao mesmo tempo em que, para os correspondentes pertencentes aos demais núcleos estabelecidos pela Europa – como França, Holanda, Inglaterra e, inclusive, na própria Espanha – as vantagens de se comunicar e negociar com os Salvador estava nas inúmeras oportunidades que eles representavam em decorrência de sua desenvoltura como naturalistas e colecionadores reconhecidos e bem relacionados internacionalmente; para seus compatriotas, os benefícios da colaboração estavam pautados nas suas performances enquanto boticários, cidadãos influentes dentro de um espaço com o qual compartilhavam memórias e experiências.

Ainda que todos estes personagens, em algum momento, enviaram *americana* para Barcelona, a paisanagem e, em alguns casos, o parentesco, foram elementos primordiais para que os Salvador conseguissem consolidar, de fato, um meio seguro de acesso a materiais americanos – os quais, muitos deles, não eram garantidos nem mesmo nos reverenciados *centros* científicos europeus.

6

Um aspecto imprescindível desta análise foi reconhecer que a natureza americana não somente esteve suscetível a um dinamismo que a classificou em função de prioridades e de interesses, mas também e, especialmente, como a própria categoria *americana* esteve inscrita em uma categorização pormenorizada.

Assim, nas redes por onde a natureza americana circulou, o comércio desta categoria esteve submetido a diretrizes díspares quando se tratava de *curiosidades* americanas ou de *produtos* americanos. A primeira, classificada assim por seu caráter raro ou exclusivo, se retribuía, comumente, com favores – e a conseqüente resignação de se colocar na custosa posição de provedor ou intermediário. O comércio de produtos americanos, quero dizer, de plantas e medicinais que já possuíam, em diferentes graus, alguma demanda interna e, mesmo que contingente, tinham uma utilidade delineada. Por estes materiais, o retorno era manifestado através do pagamento em espécie, visto que eram mercadorias com um preço de mercado estipulado.

Estas nuances ficaram nítidas especialmente com a análise da correspondência mantida por Joan Salvador com seus conterrâneos em Lisboa. Como vimos, aqueles catalães

foram peças fundamentais na intermediação das negociações desenvolvidas no âmbito do grande projeto de *americana* ao qual o boticário catalão tanto apostou e se dedicou. No entanto, o seu planejamento não saiu como o esperado, e as *curiosidades* do Brasil não puderam ser alcançadas através daquele esquema.

7

Em uma negociação comum, ficou demonstrado que este seria um motivo suficientemente justificável para que cada parte colocasse, se não um ponto final, ao menos para suspender a cooperação existente naquela relação. Mesmo sem os retornos esperados, tanto Joan Salvador quanto seus colaboradores catalães, seguiram com um comércio rentável, sustentado, primordialmente, pela paisanagem.

Ao mesmo tempo em que Joan Salvador – que neste caso, não colocou resistência ao papel de provedor –, seu núcleo familiar, suas experiências profissionais e os círculos sociais ao qual estavam inseridos na capital catalã, proporcionaram excelentes retornos aos catalães forâneos, enquanto, estes, por sua vez, acabaram por se consolidarem como importantes facilitadores de medicinais americanos para os Salvador, negociados em comércios paralelos ao projeto de *americana* brasileira.

A vantagem do elo criado pelo entorno compartilhado, também se manifestou como um privilégio para os Salvador. Afinal, aqueles catalães eram comerciantes e o que fundamentava suas participações nas redes era o retorno financeiro – algo que poderia ser alcançado por qualquer outro indivíduo disposto a pagar pela mercadoria. Os Salvador, neste caso, tinham algo a mais a ser oferecido. E, assim, pudemos concluir que, se tratando de mercadorias ainda em vias de consolidação, a família de boticários catalães contou com a importante vantagem de ser prioridade em um contexto onde a oferta ainda não dava conta de suprir a procura.

Neste sentido, defendemos que estes personagens considerados, muitas vezes, secundários, foram muito mais do que apenas intermediários. Primeiro, porquê, como ficou demonstrado ao longo desta tese, a permanência de qualquer indivíduo nas redes dependia de uma atuação flexível, independentemente se eram professores de universidades, membros de sociedades científicas ou meros comerciantes. Condição esta que, de modo algum, é condizente com a atuação destes atores, visto que durante uma negociação, além das tarefas de praxe esperadas de sua categoria, como buscar, repassar e enviar materiais, os *intermediários* foram, entre outras, também responsáveis por armazenar estes materiais. E, mesmo sem pretensões científicas, tiveram de lidar com a necessidade de se manterem

informados sobre as mercadorias em seu poder, tanto para melhor acondicioná-los e garantir sua preservação, como para melhorar a comunicação com seus correspondentes – sendo, não poucas vezes, os responsáveis por fornecer, pela primeira vez, alguma informação – conhecimento – sobre aqueles itens.

8

Mas, para além de tudo, e primordialmente, estes personagens tiveram em suas mãos o poder decidir para quem e para onde os materiais exóticos da América seriam disseminados – mais uma prova de que pertencer ao “centro” não era garantia de aceder às novidades.

Contudo, compreendemos também que, uma vez alcançada, a natureza americana passava por uma avaliação criteriosa de seus proprietários e, constantemente, eram submetidas a uma nova classificação, onde, aquilo que uma vez foi uma curiosidade, se transformava em um produto natural com utilidade medicinal e, logo, em um produto com potencial valor econômico. Em boa parte, isto acontecia porquê o naturalista e colecionador Joan Salvador que adquiria uma curiosidade para suas coleções era o mesmo Joan Salvador boticário que adquiria um medicinal para utilizar em suas fórmulas e revendê-lo no estabelecimento comercial de sua família.

As diferentes aspirações fruto das diversas atividades desenvolvidas por Joan Salvador e seus familiares eram indissociáveis uma das outras, sobretudo em um momento em que a classificação da natureza possuía fronteiras amplas e difusas, repleta de significados cambiantes, onde um único elemento poderia resultar, ao menos em um primeiro momento, proveitoso para todos os seus interesses.

9

Através de todas estas considerações, entendemos que, durante o processo de consolidação de medicinais exóticos americanos no mercado europeu, classificados a partir de uma utilidade convenientemente definida, a natureza americana passou por uma infinidade de personagens, de espaços e de experiências, que nela imprimiram suas marcas, engendrando um sistema constante de resignificação.

As memórias científicas e profissionais de Joan Salvador i Riera e de seu pai Jaume Salvador i Pedrol nos permitiram concluir que a *naturalia* americana representou, naquele momento, múltiplas oportunidades que atendeu aos interesses e ambições não apenas de colecionadores, naturalistas, médicos e boticários, mas também de cirurgiões, comerciantes, marinheiros, militares e religiosos.

Por esta razão, a *americana* foi manipulada de diferentes maneiras e ocupou lugares igualmente diferentes, sendo exibida como algo exótico e representativo da grandeza da criação divina nos gabinetes de curiosidades e coleções espalhadas por toda a Europa, foi tratada como mercadorias rentáveis e acondicionada em gabinetes transitórios organizados por comerciantes ou em coleções itinerantes acomodadas em embarcações que navegavam longos períodos até alcançarem seus destinatários, foi aclimatada e cultivada nos jardins tanto acadêmicos quanto privados ou ainda nos hortos de instituições religiosas e oficiais, foi beneficiada e aproveitada como gêneros alimentícios e armazenada nas casas de cidadãos comuns, foi comercializada como simples medicinais ou em fórmulas compostas nos herbolários e boticas, enfim, a *americana* claramente não possuía uma rota determinada, muito menos uma finalidade estabelecida.

10

Pelo contrário, o único aspecto incontestável da natureza americana é que sua presença, circulação e difusão tanto teórica quanto material pelas redes de comunicação e comércio da república das letras teve como base as atividades e negócios levados a cabo por personagens e espaços que, se em um determinado episódio da historiografia da ciência, foram considerados secundários ou periféricos, estão reclamando já uma nova reconfiguração. Esta reconfiguração abre caminho mediante análises de casos específicos, mas com uma informação rica que permite uma “descrição densa” – em terminologia cliffordiana – como a que esta tese tratou de levar a cabo. Assim, se pode avançar no traçado de uma nova cartografia do conhecimento científico na Idade Moderna, de sua produção e de sua circulação, a escala global e com uma perspectiva mais horizontal, distanciada das velhas taxonomias marcadas por uma visão hierárquica (de centros e periferias, de atores principais e secundários, de receptores meramente passivos, etc) que resulta já impossível de manter.

## **Bibliografia**

### **Fontes impressas**

ALDROVANDI, U. Vlissis Aldrovandi Dendrologiae natvralis scilicet arborvm historiae libri dvo sylva glandaria acinosvmq[ue] pomarivm vbi ervditiones omnivm genervm vna cvm botanicis doctrinis ingenia qvaeqv[n]qve non parvm ivvant et oblectant Ovidivs Montalbanvs opus svmmo labore collegit digessit concinnavit Bononiae [Bolonya] typis Io Baptistae Ferronii 1668.

BAUHIN, C. Caspari Bavhini Theatri botanici sive Histoirae plantarvm ex vetervm et recentiorvm placitis propriaq[ue] observatione concinnatae liber primus editus opera & cura Io Casp Bavhini Basileae apvd Ioannem König 1658.

BOCCONE, P. Museo di piante rare della Sicilia Malta Corsica Italia Piemonte e Germania con l'appendice ad libros de plantis Andreae Caesalpini e varie osservazioni curiose con sue figure in rame di Don Pavlo Boccone In Venetia per Io Baptista Zuccato 1697.

BOERHAAVE, H. Aphorismi de cognoscendis et curandis morbis in usum doctrinae domesticae digesti ab Hermanno Boerhaave Editio altera auctior Lugduni Batavorum [Leiden] apud Johannem vander Linden 1715.

BOERHAAVE, H. Hermanni Boerhaave libellus de materia medica et remediorum formulis quae serviunt aphorismis de cognoscendis et curandis morbis Lugduni Batavorum [Leiden] apud Isaacum Severinum 1719.

BOERHAAVE, H. Index alter plantarum quae in horto academico LugdunoBatavo aluntur conscriptus ab Hermanno Boerhaave Lugduni Batavorum [Leiden] sumptibus Auctoris & prostant apud Petrum Vander Aa 1720.

BOERHAAVE, H. Index plantarum quae in Horto academico Lugduno Batavo reperiuntur conscriptus ab Hermanno Boerhaave Lugduni Batavorum [Leiden] apud Cornelium Boutestein 1710.

BOERHAAVE, H. Institutiones medicae in usus annuae exercitationis domesticos digestae ab Hermanno Boerhaave Editio altera primâ longê auctior Lugduni Batavorum [Leiden] apud Johannem vander Linden 1713.

CAETANO SANTO ANTONIO. Pharmacopea lusitana reformada methodo pratico de preparar medicamentos na forma galenica & chimica por D Caetano de S Antonio Lisboa impresso no real mosteyro de São Vicente de Fôra 1711.

CESALPINO. De plantis libri XVI Andreae Caesalpini Aretini Florentiae apud Georgium Marescottum 1583.

CHICOYNEAU, F. Relation de la peste de Marseille contenant ses symptomes son prognostic sa curation & celle des bubons & des charbons donnée par messieurs Chicoyneau Verny & Soullier Imprimée à Marseille par ordre de messrs les commandant gouverneur & echevins de la ditte ville 1721.

CLUSIUS. Caroli Clvsii Rariorum aliquot stirpium per Hispanias obseruatarum historia libris dvobvs expressa Antverpiae [Anvers] ex officina Christophori Plantini 1576.

COMMELIN, C. Flora Malabarica sive horti Malabarici catalogvs exhibens omnium ejusdem plantarum nomina quae è variis tum veteribus tum recentioribus botanicis collegit & in ordinem alphabeticum digessit Casparus Commelin Lugduni Batavorum [Leiden] apud Fredericum Haaringh, 1696.

CUPANI, F. Hortvs catholicvs avtore Pat Fr Francisco Cvpani Neapoli [Nàpols] apud Franciscum Benzi 1696.

CUPANI, F. Svpplemen[tum] alterum ad Hortum catholicum auctore ejusdem Horti Patre Fr Francisco Cupani Panormi [Palermo] ex recenti typographia Joseph Gramignani 1697.

DIOSCÓRIDES. Pedanii Dioscoridis De medica materia libri sex Ioanne Rvellido interprete his accessit praeter pharmacorum simplicium catalogum copiosus omniu[m] fermè medelarum siue curationum index Lvgdvni [Lió] apud Ioannem Frellonium 1547.

DUFOUR, P. Traitez nouveaux & curieux du café du thé et du chocolate ouvrage également nécessaire aux medecins & a tous ceux qui aiment leur santé par Philippe Sylvestre Dufour Seconde edition A Lyon chez Jean Baptiste Deville 1688 [24] 444 [12] p il 12° (17 cm), A/I/3 / Novi tractatus de potu caphé de chinensium thé et de chocolata à DM notis illustrati Genevae apud Cramer & Perachon 1699.

FEUILLÉ, L. Journal des observations physiques mathematiques et botaniques faites par l'ordre du roy sur les côtes orientales de l'Amerique meridionale & dans les Indes occidentales depuis l'année 1707 jusques en 1712 par le RP Louis Feuillée A Paris chez Pierre Giffart 1714.

GARCIA DE ORTA. Aromatvm et simplicivm aliquot medicamentorvm apvd indos nascentivm historia ante biennium quidem lusitanica lingua per dialogos conscripta D Garcia ab Orto auctore nunc vero latina facta & in epitomen contracta a Carolo Clvsio Atrebat Antverpiae [Anvers] ex officina Christophori Plantini 1567.

GEOFFROY, E. Sur le pareira brava. Histoire de l'Academie Royale des Sciences, 1710.

HELVETIUS, A. Traité des maladies les plus frequentes et des remedes specifiques pour les guerir avec la methode de s'en servir pour l'utilité du public & le soulagement des pauvres par M Helvetius Nouvelle edition revûe corrigée & augmentée A Paris chez PierreAugustin Le Mercier 1707.

HERMANN, P. Horti academici LugdunoBatavi catalogus exhibens plantarum omnium nomina quibus ab anno MDCLXXXI ad annum MDCLXXXVI hortus fuit instructus ut & plurimarum in eodem cultarum & a nemine hucusque editarum descriptiones & icones auctore Paulo Hermanno Lugduni Batavorum [Leiden] apud Cornelium Boutesteyn 1687.

LAFITAU, J. Mémoire présenté a son altese royale monseigneur le duc d'Orleans regent du royaume de France concernant la précieuse plante du Gin seng de Tartarie découverte en Canada par le P Joseph François Lafitau A Paris chez Joseph Mongé 1718.

LECAAN, J. Advice to the gentlemen in the army of the her Majesty's forces in Spain and Portugal: with a short method how preserve their health and some observations upon several distempers incident to those countries: to which are added the medicinal virtues of many peculiar plants growing naturally in those parts and not wild in England. Londres: P. Varenne, 1708.

LOCHNER, F. Schediasma de Parreira brava novo Americano aliisque recentioribus calculi remediis a Michaele Friderico Lochnero Norimbergae [Nuremberg] apud Petrum Conradum Monath 1719, 14/IV/8.

MAGNOL, P. Botanicvm monspeliense sive plantarvm circa Monspelium nascentium [prôtognômôn] in quo plantarum nomina meliora selignuntur loca in quibus plantae sponte adolescent tum à prioribus botanicis tum ab auctore observata indicantur & precipuae facvltaes edocentur adduntur variarum plantarum nondum descriptarum descriptiones &

icones tum & figurae quarundam quas solúm descripsit Casp Bavhinvs in Prodrómo authore Petro Magnol Lvgdvni [Lió] ex officina Francisci Carteron impensis Francisci Bovrly 1676.

MAGNOL. P. Botanicvm monspeliense sive plantarvm circa Monspelium nascentium index in quo plantarum nomina meliora seliguntur loca in quibus plantae sponte adolescent tum à prioribus botanicis tum ab authore observata indicantur & precipuae facultates traduntur adduntur variarum plantarum descriptiones et icones cum appendice quae plantas de novo repertas continet & errata emendat authore Petro Magnol ] Monspelli [Montpeller] ex officina Danielis Pech impensis Pauli Marret 1686.

MONARDES, N. Primera y segvnda y tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales que siruen en medicina tratado de la piedra bezaar y de la yerua escuerçonera dialogo de las grandezas del hierro y de sus virtudes medicinales tratado de la nieve y del beuer frio hechos por el Doctor Monardes Van en esta impression la Tercera parte y el Dialogo del hierro nueuamente hechos que no han sido impressos hasta agora do ay cosas grandes y dignas de saber En Sevilla en casa de Alonso Escriuano 1574.

MUNTING, A. Aloidiarium sive aloës mucronato folio americanae majoris aliarumque ejusdem speciei historia in qua floridi illius temporis loci naturae culturae necnon qualitatum ratio paucis enarratur autore Abrahamo Muntingio [Sl sn] 1688.

PALÁCIOS, F. Palestra farmaceutica chymico-galenica, en la qual se trata de la eleccion de los simples, sus preparaciones chymicas, y galenicas, y de las mas selectas composiciones antiguas, y modernas, usuales, tanto en Madrid, como en toda Europa ... / su autor don Felix Palacios. Madrid, 1792.

PETIVER, J. Hortus peruvianus medicinalis or The Soutsea herbal containing the names figures use &c of divers medicinal plants lately discovered by pere L Feuillée to which are added the figures &c of divers american gumtrees dying woods drugs [by James Petiver ], 1715.

PISO, W, MARCGRAVE, G. Historia naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. Amsterdam: Elsevier, 1648.

PLÍNIO. Plinii Secvndi natvrae historiarvm libri XXXVII e castigationibus Hermolai Barbari quam emendatissime editi additus est index Ioannis Camertis notis arithmetis nunc dilucidior multo quam antea quo Plynius ipse totus breui mora te[m]poris edisci potest Parisiis ex offic[i]na Petri Gaudoul 1524.

PLUMIER, C. Nova plantarum americanarum genera authore P Carolo Plumier Parisiis apud Joannem Boudot 1703.

POMET, P. Histoire générale des drogues : traitant des plantes, des animaux, & des mineraux, ouvrage enrichy de plus de quatre cent figures en taille-douce tirés d'après nature, 1694.

QUÉLLUS. Histoire naturelle du cacao et du sucre divisée en deux traitez qui contiennent plusieurs faits nouveaux & beaucoup d'observations également curieuses & utiles [par D de Quélus] Seconde edition revue & corrigée par l'auteur A Amsterdam chez Henri Strik 1720.



RAY, J. Joannis Raji Methodus plantarum emendata et aucta in quâ notae maxime characteristicae exhibentur quibus stirpium genera tum summa tum infima cognoscuntur & à se mutuo dignoscuntur non necessariis omissis accedit Methodus graminum juncorum et cyperorum specialis eodem auctore Londini impensis Samuelis Smith & Benjamin Walford et veneunt Amstelaedami apud Janssonio Waasbergios 1703.

RUYSCH, F. Thesaurus anatomicus [primus-decimus]: cum figuris aeneis = Het [eerste-Xde] Anatomisch cabinet: met kopere plate/ van Frederik Ruysch... - Amstelaedami: apud Joannem Wolters, 1701-1715

SLOANE, H. Catalogus plantarum quae in insula Jamaica sponte proveniunt vel vulgo coluntur cum earundem synonymis & locis natalibus adjectis aliis quibusdam quae in insulis Madae Barbados Nieves & Sancti Christophori nascuntur seu Prodrumi historiae naturalis Jamaicae pars prima auctore Hans Sloane Londini impensis D Brown 1696.

SLOANE, H. Of the use of the root ipecacuanha, for loosenesses, translated from a French Paper: with some notes on the same, by Hans Sloane, M. D. Philosophical Transactions (1683-1775), Vol. 2, 1698.

TEOFRASTO. Theophrasti De historia plantarvm libri IX cum decimi principio & de causis siue earum generatione libri VI Theodoro Gaza interprete quantum diligentia huic editioni Ioannes Iordanus adhibuerit in restituendis quae corrupta erant [sic] ex graeco docebit te sequens epistola ad lectorem Lvgdvni [Lió] apud Gulielmum Rouillium 1552.

THEVET, A. Les singularitez de la France antarctique, autrement nommee Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps, Anvers par Christophe Plantin, 1558 [sem registro].

TOURNEFORT, J. P. Josephii Pitton Tournefort Institutiones rei herbariae, 1656-1706.

WORM, O. Museum Wormianum seu Historia rerum rariorum tam naturalium quam artificialium tam domesticarum quam exoticarum quae Hafniae Danorum in aedibus authoris servantur adornata ab Olao Worm variis et accuratis iconibus illustrata Amstelodami [Amsterdam] apud Lvdoovicvm & Danielem Elzevirios 1655.

### **Fontes manuscritas e materiais.**

Barcelona, Institut Botànic de Barcelona, Fons Salvador, Cartes Jaume Salvador i Pedrol.

Cartes Joan Salvador i Riera.

Cartes Josep Salvador i Riera.

Manuscrit EST\_1\_28.

Inventari Gabinet, registres 1-4201.

Herbari Salvador, registres 1-4918.

Londres, British Library, Sloane Manuscripts, MS 3332; 3337; 3338; 3340; 4045; 4064:  
4065; 4067.

Paris, Muséum National d'Histoire Naturelle, Fonds Jussieu, Ms 92 (2); 92 (3); 92 (4).

## **Referências**

Abad, Antonio. **La colección de Petrefactos del Museo de los Salvador de Barcelona. Siglos XVII, XVIII y primera mitad del XIX.** *Batalleria*, 7, 1997, p. 57-73.

Amelang, James. **Honored Citizens of Barcelona: Patrician Culture and Class Relations, 1490-1714.** Princeton University Press, 1986.

Amelang, James S. **“Gent de la Ribera” i altres assaigs sobre la Barcelona moderna.** Vic: Eumo Editorial/ Universitat de Vic [Referències, 49], 2008.

Arnold, Ken. **Cabinets for the curious: looking back at Early English Museums.** Aldershot: Ashgate, 2006.

Astrain, Mikel. **Barberos, cirujanos y gente de mar: la sanidad naval y la profesión quirúrgica en la España ilustrada.** Ministerio de Defensa, 1996.

Audelin, Louise. Les Jussieu. **Une dynastie de botanistes au XVIIIe siècle (1680-1789).** Paris: École Nationale des Chartes [these], 1987.

- Basante Pol, M. **Notas sobre algunos de los boticarios madrileños de los primeros años del siglo XVIII.** *Boletín de la Sociedad española de Historia de la Farmacia*, 123, 1980, p. 235-258
- Bencomo Mora, Carmen. **La familia Miláns. Comercio y nobleza en la Cataluña del siglo XVIII.** *Pedralbes*, 3, 1983, p. 327-331.
- Bethencourt, Francisco; Egmond, Florike (eds.). **Correspondence and cultural exchange in Europe, 1400-1700.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- Betrán Moya, Luis J. **La peste en la Barcelona de los Austrias.**Lleida: Editorial Milenio, 1996.
- Bleichmar, Daniela; Mancall, Peter C. (Eds.). **Collecting across cultures. Material exchanges in the Early Modern Atlantic World.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011.
- Bolós, Antoni de. **El herbario Salvador.** *Collectanea Botanica*, vol. 1, n.1, 1946, p. 1–8.
- Bolós, Antoni de. **Nuevos datos para la historia de la familia Salvador.** *Real Academia de Farmacia de Barcelona*. Discursos de recepción, 3, 1959, p. 7–50.
- Bots, H.; Waquet, François. **La République des Lettres.** Paris-Amsterdam, Berlin: De Boeck, 1997.
- Bots, Hans; Waquet, Françoise. **Commercium litterarium: la communication dans la République des lettres.** Amsterdam: APA-Holland University Press, 1994.
- Boumediene, Samir. **Une histoire des plantes médicinales du “Nouveau Monde” (1495-1750).** Vaulx-en-Velin: Les Éditions des Mondes à Faire, 2016.
- Brigola, João Carlos P. **Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Caballé, Immaculada. **La família Salvador, una nissaga d'apotecaris. Calella-Barcelona, 1309-1800. Aportació històrica i evolució de la farmàcia a la primera meitat del segle XVIII.** Barcelona, Universitat de Barcelona [tesi doctoral], 1985.
- Camarasa, Josep M. **Botànica i botànics dels Països Catalans.** Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 1989, p. 269.
- Camarasa, Josep M. **Botigues i rebotigues d'apotecaris.** In: Garcia Espuche, Albert (Ed.). *Medicina i farmàcia. Barcelona 1700.* Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2011, p.112-149.
- Camarasa, Josep M. **De col·lecció privada a museu públic. El gabinet Salvador de l'Institut Botànic de Barcelona.** *Afers. Fulls Recer. Pensam.*,19, 2004, p. 721-727.
- Camarasa, Josep M. **Salvadorianae II. Les Jussieu et les Salvador: deux familles de naturalistes au début du XVIII<sup>e</sup> siècle.** In: Laissus, Y. (ed.). *Les naturalistes français in Amérique du Sud, XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles.* Actes du 118<sup>e</sup> Congrès national des sociétés historiques et scientifiques. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1995, p. 69-102.
- Camarasa, Josep M. **Salvadorianae III. Una descripció prelinneana de *Silene niceensis* All., deguda a Jaume Salvador i Pedrol, a l'edició de 1686 del *Botanicum Monspeliense* de Pèire Magnol.** *Collectanea Botanica*, v.25, n.2, 2000, p. 245–253.
- Camarasa, Josep M.; Amigó, Jean J. **Salvadorianae I. La correspondència de Pere Barrère i Volar (Perpinyà 1690-1755) amb Josep Salvador i Riera conservada a la biblioteca Salvador de l'Institut Botànic de Barcelona.** *Collectanea Botanica*, 22, 1993, p.73-104.

- Camarasa, Josep M.; Ibáñez, Neus. **Joan Salvador and James Petiver: the last years (1715-1718) of their scientific correspondence.** *Archives of natural history*, v.39, n.2, 2012, p. 191-216.
- Camarasa, Josep M.; Ibáñez, Neus. **Joan Salvador and James Petiver: a scientific correspondence (1706-1714) in time of war.** *Archives of Natural History*, 34, 2007, p.140-173.
- Camarasa; Ibáñez; Franquesa (eds.). **El Gabinet Salvador. Un tresor científic recuperat.** Barcelona, Manuals del Museu, n.2, 2019.
- Camarasa, Josep M. **Salvatorianae VI. La connexió siciliana de Jaume Salvador i Pedrol**, no prelo.
- Carvalho, Teresa N. **Clusius em Portugal: uma viagem, múltiplos encontros.** *Abriu*, 2, 2013, p.39-55.
- Cook, Harold J. **Matters of exchange. Commerce, Medicine and Science in the Dutch Golden Age.** New Heaven, London: Yale University Press, 2007.
- Cook, Harold; Walker, Timothy D. **Circulation of medicine in the Early Modern Atlantic World.** *Social History of Medicine*, v.26, n.3, 2013, p. 337-351.
- Daston, Lorraine; Park, Katharine. **Wonders and the order of nature,1150-1750.** New York: Zone Books, 1998.
- Daston, Lorraine. **Curiosity in early modern science.** *World & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, v.11, n.4, 1995, p. 391-404.
- Daston, Lorraine. **The ideal and reality of the Republic of Letters in the Enlightenment.** *Science in Context*, 4/2, 1991, p.367-386.
- De Vivo, Filippo. **Information and Communication in Venice: Rethinking Early Modern Politics.** Oxford: Oxford University Press, 2007a.
- De Vivo, Filippo. **La farmacia come luogo di cultura: le spezierie di medicine in Italia.** In: Conforti, M.; Carlino, A.; Clericuzio, A. (Eds.). *Interpretare e curare: medicina e salute nel Rinascimento.* Rome: Carocci Editore, 2013, p. 129-142.
- De Vivo, Filippo. **Pharmacies as centres of communication in early modern Venice.** *Renaissance Studies*, v.21, n.4, 2007, p. 505-521.b
- De Vos, Paula. **The rare, the singular, and the extraordinary: natural history and the collection of curiosities in the Spanish Empire.** In: Bleichmar, D.; De Vos, P; Huffini, K; Sheehan, K. *Science in the Spanish and Portuguese Empires (1500-1800).* Stanford University Press, 2008, p.271-290.
- Del Lungo Camiciotti, Gabriella. **Letters and letter writing in Early Modern culture: an introduction.** *Journal of Early Modern Studies*, n.3, 2014, p.17-35.
- Delbourgo, James; Dew, Nicholas (eds.). **Science and Empire in the Atlantic World.** London: Taylor & Francis, 2008.
- Delbourgo, James. **Collecting the world. The life and curiosity of Hans Sloane.** London: Allen Lane, 2017.
- Delbourgo, James. **Listing people.** *Isis*, 103, 2012, p.735-742.

Ebert, Christopher. **Dutch Trade with Brazil before the Dutch West India Company, 1587–1621.** In: Postma, J; Enthoven, V. (eds.). *Riches from Atlantic Commerce: Dutch Transatlantic Trade and Shipping*. Brill, 2003.

Egmond, Florike; Mason, Peter. **Armadillos in unlike places. Some unpublished sixteenth-century sources for New World *Rezeptionsgeschichte* in Northern Europe.** *Ibero-Amerikanisches Archiv*, 20.1/2:3, 1994.

Egmond, Florike. **Apothecaries as experts and brokers in the sixteenth-century network of the naturalist Carolus Clusius.** *History of Universities* XXIII, 2008, p.59–91.

Egmond, Florike. **Eye for detail. Images of plants and animals in art and science, 1500-1630.** London: Reaktion Books, 2017.

Egmond, Florike. **Precious nature: rare *naturalia* as collector's items and gifts in Early Modern Europe.** In: Rittersma, R. (ed.). *Luxury in the Low Countries. Miscellaneous reflections on netherlandish material culture, 1500 to the present*. Brussels: Pharo Publishing, 2011, p. 47.65

Egmond, Florike. **The World of Carolus Clusius: Natural History in the Making, 1550–1610,** London: Pickering and Chatto, 2010.

Estrada-Rius, Albert. **El monetari del Museu Salvador de Barcelona: notes per a l'estudi d'una col·lecció perduda,** RACBASJ. Butlletí, 22, 2008, p. 45-54.

Falchetti, 1999. El poder simbólico de los metales: La tumbaga y las transformaciones metalúrgicas, p.53-82. Boletín de Arqueología.Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, v.14, n.2, 1999.

Feli, A. **Noticias sobre los Reales Jardines Botánicos de Migas Calientes y El Prado** *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, 21, 1984, p. 91-116.

Findlen, Paula (Ed.). **Empires of knowledge. Scientific networks in the Early Modern World.** London, New York: Routledge, 2019.

Findlen, Paula. **Possessing nature. Museums, collecting, and scientific culture in Early Modern Italy.** Los Angeles: University of California Press, 1994.

Findlen, Paula. **The formation of a scientific community: natural history in sixteenth-century Italy.** In: Grafton, A.; Siraisi, N. (Orgs.). *Natural particulars. Nature and the disciplines in Renaissance Europe*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1999, p.369-400.

Findlen, Paula. **Early Modern Things: Objects in Motion, 1500-1800.** In: Findlen, ed. *Early Modern Things. Objects and their Histories, 1500-1800*. Routledge, 2013, p. 3-27.

Folch, Ramon (ed.). **Joan Salvador. Viatge d'Espanya i Portugal (1716–1717).** Barcelona, *Edicions 62*, 1972.

Folch, Ramon. **Botánica para después de una guerra. El viaje de Joan Salvador y Antoine de Jussieu por España y Portugal.** *Science Studies Journal*, 4, 2014, p.125-131.

Fumaroli, Marc. **The Republic of Letters.** *Diogenes*, v.36, n.129, 1988, p. 129-152.

García de Yébenes Torres, M. P. **La Real Botica durante el reinado de Felipe V (1700-1746),** Madrid, Universidad Complutense, [tese doctoral], 2001.

Garcia Espuche, Albert. Metges, cirurgians i apotecaris. In: \_\_\_\_ (Ed.). **Medicina i farmàcia. Barcelona 1700**. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2011, p. 16-55.

Garcia Espuche, Albert. **Una ciutat d'adroguers**. In: \_\_\_\_ (Ed.). *Drogues, dolços i tabac. Barcelona 1700*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2010, p.18-109.

Garcia Espuche, Albert. **Una ciutat de jardins**. In: \_\_\_\_ (Ed.). *Jardins, jardineria i botànica. Barcelona 1700*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2008, p.16-61.

Garcia Espuche, Albert. **Una societat assetjada. Barcelona, 1713-1714**. Barcelona: Editorial Empúries, 2014.

Gómez, Susana. **Natural collections in the Spanish Renaissance**. In: Beretta, M. (ed.). *From the private to public. Natural collections and Museums*. Sagamore Beach: Watson Publishing International, 2005, p. 13-40.

Grell, Ole O. In Search of True Knowledge: Ole Worm (1588-1654) and the New Philosophy. In: Pamela H. Smith & Benjamin Schmidt, eds. *Making Knowledge in Early Modern Europe: Practices, Objects, and Texts, 1400--1800*, Chicago, The University of Chicago Press, 2007, p. 214-232.

Grice-Hutchinson, Marjorie. **Some Spanish contributions to the Early activities of the Royal Society of London**. *Notes Rec. R. Soc. Lond.*, 42, 1988, p.123-132.

Hafstein, Valdimar T. **Bodies of knowledge. Ole Worm & collecting in Late Renaissance Scandinavia**. *Ethnologia Europaea*, v.33, n.1, 2003, p. 5-20.

Halikowski, Stefan S. **"The physician's hand": trends in the evolution of the apothecary and his art across Europe, 1500-1700**. *Nuncius*, 24, 2008, p.33-60.

Hansen, Julie V. **Resurrecting death: anatomical art in the Cabinet of Dr. Frederik Ruysch**. *The Art Bulletin*, v.18, n.4, 1996, p.663-679.

Hunting, Penelope. **Isaac Rand and the Apothecaries' Physic Garden at Chelsea**. *Garden History*, v.30, n.1, 2002, p.1-23.

Ibáñez, Neus *et al.* **Plant material exchanged between James Petiver (ca.1663-1718) and Joan Salvador i Riera (1683-1725). I. The Balearic plants conserved in the BC-Salvador and BM-Sloane Herbaria**. *Notes & Records of The Royal Society*, 60, 2006, p. 241-248.

Ibáñez, Neus. **Estudis sobre cinc herbaris històrics de l'Institut Botànic de Barcelona**. Barcelona, Universitat de Barcelona [tesi doctoral], 2006.

Impey, Oliver; MacGregor, Arthur (Eds.). **The origins of museums. The cabinet of curiosities in sixteenth and seventeenth century Europe**. Oxford: Clarendon Press, 1985.

James, K. A. **'Humbly dedicated': Petiver and the audience for natural history in early eighteenth century Britain**. *Archives in Natural History*, 31(2), 2004, p.318-329.

Jardine, N.; Secord, J.; Spary, E. (Eds.). **Cultures of natural history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Jordi i González, Jordi. **Aportació a la història de la farmàcia catalana (1285-1997)**. Barcelona: Fundació Uriach 1838, 1997.

Jordi i González, Ramon. **Colectanea de “speciers”, mancebos boticarios, boticarios, farmacéuticos practicantes de farmacia y farmacéuticos en Cataluña (1207-1997)**. Barcelona: Fundació Uriach 1838, 2003.

Jordi i González, Ramon. **Per a una genealogia dels apotecaris catalans: nota referida a Antoni Sala i pares**. *Gimbernat: revista catalana d'història de la medicina i de la ciència*, v.7, 1987, p. 91-100.

Kenny, N. *Curiosity in Early Modern Europe: World histories*. Harrassowitz, 1998.

Kinukawa, T. **Natural history as entrepreneurship: Maria Sibylla Merian's correspondence with J. G. Volkamer II and James Petiver**. *Archives of Natural History*, v. 38, n. 2, 2001, p. 313-327.

Knoeff, R. **Touching Anatomy: On the Handling of Preparations in the Anatomical Cabinets of Frederik Ruysch (1638-1731)** *Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, v. 49, 2015, p.32-44.

Knoeff, Rina. **Herman Boerhaave (1668-1738). Calvinist, chemist and physician**. Amsterdam: Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, 2002.

Kooijmans, L. **Death Defied: The Anatomy Lessons of Frederick Ruysch**. In: *Bijdragen en mededelingen betreffende de geschiedenis der Nederlanden* 126(4):126, 2011.

Kroupa, Sebastian. **Ex epistullis Philippinensibus: George Joseph Kamel SJ (1661-1706) and his correspondence network**. *Centaurus*, v.57, 2015, p.229-259.

Levitin, Dmitri. **“Made up from many experimentall notions”: the society of apothecaries, medical humanism, and the rhetoric of experience in 1630s London**. *Journal of the History of Medicine and allied Sciences*, v.70, n.4, 2014, p.549-587.

Lindeboom a, Gerrit A. **Herman Boerhaave (1668-1738). Teacher of all Europe**. *JAMA*, v.206, n.10, 1968, p.2297-2301.

Lindeboom b, Gerrit A. **Herman Boerhaave: the man and his work**. London: Methuen Publishing, 1968.

Lindeboom, Gerrit A. **Boerhaave's correspondence**. Leiden: Brill, 1962.

Livingstone, D. *Putting Science in Its Place. Geographies of Scientific Knowledge*. The Chicago University Press, 2003.

Lleonart, Jordi; Camarasa, Josep M. **La pesca a Catalunya el 1722 segons un manuscrit de Joan Salvador i Riera**. Barcelona: Museu Marítim, Diputació de Barcelona, 1987.

Lopes, L. S. **A cultura da medição em Portugal ao longo da história**. *Educação e Matemática*, n.84, 2005, p. 42-48.

López Piñero, J.M. **La medicina y las ciencias biológicas en la historia valenciana**. Valencia, Ayuntamiento de Valencia, 2004.

Lorenzi, Harri et al. **Brazilian fruits & cultivated exotics (for consuming in nature)**. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2006.

Lugli, Adalgisa. **Naturalia et Mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nelle Wunderkammern d'Europa**. Milano: Mazzota, 1983.



MacGregor, Arthur (ed.). **Naturalists in the field. Collecting, recording and preserving the natural world from the Fifteenth to the Twenty-First Century.** Leiden/ Boston: Brill, 2018.

Marcos, David M. **A embaixada de D. João de Almeida Portugal, 2º Conde de Assumar, na corte do arquiduque Carlos: notas diárias, percepções e identidade.** *Estudos & Documentos*, 23, 2015, p.263-284.

Marcos, David M.; Monteiro, Rodrigo B. **Penachos de ideias. A Guerra de Sucessão da Espanha e a formação de Pedro Miguel de Almeida e Portugal, 3º conde de Assumar.** *Varia Historia*, v.33, n.61, p. 253-284, 2017.

Margócsy, D. **A Museum of Wonders or a Cemetery of Corpses? The Commercial Exchange of Anatomical Collections in Early Modern Netherlands'**. In: Dupré, S; Lüthy, C. (eds), *Silent Messengers: The Circulation of Material Objects of Knowledge in the Early Modern Low Countries*, Berlin: LIT, 2011, 185–216.

Margócsy, D. **Refer to folio and number'': Encyclopedias, the Exchange of Curiosities and Practices of Identification before Linnaeus'**, *Journal of the History of Ideas* 71/1, 2010, p. 63–89.

Margócsy, Dániel. **Commercial visions. Science, trade, and visual culture in the Dutch Golden Age.** Chicago: The University of Chicago Press, 2014.

Martí i Escayol, Maria Antónia. **Catalunya dins la xarxa científica de la Il·lustració. John Polus Lecaan: medicina i botànica a Barcelona durant la Guerra de Successió.** *Manuscrits*, 19, p.175-194.

Martínez-Vidal, A.; Pardo-Tomás, J. **In tenebris adhuc versantes. La respuesta de los novatores españoles a la invectiva de Pierre Régis.** *Dynamis* v.15, 1995, 301-340.

Mason, Peter. *Deconstructing America: Representations of the Other.* London and New York: Routledge, 1990.

Mason, Peter. **From presentation to representation: americana in Europe.** *Journal of the History of Collections*, v.6, n.1, 1994, p.1-20.

Meléndez-Galán, Álvaro. **Familia Salvador. Biblioteca-Museo Salvador: breve bibliografía,** *Collectanea Botanica*, 31 2012, p. 107-111.

Montserrat, Josep M.; Pardo-Tomás, José. **Catàleg de la Biblioteca Salvador.** Vols. I e II. Institut Botànic de Barcelona. Barcelona: Ajuntament de Barcelona/ Consell Superior d'Investigacions Científiques, 2008.

Montserrat; Josep M.; Ibáñez, Neus. **Les plantes ornamentals i la botànica.** In: Garcia Espuche, Albert (Ed.). In: *Jardins, jardineria i botànica. Barcelona 1700.* Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2008, p.110-166.

Ogilvie, Brian. **The Science of Describing: Natural History in Renaissance Europe.** Chicago: Chicago University Press, 2006.

Olmi, Giuseppe. **From the marvellous to the commonplace: notes on natural history museums (16<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> centuries).** In: Mazzolini, R. (ed.). *Non-verbal Communication in Science Prior to 1900.* Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1993, p. 235-278.

Olmi, Giuseppe. **L'inventario del mondo. Catalogazione della natura e luoghi del sapere nella prima età moderna.** Bologna: Il Mulino, 1992.

- Olmi, Giuseppe. **La biblioteca dels Salvador en la República de les Lletres**. Barcelona: *Institut Botànic de Barcelona*, 2008. p.1-34.
- Orozco Acuaviva, A. **Pedro Virgili y el Hospital de Cádiz en el bicentenario de la muerte del fundador del Real Colegio de Cirugía de Cádiz**. *Medicina & historia: Revista de estudios históricos de las ciencias médicas*, n.23, 1976, p. 7-26.
- Padgen, A. **European encounters with the new world: from Renaissance to Romanticism**. Yale University Press, 1993.
- Padrón, R. **The Indies of the West' or, the Tale of How an Imaginary Geography Circumnavigated the Globe**. In: Lee, C. (ed.). *Western Visions of the Far East in a Transpacific Age (1522 – 1671)*. Routledge, 2012, 33-56
- Pardo Tomás, José. **Two Glimpses of America from a Distance: Carolus Clusius and Nicolás Monardes**. In: Egmond, F.; Hoftijzer, P; Visser, R. (eds.), *Carolus Clusius: Towards a Cultural History of a Renaissance Naturalist*. Amsterdam: Edita-KNAW, 2007, p. 173–193.
- Pardo-Tomás, J. **El médico en la palestra. Diego Mateo Zapata (1664-1745) y la ciencia moderna em Espanã**. Salamanca, Junta de Castilla y León, 2004.
- Pardo-Tomás, José. **Curiositats menorquines. Naturalia i artificiàlia al gabinet de la família Salvador**. *Randa*, n.76, 2016, p.33-50.
- Pardo-Tomás, José. **Escrito en la rebotica. Coleccionismo naturalista y prácticas de escritura en el gabinete de curiosidades de la familia Salvador**. Barcelona, 1626-1857. *Cultura Escrita & Sociedad*, n.10, 2010, p.17-52.
- Pardo-Tomás, José. **Història d'una biblioteca**. In: Montserrat, Josep M.; Pardo-Tomás, José. *Catàleg de la Biblioteca Salvador*. Vol. I. Institut Botànic de Barcelona. Barcelona: Ajuntament de Barcelona/ Consell Superior d'Investigacions Científiques, 2008, p.51-90.
- Pardo-Tomás, José. **Salvadoriana. El Gabinet de Curiositats de Barcelona**. Barcelona: Ajuntament de Barcelona/ Consell Superior d'Investigacions Científiques, 2014.
- Pereira, Marcos Aurélio de P. **Vivendo entre cafres: vida e política do conde de Assumar no ultramar, 1668-1756**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, [tese doutoral], 2009.
- Pomian, Krzysztof. **Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles**. Paris: Éditions Gallimard [Bibliothèque des Histoires], 1987.
- Pourret, Pierre-André. **Noticia histórica de la familia Salvador de Barcelona** [Nueva edición corregida y adicionada]. Barcelona: *Imprenta de Antonio Berdeguer*, 1844.
- Pozo i Ferrer, Montserrat. **La Farmàcia de Calonge i la família Bou**. *Estudis del Baix Empordà*, n.18, 1999, p.153-178.
- Proietto, Pietro. Francesco Cupani. **Naturalista contemporaneo. Percorsi e ripercorsi storici legati al maestro dei semplici e al suo Paradiso Terrestre**. Lulu, 2014.
- Pugliano, Valentina. **Botanici e artigiani a Venezia: I (pochi) amici di Carolus Clusius**. *Jahrbuch für Europäische Wissenskulturr*, v.6, 2011, p.1-25.

Pugliano, Valentina. **Natural history in the apothecary's shop**. In: Curry, H.; Jardine, N.; Secord, J.; Spary, E. (Eds.) *Worlds of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 44-60.

Pugliano, Valentina. **Specimens lists: artisanal writing or natural history paperwork?** *Isis*, v.103, n.4, 2012, p. 716-726.

Pulvirenti, S. *et al.* **Francesco Cupani: the "scientific network" of his time and the making of the Linnean "system"**. *Acta Botanica Gallica*, v. 162, n.3, 2015, p. 215-223.

Pulvirenti, S. *et al.* **Study of a pre-Linnaean Herbarium attributed to Francesco Cupani (1657-1710)**. *Candollea*, 70, 2015, p.67-99. *Nuncius*, 24, 2008, p.33-60.

Raj, KapiI. **Go-Betweens, travelers and cultural translators**. In: Lightman, B. (ed.) *A Companion to the History of Science*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2016b, pp. 39-57, 2016

Raj, KapiI. **Intermédiation et intermédiaires**. In: Marie Thébaud-Sorger, Fabien Simon & Liliane Hilaire-Pérez, (eds). *L'Europe des sciences et des techniques: XVe-XVIIIe siècles*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2016a, p. 213-217.

Rivero Matas, Montse. **Cultura de jardins. Les anotacions d'un jardiner**. In: Garcia Espuche, Albert (Ed.). In: *Jardins, jardineria i botànica. Barcelona 1700*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2008, p.62-109.

Rose, Edwin D. **Natural history collections and the book. Hans Sloane's A voyage to Jamaica (1707-1725) and his Jamaican plants**. *Journal of the History of Collections*, v.30, n. 1, 2018, p.15-33.

Sampietro Solanes, María Jesús. **La comunicación científico-médica en Mallorca (1560-1760). Bibliotecas de médicos, boticarios y cirujanos e introducción de medicamentos *chymios***. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears [tesis doctoral], 2015.

Schaffer, S. *et al* (eds.). **The brokered world. Go-betweens and global intelligence, 1770-1820**. Sagamore Beach: Watson Publishing International, 2009.

Schiebinger, Londa; Swan, Claudia (Eds.). **Colonial botany. Science, commerce, and politics in the Early Modern World**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

Schnapper, Antoine. **Le Géant, la Licorne, la Tulipe. Collections et collectionneurs dans la France du XVIIe siècle. I. Histoire et histoire naturelle**. Paris, Flammarion, 1988.

Serrano Méndez, Alexis. **Pau Martí i la fundació del Monestir de l'Assumpció de Mataró**. *Sessió d'Estudis Mataronins*, n.21, 2004, p. 181-190.

Silva Filho, Wellington B. **Entre as mezinhas lusitanas e plantas brasileiras: iatroquímica, galenismo e flora medicinal da América portuguesa do século XVIII nas farmacopeias do frei João de Jesus Maria**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências [tese doutoral], 2017.

Smith, Pamela H.; Findlen, Paula (eds.). **Merchants & Marvels: commerce and the representation of nature in Early Modern Europe**. New York, Routledge, 2002.

Smith, Paula H.; Schmidt (Eds.). **Making knowledge in Early Modern Europe. Practices, objects, and texts (1400-1800)**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2007

Stearns, Raymond P. **James Petiver. Promoter of natural science, c.1663-1718**. *Proceedings of American Antiquary Society*, 52, p.243-365.

Torras i Ribé, Josep M. **El corresponsals del comerç català amb Europa al començament del segle XVIII**. *Recerques: història, economia, cultura*, n.23, 1990, p.115-139.

Wallis, Patrick. **Apothecaries and the consumption and retailing of medicines in Early Modern London**. In: Curth, L. (ed.). *From physick to pharmacology: five hundred years of British drug retailing*. Aldershot: Ashgate, 2006, p.13-28.

Wallis, Patrick. **Exotic drugs and English medicine: England's drug trade, c.1550-c.1800**. *Social History of Medicine*, v.25, n.1, 2011, p. 20-46.

Welch, Evelyn. **Space and spectacle in the Renaissance pharmacy**. *Medicina & Storia*, v.8, n.15, 2008, p.127-158

Whitaker, Katie. **The culture of curiosity**. In: Jardine, N.; Secord, J.; Spary, E. (eds.). *Cultures of Natural History*. Cambridge University Press, 1996, p.75-90.

Wijnands, D. O. **The Botany of the Commelins**. Rotterdam: A. A. Balkema, 1983.

Yaya, Isabel. **Wonder of America. The curiosity cabinet as a site of representation and knowledge**. *Journal of the History of Collections*, v.20, n.2, 2008, p. 173-188.

Zalum-Cardon, Margherita. **Passione e cultura dei fiori tra Firenze e Roma nel XVI e XVII secolo**. Firenze: Olschki, 2008.

Zarzoso, Alfons. **La pràctica mèdica a la Catalunya del segle XVIII**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra [tesi doctoral], 2003.

## **Anexos**

As cartas aquí reproduzidas procedem de arquivos em Barcelona (IBB-Fons Salvador) e Londres (BL- Sloane Manuscripts). Uma parte da documentação apresentada é resultado dos trabalhos de Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez (Camarasa, 1993, 1997, *no prelo*; Camarasa & Ibáñez, 2007, 2012). A transcrição de alguns documentos inéditos foi cedida por Josep Maria Camarasa. Onde se faz constar uma coisa ou outra, deve-se entender que a transcrição é de minha autoria.

### **Anexo 1. Cópia de carta de Jaume Salvador i Pedrol a Paolo Boccone (20/10/1693). IBB, Fons Salvador, R.(00/01-04)a, cf. Camarasa, *no prelo*.**

Al Paulo Boccone de Palermo

Muy S<sup>r</sup> Mio – Aunque es verdad que no tengo conocimiento con V<sup>e</sup> si solo por su libro, y aora à las noticias que me ha dado el S<sup>r</sup> D<sup>n</sup> Joseph chirujano major de la escuadra de las galeras de esse Reyno no sabia que V<sup>e</sup> viviesse en essa Ciudad, y tambien al tiempo que me hallava en la Universidad de Montpellier con el Canciller de la Universidad el d<sup>r</sup> Miguel Chicoyneau, d<sup>r</sup> Magnol y otros aficionados a la Botanica hablavamos a menudo de V<sup>e</sup> majormente hallando alguna de sus plantas, de las quales la major parte tenemos observadas ja en los entornos de Montpellier, Provença y otras partes que he corrido como en esta Provincia de Catt<sup>a</sup> y Cerca esta ciudad de Bar<sup>a</sup>, y es cierto que su gran dotrina, cuydado, y trabajo en la observacion de las Plantas le huviera augmentado su obra si huviesse examinado este pays, es a saber por las marinas y partes calientes, pero en los

montes frios aunque grandes en esta tierra como son los Pyreneos, Monseny &c<sup>a</sup> no hallamos cosa que por los Autores modernos no sean halladas, y majormente quien tiene los mas que an escrito de Plantas como jo los tengo casi por el pais frio no halla novedad, pero como dixen en las marinas, *in tesqui et locis maxime a sole exertis*, se hallan algunas que aun no estan descritas, pero en fin es bueno el participarlas a los estrangeros para que satisfagan su curiosidad, lo que alabo mucho, que assi en Espanya creo que soy solo en essa afficion de conocer los simples; algunas tengo comunicadas a mi grande amigo el d<sup>r</sup> Joseph Tournefort que los dos somos condiscipulos de los sobredichos Magnol, y Chicoyneau, y el dicho Tournefort oy hace las demonstraciones públicas de las plantas en el Jardin Real de Paris, y algunas que hallará que son plantas de Espanya en el libro intitulado *Horti Academici Lugdo-Batavi d. Pauli Hermanni Catalogus* y majormente *Astragalus hispa. siliqua epiglotydi simili flore purpureo Tournefortij*. essas y otras son vezinas a esta Ciudad y no tenemos noticia se hallen en otra parte en el Appendice del libro de Magnol hallará tambien algunas mias a dicho Magnol comunicadas, y me dixo tambien el dicho d<sup>n</sup> Joseph se alegrara V<sup>e</sup> saber los libros que tenemos mas modernos de Plantas, le diré sobre esse punto que desde que ay guerra no nos atrevemos recibir ni enviar letras a Francia, y assi por essa parte no puedo saber los que ay nuevos; de Olanda es el sobredicho Catalogo del Jardin de Lugduno-Batavor. con muchas descripciones de plantas nuevas - La Historia de Plantas de Juan Rayus Ingles, con el Catalogo de las de Inglaterra – Magnol *Catalogus plantar. circa Monspel.* y otros que creo que V<sup>e</sup> como tan curioso los tendra. – Quisiera saber, como V<sup>e</sup> esta vezino de Bononia si a salido tratado de plantas de Ulysses Aldrovandij mas de la *Dendrologia* que se imprimio el año de 1668. El dicho d<sup>n</sup> Joseph me pidio algunas plantas secas y siento el no poderme hallar con muchas y exquisitas; pero todavia le hara ver algunas que se lleva, y majormente el *Gramen bicornis* descrito de V<sup>e</sup> si es el que va aqui que me haze dificultad, y si la *Conyza Globosa* es tambien la que va aqui como tambien las demas, que a todo me remito a su buen parecer; y estimarele no me tenga en olvido si se le ofrece algo en esta tierra que lo hare con gusto, y si quisiera escribir no repare en escribir en Latin, Italiano, o, cualquier otra lengua Europea, que a mi todas por la gracia de Dios entiendo y hablo. Dios le g<sup>de</sup> - desta su Casa Bar<sup>a</sup> y 8<sup>bre</sup> a los 20 dias 93

**Anexo 2. Carta de Paolo Boccone a Jaume Salvador i Pedrol (03/12/1693). IBB, Fons Salvador, R.(00/01-03)a, cf. Camarasa, no prelo.**

Molto [Ill<sup>tre</sup>] S<sup>e</sup> mio [P...] <sup>imo</sup>

V.S. m'ha fatto un honore grande a scrivermi per mezzo del S<sup>r</sup> Chirurgo della Squadra di Sicilia, e la ringrazio infinitamente: Ho havuto gran piacere di conoscere V.S. per via di lettere e veggo che V.S. ha havuto una buona scuola principalmente per havere praticato col Sig. Tournefort, che é un Letterato e un Botanico di gran sapere; e se egli fatta la Pace venisse a cercare la Sicilia troverebbe cose molto belle. Io anderò a vedere le piante secche che V.S. ha mandato e dirò il mio parere: faccio sentire a V.S. come dimani parto da Palermo per andare a Venetia per stampare un Libro delle Piante nove trovate in Sicilia oltre a quelle gia stampate: vi sono 120. figure, e molte osservazioni Naturali: se V.S. desidera havere uno esemplare mi scriva a Venetia a chi ho da consignare il mio libro che la servirò in segno di stima, e scriverò che poi lo mandino a V.S. per via sicura perche io non ho modo de farlo capitare: le lettere de V.S. devono havere questo adresse. Al P. D. Silvio Boccone Monaco Cisterciense per ricapito in Frezzeria all'Adamo ed Eva. Venezia. che l'haverò subito, e di cuore la vinedisco et bacio aff<sup>te</sup> le mani. Pal. 3 dic<sup>e</sup> 1693

D. V.S. M<sup>to</sup> [...]

Att<sup>mo</sup> et Oblig<sup>mo</sup> serv<sup>re</sup> nel [...]

Silvio Boccone

**Anexo 3. Carta de Giuseppe Ausia a Jaume Salvador i Pedrol (12/05/1694). IBB, Fons Salvador, R.(00/01-01)a, cf. Camarasa, no prelo.**

Mi. Domine

Donum botanicum a te missum accepi a Domino Josepho Longo tiremum Chirurgo mihi familiarissimo: admirati sunt quam plures exercitatissimi Botanici virum te curiosum et expertum, cum autem herbas mihi tradidisset D<sup>e</sup> de Longo et illis [fruesere] postea Bocconio nunciavi, qui domi meae cum herbas rem examinasset et illas auctorum mentibus consonas adnotaverit furatus est eas et abijt ac me tanto dono orbavit: Ipse vero in dictis herbis notavit quod | Scabiosa ovilla dicta J.B. | ad sit talis, promisit vero mihi illam aliquando ad te missum et laudavit te botanicum in orbe nulli secundum et postquam examinasset supradictas herbas discessit cachinans animo hilari ambibus manibus tenebis illas in pectore dixit, se nunquam gavissum fuisse quantum illa die per tuarum herbarium furtum, nec permissit me illis frui, solummodo reliquit aliquas quae hic habemus in multa copia uti est | Solanum scand. seu dulcamara, | Antirrhinum pratensis serratis fol. J. B. et aliquo postridie discessit ab urbe Venetiis ut alterum librum botanicum typis mandaret.

Interim monitus te volo A.R.P.M. Franciscus Cupani 3<sup>i</sup> ordinus S. Francisci indefesso labore disponere novus opus typis mandandum plantarum Siciliae ubi ad mille icones circiter summa diligentia solum faciet brevi

temporis spatio, advenit nonnullae noviter ab ipso observatae. Interim tibi viro exercitatiss<sup>o</sup> mittit presentem [ileg.] suum opus botanicum [ileg.]. hic existimat gramen autem Dalechamp. Hist. Lugd. a te dictum earum gramen panicula virescente glumis denticulatis in impressi catalogo etc Planta aster cervinus a te dicta videtur in centuria Cesalpini. Ceteris admiratus sumus multa in suo libro perdiscimus et de eo gratias agens summo pere. Deprecor ut D. Josephus Longo [presentis laterem] eo quo me ipse diligit amore, tu ipsum amas. Vale. Panormi 12 die Maij 1694

servus additiss.<sup>s</sup>

A. et M. Dr. Joseph Auria

**Anexo 4. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (24/12/1706). British Library. Slo. Ms 4064, f. 124; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.166**

Monsieur

Il y a deux mois que je suis de retour de la France et de l'Italie, ou j'ai resté deux ans, seulement pour la cognition de Plantes, et du temps que j'étois a Montpellier, j'ai eü l'honneur de parler avec Mr Nisolle de votre science dans la Botanique, et aussi avec Mr Tournefort a Paris avec les quels je suis intime amy et nous avons le commerce de Plantes; comme aussi avec Mr Triumfetti, et Mr Tilli. Je souhaitterais Mr. avoir avec vous le meme commerce, en vous offrant tout ce qui depend de moy, et vous faire part de nos belles Plantes de la Catalogne, des quelles je vous envoie celles que j'ai pu ramasser apres mon retour, mais l'année qui vient j'aurai le soin d'en ramasser beaucoup d'autres. Je vous prie Mr de avoir la bonte de me faire part aussi des plantes et autres curiosités que vous recevez des Indes, comme des coquilles, des Papillons, et autres, a la cognition des quelles je suis fort passioné; si vous souhaitez de des petrifications, du sel de Cardone, des coquilles, des plantes marines, et des plantes seches, en un mot de tout ce que contient l'histoire naturelle, je vous en faire part, de celles que nous avons en Catalogne; je vous prie Mr de m'honorer de vos commandemens, et de croire que je suis

Mr

Votre tres humble et tres obeissant serviteur

A Barcelone ce 24 Xbre 1706

Jean Salvador Apot. de Barcelona

Si me fessez l'honneur de m'ecrire c'est l'adresse suivante

A Jean Salvador metre Apoticaire au

Carrer Ample

Barcelona

**Anexo 5. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (21/04/1708). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p. 143.**

Worthy Sr

Altho I have not had an Answer to my last, yet I cannot miss this opportunity of writing to you by this Curious Gentleman & my Worthy friend Dr John Lecaan one of her Majesties of Great Britains Physicians, whom I recommend to your Acquaintance & Freindship. By him you will receive a Collection of about 100 dry Plants wth 20 English Ferns & 30 Mosses, 40 East India Grasses, Cyperusses & Rushes the Rest Cape Heath & American officinales &c wth 25 English Buterfl ies & some American. To these I have added the 10 Centuries of my Museum & a Catalogue of te First Volumne of my Gazophylacium Naturae et Artis with 4 or 5 Tables of such Plants, Crusty Animalls, Shells &c. as are to be met with in your parts & which I should be glad to see.

I hope by te fi rst ship bound for London you will send me wtever of these things you have duplicates of by you [ileg.] can gather in the interim. And I will return you as soon as I shall receive them a Curious collection of Indian Shells which I am putting up for you as also an other Book or two of dry Plants from Africa & both te Indies, with severall other things. What Plants you send me I desire you will (if not a nondescripts) put some one Authors Name to tm as Clusius, [Caspar Bauhin], [Johann Bauhin], Tournefort, &c.

Pray as soon as this comes to your hands let me know of Dr. Nissoles Health & if you hold a Correspondence with him I desire you will give my Respects to him & send him a List of such Plants you cannot help me to, out of te Catalogues of Magnol, &c. And let him know I will by te very next opportunity send him a collection of some things that endeavour to merit wtever he sends me thro your hands.

I desire Sr. you will acquaint Dr Tournefort when you write to him, that I was in expectation of receiving something from him by the hands of our Curious Freind Dr Lavater a Swiss who was lately wth him & that if he pleases either thro your hands or any other safe conveniency as by way of Leghorn &c. to send me what out of this vast stock he can easily spare I shall make him recipocall returns & I hope of such things he himselfe has not yet seen & I beg of you tt you will tell him I desire to know his mind.

Doubt not Sr but in your Travell thro Italy & France amongst so many curious Naturalists & Botanists you met

with severall rare Plants & other things, a Catalogue of which I should be glad to se [ileg.] samples of such you have duplicates, of I should be glad to know wt amongst the Curious is publishing & when we may expect to see Dr Tournefort 2 volumes, which I hear are in the Press, & I should be glad to have them.

Dr Sloan, Secretary to our Royall Society hath lately Printed his fi rst volumne of the Naturall History of Jamaica &c. Its a large Folio & contains above 450 plates in large Tables & is sold for 50 shillings.

This month is published Dr Scheutzer his Itinera Alpina Tria<sup>9</sup> a book very full of curious obserbables in botany &c. a Coppy of which I present you with & if either in Spain or elsewhere you can dispose of them att 10 shillings te Book I will send you what you desire which you may acquaint yr friends & correspondence [ileg.] te like I should be glad to serve you in concerning any new Bookes relating to Nature &c.

Dr Lecaan will give you directions how to send yr Letter ffrank to me, or will take Care of them himselfe. I therefore desire you will not fail to let me know immediately yr receipt of these things & how you like them, but, if they are not so acceptable as you might expect, pray let me know wherein & I will endeavour by te next to amend being very desirous to approve my selfe.

Worthy Sr your most affectionate Freind & humble Servant

James Petiver

London Ap. 21 1708

you may direct for me James Petiver Apothecary to te Chartreaux & Fellow of te Royal Society in Aldergate Street, London.

**Anexo 6. Carta de Joan Salvador a James Petiver (22/09/1708). BL, MS-Sloane 4064, f.176; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p. 166.**

Monsieur

A la fi n du mois d'Aoust j'ai receu par les mains de Mr Lecaan celebre medecin de votre nation les Plantes et les Papillons mais ils etoint un peu gatté a cause de l'humidite. Le livre de Mr Scheuchzerus, votre Museum et le Gazophilacium naturae et artis sans les tables (que je vous prie de m'envoyer) et quatre autres Tables ou sont fi gurés differents Crustacei et Plantes desquelles je vous pourrais envoyer presque tout. Je vous envoie une boîte dans le quelle vous trouverait les plantes qui sont dans le Catalogue, quelque petrifi cation et des Cochlea, qui se trouvent en Catalogne, j'espere par une autre occasion vous envoyer quelque autre chose qui vous fera plaisir, et j'aurois soin en voyagent par Catalogne de remasser quelque chose pour vous. Je vous serai obligé Mr si vous pouviez m'envoyer les drogues qui sont dans le Catalogue et quelques Petrifi cations d'Angleterre, qu'a decrites Mr Lister et aussi continuer a me faire part des Plantes et des Papillons et d'autres choses, que vous avez dans votre Museum, et j'espere que vous augmanterez le mien de choses tres rares. Si vous recevez quelque drogue rare je vous prie aussi m'en faire part car je desire augmenter beaucoup mon droguier. Si vous me faites l'honneur de m'envoyer quelque chose ne trouvent Personne fi del pour me le rendre, vous pourrez l'adresser a Mr George Crove, Consul de votre Nation a Barcelona ou bien le mettre entre les mains de Madame la femme de Mr Lecaan, la quelle acommodera entre les Balots qui doit envoyer a son mari a cette ville. Je vous envoie une lettre de change de sis livres Sterlines pour acheter les livres qui sont dans le Catalogue et si vous en manquent ne laissez pas de les acheter qu'apres je vous rembourserai l'argent qu'aurez depasse; J'ai redit vos compliments a Mr Nisolle et a Mr Tornefort, et de croire que je suis avec attachement.

Tuus humillissimus et additissimus amicus et servus.

Barcelona ce 22 7bre 1708

Dr. Joannes Salvador Barcinonensis Pharmacopus

**Anexo 7. Carta de Joan Salvador a James Petiver (08/11/1708). BL, MS-Sloane 4064, f.184; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.167.**

Monsieur

J'espere que vous aurez receü par les mains de Mr Pelham Johnston Phisitian in St John's Colledge de Cambridge, ó sinon par celles de Mr William Neilson Phisician at Mr James Neilson in Litle Cisel street near de Queen's Weighouse de London, une boîte dans laquelle il y avoit des Plantes et des Petrifi cations; et une lettre de change pour m'acheter les livres marqués dans le Catalogue, et aussi un Catalogue des drogues que je vous demandés, en je vous prie de vouloir m'en faire part des celles plus rares que vous aurez, et aussi des Plantes et des Papillons, etc.; par la premiere ocasion qui partira pour London je vous enverrai quelques coquilles et autres choses, je vous prie de vouloir continuer ce commerce, et de croire que je suis

Mr.

Votre tres humble et tres obeissant serviteur

Barcelona ce 8 9vre 1708

Jean Salvador

**Anexo 8. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (sem data). BL, MS-Sloane 4064, f.189; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.145.**

Mr Petiver

Sr

I hope that by this time one Mr Johnson hath delivered you what Mr Salvador hath send you, [ileg.] which he doth expect your k[ind] return and is preparing m[ore] [th]ings to send you by the fi [rst] [op]portunity and I hope like him to send you few shels a friend of mine got in Port Mahon, I was in Tarragona where in the ruine of old churches and church yards several meddals are found, there is likewise several old roman inscriptions upon stones found buried under ground occasioned by digging to fortifi e the said place, I wish I had a skill to know the value of all those, to send you or your friends a copie of them, if you send here any thing, you may put them amonghst the chest of medecines in the savoye, this is all att present

from Sr your humble servant

J. Lecaan

**Anexo 9. BL, MS-Sloane 3337, f.10. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (03/10/1708), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.145-146.**

Dr Lecaan

Worthy Friend

Having not as yet heard either from Dr Salvador or yr Selfe it makes [ileg.] I know whether he has received th things I sent by you & if so I was in hopes [ileg.] this to have had a Cargoe from him wch if he has not already sent, pray as soon as this comes to yr hands press him very earnestly to it, & let him know I have other Curiosities ready for him wch I will send as soon as I receive any thing from him. I hope also you have made a Collection at Gibraltar yr selfe because I design a Catalogue to print an Acct of th Plants Shells Insects &c found at that town & on Mount Calpe some of wch I already have & would willingly add others of th collecting or procuring to them. I therefore pray tt both you & Dr Salvadore will oblige any persons you know there, or that shall go rather to make Collections for me. Te like if yu can att Sardinia & Port Mahon Mallorca or any other Islands the Spaniards or [we] sail to. I hope you are not unmindfull of yr promise in Collecting me wt ever Plants, Shells or Insects you meet with in Spain & that you will send me what you have already got by th fi rst ship that come for England, that I may te sooner let you & te world see what those parts afford & who they are obliged to for them. I have since yu left England printed several little Tracts relating to these things wch as soon as I receive any collection from you I will send as you shall give me directions. Pray accept of my hearty Respects with th same to Dr Salvador & assure him tt you both are in th list of our absent Friends every Saturday night whose healths are drinken & that nothing will be more acceptable to me than learning suddenly from you both wch pray let him immediatly know from

Worthy Fr Both his & your most affectionate Friend & humble Servant

J. P.

Octob.3, 1708.

**Anexo 10. Carta de Jean Lecaan a James Petiver (10/02/1709). BL, MS-Sloane 4064, f.191; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146.**

Barcelona febr. 10th 1709

Sr

Altho our continual bussiness doth not let us have any opportunity or time to Collect in this country as much as you expect, yet I have found att Tarragona in the very substance of the rocks blowed up to make the fortifications there, the shels, etc. of diferente fi gure, that nature did fream so dexterously, of wich sorte perhaps you did never see before. Mr Salvadore is likewise very diligent to send you what he can get in this country, which I hope will satisfi e you better than what I can fi nd, after my humble service, to all our friends with you I remain

Sr Your most humble servant

John Lecaan

**Anexo 11. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (17/02/1709). BL, MS-Sloane 3337, ff.91v-92r; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146.**

Dr Lecaan

Worthy Sr

Yr I recd on Friday last with one inclosed from Dr Salvadore, both wch were very acceptable but above all his



Collection of Spanish plants wch I received te week before, I could have wishd there had been more of these, for I find many amongst Dr Johnston's own Collections, wch are not amongst these he sent me, however pray let him know I am putting up more for him wch I will suddenly send him with the bookes he wish for, as also severall things he desires in his Catalogues of Drugs. I desire he will forthwith send this Catalogue of Mompelier Plants to Dr Nissole & tt he will write him [ileg.] he shall not fail of a collection of my Curious Indian Plants for such he shall send me mentioned in tt List amongst these send to Dr Salvadore. You may be assured Worthy Sr your Port Mahon shells will be very acceptable as also whever Plants you can procure from those Islands as Sardinia &c wch I beg you will use your utmost interest to got for me & with those Dr Salvadore sends next time wch I hope for by te fi rst Opportunity. I expect yu will favour me with a Collection of Spanish plants of yr own particular procuring wch may serve for materials to enlarge te next edition of yr so acceptable Treatise I desire you will once or twice at least every Month employ a Man purposely to fill Bookes with whever Plants they shall meet with without any distinction of being rare or comon, since both from those parts will be acceptable for me. As for medals, if yu can purchase tm for little more than their intrinsick value yu [need] no doubt but you may at yr return make double yr money of them here besides obliging several Curious Men to be yr friends. I hope Sr neither Dr Salvadore nor yu will omit any opportunity this spring & ensuing sumer to get whever plants yu meet with, & pray assure him my respects & [ileg.] to yu both. [ileg.] nothing can be more welcome to me than Collections of Nature & pray let him know I will write particularly to him with the things I send & tt it shall be my daily endeavour to approve myselfe.

Worthy Sr both his & yr most affectionate Friend and humble Servt  
London Febr. 17. 1709

**Anexo 12. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (29/09/1709). BL, MS-Sloane 3337, f. 60r; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.147.**

Dr Lecaan

Worthy Sr, I am not a little Concerned tt the box I designed for Dr Salvadore with yr things by Dr Stewart were left behind, nevertheless I hope he will now suddenly receive tm, pray assure him I have another Collection of very Curious Plants, Shells &c ready for him, wch I will send with the things Madam Lecaan is getting ready for yu. Yr Lady yesterday shew me a Letter from you wherein yu say that Dr Salvadore & yrselfe has gott some Collections ready for me. I hope they are already on their way for England. I beg yu will send tm by the first ships bound for London, with a Letter or advice separate. You mention some Shells from Port Mahon you have for me wch I long to [ileg.]. I hope Dr Salvadore has procured some Collections of Plants from that Island with their fruit & seed. The [ileg.] I beg he will do of all te Plants wch grow abt Barcelona, this being a proper [station] before tt winter approaches, for gathering ripe fruit & seed to [raise] in our Physical Garden at Chelsey wch is in part now under my Care. I hope now yu [ileg.] in yr Country you will not be unmindful of furnishing me with some Matter for improving & [ileg.] the Materia Medica & Practica of Physica [ileg.] in order to do 2nd Edition of your last Treatise, wch te world will now begin to want, & Clusius his history will be not small help to yu. Pray forgett not to oblige one of yr servants or some other [Body] once a week at least to take a Brown Paper Book with yu into the Fields wch let tm fill wth 2 or 3 sprigs of every sort of [ileg.] Tree Bush or Herb yu meet with, wch I shall take as yr own Collections & I hope by yr first [ileg.] I shall see what you [have] procured. For I am very ambitious of having yu with Dr Salvadore [ileg.] print in relation to such Plants as grow in yr parts of Spain wch I hope to receive from yu & him, wch I will publish & send yu Coppies of tm. Pray give me hearty Respects to Dr Salvadore with te same to yrselfe & be assured nothing can be more acceptable to me than hearing often & effectively from you wch shall be retaliated by

Worthy Sr Yr most affectionate friend and humble servant  
J. P.

**Anexo 13. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (16/01/1710). BL, MS-Sloane 4064, f.218; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146.**

Monsieur

J'apprens par la lettre que vous ecrivez a Mr le docteur Lecaan, que vous m'avez fait une bonne collection des Plantes et d'autres choses, je vous suis bien obligé, et je vous prie de les envoyer par la première occasion avec une partie des drogues contenues dans le Catalogue et les Livres que je vous ai demande l'année passée; je vous prie aussi si vous trouvez les Opera Botanica Parkinsoni; Scotia Illustrata Sibbaldi, Gerardi Hista Plantarum emaculata, et quelque autre livre nouveau de l'histoire naturelle, de me les envoyer, et me marquer le prix pour apres vous faire tenir l'argent; si vous recevez quelque chose, soit des Insectes, ou Poissons, Coquilles, Petrifications, Mineraux, Papillons, Drogues, &c je vous prie de m'en faire part, car j'espere que vous serais un grand augmentateur de mon Cabinet.

Dans peu de jours partira d'ici une flotte pour London, par la quelle je vous enverrai une boîte avec les Plantes

contenues dans le Catalogue, et une bonne congelation du sel de Cardona; des graines je n'ai pas un grand nombre mais je vous enverrai celles que j'aurai, je vous prie aussi de m'en faire part de celles que vous aurez, par une autre occasion je vous en écris plus au long, je reste de tout mon cœur

Votre très humble et très obéissant serviteur et amy

Barcelone ce 16 janvier 1710

Dr. Jean Salvador apot.

**Anexo 14. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (26/02/1710). BL, MS-Sloane 4064, f.224; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.167.**

Alt. Dom. Jacob. Petiver

Credo, apud ad tuas manus jam pervenierunt duae alia littera unum Catalogo Plantarum hoc anno collectarum, et alio Catalogo quorundem Simplicium a me valde desiratorum, pro augmentum mei Musei. Nunc per navem dictam Hattley Frigatt cujus est Governator Capitan Thomas Young, pervenient Plantae contentae in Catalogo, et quaedam congelatione Salis Cardonae, et alia; hoc anno continuabo insiccatione aliquarum plantarum, et per occasione opportunam mittam. Quando accipies aliqua rariora, sit Testacea, Animalia, Plantae et similia naturalia [ileg.] aliquid mihi comunic[ileg.] et spero quod ex liberalitate tua meum Museum augmentabitur: desideratissima sunt mihi acta philosophica londinensium, et vellem habere omnia hujus centuria, et continuando singulo anno: non dum accipi libros in alliis Catalogis desideratis, et illos expecto per primam occasione: vale et jube

Tuus in omnibus humillimum

V. Dem Joannem Salvador Pharmacopeum

Barcinone 26 Februari 1710

**Anexo 15. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (10/02/1710). BL, MS-Sloane 3337, ff.79r-80r; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.146.**

Dr Lecaan

Whorthy Sr. I was last Night to wait on yr Lady who acquainted me with a letter she has this weeke recd from you, in wch she tells me you mention some Collections Dr Salvadore has sent me. I could have wished to have known by what ship, because here hath been severall come safe to London very lately, amongst them I hope my Collections are, but for want of advice by which, I am at a loss where to enquire. Pray therefore Sr let him immediately send me word by wt Ship & to whose Care he has committed them for untill I hear I shall be very much affraid of their miscarrying. You may Sr assure him as soon as they come to my hands I will by the same ship send him another Considerable Collection with some tracts of Naturall History wch I have lately publishd, these are to oblige him to make me quicker returns tgh I must Confess I cannot in Equity expect it till he has received te 2 last Collections with the greatest part of the bookes he wrote for wch have lain so long at Portsmouth, but they will now as Mad. Lecaan tells me very suddenly sent, wch I beg you will acquaint him with & that he will be pledged to let me know whether Dr Magnol & Dr Nissole at Mompelier be living & when heard from te last. Sr I heartily congratulate you on yr daily great Acquisitions both in Honour & Proffi tt, hopping neither of tm will be obstacles to yr employing now & then amongst te many servants at Comand one of te most meniall to go once a week or oftner with a Rm or two of Brown Paper (into the Fields, Woods, Mountains &c) wch let him fill with 2 or 3 Sprigs of all Sort of whever Tree Bush or Herb he shall meet with without any distinction [&] the new or te Common, only writing in te beginning of the Book on a peice of paper in wch month & place ty where gathered, these [so] send I shall looke upon as your proper collections, & shall distinguish tm as such from Dr Salvadores when I come to print an Acct of them as I hope to doe this Spring if yours come not too late. I hope yu will not also be unmindfull of all opportunities tt may offer te engage such Persons you can, as goe to te Barbary coasts or any other in te Mediterranean either continent or Island to gather what Plants, Shells or Insects ty may meet with, this Sr will be an eternall obligation wch I shall on all occasions acknowledge to yu utmost of my Power who am

Sr. Yr most affectionate friend & Hearty [well]jed Wisher.

J. P.

London Febr. 10.1709/10

**Anexo 16. Carta de Jean Lecaan a James Petiver (20/04/1710). BL, MS-Sloane 4064, f.226; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.149.**

Tarragona, april te 20

Sr

I have received the book you have sent me, and the plants for Mr Salvadore and I send you a little tree found

here under [ileg.] up by the fisshermen of this place if it come safe to you, it is very curious; I hope that you have received all the plants and other things Mr Salvadore has sent to you by the last fleet; as for my part it is impossible that my buseness [ileg.] let me make any collection therefore you be please to excuse me att present it is all att now from

Sr Your most humble servt  
John Lecaan

**Anexo 17. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (29/08/1710). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.149-150.**

Worthy Sr

Yr very acceptable Collection of dry Plants are at last come safe to hand, for wch I return yu my hearty thanks hoping you have reed ere te Bookes & Collections wch lay so long at Portsmouth with others I have sent you since amongst te medecines to Dr Lecaan from Collonell Gower, which I hope will give yu great satisfaction & make yu a retaliation for those I have reed. I am making other Collections for yu wch I will send by te first opportunity. I formerly desired to know if Dr Nissolle [be] alive & at Montpellier, wch pray inform me of by the next, in te interim I have sent you a Catalogue of such Plants whose specimens or seeds will be very acceptable to me taken from Dr Magnolle Botanicum Mospeliense what of these you have not growing wth yu, I desire yu will write to Montpellier for. I hope yu have a botanick correspondence at Port Mahon to procure wt plants grow in tt & te neighbouring Isles as Corsica Sardinia &c but particularly & above all I should to be glad to see tt. The Surgeon Generall att Port Mahone Mr Archibald Stewart is a very Curious Person & expert Botanist who promised to send me such Plants, &c he should meet with in those parts but he hath not get been so good as his promise, as yu have frequent opportunities of sending thither I should be glad yu would hold a correspondence wth him & write to him tt yu will take Care to convey to me wtever he shall commit to yr Charge & in requitall I will return him wtever he shall desire. Rondeletius tt learned Phisitian & consummate Naturalist hath wrote of severall fishes & other Sea Animalls as are strangers to our Sea & coasts as Canevi Squillae Mantes & variae aliaie crustacei nec non Echini, Stellae marinae & Cochleae perplures generes. I hope by te next you will make me Colections of such of these as yr shoares afford with the Coralls, Corallines, Musci, Fuci, Spongiae, &c These wth te Animalls may be sent stratum super stratum in any old Tub or Barrell than which nothing can be more acceptable to me. I desire yu will send me a Catalogue of te Herballs & other Books & Tracts in Naturall History tt I have already sent yu & those yu want, having mislaid te list of those yu wrote for. So tt I know not certainly wt yu have or still want. I hope yu have this summer & will continue to procure & save me ripe seed of all te more rare plants yu shall meet with about you or elsewhere te like I have done for you of such as come to perfection in our Company of Apothecaryes Phisick Garden of wch I am a Director & therefore must beg yu will not fail to supply us by every opportunity. These will take up but little room & may therefore easily be sent by any friend tt comes to England over land. As in my last I sent yu a Collection of our English beetles so I am now putting yu up another of Papiliones & Phalenaee, I know yu have very beautiful ones of both these & Scarabei wch I hope yu will remitt me wth your next Collections. I thank yu for te few fossills & Rock Salt yu sent, I should be glad to see more of them & te mineralls or oares yr Mines & Quarries afford, I am putting our English ones in order, of wch yu shall suddenly have a share with divers of te officinalls yu mención in yr Catalogue sent to

Worthy Sr yr most affectionate & ready friend to serve you

James Petiver  
Aldergate Street. London

Augt: 29 1710

P. S. I beg Sr you will this Autum procure what bulbs your parts afford both wild and Garden, tt I may have tm before te spring for our Phisick Garden, with what seeds & Plants you have gathered this summer wch I beg by te first opportunity. Pray give me hearty respects & service to Dr Lecaan & be pleased to accept of the same from, Worthy Sr, yr most affectionate & humble servt. James Petiver. London. Septemb. 5. 1710

**Anexo 18. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (12/02/1711). BL, MS-Sloane 4064, ff.254-255. cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.167-168.**

Monsieur

Dans le mois de dezembre passé j'ai receu l'honneur de la votre, dans la quelle j'apprens que vous avez receu les Plantes, Pierres &c. que je vous avé envoieé. Presentement par l'occasion de notre ami le Dr Lecaan je vous envoie un Carton avec quelques Plantes, ne pouvant lui charger de porter autre chose a cause de son voyage par terre mais par la première occasion marine qui se presentara je vous enverrai une boitte avec differens insectes que je garde pour vous (comme le dit Dr Lecaan vous pourra dire) assez bien conservez. J'ai veü aussi dans la

votre un Catalogue des Plantes desquelles vous en souhaitez quelques specimina, et de la semence pour planter dans le Jardin, j'espere ce printemps vous en faire la Collecte, encore que nous sommes bien malheureux dans ce pais a cause des enemis qui nous ont si reduits, ne pouvant voyager qu'une petite partie de Catalogne. J'espere ce mois d'Avril prochain passer au Port Mahon et a Majorque pour bien herboriser ce pais la et faire une bonne collection des Coquilles et Plantes, et alors je pourrai vous faire part de quelque belle chose encore que j'en attens d'un ami Apotiquaire qui demeure au dit Port Mahon [une] bone collection comme je l'apprens par ces dernieres lettres. C'est une persone qui a resté septans dans nostre Boutique. Les livres que vous dites il a long temps sont embarqués dans une flotte encore n'est point arrivée mais nous l'attendons de jour en jour; comme vous jamais m'avez ecrit quels sont les livres et son prix, je n'ai pú voir s'il fallait vous faire tenir beaucoup d'argent mais d'abord que vous m'en avertirez je tacherai de vous le faire tenir. Je vous ai aussi envoyé differens listes de livres et si dans ceux que vous m'envoiez ni sont point ceux que seront contenu dans la presente je vous prie de me les envoyer, comme aussi s'il en sort quelque autre et vous pourrez presentement l'adresser a Messieurs Schalet et Crove Consuls de la nation Angloise a Barcelone pour le faire tenir a moi, car de cette maniere viendront plus assurés et après m'envoiant le Compte je vous ferai tenir l'argent. Je vous envoie aussi un Catalogue de differentes choses semblable a celui que je vous ai deja envoyé, si vous pouviez me les envoyer ja vous serai bien obligé, et les mettez tout dans des envelopes, et marquer dessus le nom. Si vous en avez d'autres non mentionnées dans le present je vous en prie de m'en faire part, que j'espere comme vous ai deja ecrit vous m'augmentez de beaucoup mon Museum. Je tacherai de remasser differentes especes des Crustacei et Fuci, Corallinae &c que vous me demandez, encore que notre mer fort sterile, je vous les enverrai tout ensemble, et après vous les choisirez. Les coquilles terrestres et aquatiques que vous avez, je resterai fort obligé tant de ceux d'Angleterre comme d'ailleurs si vous pouvez m'en faire part, c'est une partie la quelle me plait beaucoup. Si vous sçavez quelque livre bon de cette histoire et des Animaux Volatiles, Aquatiques, Quadrupedes, &c vous pourriez aussi me les envoyer car je n'ai qu'Aldrovandus, Jonstonus, Bonani, Langius de Lapidibus fi guratis Helvetiae. De nos amys de Montpellier il a long temps que je n'en sçai rien, j'espere qu'ils seront en parfaite santé; l'autre jour me dit un Chirurgien Anglois qui venent de Genes qu'on lui avait dit que monsieur Tournefort été mort mais comme je n'en ai point appris d'autres nouvelles je croye qu'il ne sera vrai. Si vous avez de petites branches de Caryophyllus aromaticus, Mirabolani, Cinnamomum et autres je vous prie de m'en faire part, je reste comme toujours de tout mon coeur.

Votre très humble et très obeissant serviteur et amy

Jean Salvador

Barcelone ce 12 fevrier 1711

**Anexo 19. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (30/07/1711). BL, MS-Sloane 4065, f.1; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.168.**

Port Mahon ce 30 juillet 1711

Monsieur

Par l'occasion de ces vaisseaux je posse de vous faire part dans celle ci de quelques plante que j'ai trouve dans cette Isle et particulierement du Myrto Cistus Pennaei Clus. que veritablement est une espece d'Ascyron le quel est rare en Minorque, mais je l'ai trouvé tres abondant a Majorque le quel j'ai nomme Ascyrum Balearicum frutescens, magno flore foliis minoribus, lucidis subsus verrucosis, du quel quand je serai a Barcelone je vous enverrai un grand exemplaire avec d'autres Plantes. J'espere de Mr le docteur Stuard vous enverra quelque chose quand il herborisera l'Isle dans le mois d'Avril et Mai car presentement la saison est trop seche, et le pais est trop sec et chaud. Je vous prie de m'envoyer les livres que je vous avez demandé comme le tomus tertius Raii, le tome de Mr Sloane, Scotia Illustrata, Acta Philosophica &c et vous m'avertirez du frais, pour vous faire tenir de l'argent; les drogues demandées dans d'autres Catalogues et enfi n tout ce que vous recevrez de nouveau tant des plantes comme des animaux et drogues.

Je reste avec tout l'attachement possible

Monsieur

Votre tres humble serviteur

Jean Salvador Ap.

Par la flote qui arriva au mois d'avril j'ai receu les livres, et les plantes de quoi je vous remercie très humblement, mais vous ne m'avertisez point des prix car si vous avez deboursé de l'argent je vous le faire tenir.

**Anexo 20. Carta de Joan Salvador a Jean Lecaan (20/09/1711). BL, MS-Sloane 3338, f.31), cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.152**

Dr. Salvadore

Barcel. Sept. 20.1711

I hope Mr Pet. will be returnd from Holl[and] & has brought some rarities with him. Pray [ileg.] to him desiring

he will send me a [share] of [ileg.] may [ileg.] him. I shall send him diverse rare plants find [in] Majorque & Minorque with te Myrto Cistus Pennei. Dr Steward is well & [ileg.]. [ileg.] I hope [ileg.] some other bookes with Ray Vol. 3. Sloan Hist. Jam.45 Sibbald Scot. illustr. prod.23 Ray [ileg.] with te charge & with for a Collect. of Engl. [ileg.] Shells with te Stones & Mineralls well condicioned [ileg.] my Collect.

**Anexo 21. Carta de Joan Salvador i Riera a Lecaan (20/11/1711). BL, MS-Sloane 3338, f.27; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.169.**

Je vous prie de saluer de ma part a Mr Petiver et de lui dire que Mr Squire a deja delivre la boitte marquée P. a Tarragona & je luy ecrive de l'ouvrir & il m'a dit qui y est le Tom. 3 Ray, 5 ou 6 tomes des Act. Phil. Lon., des plants seches &c et d'abord que je les aurai ici a Barcelone je luy ecrirai un catalogue des livres qu'il m'envoie pour luy faire tenir le reste de l'argent, mais qu'il ne reste (ou vous) de m'envoier les autres livres que je luy ai demande, comme Lister Hist. Conchiliorum in Fol. Appendix ad Hist. Animal. Angliae solummodo & alii Tractatus de Hist. Naturali apud Listeriquia Hist. Angliae jam habemus. Ray synopsis Stirp. Britanicar. Method. Insector. Ejusd. Park. Theatr. Botan. & Paradysus Hist. Pl. Gerardi Emaculata. Sibbaldi Scotia illustrata &c Laet de Lapidibus. Willouby Ornithologia. Lobel [ileg.] illustrat. a [illeg.] Museum [Regia Societat.] Tous livres imprime en Angleterre & d'autres que vous jugerez qui me manqueraient [ileg.] et voir avec Mr Hay s'il m'envoie quelque livre si y sera le Museum de Willouby. En tout cas de ne les pas envoier [ileg.] au dit Mr Hay je vous prie de lui faire mes profonds respects & de lui dire que j'ay une grande boitte pour lui envoier mais nous attendons vaisseaux de la flotte qu'apporta le Roy en Italie, qui devoit partir pour l'Angleterre particulièrement le vaisseau Grafton qui primitivement etait Capitain My L. Forlis ou est embarqué Mr [Tronet(?)] amy de Mr Petiver & est le vaisseau que j'ai retournai de Mahon. Tout [ileg.] & j'embarquerai ditte caisse sur le dit vaisseau et encore il y aura une autre caisse adresse a vous ou vous trouverez les [informations] de Barcelone pour Mr Hay & beaucoup d'autres choses pour Mr Rand au quel je vous prie de saluer tres humblement j'espere qu'il me fera part de quelque chose rare. Je vous remercie de la correspondance que vous m'avez procure de Mr Boerhaave Professeur de Leyden au quel j'ay deja repondu a sa lettre & je luy ai deja plante quelque [ileg.] & les y envoierai pour la premiere [ileg.] dans des vases & et luy ai fait une bonne [commodité] & je lui ai demande d'autres plantes que j'espere m'envoiera.

Barcelone Nov. 20.1711

Salvador

**Anexo 22. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (10/01/1712). BL, MS-Sloane 4065, ff.13-14; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.169.**

Monsieur,

Il y a long temps que j'attend une bonne occasion pou vous envoier une grande boitte remplie de choses, mais comme elles sont si rares depuis qu'est parti Monsieur l'Amiral Noris il n'y a eü point d'autre occasion, et alors j'etois a Majorque, dernièrement j'ai receu la boitte marquée P, par les mains de Mr Squire dans la quelle j'ai trouve Raii &c vous trouverez a la fin de celle ci une liste des livres que j'ai receu de vous; mais j'attendes les autres que je vous ave demande particulièrement le troisieme tome de l'histoire des plantes de Mr Raii l'Histoire des plantes de la Jamaïque de Mr Sloane et autres que vous aurez eu voir avec les lettres que j'ai ecrites a notre amy Mr le docteur Lecaan avec le quel je vous prie vouloir bien acheter et m'envoier les autres qui serait contenus dans autre Liste, ce que j'atten par la fl otte qui viendra au printemps prochain comme aussi les Drogues, Pierres fi gurées, Coquilles, Mineraux, Terres, &c que j'ai eu l'honneur de vous demander dans les autres lettres. Je vous prie de vouloir en continuer tous les ans a m'envoier les Memoirs Curious &c dans la boitte derniere j'ai trouve celles du mois de Janvier 1709 jusque au mois d'aoust 1709 me je trouve qu'en differents endroits il y manque quelque chose que je trouve y manquaient les nombrez de pages, je vous prie aussi de m'envoier le reste des Tables du Gazophilacium depuis Tab. 50 jusque aujourdui avec l'explication, comme aussi si vous avez imprimé quelque chose ou si quelque autre aient imprime quelqu'autre chose, je vous prie de m'excuser du retardement a vous envoier la ditte boitte, il serait bon que toutes les fois qui viendret quelque persone de votre connaissance de m'ecrire car alors je pourre plus commodement lui donner ce que j'aurois, car a la fois ils ne se vouloient charger des ces sortes de choses mais [ileg.] beaucoup des plantes, que ne viennent que par rejets, si vous souhaite que je vous en plante dans des caisses je le faire volontier. en faisant ce que je vous ai dit de m'ecrire par les personnes de votre connoissance qui viendront, et en attendent je reste de tout mon coeur

Monsieur votre tres humble et tres obeissant Serviteur

Jean Salvador Apoticaire de Bare

Liste des livres que vous m'avez envoiez

Morissoni Hista plantar. 2 tom. in folio

Raii hista Plantar. 2 tom. in folio  
Plukenetii Phytographia, Almagestum, mantissa Almagesti et [Analectum] Botanicum  
Phytologia britannica  
Collectanea chymica Leydensia  
Itinera Alpina Scheuchzeri  
Merret Pinax rerum Britannicarum

Catalogues des Livres que je souhaite, et que j'ai écrit a Mr le docteur Lecaan de m'envoyer  
Raii hista Plantarum tomus tertius Solum modo 1705  
Sloan de plantis Jamaicae in folio  
Hista Conchiliorum Listeri in folio ejusdem Appendix ad hista Animalium Angliae solum modo et alii tractatus  
hista naturalis  
Raii Synopsis Stirpium Britannicarum ejusdem Methodus Insectorum 1705  
Joannis Gerardi hista Plantarum emaculata  
Joannis de Laet de Lapidibus  
Sibbaldi Scotia illustrata in fol  
Parkinsoni Theatrum botanicum et Paradisus  
Acta Philosophica Londinensium  
Lob. Illustrat. acurante ... Anglo  
Museum Regia Societatis  
Franci Willugbei Ornithologia edita Joanne Raio  
Hortus Regius Blesensis [auctus] a d. Morisson  
Charleton de differentis Animalium ... 1638  
de Bry florilegium  
Lob. Icones  
Tabernemontani Icones  
Moufetti Theatrum Insectorum  
et aliis de hist naturali preter Aldrovandum et Jonstonum quorum opera possideo

**Anexo 23. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (26/01/1712). BL, MS-Sloane 4065, ff.17; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.170.**

Barcelone le 26 janvier 1712

Monsieur

Vous recevrez avec [ileg.]une caisse a votre adresse et marquée I. P.dans la quelle vous trouverez une autre boîte avec des insectes, les Plantes que j'ai aporté de Minorque, Pierres, Coquilles, une Squilla lata et autres choses, qu'il avoit long temps j'avois pour vous l'envoyer, mais j'attendais quelque fl otte, mais, n'ayant pas esperance d'enpartir j'ai voulu risquer avec cette occasion. Comme l'année passée les ennemis occuperet presque toute la Catalogne il n'est pas etoit possible d'herboriser, mais j'espere qu'on faire cette année une bonne campagne et nous aurons le pais libre, alors je tacherai de vous remasser des graines, plantes seches et autres, je ne sçai pas si vous aurez a mal que planterai dans des caisses quelques plantes rares, mais je souhaiterai que quand viendra quelque un de vos amis de lui charcher de prendre ce que je lui donnerai et de m'écrire parce que je puisse le connoitre. j'attends par la première flotte ce que je vous ai demandé dans les autres, je reste toujours

Monsieur

Votre tres humble serviteur et ami

Dr. Joan Salvador Apoth.

**Anexo 24. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (02/02/1712). BL, MS-Sloane 4065, f.20; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.170.**

Monsieur,

J'ai eu l'honneur de vous écrire plusieurs fois que j'avois reçu la boiette que Mr Squire aporta marquée P. dans laquelle j'ai trouve Tomus primus et tom. 2 hisra plantar. Raii. je ne souhaite qavoir que le tomus tertius car les autres il a long temps que je les avois mais n'obstant cela je vous prie de me les envoyer avec les autres que je vous ai demande plusieurs fois, comme Sloan, Parkinson, Lister, etc. Je vous envoie par le navire Galere Marie Capitaine Daniel Hutchinson [Pritchard] la boîte qu'il avoit long temps gardez pour vous. Vous y trouverez une boîte avec plusieurs insectes, les Plantes que j'ai aporté de Minorca, Coquilles, pierres, une Squilla lata, etc. que j'espere arrivera tout bien conservé. Est a votre adresse et avec la marque I. P. Il y va embarqué un chirurgien du Port Mahon mon amy nomme Mr Harvick. J'attends quelque chose par la première occasion comme les drogues,

Coquilles, Livres, etc. Je reste de tout mon coeur  
Monsieur  
Votre tres humble serviteur  
Jean Salvador  
Barne ce 2 fevrier  
1712

**Anexo 25. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/07/1712). BL, MS-Sloane 3338, ff.87v-88r; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.170.**

Dm Johs Salvador  
Pyxidem quam misisti per Ducm Hutchinson cum plantis quas collexeisti apud Portum Mahone recepi quae multo gratiore fuerent si non relictas fuissent illarum quas ad Dnum Rand misisti ille qui nihil publicavit [sise] nec beneplacitus est illo quod ego facio. Dr Sloan secretarius Regiae nostrae Societatis, cui obligatus [es] pro munere, quod (per meum rogatum) sibi misit Historiae Naturalis Insulae Jamaicae, librum tam multum desiderasti, potius expectavit recipisse Duplicata qua condonare potuisses, quam alteri data fuissent qui non est ejus amicus: [...] munus reditu pro Libro ejus, eum induxisset (quod ejus mente fuit) ite admisisse membrum Regiae Societatis nostra quod potestate ejus est inclinatissime una cum mea possest obtineri, quia in hunc annum sumus ambo de Consilio. Primo cogitavi publicare in nostris Actis Philosophicis ea qua misisti & si guras delineare illorum qua nondum si gurata fuere, sed prevenire Censuras Dni Rand relinquero sibi [mer] cui majus otio est. Attamen per proximas naves mittam amplum reditum pro illis jam missis & fortassis inter haec sunt aliqua qua nec Dus Rand, nec ullus alter praeter me possunt similia redire, & in futuro semper [respiciem] qua mihi solo & amicis [missoi] potius quam aliis similiore redibo. Per ultimas misi varios libros quibus scripsisti, & per proximas habebis plurimos reliquorum viz: Listeri Historiam Conchyliorum & Appendicem, Gerard, Grew, Charleton, Parkinson, Ray, Willoughby, &c. & [ore te] in mandatis dare mihi pecuniam prioribus. [Inclusu] tibi [mito] Catalogum concharum Anglicarum & fl uviatilarum & terrestriarum quas [ileg.] tibi misi, & per proximas naves habebis marinas & multa alia qua tibi jam seposus quibus videbis quam multum sum voster servus qua humillissimus  
J. P.

**Anexo 26. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (15/04/1712). BL, MS-Sloane 4065, f.34; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171.**

Barcelone ce 15 Avril 1712  
Monsieur  
J'espere que vous aurez receu une caisse avec differents plantes des Isles Baleares, Coquilles, une Squilla lata &c par le navire apellé la Galere Marie Capitaine Daniel Hutchinson, qu'il a quelque temps que partit de ce port, dans peu de jours j'irai a Montserrat et je tacherai de porter quelques plantes pour vous, et si le temps, et les ennemis le permettent j'espere aller aus Monts Pyrinees, et je vous promets de toutes les plantes, semences &c. que je trouverai de vous faire part, j'attend quelque chose de vous par les premiers vaisseaux particulierement les livres que ja vous ai demandé dans mes precedentes. je reste de tout mon coeur  
Monsieur  
Votre tres humble et très  
obeissant serviteur et amy  
Sr Jean Salvador Apotiquaire

**Anexo 27. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (22/08/1712). BL, MS-Sloane 4065, f.52; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171.**

Monsieur  
Ces jours passes j'ai receu par la voye de Mr Quait une petite boitte avec quelques coquilles de quoi je vous remercie tres humblement, vous priant de nouveau a la continuacion de vouloir bien me faire part de vos belles choses; comme notre pays n'est trop abondant en varieté de choses je ne puis pas vous envoie tout ce que je pourrais mais enfin ce que je trouve je tache de vous en faire part, et comme je ne puis pas toujours estre a la campagne et rouler notre pais c'est une chose encore qui me prive de trouver quelque autre chose d'avantage, particulierement pour estre une partie occupé par les ennemis, mais je vous assure que j'ai bien de paine lors que je ne vous envoie tout ce que vous souhaitez et pour ces raisons vous m'excuserez et voudrez bien continuer a me faire part de tant de choses que tout les jours vous apportent differents Mrs des Indes et ailleurs, mais ici moi tout seul faut que je le remasse.

je reste en attendant quelque chose  
Monsieur  
Votre tres humble et tres obeissant serviteur  
Barcelone ce 22 Aout 1712  
Jean Salvador

**Anexo 28. Carta de Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (22/08/1712). BL, MS-Sloane 4065, f.83; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171.**

Monsieur  
Le renom de votre tres excellents merite et curiosité dans la Botanique, et dans toute la connaissance de l'histoire naturelle, m'a fait il y a long tems desirer l'ocasion de vous feliciter la dessus, presentement Monsieur le docteur Lecaan m'a encouragé de me faire l'honneur de vous ecrire puis qu'il me dit que je tache de vous faire une bonne collection de toutes choses naturelles (me disant encore que vous me fettes present de votre livre le quel j'attens avec une grande impacience) je vous promets que je tacherai de vous satisfaire la dessus particulierement des choses de chez nous, et comme presentement je n'ai pas eu le temps de le faire seulement je vous envoie quelque chose que Mr le docteur Lecaan vous donnera, esperant aussi vous me fairez part de vos bonnes collections des choses des Indes que je crois vous en serais tout rempli. Je vous prie de pardonner la liberté que je prens et d'accepter en bonne part l'offre d'une sincere amitie et des me meilleurs services en le commerce de ces choses, avec l'assurance que vous me trouverez prest a vous envoyer toutce que vous souhaitterez de chez nous, vous me ferez beaucoup de plaisir et m'obligerez beaucoup d'estre toujours

Monsieur  
Votre tres humble et tres obeissant serviteur  
Barcelone ce 22 aoust 1712  
Jean Salvador  
mon adresse est  
Jean Salvador Apotiquaire au carrer ample  
Barcelona

**Anexo 29. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (14/10/1712). BL, MS-Sloane 3340, f.223r-225r; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.171.**

Ad Drm Johnem Salvadore  
Opportunitatem mittendi aliqua tibi ut promisi primam reditu illorum a te receptis restringere volui: plura fuissent, si abitus hujus Generosi Dni Naper Chirurgi, tam subitus non fuisset. Attamen invenies circiter quadraginia specimina Plantarum Americanarum praecipue a Virginia reliqua ex Jamaica. Utinam reliqua earum specimina magis acurata fuissent, sed multa earum collecta sunt manibus rusticis inscitiisque quia sunt pauco aut nullo in partibus istis qui Rem Herbariam intelligunt multo minus delectantur collectione aut notitia earum: Istis jam dictis [ad]diunxi supra quinquaginta Cyperos Anglicanos, Cyperoides, Juncos & Gramina Juncea, & quamvis haec innumera sunt prope duplicata istorum quae missisti mihi a Porto Mahon (unde volumina duo nuper recepi ab altera manu & plura quotide expecto) tamen non aegre fero tibi duplicata radices istis qua mihi mittis si rara sunt & nondum in manibus alienis. Et rebus ita transactio potes per unam quamque opportunitatem expectare talia specimina, & ex Asia, Africa & America qualia nullus, me excepte, potest tibi mittere, & compensatione sit optandum in futuro quod non omittes ulla opportunitates procurandi collectiones & Animalium, Vegetabilium & Fossilium ex partibus [ileg.] utrarumque Indiarum quibus Hispani me[r]catur[as] faciunt, praesertim Peruvianis & Mexicanis ex quo ultimo loco spera [ileg.] us illustrere Hernandez &c. Interim quacumque partes vestra praebent valde grata erunt ut Squilla lata Rondeletii & Cancer nuper mihi fuerunt. Olim tibi misi & jam [reitero] Catalogu ex isto [auctore] Animalium crustaceorum qua videre gaudebo, & tunc dicam an congruunt estis paucis qua littoribus nostris habemus quorum tibi nuper misi Catalogu Jam impressurus sum Synopsim Avium & Piscium mane scriptam Dno Ray & si per proximam opportunitatem mihi mittes catalogum amborum generum qua partes vestra [praebent] adjungera. [Nosco] Bellonium & Rondeletium de [ileg.] bene tractavisse attamen fortasse istis potes addere quidquid novum. Animalia ipsa praecipue minum facile mittes in Aqua Vita aut aliis Spiritibus, novarum dabo Figures & addam tales observationes quas mihi mittes. Nam fi denter tibi affi rmo quod nostra Regia Societas valde propensa est omne Hist. Naturalis partes promovere & incitare omnes ejus Amatores. Inven[ileg.]es per inclusu quales libros tibi jam missi & per proximas naves addam quicumque petiveris, cum aliis qui jam in [ileg.] sunt. Est mihi in futuro (si tibi placet ut tam saepe a res audiam) singula mense colligere tibi aliqua Curiosa Natura [ileg.] Animalium, Vegetabilium aut Fossilium, & praecipue per proxima oportunitatem recipies ampla Materia Medica collectionem, referentem istis tam maxime desiderasti vestro catalogo [ore] igitur a te cito & offi citer audire quod responsium erit a vestro amico amantissimo



Jacobo Petiver  
Octris: 14o:1712

**Anexo 30. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (10/08/1713). IBB, Fons Salvador. cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.157-158.**

Worthy Sir

My last to you was by Mr [Naper] Surgn at Port Mahon, by whom I sent you abt 40 Specimens of American Plants, mostly from Virginia, the rest Jamaican with 50 English Cyperi, Cyperoides, Junci & Grama Juncea which I hope you have receiv'd, with my letter to which I refer you. By Sigr Bernardo Peyralou of Alicant, a friend of Sigr Romani I now send you in the Winder Frigat Capt John Worry Comandr a Collection of abt 40 Jamaica grasses, most of which I hope will be altogether new to you. I shall be glad to see what Plants you have gathered att Montserrat & on the Pyrenean Mountains, particularly those which Dr. Mycon mentions & Figures in his Historia Lugdunensis. I have acquainted Sigr Romani with yr Bill of 19 Pounds, ten shillings & eleven pence, which I hope you will give him immediate Order to pay me, & the rest of the Books you desire I will send by all Opportunitys. The Materia Medica & the Officinal Plants, which I promise you in my last, I will send by the next Shipping. By Mr Naper I sent you Parkinson's Herbal & Paradisus Terrestris, Lister's Historia Conchyliorum edit: opt: Grew's Musaeum, Moufet Insectorum & Ray's Synopsis Stirp: Britannic. I have lately finish'd 100 Tables of my Gazophylacium which I now send you compleat, as also 50 Tables of Mr Ray's English Herbal, to both of which if you can gett me 5 Subscribers you will both oblige me & have a Title to a 6th Book gratis: And as soon as you send me their Subscriptions, Names and Titles, I will return you their Dedications & as many Books as you want in the interim you may lett them have yours if you desire it, & I will supply you again by the next. I beg I may hear from you by all opportunities, & you shall from me who am

Worthy Sr Yr most affectionate Friend & humble servant

London Augt: xth. 1713

James Petiver

You may please to direct for me

Apothecary to the Charteraux & Fellow of the Royall Society.

London.

**Anexo 31. Carta de Joan Salvador i Riera a Jean Lecaan (sem data). BL, MS-Sloane 4067, f.134; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.172-173.**

Monsieur et cher amy [Lecaan]

Il a bien long temps, que je n'ai point receu de vos nouvelles ne sachant si vous etes en Anglatere ou ailleurs pendant le siege je vous ai escrit deux fois adressant les Lettres a Majorque, pour aprez les envoyer a Minorque, je ne scai si vous les aurez receues: vous aurez sceu notre horrible siege, mais graces au Seigneur notre maison a été conservée, mon frere et moi avions resté dedans la ville, mon Pere avec le reste de la famille etoient dehors tous se portaient bien et vous saluent tres humblement. On vient de m'avertir de Port Mahon que pendant le siège le Winder Frigat debarqa quelque chose pour moi, j'espere qu'ily aura les livres et autres choses curieuses de Mr Rand, qu'il a long temps, que vous m'ecrivez qu'on me les enveroyent par la premiere occasion, je verrai le compte de tout et je vous ferai [ileg.] votre argent, et aussi quelque chose de la reste de vos marchandises. Je vous prie de faire mes compliments a Mr Hay, et de me donner aussi de ses nouvelles, si vous pouvez tacher toujours de remasser quelque chose et obligeriez celui qu'est veritablement

Monsieur

Votre tres humble et tres obeissant

serviteur et amy

Jean Salvador Apotiquaire

**Anexo 32. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (06/12/1714). BL, MS-Sloane 4067, f.186; cf. Camarasa; Ibáñez, 2007, p.173.**

Monsieur

après tant des peines et des troubles, que nous avons souffert pendant un siege si long, j'ai receu une de vos lettres du 10 Aout 1713 avec un paquet des Livres, sçavoir Gazophyl. nat. tab. 100, Aquatil. Animal. Amboin., Raii English herbal., Synop. Avium et Piscium., Methodus Insector: et Musei Cent. j'ai vu aussi les livres ou son Catalogue, que vous me dittes sont embarquez dans le Winder Frigat. Après avoir escrit a Alicant et a Maho pour sçavoir si ce vaisseau y etoient arrivé pendant notre siege, et s'il avoit debarqué quelque chose pour moi, j'ai sceu dernièrement, qu'il avoit debarqué beaucoup de choses pour Barcelone, et avec celles quelque chose pour moi, j'attends la reponse si seront les Livres de votre catalogue ou autres. J'ai veu aussi Les prix de ces Livres

Le valeur des quels je vous ferai venir par la première commodité, ou par Mr Romani, ou de Mrs Schaler et Crove, et en meme temps je vous prie de m'ecrire si vous avez receu il a quatre ou cinq ans la lettre de change de six Livres Sterlins, que Mrs Schaler et Crove vous devaient faire compter. J'espere ce printemps herboriser les Monts Pyrenees et Montserrat, toutes les plantes rares que je trouverai, je tacherai d'en secher aussi pour vous particulierement de celles qui fait mention Myconus: Je comence a ranger un autre fois mon petit Cabinet, que j'avois tiré de la maison par creinte des Bombes, je mettre apart quelques unes pour vous. Je vous serai bien obligé si vous m'envoyez les drogues pour la cognition de la Materia Medica, et les Plantes rares. J'ai receu jusque au nombre de 50 tables de Mr. Rai English Herbal mais il y en manquent diz, a sçavoir ns 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. [je] vous serai bien obligé si vous pouviez me les envoyer, et aussi m'avertir si vous continuerez a faire les

autres. J'ai veu aussi les Icones et Nomina Animalium aquatiliu Amboinae, je trouve cela fort beau et bien gravé, mais vous m'obligeriez beaucoup si de toutes les coquilles que vous pourrez, mentionées dans ce Catalogue, m'en acheter une bonne Collection, a sçavoir une ou deux de chaque espece, a la cognition des quelles je suis fort attaché.

J'espere que vous me ferez cette grace, et aussi me recollirez toutes les curiosités que viendront entre vos mains tant d'Animaux, Mineraux [ileg.] &c et obligerez veritablement

Monsieur Votre tres humble et tres obeissant serviteur et amy

Barcelona ce 6 xbre 1714

Jean Salvador Apotiquaire de Barlone

**Anexo 33. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (25/04/1715). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.192-194.**

London April the 25th 1715

My Very Worthy Friend

Sr It was [with] no small Joy when I rece'd yr signed Decemb. 6th 1714 with yor own hand (which I was formerly well acquainted with) hearing you have been dead, reading that one of yr name was killed upon the Breach, I hope now [ileg.] shall have a more frequent Correspondence together & be assured you shall suddenly receive [ileg.] Plants, Shells, &c some of which I am sure you never saw before. I write this to save postage on Tables of Plantae Submarinae Mediterranei wich I have taken out of Barrelieri Icons. [I] hope you will find most of them on your Shoars which I should be glad to see I have allso figured all the grasses which he had observed abt Rome, which are abt 50 these I will send you by my next, as allso my Pterigraphia Americana containing the compleat figures of near 200 Rare American Ferns taken mostly from Plumier's Hist. des Fouquieres to which I have added divers Sea productions & some Animalls, I am now graveing 50 Medicinall

Plants from Peru & Chili Coppied from Feuille' Designs, I must desire to know what Conveniences you have to send to Madrid, because with yor Collections I shall have an Occasion to send some Things to Monsr Riquere, the Kings Apothecary, Dr Burlett his Premier Physician & others, from whome I have rece'd some seeds by my Lord Lexington our late Ambassadour & [ileg.] promised severall other things, I [was] some Time before the Seige of Barcelona with Mr Romani who told me I might suddenly expect the Mony from you, which I suppose the times prevented, nor have I before or since [ileg.] the Mony you mention for Mr Crower Shallet, the sume I last sent you was 23 pounds, 4 shillings & 5 pence, which will [ileg.] me into a Condition to goe vigorously on with the rest of Mr Rays English Plants, afterwich I intend to figure our British Submarines, Fungi, Mosses, Filices, Gramina, Cyperi & Junci, I am not a little bigg with the expectations of many curious Plants, Insects & Fossills you will find in yor Travells to the Pyrenees & Montserrat & shall make an Ample Return for what of them I shall receive from you & with yors Leave shall figure all such Things [ileg.] are new or peculiar to these Mountains. I should be glad to know if you have any Correspondence with Dr Nissole who I hear had printed a Botanicum Avinionense which if you can procure me I will pay the Charge off, I hope now you will have frequent opportunities of sending Collections of Insects, Shells, Fossills & Plants with their fresh seed or fruit, for which by every shipping, I will make you a Suitable Return who am

Worthy S

Yor very Affectionate Friend & Humble Servt

James Petiver

Monsr Jean Salvadore Apotiquaire & Botaniste tres celebre A Barcelone avec celerité.

**Anexo 34. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (08/09/1715). BL-Sloane 4065, f. 230; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.213.**

Monsieur

Aprè's plusieurs fois que j'avez souhaite vous faire tenir l'argent que vous aviez debourse pour moi, je viens de prendre cette lettre de change que Mr Crowe m'a donne' pour Mr son frere Mitford Crowe elle est veue, selon

vosre compte des livres que vous m'avez envoie' monte a 23 £. 4 sch. 5: je vous demande pardon du retardement: De Mr. Mitford Crowe vous donneront des nouvelles chez Mr Mestins qui loge vis a vis de la bourse Royal en Cornhill, j'espere vous sera paye'e des que vous l'aurez presente'e, de quoi je vous prie de m'en avertir. J'ai deja une boitte preste a vous envoyer par la premiere occasion, Mr Crowe m'a dit qu'au mois d'octobre partiron quelques vaisseaux et il aura soins de l'embarquer, je l'adresse a Mr le docteur Lecaan, il y a quelques graines, Plantes, Pierres, &c. j'attends avec une grande impatience quelque chose de vous, surtout de Coquilles, Pierres et Mineraux d'Angleterre, s'il y a quelque livre nouveau, je vous prie de me l'envoyer et je reste de tout mon coeur

Monsieur

Votre tres humble et tres obeissant serviteur et amy

Barcelone ce 8 7bre 1715

Jean Salvador Apotiquaire de Barcelone

**Anexo 35. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (10/09/1715). BL-Sloane 4065, f. 231; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.213.**

Barcelone ce 10 7bre 1715

Monsieur

J'adresse pour vous a Monsieur le Docteur Lecaan une petite boitte avec quelques coquilles et pierres, un petit paquet avec plantes seches et un autre avec quelques semences. Je n'ai point pu faire les herborisades que je souhaite's mais en attendant je vous prie de vouloir bien accepter ce peu de choses. J'espere que vous aurez la bonte' de m'envoyer quelques unes de vos [rarete's] et de croire que je suis veritablement

Monsieur

Votre tres humble et tres obbeissant serviteur

Jean Salvador Apotq. de Barcelone

**Anexo 36. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/11/1715). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.196.**

My Dear and Hearty friend

I rece'd both yours of September the 8th & the money you ordered for which I returne you my hearty thanks but the [six pounds] you mention to have ordered to me in 7bre 1708 I have not yet rece'd and Mr Mitford Crow tells me he was then in the West Indies so that you must acquaint his brother of it's not being paid who will sett it to rights: I do not find by yr last letter you have rece'd mine of 25th of April which I sent inclosed to Captn Jones<sup>14</sup> secretary to Mr Methwyn<sup>15</sup> at Madrid but I hope by this you have rece'd it which pray let me know, it was on a sheet whereon was 2 Tables of Italian submarines as this is with 2 other of Roman Grasses diver's of wich I hope you will find about Barcellona with other very different from them which I should be glad to see. I have this day coming out of the profs a Catalogue of Etrurian or Tuscan Plants the Choice of which I have chiefly extracted from that Curious Author Andreas Cesalpino, this with some other Tracts I have lately published, I will take the first Opportunity of sending you with diver's Plants, Shells, &c. Mr Crowe or Mr Shallet can advise you into whose hands here in London I may put them for you and to them you may allso consign what you have for me, which will be the Easiest, Quickest and safest way, You tell me of some Seeds, Plants, Stones, &c. which you design to direct to Dr Lecaan who lives now in the Country but where I cannot learn, so that I fear they will not come to my hands and if they fall into Mr Rand's<sup>16</sup> he will keep them & he has allready a Collection of mine from Holland. So that I desire you will direct to my own hands what you design for me. I desired in my last to knowe what Conveniences and how often you have Opportunities of sending to Madrid which pray let me knowe by the first Post because I have some Books &c. to send to Mr Burlett the king's chief Phisitian and Monsr Riquier the late Queen's Apothecary which [ileg.] thro' your hands may be of no disservies to you at that Court. I am sorry to hear by this days mails from Holland and France of the Pest of the Spanish Flotilla in which Dr Langlade<sup>18</sup> gave me some hopes I might receive something from Peru, Mexico &c. A Correspondence from these part would be very acceptable, which I hope you will allso Endeavour to promote as allso to the Phylipine Islands where I have now lost the Curious Father Camelle with whom & till his Death I had a yearly Corespondence as you may see by the Appendix to Mr Ray's third Volum of Plants the designs of which I have not yet engraved for want of Incouragment and Subscriptions which I have acquainted the Court of Madrid with in hopes of the King's Assistance [Tt] being too heavy for my own privat Pockett. [ileg.] part I have allready mostly printed in our Phylosophicall Transactions and [Mr] Ray so that the figures are only wanting to illustrate them. But to come nearer home let me acquaint you I hope before Middsummer next to have compleatted my British Herball Viz: the figures of a 1000 herbs and Trees the 50 Tables I have allready published ending [so] the first part of the Tetrapetalae; since which I have finished the second part [&c]: the Tetrapetalae Anomalae Ray and all the Pentapetalae so that there only remain [illeg.] the leguminosae, Bulbosae

Anomalae & Trees, After which [if] I meet with Incourgmt I shall proceed to the Grasses, Mosses, Ferns and Submarines: I should be very glad you would undertake a Catalogue of all the Plants you have observed in Catalonia and on the Pyrean Mountains and if to them you will add the Beasts, Birds, Fishes, Insects, Shells and Fossills, you would highly oblige the whole World I doubt not but very particularly the Court of Madrid and it would be an Example for other Provinces of Spain to imitate and to encourage you to do it I will be at the [illeg.] to figure what you shall publish and dedicate the Tables to such Patrons as you shall direct or appoint me. I desire you will take this into Consideration and let me knowe your Mind at large which I will Communicate to our Royall Society and if you desire it propose you for a Member which I beleive they will not refuse upon my Recomendation, Espesially if I can have yor promises of oblidging them with what I now propose: However you may be assured Sr there shall [be] nothing [wanting] on my part to serve you my self to the utmost of My Ability earnestly desiring I may quickly and often hear from you which shall be retaliated by Kind and Worthy Sr

London Nov: 15: 1715

Your most hearty and affective Friend

James Petiver

**Anexo 37. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (04/01/1716). BL, MS-Sloane 4065, f.236-237; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.213-214.**

Monsieur et cher ami

Je suis bien aise que vous aiez receu la lettre de change que Mr Crowe m'avait donne' contre Mr son frere: mais celle de six livres Sterlines, Mr Crowe et Speeman et Schallet m'on dit etoit contre Mr Schaller et Compagnie, car depuis le mois de 7bre 1708, je leurs ai donne' l'argent et je vous ai envoie la lettre de change. [Ainsi]. je vous prie de voir Mr Schallet de la part de Messieurs Crowe et Compagnie, pour vous payer la ditte somme, et en cas qu'ils vous refusassent de payer, ayant donne' avis a Mr Crowe, me donneront une autre lettre. J'ai receu la votre de 25 Abril par la voye de Madrid, dans la quelle j'ai veu les deux tables et un Catalogue des Plantes, celles que je trouverai ici je vous les enverrai, comme aussi les Gramina &c. qui sont figures dans votre derniere: je serai bien aise de recevoir par la premiere occasion les livres et Catalogues que vous me mentionnez dans la votre, et si vous voulez les [pourrez] adresser a Mrs Schallet et Crowe, ici a Barcelone, et donner le paquet a Mr son frere ou a Mr Schallet a Londres, et je vous serai bien oblige' de y mettre les Coquilles rares, celles d'Angleterre, et aussi les mineraux et plantes. Si vous voulez aussi m'envoyer les livres pour Mr Bulet et Mr Riqueur, je tacherai de les envoyer a Madrid car nous avons ici toujours commodite' de quelques amis, qui y vont. Je viens [ileg.] a votre adresse une quaisse avec le vaisseau nomme Henry, et le Capitaine Henry Land, qui va directement a Londres, et que Mr Crowe m'a fait embarquer, et recomande' au Capitaine: dans cette quaisse vous y trouverez une boîte pour vous avec un paquet aussi de plantes et de semences; une autre pour le docteur Sloan, que je vous prie de lui faire apporter; et une autre aussi pour Mr Rand, contenant a peu pre's la mesme chose, j'espere aussi vous lui ferez [bailler]. J'ai voulu vous l'adresser pour recevoir le votre fidelement.

Je vous serai bien oblige' d'abord que vous aurez imprim votre herbarium Britannicum de me l'envoyer, comme aussi les autres livres nouveaux et de tout je vous fournirai la depence. Si vous me faisiez l'honneur de me proposer a votre Illustre et Celebre Societe', je ne manquerai pas de leur faire part de toutes mes decouvertes, et le plutost que je pourai vous envoie mon Botanomasticon Catalonicum, qu'apparavant je dois faire un voyage par quelques endroits de Catalogne, qu'a cause de la guerre je n'ai pu faire; et apres je vous ferai part aussi des Catalogues des Animaux et Mineraux, &c. je ne doute que pour votre moien vous y reussirez: je ne manquerai pas souvent de vous ecrire, comme aussi je l'espere de vous, et parce que les lettres ne se perdent, vous pourrez y mettre dessus mon adresse, celle d'en bas, qui est un de mes amis, qui loge chez le courier major: Je vous prie aussi de donner l'incluse a Mr Squire, Apotiquaire, qui vient de son fils et je vous prie par vos lettres de me donner de ses nouvelles car il y a long temps qui n'a point ecrit a son fils, je reste avec toutte l'estime et attachement

Monsieur

Votre tre's humble et tres

obeisant serviteur et ami

Barcelone ce 4

Janvier 1716

Jean Salvador Apote

Barcelone

**Anexo 38. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (29/05/1716). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.200.**

Kind and Worthy Sr

London May 29th 1716

I had answered your last Letter much sooner but was willing it should be accompanied with an Acknowledgement of some part of what I have lately received from you, which you see I have already done so far as relates to the Crustaceous and Testaceous Animalls, Fossills, Minerals, and some Submarines. In my next I design to publish the Balearick Plants you have allready sent me and if you can add any more to them they shall also be incerted. The day I received your Box I sent Sr Hans Sloane and Mr Rand what you had directed for them which I presume they have given you an account off. I have shewed our Royall Society what you have sent me and at the same time acquainted them with your Desirs and how well qualified you was to be one of our Members. I have not this Year the Honour to be of their Councill but perhaps before next Christmas I may, never the less I shall so far esponse your Interest as I hope in a little time to acquaint you when you will be admitted, in the interim they are in Expectation of your Botanomasticon Barcionense [sic] or at least you will send a part of which I will communicate to them. I hope you will not this summer omitt whatever Frumenta, Gramina tam spicata quam paniculata, Junci, Cyperi et Cyperoidea &c. which your Part afford, of all those I have now a Treatise a printing in relation to such as are Indigena of our Island and the like from you will be highly acctible with what other Plants may come in your way particularly the Pyreneans, a Catalogue of which I formerly sent you extracted out of the Historia Lugdanensis mostly discovered by that accurate Botanist of the last Age Doctor Mycone to which he hath added their figures, Caspar Bauhin in his Prodomus [sic] and Doctor Tournefort in his Institutions hath also added many m[ore] which if I can obtain from you fine specimens off, I may perhaps give their Figures. If there be any Shells, Fossills, Mineralls &c. in this half sheet I now send you, either from Don Pedro d'Almeyda, Pere Bonani's or your own that you desire samples off, be pleased to let me knowe it and I will forthwith send them with some others I am putting up for you from other parts which shall be sent you by the first ship that comes to Barcelona. I had no answer in my last about Doctor Nisole, his Botanicum Aviniense [sic] and if you have a Correspondence with him or can send to him pray let me know it as also if there be any thing printing of the plants in Narbone and Province by one [ileg.] which some of our forreign journals mention and another I think of Trent or some other part of Italy, Whatever you can communicate of this kind will be very acceptable and something of the same Nature you shall suddenly have from me in retaliation of your last favours who am

Worthy Sr

With all affectionate love your hearty Friend to serve you

James Petiver

**Anexo 39. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (02/08/1716). BL-Sloane 4065, f. 256; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p. 214.**

Monsieur

Il a longtemps Mr que je n'ai point receu de vos nouvelles, j'ai eu l'honneur de vous ecrire quelques fois sans avoir eu reponce je ne scai si les lettres se perdent en chemin: j'ai sceu que vous avez fait deja imprimer le Collectanea Petiveriana, je vous serai tres obligé de vouloir bien me l'envoyer l'adressant a Mr Schallet [sic] ou a quelque autre persone de nos amis; j'arrive avant hier du Monts Pyrene'es chargé de belles plantes, je vous en ferai part de toutes, je vous prie de vouloir vous souvenir de moi en m'envoiant quelque chose pour mon Cabinet et vous obligerez veritablement

Monsieur

Votre tres humble et tres obeissant serviteur et amy

Barcelone ce 2

Aoust 1716

Jean Salvador

**Anexo 40. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (09/08/1716). BL, MS-Sloane 4065, f.257; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.214-215.**

Barcelone ce 9 Aoust 1716

Monsieur et cher ami

Je viens de recevoir hier votre lettre datte'e 29 May, je suis fort ravi vous aiez receu la boitte avec ce que j'avois l'honneur de vous envoyer: je vous suis tres obligé de me procurer une bonne collection de differentes choses que vous me dites m'envoiez par le premier navire qui partira, je scai bien qu'il y en a plusieurs a Londres qui chargent du Bled pour porter en droiture ici a Barcelone, ils partiront bien tost et viendront remis ou a Mrs Schaller et Crowe ou a Mr Gregoire Freind Marchand Anglois ou a Mrs Fontaner et Joffre, je vous serai tres obligé de voloir bien m'envoyer par cette voye tout ce que vous aurez de curieux et si vous y voulez joindre un echantillon de ce que vous nommez dans votres Collectanea marque avec le numero; vous m'obligerez aussi de m'envoyer de toutes les especes de Coquilles terrestres et maritimes d'Angleterre, les Mineraux, et surtout de la

miniére d'Étain, Petrifications, Drogues et Minéraux et ses parties, [Oysseaux] &c. Je vous enverrai une bonne collection, et un Catalogue des plantes des Monts Pyréneés des quels il y a cinq ou six jours que je suis arrivé d'herboriser et chargé des belles plantes et de tout ce que je trouverai vous ferai part. J'espère au commencement de 7bre faire un voyage en Espagne et Portugal et de tout ce que ramasserai vous ferai part. J'ai une bonne correspondance avec Mr Nissolle car ne passe pas courrier sans m'écrire mais jamais m'a parlé de son Botanicon Avenionense et non plus de autres de Provence de Mr [Freuque]. Je vous remercie de votre souvenir quand vous aurez l'occasion d'estre de la Societé Royale: Si vous avez imprimé quelque autre chose, et s'il y a quelque livre nouveau de Physique et l'histoire de [illeg.] vous m'obligerez de me l'envoier et de croire que je suis veritablement

Votre tres humble serviteur  
et les autres traittes de  
Mr Scheuchzer  
Jean Salvador

**Anexo 41. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (11/08/1716). BL, MS-Sloane 3340, ff. 25v-257v; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.202.**

Mr John Salvadore  
My Hearthy Friend

Altho I have had no Answer to my last dated the 29th of May, yet I cannot miss this opportunity by our Worthy Friend Mr. James Campbell to send yu my Petiveriana I perfect. To wch I have now added the first sheet of my Gramina &c. Brittan or. Concordia as I hinted in my last, hoping yu will send me as I desired in my last [illeg.] of these grow att you as also yr Cyperoides & Junci wch I [illeg.] in my next sheet, you also [illeg.] my Desiderata Plantarum Etruriae [illeg.] from the accurate Cesalpinus & others I doubt not but you have Correspondents in those parts yu can supply it both with what no each want. I have therefore sent you 3 or 4 of them te number yu will find of the Plantam Desideratam Monspelii one of wch I desire you will particularly transmit to Dr Nissolle who I had formerly wish I have a Correspondence with. Pray let him know I am impatient to see his Botanicum Avignionense wch I hear he has some time since published [illeg.] he with [illeg.] what I want of the Montpellier Plants & in my next Petiveriana pray let him know I shall print such I have already received from him. About a [illeg.] since our Royal Society adjourned as usual for near 3 months, at their Meeting again I shall [illeg.] yr desires of being a Member & in the interim could with I might requaint tm with something I should before that service from you wch with what I have already shown in my Petiveriana I, will be a great inducement to accelerate yr Election, having [illeg.] acquainted tm they may by te next expect part of yr Botanomasticon Barcinonense wch I hope you will not fail off. I have ready for you the dry specimens of about 50 American Trees wch are published in te sheet I have send you. To these I shall add most of te Grasses in my Concordia with their printed Labels to each & some other things mentioned in my last these shall come with Mr Campbell's things ho has desired the care of transmitting them to you. Pray let me hear from you as soon as possible wch will be highly acceptable to

Dear Sr  
Yr most affectionate Friend & very humble Servt  
London  
Augt XI.1716  
J. P.

**Anexo 42. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (sem data). IBB, Fons Salvador; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.203-204.**

My Worthy Friend

I have received your 2 last Letters by wch I am glad to understand you are returned from this fertile Pyrenean Mountains well stored with great variety of plants. I hope one hearty Friend Mr Campbell has been with you to whom I gave some Papers and have since sent you with his things a Box in which are about 50 specimens of American trees with references to each in my Petiveriana prima, to these I have added te seed and fruit of above 30 of the same trees as allso near a 100 Grasses according to the method in my Concordia Graminum, Muscorum, &c. Britanicum Which I have allso sent you. You will allso find near 20 American Coralls, Sponges, and other Submarines wch I hope will very well [illeg.] you. There are allso a score of Amerian [sic] shells and some from Lisbon all which I send you a Catalogue of inclosed and to such as you see Dr Nissolle or Riqueur added I have sent you Duplicates for them and desire you will give them a Catalogue of them as I have promised them you would under the same Numbers I send yours and have marked each under the innitiall letters Viz N or R. This Box mailed J. S. I have this week put into Mr Barlows hands to you with Mr Campbells goods who has promised forthwith to transmitt it to you. In my Collectanea 2da I have nominated all the Plants you sent me

gathered on Mount Serato and I impatiently expect what you can spare me out of your Pyrenean Cargo. I should have been very glad if you had filled a whole sheet of paper with a Catalogue of the Plants, Insects &c. you there observed for a whole sheet of paper cost me but one shilling and six pence, and your last those and what you have me with since in the journey you intimated to me you was then a [ileg]. To show you what Spanish plants will be welcome to me I have extracted a list of such I should be glad to have samples of from Clusius his history<sup>35</sup>, I hope you will send me most of these Pyrenean Plants which Myconus has figured in the historia lugdunensis, the rest are in the Schola Botanica<sup>36</sup> et Institutiones Rei Herbarij Tournefortij.<sup>37</sup> I expect with impatience to hear largely from you concerning what you have lately got and what I may expect from you which I shall insert in my next Collectanea after I receive which pray let be with all speed and against that time I will have another Cargoe for you who am

Sr

Yr Most Humble Servt

James Petiver

**Nota no verso:** Sr I desire you wile forward those to Dr Nissole & Monsr Ricqueur Apothecary at Madrid & Dr Langlade wch you may inclose in Ricqueur's as soon as possible having already given advice of them  
Vale [ileg.] sum.

**Anexo 43. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/03/1717). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.204-205.**

London March 15 1717

My Worthy Friend

In September last I wrote largely to you to wich I refer you and now every day impatiently expect a charge of your Pyrenean Plants, Insects and what else you have collected in those celebrated mountains, tt I may with your leave insert them in my next Collectanea, I have already printed in my third the Balearick Plants Yu sent me collected in Minorca. I have finished a second sheet of my Concordia Graminum which contains the Cyperi, Cyperoides, Junci et Gr. Juncea, I hope of all these tribus [sic] you will sent me a particular collection, of such you have either collected yr self or procured from other Botanick Friends which you correspond withall. And to show you how much this Tribe is my beloved besides the graminum Italiae Icones wch I have coppied from Barrelier, I have in my 3rd Collectanea given you a Catalogue of all the rare and non descript Grasses, Cyperi et Junci extracted from Grisley Viridarium Lusitanicum wch I will send you by the next and I doubt not but many of them may fall in your way or procured by you from thence. I have also just finished the figures of all our Papiliones Britannicae qui tantum die volant et habent antennas clavatas, ad distinguendum a Phalenis quae vesperi et nocte visuntur, Antennis acutis seu plumosis. These are contained in six Tables and are in number about eighty, whereas the Phalenaes are above 4 times that number. Viz: about 300 great and small. These figures I will send you and the Insects themselves and many other things as soon as I have received yr Pyrenean collections, wch I impatiently expect and the sooner they come, it will give me an opportunity of acquainting the Royall Society of yr performances towards the compleating yr Botanicum Catalonicum and a further inducement to have you the sooner chosen a member of us, wch I hope I shall effectually perform they having done me the Honour to admitt me one of the Privy Council for this year, and therefore that I may not loose it let me hear quickly and often from you that I may the sooner print wt I receive to make them sensible of yr abilities. I have annexed a Catalogue of such spanish Plants which I should be glad to have the specimens of from you, whose Authority will confirm me in divers of them I already have but am in some doubt [ileg.]. The [ileg.] like lists if you please to send forthwith furnish you with them desiring a more frequent commutation with you, then which nothing can be more

Acceptible Dear Sr

to yr humble servt

James Petiver

**Anexo 44. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (23/02/1717). BL, MS-Sloane 4065, f.277; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.215.**

Monsieur

Après avoir herborisé une bone partie d'Espagne avons commence a herboriser Portugal, ou nous avons trouve beaucoup des plantes et nous allons en continuant jusque en Galice, Castille, &c. pour nous rendre apre's a Barcelone, je vous ferai part de toutes les plantes d'Espagne et Portugal comme aussi des Pierres, semences et autres, ayant arrive a Bara tous les envois que nous avons fait, j'espere a mon retour trouver quelque chose que vous m'aurez fait l'honneur de m'envoyer. Si nous [aurions] pu herboriser le Mont Gibraltar nous aurions trouve quelque chose de poli, mais le Gouverneur est si jaleux des fortifications, qui ne voulut permettre d'y

monter, disant qu'on decouvre les fortifications, enfin nous partimes bien chagrinez. a mon retour de Barcelone je vous ecrirai, et croyez moi toujours  
Monsieur  
Votre tres humble et tres obeissant serviteur et amy  
Lisboa ce 23 fevrier  
1717  
Jean Salvador

**Anexo 45. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (20/06/1717). BL, MS-Sloane 3340, ff. 329v-330v; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.205-206.**

Dr John Salvadore  
So perfect, fine & carefully dried as so consumate a Botanist as yr self would have taken [ileg.] pains to have done but surgeons are most of them ignorant in te knowledge of Plants & lazy neverttless it is with no small charge & difficulty tt I procure tm in te state ty are in & too often do I receive Collections from both te Indies allmost wholly rotten so ty I am fain to patchup a great many specimens wch gives me no small trouble & much to my regret. However you may be assured I will send you te best I have & more you cannot expect & could wish in return I had te same from you collected in Peru, Chili, Mexico or any parts of yr own foreign settlements wch I cannot but think you might easily procure from te many missionaries or Fathers wch reside in these parts & particularly sprigs of te [ileg.] Peruv. Paraguay & divers other Medicinal Trees & Herbs.  
You would do a thing very worthy of yr selfe & te World's acceptance to settle a correspondence amongst te Physitians & Fathers in Mexico & te adjacent provinces to send you such Plants [? these] parts afford wch might prove a great illustration to te History of Hernandez<sup>44</sup> whose descriptions are short & Figures mean, however many of Tm might be retrived by sending [ileg.] own a Catalogue of them under te Mexican names by wch Hernandez has given them.  
I shall Sr dine to [ileg.] & drink yr health with our Worthy Friend Mr Georges Hay who I suppose will accompany this with a Letter from himself, we often give our selves te pleasure of talking of you wch makes me wish for the hapiness he has had of yr Conversation & a week herborizing with you on the Pyreanean & other Mountains to see my dearly beloved in their native places but since I am deprived from yr Felicity & now for ever te expectations of it dayly decaying & growing more infirm, I must be contented to sit at home in hopes my kind friends will furnish me from abroad & you particularly with yr last years acquisitions & what you have so lately added to them & in expectation of their quick arrival I shall forthwith prepare for you a collection of Malabar Trees & Herbs wch I hope will please you & merit whatever you shall be so kind to favour me with & as I am now leaving off, te cares of the World so te speculation of Nature shall take up its room & therefore beg we may have for te future a more frequent commutation & Correspondence together, then wch nothing can be more acceptable to  
Worthy Sr.  
Yr most affectionate Friend  
London Jun. 20. 1717.  
Ja: Petiver

**Anexo 46. Carta de a Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (14/19/1717). BL, MS-Sloane 4045, f.53; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.215-216.**

Monsieur  
Je profite l'occasion d'un Vaisseau Anglois, qui va directement a Londres pour vous faire part des quelques Plantes que nous avons aporte' de notre voyage d'Espagne et Portugal, j'espere, vous y en trouverez quelques unes qui vous fairont plaisir, je tacherait de vous faire part de quelque autre chose quand j'aurois tout mis en ordre et croyez moi toujours  
Monsieur  
Votre tres humble et tres obeissant serviteur  
Barcelone ce 14 8bre 1717  
Jean Salvador Apotr

**Anexo 47. Carta de a Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (13/11/1717). BL, MS-Sloane 4045, f.64; cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.216.**

Monsieur  
Il a trois ou quatre semmaines que j'ai embarque sur le vaisseau nomme' La Galere Florence, Capitaine michel Magdonel un paquet dans le quel vous trouverez quelques plantes seches que nous avons apporte' de notre



voyage d'Espagne et Portugal, j'espere vous en trouverez quelques unes qui vous feront plaisir. je l'ai adresse' Monsieur [Wyatt] Marchand de Londres quand le vaisseau sera arrive' chez lui vous pourrez envoyer chez lui, qui vous le rendra. je vous serai oblige' si vous vouliez me faire part de quelque chose et croyez moi toujours veritablement

Monsieur

Votre tres humble et tres obeissant serviteur

Barcelone ce

13 9bre 1717

Jean Salvador Apot.

**Anexo 48. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (25/11/1717). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.205-207.**

Worthy Sr.

Yrs of Augst last I received not till 4 or 5 days since but however am glad you have not forget me, about 6 weeks before the date of yours I wrote you a long letter wch I fear you had not then received altho sent & accompanied wth one from our Worthy Friend Mr George Hay because you make no mention of either in it I desired you would send me a Journall or abstract of what you observed in yr Travells thro Spain & Portugall tt I might lay them before the Royall society & I wish you had done it in yr last letter wch would have come very opportunely the 30th of this month being our anniversary day for Electing President officers Councill & Members. however I hope you will not faile to doe it in yr next for a whole sheet of paper [illeg.] me nor more by Post than the least [illeg.] you can with on, & we pay as much for the outer cover wth is only the superscription (if it is separate from the letter) as if it was a whole sheet & as much for the letter beside therefore as I set you an example of long letters I hope you will doe the same by me, for I know yr observations are many & curious & will be not less acceptable to our Royall Society than myself

Nov. 25. 1717

**Anexo 49. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (05/12/1717). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.207.**

Sr.

The last Week Monsr Tourneforts Voyage to the Levant in 2 volumes in 4to came to my hands, a work I have a long time desired to see but I find it falls much short of my expectations wth his [? Cat.] in wich there is the Names of above 1300 Plants of wch in both volumes he has not given us the Figures of quite 40 soe that there remains above 1200 behind & these he has published are not the most rare. I should be glad to meet you in Paris to see the paintings of the Rest & the designs of Pere Plumier but this is only the flight of a wish. I shall be glad to know if at the Escuriell or any other part of Spain you saw or heard of the paintings of Hernandez his Naturall History of Mexico wch cost the K. of Spain soe much money. I hope this Journey has given you an opportunity att Madrid or elsewhere to settle a Correspondence (as I hinted to you in my last) wth some curious persons as the Fathers Missionaries &c in Mexico, Peru, Chile, the Philippines &c. by wch you might make considerable discoverys in Nature. Pray did you see att Madrid Mons. Riequere [sic] & let me know if you have frequent opportunities of sending to him.

Dec. 5. 1717

**Anexo 50. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (10/01/1718). IBB, Fons Salvador, cf. Camarasa; Ibáñez, 2012, p.207.**

Dear Sr

I have now the satisfaction since the last written to acquaint you tt I have received your Collections of Plants &c wch our Worthy Friend Sr Hans Sloan took care off, I having sent him & Mr Rand yr Letters of advice, wch yr Friend a Marchant a Neighbour of mine brought me, Mr Rand came the next week to acquaint me, he had alsoe received his collections & was in hopes of some seeds wch are more particularly his Province he [under]standing the culture & raising of seds nicely well. I told him I had not received from you above 4 or 5 sorts of seeds wch I gave him a share of wch he was pleased with. I must own my self highly obliged to you for the great variety of specimens you have sent, & am very glad to see some of Grisleys Viridarium amongst them & daily value his Book the more for him. You will find in one of my Collectanea, a Catalogue of most of his rare & ND Frumentacea Gramina Cyperi et Junci Wch Family I find you have made the least collections off, but hope you will more nicely prosecute them since you see they have soe great variety. In my next Collectanea I designe an account of all the Plants you have sent me or hitherto discovered on this celebrated mountains the Pyreneans, If I am not prevented by yr not sending me a catalogue as you promised in your last should be by the Post wch I

realy expect & hope amongst them you have found most of these wch Dr Mycone has figured in the Hystoria Lugdunensis, for in Botany untill we have cleared the Plants deleivered to us in the last & preceding ages we shall never be certain what is New, soe that to me its greater satisfaction to discover an old plant than to New ones. My Dear Friend I am sorry to tell you that the Ill state of my health prevents my sending to you soe frecuently as I otherwise should, however depend on it, as my strength will give me oppurtunity, you shall hear from me, I have since the receipt of yours put up ready for you about 40 kinds of fruits, seeds &c. which were growing the last summer in Jamaca [sic], these shall be sent by the first ship & by all oppurtunities [ileg.] endeavour to send you more or less as I am able having now almost [ileg.] done with Bussiness therefore shall dedicate the remainder of my days to the contemplation of God thro the manifold works of his Stupendious [sic] Creation. My Hearty Frind I pray God to give you health & many years that you may prosecute with vigour these soe laudable studies, is the hearty wishes of as well as Prayers of Dear Srr. yr very affectionate Friend  
James Petiver

P. S. Amongst the Merchants who most send shippes between us & Barcelona if you can recommend me to one who will take care to convey to you what from time to time I may have ready for you, I shall always put them in his hands as soon as ready for the Ill state of my health does not permit me to goe out above one or twice in a month soe that I took many opportunity of sending to you. Sr.

Yrs

J. P.

**Anexo 51. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (19/05/1718). IBB, Fons Salvador, R.(02/01/-01); cf. Camarasa, 1997, p.86-88.**

De Paris le 19 May 1718

Je suis charmé Mon cher ami d'apprendre que votre frère [soit] a Montpellier, je comte que vous l'enverrez de la a Paris; cela seroit pour moy un vray plaisir de le voir dans cette ville. J'attends vos graines pour les echanges avec des oignons bulbes et racines de fleurs telles que vous me les demandez. Vos Batates etaient gatées et pas une n'a pu reussir. J'aurois l'occasion de ramasser plusieurs livres qui vous manquent mais nous avons tant de peine a recevoir de l'argent; nos appointements, nos gages ne sont point payé, l'ordonance de quatre mil livres que M<sup>r</sup> le Regent m'avoit accordée des le mois Septembre dernier, n'est point encore mise sur l'etat de distribution, ainsi je ne puis esperer en tirer le payement de deux a trois mois.

Voila mon cher ami de quoy refroidir la meilleure envie que l'on pourroit avoir de satisfaire votre curiosité par l'emplette de tout ce qui la concerne.

Je me serois encore consolé de ce retardement, si je n'avois été persecuté par d'anciens amis jaloux de ma reputation et faches de me voir reusir dans mes entreprises. J'ay été obligé a mon retour de travailler comme'un malheureux pour montrer que j'avois de quoy etre satisfait de mes peines et de quoy indemniser l'etat des depenses qu'on avait fait pour moy. M<sup>r</sup> Nissolle a du vous envoyer une copie du memoire que je presentois a Monseigneur le Regent a ce sujet et que j'ai lu ensuite a l'Academie pour confondre mes critiques. J'avois auparavant donne l'histoire du kali d'Alicant et depuis j'ay lu l'explication des moyens dont cette fille qui est chez le comte d'Ericeira s'acquitte des fonctions de la langue, cet organe luy manquant presque absolument. J'ay cru ensuite que je devois me mettre a faire une relation entendue du voyage, j'en ay deja pres de la moitié en [...] et sans les exercices du Jardin et les affaires domestiques J'en serois a la fin; mais nous verrons apres notre cours que nous allons commencer a la fin de ce mois a cause des chaleurs, nous verrons si nous le continuerons.

J'avois resolu de retourner en Catalogne pour repasser avec vous les endroits et les noms des pays que nous avons parcourus mais le manque d'argent me retiendra icy selon toutes les apparences, du cas que je ne puisse vous revoir je prendray l'occasion de votre frere a Montpelier pour luy envoyer par pieces ce que je souhaite que vous me detaillez, afin qu'il n'y ait rien a desirer dans ma relation.

La maniere de faire le suc de reglisse, celle de preparer le labdanum sont en abregé dans le memoire que je vous ay communiqué, manque en moy d'un detail plus circonstancié ainsi bien que de fil d'aloes, comment on le tire de ses feuilles.

Mandez moy aussi ce que vous aurez decouvert des vernis dorés de vos plats, ce que vous aurez observé sur la fleur du palmier, les plantes qui seront levées de vos graines, et ne repandez point trop en Angleterre ni autre part vos plantes seches jusqu'a ce que notre ouvrage soit imprimé. Je ne fais point façon de vous declarer le dessein que j'ay de rendre au public ma relation, peu de personnes le savent icy et on ne l'apprendra que lorsqu'il sera sous presse.

M. Simonneau m'a joué de vilains tours, enfin, je ne finirois plus si je voulois vour marquer tout ce que j'ay essayé a mon retour, je ne saurois meme me rappeler ces changements prodigieux sans effroy et sans etre etonné comme j'ay pu y resister. L'herborisation des Alpes me fut necessaire l'année derniere pour donner du calme a mon esprit, je voudrois bien pouvoir en faire autant cet été apres de vous.

J'ay eu ordre de vous mander qu'au cas que vous aurez des envois a me faire de plantes, bulbes, graines, fruits, pierres, minerales, pierres figurées et autres choses naturelles, que vous pouviez les mettre a l'adresse de Monseigneur le Regent pour l'Academie Royale et De Jussieu membre de cette Academie et que vous n'aviez qu'a le faire remettre a M<sup>r</sup> l'Intendant de Perpignan qu'en prendra grand soin

[...] nous de vos differens mineraux, de vos sortes de terres, de vos pipes de Madrit et de la terre avec la quelle on [...] des echantillons de vos poteries qui nous paraissent differentes de celles de France.

A l'egard du conte que nous avons a regler il sera bientost fait, nous avons arreté notre conte pour les livres que je vous portay a Barcelone de surplus de la somme que vous aviez envoyé - quarante livres; mon pere donna a M<sup>r</sup> Aubriet cent livres pour les peintures que vous avez receues et M<sup>r</sup> Aubriet vous a [certifié] qu'il devait vous envoyer encore quelque chose. Voila, mon cher, tout ce que je pourrois vous demander, mais je n'ay garde puis que vous m'avez donné ou a M<sup>r</sup> Simonneau dix doublons, et que dans la route vous nous avez aidé de votre argent, ainsi ce sera plutot a vous de me marquer ce que je vous dois; car pour le voyage M<sup>r</sup> le Regent vous y a compris, ce que je me flattois qu'il feroit, et je suis charmé d'avoir obtenu cette distinction en votre faveur, puisque vous m'avez servi de consolation dans toute la route et que j'ay receu de vous plus de services que je ne pourray jamais vous en rendre.

Mes compliments a M<sup>r</sup> Votre Pere du quel vous etes la joye, nos saluts a tous nos amis. et Dieu veuille que nous puissions encore nous rejoindre, j'en suis plus empressé que je n'oseroit vous le dire, etant tres sincerement votre obeissant serviteur et [bon] ami.

De Jussieu

Mon frere vous fait les compliments

**Anexo 52. Carta de Pedro de Almeida a James Petiver (16/07/1715). BL, MS-Sloane 3322, f.86.**

A Lisbonne le 16 de Juillet 1715

Monsieur,

Il ya quelque tems, que je me suis donné le plaisir de vous ecrire, par la voye de M<sup>r</sup>. de Worsley, et ce n'est que avec bien del'impatience, que j'attend votre reponse pour vois une fois etablis le comerce, que je desire depuis si long tems; et aussi pour sçavoir l'usage de plusieurs instruments de ceux, que vous m'avois envoyé.

Je profite du depart du Secretaire Mr. Corbier pour vous envoyer une caisse, avec plusieurs sortes de coquilles, qui produit nostre mer aux environs de Lisbonne, et de Pernambuco en Amerique, et touchant les herbes; vostre lettre n'est point venue á tems de faire une colection complete acause del'été, qui l'avance deplus d'un moy, et demi dens nostre País, que dens les autres et d'ordinaire ala fin du moy de May la plupart des herbes finis sont seches. Neanmoins l'envoye toutes celles, qu'on a peut cueillir, et je m'engage a vous envoyer plusieurs autres, pour l'anne qui vient; L'envoye aussi quelques especes de marbre, qui je n'ay pas eu le tems de faire bien [ileg.], ce qui vous pourrer faire par vois sa beauté; Il y a bien d'autres, donc les echantillons ne me sont point arrivê a tems, mais je le remetrais par quelque autre occasion. Les concretions, qui vont ensemble, dont nous nous servons icy pour faire des grotesques aupres des cascates, et de fontaines des Jardins ne laissent pas d'avoir de la rareté; vou trouverois aussi un fruit du Bresil, que par hazard je l'ay decouvert icy a Lisbonne, qu'on nome Sopocaya dont la figure est comme une marmite avec la couverte qu'il s'ouvre naturellement quand il est arrivê a sa parfaite maturité, et alors il jette par terre les semences, qui sont comme des chatagnes ou plutot comme des prunes seche, et l'on m'assure, que l'[ouille?], qu'on extrait est specifique pour le mal de Gorge. Dens ce momens viens d'arriver un vaissau des Isles de Cap Verd, qui m'aportê une infinité d'herbes, et semences dece país la, mais l'homme, que les á envoyé, quoique scavant, ne les a par sceut garantir des inconvenients aussi elles sont arrivês toutes pourries, hormis quelques semences qui sont echapês, a qui j'ay attache une petite branche de bois, et a quelques unes je lui ay joint des feuilles, qui echaperent ala corruption, dens la memoire icy joint vous verrois l'usage, qu'on en fait a Cap Verde, et mesme la personne, qui me le envoyé demande celuy qu'on en pourroit faire en Europe.

Il m'est oublié M<sup>r</sup>. de vous demander dens ma premiere lettre l'usage, qu'on en fait d'un instrument, qui vous m'avois envoyé, qui contient un gros cercle de plomb avec trois agrafs de couvre passês par trois autres trous, qui sont dans le meme cercle et toute de meme l'usage de la Seringue, aqui vous apellê seringue o Barometre, et aussi de la chaine de vessies. Je vous pries M<sup>r</sup>. de me mander tout leus usages s'ils en ont plusieurs.

A l'arrivê de la Flotte du Bresil j'espere de vous envoyer une meilleure collection de toutes chòses, est je ne doute point, que vous partagerois avec moy de tout ce qui vous aurois de rare afin que nostre comerce roule par la bonne correspondance, et en atendent je me dis avec toute la sincerité.

Monsieur.

Vostre tres humble, et tres obeissant serviteur

Dom Pedro d'Almeyda.

**Anexo 53. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 15/10/1716]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-1.**

Monsieur

J'ai reçues dans ce moment vos deux lettres ensemble par [danificado], l'une daté à 30[?] avril 1716, l'autre 6 septembre 1716. L'une me [danificado] sçavoir, que vous aviez accepté les livres, & plantes sèches bien [ileg.], & ce que vous desirez aussi d'ici, que je ferai à la première occasion; dans l'autre je [ileg.] étonnement, qu'il y a quelque abus dans les livres, que j'ai envoyés. Je suis mal aise sur cela: car j'avois eu tout le soin possible pour faire suivre vos ordres. Je n'acquitterai de mon devoir, pour le corriger, en vous [ileg.] bientôt ce, que vous venez d'avoir commandé pour l'ami, dont vous êtes soigneux: il le [ileg.] bien, étant fort appliqué à ses devoirs, & ayant aussi fait des progrès très singuliers dans la science de la Médecine, & de la Chimie, entre [ileg.] il mène aussi une vie si réglée & honnête, si on pourrait souhaiter: mais je crains, que [ileg.] des moyens fasse obstacle à sa vertu. Ceux qui le favorisent à vous pourr[?] donner de l'or, & vous pourrez le cacher dans les choses que vous m'envoyerez: ainsi il l'avra par moi sans la grande perte d'une cinquième sur le capital. J'espère que vous vous souviendrez de [ileg.] que je vous ai envoyé autrefois des plantes d'Espagne: et[?] je desirais avec bien d'empressement les semences principalement des arbres. Les d'arbres[?] de guinjacaca[?] Tourn[efort] Inst[titutions] & l'azedarais [ileg.] me sont perdus l'hiver passé, je ne puis trouver des semences qui sont menées [ileg.] S'il en l'avoit en abondance en Espagne, et comme les fruits se [ileg.] effectivement en ce climat, j'espère, que votre bonté me fera tenir des bonnes recrues. Tous les graines que j'ai acceptées de vous l'année passée m'ont donné des plantes. Et aussi à / [ileg.] deux[?] événements qui ne' [ileg.] de vous recommander de [danificado] veau bien si recusement le contenu de mon petit billet, où j'ai marqué les noms des plantes, & des arbres d'Espagne que [danificado] ne puis pas commodément trouver ailleurs. Le grand Clusius autrefois, et le très renommé Clutius, [ileg.] deux voyant [danificado] Espagne ont fourni des semences, dont les plantes nous reflue[danificado] encor s'il que à ce jour-ci [ileg.] j'espère que vous aurez [danificado] pour moi en ce cas: principalement parce que vous êtes le seul en Espagne, & comme le grand Tournefort a célébré vos mérites, le [ileg.] je le lacherai aussi à le faire sçavoir au public: car étant occupé en donner récemment au public le catalogue & l'histoire du jardin, je serai obligé de reconnaître le bien que votre industrie a fait à ses richesses. Mes gens ont été occupés l'aesté passé en vous deséchant des plantes rares.

J'ai déjà plusieurs animaux dans le liqueur; mais j'entend encor des autres de l'Afrique, dont je vous ai destiné votre part.

Je vous enverrai tout ensemble, quand je croirai qu'il vaut la dépense du cariage. Si vous aviez quelque correspondance [ileg.] les Indes occidentales d'Espagne, vraiment que vous pourrez attrapper des animaux de toute sorte les plus rares du monde: et quand vous aurez deux, ou trois de la même espèce, m'envoyer un, alors par voye de permutation je pourrai quelquefois trouver moyen d'enrichir votre Cabinet avec des pièces les plus rares & éclatantes: car est le seul moyen: autrement, quand on les veut acheter pour argent, ils demandent si excessivement, qu'il soit incroyable. Adieu.

Je suis votre très obéissant

Leyden 17 15 16.

10

Boerhaave.

**Anexo 54. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 02/07/1717]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-2.**

Monsieur, & très cher ami

2 julio 1717

Je me suis trouvé honoré par celle, que Monsieur Jacques Salvador votre père m'a écrit le 25 avril 1717 de Barcelone; je vous prie luy faire mes compliments, et le remercier, pour la bonté qu'il a prise pour moi, dont je luy serai toujours redevable & obligé. Il m'avoit avisé d'avoir embarqué de vous pour moi deux Caisses le 24 avril 1717 sur le vaisseau Veer Capitaine Veniou Masters adressés à Monsr. George Clifford Le Jeune. Jusque icy je n'ay veu entendu de l'affaire, l'attendant avec desir.

Le 24 juin 1717 j'étois très rejoui ayant le bonheur de me voir regalé avec la votre du 13 juin 1717 de Barcelone à moi: parce que je voyais que vous étiez heureusement retourné chez vous. Je vous en félicite! Dieu vous fasse long temps en bonheur jouir de la douce revue des vos conquêtes, & l'agréable souvenir du voyage, comme aussy du fruit des vos belles découvertes[!] Je vous suis bien obligé de vous déclarer en ma faveur, pour me faire participer de tout cela. Jusqu'à ce temps je n'ay rien reçu de ce que vous écrivez avoir envoyé de Lisbonne à Monsr. Clifford pour moy. Il me déplait, que les occasions sont si rares pour envoyer, et si douteuses pour le recevoir bien tôt; cela fait perdre la vertu vitale.

Monsieur votre amy a écouté deux années à la suite mes leçons dans la La Botanique, Chimie, & Médecine, avec beaucoup d'application, et du succès. Aprez cela, il est / reçu docteur en Médecine ici, publiquement, avec tant de applaudissement, & honneur, que jamais quelque autre a obtenu. Je crois que l'argent étoit fourni de son Patron

de Vienne; depuis il est parti d'ici pour Vienne, où il est bien arrivé, & reçu, & j'ay desja eu deux fois de là de ses lettres. Vrayment il est sage, sçavant & vertueux, meritant meilleure fortune, que je lui souhaite de bon coeur, ne voulant jamais négliger l'occasion d'y contribuer tout ce que je pouray: principalement aussi en egard de vôtre amitié.

Pour les livres, que vous souhaitez, j'auray soin de les acheter; comme aussy des plantes, semences, bulbes, animaux & selon vos desirs. Mais il sera bon que vous me marquiez sur un petit billet les noms de tous les livres que vous cherchez: car il y a quelques fois d'occasion a les acheter de quelques gens bien à moindre prix, que dans les librairies: faites l'avec hardiesse car je suis bien aise, quand je vous puis faire quelque service.

Je vous recommande un peu l'affaire touchant les plantes marines de toutes sortes, & des animaux, dont j'avois pris la liberté de vous importuner, peut et un peu trop souvent: mais c'est parce que je suis / occupé à la description de nostre jardin, & j'y insereray une description des vegetaux marines tant pierreux, spongieux que des autres, que j'ay ramassé à mes despenses des Indes, & de tout coté: ainsi je voudray bien avoir tout que je pouray atraper, pour l'enrichir: déboursez ce q'il faut je le rembourseray tousjours viteement avec grand remerciement.

Je suis a Monsieur vôtre tres honoré Pere & a vous

Monsieur

Vôtre obeissant serviteur

Leyden, 17 2 17.

7

Boerhaave

**Anexo 55. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 06/07/1717]. IBB, Fons Salvador, COR/2/19-24.**

Amich Sr. Dr. Joan Salvador.

Rebo y ab lo degut aprecio la de Vmd. del [ileg.] passat, que me ha multiplicat lo contento tingui[?] al arribo de las S<sup>as</sup> de Planas, ab las noticias [que] me donaren de Vmd. y de que [ileg.] son viatge ab felicitat: me alegra sumament haja conseguit lo fi de aquell ab tot descans, alegria, perfectíssima salut, y que ab la mateixa continui en aqueixa ciutat de que dono a Vmd. infinitas enhorabonas y repetidas gracias de son bon afecte de Vmd. en desitjar saber de la mia, que es entera, a Deu gracias, y com sempre disposta a las suas ordes.

Estimo a Vmd. com dech las memorias [que] ha estat servit donar de part mia al oncle Sala, y Dr. Ramon, y las noticias [que] me participa de gosar tots cabal salut, de lo que quedo sumament obligat a Vmd. y li suplico novament vulla posarme a la obediència dels dits, als de sa casa de Vmd. y del oncle Sala, ab particularitat a la Sra. Viuda, que fou.

Los paquets de llavors que Vmd. me entregà, se remeteren per la primera ocasió [que] se / oferí per Holanda, que fou ab lo comboy [que] per allà partí en primers del passat; anaren tots en un mas, dirigit a Jorge Clifford le Jeune Marchd.[?] a Am<sup>dam</sup>, y entregat al Cap<sup>n</sup> [ileg.], q. ho es del vaxell [ileg.] que confio aurà anat segur, y estic ansiós [de] tenirne notícia.

Tots los amichs estimen com es just sas memorias de Vmd. que retornan duplicadas.

Si alguna cosa arribara a mas mans digna de la curiositat de Vmd. no he de descuidarme, pot quedar assegurat, y també de que l'escruiuré[?] sempre que meresca tenir ocasions que puga emplearme en son servei de Vmd. que Deu g[uarde] m[olts] a[nys]. Lisboa Occidental à 6 de Juliol de 1717.

B[esa] l[es] m[ans] de Vmd. son major servid<sup>or</sup> y amich

Joan Sala

**Anexo 56. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 20/07/1719]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-4.**

Monsieur

Je prends la liberté de vous renvoyer votre bouteille remplie avec quelques animaux des Indes orientales. Tout est bien conservé dans l'esprit, que j'ay changé deux fois pour la conservation. J'espere que vous les trouverez digne d'estre placé dans vôtre cabinet! J'attends cette anné des autres, dont je fourniray quelques uns, si je scavray que celle cy ont esté de votre goût.

Je vous prie pour envoyer des semences que vous pourrez ramasser, & qui ne sont pas dans notre jardin; selon ce que j'ai autrefois demandé. Je suis occupé en faisant l'impression du catalogue de nostre jardin.

Mes compliments a votre pere. Je suis

Monsieur

Votre tres obeissant serviteur

Leyden, 17 20 19.

7

Boerhaave /

L[danificado]eus, saculariuse, caerulea, gracilis, haae[?] arboribus, insidens hominum in oculos inffilit, morsum infligit, necal.

Eodem colore cinereo.

Crocodili duo americani.

Lacertae, elegantes, americanae, Leguanae dictae.

Lacerta, Leguana, cristala.

Equus marinus.

Scorpii venenatissimi americani.

Millpes afer, venenatus.

Erucla palmarum orientalis.

Testudo marina.

Duo pisces volantes marini.

Tarantulae orientales.

Variae serpentes.

**Anexo 57. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 04/12/1719]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-5.**

Monsieur

Je suis ravi voyant que vous aviez reçu la bouteille avec les livres. J'ai dejia ramassé une quantité des animaux des Indes que vous aurez par la premiere occasion, avec un livre in quarto de mon ouvrage sur les plantes de nôtre jardin. Monsieur Ruysch a vendú & transporté tout son cabinet au Çzaar de Russie. Ainsi il n'écrit sur cette matiere. Mais il a donné au publicq deux traittés sur ses decouvertes nouvelles dans l'anatomie, que je vous enverrai avec les autres choses. Je n'ay pas encor les oeuvres de Cupani, ne sçavez vous pas moyen de me les faire avoir tout complets? Mes compliments a votre pere. Je suis

Monsieur

Vôtre tres obseissant serviteur

Leyden 17 4 19.

12

Boerhaave

Souvenez vous, je vous prie, de nôtre jardin en cas des semences.

**Anexo 58. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 31/01/1720]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-7.**

Monsieur

Voici une bouteille, dans laquelle vous trouverez une collection des plus beaux serpents, qué les Indiens adorent, vous y trouverez aussi quelques autres insectes. Mais je vous prie de regarder ce, que j'ay mis dans la petite: le connaissez vous? C'est pour un amateur le plus rar, & mesme surprenant, q'on pourroit praesenter.

C'est donc Le Priapus Vegetabilis, Le phallus antropomorphiles, l'herba Cantharifera des Indiens. Je l'ay fait venir de l'extremité des Indes, & je ne l'ay donné q'a Monsr. Ruysch & a vous. Il est bien praeservé dans la liqueur, laissez l'ainsi dans votre cabinet, où il merite d'être placé. Pour moi, je le tien pour la plus grande rareté que je possède dans mes cabinets, scachant aussi, q'il n'y a pas six dans toute l'Europe.

Je prends aussi l'occasion de vous offrir le livre que j'ay donné au publicq, pour l'usage de mes Escoliers; je vous prie de l'accepter, & placer en votre bibliotheque. /

Si vous pouvez ramasser, & envoyer, quelques semences des plantes que vous ne trouverez pas dans mon livre, vous m'obligerez. Aussi je desire des plantes marines, de toute sorte, mais sur tout de Corallia, q'on dit ici croistre aux environs de la Sicile, Majorque, etc. Jusque icy je n'ay pu trouver ici les oeuvres botaniques de Frere Francisco Cupani, si vous les puez atraper, & me les envoyer, ce me sera une chose bien agreable.

Je suis

Monsieur

Vôtre obeissant serviteur

Leyden, 17 31 20.

01

Boerhaave

**Anexo 59. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 26/08/1721]. IBB, Fons Salvador, COR/2/19-31.**

Molt s<sup>r</sup> meu. Rebo la de Vm. de 2 del corrent ab que m'noticia quedar entes del q. p. son compte carregui, del gasto fiu y de la lletra traguí, q. estimo; com lo cuidado offereix q. la entrega del que incluhi p. los ss<sup>re</sup> Duran y mon germa, y p. la remesa de la resposta de Baga quant vinga. Espero que Vm. ab sa primera me avise de com haura trobat executada la Comissio, y que m' diga alguna cosa del' anchora med<sup>l</sup>.

Quedo jo tambe sabidos de la caixeta se carregá en la barca del P<sup>o</sup>. Soler, pera transbalsarla en Cadiz en lo Pinco del P<sup>o</sup>. Palau; y cuidaré a recullirla sempre q. aparega, encaminantla a Amsterdam en la forma q. Vm. desitja, de q. a son' temps ne obtindra puntual avis. Entretant nom' descuido de las degudas gracias p. la salvia q. se serveix Vm. enviarme, y de la segona, q. espera per a remetrex tambe, ab la qual estimaré me avise lo gasto, q. una y altre aura fet, pera abonarho a son compte.

Aparegué la flota de Bahia en 19 deste, q. fou Deu servit deixarla recullir tota à salvament. Lo dia seguent en n[ombr]e de 60: vaixells, comboyados p. dos de guerra.

Lo vaixell q. ab ella se esperaba de India, y avisi a Vmd., no es vingut, lo que fa creurer se resoldria / tocar al Brasil, y q. de alla vindra acompanyat ab la flota de Rio en ultims de aquest any, o principi del vinent, pero ha vingut altre petit de Goa, que podrà fer porte alguna cosa de aljofar, y tindré cuidado de averiguar ho. He rebut carta de Bruno Verdera feta en Rio Janeiro als 22 de 9<sup>bre</sup> ab llarga relació de son viatge, y del q. estigué arriscat a quedarse p. lo camí, com li succehí al company Bernat Creus, que morí dia de sant Jaume en la costa de Mina, trobantse ell ab fèbre en lo llit, de ahont isqué ab treball pera despedirse.

Diu que no havia gustat res del guany fet, per trobar casa franca en lo mateix Rio, de ahont partiria a las Minas breument, y en partilla acrescenta: quant escriga al s<sup>r</sup>. D<sup>f</sup>. Joan Salvador me li donara moltes memorias y que ja penso ab ell Vm. encomanel a Deu pera que li done um poch de expedicio, que logrant la podra aprofitarse, y ami quem' fassa tant lo concell mevol, en quant de part mia fare igual diligencia.

Acceptarà Vm. las finas expressions del s<sup>r</sup>. D<sup>f</sup>. Pau, s<sup>a</sup>. Maria, s<sup>r</sup>. Fran<sup>co</sup>. y demas amichs y demi la certesa de trobarme pera quant vulga. Deu g<sup>de</sup> a Vm. al

Lisboa, 26 de Agost 1721.

Son cert ser<sup>v</sup> y amich

Joan Sala

**Notal ao pé da carta:** à D. Miquel Gallart, de qui Vm. me demana noticias, viu en primers deste mes casualment tant lo com la p[rimera] vegada, tres anys há o mas que no l'avia vist, y d'ell unicament puch dir há quedat hereu de son fill Narcís Gallart, que estava en lo Rio Janeiro casat, y morí ha cinc o sis mesos.

**Anexo 60. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 19/10/1721]. IBB, Fons Salvador, COR/2/19-32.**

Lix<sup>a</sup> 19 de 8<sup>br</sup> 1721.

Molt s<sup>r</sup> meu. Rebi la de Vm. de 20: set<sup>bre</sup> estimant quedas sabidos de la navegacio del seu Bruno, a qui tambe acompanyo en desitjarli tot be.

Vm. quede descansat no's perdrà q. falta de cuidado tant en esta Casa, com en mi, lo procurar alguna cosa digna de satisfacer la curiositat, particularment a la vinguda del Conde d'Assumar y sa comitiva, aixís com lo hi hagué en aprofitar una conjuntura, o mina aparague de pedras quadradas llegitimas orientals, q. així se deu creurer, puix isqueren del Collegi de la Comp<sup>a</sup>., y las tindra Vm. en primera ocasio.

Per la que escrigui als ss<sup>re</sup>. Duran lo antepassat correu sabia VM. lo arribo a esta del Pinco del P<sup>o</sup>. Palau. Despues reculli lo q. per Vm. ell me porta; y si lo temps continua q. la bona part, ahont se es posat, se embarcará la caixa, o caixetas en un dels vaixells estan promptes a eixir pera Amsterdam, dirigit en bona forma, y com Vm. previngué, de que ab ma seguent espero donar avis de l'aver ho executat. També rebi la salvia, q. Vm se servi enviarme, y me desempeñi en part de la comissió tenia, q. concluiré ab la segona quant vinga, y quedo á Vm. obligadissim del favor.

Aparegué baix cuberta mia la resp<sup>ta</sup> de Bagá, y ab lo recibo q. Vm. ha remes confirmado, q. per ell deixo abonat R. 1500 – valor de los dos p<sup>s</sup>. de 8 entregados.

Havent já eixit de quarentena, segons me escriu lo Rector, le Pinco Mataroni, tindra Vm. la part li tocaba, y jo particular gust ab lo avis espero que Vm. me donará, si la encontra com desitjaba.

Escrivint esta nueba de passar lo vaixell diguí a Vm. se esperaba de India, q. entrò ahir dissapte, tant rich com se sabia; y si fou certa la llista de sa carrega sabré lo valor de la esquina, com si porta aljofar (q. ab lo antecedant vingut ab la flota ni p. señal), y mes si cosa particular q. senvesca a Vm. jo hi hauria fiu puntual avis de las memorias que Vm. envia p. los ss<sup>re</sup> D<sup>f</sup>. Pau, y Fran<sup>c</sup> ab la q. al mateix escriuria ala quint o sis lleugas distant, ahont [ileg.] Sres. las repartí als demas amichs; y a la s<sup>ta</sup> Maria deurà VM offerirlas ab oracions p. descans de la sua anima, q. passó al'altre vida en 28 de passat vigilia de St. Miquel. Vm. com a tant aficionat no faltará en suplicarlos descans della difunta, p. si de ell encara necessita, ni jo en lo rogar a Deu condesca bona hora als remanents y guarde a VM al.

Am<sup>ch</sup> cert, y ser<sup>vr</sup> de Vm.

Joan Sala.

**Nota ao pé da carta:** Cumpliré la comissió que Vm. ordena quant encontre, o puga creurer a D. Miquel Gallart, y será em breu, si l'temps dona lloch, que la distancia es gran, majorment a entrada de hivern com Vm. já experimentalia.

La adjunta p. Felix Moncau servescas Vm. enviarla a casa de mon oncle y ab recado y tot.

**Anexo 61. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 09/12/1721]. IBB, Fons Salvador, COR/2/19-33.**

Molt s<sup>f</sup>. meu. Del s<sup>f</sup>. Joseph Mora rebi la q. Vm. escrigué en 25 set<sup>bre</sup> y del mateixo lo embolic de salvia que estimo, y bastará pera acabar de cumplir la Comissió, que Vm. tant be há desempeñat.

Arribà l' hora de poder jo cumplir ab la remesa a Amsterdam de la caixa herbas y conxas, [ileg.] que executí en lo vaixell Hollandes Wrou[?] Maria, enviant luego per lo correu la notícia ab lo recibo de ella al amich Fran<sup>c</sup> Palau pera executar los ordes de VM. y al mateixo previngui immediatament per via de mar ab lo plech de cartas que pera ell vingué, la forma ab q. disposi lo que dins dita caixa anaba, respecte del regirament hi hagué per quarentenas y guardas, que avent me portat sueltos dos plechs de llavors los posí dintre la caxeta, y esta ab la capsa dintre la caixa gran concertada de la anaria tingué, y renovada la marca, q. justament lo tap[?] ahont ella era se fongué [?] abordo. Lo gasto fiu son 600 R. que pagui de nolits al P<sup>o</sup>. Palau, y 240 de ports y embarc, que dels dos partits tinc adebitat a Vm. y dells se servira Vm. abonarme pera concordar.

Com Vm ha trobat lo camí de aconsolar al meu recomanat de Bagà, no he pogut escusar de acceptar la nova comissió de la adjunta carta, y de suplicar a Vm. que venint la resposta servescas entregar al portador sis Reals de vuit, remetentla ab lo recibo, com feu de la antecedent partida, y donantme debit del import, q. jo tindré cuidado de suplir lo resto de compte si Vm. no disposará de ell, y de recompensar estas impertinencias si mereixere ocasió. Aproximantse las Pasquas de N[ost]re Redemptor no pot mon affecte faltar en anunciar-las a Vm. y en manifestar desitjo que Vm. las logre acompañat de la sua s<sup>a</sup> Esposa, Pare, Germans y mes personas de sa estimacio ab lo cumpliment de felicitat y contento, que sent aixi y me las prometo iguals; y desitjo esta noticias seguida de novas ordes se son agrado, que tant aprecio.

Deu guarde a Vm, al Lix<sup>a</sup> 9 de x<sup>bre</sup> 1721.

Son segur servidor y amich

Joan Sala

**Anexo 62. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 08/12/1721]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-1.**

Amigo y sr. mio: recibi la del 25 8<sup>bre</sup> con muchissimo gusto por saber de la salud de Vm. y demas familia, saqué tambien del correo la carta para el Sr. Dr. Casimiro quien la estimó mucho y siente no aver podido todavia cumplir com Vmd. enbiandole lo prometido, pero no es por descuido suyo, sino por no averse lo entregado hasta el viernes immediato que sacaron los caxones de los almacenes del Rey, y luego que un otro amigo le entregue un balsamo que le falta, hare yo la diligencia de buscar embarcacion que discurro sera de Sr. Pablo Arnau pues todos los días vamos a visitar su mujer que va por héctica.

Dr. Casimiro me há dicho dos o tres vezes queria escribir a Vmd. pero esta tan poco tiempo en casa por sus muchas ocupaciones que no viene sino para dormir, y eso muy tarde. Yo huviera ya podido lograr algun empleo en el hospital del Rey, pero Dr. Casimiro quiera que me mantenga en su casa y me dedique a las anatomias y ayudarle a visitar sus enfermos lo que a mi me esta muy bien y el logra su intento que es introducirme en la ciudad para establecerme em ella con toda conveniencia. Dr. Joseph Patiño salio ya de las ocupaciones de la flota y desea con grande ahinco se establezca esta cathedra de anatomia y un nuevo gobierno en el hospital que esta muy perdido, para esto quiere comunicar alguns dias con Dr. Casimiro, y luego dara cuenta a la corte para que aprueve su designio, en el interin hago algunas disecciones que son del agrado destas gentes, pues no las avian visto jamas, o si viran abierto algun cadaver aprovechavan muy poco.

Si Vmd. Escribe a Mr. Herman Boerhaave, estimaremos le diga si se halla en Leyden un instrumento a proposito para cortar las vertebras sin gastar la medula de la espina, y si ay algun estuche de anatomia para hazer algunas preparaciones curiosas, y que coste puede tener, para que yo suplique a Vm. de embiarmelo, y darme alguna luz para mi adelantamiento lo que no dude de la buena ley de Vmd. y la ambicion gloriosa de nuestra nacion que reluce en VMd cuya vida gde. Dr.

Cadiz y Xbre a 8 del 1721

B. L. M de VMd

Su más obligado servidor

Dr. Joseph Alapont



**Ao pé da carta:** Me pondra Vmd a los pies del padre y hermanos (?) en particular del Sr. Dr. Joseph a quien escribira. Los navios de buenos ayres saldrán el mes que viene y la flota de azogues en la primavera con el nuevo virrey.

**Anexo 63. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 23/02/1722]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-2.**

Amigo y sr. mio: recebi la de Vmd de 25 Enero alegrandome mucho de su perfecta salud con el padre y hermanos de VMD:

Despues que llegué a esta ciudad se [represento?] a Dr. Joseph Patiño la falta de cirujanos que avia para los navios del Rey, y que assi seria muy conveniente establecer una escuela para los tales, y que esta era la voluntad del Rey por averle dado a Dr. Casimiro despachos de cathedratico de anatomia desde el año de [ileg.] lo que no se avia puesto en execución por diferentes contratiempos.

Dr Joseph Patiño escribió esto [ileg.] a la corte y le vino orden [ileg.] para establecer todo lo que hallase conveniente, por lo que se necesita formar un pie de quarenta cirujanos, 20 primeros, 20 segundos [ileg.] diez practicantes para el hospital, todos los quales tendrán comida y cama dentro del hospital mientras que no estuvierem embarcados, el sueldo de los primeros se cree serán 25 escudos, y la mitad los segundos cada mês. Dr. Casimiro les dará un compendio de medicina, Mr. Lacombe les enseñara lo que toca a operaciones chirurgicas, y a mi me quedarán las demostraciones anatomicas, y visitar el hospital del Rey en ausencias y enfermedades de Dr. Casimiro: esto es lo que se há discurrido sobre esta materia y se podra executar quanto antes sino es que la nueva expedicion lo impida por aver de marchar Dr Casimiro y Mr Lacombe, en al qual caso procura yo [ileg.] lo mismo por ver um poco la Italia, y de camino a Vmd. llevandole algo de las Indias lo que hasta aora no se ha podido lograr por aver estado mas de dos meses en Xerez, el mercader que devia dar lo demas, si el establecimiento del hospital se logra, tendremos de todo lo que ay en las Indias, pues los cirujanos lo traerian a persuacion mia, la pepita de cavalonga y las tombagas son muy comunes en este lugar, si nosotros vamos a Barcelona seremos los portadores com algo mas que podra venir em Galeones por mes de Mayo. Siento mucho que este negocio no este en mi mano para servir a Vmd com brevedad y bien.

Nota ao pé da carta: Dr. Casimiro y yo damos mil memorias al Padre y hermano de Vmd. [ileg.] la diligencia de Leyden.

Cadiz y febrero a 23 de 1722

Todo de Vmd.

Joseph Alapont.

**Anexo 64. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 23/03/1722]. IBB, Fons Salvador, COR/2/2-3.**

Amigo y Sr mio: hago saber à Vmd como me hallo com mi empleo y sueldo corriente de quarenta y dos escudos de vellon cada mes por orden del Sr. Patiño mandando assentar mi plaza en la lista mayor de los oficiales y creo tener en breve los despachos del Rey.

Los dos navios para azogues se estan cargando para salir el mês que viene, los otros que deven ir a levante estan ya carenados, y se discurre saldrán por el mismo tiempo, aunque no se sabe ciertamente para donde, porque unos quieren vayan a bombarderar Argel con la esquadra que viene de Holanda, otros que iran a llevar el infante a Florencia otros que son para hazer guerra al Emperador incorporandose con una esquadra que vendra de Francia. Estos dias vino de Sevilla Sr. Nicolas Garzon a quien di muchas memorias de parte de Vmd. y me dixo estar muy sentido de no averle embiado unas drogas de botica que Vmd le avia encargado, pero fue omision del patron que no acudio donde le avia dicho, el esta para hazer un viage a Indias, y me ha dicho le tendra Vmd siempre a su obediencia, yo le he rogado de buscar algo de lo que Vmd. me pide o otra qualquier cosa de gusto, y me ha ofrecido executar lo. La semana pasada descubri en casa un mercader un animal de las Indias que viene a ser como una tortuga y se ponde redondo como el erizo, me ha prometido darmelo, el que enbiare a Vmd quando vaya lo demas. El sr. Dr. Casimiro saluda a Vmd con su padre y hermanos y cre no embarcarse.

Cadiz y Marzo 23 de 1722.

Su mayor servidor

Dr. Joseph Alapont

**Anexo 65. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 20/06/1722]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-4.**

Amigo y muy Sr. mio: dias ha que me hallo sin carta de Vmd, aunque creo no avra Vmd dexado de favorecerme en escribirme, pero la carta se avra perdido por faltar algun tiempo de Cadiz y hallarme distante tres leguas

acompañando um enfermo que salió a convalecer, creo restituirme esta semana a Cadiz donde me tendra Vmd siempre a su servicio.

La armada que se componia de cinco navios de guerra y quatro navichuelos salio a los primeros deste mês, y se halla costeano estos mares desde los cabos de Sn Vicente hasta el estrecho, se creo espera los navios de azogues que salen la vispera de Sn Juan y despues se incorporan con los Holandeses para ir contra los Argelinos.

Vmd no dexa de escrivirme y mandarme pues sabe le deseo servir y perdona no averle podido embiar lo que tanto tiempo ha ofreci pero no es olvido ni omision mia.

Saludo cordialmente al padre y hermanos de Vmd cuya vida gde.

En la Isla de León, Junio 20 de 1722.

Su mas cierto servidor

Dr. Joseph Alapont

**Anexo 66. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 24/09/1722]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-5.**

Amigo y muy Sr. mio: corrido estoy de no averle embiado todavia lo que tanto tiempo ha ofreci, aunque no es descuido mio sino mis muchas ocupaciones y el tiempo tan caloroso que hemos pasado, ha sido motivos para no cumplir lo. Muchos dias ha que el Armadillo queda en mi poder, de quien no hablare por suponer sabe Vmd muy bien su historia. Antes de ayerme dieron el balsamo de Catavo mangle de quien me han contado ser eficazisimo para la lepra, herpes, heridas y como dixo el sujeto un cura lo todo para enfermedades externas: la causa de averlo hallado fue tener en Guatimala de Nueva España un cavallero cierto esclavo que estava leproso, y viendo su amo no le podia servir, le dixo que fuera de su casa; este infeliz esclavo se fue al campo a alimentarse de frutos silvestres, y hizo su cama debaxo de eso árbol muy grande y muy frondoso, y aviendo observado que destilava un licor procuro untarse com el, se hallo tan bien con el, que dentro poco tiempo volvio a la ciudad grueso y bueno, su amo viendo le tan sano quiso tener lo outra vez por esclavo, pero la Audiencia declaro lo contrario por averle abandonado su dueño.

Le preguntaron quien le avia curado, y respondió que Cativo mangle, fueron con el al sitio donde se retiro, hallando el arbol y el licor referido, y de alli tomo el nombre dicho balsamo, que sera menester calentar para sacarle del vidrio donde ira.

Ahora estoy esperando la tierra de Cartagena, eficaz remedio para los herpes de Indias que son muchos mas dificiles de curar que los otros.

La esquadra de Holanda, quinze dias ha que entró aqui, y dos de los seis navios fueron a Lisboa a vender unos moros que no quisieron recibir por dicho tiempo tuvimos tambien tres navios de Malta que passaron a Lisboa. Estan aguardando orden de Madrid para admitir dos navios de guerra franceses que vinieron contra los Saletinos, y quieren descargar uma porcion de lienzos, se cree que luego se abra el comercio de Poniente con Francia. Mr Lacombe vendra el mes que viene con Dr Joseph Patiño quien será mas absoluto de lo que ara, como le dan dinero, de lo que ay malos indicios.

Nuestra armada espera orden para retirarse a este puerto, ay algunos que cren ira a lo mar del Sur para limpiar aquellas costas de los cosarios franceses, holandeses e ingleses que han echado a perder el comercio de galeones, pues en outro tiempo han baxado de timo cinquenta milleros[?] para la feria de galeones, y ara no baxan seis; otros dicen se carenaron los navios para la flota del mes de Abril pues no ay otros del Rey sino los que se esperan con las galeres por noviembre.

Repito mil memorias al padre y hermanos de Vmd a quien gde

Cadiz y septiembre 24 de 1722

El mas obligado servidor

Dr. Joseph Alapont

**Anexo 67. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 04/01/1723]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-6.**

Amigo y muy Sr mio: estos dias recibi una de Vmd por manos del Patron Bautista Ferrer quien me dixo se detendria algun tiempo y que volveria por caxoncito que tengo prevenido; esta mañana me han dado un pedazito del metal que viene de Indias para hazer las tombagas, y me han assegurado ser del verdadero, pues en esta ciudad lo falsifican facilmente; la misma persona me dio la semilla que remito de la planta llamada trinitaria y me ha dicho que si Vmd avia menester algunas semillas de flores estrangeras, las haria venir de Malaga: hare la diligencia sobre la Dama de noche y si puedo alguna cosita mas.

Las novedades son que el Rey embio doze navios a Malta con seis mil hombres, unos quieren ser contra el Turco, y otros contra el Emperador.

Estimare saber si Vmd ha tenido respuesta de Leyden sobre el instrumento anatomico que le encargue. Mr. Lacombe esta bueno y su madame se halla con calentura y preñada. El sr. Dr. Casimiro vuelve las memorias muy cumplidas

Cadiz, Enero 4 de 1723

Su mas afecto servidor

Dr. Joseph Alapont

**Anexo 68. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 03/05/1723]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-7.**

Amigo y sr mio: recibo la de 10 Abril y por ella veo se mantiene Vmd y sus parientes com cabal salud, la que disfruto buena a D[io]s [gracia]s.

El Patron Ferrer vino dias ha mi casa y me dixo iva a San Luis y que a la vuelta tomaría el caxonsito, pero aora he sabido que se fue a Cataluña sin tocar en Cádiz: Haré la diligencia esta semana para buscar barca catalana o lo entregará a algún Cirujano de los quatro navíos que salen quanto antes a Levante, y se discurre no dexarán de llegar a Bar[ce]lo[na], aunque vayan primero a Liorna. La flota no se ha empezado todavia a cargar. /

La expedición [ileg.] se dio por falta de víveres [ileg.] ser tiempo de verano; se ha dado orden de [ileg.] almacenes [ileg.] que venga la [ileg.] para si fuera [ileg.] el mês de septiembre [ileg.] de poniente con Francia [ileg.] que está abierto y ay más de treinta navíos que desembarcan sin quarentena ni detencion alguna. En Francia se construyen muchos navíos, pues se tiene por cierta la guerra el año que viene. Se dice que el Cardenal Alberoni buelbe a España. Dios g[uar]de a Vmd. muchos años.

Cádiz y Mayo 3 de 1723

B[esa] l[as] M[a]n[o]s de Vmd.

Su mas afecto amigo

Dr. Joseph Alapont"

[anotação de Joan Salvador no verso da carta: Cadiz del Dr. Joseph Alapont; rebuda als 2 i Maig 1723].

**Anexo 69. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 10/05/1723]. IBB, Fons Salvador, COR/2/3-8.**

Muy sr mio: Dr. Nicolas Garzon boticario de la esquadra del Marques de Marqui se llevó la dama de noche y um caxoncito com el armadillo, la nueva contrayerva, un pedazito de metal de tombaga, una pepita de cavalonga, um poco de tierra de Sta Marta y canchalagua, unas semillas de Flandes que me dio por muy extrañas um Capuchino y um flasquillo del balsamo Cativo mangle. En quanto a las virtudes de algunas cosas de Indias no hablo palabra porque supongo que Vmd lo sabe mejor que yo, y a mas desto Sr Nicolas Garzon dira a Vmd lo que se dice por aca acerca de ellas. Buscaré al Patron Mallot para entregarle lo que pide Vmd en la carta que me traxo, pues quando la recibí, estava ya embarcado el redicho Sr. Nicolas.

El Sr Dr Casimiro saluda a Vmd y desea saber si Vmd tiene experiencia de uma planta llamada [ileg.] ad calculos frangendos que se cria en lo puerto de tierra desta Ciudad.

Dios gde. a Vmd

Cadiz y Mayo 10 de 1723

Su mas afecto amigo

Dr. Joseph Alapont

**Anexo 70. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 01/07/1721]. IBB, Fons Salvador, COR/2/19-29.**

Amich y molt s' meu. A son temps rebí la de Vmd. q. acompañaba la resposta de Bagá, y novamente estimarà meresca tanta bona conducta la que va ara per la mateixa part, y q. rebent altre resposta se servesca Vm. entregar al portador de ella dos pessas de vuyt prementre un petit recibo.

La que Vm. me escrigué als 31 de Maig responent ala informacio demanada arribá entant oportuna ocasio, q. luego compri tots los llibres demanats, y més um nou del Mirandella ab la mitg quintar de Salsa parrilla, y en dos fardos embarqui, com apar del coneixement inclus, en lo Pinco Mataroní del Pº Gabriel Gibert, q. avia arribat pochos dias antes, y as anat ja a Bethlém ab intencio de ferse ala vela, altre vegada per a eixa, demà, o passat demà sens falta, mediant Deu.

Al arribo del referit Pº manarà Vé. rebrer los mencionats fardos, y entregar los 4+2 The que van em lo [ileg.] 2. als ss<sup>te</sup>. Joseph y Jaume Duran, y al Dr. Ramon meu germa los dos plechs, q. en lo mateix trobarà ab sobreserit per a ell cobrant deste la part li tocará dels nòlits; y mes si alguna cosa entregara p. abonarho Vm. a mon compte.

Lo Rhabarbaro no va, per q. a més de estrañar que Vm. lo vulla de axi, estant mes prop de la font, me ha fet reparar lo trobar tanta varietat de calitat y preus, avista de que esperaré major individuacio per a acertar en lo gust de Vmd.

De aljofar continua la falta ha molt temps, y antes de arribar la flota de Bahia, q. se espera per instants, y ab ella algun vaixell de India, no podré donar a Vm. la noticia que desitjas.

Em altre diré lo més q. falta. Acceptarà Vmd. de tota la casa, y demés amichs las degudas expressions, y se servirà fer a mans del sr Rector la adjunta, continuant-me ocasions de emplear-me, en quant quedo pregant a Deu guarde a Vm al Lisboa p<sup>r</sup> de Juliol 1721.

Servidor y amich de Vm .

Joan Sala

Estimaré a Vm. me remeta per p<sup>ra</sup> ocasio um parell de lliures de la millor salvia silvestre ab lo avis de son cost para servir a um amich.

Anotação de Joan Salvador ao pé da carta: Margarida Verges de Bagà se ha escrit o enviat la carta als 20 Juliol 1721 y se li ha donat dos pessas de mig q. ha enviat recibo lo qual he remes a Lisboa al Joan Sala.

**Anexo 71. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, julho de 1721]. IBB, Fons Salvador, COR/2/19-30.**

Amich y molt sr meu. Em p<sup>rs</sup> del corrent escrigui a VM. encaminant polisa dels dos fardos, q. per son compte anarem ab lo Pinco Catala; y va em esta segona, per si aquella tingues extrãna. Dit Pinco se detingué fins a dijous de la semana passada p. aver tingut q. carregar, y espero lo porte Deu a salvament. Trobara VM inclusa nota del gasto feren los llibres tots ab lo nou avisi averhi ajuntat, que confío será a gust, y las dos arrobas Salsa parrilla, q. per averme assegurat ser de bona calitat me resolgui a pagarla mes del como, y per la importancia de tot com del compte apresse servira Vm. abonarme R. 24&314 – aãadint hi los R.1680 dels dos tomos de Gouvea, que foran en 9<sup>bre</sup> passat.

Tambe adverti ab ma antecedent a Vm. dels dos plechs per mon germà, y 2 capsas de Thé per Duran, q. en lo fardo dels llibres anaban, suplicant ha manos entregar, cobrant los respectives nòlits; y q. p. la dubte en la varietat del rhabarbaro suspenguí comprar la lliura que Vm. desitjaba. En la llista de las mercaderias porta um vaixell, q. de assi aná en Maig de 1719 ala India oriental, y se aguarda p. instants, vá una [ileg.] partida de las herbas, rael q. trobará Vm. al peu / desta apuntadas, q estimaré me diga si té de ellas coneixament, y si serviran per Vm. com lo que voldra de aljofar, si es que algun ne aparega

Avent-se offert ocasió de passar uma lletreta p. eixa no he reparat en donarla vuy mateix, y as de 40 [ileg.] 8 a 8 vista a la orde de Pere Anton Velada de Mataro, que agrahiré vulla honrarla em fer presentada, adebitantme p. ellas R. 30.000. ó 3000 Lliures[?] que he negociat y de la mateixa partida he acreditat a Vm en son compte.

En quedar posadas de part las comissions que en dita ma ultima supliqui a Vm tindre cuidado de embolsarlo del que restará acrehedor, y de servirlo en lo mes que se oferira de son agrado. Prenga VM memorias de tothom generalmen<sup>t</sup> y de mi pera tota la casa, enquant supliquis a Deu los g<sup>de</sup> ... amich y servidor de VM., Joan Sala.

Nota ao pé da carta: Rael de Milabolán, de Galinga, de Esquina y petra hume també.

La demas càrrega consisteix em Thé boy y vert, porcellana ab varietat, sucre candí, y seda en Rama, tot abundantment.

**Anexo 72. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 20/05/1718]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-14. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Mon cher Monsieur

Comme il ma toujours paru que vous m'honoriez de vostre amitié depuis l'heureux moment que jeus l'honneur de vous embrasser jaÿ creu aussi que je ne devois pas craindre me communiquer a une personne de vostre caractere. Je me prends donc la liberté de vous envoyer l'original, ensemble avec la copie dune espece de Campanule auquel dessein jaÿ joint la description et le nom. Com me estant persuadé quelle na pas esté decrite de personne je vous prie de grace de meclaircir sur ce doute, je joindraÿ cette obligation a celles que je vous aÿ.

Je suis avec respect

Monsieur

Votre tres humble

et obeissant serviteur

et fidelle amy

Barrère

A Ppan. le 20 May  
1718

Mr Razouls vous presente ses respects et me charge de m'informer avec vous a quel prix vend on le sel d'Angleterre, la pareira brava, le bois nephritique et le bois de fer. Comme aussi d'avoir la bonté de me procurer pour son usage un peu de marum.

Je vous prie de me faire reponse sil vous plait par le premier courrier.

**Anexo 73. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 27/05/1720]. IBB, Fons Salvador, COR/2/15-18. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt Sr. Meu

Après l'ÿ aver donat infinites grâcies de les coquilles que mon cosí Barrera me remette [en son] dia jo tindré l'honor de l'ÿ dir com no e pas pogut encara [remettre] ninguna singularitat d'història natural de est paÿs per l'ÿ enviar: Sols lo prego d'acceptar alguns Cunnolÿthos que l'ÿ envio . V<sup>me</sup> pot ser persuadit que si trobo ninguna cosa de particular l'ÿ faré part ab moltissima gana particulièrement sent tant [...] com som. Jo goso esperar que tots dos nos comunicarem dins la seguida nostres descobertes. Desitjaria tenir la ditja d'[accompagnar] me amb V<sup>me</sup> est estiu dins los Pyreneus [a on me] dispo anar a estudiar la natura.

M<sup>r</sup> de Jussieu ma escrit estos dies ÿ me prega d'escriurer a V<sup>me</sup> que si a cas l'ÿ a demanat ninguna cosa de la que sap, ÿ o vol [...]; jo l'ÿ faré tenir per una commoditat que es [...].

Aqui l'ÿ envio una espèce de [...] que se troba copiosament dins les [montagnes] secas *circa Perpinianum*. Jo no la trobo pas mencionada dins las I.R.H.<sup>696</sup> a no ser que fos la [...] *minima* I.R.H., lo que jo dubto molt. Jol prego de voler men dir a son sentiment per lo primer correu. Com ÿ també si V<sup>me</sup> podia me procurar en pagant o seguia de Portugal o seguia de Barcelona, suposat sen trobas, un poc de gomme lacque, un boson gomme [Cavegna].gomme [gutta], dos bossons de *Cassia* del [...], algunas fabas de S<sup>t</sup> Ignasi; un poc d'anís de la China *vel anisum stellatum* ÿ dos o tres [anillas] *seu landiroba* [...] ÿ lo *cortex Winteranus legitimus anglorum*. Jo vull dir aquella especia que no sent exposada al foch l'olor d'almesch ni la Canneilla blanca sino que mastecada sent com lo fonoll. Si V<sup>me</sup> pot me fer eix serveÿ l'ÿ estimaré moltissim. Lo tot es per guarnir mon droguier que manca de tot això ÿ que no he pogut trobar a Paris. Ja veitg lo [importun] à la bondat de V<sup>me</sup> mes l'impossibilitat de no poder recórir sino a V<sup>me</sup> me fa prendre esta llibertat. Espero de V<sup>me</sup> la resposta ÿ obligara aqueill que es ÿ sera [sempre] de cor ÿ ab sinceritat son major servidor ÿ amich

Barrere

**Anexo 74. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador (Paris, 22/12/1720). IBB, Fons Salvador, R.(02/01-6), cf. Camarasa, 1997, p.95.**

[Paris] le 22 decembre 1720

J'ay receu des nouvelles de M<sup>r</sup> [Gare] qui est charmé de vous savoir an bonne santé et qui me charge de vous faire bien des compliments. J'avais eu recours a luy pour obtenir l'année dernière des recommandations pour l'Italie et surtout pour la Sicile ou je ne puis envoyer mon frere a cause de la contagion de Marseille. Vous savez qu'elle diminue beaucoup; mais la frayeur et la contrebande l'ont repandue dans toute la Provence. M<sup>r</sup> Chycoyneau vient de m'envoyer la relation succincte qu'il en a faite, son pronostic et la maniere de la traiter qui est tres sage et que j'approuve beaucoup. Nous vous enverrons une partie de ces relations et imprimés au cas que Mr Nissole ne puisse le faire. Paris heureusement, le Lionais, la Bourgogne et tout le pays en deça du Rhosne ne se ressent point de cette contagion. L'hypecacuana, le thé, les vulneraires et les cordiaux ont été les remedes qui ont le mieux reussi. Je ne doute pas que vos vins n'eussent fait merveille s'ils eussent été abondants dans le pays. Ils firent tres bien, lorsque le contagion ravagea Londres. C'est pour cette raison que je n'hesite pas a vous prier de me faire une petite provision de votre grenache, de la malvoisie, du vin grec, des muscats et de vos vins teints, de l'eau de vie au suc de muscat et de la Citronelle de muscat, c'est a dire de l'eau des écorces de citron infusées et macérées dans suffisante quantité de muscat, puis distillées au bain de sable. Trois a quatre pintes de chacun de ces vins et esprits de vins mis dans de petits barrils me feroient plaisir, vous pourriez le adresser a M<sup>rs</sup> Palerme, Thoubaut et Compagnie, Banquiers a Cadix, et m'en donner avis. Je vous souhaite en revanche de bonnes fêtes, et l'année ou nous allons entrer heureuse et pleine de prosperité. Mes respects a M<sup>me</sup> Votre Epouse, M<sup>r</sup> Votre Pere, a M<sup>rs</sup> vos freres et a toute votre famille. Nos compliments a tous nos amis. Je suis toujours tout a vous et tres sincerement votre tres obeissant serviteur et ami.

De Jussieu

---

<sup>696</sup> Es refereix a les Institutiones Rei Herbariae de Tournefort (1700)

**Anexo 75. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador (Paris, 22/01/1721). IBB, Fons Salvador, R.(02/01-7), cf. Camarasa, 1997, p.95-96.**

M<sup>r</sup> Salvador

De Paris ce 22 Janvier 1721

M<sup>r</sup> Barrère vous a pu marquer Monsieur et cher ami que nous etions en France dans un etat deplorable. D'un coté la rareté de l'argent au dela de ce que vous [sauriez] vous l'imaginer, et malgre les vivres et autres choses necessaires a la vie tres cheres, d'un autre coté les maladies pestilencielles qui ravagent la Provence et qui nous font craindre pour le reste du Royaume. Vous jugez bien cher ami que dans un tel etat on n'a guere le coeur aux curiosités, et la prudence demande que nous nous mettions [au fait] de ces maladies crainte d'etre surpris. Je n'ay pour cela abandonné cette etude qui est la seule qui me fait plaisir, lorsque nous serons un peu plus tranquilles, vous m'apprendriez quelque chose; je vous prie meme de ne pas m'oublier lorsque vous aurez la occasion d'en ramasser pour vous meme.

Vous avez du recevoir cher ami une de mes lettres le mois passé, je vous demandais des echantillons de cinc ou six de vos vins pour nous garantir de la peste, et je vous avoit prié de les adresser a M<sup>rs</sup> Palerme, Thoubaud et Compagnie de Cadix.

A l'egard des dissertations qui ont parues sur le traitement de la maladie de Marseille, je vous mandait que celle qui etoit la plus instructive avoit été donnée par M<sup>r</sup> Chycoyneau, et que au cas que M<sup>r</sup> Nissolle ne put pas vous la communiquer je vous en reservois un exemplaire, au quel je joindray differents remedes qui ont été proposés icy pour remedier a ce terrible mal.

Tous nos amis se portent bien et vous saluent, je suis ravi d'apprendre que toute votre famille, surtout M<sup>r</sup> Votre Pere jouit d'une assez bonne santé, je souhaite que cela continue longtems, et que vous ayez satisfaccion; il ne vous arrivera jamais autant de bien que je vous en souhaite, soyez en persuadé et je suis tres parfaitement Monsieur et Cher ami Votre tres humble, tres obeissant serviteur et ami affectionné.

De Jussieu

J'ay bien des remerciements du paquet de graines que vous m'avez envoyé, comme aussi des coquilles surtout des *Bucardium* qui sont magnifiques. Vos *Echinus* en coeur se trouvent sur nos côtes de Normandie. Vos Pierres de [Morada] sont pareilles a nos Pierres d'Alençon qu'on appelle icy diamant d'Alençon ou Pierre du Temple. Vos Pyrites sont plus pesantes que les notes et vos [Tuslanites] sont les memes que ceux que nous trouvons a Chaumont a 14 lieues de Paris.

**Anexo 76. Carta de Guillaume Nissolle a Joan Salvador i Riera (Montpellier, 24/09/1723). IBB, Fons Salvador, R\_(02\_20)\_2\_c.0001.**

Monsieur et cher ami

Je viens de recevoir une de vos lettres que Mr. Casalis m'a remis. Vous pouvez estre asseveré que je luy rendray tout les services que je pourray, suffiz que vous me le recommandiez pour que je fasse attention a tout ce qui pourra luy estre utile. Je croy qu'il est déjà logé parmi quelques autres étudiants de son pais. J'etois fort surpris de reapprendre point de vos nouvelles et je le suis encore de ce que vous ne m'eu marqué pas si vous avez receu un paquet que j'ay eu l'honneur de vous envoyer par la voye de Monsieur le docteur Albert de Gironne dans lequel il y a des thèses de médecine, le discours de M<sup>r</sup> Chycoyneau dans lequel il prétend procurer que la peste n'est point contagieuse et quelques paquets des semences curieuses. Dans la dernière lettre / que vous me fites l'honneur de m'asevurer[?] vous me marquiéz que vous m'envoyeriez quelques semences mais je non ay point receu encore.

Je vous prie d'avoir la bonté de me faire scavoir si vous avez Commelini rariorum plantarum historia et sermo de structura florum, horum differentia ususque partium cos constituentium et constitu[ileg.] trium novorum generum plantarum, araliassi, sherardia, boerhaaviae per Sebastianum Vaillant.

J'ay receu depuis quelque tempos l'anthologia Julii Pontederæ professoris botanicus patavii, in 4<sup>o</sup>.

Si la personne qui doit prendre ma lettre n'est pas pressée je vous aurais envoyé quelques autres semances rares et nouvelles, mais ce sera par la première occasion. Mes complimens a monsieur vostre père et a toute vostre chère famille. Les demoiselles ricoma[?] vous saluent et je suis tous ou[ileg.] avec attachement

Monsieur et cher ami

Votre très humble et obéissant serviteur

Nissolle.

Montpellier 24 septembre

1723.

**Anexo 77. Carta de Guillaume Nissolle a Joan Salvador i Riera (Montpellier, 23/01/1724). IBB, Fons Salvador, R\_(02\_20)\_1\_b.**

Monsieur et cher ami

Je receus a la fin du mois d'août une de vos lettres que Monsieur Casalis me rendit. Je luy offris tout ce qui pourroit luy faire plaisir et de le faire placer; mais il se logea avec des étudiants de son pais et depuis ce mis là je ne l'ay plus veu que deux ou trois fois l'ayant rencontré par hasard dans la rue. Je receus au mois de novembre la lettre et le paquet des semences que vous aviez remis à monsieur Rancet chirurgien. Il y en a manqué quelques unes, scavoir n° 6 Jalappa; n° 11 cor ind. fructu min.; n°13 coral arbor; n° 14 asclepias Zeylan. fl. oblongo tubul.; n° 20 poinciana; n° 24 melochia; n°40 phaseolus. Je regrette beaucoup la Jalappa, le coral arbor, l'asclepias, le phaseolus et le melochia. J'ai beaucoup de poinciana, et de corindum. Je vous envoie un paquet des semences parmi lesquelles il y en a de très rares vous y trouverez quelques unes de monsieur Commelin et du M<sup>r</sup> Boerhaave, dont je receus avant hier une lettre. Je sacheray de trouver quelque occasion par mer pour vous envoyer des plantes en pied pour cela j'ay écrit à M<sup>r</sup> Voutier à ayde afin qu'il m'avertisse quand il y aura quelque bâtiment prest à partir pour Barcelonne. J'ay joint au paquet des semences l'oraison de M<sup>r</sup> Chicoyneau dans laquelle il pretend procurer / que la peste n'est pas contagieuse, elle a été imprimée en français et j'y ay joint la refutation de M<sup>r</sup> Astruc qui vous fera beaucoup de plaisir. J'ay plusieurs pieds du lauro cerasus lusit. mais je n'ay pas le persea, que je souhaiterois beaucoup, ainsi bien que la semence recente de lernacea et un pied du verbena nodiflora et de lascisrum balearicum. J'attens tous les jours de recevoir des semences de M<sup>r</sup> de Jussieu, car Il y a très longtemps qu'il me les ont promises je ne scay pas quand est ce qu'elles arriveront.

Mes complimens a monsieur vostre pere et a madame vostre epouse, a monsieur vostre frere et a tout le reste de vostre famille. M[ademoiselle] de Ricome es ses deux filles vous saluent, elles souhaiteroient de vous voir encore une fois dans ce pais, mon epouse vous fait bien les complimens et je suis avec un attachement sincer.

Monsieur et cher ami

Vostre très humble et très obeissant serviteur

Montpellier, 23 Janvier 1724.

Nissolle /

Je souhaiterois de scavoir ce que M<sup>r</sup> Commelin dit de son momordica fructu sicco reticulato, que j'ay range sous le genre de luffa.

Je souhaiterois ausi de scavoir comment est faite la semence du Jalappa que vous avez receu, si elle a du rapport avec celles de convolvulus ou mirabilis peruviano, car suivant moy le Jalap est convolvulus americanus Jalap officinarum dictus, M<sup>r</sup> Herman la creu toui[?] ou tel.

**Anexo 78. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 17/03/1720). IBB, Fons Salvador, R.(02/01-4), cf. Camarasa, 1997, p.92-93.**

Je ne sçaurois, Mon cher ami vous envoyer de l'or préparé a cause du prix exorbitant ou il est monté. [...] valent a present plus de quarante livres. Je suis fâché que vous n'avez profité de ces augmentations [des prix] pour faire voyager en France M<sup>r</sup> votre frere qui n'auroit pas depensé la moitié de ce qu'il luy faudra d'argent dans un autre temps. Faites luy mes compliments et permettez moy d'assurer icy a M<sup>r</sup> Votre Pere de mes respects, de meme que M<sup>me</sup> Votre Epouse que je felicite de vous avoir donné un [...] fils.

M<sup>r</sup> Simoneau vous remercie de votre souvenir et peindrait [...] le jeune enfant s'il n'etoit pas aussi éloigné de [...]. Nous travaillons a finir ce qui regarde le voyage. Tout [ce] que [...] impression en seroit deja [...] si j'eusse [...] les changements qui sont arrivés depuis un an dans la pratique de la medecine m'empeche de la finir si promptement.

M<sup>r</sup> le comte d'Ericeira fils et qui est depuis trois [ans] a Goa en qualité de Viceroy m'a fait l'honneur de m'ecrire qu'il m'envoyoit deux grosses caisses de plantes et de pierres figurées, lorsqu'elles seront arrivées icy je vous en feray le detail. M<sup>r</sup> d'Almeida ne nous a donné aucune de ses nouvelles: je vais cependant envoyer a M<sup>r</sup> Paul Martin des observations astronomiques faites au Bresil par Marcgrave. Peut etre que cet ouvrage fera souvenir M<sup>r</sup> d'Almeida de la curiosité que nous avons de recevoir des plantes du Pays ou il est Gouverneur. Si vous en recevez des nouvelles mandez les moy et marquez moy en meme temps les observations phisiques qu'il vous aura communiqué. Je m'attends bien que votre mariage ni vos affaires domestiques ne vous empechent point de travailler a enrichir de plus en plus votre cabinet. Les plantes, les pierres figurées et les drogues de votre pays seroient icy l'ornement de [...] si vous vouliez biennous dessecher de toutes vos plantes je m'engagerois avec vous de vous fournir un echange de toutes celles du Jardin. J'attend quelque occasion [...] pour vous envoyer du Gin Seng du Canada qui est pareil a celuy de la Chine, des feuilles de la Palach[...] [...] qui croit au M. [...] et nous y joindrions quelques pierres figurées des environs de Paris. Ne [...] vous [...] de nous faire ramasser des

semences de toutes vos plantes que vous avez vu manquer dans le *Botanicum Parisiense* de M<sup>f</sup> de Tournefort. L'acereiro n'est pas venu, vos semences n'ont pas levées, tachez d'en avoir des prunes. si tot que vous pourriez mettre dans des caisses en embarquer par de nos vaisaux qui vont a Rouen et que vous adresseriez a M<sup>f</sup> Vattier Droguiste a Rouen,  
Adieu le courier doit partir cette [ap...]  
De Jussieu

**Anexo 79. Carta de Francisco Estellés a Joan Salvador i Riera (València, 22/01/1716). IBB, Fons Salvador, COR/2/21-6.**

A la de V.M. de 9 de Enero devo dezir que ya en otra participe a V.m. como la otra simiente nos la traen de Sevilla con el nombre de Sevadilla negra sin tener otra noticia yo, y algunos amigos de quienes me he informado que traenla algunos religiosos capuchinos y que es menester nos valemos de los referidos Reli.<sup>s</sup> sin haver encontrado persona que mas noticia me diese en haver nadie visto la planta en esta Ciudad en la otra simiente, ni la de la Sevadilla.

Respeto la Persea mantiene todo el año, las ojas, la flor es semejante a la del laurel y también amarilla y la da a puñados como el laurel, dá dos vezes fruto al año (danificado) vez diferente, uno a modo de (danificado) hueso, y outro a modo de higos (danificado) el color em su maturación (danificado) verde, saliendo de un mismo (danificado). /

los referidos frutos, y el tiempo em que les produce es en el mes de Octubre y en el de Abril; hallanse unos diez arboles, 4 en la Celda Provincial del Convento de S<sup>n</sup>. F<sup>co</sup>., dos en el Convento de Jesus fuera Val<sup>a</sup>. y 3 en el Convento de las Monjas de Jerusalén también Franciscas, fuera el Portal de S<sup>n</sup>. Vicente y no puedo remitir a V.M. huesos por no ser ya tiempo, que quedo en este cuidado: su nombre en esta ciudad le llaman Albocats, frutos y arboles.

De las batatas de Malaga como han pasado Navidades se han acabado, y solo quedan unas muy menudas, y rongidas, y pensando las ha menester para plantar estando maltratadas, no las remito sin aviso de V.M.

Del plátano, o Musa, creo le hay en esta Ciudad extra muros en el Convento de Capuchinos y por estar legitimamente ocupado no he podido personalmente tomar averiguación pero quedo com el devido cuidado de hazerlo y assi mesmo de otras cosas que llegasen a mis manos algo raras como también en lo pudiere mi inutilidad emplearse, y servirle en lo [ileg.] / que valiere. De este S<sup>to</sup> Hosp<sup>l</sup> [ileg.] [ileg.] y Enero a 22 de 1716

**Anexo 80. Carta de Bonaventura Capdevila a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 06/06/1717). IBB, Fons Salvador, R(02/21)b. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Bar<sup>a</sup> al S<sup>r</sup> D<sup>n</sup> Joan Salvador

Lisboa 6 de juny de 1717

Amigo y S<sup>r</sup> ab molt de gust rebo la de VM de 12 del pasat, per las noticias medona de son felís arribo aexa Ciutat sin embargo del traballos camí tingueren per entrar en Galisia: vo es veurau tot per tenir q<sup>c</sup> contar. Yo a Deu g<sup>s</sup> opaso ve, sin embargo q<sup>c</sup> estos dias me torna a repetir lo dolor als runyons, pero me aliviy ab cosas frescas, y de qualsevol manera al servey de VM.

Dono a VM. las gracias del molt favor meafet en visitar als Pares, y a consolarlos en la rao meassistex per ma tandilatada ausencia, però espero dela Misericordia Infinita me dara vida y salut pera anar a consolarlos ab tot contento, el amigo D<sup>n</sup> Pera ferrer me insinua lo molt q<sup>c</sup> VM mesfavorí per Consuelo de ells de que li confeso quedar obligat i agrait a tanta honra.

Per lo P<sup>o</sup> Gaspar Pi y Vilarrasa de Mataro, remetí a VM. las Plantas ven acondicionadas ab un caxo liencomaní tinguies cuydado de regarlas q<sup>c</sup> totas estavan vonas, folgare arriven acondicionadas. Seasabut que el Tauro dela India q<sup>c</sup> faltava avenir la flota pasada avia aparegut en la Bahia y vindrà esta flota q<sup>c</sup> se espera per lo mes de oct<sup>bre</sup>, siapareix alguna estravagancia als Pares de la Comp<sup>a</sup> o a altres cuidare de cullir y remetre a VM.

Me alegro qe el D<sup>f</sup> Pau Padrell se mantinga ab alegria qe noes poc en la hora present no tinga la múrria, però de aver fet compta de volero veura tot y fa ve que tindra q<sup>c</sup> veurar. Gran favor logra el D<sup>f</sup> Ferrer en son privilegi, estimare li entreguia la Inclusa, las de VM. tinc entregadas menos la de D<sup>n</sup> Miquel Gallart q<sup>c</sup> enviaré dema. Si cosa se li ofereix desta part [...] quel serviré abtot gust. Quedo suplicant a Deu lo g<sup>de</sup> m<sup>s</sup> a<sup>s</sup>.

BIM de VM S. M. Serv<sup>t</sup> y amich

Bonaventura Capdevila

**Anexo 81. Carta de Pasqual Bellsoley a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 06/07/1717). IBB, Fons Salvador, R(02/21)c. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> Meu

Reponch ala molt grata de VM 12 del pasat alegrantma aver sebut lo seu bon arribo eneixa sa casa que suplicaré a Deu si mantinga ab la salud que mon bon efecta li desitja suplicantli me donia ocasions per servirlo, no faltare



ni é faltad a instar lo llibrater per lo llibra y sempre me dona bonas confianças en que sara com ab altras li tinch escrit, si be jo sempra temo de las suas pataratas, y si esdevé com y també lo quint tomo del P<sup>dre</sup> Gouvea quedia descansat que no faltare enviarli, y si ab [...] en esta ja sap so son servidor.

Esta le envio lo Balsam de Copaiva a la S<sup>ra</sup> quedant de tot ab nova obligació Lo meu fill Jan y son servidor y M<sup>r</sup> La Londa retornaran a VM duplicadas memorias, y axi mateix las donara de ma part a tots los amichs y VM se las pendra ex toto [tonde]. Lix<sup>a</sup> y juliol 6 de 1717

BLM de VM. S. M ser<sup>dor</sup> y A<sup>ch</sup>

Pasqual Bellsoley

**Anexo 82. Carta de Joan Salvador i Riera a Pedro de Almeida (Barcelona, 07/09/1719). IBB, Fons Salvador, R(02/21)a. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Ex<sup>mo</sup> S<sup>r</sup>.

Con grandissimo gusto recibo la muy favorecida de VE de 7 de mayo 1719 logrando en ella las felices noticias de su mantenida salud, gozando yo y demàs de esta su Casa igual beneficio [...] para obedecer las ordenes de VE.

Al principio de este año tomé la resolución de lograr la ocasión de casarme con una S<sup>ra</sup> de Gerona, hija de Padres Ciudadanos honrados de Bar<sup>a</sup> muy acomodados y dados al negocio llamados Periages, la cual esta ya encinta de ocho meses, espero en Dios le dará buen parto para tener más criados al Servicio de VE.

Se muy bien quan difícil es el remitir cosas naturales de ese pays al nuestro, particularment habitando dentro las tierras muy distantes del mar, pero espero siempre en la grande generosidad de VE que poco o mucho, podré alcançar alguna de ellas, y porque no dudo que en Rio Janeiro no faltara ocasion de recoger muchas, suplico a VE encargue a algun amigo recoge de todo genero de ellas tanto del reyno mineral, animal, como vegetal.

No obstante de estar en guerra con la Francia logramos la correspondencia de ella. Se muy bien que M<sup>r</sup> de Jussieu esta bueno però ha estado algo ocupado con la muerte de su padre, de M<sup>r</sup> Fagon p<sup>r</sup> Médico de Luis 14 y despues en la muerte de M<sup>r</sup> Poirier p<sup>r</sup> medico de Luis 15 los quales, como eran directores del Jardín Real, ha havido de hacer diligencias para estar seguro en su empleo i en escribiendole le dare las memorias de VE.

El año pasado de 1718 antes de la guerra con Ingl<sup>ra</sup> me escribio Petiver diziendome estava muy malo de salud y temiendo enfermedad incurable y assi que dexava todo lo del mundo, aplicandosse solo para su alma, no se si murio. Quedo siempre muy prompto para servir a VE y suplicando a Dios le conserve con salud y le dexe bolver en su casa con toda felicidad y le de muchos a<sup>s</sup> de vida. Bar<sup>na</sup> y 7<sup>bre</sup> 8 de 1719

**Anexo 83. Carta de Pedro de Almeida a Joan Salvador i Riera (Vila do Carmo – Minas Gerais, 07/05/1720). IBB, Fons Salvador, R.(02/23/03). Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Com grande gusto recibo la carta de VM<sup>d</sup>. con fecha de 20 de Febrero, por segurarme q<sup>c</sup> VM<sup>d</sup> y toda su família logran a perfecta salud.

Quando sali de Lix<sup>a</sup>; venia con intencion de remitirle luego algunas cosas naturales del Pais discurriendo q<sup>c</sup> no seria tan dificultosa la conduccion, ni tan distante de la mar; Pero quando aca vine y vi lo inaccessible destas montanhas, confieso a VM<sup>d</sup> que me refrie un poco; por q<sup>c</sup> aun lo necess<sup>o</sup>. no nos puede subir aca, sino en las espaldas de hombres, pero con todo aun si de aca no pudiere mandar todo lo que quiero, he de hacer todo lo possible por llevar la mayor parte y remitirla a VM<sup>d</sup>.; y estimare ver en breve la obra que escribe M<sup>r</sup>. de Jussieu sobre las plantas de Portugal, [...] p<sup>a</sup> todo lo q<sup>c</sup> [...] prestare me tendra VM<sup>d</sup> muy prompto p<sup>a</sup> darle gusto. D<sup>s</sup> g<sup>de</sup> VM<sup>d</sup> m<sup>s</sup> a<sup>d</sup>. V<sup>a</sup> do Carmo y Mayo 7 de 1720.

**Anexo 84. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 31/10/1719). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-1. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Amich y S<sup>r</sup> meu. Ara que per encaminar la inclusa a VM<sup>c</sup> que me ha enviat lo S<sup>r</sup> compte D<sup>n</sup> Pedro de Almeyda tinch motiu de escriureli, també ho será de darli la enorabona del nou estat, Y si esta li arribara en temps que tinga fruit de benedicció, aurá lograt del Sant Matrimoni lo efecte peraque Deu lo instituí: La D<sup>a</sup> Mag<sup>t</sup> li dexi lograr la Comp<sup>a</sup> de la S<sup>ra</sup> ab aquella unió que la posseeixen los Angels en lo Cel, hi li concedesca la felicitat de Abraham p<sup>r</sup> que se puga contar la seua d<sup>s</sup>scendencia a milanars. Jo tinch encomanat à Barthomeu Bis que està en las Minas del S<sup>r</sup> Compte, quem procuri totas las castas de pedras, Maderas, Erbas, arrels, y animals que se trobin en aquella terra medecinals, Y que me envihi lo ques trobia; pero com ab las cartas que ara rebo de éll nom parla de res, crech ò que farà la diligen<sup>a</sup> per a procuraro o que no cuida mes que de buscar le faxa més profit: Jo de present me trobo ab un cadarn recremat de sanchs, que suposo es afecte dels disgusts que he patit en discurs de 20 mesos: Y ara de nou, ab flota que es arribada de Rio Jan<sup>o</sup>, se mi es ajustat lo de la mort de Fran<sup>t</sup> Padro mosso que estimava com a germa: Si VM<sup>c</sup> per à questa casta de cadarn sebrá algun alivio li mel participi,

Y la forma que se ha de guardar, que jo en lo quem mani del Seu Servey no faltará en obeirlo. Deu a VM<sup>e</sup>-g<sup>de</sup>-m<sup>s</sup>-an<sup>s</sup>. Lis<sup>a</sup> 31: de oct<sup>re</sup> de 1719  
Amich y Servid<sup>r</sup> de VM<sup>e</sup>  
D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 85. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 09/01/1720). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-2. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Amich y S<sup>r</sup> meu. A son temps rebi la carta VM<sup>e</sup> de 25 de 9<sup>bne</sup> del any passat, y las ocupacions me han detingut fins ara la resposta, que la dono dient, que la carta p<sup>a</sup> lo Compte D. Pedro que VM<sup>e</sup> ha enviat, ja va ab altra mia ab un vaixell solt q<sup>e</sup> isqué la Semana passada: y te temps pera enviarne mes, perque crech no sen anirá la flota del Rio ans de 15 de mars vinent.

Dono a VM<sup>e</sup> las gracias de la raccepta, que me ha enviat, la qual guardaré en meu poder pera valerme de ella en la primavera, que ara ni lo temps, ni las ocupacions donan lloch pera usar be de ella, Y si alguna cosa faltará, que estos idiotas de Ap<sup>s</sup> no sapian, no menspereciare los favors quem promet.

Estic esperant la flota de Bahia, Y ab ella cartas de Bar<sup>mce</sup> Bis de las Minas pera veure lo quem responderá sobre los medicinals que li encomaní, Y lo quem diga participaré a VM<sup>e</sup> a qui notifico que la sua recomendació fa de Bruno Verdera, farà que vagi ab un vaixell que se está aparellant [ileg.] la costa de Mina en Africa, per serurgiá. Sols lo que temo de ell, es me fassa quedar be, per ser tant asañat i falt de esperit, que ne ha de menester bastant per saberse desembolicar de 60: hom<sup>s</sup> que lin podran caure fins la meitat de malalts.

Jo estimo de la Sua S<sup>ra</sup> las bonas memorias, Y la saludo ab lo noy que VM<sup>e</sup> li dona en profecia, Y si es axida noya serà lo que jo, y altres que estam pera casar havem menester; que Deu se age dignat donarli un bon part, li suplico, y quels mantinga ab salut a tots,

M<sup>n</sup> Fran<sup>o</sup> Sala, Capdevila Y demes catalans saluden a VM<sup>e</sup> ab las suas memorias: Possim VM<sup>e</sup> a la obediè<sup>a</sup> del S<sup>r</sup> Seu Pare, Y demes de exa sua casa. Deu g<sup>de</sup> a VM<sup>e</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>. Lisboa 9 de Janer del 1720.

§BIM de VM<sup>e</sup> S. Servid<sup>r</sup> y Am<sup>h</sup>  
D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 86. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/04/1720). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-3. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> meu. La sua carta de VM<sup>e</sup> de 17 de [febrer] que acompanyava la del Conde de Assumar D. Pedro de Almeyda, rebi lo día 23 de mars, atemps que estava tencant las cartes per las minas, Y lo dia 25, que era de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Encarnacio isque al favorable temps la flota tota pera al Rio Jan<sup>o</sup>. Deu se digni darli bon succes, que la carta de VM<sup>e</sup> va ab ella. Tambe, lo dia 14 de dit mars avian eixit los dos vaxells juns que van a la costa de Mina en l'África, en lo gran va per cerurgiá lo seu recomanat Y Parent Bruno Verdera ab carta mia de recomendació per las Minas del Rio Jan<sup>o</sup>, Encomanil VM<sup>e</sup> ab tota la sua comunitat á Deu perquè li doni aquell acert, Y felicitat que li desitjam.

Dono á VM<sup>e</sup> novam<sup>t</sup> la enorabona de hauer axit á llum ab felicitat, lo fruit de benedició de la filla que li ha encomanat Deu, aquí suplico li consedesca la llum de la fê que doná als Apostols pera que tota sie dedicada al Seu Sant Servey.

[Ab la flota que] ultima arribá vinguda de Bahia no tingui carta de Barthomeu Bis, ni del S<sup>r</sup> Conde D. Pedro, ni encara tinch resposta del dit Bis sobre las medicinals que li encomani; á Bruno Verdera recomaní també esta diligencia que com més entés de la facultat, Y menos ocupat podrá ab menos excusa procurar de aquella terra las cossas medicinals quey agen Si algunas de ellas per una ò altra via arriban alas mias mans, de ellas tindra VM<sup>e</sup> la sua part.

D<sup>n</sup> Pedro de Almeyda te molta raho en la dificultat que passa del transport de les cosses de las Minas al Rio Jan<sup>o</sup>, perque una carrega de home que es dues arrobas costa lo port 40:p<sup>s</sup> Y exa es la raho perquè en las Minas se sustentan ab carn, pa i aigua, Y [no] logran los fruits de la Europa per lo gasto en la conducció; Però, ni perço puch creurer que Bis dexi de enviar de allà si alguna cossa del que li demani si troba. A Capdevila faré present lo que VM<sup>e</sup> me encomana li diga de las erbas que li demána perque lin fassa nova memoria per son racort. Estimo com es just las memorias del S<sup>r</sup> Seu Pare Y Señora, Y me las retornarà VM<sup>e</sup> als dos ab aquell amor Y afecte que este seu obedient los té; M<sup>a</sup> Y Fran<sup>o</sup> saludan á VM<sup>e</sup> ab lo bon cariño que li professan. Del meu bon afecte que li se marexe pot VM<sup>e</sup> disponer en [tot lo que] Sie [del] seu agrado: Deu a VM<sup>e</sup> g<sup>de</sup>-m<sup>s</sup>-a<sup>s</sup>. Lisboa 2 de abril de 1720.

§BIM de VM<sup>e</sup> S. S<sup>r</sup> Servid<sup>r</sup>  
D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 87. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/06/1720). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-4. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

M<sup>r</sup> S<sup>r</sup> meu. Haura un mes que rebi una carta de VM<sup>c</sup> feta en 13 de abril ultim passat, Y no respongui a ella luego que la rebí, pera esperar la resposta de la ultima carta que yo li hauia escrit, en la qual li relati lo que esta me pregunta, Y com he esperat fins ara y no la tinch rebuda, puch creurer que la mia carta se perdria, Y perço estich obligat a donar satisfaccio a la sua. De salut, a Deu gracias, vaig be; però lo meu Nebot, Y Germana ab bastanta molèstia de cadarn, quels dura mes ha de vint dies; ells dubtan al acert de la medicina de esta terra, que tota se aplica al discurs de l'acert, Y yo quant me trobo falt de salut seguesch la mateixa opinió de no creurer ab metjes, y de curarme solam<sup>t</sup> ab lo temps, Y la dieta; no se si en esta forma vaig be, encara que fins ara me ha reixit. Diguim VM<sup>c</sup> si pot alguna cossa;

Bruno se embarcá ab lo vaxell de la costa de Mina, Y Creus, fill de Creus dels Encants ab sa Comp<sup>a</sup>, isqueren lo dia 14: de mars de esta barra: Los vaxells de Goa isqueren lo dia deu de Abril; Y al Virrey li es ara anada orde pera venir, Y per Successor lo n<sup>r</sup>e vehi de Sosa, anomenat Fran<sup>co</sup> Joseph de Sanpayo ab títol de Virrey: ab que ja VM<sup>c</sup> no es ab temps de escriurer alla a Sa Ex<sup>a</sup> que axi se tractan vuy los condes Y Marquesos desta terra, que Señoria, ja de ells es menospreciada. La carta que envià per lo P. D. Manuel Caetano de Souza, se entrega luego, pero ell no ha donat resposta ní curiositats pera remetre: De Barhomeu encara no he tingut resposta de la carta que li escrigui ab la petició de procurarme tot lo que fos medicinal en aquell Pais. Dilatat es aquell comers pues quant se te resposta de las prim<sup>as</sup> cartas, ja a la resposta de ellas, los quey van per tres anys ja es menester tocar a retiro; jo també ho voldria executar de forma que VM<sup>c</sup> quedas servit ab las suas curiositats:

Possim VM<sup>c</sup> a la obediencia de la Sua Señora y del Seu S<sup>r</sup> Pare, ab moltas memorias de recomanació, Y las mateixas pendra VM<sup>c</sup> de mi Y demes de Casa, Y de tots los amichs: Deu lo g<sup>de</sup>-m<sup>s</sup>-a<sup>s</sup>. Lisboa 11 de Juny de 1720. §Blm de VM<sup>c</sup> S. M, Servid<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 88. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 19/07/1720). IBB, Fons Salvador, R(02/02-5), cf. Camarasa, 1997, p. 93-94.**

de Paris ce 19 Juillet 1720

J'ay receu vos deux lettres dattées du mois passé et je fus ravi, Monsieur et cher ami d'apprendre que vous soyez en bonne santé. J'ay mandé a mon frere cadet de me faire savoir l'arrivée de votre beau frere [a Lion a fin] que je puisse luy adresser quelques curiosités naturelles. Vous pouvez envoyer a M<sup>r</sup> Chautard chirurgien français a Alicante celles don vous voulez bien ma faire part, on trove la de tems en tems des occasions pour le Havre et Rouen. La pratique de la Medecine m'empêche de ramasser dans nos environs tout ce que je voudrois vous envoyer par M<sup>r</sup> votre beau frere, je ferais neantmoins en sorte que vous receviez quelques curiosités dignes de votre Cabinet. La priere que je vous ay faite de me ramasser des graines de toutes les plantes de Catalogne sans oublier les chiendents, est si avantageuse pour le Jardin Royal, que je suis obligé de vous la reiterer a l'égard des Mineraux. Ques ce que Terra Balearica des dispensaires d'Espagne et d'Italie? et a propos de dispensaires peut on avoir votre Pharmacopée? Mes respects a M<sup>r</sup> Votre Pere et a M<sup>ade</sup> Votre Epouse, mes compliments a M<sup>rs</sup> vos freres. Je vous rendray compte dans ma premiere lettre des raretés que je trouveroit dans ldeux caissesque M<sup>r</sup> le Comte d'Ericeira Viceroy de Goa a eu la bonté de m'envoyer. J'attend une occasion pour envoyer a M<sup>r</sup> Martin votre compatriote les observations astronomiques de Margrave dans le Bresil pour qu'il les fasse tenir a Dom Pedro d'Almeida. Adieu je suis tout a vous et votre tre obeissant et affectionné serviteur et ami.

**Anexo 89. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 17/09/1720). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-5. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> meu. Rebi la sua carta de VM<sup>c</sup> de 3 del mes passat, y ans que de ella llitgi la resp<sup>ta</sup> ha de pendre paciència a llegir la relació q<sup>e</sup> li poso primer de la mia enfermetat succeïda la semana antepasada.

Lo segon die deste mes de Sebr<sup>e</sup>, quem llevantí del llit a las sinch hores y mitja del matí, despres de haver passat la nit ab tot descans y quietud, comensí a vestirme y vestint-me, me vingue susument una ventositat, y devantla perfeccionar per sentir venir ab ella cossa que podia ensussiar los calsotets parí de vestirme, y acudí a bacuar; axis ho fiu, y conegui despres que se m'encaminava la obra a una desenteria de sanch y posterme ò cossa sembrant: en lo espay de hora cursi tres vegades, y cada vegada de tres a quatre cursos de esta materia; oi missa en casa assossegat, y acabada la missa cursí una vegada en la mateixa forma, prengui xocolate ab un poc de pa torrat, y de [ileg.] hi begui aigua, que aquest es lo meu modo de esmorsà de tot l'any; continui a cursar en la sobre dita forma tres vegades, y al matex temps me entretenia à escriurer algunas cartes per anar ab lo correu; y alas nou horas y mitja del mati comensí a sentirme ferme mal lo front, y que se anava carregant y febre, asso me obligà a dexaro tot y anarmen a geure; quant estigui sobre lo llit me vingueren esgarrifances de fret quem continuaren afins à dues hores passat mitg die quan feren lo llit, Y me volgueren donar dinà, vingué lo caldo q<sup>e</sup> prengui, y luego llansí ab bomit fora, y de la gallina ni la olor ne volgui sentí, a la tarda sem carregá més lo cap, de tal forma que en tot lo vespre no acerti en res del que volia dir, sem donà caldo, y també lo llensi fora. Esta

tarde y nit me cansí lo llit desmesuradam<sup>t</sup>; y de minut à minut me llevava à cursar: Lo endemà 3 de setr<sup>e</sup> alas 7 horas del mati me daren caldo que traguí fora, y alas nou hores me daren una ayuda composta de caldo, rovell d'ou, safra, y sucre; alas onze prengui lo caldo be, y ab la mateixa continuació los cursos, lo resto del dia pasi ab lo cap més desembarassat, y al bespre prengui lo caldo y un poch de dolsa pera beura aigua:

Lo dia 4: ales 7 horas prengui caldo, ales nou ajuda ab los mateixos ingredients, y esta à més de refrescar-me, conegui que quem tregué alguna cossa de dins, este die los cursos foren menos, il passi ab caldo dolsa y aigua: Lo die 5: Se feu las mateixas operacions que lo 4: y no acresentat de aliment, me trobi el cap tot aliviât: Lo die 6: no prengui ajuda, y ja probí la gallina; y encara que los cursos eran menos, en la tarde reparí venir ells ab sanch y postermè: lo die 7: y sis de la malaltia, almatí prengui caldo, alas 9 horas ajuda, y ab menos cursos aquest die mengí la mitja gallina, dolsa y aygua: lo diumenge cantí aleluya peraque lo curs fou natural, y lo menjar com lo dissapte: Lo que dexa admirat al [Semil] Metge que me assistí en la malatia fou, que ab tot lo foch que isqué del meu cos p<sup>r</sup> via de curs, no alterar la part en lo mes mínim dolor, y sempre queda ab la frescura acostumada, ni las morenas se queixaren; Aquí parà la medecina, y yo continuí ab sols lo caldo, mitja gallina y un poch de dolsa y aigua cada die per meu pasto y sustento No passant de aquí.

Ja he fet relació de la mia malaltia y cura de ella à VM<sup>e</sup>, ara li dech dir los antecedens que la podrian ocasionar sens considerari de ma part demesia que la fomentas –

Lo dia 22 de Agost alas 3 horas de tarde després de haverme jo axecat de dormir la sesta aparegué sobre aquest riu lo cel tan calmos, y xafogos q<sup>e</sup> à mi me aparexia faltarme la respiració, ani en una quinta a tres quarts d'hora de camí aont begí un poch de vi, y un bas de aigua sola que me apargue ab ella averme aliviât de la xafogo que patia. Lo endemà me senti molestât de la garganta, y per lo que podia ser me possí ab dieta de gallina y caldos; y lo divendres seguent dia 30: de Agost fiu escrúpol de menjar carn, y passi lo die ab caldos, que assi diuen de miolo de pã, que se fa de la molla del pã aigua y un poc de sucre; y prengui tres ous; a la nit sopí del mateix, y en lo endemà trobí que los ous del bespre no me havian fet profit, si algun dany de mes embaràs al col: axí ani passant sens fer remey, Y contiui lo diumenge ab caldos de gallina, y lo dilluns me sobre vingue la malaltia que a dalt tinc relatat a VM<sup>e</sup> a qui suplico, si li apareguera, comunicar estas relaciones ab algun metge de exa terra, que tinch per cert sap lo menys experimentat de ella, que lo tingut per sabí de esta; y conferint lo mal ab la meua compleccio que es càlida y seca; y ab la anatomia del [meu] viurer que es moderat, no passant del ordinari, y aborrrir tot lo que se [...] de banquet, y hauer de menjar mes del que tinch per costum, observant amb lo beurer la mateixa lley, y ser en mi raro fora las hores de menjar, asso com dich à VM<sup>e</sup> si li apar comunicar y veurer si tinch necessitat de refrescar, y sentme convenient, saber ab que se puga acomodar a la mia compleccio lo refrescament; o si será millor dexarme estar, y anant passant ab la mia semildieta que acostumo tot l'any. Y si a VM<sup>e</sup> li ha parexera que res de asso té que comunicar o dexaria estar, y fara compte que he passat lo temps contant-li lo que me ha succeït no mes que per ferli present.

En la sua carta demanava VM<sup>e</sup> li envihi en prim<sup>a</sup> ocasió de bastiment que isque desta pera exa alguns padassos de madera rara, y lo 3 y 5: tomos del P. Gouvea: axis se executarà, y ab lo 6: tomo si esta acabat d'imprimir, que ara diuen va a la forja.

Ab lo Virrey de India, encara que sie meu vehí, may he parlat y me falta la confiança pera demanarli cossa; y quant sie arribat de allà lo conde de Arissea previndre a VM<sup>e</sup> la sua bona arribada: La flota de Bahia y un vaixell per lo Rio Jan<sup>o</sup> isqueren lo dia 7 deste mes, temps que em trobava malalt i no pogui prevenir a Bar<sup>me</sup> a las Minas me envihi de las arenas de aont se treu l'or, en prim<sup>a</sup> ocasió que tinga lo previndre de tot pera que me entenga y jo puga satisfacer la voluntat de VM<sup>e</sup>. Jo espero, mediant Deu, que al arribo de la flota del Rio Jan<sup>o</sup> que esperam los primers de nov<sup>bre</sup> prop vinent tenir notícies del seu parent Bruno Verdera las que oferesch participar a VM<sup>e</sup>. Possim VM<sup>e</sup> a la obediencia del S<sup>r</sup> Seu Pare, y S<sup>ra</sup> Esposa ab moltes recomanacions, y estas mateixas pendrà VM<sup>e</sup> de la mia cuñada i nebot: y jo quedo per lo demes quem vulla manar del seu servey molt prompte. Deu a VM<sup>e</sup> g<sup>de</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>. Lisboa a 17 de set<sup>bre</sup> de 1720.

§ Molt Servid<sup>r</sup> de VM<sup>e</sup>

D<sup>n</sup> Pau Martí S<sup>r</sup> D<sup>r</sup> Joan Salvador.

#### **Anexo 90. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 12/11/1720). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-6. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Amich y molt S<sup>r</sup> meu. A son temps rebí la carta favorida de VM<sup>e</sup> de 12 del mes passat, y me avia detingut a donar resp<sup>ta</sup> a ella per las esperansas que tenia de donarli ab esta noticias de las Minas generals; però com aja ja 14 dies que es entrada la flota que ve del Rio Jan<sup>o</sup> pera ont las esperava y ab ella no age rebudas cartes de Bar<sup>me</sup> Bis ni del S<sup>r</sup> Conde de Assumar D. Pedro de Almeyda, ja no tinch que esperarlas ni que per ellas apel·lar, sino es per lo any que ve, Sent Deu Servit, que es q<sup>n</sup> podran venir Bis y lo S<sup>r</sup> Gov<sup>or</sup> Conde de Assumar perquè à este ja li està nomenat sussesor qual ha de anar à rendir ab la flota quan vage; y fins que ells vingan te VM<sup>e</sup> axis com jo q<sup>e</sup> esperar. Que VM<sup>e</sup> posseesca salut en comp<sup>a</sup> del S<sup>r</sup> Seu Pare, Señora y demes individus de exa Sa Casa estimo saber, la mia gracias a la Divina Misericordia continua igual despres que me so restituït à esta sa casa, de aont

tinch estat ausent diset dies convalecent en una Quinta que encara que en ella faltavan perdius hi sobraven gallines y frangos ab que jo ma alimentava.

Lo seu discurs de VM<sup>e</sup> fundat sobre la relacio que li fiu de la mia malaltia, suposo ha donat al blanch de las obstruccions de la [exaca (?)] que patesch; sens entendre jo lo bocable Glandulas del Mesentero; perquè lo calido y sech conech son los que en mi dominan, y lo malencolich en qualsevol Spay q<sup>e</sup> estich sens ocupació; Suposso ja aximatex que de la molta Calor y Sequedat que tinch naxen la falta de coziment al meu bentrell quant mentjo del comú de la comunitat, q<sup>e</sup> las mes de las tardes me torna a la boca, lo que no experimento quant me sustento de caldos y gallina: també reparo en mi que qualsevol mudansa de temps en sech y en xufogós, me es dañôs a la salut, y me fa anar quexós sens conixer ab que me puch prevenir a la innovació del temps.

Jo no sé com satisfacer a VM<sup>e</sup> lo treball que ha tingut amb los Re<sup>s</sup> que me ha notat en sa carta per a temperarme dels humors melancolichs que patesch, y com me faltan las cossas que esperava de las minas que podian ser d'estimació en VM<sup>e</sup>, no se com desempeñar-me desta mia obligació de que li so deudor; però ja ja que no puch ara complir a ella me prech temps à fins fins lo any que ve, que ellas (si vindran) podran estar assi, y jo satisfacer en part a VM<sup>e</sup> lo molt que confeso estarli obligat al bon afecte me té.

Al Par que estimo a VM<sup>e</sup> lo treball que a pres per aliviar-me lo mal que patesch receptant-me begudas de las quals puch usar per lo meu alivio, me fa mes melancolich considerar que no se de quin metje desta ciutat me puch valer per a que me los apliqui a temps y assistesca; p<sup>r</sup> que com entorn ells tinch perduda la fe des del temps que tractavan en lo meu bon germá, que de Deu gozi, y estiga en prezmocio que al ultim trià lo millor per a acabar-lo, rezelo jo donar ab algu que sens entendrem lo mal apliqui remeis, y que quan me vulla desfer de ell no puga, per ell aver-me desfet a mi primer: los mes de los metjes desta ciutat curan, ó aplicant remeis sens cura per los exaques, y quant lo malalt está del tot divilitat, y li [ileg.] la vida lo desemparan ordenant als que l'assistexan que el passin com pujan, perquè ells noy saben mes; com actualm<sup>t</sup> està succeint a un fill de una mia comare, que ha mes de 30 dias que en la mateixa forma lo han dexat y havent estat alguns sens parlar ni moures, y sustentat sols de caldos, al cap de 20 dias li es axida una posterme en un costat que li rebenta sens noticias, y ara está ab algunas esperanças de vida, Y al que no arriba en aquest estat y pot aguantar mes despues que veuen que no saben curar lo malalt li ordenen vage a las Caldas.

Ja que he dit a VM<sup>e</sup> que no he rebut carta de Bar<sup>m<sup>te</sup></sup> ni del S<sup>r</sup> Conde D. Pedro bo serà que li diga la causa que els ha detingut de escriurer. Ab la flota Antecedente a esta que es arribada anaven a las Minas ordes que devia fer executar lo S<sup>r</sup> Governador de ellas y com Sie lo S<sup>r</sup> Conde D. Pedro a ell li tocava: dites ordes son que en las dites Minas se posin casas de fundicio d'or, y que de ellas no puga axir ningun or en pols, sino en barra ab las armes reals en ellas, que sie señal d'haver pagat lo quint al Rey, estas ordes i altres que anaren lo matex any feren rumourer los humors en las dites Minas, y quant se volgueren fer las plantes per a executarlas no volgue lo poble q<sup>e</sup> ellas se possessin en practica, Com la orde que havia donada el Rey no era condicional se segui que volent comensar a fer las cases per la nova fundació, se levantá lo poble tot ab los magnates que viuen entre ell, aquest levantament que dura 13 dias lo Señor Conde acomodá ab la sua prudència consedint a tots perdó general en nom del Rey, y que no se innovaria en lo territori de las Minas sens espesial orde de Sa Mag<sup>t</sup>; axis el Poble quiet, alguns dels caps que podrien tenir més augment en lo alvorot que en la quietud, al cap de sinch dies que la terra estava en pau mogueren las suas gens, i las dels seus parens obligant ab ellas als pobles que se levantaren per altres enredos quels posaren al cap, lo poble se estava quiet, però los ja amotinats passaren a fer desatinos anaren a casa del Oidor y li saquejaren las casas destruint y rompient tots los llibres reals y decretos que encontraren, y à ell que nol pogueren alcansar publicavan ferlo a trossos; ajuntá lo S<sup>r</sup> Conde un exercit de 1.500 homens pera castigar estas Inçolencias, y logrà la Jornada, prengue lo Cap dels amotinats, que luego feu justiciar, y sinch personas de allí grans, que se presum dellas ser los promotors estan pressas, y anant continuant la Jornada va perseguint els demes que sap son culpats en lo ultim moviment: mes tenia que dir d'asso, però lo Correu sen vol anar, jo sesso suplicant a VM<sup>e</sup> me doni occassions del seu agrado pera obeir-lo: Deu a VM<sup>e</sup> g<sup>de</sup> m<sup>s</sup> a<sup>e</sup>. Lis<sup>a</sup> 12 de 9<sup>bre</sup> 1720 / B I M de VM<sup>e</sup> S.M. Ser<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Marti

**Anexo 91. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 14 /01/1721). IBB, Fons Salvador, COR/2/19-25.**

Amich y molt sr. meu. Després de celebrar tant bones notícies, q[ue] de Vmd. y demés de sa casa, he sabut per la que reb lo [ileg.] D. Pau, no puch faltar en esta a manifestar quant desitjo en Vmds. tots igual [ileg.] continuació durant lo any, que tenim a Deu gracias, seguida de molts altres ab la mateixa fortuna, per a lograr ocasions de emplear ma disposició, sempre bona en eixa terra, ab mandatos de Vmd.

Per un vaixell, que en últims del passat mes i any vingué de la Bahia me aparegué una carta de Bruno Verdera cirurgià parent de Vmd. escrita en lo port de Judá, costa de Mina en Africa, noticiant-me de son feliz arribo en aquella terra, no obstant la molestia de tant dilatat viatge com tingueren, q[ue] fou de dos mesos y mitg, per la precisió de acompanyar lo altre vaixell de sa conserva: y diu més en la carta, que escrigué als 27 de Maig, que lo dia següent creia anar a terra ab lo Capitá, per averho este aixís insinuat alguns dias antes; y no's cansa de

demostrar quant content [danificado], com en demanarme done / à Vmd. estas noticias ab molts recados de sa part.

Per lo mateix vaixell assí arribat saberem aver aportat en dita Bahia, al temps de volerse ell fer ala vela, lo vaixell company del que anà Bruno; y com no hi hagué temps per escriurer, solament se ha pogut saber per lo que la gent de aquell referí, que isqueren igualment de conserva los dos de dita Costa de Mina, y que a mitg camí se apartaren, prenent Santa Anna fent rumbo dret al Rio Janeiro, ahont lo [ileg.], guardantlo Deu de mal, al temps q[ue] lo altre sia entrado en dita Bahia, que fou a 7 de 8bre.

Si Vmd. voldrà donar lo parabé al referit seu Bruno de aver arribat [a] Africa y Amèrica, pot ja escriurer luego, que la flota de Rio se esta preparant y no saben quant partirà. Deu guarde a Vmd. molts anys.

Lisboa, 14 de Janer 1721.

VMs Son Major Serv<sup>r</sup>

Joan Sala

**Anexo 92. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 03/02/1721). IBB, Fons Salvador, COR/2/19-26.**

Molt sr. Meu. Lo correu antepassat rebí la q. Vm escrigué en 19 x<sup>bre</sup> content per a lograr noticias suas, que ja m'tenian cuidados; però sento no vingués ella un parell o tres semanas antes, que hauria puntualment executat la Comissió dels llibres, que Vmd. novament demana, ab alguna de las embarcacions catalanas avian quedat esperant sardina, y partiren per a Setuval em principi del any: si és certa la notícia, q. ara tinch de altre se espera de Cádiz, a son retorn supliré la falta; y entretant veuré si podré conseguir los 4 tomos del P. Pontevel en pastas, que casualment trobí per lo preu en paper los venia lo difunt Autor.

En resposta de la que espero a la mia última escrigui a Vmd sera més dilatat; y agraphint sas finas expressions, quedo ab verdader desitg de correspondrer, y suplicant a Deu lo g<sup>d</sup>. Vm al Lix<sup>a</sup> 3 de Febrer 1721.

Amich y cert servidor de Vm.

Joan Sala

**Anexo 93. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/03/1721). IBB, Fons Salvador, COR/2/19-27.**

Amich y molt sr meu. Per la de Vm del 8 del passat quedo novament certificat de la salut asisteix a tota sa casa, q. aprecio, y repetesch ab a sas ordes la mia, que a Deu gracias logro ab la igualtat q. sempre solament no'm puch veurer libre de las continuas crostas que brotan en lo cap ab la mateixa facilitat q. cauen quatre a sis dias després de rapat ab navaja y fregat ab aiguardent o vinagre; però no me han eixit la cara tres anys ha, que entre altres remeys ho limpia lo de fesses[?] de oro posats en vinagre al sol quatre dias.

Assí me diuen eixir del figado, y q. menos de sangrias ab purga no ho remediare; altres que refrescantme, lo no estar acostumat a traurer sang, pues no'm recorda, o mal me recorda que de tres o quatre sangrias me donarem en los brassos quant tinguí la Rosa, y lo barato que assi'm fan, me fa desitjar altre remey.

Si Vmd. lo tenia pera donarme'l crega serà molt agrait, y me lliurarà de martirisarme aquell instant, acabat de rapar, que's frega lo cap, unica mortificació ne tinch: servint-li de govern y de certesa q[ue] no hi ha (gr[àcies] a Deu) mínim escrúpol de procehir lo mal de cosa particular. /

Las cartas que Vm ha remés se encaminaramn ab tot cuidado, y aniran en breu, si las plujas que han abundat des del p[rime]r dia de Quaresma, y donan ja mostra de cessar no dilatan mas la partida de flota. Hice exactas diligencias per los dos tomos Ideas Predicables q[ue] Vmd. demana, y no encontrí que llibres intitulats ideas ab diferent adjectiu, y a contra: Per lo que serà bo que Vmd. veja li digan lo nom del Autor, y també si encontrant-se los llibres podran anar per via de Cádiz ò de terra a Madrid (que en dretura d'eixa no será fàcil encontrar ocasió antes de salar sardina) y quants tomos 6 de Gouvea se hauran de enviar en eixir.

Tots los amichs han acceptat gustosos las memorias de Vmd. que retornan ab sencer affecte; y ab singularitat esta casa, de la qual las rebrà Vmd. ab la resposta de D<sup>f</sup>. Pau a la que reb sua aquest correu; y de mi pot disposar per a quant volga. Deu g<sup>d</sup> Vm. al Lix<sup>a</sup> 11 de Mars 1721.

B.S.M. de Vm Son segur servidor y amich

Joan Sala

[**Notal ao pé da carta:** Estimaré a Vmd. me dirigesca la inclusa a Bagà per via que puga conseguir resp<sup>ta</sup> un pobre català q. vuyt anys ha diu solicita noticias de la sua gent] /

P.S. Se me ha offert suplicar a Vmd. se servesca demanar a Mr. de Jussieu quant costaran en Paris los 4 tomos ab 2 de suplementes del Diccioniari de Moreri, que allà imprimiren; o la obra tota comprés suplementes (si en Paris avian fet nova Impressió com en Holanda) en paper, y encuadernat a la francesa y desitjaria que lo preu vingués en moneda que no fos billets de banch, per a poder fer lo compte cert. Si Vmd. repara en no anar la carta

francesa al rigor parisien estimaré me ho vulla advertir, per anar cobrant la pràctica que me falta desde que falto de eixa, y de nou [ileg.]  
Dit son servidor y amich  
Sala

**Anexo 94. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/03/1721). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-8. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> Meu. Rebo la favorida carta de VM<sup>e</sup> de 15 del mes passat, y una que ve p<sup>r</sup> Bruno Verdera, que volent Deu, encaminare ara ab la flota del Rio Jan<sup>o</sup> que esta pera sortir, y no espera mes que lo bon temps, que ha mes de vint dies quel fa ab plujes en abundància.

Jo be escrich i escriure ara ab la flota per las curiositats que VM<sup>e</sup> desitja tenir del Brasil, y per las que jo tambe dell apetesch però no sé que iman te la linea equinocsa que quant passen la gent alaltre part cuidan tant de si, que se descuidan delas obligacions que tenen als altres que estan desta part; lo que jo puc prometre es la mia diligencia, y lo fruit de ella a VM<sup>e</sup> si la mia aplicació [ileg.].

Lo seu gran Amich metge en Paris, y company que fou de VM<sup>e</sup> en esta Ciutat Mons<sup>r</sup> Jussieu, que altre nom no li sé, me ha escrit i me remet un llibre d'observacions [ileg.] pera que lo remeti al compte d'Assumar D. Pedro de Almeyda, y haventlo ell entregat en 14 de Setr<sup>e</sup> del any passat fins dijous no arribá á mon poder, ni la sua carta pera respondreli antes, ell ab sa carta me fa molts auferiments, jo li reponch, y la carta que remeto inclusa ab esta estimaré à VM<sup>e</sup> lay vulla encaminar segura: ab la dita carta que va uberta pot VM<sup>e</sup> veurer que li demano los llibres quem faltan de la Academia Real des del any 1717 a fins a 720: si son impressos, o los que sien impressos q<sup>e</sup> fins al any 1716: jals tinch; tambe li dich quels envihi a VM<sup>e</sup>, que VM<sup>e</sup> li fara pagar lo valor o cost dels que li enviara; si ell lin enviara algun estimare que li satisgfaça lo dit cost, y me fassa avisar de ell y dels llibres que li age remes.

VM<sup>e</sup> prengui lo treball depossarme a la obediencia del S<sup>r</sup> Seu Pare, Espossa, y demes persones de Sa obligació; La Mia Cuñada y nebot agreits dels favors de VM<sup>e</sup> retornan las suas bonas memorias: Yo a Deu gracias, despres de la borrasca que li noticií havia passat, me trobo fort y bo per quant tinga gust manarme del Seu Servey: Deu a VM<sup>e</sup> g<sup>de</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>. Lix<sup>a</sup> 11 de mars de 1721.

B l M de VM<sup>e</sup> S.M. Serv<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 95. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 18/05/1721). IBB, Fons Salvador, R(02/01-9), cf. Camarasa, 1997, p.97-98.**

De Paris ce 18 Mai 1721

Vous me donnez si souvent des marques de votre bon coeur et de votre genereosité Monsieur et cher ami, que je me trouve dans l'impossibilité d'y pouvoir repondre comme vous le meritez. On nous escrit de Cadix que les [saltins?] font des coups qui interrompent fort le commerce et peut etre ont ils obligé votre patron catalan a [joindre] quelque port vers Malaga pour y attendre un convoy qui le mette à labri de ces barbares. Mais quand il arriveroit que votre present se perdoit je ne vous en serois pas moins redevable et je vous prie d'etre persuadé de ma vraye reconnaissance.

J'ay été tres content de la lettre de M Paul Martin. Je ne luy repondrai pas si tost, par ce que l'argent est si rare icy qu'en verité on est obligé de menager le peu que l'on a pour se donner son necessaire. C'est pour cettre meme raison que je ne pourray pas vous envoyer si tost que je le voudrois et que vous puissiez le desirer, les livres que vous me demandez. Peut etre qu'apres nos leçons de botanique qui nous commencerons le mois prochain, il y aura quelque changement dans les affaires, et que nous serons plus a l'aise, je n'hesiteroy pas [...]a vous donner toute la satisfaction que vous attendez de moy; J'ay deja plusieurs choses singulieres a part pour vous qui sûrement vous feront plaisir. Continuez, je vous prie a me secher des plantes de vos environs en ne vous [rebutez] point d'assembler le plus que vous pourez des graines de toutes vos plantes cuellies en toute sorte de saison et soyez persuadé que je ne vous oublie pas lorsque je [resem] des plantes au Jardin Royal.

A l'egard de la peste elle diminue fort et sans l'extreme disette d'argent dans laquelle on nous a jetté en nous donnant du papier qui a presque perdu quatre vingt dix huit par cent, toute cette pauvre Provence auroit pu trouver chez elle et dans les voisins un soulagement qu'on ne sçaurait luy procurer.

Tous nos amis se portent fort bien, nos freres vous embrassent M<sup>r</sup> Paul jeune chirurgien et votre compatriote qui nous avions pour voisin a Lisbonne est icy avec un seigneur qui prend la qualité d'envoyé du Roy de Portugal. Je me suis chargé de vous faire de sa part bien des complimens. Je vous prie de presenter les miens a M<sup>r</sup> Votre Pere, a Mad<sup>e</sup> Votre Epouse a M<sup>ts</sup> vos freres et a tous nos amis. Je suis toujours tout a vous et tres sincerement votre serviteur et ami.

**Anexo 96. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 13/05/1721). IBB, Fons Salvador, COR/2/19-28.**

Amich y molt sr meu. Rebí la de Vmd. ab lo aprecio degut y em ella la llarga recepta que fou servit enviarme. Fiu luego veure una copia al nostre cirurgià mitg metge, qui sens embargo de no trobar que dir pertisteix ab sas sangrias. Després pera millor informació enseñí lo original ab metge, y este, q. sols repará en aver hi molta vianda, me digué: menja bé? Dorm bé? Té algunas ancias? Respongui que anaba bé lo dormir y menjar y q. no coneixia molestia de ancias a las horas repetí ell s [ileg.] quant estiga malalt jo li curaré. La rahó del Metge no'm desagrada, q. me asegura ser la queixa exalació, y purificació de la sang, y diu dech contentarme haja donat al cap, y no als ulls cara o altre part, que podria molestar mes, y que puch també esperar ser assò per a més salut. Jo q. per no ser de aquells que gustan de sangrarse ab salut, com diuhen, accepti gustos lo parer; no deixo però de agrahir a Vmd. lo treball [que] ha volgut pendrer, q. pot ben creurer ho estimo com si de ell present me servir. / Està molt bé q. quant donen a Vm lo nom del Autor delas Ideas Predicables, y la resposta dela q. encaminia a Bagà ho envie pera cumplir ab las comissions; com tambe lo cuidado q. ofereix per le informe del Diccioniari, que há de escriurer a Mr. de Jussieu, y novament estimaré a Vm. me diga si n eixa hi há cambi corrent per Paris, o Lió, y lo preu regular en que's troba.

Remeto a Vm. una de las notas me han donat dels llibres y medicinals, que demana, ab lo preu en paper, com en ella apax; pero lo fixo de ells solament pot en esta everiguarse quant se compre.

Ademas dels que van especificats se troban assí Dos tomos de la Significació de las platas ab molta varietat, y figuras de ellas, obra de Vigier, impressió de Fransa em Portugués, y 8º que venen enquadrats per dotse testons[?]

Pharmacoepa lusitana em fº p[er] 960. Dª Ulysiponense en 4º p[er] 720 y altre Batiana em 8º per 480 ab paper, autor Mr Canonge Regular de aquella gran Iglesia per assí, St Vicens de Fora.

Correççao de abusos, dos tomos em 4º es /crits p. un Religiós Carmelità, q. diuhen se venen a R. 400. cada un em paper. Vm té q. triar, y manarme, si alguna cosa hi haurà de son agrado. Hise present al sr Dr Pau lo recado per a ell y memorias, com al sr. Franº., sra Maria, y amichs catalans, que se recomanan tots a Vm ab sencer affecte.

Suplico a Vm fassa entregar la inclusa ala casa de mon oncle y Sr. Fran. Sala, ab moltas memorias mias pera tots ella, y q. pose a la b[ediència] de la de Vmd. en quant quedo pregant a Deu los guarde m[olts] a[nys]. Lisboa, 13 de Maig 1721.

Son major servidor y amich

Joan Sala

**Anexo 97. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/09/1721). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-9. Transcriçãõ de Josep Maria Camarasa.**

Sr D<sup>r</sup> Joan Salvador

Lisboa 18 de set<sup>b<sup>re</sup></sup> 1721

Molt Señor meu. No hay plaço que no llegue ni deuda que no se pague, diu lo refrany, y axis es arribat ara lo plaço de poder yo remetre a VM<sup>e</sup> nou pedres quadrades de India y duas favas delas que diuen de Sant Ignaci, aquellas que ja havia bastant temps que VM<sup>e</sup> las demanava, y estas, que també me las tenen verdas los PP. de la Comp<sup>a</sup> y asseguran ells ser molt experimentadas en los remeis qe van declarats en lo inclus paper impres , las envio a VM<sup>e</sup> per novetat; las ditas nou pedras, y las duas favas han costat dos pessas de <sup>s</sup> que VM<sup>e</sup> serà servit ferles entregar als S<sup>ts</sup> Joseph y Jaume Duran y los declarará las abonin al meu compte.

Pera que fossen barato estas que envio ne tingui dependren mes partida, y perxo delas quadradas men quedan 15, y de las favas4: Si VM<sup>e</sup> ne haura menester algunas mes, me fara avisar pera que vagen [ileg.] prim<sup>a</sup> occasio que puga ser.

Per tot lo mes de Janer primer que ve se espera en esta Ciutat la flota que ve del Rio Janº, y ab ella lo S<sup>r</sup> Conde de Assumar D<sup>n</sup> Pedro de Almeida. Si a VM<sup>e</sup> li apareixerà be escriureli y demanarli de las curiositats que aja portat de la America hopodra executar, perquè jo no sé si Barthomeu ve ab ell, ni se si envia cossa alguna del que li tinch demanat de aquell país.

En 11 de mars de aquest any escrigui a VM<sup>e</sup> Y li inclui una carta pera M<sup>r</sup> de Jussieu de Paris en que li demanava los llibres quem faltan a casa de la Academia Real de Paris del any 1717 afins 1720 y com fins ara no age tingut noticia alguna, voldria saber que ell rebria la carta y si los tals llibres se troban impresos. Possim VM<sup>e</sup> a la



obedien<sup>a</sup> del S<sup>r</sup> Seu Pare, Esposa, y demes personas del Seu cariño, y ordenim lo que se li oferesca del Seu Servey pera obeir-lo. Deu a VM<sup>e</sup> g<sup>de</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>

B l M de VM<sup>e</sup> S.M. Serv<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Marti

Encara que aquesta carta antecedent fou feta en 18 del mes i any passat, no ana entonces per faltar lo carrech de Sardina al P<sup>o</sup> Joseph Palau. La detenta de la Barca o Pinco anomenat S<sup>t</sup> Jaume Acavall, del dit P<sup>o</sup> Joseph Palau me ha donat temps alcansar dels administradors del Vaxell ques arribat de la Xina uns pocs de miravolans y arrel de la Xina, que ab un paper apart de la carta tinc aximateix entregat al dit P<sup>o</sup> Palau pera que al seu Salvo arribo aexa Ciutat entregui à VM<sup>e</sup> una cosa i l'altre: Aquestas arrels y miravolans van per mostra, VM<sup>e</sup> avisarà si lin convindria partida de un i altre genero y en tant quedo com sempre alas suas ordes Supt a Deu q<sup>e</sup> a VM<sup>e</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>. Lisboa 23 de Janer de 1722.

Dit Marti

**Anexo 98. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 27/01/1722). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-10. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> meu. Encara que rebes la carta de VM<sup>e</sup> de 19 del mes y any antecedent lo correu passat, no dexa de ser atrasada, y si no respongui llavors à ella culpi VM<sup>e</sup> alembaras qe ho causà. Dono à VM<sup>e</sup> las gracias per lo seu bon afecte y puch assegurarli que la ausen<sup>a</sup> de la mia cuñada Maria, q<sup>e</sup> gosa de Deu, me li sentida, y altra cosa no me alivia mes que haverse executat en ella la S<sup>ta</sup> Voluntat del Altissim.

Feu VM<sup>e</sup> be no donar crèdit en lo que diu haverli dit los Paysans que en exa avian arribat de Cadis, sobre la materia del Conde de Assumar D. Pedro de Almeyda, perq<sup>e</sup> ni lo vaxell de Bis may es anat al Rio Jan<sup>o</sup> ni del dit Conde sabem altracossa mes que ve ab la flota de dit Rio, y q<sup>e</sup> per dies la estam esperant.

Ab lo Patro Joseph Palau del Pinco S<sup>t</sup> Jaume Acavall hai escrit a VM<sup>e</sup> y li dich que estam esperant la flota del Rio Jan<sup>o</sup> y ab ella lo S<sup>r</sup> Conde de Assumar D. P<sup>o</sup> de Almeyda y que si á VM<sup>e</sup> li aparexerá be escriureli y demanarli de las curiossitats que aja portat de aquell país de America ó podra executar; perquè jo no sé si Barthomeu ve ab ell, ni se si enviara cossa alguna delas que li tinch demanat enviar de aquell país; y remeto a VM<sup>e</sup> ab dit P<sup>o</sup> Palau nou pedras quadradas de Goa y duas favas de Sant Ignaci, que tot costa dos pessas de <sup>8</sup> que sera VM<sup>e</sup> servit ferles entregar als S<sup>ts</sup> Joseph y Jau<sup>e</sup> Duran dient a dits S<sup>ts</sup> las manin abonar en compte de caxa; ab las ditas pedras van dos papers impresos, un de las virtuts de ellas, y altre dels de las favas; pera comprar barato ne tingui de pendre mes partida d'una cosa y altre, y me quedan quinze pedra, y quatre favas, si VM<sup>e</sup> les necessitava de mes podrà fer avisar per anar en primer ocassio de bastiment.

Aximatex va ab dit P<sup>o</sup> Palau un enboltori de paper y dins uns pocs miravolans y arrel de Xina per mostra que a Son Salvo arribo de dit P<sup>o</sup> Palau aexa, se fara VM<sup>e</sup> de ell entregar una i altra cossa; y si dels mirabolans y de la arrel se li oferirà a VM<sup>e</sup> alguna partida, podrà avisar que no se tardarà a vendre lo que ha portat de la Xina lo vaxell que de allà es arribat: Yo agraesch à VM<sup>e</sup> el anuncio dels bons anys, los quals suplico a la D. Mag<sup>t</sup> condesca a VM<sup>e</sup> lo pres<sup>t</sup> y esdevenidors ab tots aumens axis espirituals com temporals colmats de la S<sup>a</sup> D<sup>a</sup> gracia en Comp<sup>a</sup> de la Sua S<sup>ta</sup>, Pare y demes personas del seu cariño, y g<sup>de</sup> à VM<sup>e</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>. Lisboa 27 de Janer de 1722

B l M de VM<sup>e</sup> S.M. Serv<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Marti

**Anexo 99. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 26/01/1722). IBB, Fons Salvador, R(02/01-11), cf. Camarasa, 1997, p.99.**

De Paris ce 26 Janvier 1722

Un de mes amis Commissaire de Marine et auteur d'une histoire des peches qui va s'imprimer, souhaiteroit Monsieur et cher ami avoir des éclaircissements sur les peches d'Espagne et surtout de Catalogne pour faire connoître aux lecteurs l'usage des differens habillemens et bateaux et instrumens que l'on employe chez les etranger por les peches et pour la preparation des poissons qui en proviennent . Comme personne n'a plus de gout pour l'histoire naturelle, et ne peut repondre plus precisement a ses questions que vous et que d'ailleurs vous pouvez luy faire dessiner les Bateaux, les Pecheurs en habit de travail et en habit de dimanche, et meme les poissons qui sont propres a la Mediterranée; j'ay cru ne pouvoir mieux l'encourager a finir ce grand dessein dont plus des deux tiers est deja executé, qu'en vous priant de l'aider: il ne manquera pas de vous en faire honneur, et vous ne serez pas fâché de voir l'usage qu'il fera de vos memoires; enfin vous n'y perdrez rien du coté de la curiosité parce qu'il vous communiquera une grande partie des differentes sortes de *Fucus* de la Manche. Je vous souhaite une bonne et heureuse année. Je presente mes respects a Votre Epouse, a M<sup>r</sup> votre Pere et a M<sup>rs</sup> vos freres. J'embrasse tous nos amis. M<sup>r</sup> [Aupied] est mort a la [Poste] du Gevaudan ou il [estoit] aller servir. Mon

frere le cadet Medecin de Montpellier est icy et vous salue. A Dieu tout a vous et toujours votre tres obeissant serviteur et ami.

De Jussieu

Le Commissaire se nomme Mr Le Masson du Parc et reside a Dieppe. Je vous enverray des epreuves de son ouvrage afin que vous jugez de son merite.

**Anexo 100. Carta de Joan Salvador i Riera a Antoine de Jussieu (Barcelona, Fevereiro/1722). IBB, Fons Salvador, R.(02/01-15), cf. Camarasa, 1997, p. 99-100.**

M<sup>r</sup> et cher ami

Je me trouve avec deux des vos lettres, la premiere du courier passé le 25 X<sup>bre</sup> et la derniere le 26 Janvier, Je vois comme encore vous vous souvennoiz de notre mode d'Espagne de souhaiter les bonnes fetes, et un bon commencement d'année la quelle je souhaite vous ayez avec toute felicité en compagnie de Mad<sup>e</sup> Votre Mere, et Messieurs vos freres et personnes de votre amitié. Je ne doute pas que le malheur et le frayeur que cause la peste chez vous, vous fera retarder a me faire part des commissions que en différentes fois je vous ai prié de m'envoyer mais vous me faites espere que M<sup>r</sup> votre frere Medecin pourra passer en Portugal, et par cette voye vous me ferez tenir une partie d'elles et apres par celle de Messieurs Martin les avoir facilement ici en Barcelone, de quoi je vous serai infiniment obligé. Avec la derniere je reçois trois memoires sur les Peches, que vous me dites etre de M<sup>r</sup> le Masson du Parc, de Dieppe, vous pouvez lui asurer de ma part que je ne manquerai pas lui communiquer tout ce que je pourrai touchant a nos peches des Sardines, les quelles cette année au mois de janvier, et ce mois ci continuent en si grande abondance que tous les jours sortiront plus de cent trente a cent quarante bateaux pour; et elles continueront jusques au mois de Mai et aussi sur celles du Ton, Coral &c. Nous en avons bien d'autres, qui se font en différentes saisons de l'année et avec differents instruments, mais nous aurons bien de termes propes chez nos pecheurs que je ne pourrai vous les dire proprement en françois les quelles vous ecrirai en langue du pais. Je ne manquerai pas aussi de faire dessiner tout ce que je pourrai pour satisfaire la curiosité de M<sup>r</sup> Masson, mais vous voyez qu'il faut un peu de temps pour ce travail, n'obstant je tacherai avec toute briefveté de le faire et je l'enverrai par echantillons; ecrivez moi s'il vous plait par quelle voye vous les souhaitez, si par celle de M<sup>r</sup> de Consul de France, qui m'envoia la votre ou par quel'autre; vous me ferez plaisir de m'envoyer quelques epreuves de son ouvrage, pour voir l'idee; envoyez moi aussi si nous avons quelques livres nouveaux de botanique et de la Histoire Naturelle toute notre famille vous salue et vous prions de faire de meme a Mad<sup>e</sup> Votre Mere et a M<sup>rs</sup> vos freres et tous nos amis et croyez-moi toujours.

Je vous prie de m'ecrire plus souvent, et donne moi des nouvelles de la Peste et aussi gardez moi tous les imprimés qui sortiront sur ce sujet,

**Anexo 101. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 03/03/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/19-34.**

Molt s' meu. Responch a dos de Vm de 24 Janer, y 5 Febrer, p. p<sup>ts</sup> ab q. me trobo a favorit, estimant quedas sabidos de la remessa de sa caixa a Holanda; y suposo ho sera tambe de estar já en poder de Fran<sup>o</sup> Palau, aixis com del mateix amich tinguí ha dias esta noticia.

Tinch al meu recomanat contentissim ab la carta ha rebut de Bagá, y recibo de las sis pessas de vuyt, q. Vm. feu entregar, deixant abonat p. ellas R 4500 q. aixis ho port a Vm. notas pera concordar le compte: tinga tambe Vmd. prevenció en estas comissions, y ajudem a fer obras [ileg.], servintse de conduhir altre carta, que [ileg.] demanant se li envie un germa, q. té en eixa ciutat, per a Company y ajudant de un negociat ideal. Si la mare li consentirà se valdran de Vm. pera que li facilite lo embarch em la primera ocasio s' apresente p. estas parts. Jo he de agrahir a Vm. que venint lo cas, vulla cooperar en lo q. puga, y q. no podent-se lograr embarcasió p. servey de la em-[ileg.]cio, promete fins a deu p<sup>s</sup> de 8. p. lo passatge compras lo menjar, real de vuyt mes o menys; y que sentli al minyo necessari algun equipatge de vestit lo / [danificado] ab cinch o sis pessas de vuyt per mon compte. [danificado] la enteced' escrita a Vm. veuria nom' havia [danificado] descuidar ab la remessa dels llibres demanats, y que esperaba executarla breum<sup>t</sup>. La embarcasió digui venia de Cadis arribó la semana passada, y avent luego previngut al P<sup>o</sup>. me ha posat tants duptes, dient sen'tornaba luego p. Cadiz, y que p. la menor cosa portas dauria alli fer alguns dias de quarentena, q. me ha deixat pocas esperanças. Tambe vingué assi en principi del mes passat casualment lo Pínco de que es escreriua Joseph Morà pera vendre's la sardina se n'avia portat, y la q. carregà en Setuval; y content yo al son arribo tingui el mateix Escrivà dels llibres tenia p. Vmd. y me promete pendría consentiment del P<sup>o</sup> [ileg.] resposta que encara espero. Jo a la arribada desta comprí los cinch tomos de Gouvea, y los quatre de Pontevel, mes per si acas ab ninguna de las dos embarcacions puch lograr enviarlos, serà bo que Vmd. diga si podré fer ho per via de Cadis (q. en tot cas confio alcançar oportunitat

per aquest camí) y també quants tomos del sisé de Gouvea necessitará Vm. que assegura lo Autor ha de donarlo a llum lo proxim Abril.

Del P<sup>o</sup> Palau rebria Vm. las pedras quadra- / das, y mostrás del q. [danificado] lo vaixell de India, y veure em q<sup>s</sup> reduhi [danificado] [danificado] se esperaba si lo palo de Xina, que assi [danificado], es la esquina, ja Vm. ho haura vist; y necessitant de ell avisará luego, per q. vendra luego al mes donant al encant public, y no se haja de tractar ab segona má.

La diligencia que Vm. recomana p. solicitar à D. Miquel Gallart suspengui, assegurat seria infructuosa, y tal vegada estrañada; per q. he sabut ha molt temps no esta ell corrent ab aquellas Señoras.

La flota no vol acabar de aconsolar als molts la aguardan impacients; y sempre que ab ellas vingam las noticias que Vm. desitja, tindre cuidado en participarlas. Basta per ara, já que no tinc lloch pera mes, y prenga Vm. afectuosas memorias dels s<sup>rs</sup> D. Pau y Fran<sup>c.</sup>, com demi la certesa se promptas obediencia pera quant se offeresca, no descuidantse le offerir la mateixa pera tota eixa Casa, en quant quedo pregant à Deu guarde a Vm. al Lisboa, 3 de Mars de 1722.

B. I. M. de Vm. son major servidor, y amich

Joan Sala

#### **Anexo 102. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/06/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-1.**

Molt s<sup>r</sup> meu. Dono satisfacio alas cartas de Vm ab q. me trobo a favorit, y espero q. en la consideracio de creurer no seria posible cumplir antes nom' culparà la dilació.

Jo no se com agrateix a Vm. lo amor y puntualitat mereixen las mias comissions, ni com manifestar lo sentiment de no poder ab lo mateixo affecte lograr sian executadas las q. Vm. se serveix dispensarme. Estrañi poch los reparos del P<sup>o</sup> Gibert, per q. sei li costa molt servir a um amich, saber fer una galanteria q. meresca agrahiment; mes ja que lo P<sup>o</sup> J[osep]h. Ferrer se desempeña tant be tenim lo negoci concluit, y Vm. ami obligadissim per lo molt que se aplicó en la bona conduccio del recomanat Joseph Verges, no dubtant q. li mencionat patró posara igual cuidado en procurarli passatge pera esta ciutat, quant Deu los deixi arribar a Cadis. Tinc donat credit a Vm de las 5 p. de 8<sup>s</sup> y 1/2 que feu de gast pera equipatjar al dit minyo en R. 4125. y si altre cosa se haura aoffert mes p. lo passatge, ab son avis fare la mateixa diligencia.

Vm. Sabria com embarqui los cinc tomos de Gouvea y 4 de Pontevel, que m' demaná, en lo llondro del P<sup>o</sup> Soler de Sitjas; pera ara li dich quedar ells em terra, per q. avent vingut a despedirse dit P<sup>o</sup> Soler me digui no poder portar sen una caixa q. tambe avia carregat, y q. los llibres de Vm. aniriam, si jo volia: en resposta li doni una carta pera acompanyar dits llibres conduits em um fardet ala consignacio de Vm. y quedant en esta forma ajustats, deixa ell una cosa y altre em Bethle? Se presentó despres altre ocasio, ab q. no se ha perdut res, y podra guañarse algun temps; pues esta actualm<sup>t</sup>. carregant un vaixellet frances, q. passa a eixa ciutat en dretura, y tindre cuidado de fer embarcar em ell lo fardet, de qual succes tindra Vm. avis a son temps, y me abonará entretant R.2200 per lo cost dels llibres, com veura al peu de esta, los quals van tots en paper, respect de ser cars los q. tiguí aver trobats de Matheus explanatas encuadernats, puix se venem en S. Domingo mes barato q. en temps del difunt autor, y podran encuadernarse a gust.

Dels llibres Centuries predicables, q. Vm. desitja saber lo preu, no descubro noticias; y suposo sera um tomo de fol. ab lo mateixo titol en Portugues, q. se imprimi en Coimbra, de ahont ne fiu venir un los anys passats pera remetre a aqueixa ciutat y costó ab la conduccio a esta R. 1680 em pastas encuadernat, y altre q. poch temps há se demaná p. diferent comicionari costó 2040 R. Jo no sé si la diferencia consisti en lo cuidado del comprador; pero lo meu amich no faltara en aplicarse sempre que se offeresca, y jo serviré a Vm. Despres aver corregut bastantes botigas, y apotecaris en busca del pedas de paó de cobra, sens trobar ni noticias de ell, he sabut que solament ve de India oriental esta mercaderia, y que vuy no sen troba em esta terra algun; y no es de admirar, puig q. faltant molt ha Naus de Goa, la q. any passat venia fou apressada de piratas, y lo Conde de Ericeyra, q. en ella s'trobava embarcat retornant de son virreynat hague de passar ab un dels vaixells francesos, q. per alli navegan, a França, ahont se troba. Lo s<sup>r</sup> D. Pau rebe la que li escrigue Vm. y queda sabedor de haver Vm. entregat las 2 p. de 8 als ss<sup>tes</sup> Duran, de qual encarrech hauria jo a Vm. excusat, si lo dit s<sup>r</sup> no hagues tingut pesa de obrir lo míos quant m'en feu sabedor. Tambe se consignó puntualmente al s<sup>r</sup> Conde D. Pedro de Almeida la q. Vm. pera ell envió, a temps q. havia vingut de Santarem, y com torn'ó luego a aquells paratges, ahont encara se mante ab la muller, discorro se dilatara la resposta. Y del parent de Vm. Bruno Verdera quen'direm? Jo per via extreviada be sabi arribó alas Minas, y q. alla arreplegaba or en abundancia, pero com al mateix temps tingui noticias se l'enviaren cartas de ell a Vm., que suposo arribarian a las suas mans, me aparegué excusas parlarme, no podent entendre la raho q. dit Bruno tindria pera no remetre las cartas: també sabi, q. des del Rio ja dirigiren a las Minas las q. li envihe ab la flota, y a temps que no podria venir resposta ab la mateixa, en q. vingué lo subjecte á que las avir remesas. La semana passada isqué la flota para Rio Janeiro, y dela pressa podra Vm. considerar la dificultat de averse pogut prevenir lo avis pera escriurer ab ella, com me insinuava, sent precis tenir paciencia.

No obstant lo succeit escrigui en essa ocasio a Bruno Verdera, y li digui las noticias q. de Vm. tenia, com lo motiu de no enviarli mes extensas; recomanant al dit tambe q. procurás correspondrer al bom affecte de Vm. Al Porto estan carregant algun vaixell pera Rio Janeiro també, y com podra ser factible dilatarse apartir, si a Vm. li apareixeira escriurer, posare tot cuidado en aprofitar aquella via, o per la de las illas terceras, que se offereix a vegadas.

Me apar queda respost a tot lo q. desitja Vm. menos a las curiositats, q. las diligencias fetas pera conseguir alguna cosa aprofitan poch, y reselo aprofiten poch mes las esperanças ab la vinguda del conde de Assumar; ni al retorn de Bar<sup>meu</sup> Bis, que encara queda en las Minas.

Amich y s<sup>f</sup>. Vm. be tindra experimentat, que no tots saben, o no volen fer um servey; pero quede cert q. si jo no sabre cumplir, no sera per q. jo voldre; y q. pera quant puga la mia possibilitat trobará la obediencia sempre prompte.

Deu g<sup>de</sup> a Vm. m. a. Lix<sup>a</sup>, 2 de juny 1722.

De Vm. ex Corde, qui

Joan Sala

**Anexo 103. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/06/1722). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-11. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> meu. A son temps rebi la molt afavorida carta de VM<sup>e</sup> de 11 del mes de Abril proxim passat, y ab ella la que venia per lo S<sup>r</sup> Conde D. Pedro de Almeyda à qui se entregâ alguns dies despres de arribada, perquè lo dit S<sup>r</sup> Conde vingué de Santarem, aont se está divertintse ab la S<sup>ra</sup> Condessa muller sua, y no estigue mes que tres dias en Sacasa per escriurer i anar las cartas ab la flota del Rio Ja<sup>ro</sup> que isquê de aquest port lo die 29 del mes passat; ab que dit S<sup>e</sup> Conde com se dexa estar en Santarem y suposso per alguns mesos, quant torni ja no li recordarà la carta de VM<sup>e</sup>, jo crech que ell ha portat algunas cossas que poden ser bonas pera VM<sup>e</sup> y perço me apar que VM<sup>e</sup> li torni a escriurer: Bar<sup>meu</sup> quedà en las Minas, la culpa de quedar es de altri, y lo dany meu.

Estimo quedi en son poder lo que anà ab lo P<sup>o</sup> Palau. Pedras quadrades y favas de S. Ignaci quedan algunas en caxas si VM<sup>e</sup> las haurà menester: Encara no se ha fet encant de los mirabolans y rel de Xina y per un dubte que se ha possat en lo despaitg comprench tindra dilació la venda, Si quan aquesta se faci sen podrà alcansar las duas liuras VM<sup>e</sup> demana aniran ab primer bastiment que isque desta p<sup>a</sup> exa.

Si estas drogas podran tenir espera pera la venda sens damnificarse y ab alguns anys se podrian vendre enviantlas a España e Italia, comprench seria negoci comprar tota la partida junta, que crech no ha de costar cada lliura més de quatre cens reis; fassem VM<sup>e</sup> favor de dirme sobre aquest negoci el seu parer.

Si VM<sup>e</sup> tindra alguna noticia sobre los llibres demanats a M<sup>r</sup> Jussieu, estimare la participació de ella, lo meu nebot Fran<sup>o</sup> estima las suas memorias y se recomana a VM<sup>e</sup> en Comp<sup>a</sup> de la S<sup>ra</sup> Sua Esposa y demes personas del seu carinyo, jo aximatex a tots exos S<sup>rs</sup> y a la Sua S<sup>ra</sup> filla en particular, que com estich encara pera casar desitjo que Deu la fassa bona i grossa. VM<sup>e</sup> no se descuidi de ordenarme lo que se li oferesca desta terra del Seu Servey perquè lo meu gust es obeirlo: Lix<sup>a</sup> 2 de juny 1722.

B l M de VM<sup>e</sup> S.M. Servid<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 104. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 30/06/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-3.**

Amich y molt s<sup>r</sup> meu. Fou Deu servit se recullis a esta Ciutat felisment lo **ganguil** frances, q. de eixa passa a Salou en primers del Maig a carregar, y ab ell desde Cadis Joseph Verges, tant bo com si no hagues tingut tal aprenentage, pero q. molt logrant tant bona vida, puix lo P<sup>o</sup> Joseph Ferrer no content del q. subministrá en son Pinco, volia continuar la assitencia fins a esta del mateix, y no ho consentiren los francesos. Jo repetesch a Vm. las gracias que dech, y desitjaria tenir ocasio de manifestarlas al P<sup>o</sup> Ferrer, per la part quem'toca, com espero en breu lograr desempeñarme ab lo amich Bellsoley, qui repetí son bon natural en Cadis (de ahont lo aguardam per instants) contribuhint igualmente a favor de irse recomanat; y aquest, o son germa agrahit de tant merce no s'descuida en correspondrer, suplicant jo per ell a Vm. novament lo favor de manar dirigir la inclusa a Bagá. Va tambe altre pera mon germa que Vm. sera servit fer li entregar, ab la qual tindra ell cuidado al salvo arribo del vaixell frances Maria Lluisa Elisabeth, que parti a 25 del passat, de rebre lo fardet de llibres avisats, y pera anar ben guiats me aparegue convenient expressar dit fardet en lo coneixement, y certificat del Consul que remeti ab lo mateixo vaixell per la caixa embarcada, com en carta particular veurá Vm. quant Deu lo porte a salvament. Noticii tambe a Vm fer lo joch sermons del P<sup>e</sup> Gouvea, q. trobará doblat, per lo amich Smandia de Mataró, qui a son temps anira o enviara a rebrelo; y ara previnch a Vm. q. si l'subjecte peraqui es la caixa voldra entre lo fardet a pagar la part dels nolits (sobre del qual parlo tambe a dit mon germá) sera raho cobre dels 5 tomos Vm. lo que pertanyexa.

L'altre dia en lo convent de la Divina Providencia me innovaren de aver hi en aquesta ciutat varias plantas de chá, o thé chino, y prengui las fullas que ab esta incluesch, [ileg.] de algunas se crien en la horta de aquell convent. Despres fiu demanar algun brot de la mateixa ab flor, per dirme ales hores estava florida, mes jo fou tard, y tornaren resposta que acabada de fer la llavor m'em donariam. Alguns no volen creurer sia la planta llegal, per la diferencia se troba en l'olor de fulla del Thé, y persuadeixem ser factible donassem los xinos una cosa per altre, pero Vm [ileg.] donaria millor vot, servintse dirme que trobará en l'anatomia pot ferne, y gustant de la llavor me han promes, [ileg.] fare part. No sem'offereix altre q. posantme ala obl<sup>o</sup> de la s<sup>a</sup> sua esposa, pare y germans, desitjar novas ordes de emplearme pera donar gust a Vm que Deu g<sup>de</sup> m. a. Lisboa 30 de juny 1722.

De Vm. ad ommia ex corde

Joan Sala

**Anexo 105. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 04/08/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-4.**

Amich s<sup>r</sup> d<sup>r</sup> Joan Salvador. La q. Vm. fou servit escriurme a lo 27 de juny, per averse detinguda mes del ordinari, aparegué lo correu passat, y luego se remeté a Porto la q. venia pera Bruno Verdera, com despres entregada al s<sup>r</sup> D. Pau l'altre, y esperançant de poder arribar encara a temps la segona, que ab carta de 11 Juliol Vm. me remet del germa de Bruno, fiu la mateixa deligencia, desitjos de aprofitar la ocasio.

La semana passada entrò felismente la flota de Pernambuco, vaixell de Paraiva, y algun de la Bahia, mes no obstant aguardarse per esta ocasio cartas de las Minas, já desconfiame lograme fins al return de la del Rio. Quedo esperant saber haja Vm. rebut los llibres del vaixell frances, com avisi; q. se restituis a eixa lo P<sup>o</sup> Ferrer, per a desempeño de quant falt satisferseli; y que Vm. me dispense nous empleos de son gust, a fi de tenirlo jo en mereixer, mentras suplico a Deu guarde a Vm m. a. Lix<sup>a</sup> 4 Agost 1722.

Lo paper adjunt pera mon Rector se há offert [ileg.] y sera Vm. servit fer lo hi entregar.

**Anexo 106. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/08/1722). IBB, Fons Salvador, COR/02/05-12. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>r</sup> meu. Rebi la carta de VM<sup>e</sup> de 27 del mes de juny pròxim passat, ab la qual me participa la bona salut que assisteix à VM<sup>e</sup> que lin quedo agreit , y Sup<sup>co</sup> Deu lay conservi los anys del seu desig en Comp<sup>a</sup> de la Sua S<sup>ra</sup> querida Esposa, pare i demes perçonas de sa obligació.

Estimo a VM<sup>e</sup> la relació es servit fer de la rel de Xina y mirabolans: quant arribà la carta de VM<sup>e</sup> auria de 8 à 15 dies que una cossa y altre se avia venut en encant publich, y foren los compradors uns semiljueus que ajustaren la rel de Xina à 80 reis la lliura, y los mirabolans à 60 reis, y una altra rael poc gastable à 50 reis, lo barato apareix podia donar codicia de comprar tal mercaderia. Jo tinch entés que estos compradors volen enviar destos generós pera vendre en exa ciutat, si van ja VM<sup>e</sup> sab lo cost de ells pera governarse en la cobra, y no selin doni de ser dels últims en comprar, que si los semiljueus se troban be en la prima venda, ells ne remetran mes per lograr igual la segon, si podran.

VM<sup>e</sup> diu que M<sup>f</sup> de Jussieu, conforme li tenia escrit, volia enviar lo seu Germa assi; Jo nol tinch vist, ni he sabut noticias de que Sie arribat: Digam VM<sup>e</sup> si ó sab, a que fi lo vol enviar, si á negociar, o a veure terra, peraque si acas apareix, me servesca lo avis de VM<sup>e</sup> pera saber com me tindre de governar ab ell.

Un P. de la Comp<sup>a</sup> de Jesus, Alemany de nació, que tindra mes de trenta anys de exercici en catequisar los Indios de la Capitanía de Pernam<sup>co</sup> y ara viu entre ells, despres de aver estat 14 mesos en requerim<sup>t</sup> a esta Cort a favor dels dits Indios, lo any passat se embarcá ab la flota que anà a dit Pernam<sup>co</sup> y ara que la dita flota es tornada, rebo del dit P. una carta, en la qual me diu que me envia un flasquet de oli de molta estimació, que jal tinch rebut, y que ell sen va als seus Tapuyas, que son los Indios, y que en trobarse allá, fara procurar algunas rael y herbes per enviarme ab la altra flota; ell en la mia opinió es un Sant Baro, y estich en la fe que sino mor enviarà lo que promet, y jo prometo a VM<sup>e</sup>, de repartir lo que enviará; Lo meu nebot Fran<sup>o</sup> se recomana a VM<sup>e</sup> Com muitas lembranças, y jo ab las matexas a lo S<sup>r</sup> Seu Pare, Esposa y à VM<sup>e</sup> com sempre al Seu Servici en quant tinga gust manarme. Deu a VM<sup>e</sup> g<sup>de</sup> m<sup>s</sup> an<sup>s</sup>, Lix<sup>a</sup> 18 ag<sup>t</sup> 1722

B l M de VM<sup>e</sup> S.M. Servid<sup>r</sup>

D<sup>n</sup> Pau Martí

**Anexo 107. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 29/09/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-5.**

Amich y s<sup>r</sup>. Per la de Vm. feta al passat p<sup>r</sup> agost quedí totalment desengañat per la relació fou servit donarme acerca del imaginari Thé; y q. la de 29 del mateixo ab la noticia, q. igualment estimo, de saber Vm. la remesa de

las cartas p. las Minas, quals estaran já vuy a mitg cami fou promptam<sup>t</sup> entregada la nova carta p. lo sr. Conde de Assumar; y si alcançare resposta acompañada de alguna cosa de aquella terra aurea, com dias passats insinua dit s<sup>r</sup>. nos perdra cuidado en la bona conducció. Está be aques ja comparegut lo religiós caputxi en nom del amich Imãdia p. rebre lo joch de Gouvea, y q. Vm. lo consigne quant puga trauer lo fardet de la Doana. Aceptarã Vm. cordials memorias de tota esta casa y demas patricis, com demi la certesa del continuo desitji de obehir em quant prego a Deu lo g<sup>de</sup> m. a. Lix<sup>a</sup>, 29 de setembre 1722.

**Anexo 108. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 24/12/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-7.**

Amich y s<sup>r</sup> meu. Servesca de avis a Vm. fer la present pera acompañar una capsas[?] marcada com al marje, en la qual van dos lliuras del millor lli q. acá tenim, quatre lliuras Rael de la China, [ileg.] partida Castañas del Maranyo, q. pera Vm. envia lo [ileg.] D. Pau, y dos Sermons sueltos [ileg.] R<sup>om</sup>. P. M. Solá vuy [ileg.] provincial del Carme. Tot lo q. rebras [manchado] [ileg.] q. a eixa Ciutat sia lo P<sup>o</sup> Pere Martins Oliver ab lo seu llandro Sant Antoni de Padua, ahont queda embarcat, del amich (?) Pla Adrg<sup>t</sup>. baix cuberta de qui va esta, q. porta las mostras de paño de lli demanadas: y antes de consignar los mencionats sermons a M. Solá, servescas Vm ferne part al meu Rector, del q. predicá lo Célebre Bart<sup>meu</sup> Lorenço de Gusman, alias lo volador, si Vm. tindra memórias de las noticias q. sen portaria del tal sobre la idea de fer passar los vaixells volant al ayre; y fassa pagarse lo informe ab algun dels llibres van en esta ocasio de dit mon germa, pues la optima recepta para [danificado, mas poderia ser "qualsevol malalt"].

Y [ileg.] q. lo correu escriurer a Vm. llargament en satisfacio de las suas cartas tinch rebut, excusa dilatarme ara mes, quedant de Vm [ileg.] y Deu pregant lo g<sup>de</sup> m.a. Lix<sup>a</sup> 24 de x<sup>bre</sup> 1722.

B. L. M. de Vm Son Seg<sup>r</sup> servidor y am<sup>ch</sup>

Joan Sala

**Anexo 109. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 24/12/1722). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-8.**

Bar<sup>na</sup>. S<sup>r</sup> D<sup>r</sup>. Joan Salvador

Lix<sup>a</sup>. 24 de x<sup>bre</sup>. 1722

Amich y s<sup>r</sup> meu. Servesca de avis a Vm. fer la pr<sup>st</sup> p<sup>a</sup> acompañar una capsas marcada com al marge, en la qual van dos lliures del millor lli que axí tenin, quatre lliures Rael dela Xina, [ileg.] partida [?] Castanhas del Maranyo q. pera Vm. es lo [ileg.] D. Pau qui las envias, y dos sermons sueltos per al R<sup>m</sup>. P. M. Solá vuy Provincial del Carme.

Tot lo que rebra Vm arribat q. a eixa Ciutat fia lo P<sup>o</sup> Pere Martyr oliver ab lo seu llandro Sant Antoni de Padua, ahont queda embarcat, del Amich Fra<sup>c</sup> Pla Adroguer, baix cuberta de qui va esta que porta las mostras de paño de lli demanadas: y antes de consignar los mencionats Sermons a Mr Solá servesca Vm. ferne part al meu Rector del q. predicá lo libre Bart<sup>meu</sup> Lorenço de Gusman, alias lo Volador, o si Vm. tindra memoria de las noticias sen portaria del tal sobre la idea de fer passar los vaixells volant al ayre, y fassa pagarse lo informe ab algun dels llibres van en esta ocasio a dit mon germa, pues q. optima recepta pera qualsevol malalt. Y devent per lo correu escriurer a Vm. llargament em sastificació de las cartas tinch rebut, escuso ara mes dilatarme, quedant de Vm. com sempre, y a Deu pregant lo g<sup>de</sup> m. a.

Som a Deu gracias a 22 del dit mes y any. Ami. y s<sup>r</sup> acompaño la copia de carta entregui al P<sup>o</sup> Oliver de Vilanova, quins deixa (?) (?) ab sont llandro lo endemà de Nadal, o dia de St Esteve, y discorro aura tambe a estas horas fet lo mateix de Bethlem, pera tenir a Vm. previngut de aver aixi entés aniria bem dirigida la remessa de [ileg.] comissio, y ben rebut a eixa.

Ara respondent alas de 21 y 28 del p<sup>t</sup> que asperat p. fer ho a cumpl<sup>t</sup> com a la de 5. de espirant raho de Vm. aqueste Correu ab recipe y carta de Bagà (manchado) agraht, acabaré de satisfacer al que falta, y sabra Vm. que l'frances droguista, (manchado) en front de la casa del Secretari, es tant seu amich, q. [ileg.] a 600 R. la lliura de la Rael Xina, molt (?) (?) (?) altres, se [ileg] de pagarse R.500 y foren de gasto las quatre 2000R. Las dos lliuras lli costaran 300 R y podra succehir q. comprantse partida gran fos 10R ò 15. mes barato, y tambe trobarsen mes inferior, si s' desitja pera fabrica ordinaria. Del paño de lli es dificil donar noticia cabal, respecte de la molta varietat hi ha, jo dia en calitat, ò en amplaria; sens embargo veura Vm. las mostras, y gustant la s<sup>ma</sup> sua Esposa valerse de las mias diligencias pera desempeño de son desitg, me apar convenient sia ella servida informar de la midida l'vulla, y pera q. sempre trobo frustradas totas las esperanças m' donan pera servir a Vm. ab cosa digna a comunicarse, y cada dia mes las q. teniam del s<sup>r</sup> D. Pedro de Almeida, puix se coneix prou, despres son retorn de las Minas, fer los amichs lo mes olvidat té, encara q. ho manifeste al contrari quant selin ho parlat, ò fet memoria.

Vm. crega esta dit Cavaller molt diferent, sino ha mudat; prenga affectuosissimas memorias dels ss<sup>rs</sup> D. Pau, y F<sup>co</sup>, y demes patricis, q. se alegran ab las noticias los participo; servescas de posarme ala obd<sup>a</sup> de tota la sua familia, y cregam' tot seu.

Deu g<sup>dc</sup> à Vm. m. a.

Ficus ut semper

Joan Sala.

**Anexo 110. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, sem data). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-9.**

Amich, y s<sup>r</sup> meu. Luego de rebuda la que Vm. me escrigué em 17 del passat fiu diligencia per las tres, o 4 lliuras rel de china, pretenent lograr embarcarlas en lo Pinco del P<sup>o</sup> Puig bo vol partir dema, y trobi molt embarassada la q. se vengué ultimam<sup>t</sup> qual no volem rebre los compradors per trobar la major part deteriorada, ni lo recurs a un droguista valgué allargantme fins a quatre tertons, o cent Reys, ab q. sera precis tenir paciencia, o dirme si puch passar mes aviat.

Quedaron em memoria los cumpliments Vm. recomana per a lo s<sup>r</sup> Conde de Assumar, y l' cuidado per si apareixera alguna cosa que ja tarda; com tambe lo ultim desempenõ ha donat lo P. Ferrer, q. repetint a Vm. las gracias desitjo conjuntura per a cumplir. Vm. accepte igual correspondencia de verdader affect dels s<sup>rs</sup> Dr Pau y F<sup>co</sup> ab demes paisans y de mi la certesa trobara en quant vulla emplearme, mentras prego a Deu lo g<sup>dc</sup> M. al segur ser<sup>v</sup> de Vm. que S. [danificado]

Joan Sala

**Anexo 111. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 23/03/1723). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-10.**

Amich y molt s<sup>r</sup> meu. Lo correu passat volia escriurer à Vm. y m' detingui esperant algunas noticias de la flota q. acababa de arribar; quals avent conseguit trobarà Vm. inclus la sua part ab las cartas de Buno Verdera, y sera bo prevenir en temps las respostas p. si l' retorn sera tant apressat com lo antecedent.

Estimo la noticia de tenir Vm. en son poder lo q. portaba l' P<sup>o</sup> Oliver, y que se entregarian al P. Solá los Sermons anaban p<sup>r</sup> ell, despres averlos fet veurer al meu Rector; com tambe q. sobre las mostrars de lli vulla la s<sup>ra</sup> sua Esposa discorrer l' mes conveniente; y no sera mal sem' previnga, sent necessari algun paño, ab individuació la mida y preu tinga compte, pera q. no s' trobe car com rezelo. Fins ara no tinch descubert noticias del s<sup>r</sup> Conde Marssili, sens embargo de aver las procurat, particularment del Consul holandés; y sempre q. aparega dit caveller a esta Cort quede Vm. assegurat no he de faltar ab la visita me recomana ferli, com en lo demes me preve, y servirlo en quant puga desempeñar la mia capacitat, donantse à Vm. avis pera son govern.

[ileg.] salgue a llum lo sise tomo del P. Gouvea tant esperat, y no content l' autor de aver aumentat lo preu dels altres à R. 960 ha posat la taxa de aquell à R. 1200, per lo q. suspench remetrel' los dos tomos q. Vm. demana fins m' diga si la novetat de preu importa, y desitjantse aixi ordernara Vm. pera aprofitar la primera ocasio de portador.

Los ss<sup>ce</sup> Dr. Pau, y Fr<sup>co</sup> agrahits de las memorias q. Vm. de ells conserva, las retornan affectuosam<sup>t</sup> q. acceptará com dels demes amichs; y de mi la indubitable certesa de quedar prompte p<sup>r</sup> quant vulla manarme, mentras recomanarme a tota la familia de Vm. Suplico a Deu lo g<sup>dc</sup> en sa Comp<sup>a</sup> m. a. Lix<sup>a</sup> 23 de Mars 1723.

BLM de Vm. Son ami<sup>h</sup> y

Segur servidor

Joan Sala

**Anexo 112. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 20/04/1723). IBB, Fons Salvador, COR/2/5-10.**

Lisboa 20 Abril [danificado]

Amich y s<sup>r</sup>., per l' antecedent mia, en resp<sup>ta</sup> de la ultima q. de Vm. rebi, espero tinga recullit cartas de Bruno Verdera; y per esta previnch, que l' retorn de la flota pera Rio Janeiro sera mes tard del ques' presumia, puix conforme las novas ordes podra dilatarse fins al Agost, ó Setembre proxim.

Encara no ha deixat veurer se lo S<sup>r</sup> Conde Marsilli, no s' descuida lo Consul Holandés de procurarme noticias, per constarme ho feu l' antep<sup>da</sup> semana al arribu de molts vaixells que vingueren de aquells paratges; y proseguirà en mi lo mateix cuidado pera desempeñar com millor sapia la recomendacio de Vm. Las inclusas pera Bagá, y mon germa botiguer servescas Vm. fer entregar; accepte las finas expressions dels srs D. Pau, y Fran<sup>co</sup> y de mi com dech la inalterable voluntat pera quant vulla ordenarme, mentras igualm<sup>t</sup> renovant las de part mia a eixa Casa tota, prego a Deu guarde a Vm. en sa Comp<sup>a</sup> molts y felises anys.

Serv<sup>r</sup> y am<sup>h</sup> de VM.  
Joan Sala

**Anexo 113. Carta de Bruno Verdera a Joan Salvador i Riera (Minas Gerais, 02/09/1721). IBB, Fons Salvador, COR/2/27. Transcrição de Josep Maria Camarasa.**

Molt S<sup>rs</sup> Meus. Vulla Deu N<sup>re</sup> S<sup>r</sup> q<sup>e</sup> hesta lo trobia ab la salut q<sup>e</sup> per mi desitjo en comp<sup>a</sup> de la S<sup>ra</sup> Esposa y del para de V<sup>me</sup> y demes de Casa. Jo la goso a Deu Gracias per lo q<sup>e</sup> V<sup>me</sup> Sia servit manarme.

Sabra com ha 6 mesos q<sup>e</sup> estic en comp<sup>a</sup> del S<sup>r</sup> Bartholomeu Bis ab unas labras hont tots los dias q<sup>e</sup> 80 negras astan treballant tirant or. No q<sup>e</sup> sian tots 80 neg<sup>r</sup> del S<sup>r</sup> Bis sinó 4 particulas jo tambe tinch un negre q<sup>e</sup> també me guanya alguna cosa enquera q<sup>e</sup> lo q<sup>e</sup> tiran hes cosa molt alimitada respecta algun dia però també lo manjar va mes abarato. Jo fas comptes q<sup>e</sup> si Deu N<sup>re</sup> S<sup>r</sup> y Maria Santissima de Monserrat me donan salut y vida q<sup>e</sup> de qui 2 o 3 anys retirar per Lisboa amb 3 o 4 sentas doblas q<sup>e</sup> han esta hora ja sem asta devent [passadas] de 200 oitavas d'or. Deu vulla q<sup>e</sup> [si pago] q<sup>e</sup> en hesta terra se paga al cap de l'any; també sebra q<sup>e</sup> ja nom descuydo de V<sup>me</sup> de replagar tota cosa curiosa [...] V<sup>me</sup> q<sup>e</sup> ja tinch uns cascavells de Cobra y unas unglas de un pajaro volàtil y unas unglas de un animal tereste y uns Bechs de altres ausells, los Bechs cosa molt grans y altres cosas q<sup>e</sup> vaig replegant per quant Deu N<sup>re</sup> S<sup>r</sup> sia servit q<sup>e</sup> baja en Lisboa mendere a V<sup>me</sup> y tal volta jo sere el portador tinch fet vot de anar a veure hexa S<sup>ta</sup> casa de Montserrat. Jo la viu ab 14 o 15 anys q<sup>e</sup> jo estigui en hexa Ciutat de Bar<sup>na</sup> y avera a V<sup>me</sup> y mos germans q<sup>e</sup> no se res de hells q<sup>e</sup> despues q<sup>e</sup> V<sup>me</sup> me escrigue q<sup>e</sup> mon nebot se casava a Tordera de la povilla Xiques q<sup>e</sup> foy la ultima noticia q<sup>e</sup> tingui de hexas parts. Vulla Deu q<sup>e</sup> no sia per falta de salut. Suplicant Deu lo v<sup>lla</sup> [...]

Ad hastas mines de Itaubira [...] 2 de 7<sup>bre</sup> de 1721

Blm de V<sup>me</sup> Son

Segur Ser<sup>or</sup> y Amich

Bruno Verdera a [...]

S<sup>r</sup> D<sup>n</sup> Joan despues de cabada de hescriura hesta carta pasa a donar avis a V<sup>me</sup> las malalties tenim en hestas terras per aci. Las ment en los negres q<sup>e</sup> astan treballant q<sup>e</sup> tiran or. Com sempre van descalsos y mal vestits tots mullats de los peus y cos. Los solan venir unes puntades a la part esquerdia y dolors als pits q<sup>e</sup> venan y tenan tos q<sup>e</sup> venen a ser Pleurises q<sup>e</sup> Deu Gracias fins lo dia de vuy dels q<sup>e</sup> son astats acostats [danificado] primarant los tinch acudits a dites malties ab ametichs molt diferents dels que hestos doctors y cirurgians. solan usar per ahestras terres q<sup>e</sup> donan per una doza 18 g<sup>s</sup> de tarter ametico tot sol, y atras mitja oitava de pes de quantilio y alguns 36 g<sup>s</sup>; jo los meticos que huso son 4 g<sup>s</sup> fins a 5 g<sup>s</sup> de tartere et 6 g<sup>s</sup> de sal de donsell q<sup>e</sup> de esta manera gracias al S<sup>r</sup> q<sup>e</sup> sempre fuy ben afortunat; y xis estimaria a V<sup>me</sup> q<sup>e</sup> si tenia ocasió remetre una onza de tartere per via dels S<sup>rs</sup> [...]tins y dues onzes de mercurio dols par algunes pindulas [per] gal[...]ch y cuchs q<sup>e</sup> de cuchs solen patir [danificado] moltissim [danificado].

**Anexo 114. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/05/1723). IBB, Fons Salvador, COR/2/19-34.**

Amich y molt s<sup>r</sup> meu. Rebi dos de [danificado] ab las inclusas pera Bruno Verdera, q. per segurissim postador espero a son temps encaminarlas hi, com al mateix donar una recomendacio acerca de las curiositats q. Vm. novam<sup>t</sup> demana, puix q. per assi trobo sempre infructuosas quantas obligacions tinch fet, no obstant que ab la visita fiu a Casa de M<sup>r</sup> Vigier me confirma en lo desengany de treballar en valder. Las dos otres lliures mes de rael de Xina q. Vm. desitjá enviaré ab p<sup>ra</sup> occasio y los dos sisens tomos de Gouvea, com si algun [ileg.] suelto podra juntarse impres de 1717 ensa, que com vuy tots ne son llibres sera dificultós. Lo Clavis Prophetarum de Vieira no es eixit encara del S<sup>t</sup> offici, ni apariencias segons diuen hi ha pera imprimirse.

Vist aver estat de gust lo lli remes, y dirme assi no encontrarse a totes ocasiones de igual qualitat, he previngut jo una arroba del mateixo pera tenirlo segur quant aparega portador que ab lo mes anirá.

La nova Comissio de uma dotsena mandibulas de peixe espada executara tambe, si al temps oportu sabram desemperñarme; y no obstant ser ja ara tant perque solen apareixer conforme noticias despres bons nox destas en iver, tinch encarregat la diligencia per si entretant eixira algun de tals peixos. Diumenge passat isque la flota pera bahia, y avent un mes antes partit tambe la de Pernambuch esperem q. despres Corpus se aparelas los vaixells pera Rio, qual eixida queda en opinions [?] encara, q. sia de avis, com de la mia voluntat te Vm. promptet, y memorias dels s<sup>rs</sup> Dr. Pau y F<sup>co</sup> ab los mes amichs Patricis.

Deu guarde a Vm m. a. Lix<sup>a</sup> 18 de Maig 1723.

BLM de Vm. Son Cert Ser<sup>v</sup>

Joan Sala



**Anexo 115. Cópia de uma lista feita por Joan Salvador i Riera a Antoine de Jussieu (Barcelona, 27/06/171). IBB, Fons Salvador, R(02/16), cf. Camarasa, 1997, p.84**

A Monsieur De Jussieu demanar

Quadrant grand Philosophes  
los llibres de Sermons  
las piedras quadradas  
la Esquelera petita  
Carpobalsamum  
Poivre de la Jamaïque  
Coubaril  
Tulichiba fruit  
les Icones d'Insectes  
la maniere de faire la sel cathartique  
Mandibula Lucii Piscis  
Le Catalogue du droguier du Roy  
Langius de Lapid. figuratis Helvetiae  
L'analyse des eaux minerales et les livres qui en parlent  
Narcissus Japonicus et autres bulbes  
Le Catalogue des livres de Plantes qui ne sont point dans Barrelier  
Grands philosophes a vous [...]  
La maniere de faire la poudre brulante et d'ou vient que celle que j'ai, etant bien seche et bien bouchée la bouteille. ne brule plus.  
L'escargot des Indes ou Taurus bolans  
faire dessecher les plantes  
armadillo

**Anexo 116. Carta de Garnier a Joan Salvador i Riera Malaga (Málaga, 10/05/1718). IBB, Fons Salvador, R(02/25).**

M<sup>r</sup> Jean Salvador Malaga le 10 Mai 1718

Monsieur

J'ai reçu à son temps la lettre que vous / avez écrite à notre ami du 14 octobre dernier / à laquelle je n'ai pas plutôt répondu / faute d'occasion ou du moins s'il y ont / eu allés m'ont été inconnues. J'ai / fait ravire celle qui y était dedans / qui ne m'a pas peu donné de peine / et qui m'a été remis les corail jaun[e] que / je vous envoie avec les 4: coquilles / etc: les corralles[?] que j'ai consigné / le tout au lequel Ginier comandant / un pinque du quel vous aurez la / bonté de vous les faire consigner. /

J'ai eu lettre de Mr. de Jussieu je n'ai pu cette année lui / envoyer de patates mais ce serai / à la récolte prochaine, s'il plait / à dieu. Mon ami est en peine / depuis quasi une année / je vous offre au [ileg.] très / serviis[?] et envoyez moi [ileg.]

Monsieur

Votre très humble obéissant serviteur

Garnier.

**Anexo 117. Carta de carta de Joan Salvador a Guillaume Nissolle (Barcelona, sem data). IBB, Fons Salvador, R\_(02\_20)\_12.0001.**

Monsieur et cher ami

Je viens de recevoir il a sept jours deux de vous lettres, l'une de 26 Juillet 1723 avec un paquet des graines et quelques theses, que vous me disiez avoir remis entre les mains de M<sup>r</sup> Albert docteur en Med<sup>c</sup> de Gerone, et lui aiant écrit me repondit que vous ne lui aviez pas donné aucun paquet pour moi, mais ce feut M<sup>r</sup> Laget, qui l'a donné a M<sup>r</sup> Prats de Figuières, et ce lui ci a un Patron Catalan: Je receus premierement la votre de 24 7[em]bre et l'endemain je receus le susdit paquet avec la lettre du 26 juillet, je vous remercie tres humblement de toutes vos honnetetes. Je n'ai pas aucunes de semences nouvelles, que je ne crois vous n'aviez dans le jardin, mais Messieurs Comelin et Boerhaave d'Hollande m'on envoie un paquet des quelques une les quelles je partage avec vous. Ce sont presque toutes plantes de Zeilan. Vous savez bien que ces Messieurs n'en envoient pas en abondance, vous verrez si les vosres sortiront, je semerai aussi les miennes au mois de Janvier ou fevrier. Il a

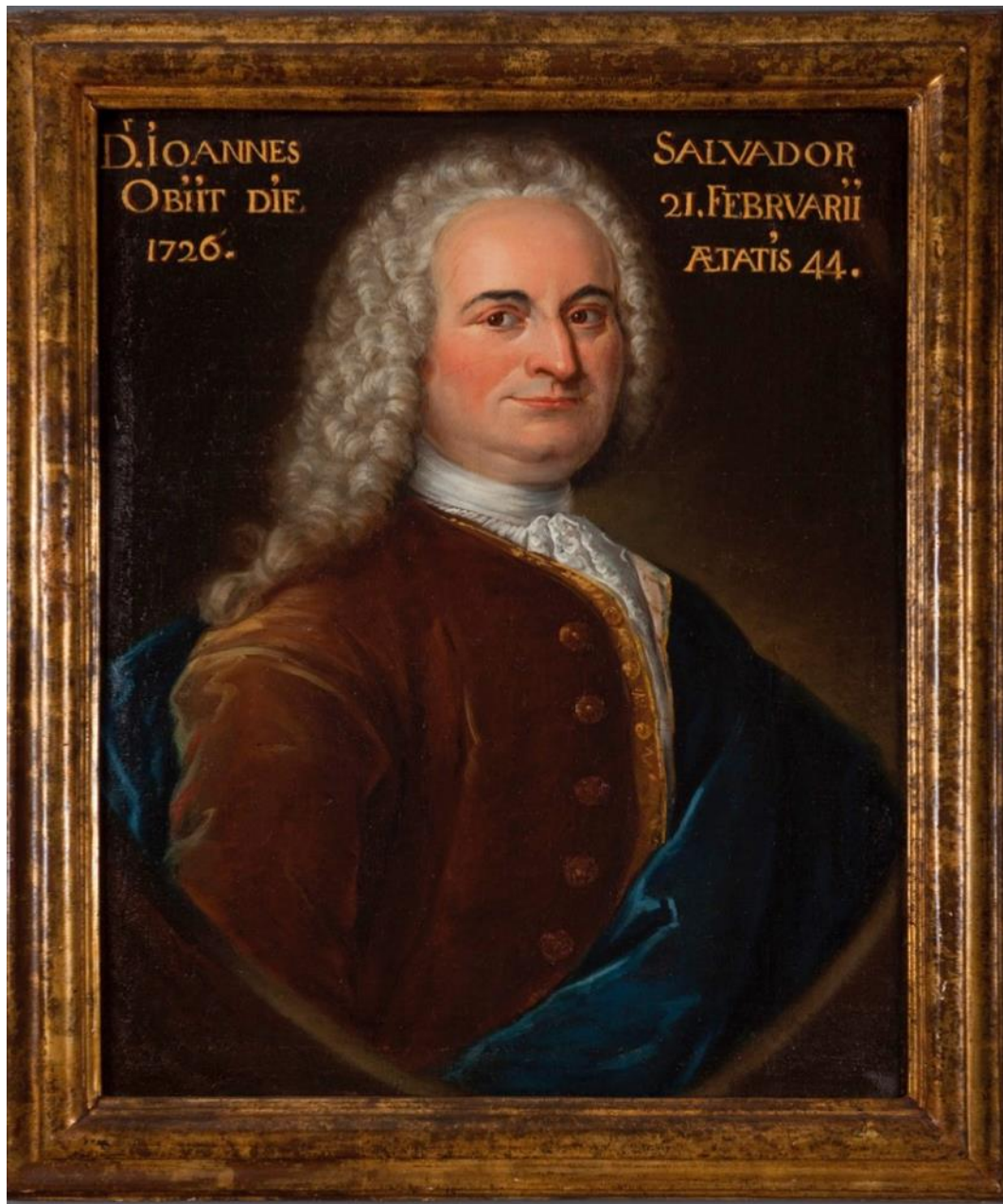
longtems, que j'ai Commeliní rariorum plantarum historia avec figures; comme aussi Sermo de Structura florum &c. de M<sup>r</sup> Vaillant, que M<sup>r</sup> Boerhaave fit imprimer, françois et latin, lequel j'ai double, et si vous ne l'avez pas, je pourrai vous en faire part. Et aussi / Jac. Dillenii Catalogus plantarum circa Gissam nascentium cum appendice, in 8. 1719. Je vous enverrai par une autre occasion le paquet des graines que j'ai. Je voudrai bien quelques semences et pieds de quelques plantes et arbres pour les planter dans un jardin que j'ai construit dans une de nos maisons de Campagne a une heure et demie de Bar[celon]<sup>e</sup>, pour cela si vous jongiez ou vous trouviez quelque occasion d'une chese, en envoyer un cabas bien conduit (+), je vous en ferai un petit Catalogue de celles que je souhaite; si vous manque le Laurocerasus Lusitanica, azareiro, je pourrai bien vous en envoyer deux pieds, comme aussi un pied de Persea: Mes complimens a mad<sup>e</sup> votre epouse, et M<sup>l</sup>e Ricome, comme aussi a M<sup>r</sup> Matte et tous les amis; toute notre famille vous salue.

(+) Je vous en serai bien obligé, comme aussi par me et les graines aussi



**Imagens**

**Imagem 1. Retrato de Jaume Salvador i Pedrol (1649-1740). Foto: Jordi Vidal.**



**Imagem 2. Retrato de Joan Salvador i Riera (1683-1726). Foto: Jordi Vidal.**



**Imagem 3. Crocodilo taxidermizado. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 4. Casco de tatu taxidermizado. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 5. Frasco com terra de Santa Marta. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 6. Frasco com raíz de “contra-erva”.**







**Imagem 8. Amostra de “cobre nativo”. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 9. Frasco com “Cortex winteramus”. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 10. Amostras de parreira-brava. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 11. Frasco casca de parreira-brava. Foto: Natàlia Hervás.**



**Imagem 12. Frasco com raiz de salsaparrilha. Foto: Natàlia Hervás.**

Compte del cost y gastos de una partida de libros medicinal, y faxca paravilla,  
 q. en dos fondos amareats con el marge de cameteron ablo Píneo anomenat  
 Los Tres Reyes Magos del P.<sup>o</sup> Gabriel Sibant per compte y orde del Sr. D. Joan  
 Salvador de Santill y ada conpignacio, en L. de Juny 1722. lxx.

2 @ - 1/2 faxca paravilla ar. 6000. La @ - - - - -	12:090.	132674.
Conulat de d. a. B. p. sobre la avaliacio del. 25:600	1:536.	
Dret de Portagem 257; y assign. al escrivá del Consulat 257.	49.	
<hr/>		
Polyanthea del D. Juanuario Jammedo 1. tom. inf.	2:000.	102100.
Observacions Portuguezas de dit. - - - - -	1:800.	
Observacions Italianas de dit. - - - - -	1:500.	
Analoga de vida del matoro. - - - - -	1:200.	
Pharmacopea Lusitana de D. J. de Kunt. 1. tom. inf.	1:200.	
Medicina Lusitana del D. M. de Almeida 1. tom. inf.	1:920.	
Chuchosa Medicinal de dit. - - - - -	480.	
<hr/>		
Costs a fava, alaplata y conducir abordo - - - - -	210.	540.
Per tres vares grossera o Dampallera gastat en los fondos	330.	
<hr/>		
Importa en tot, salvo enro, Reys - - - - -	242314.	

Imagem 13. Comprovante de livros e medicinais enviados por Joan Sala a Joan Salvador.







**Imagem 15. Frasco com raiz de ipecacuanha. Foto: Natàlia Hervás.**





**Imagem 17. Estante de livros da biblioteca Salvador. Foto: Jordi Vidal.**



**Imagem 18. Amostra de *Persea americana* do herbário Salvador. Foto: Neus Ibáñez.**

## **Tábua de anexos**

Anexo 1. Cópia de carta de Jaume Salvador i Pedrol a Paolo Boccone (20/10/1693)

Anexo 2. Carta de Paolo Boccone a Jaume Salvador i Pedrol (03/12/1693)

Anexo 3. Carta de Giuseppe Ausia a Jaume Salvador i Pedrol (12/05/1694)

Anexo 4. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (24/12/1706)

Anexo 5. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (21/04/1708)

Anexo 6. Carta de Joan Salvador a James Petiver (22/09/1708)

Anexo 7. Carta de Joan Salvador a James Petiver (08/11/1708)

Anexo 8. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (sem data)

Anexo 9. BL, MS-Sloane 3337, f.10. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (03/10/1708)

Anexo 10. Carta de Jean Lecaan a James Petiver (10/02/1709)

Anexo 11. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (17/02/1709)

Anexo 12. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (29/09/1709)

Anexo 13. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (16/01/1710)

Anexo 14. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (26/02/1710)

Anexo 15. Carta de James Petiver a Jean Lecaan (10/02/1710)

Anexo 16. Carta de Jean Lecaan a James Petiver (20/04/1710)

Anexo 17. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (29/08/1710)

Anexo 18. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (12/02/1711)

Anexo 19. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (30/07/1711)

Anexo 20. Carta de Joan Salvador a Jean Lecaan (20/09/1711)

Anexo 21. Carta de Joan Salvador i Riera a Lecaan (20/11/1711)

Anexo 22. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (10/01/1712)

Anexo 23. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (26/01/1712)

Anexo 24. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (02/02/1712)

Anexo 25. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/07/1712)

Anexo 26. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (15/04/1712)

Anexo 27. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (22/08/1712)

Anexo 28. Carta de Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (22/08/1712)

Anexo 29. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (14/10/1712)

Anexo 30. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (10/08/1713)

Anexo 31. Carta de Joan Salvador i Riera a Jean Lecaan (sem data)

Anexo 32. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (06/12/1714)

Anexo 33. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (25/04/1715)  
Anexo 34. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (08/09/1715)  
Anexo 35. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (10/09/1715)  
Anexo 36. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/11/1715)  
Anexo 37. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (04/01/1716)  
Anexo 38. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (29/05/1716)  
Anexo 39. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (02/08/1716)  
Anexo 40. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (09/08/1716)  
Anexo 41. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (11/08/1716)  
Anexo 42. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (sem data)  
Anexo 43. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/03/1717)  
Anexo 44. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (23/02/1717)  
Anexo 45. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (20/06/1717)  
Anexo 46. Carta de a Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (14/19/1717)  
Anexo 47. Carta de a Joan Salvador i Riera a Hans Sloane (13/11/1717)  
Anexo 48. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (25/11/1717)  
Anexo 49. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (05/12/1717)  
Anexo 50. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (10/01/1718)  
Anexo 51. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (19/05/1718)  
Anexo 52. Carta de Pedro de Almeida a James Petiver (16/07/1715)  
Anexo 53. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 15/10/1716]  
Anexo 54. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 02/07/1717]  
Anexo 55. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 06/07/1717]  
Anexo 56. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 20/07/1719]  
Anexo 57. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 04/12/1719]  
Anexo 58. Carta de Herman Boerhaave a Joan Salvador i Riera [Leiden, 31/01/1720]  
Anexo 59. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 26/08/1721]  
Anexo 60. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 19/10/1721]  
Anexo 61. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 09/12/1721]  
Anexo 62. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 08/12/1721]  
Anexo 63. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 23/02/1722]  
Anexo 64. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 23/03/1722]  
Anexo 65. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 20/06/1722]  
Anexo 66. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 24/09/1722]

- Anexo 67. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 04/01/1723]
- Anexo 68. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 03/05/1723]
- Anexo 69. Carta de Joseph Alapont a Joan Salvador i Riera [Cádiz, 10/05/1723]
- Anexo 70. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, 01/07/1721]
- Anexo 71. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera [Lisboa, julho de 1721]
- Anexo 72. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 20/05/1718]
- Anexo 73. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 27/05/1720]
- Anexo 74. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador (Paris, 22/12/1720)
- Anexo 75. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador (Paris, 22/01/1721)
- Anexo 76. Carta de Guillaume Nissolle a Joan Salvador i Riera (Montpellier, 24/09/1723)
- Anexo 77. Carta de Guillaume Nissolle a Joan Salvador i Riera (Montpellier, 23/01/1724)
- Anexo 78. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 17/03/1720)
- Anexo 79. Carta de Francisco Estellés a Joan Salvador i Riera (València, 22/01/1716)
- Anexo 80. Carta de Bonaventura Capdevila a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 06/06/1717)
- Anexo 81. Carta de Pasqual Bellsoley a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 06/07/1717)
- Anexo 82. Carta de Joan Salvador i Riera a Pedro de Almeida (Barcelona, 07/09/1719)
- Anexo 83. Carta de Pedro de Almeida a Joan Salvador i Riera (Vila do Carmo – Minas Gerais, 07/05/1720)
- Anexo 84. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 31/10/1719)
- Anexo 85. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 09/01/1720)
- Anexo 86. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/04/1720)
- Anexo 87. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/06/1720)
- Anexo 88. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 19/07/1720)
- Anexo 89. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 17/09/1720)
- Anexo 90. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 12/11/1720)
- Anexo 91. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 14 /01/1721)
- Anexo 92. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 03/02/1721)
- Anexo 93. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/03/1721)
- Anexo 94. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/03/1721)
- Anexo 95. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 18/05/1721)
- Anexo 96. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 13/05/1721)
- Anexo 97. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/09/1721)
- Anexo 98. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 27/01/1722)
- Anexo 99. Carta de Antoine de Jussieu a Joan Salvador i Riera (Paris, 26/01/1722)

- Anexo 100. Carta de Joan Salvador i Riera a Antoine de Jussieu (Barcelona, Fevereiro/1722)
- Anexo 101. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 03/03/1722)
- Anexo 102. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/06/1722)
- Anexo 103. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/06/1722)
- Anexo 104. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 30/06/1722)
- Anexo 105. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 04/08/1722)
- Anexo 106. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/08/1722)
- Anexo 107. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 29/09/1722)
- Anexo 108. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 24/12/1722)
- Anexo 109. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 24/12/1722)
- Anexo 110. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, sem data)
- Anexo 111. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 23/03/1723)
- Anexo 112. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 20/04/1723)
- Anexo 113. Carta de Bruno Verdera a Joan Salvador i Riera (Minas Gerais, 02/09/1721)
- Anexo 114. Carta de Joan Sala a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 18/05/1723)
- Anexo 115. Cópia de uma lista feita por Joan Salvador i Riera a Antoine de Jussieu (Barcelona, 27/06/171)
- Anexo 116. Carta de Garnier a Joan Salvador i Riera Malaga (Málaga, 10/05/1718)
- Anexo 117. Carta de carta de Joan Salvador a Guillaume Nissolle (Barcelona, sem data)



## Tábua de imagens

Imagem 1. Retrato de Jaume Salvador i Pedrol (1649-1740).

Imagem 2. Retrato de Joan Salvador i Riera (1683-1726).

Imagem 3. Crocodilo taxidermizado.

Imagem 4. Casco de tatu taxidermizado.

Imagem 5. Frasco com terra de Santa Marta.

Imagem 6. Frasco com raíz de “contra-erva”.

Imagem 7. Amostra de “metal do Perú”.

Imagem 8. Amostra de “cobre nativo”.

Imagem 9. Frasco com “Cortex winteramus”.

Imagem 10. Amostras de parreira-brava.

Imagem 11. Frasco casca de parreira-brava.

Imagem 12. Frasco com raíz de salsaparrilha.

Imagem 13. Comprovante de livros e medicinais enviados por Joan Sala a Joan Salvador.

Imagem 14. Licença de envio de mercadoria feita no porto de Lisboa.

Imagem 15. Frasco com raíz de ipecacuanha.

Imagem 17. Estante de livros da biblioteca Salvador.

Imagem 16. Armário de simples medicinais.

Imagem 18. Amostra de *Persea americana* do herbário Salvador.